

Gay Talesse

Uma crônica da
permissividade americana
nas décadas de 1960 e 1970

A
mulher
do
próximo



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



GAY TALESE

A mulher do próximo

*Uma crônica da permissividade americana
nas décadas de 1960 e 1970*

Introdução

Pedro Maia Soares

Posfácio

Arthur Dapieve

2ª edição

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Prefácio do autor

A MULHER DO PRÓXIMO

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

- 15.
- 16.
- 17.
- 18.
- 19.
- 20.
- 21.
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.

Nota do autor

Posfácio — *Na cama com Talese*, Arthur Dapieve

Notas

Sobre o autor

Créditos

Para Nan



Verão na Califórnia na década de 1960.

Pictorial Press/ Alamy/ Fotoarena



O Retiro de Sandstone, de propriedade de John Williamson, na década de 1970.

© Barbara Williams



Coelhinhas da Playboy e o avião particular de Hugh Hefner em Londres, c. 1970.

Hulton-Deutsch Collection/ CORBIS/ Getty Images



Sessão de terapia de grupo nudista no Instituto Esalen, em Big Sur, Califórnia, 1968.

Ralph Crane/ The LIFE Picture Collection/ Getty Images

Prefácio do autor

Este livro investiga a vida privada de muitos americanos comuns na era anterior à aids, examinando, em particular, os anos de liberação das décadas de 1960 e 1970, que fizeram eco às vozes de manifestantes que, ao protestar contra o envolvimento militar dos Estados Unidos no Vietnã, exortavam seus concidadãos com a palavra de ordem “Faça amor, não faça guerra”.

Mas esse conselho, enquanto era amplamente aceito nos campi universitários e nos lares de todo o país, enfureceu tanto o presidente sexualmente puritano Richard Nixon, que ele nomeou um vigilante moral de 1,90 metro para acabar com o que, em sua opinião, era um comportamento obsceno que estaria solapando os valores familiares da nação.

Nixon designou para a tarefa o advogado e líder empresarial de Cincinnati Charles Keating (de quem o capítulo 22 deste livro trata em detalhes), cujos admiradores chamavam de sr. Pureza. Em 1992, no entanto, ele é mais conhecido pelos americanos como o manipulador que está na prisão depois de ter sido condenado por seu papel no escândalo multibilionário das instituições de poupança e empréstimo,¹ com cujos custos os contribuintes vão arcar pelo resto da década. Este livro aborda,

ao mesmo tempo, a permissividade sexual que atingiu o auge nos anos 70 — convertendo os EUA no que o escritor John Updike denominou num de seus romances “o paraíso da carne” — e a hipocrisia de cruzados morais como Charles Keating e alguns de seus sucessores, que, nos anos 90, culpam a tolerância iniciada nos anos 60 pelo problema atual da aids. Na realidade, não se trata de uma opinião exclusiva dos chamados moralistas, pois foi expressa por notórios defensores da liberdade sexual, tais como a ensaísta e professora Camille Paglia, que era estudante e ativista naquela época, mas que escreveu o seguinte em *Sexo, arte e cultura americana*, publicado no início de 1992:

Os anos 60 tentaram um retorno à natureza que acabou em desastre. Tomar banho nu e deslizar na lama de Woodstock por brincadeira foram uma espécie de sonho rousseauiano de vida breve. Minha geração, inspirada pelo espírito de revolta dionisíaco do rock, tentou fazer algo mais radical do que qualquer outra coisa desde a Revolução Francesa. Perguntávamos: por que devemos obedecer a essa lei? E por que não deveríamos seguir nosso impulso sexual? O resultado foi uma queda na barbárie. Descobrimos dolorosamente que uma sociedade justa não consegue realmente funcionar se todos fazem o que bem entendem. E da promiscuidade pagã dos anos 60 veio a aids. Todos de minha geração que pregaram o amor livre são responsáveis pela aids. A revolução dos anos 60 nos Estados Unidos entrou em colapso em razão de seus próprios excessos.

Mas entrou mesmo em colapso? Como todo mundo, em anos recentes eu li numerosas matérias jornalísticas, baseadas em pesquisas de opinião, nas quais se constata que, devido à aids, os *single's bars* já não são mais tão promissores como prelúdio ao sexo, os casais estão menos propensos ao adultério, os romances sexualmente excitantes têm menos sucesso comercial, um novo puritanismo está invadindo a consciência do país. Pergunto-me, entretanto, se as pessoas não estariam dizendo aos pesquisadores uma coisa e fazendo outra; de qualquer forma, a abertura flagrante que foi a marca dos anos 60 permanece bastante evidente hoje. Vemos anúncios de prostitutas na tevê a cabo, nudez total nos palcos da Broadway e nos filmes para o público em geral, revistas e vídeos pornográficos expostos em prateleiras de lojas até nas pequenas cidades do interior. Há também uma multidão de mães solteiras, sem falar das aventuras extraconjugais de algumas personalidades altamente respeitáveis que, seria de supor, refletiriam o novo puritanismo, se ele de fato existisse.

E leio no *New York Times* desta manhã do início de novembro de 1992 que o presidente da mais alta corte de Nova York, um pai de família de 62 anos, famoso por seus altos valores morais e opiniões profissionais, ficou tão perturbado quando a amante o substituiu por outro que tentou chantageá-la e ameaçá-la de várias maneiras. Preso pelo FBI, o juiz anunciou mais tarde seu pedido de demissão. Nos últimos anos, tivemos padres acusados de praticar atos sexuais com rapazes, pregadores da televisão citados por aventuras extraconjugais com moças, e membros do

Congresso entregando-se a prazeres proporcionados tanto por rapazes como por moças.

Em essência, o que estou sugerindo é que, ao contrário da opinião acumulada pelas pesquisas, duvido que os EUA dos anos 90 — com todo o devido respeito à ansiedade e ao medo provocados pela aids — estejam se submetendo a um novo puritanismo, capaz de reprimir as tentações e os privilégios que pareciam tão chocantes quando se tornaram públicos, há trinta anos.

Em minha opinião, aquilo que era definido como novidade nos anos 60 integrou-se de tal forma à sociedade atual que só pode ser chamado de “novo” por editores novatos ou submetidos com tanta intensidade às pressões diárias da profissão que são levados a apontar como “tendências” aspectos de comportamento incorporados há muito tempo na vida privada da população. Assim, num certo sentido, este livro trata da revolução sexual dos anos 60 e 70. É sobre homens e mulheres que personificaram aquela revolução. Especificamente, sobre certas pessoas e certos lugares. Mas, em outro sentido, está fora do tempo e do espaço, pois o que pode ele dizer das tentações e tempestades entre homens e mulheres que já não tenha sido dito antes, vivido antes, desde o tempo das cavernas? A partir do primeiro momento em que os dois sexos se encontraram, iniciou-se uma luta contínua entre eles, uma relação eterna de amor e ódio que antecede a Babel das línguas, pois homens e mulheres sempre falaram (e falarão) línguas diversas. Essas línguas estão além da tradução e da interpretação, sejam elas faladas num escritório de advocacia ocupado pelo atual juiz da Suprema Corte

Clarence Thomas e sua ex-colega Anita Hill,² sejam faladas num jardim ocupado por Adão e Eva.

Portanto não há nada de novo em *A mulher do próximo*.

Nem há nada de velho.

1.

Ela estava nua, deitada de bruços na areia do deserto, com as pernas abertas, os cabelos longos esvoaçando ao vento e a cabeça inclinada para trás, com os olhos fechados. Parecia perdida em seus pensamentos, longe do mundo, reclinada naquela duna varrida pelo vento da Califórnia, perto da fronteira mexicana, adornada com nada mais que sua beleza natural. Não usava joias, nem flores no cabelo; não havia pegadas na areia, nada datava ou perturbava a perfeição daquela fotografia, exceto os dedos úmidos do garoto de dezessete anos que a segurava e a olhava com desejo e luxúria adolescente.

A foto estava numa revista de arte fotográfica que ele acabara de comprar na banca de jornais da esquina da Cermak Road, num subúrbio de Chicago. Era um começo de noite de 1957, frio e ventoso, mas Harold Rubin podia sentir o calor subindo dentro de seu corpo enquanto estudava a fotografia à luz do poste da esquina, atrás da banca, esquecido dos sons do tráfego e das pessoas que passavam a caminho de casa.

Folheou a revista para espiar as outras mulheres nuas, vendo em que grau podia reagir a elas. Houvera momentos no passado em que, depois de comprar uma dessas revistas apressadamente, porque eram vendidas por baixo do pano e,

portanto, não era possível ter uma prévia erótica adequada, sentira um grande desapontamento. As nudistas jogando vôlei na *Sunshine & Health*, a única revista que mostrava pelos púbicos nos anos 50, eram muito pesadas, as coristas sorridentes da *Modern Man* esforçavam-se demais para seduzir, e as modelos de *Classic Photography* eram meros objetos da câmera, perdidas em sombras artísticas.

Embora Harold Rubin pudesse obter alguma satisfação solitária com elas, logo as relegava às camadas mais baixas das pilhas de revistas que mantinha no armário do quarto. No topo ficavam os produtos de qualidade comprovada, mulheres que projetavam certa emoção ou cuja pose o estimulava imediatamente e, mais importante, tinha efeito duradouro. Podia ignorá-las no armário durante semanas ou meses, enquanto tentava uma nova descoberta em outro lugar. Mas sabia que, se não achasse nada, podia voltar para casa e reviver a relação com uma das favoritas de seu harém de papel, obtendo uma gratificação certamente diferente mas não incompatível com a vida sexual que tinha com certa garota da Morton High School. De algum modo, uma misturava-se com a outra. Quando fazia amor com ela no sofá, aproveitando a ausência de seus pais, pensava às vezes nas mulheres mais maduras das revistas. Em outras ocasiões, quando estava sozinho com suas revistas, relembrava os momentos passados com a namorada, como era seu corpo despido, a textura de sua pele, o que faziam juntos.

Ultimamente, no entanto, talvez porque se sentisse inquieto e indeciso, pensando em largar a escola, deixar a namorada e entrar para a Aeronáutica, Harold Rubin estava mais desligado

que de costume da vida em Chicago, mais ligado na fantasia, em especial quando diante de imagens de determinada mulher que, tinha de admitir, estava se tornando uma obsessão.

Era dessa mulher a foto que acabara de ver na revista que agora levava pela calçada, o nu na duna de areia. Ele a notara pela primeira vez havia alguns meses, numa revista de fotografia. Ela também aparecera em várias publicações masculinas, em revistas de aventuras e num calendário nudista. Não era somente sua beleza que o atraía, as linhas clássicas do corpo ou os traços saudáveis do rosto, mas toda a aura que acompanhava cada foto, a impressão de que ela estava em completa liberdade com a natureza e consigo mesma enquanto caminhava na praia, ou posava ao lado de uma palmeira, ou sentava-se numa rocha, com as ondas batendo e levantando espuma. Embora em algumas fotografias parecesse distante e etérea, provavelmente inatingível, transmitia um sentimento de realidade que o fazia sentir-se próximo dela. Sabia também seu nome. Fora publicado na legenda de uma foto, e Harold acreditava que era seu nome verdadeiro, e não um daqueles pseudônimos fantasiosos usados por algumas *playmates* e pin-ups para esconder sua identidade dos homens que desejavam excitar.

O nome dela era Diane Webber. Sua casa ficava na praia de Malibu. Dizia-se que era bailarina, o que, para Harold, explicava o controle disciplinado do corpo que ela demonstrava em várias de suas posições diante da câmera. Numa das fotos da revista que ele tinha nas mãos, Diane Webber exibia dotes quase acrobáticos, equilibrando-se graciosamente com os braços apoiados na areia e uma perna bem acima da cabeça, os dedos

dos pés apontando para o céu sem nuvens. Na página oposta, estava deitada de lado, os quadris perfeitamente arredondados, uma coxa levemente erguida e mal cobrindo o púbis, os seios à mostra, os mamilos eretos.

Harold Rubin fechou depressa a revista. Escondeu-a entre seus livros escolares e enfiou-os embaixo do braço. Estava ficando tarde, e tinha de estar em casa para o jantar. Virando-se, notou que o velho dono da banca, de charuto na boca, olhava para ele, piscando, mas Harold ignorou-o. Com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco de couro preto, seguiu para casa, sentindo seus cabelos loiros e longos, cortados ao estilo de Elvis Presley, roçarem o colarinho levantado. Decidiu caminhar, em vez de pegar um ônibus, para evitar o contato próximo com as pessoas; não queria que ninguém invadisse sua privacidade enquanto aguardava ansiosamente o momento da noite em que, quando seus pais fossem dormir, ficaria sozinho no quarto com Diane Webber.

Caminhou pela avenida Oak Park, pegou a rua 21, passando pelos bangalôs e casas de alvenaria maiores da tranquila comunidade residencial Berwyn, distante meia hora de carro do centro de Chicago. Os moradores do bairro eram conservadores, trabalhadores e econômicos. Muitos descendiam de pais ou avós que tinham emigrado da Europa central no começo do século, em especial da região oriental da Tchecoslováquia chamada Boêmia. Ainda se referiam a si mesmos como boêmios, apesar de essa palavra, para seu desgosto, estar então associada às pessoas despreocupadas e de vida livre que usavam sandálias e liam poesia beatnik.

A avó paterna de Harold, o membro da família de quem ele se sentia mais próximo e que visitava frequentemente, nascera na Tchecoslováquia, mas não na Boêmia. Viera de uma pequena aldeia do sul do país, perto do rio Danúbio e de Bratislava, antiga capital da Hungria. Contara várias vezes a Harold como chegara à América, aos catorze anos, para trabalhar como criada de pensão numa daquelas cidades industriais sombrias das margens do lago Michigan que tinham atraído milhares de escravos robustos para trabalhar nas siderúrgicas, refinarias de petróleo e outras indústrias em torno de Chicago, Gary, e Hammond, Indiana. Era tanta gente, e as condições de vida eram tão precárias naquela época, contava ela, que na primeira pensão onde trabalhara quatro homens do turno do dia alugavam quatro camas à noite, e outros quatro do turno noturno alugavam as mesmas camas durante o dia.

Esses homens eram tratados como animais e viviam como animais, segundo ela, e, quando não estavam sendo explorados por seus patrões nas fábricas, estavam tentando explorar as poucas moças trabalhadoras como ela que eram infelizes o bastante para viver naquelas cidades na época. Os homens da pensão estavam sempre agarrando-a, batendo a sua porta à noite, quando tentava dormir. Numa de suas últimas visitas, enquanto comia na cozinha um sanduíche feito pela avó, Harold ouvira esse relato e, de repente, imaginara como ela teria sido cinquenta anos antes, uma criada tímida de pele clara e olhos azuis como os dele, os cabelos longos presos em coque, o corpo jovem movendo-se rapidamente pela casa dentro de um vestido

grosseiro, tentando evitar os dedos e os braços fortes dos operários troncudos.

No caminho de volta para casa, os livros e a revista bem apertados sob o braço, Harold Rubin lembrou como ficara ao mesmo tempo triste e fascinado pelas recordações da avó e entendeu por que ela lhe falava sem restrições. Ele era o único da família que estava genuinamente interessado nela, que arranjava tempo para fazer-lhe companhia na grande casa de alvenaria, onde quase sempre ficava sozinha. Seu marido, um ex-membro do sindicato dos caminhoneiros que fizera fortuna no negócio de transportes, passava os dias na garagem, com sua frota de veículos, e as noites com uma secretária que a avó de Harold chamava de “a prostituta”. Único filho desse casamento infeliz, o pai de Harold era completamente dominado por *seu* pai, para quem trabalhava longas horas na garagem; a avó de Harold não se sentia próxima o suficiente da mãe do rapaz para partilhar com ela a frustração e a amargura. Dessa forma, era sobretudo Harold, às vezes acompanhado por seu irmão mais moço, quem interrompia o silêncio e o tédio dominantes na casa. E à medida que ficava mais velho e mais curioso, mais distante dos pais e de seu ambiente, Harold tornava-se o confidente da avó, seu aliado na alienação.

Por meio dela soube muito sobre a infância de seu pai, o passado de seu avô e o motivo por que ela se casara com um homem tão tirânico. John Rubin nascera 62 anos antes na Rússia, filho de um ambulante judeu, e aos dois anos emigrara com os pais para uma cidade próxima do lago Michigan, chamada Sobieski em homenagem a um rei polonês do século

XVII. Depois de um mínimo de escolaridade e uma pobreza desamparada, Rubin e outros jovens foram presos num assalto em que um policial levou um tiro. Em liberdade condicional, tivera vários empregos durante alguns anos; certo dia, ao visitar a irmã mais velha, casada, que morava em Chicago, sentira-se atraído pela jovem tchecoslovaca que cuidava do bebê.

Numa visita posterior, encontrou-a sozinha na casa e, depois que ela rejeitou seus avanços — tal como fizera com outros homens quando trabalhava na pensão —, empurrou-a para seu quarto e estuprou-a. Ela estava com dezesseis anos. Foi sua primeira experiência sexual, e ela engravidou. Em pânico, sem parentes próximos ou amigos para ajudá-la, foi persuadida pelos patrões a se casar com John Rubin, pois do contrário ele voltaria para a prisão e ela não ficaria melhor. Casaram-se em outubro de 1912. Seis meses depois tiveram um filho, o pai de Harold.

O casamento sem amor não melhorou com o tempo, contou a avó de Harold, acrescentando que o marido batia habitualmente no filho — e nela, quando interferia — e devotava-se sobretudo à manutenção de seus caminhões. Sua carreira lucrativa começara quando trabalhava como carroceiro para a Spiegel, Inc., uma grande firma de negócios por reembolso postal de Chicago, e convencera a gerência a lhe emprestar dinheiro suficiente para investir num caminhão e abrir seu próprio negócio de entregas motorizado, eliminando assim a necessidade de a Spiegel manter vários cavalos cujo desempenho, ele dizia, seria menor que o do veículo a motor. Depois de comprar um caminhão e cumprir sua promessa, comprou um segundo veículo, em seguida um terceiro. Dentro de uma década, John Rubin tinha uma dúzia de

caminhões cuidando de todos os carretos locais da Spiegel, bem como dos de outras empresas.

Sob os protestos inúteis de sua esposa, seu filho ainda adolescente foi convocado a trabalhar como ajudante de motorista na garagem. Embora na época estivesse enriquecendo e fosse generoso nos subornos de políticos locais e da polícia — “Se você quer deslizar, tem de azeitar”, repetia sempre —, John Rubin era pão-duro com a família, acusando frequentemente a esposa de roubar moedas. Mais tarde, começou a deixar de propósito dinheiro aqui e ali, ou em quantias que lembrava com exatidão, ou dispondo moedas em determinada ordem sobre a escrivaninha, na esperança de provar que ela tivesse surrupiado algumas ou tocado nelas, mas nunca conseguiu seu intento.

As lembranças da avó de Harold e as coisas que ele mesmo observava quando estava na presença gélida do avô deram-lhe uma compreensão considerável de seu pai, um homem silencioso e fechado de 44 anos, sem nenhuma semelhança com a fotografia sobre o piano tirada durante a Segunda Guerra Mundial, que o mostrava em uniforme de cabo, descontraído e bonito, muitos quilômetros longe de casa. Mas o fato de compreender melhor o pai não facilitava o convívio com ele; à medida que se aproximava da rua em que morava, Harold sentia-se tenso e apreensivo, perguntando-se do que seu pai iria reclamar naquela noite.

No passado, se o motivo de queixa não era seu rendimento escolar, então era o comprimento de seus cabelos, ou o namoro até tarde, ou as revistas de nudismo, que seu pai vira espalhadas

sobre a cama certa vez que ele, por descuido, deixara a porta aberta.

“O que é essa porcaria toda?”, perguntara o pai, usando um termo muito mais delicado do que aquele que o avô usaria. O vocabulário do avô era condimentado com todos os palavrões imagináveis, pronunciados em tom de profundo desprezo, enquanto as palavras de seu pai eram mais contidas, sem emoção.

“São minhas revistas”, respondera Harold.

“Então, dê um fim nelas.”

“Elas são *minhas!*”, gritara Harold inesperadamente. Seu pai lançara-lhe um olhar de curiosidade, depois começara a balançar a cabeça devagar, desgostoso, e saíra do quarto. Não se falaram durante semanas depois desse incidente, e Harold não queria repetir o confronto naquela noite. Esperava atravessar o jantar em paz e depressa.

Antes de entrar em casa, olhou na garagem e viu que o carro do pai estava lá, um Lincoln 56 reluzente que ele comprara novo um ano antes, trocando seu mimado Cadillac 53. Harold subiu os degraus até a porta dos fundos e entrou em silêncio na casa. Sua mãe, uma matrona de rosto gentil, estava na cozinha preparando o jantar; a televisão estava ligada na sala, onde seu pai lia o *Chicago American*. Sorrindo para a mãe, Harold disse um olá com voz alta o suficiente para chegar até a sala e poupá-lo de um segundo cumprimento. O pai não respondeu.

A mãe de Harold informou-lhe que seu irmão estava na cama, com resfriado e febre, e não participaria do jantar. Sem dizer

nada, Harold foi para o quarto e fechou a porta suavemente. Era uma peça bem mobiliada, com uma cadeira confortável, uma escrivaninha de madeira escura e uma grande cama de carvalho. Havia livros bem organizados em estantes e das paredes pendiam réplicas de espadas e rifles da Guerra Civil que tinham pertencido a seu pai, bem como uma caixa de vidro na qual estavam montadas várias ferramentas de aço feitas por Harold no ano anterior num curso de artes manuais, que lhe valeram uma menção num concurso nacional patrocinado pela Ford Motor Company. Ganhara também um prêmio de arte da loja Wieboldt, por um palhaço pintado a óleo, e recentemente demonstrava suas habilidades de artesão marceneiro construindo um suporte destinado a manter uma revista aberta, para que pudesse ler com ambas as mãos livres.

Depois de pôr os livros sobre a escrivaninha e tirar o casaco, Harold abriu a revista nas fotografias de Diane Webber nua. Ficou perto da cama segurando a revista com a mão direita e, com os olhos semicerrados, esfregou suavemente a mão esquerda na frente das calças, tocando de leve os genitais. A resposta foi imediata. Gostaria de ter tempo antes do jantar para despir-se e satisfazer-se, ou pelo menos descer até o banheiro para um alívio rápido na pia, segurando a revista na altura do espelho do armário de remédios para poder ver o reflexo de si mesmo exposto ao corpo nu de Diane, fingindo estarem juntos na areia sob o sol, direcionando os adoráveis olhos negros dela para seu órgão tumescente e imaginando que fosse da mulher sua mão ensaboada.

Já fizera isso muitas vezes, geralmente à tarde, quando poderia parecer suspeito fechar a porta do quarto. Mas, apesar da privacidade garantida do banheiro, Harold tinha de admitir que nunca ficava completamente à vontade, porque preferia reclinar-se na cama a ficar de pé e porque não havia espaço em torno da pia onde pudesse pôr a revista se quisesse usar as duas mãos. O mais importante era tomar cuidado para não manchar a revista com gotas d'água, pois mantinha a torneira aberta, tanto para alertar a família de que estava no banheiro como para a eventualidade de precisar de mais água, se o sabão ficasse seco em seus dedos. Fotografias de mulheres nuas manchadas pela água talvez não ofendam o senso estético da maioria dos rapazes, mas não era o caso de Harold Rubin.

Por fim, havia um motivo mais prático em seu desejo de proteger as revistas de possíveis danos. Tendo lido nos jornais daquele ano sobre movimentos mais fervorosos contra a pornografia, não tinha certeza de que poderia continuar comprando revistas com nus, nem por baixo do pano. Até mesmo *Sunshine & Health*, que estava em circulação havia duas décadas e povoava suas páginas com fotos de famílias, inclusive avós e crianças, fora descrita como obscena numa audiência judicial na Califórnia. Revistas de fotografia também foram citadas como “pornografia” por alguns políticos e grupos religiosos, embora essas publicações tivessem tentado se dissociar das revistas de mulheres nuas ao inserir sob as fotos legendas instrutivas, tais como: *Tirada com 2 ¼ x 3 ¼ Crown Graphic equipada com 101 mm Ektar, f:11, a 1/100 s.* Harold lera que Arthur Summerfield, diretor-geral dos Correios de

Eisenhower, estava decidido a proibir a postagem e a entrega de literatura e revistas de sexo, e o editor de Nova York Samuel Roth acabara de ser condenado a cinco anos de prisão e uma multa de 5 mil dólares por violar o estatuto federal dos Correios. Roth fora condenado antes por distribuir exemplares de *O amante de lady Chatterley*, e sua primeira detenção, em 1928, acontecera depois que a polícia invadira sua editora e confiscara os clichês de *Ulisses*, contrabandeados de Paris.

Harold lera que um filme de Brigitte Bardot fora proibido em Los Angeles e só podia supor que numa cidade como Chicago, de população operária, força policial dura e considerável influência moral da Igreja católica, a expressão sexual seria reprimida ainda mais, em particular durante a administração do novo prefeito irlandês católico, Richard J. Daley. Harold já notara que a casa de espetáculos burlescos da avenida Wabash fora fechada, assim como a da rua State. Se a tendência continuasse, sua banca de revistas favorita da Cermak Road ficaria reduzida à venda de revistas do tipo *Good Housekeeping* e *The Saturday Evening Post*, o que certamente não provocaria protestos de seus pais.

Em todos os anos que vivera em casa, jamais ouvira seus pais expressarem um pensamento relacionado a sexo, jamais vira algum dos dois nu, jamais escutara a cama deles ranger à noite com sons de amor. Supunha que ainda faziam amor, mas não podia ter certeza. Embora não soubesse quão ativo era seu avô com a amante, sua avó confidenciara-lhe recentemente, num típico momento de amargura, que não tinham relações desde

1936. Ela acrescentara logo que, de qualquer forma, ele não era grande coisa como amante. Ao pensar sobre esse comentário depois, Harold perguntou-se pela primeira vez se a avó tinha amantes secretos. Duvidava seriamente disso, jamais tendo observado algum homem em visita a sua casa, ou saídas frequentes dela, mas lembrava como ficara surpreso um ano antes ao descobrir em sua biblioteca um romance erótico. Estava encapado em papel de embrulho e na página do copyright havia o nome de uma editora francesa e a data, 1909. Enquanto a avó fazia a sesta, Harold sentara-se no chão e lera não uma, mas duas vezes o romance de 103 páginas, fascinado pela trama e espantado com a linguagem explícita. A história descrevia a vida sexual infeliz, na Europa e no Oriente, de várias mulheres jovens que, desesperadas, deixavam suas pequenas cidades e aldeias, perambulavam pelo Marrocos e se tornavam cativas de um paxá que as prendia num serralho. Um dia, quando o paxá estava fora, uma delas notou pela janela um belo capitão do mar e, atraindo-o para dentro, fez amor com ele apaixonadamente, assim como as outras mulheres. Nos intervalos, elas revelavam ao capitão os detalhes sórdidos de seu passado que as tinham levado àquele lugar. Harold lera o livro tantas vezes que quase era capaz de recitar certos trechos...

Seus braços macios envolveram-me em resposta e nossos lábios encontraram-se num delicioso e prolongado beijo durante o qual minha haste ficou aprisionada contra seu ventre suave e quente. Então ela se ergueu na ponta dos pés, o que revelou a pequena crista no meio dos pelos curtos e grossos onde terminava seu ventre. Com uma das mãos, guiei minha

haste até a entrada, que a acolheu com prazer; com a outra mão, puxei suas nádegas roliças em minha direção...

Harold ouviu sua mãe chamando da cozinha. Estava na hora do jantar. Pôs a revista com as fotos de Diane Webber sob o travesseiro. Respondeu à mãe, esperando um pouco para que a ereção amainasse. Depois abriu a porta do quarto e rumou despreocupado para a cozinha.

Seu pai, já sentado à mesa, diante de uma tigela de sopa, lia o jornal, enquanto sua mãe, ao fogão, falava para o ar, sem se dar conta da atenção mínima que estava recebendo. Contava que durante suas compras na cidade encontrara uma velha amiga do escritório do fiscal de impostos do condado de Cook, onde trabalhara outrora, operando um Comptometer. Harold sabia que ela deixara aquele emprego pouco antes de seu nascimento, dezessete anos antes, para nunca mais trabalhar fora; fez um comentário sobre o excelente aroma da comida, e seu pai olhou por cima do jornal, assentindo com a cabeça, sem sorrir.

Harold sentou-se e começou a tomar a sopa, e a mãe continuava falando enquanto fatiava a carne antes de trazê-la para a mesa. Estava com um vestido caseiro, pouca maquiagem, e fumava um cigarro com filtro. Tanto ela como seu pai eram fumantes inveterados, sendo o cigarro seu único prazer, pelo que Harold sabia. Nenhum dos dois gostava de beber uísque, cerveja ou vinho, e o jantar era servido com *cream soda* e *root beer*, compradas semanalmente em caixas.

Depois que sua mãe se sentou, tocou o telefone. O pai, que mantinha o aparelho sempre ao alcance da mão, fechou a cara enquanto atendia. Alguém estava chamando da garagem. Acontecia quase todas as noites na hora do jantar, e da expressão de seu pai se poderia deduzir que fossem más notícias — talvez um caminhão quebrado antes de fazer a entrega, ou uma greve do sindicato dos caminhoneiros; mas Harold sabia que a expressão sombria, os lábios cerrados do pai não refletiam necessariamente o que estavam lhe dizendo ao telefone. Era parte inextricável da natureza dele olhar carrancudo para o mundo, e Harold sabia que, se a chamada fosse de um programa de televisão anunciando-lhe que acabara de ganhar um prêmio, a reação seria a mesma.

Ainda assim, apesar de qualquer irritação genuína inerente à direção do negócio de transportes dos Rubin, seu pai levantava-se todas as manhãs às cinco e meia para ser o primeiro a chegar ao trabalho e passava os dias resolvendo problemas que iam da manutenção dos 142 caminhões a pequenos furtos ocasionais de cargas; tinha também de lidar com o velho intratável, John Rubin, que queria controlar pessoalmente tudo, embora o negócio agora fosse grande demais para isso.

Harold soubera recentemente que vários motoristas de Rubin tinham sido parados pela polícia por dirigirem sem placa. Isso enfurecera o velho, que ignorava ter causado o problema com sua sovinice: tentando economizar, comprara apenas 32 conjuntos de placas para seus 142 caminhões, exigindo que o pessoal da garagem as passasse de um veículo para outro ou arriscasse fazer entregas sem placas. Harold sabia que, cedo ou

tarde, esse golpe acabaria na justiça, e então seu avô tentaria se safar com subornos, provavelmente gastando mais do que se, de início, tivesse comprado o número correto de placas.

Harold jurou que jamais trabalharia em tempo integral na garagem. Fizera uma tentativa no verão e desistira logo, porque não tolerava as agressões verbais do avô, que o chamava frequentemente de “vagabundo”, e também do pai, que dissera um dia: “Você nunca vai valer nada”. Essa previsão não incomodara Harold, pois ele sabia que o preço para aplacar aqueles homens era a submissão total e estava decidido a não repetir o erro que o pai cometera ao tornar-se subserviente a um velho que tivera um filho indesejado com uma mulher que não amava.

Depois de desligar o telefone, seu pai voltou a comer, sem revelar nada do que fora dito. Foi-lhe servida uma xícara de café cheia de creme, como gostava, e ele acendeu um Old Gold. A mãe mencionou que não via os vizinhos da frente havia vários dias e Harold sugeriu que poderiam ter viajado de férias. Ela levantou-se para tirar a mesa, em seguida foi verificar a febre do filho mais moço, que ainda estava dormindo. O pai foi para a sala e ligou a televisão. Harold reuniu-se a ele mais tarde, sentando-se do outro lado da sala. Podia ouvir a mãe lavando os pratos na cozinha e o pai bocejando enquanto assistia à tevê desatentamente, completando as palavras cruzadas do jornal. Então levantou-se, bocejou de novo e avisou que ia para a cama. Passava pouco das nove horas. Meia hora depois, a mãe entrou na sala para dar boa-noite. Logo Harold desligou a tevê, e a casa

ficou em silêncio, quieta. Ele foi para o quarto e fechou a porta, sentindo alívio e um enlevo tranquilo. Enfim, estava só.

Tirou as roupas e pendurou-as no armário. Pegou um frasco pequeno de loção para as mãos Italian Balm que guardava na prateleira de cima do armário e depositou-o no criado-mudo, ao lado de uma caixa de Kleenex. Acendeu a lâmpada de cabeceira, apagou a luz do teto, e o quarto mergulhou na penumbra.

O vento açoitava as janelas na noite gelada de Chicago, e Harold tiritava quando se enfiou entre os lençóis frios e puxou os cobertores. Ficou deitado de costas um pouco para se aquecer, depois pegou a revista embaixo do travesseiro e começou a folheá-la de maneira superficial. Não queria chegar logo ao objeto de sua obsessão, Diane Webber, que o esperava na duna da página 19, preferindo dar um passeio inicial por toda a edição de 52 páginas, que continha 39 fotografias de onze diferentes mulheres nuas, um afrodisíaco visual de loiras e morenas, estimulantes preliminares ao evento principal.

Uma mulher esbelta de olhos negros atraiu Harold na página 4, mas o fotógrafo a fizera posar no galho retorcido de uma árvore de modo tão desajeitado que era possível sentir seu desconforto. O nu da página 6, sentado de pernas cruzadas no chão de um estúdio, perto de um cavalete, tinha belos seios, mas uma expressão insossa no rosto. Harold, ainda deitado de costas, com os joelhos levemente erguidos sob os cobertores, continuou a virar as páginas e passar por pernas e seios, quadris, nádegas e cabelos, dedos e braços femininos estirados, olhos voltados para longe dele, olhos voltados para ele, fazendo pausas

ocasionais para massagear de leve seus genitais com a mão esquerda, enquanto inclinava a revista na mão direita para evitar o brilho nas páginas acetinadas.

Seguindo página por página, chegou às fotos requintadas de Diane Webber, mas passou rapidamente por elas, evitando a tentação prematura. Avançou até a garota mexicana da página 27, sentada recatadamente com uma rede de pescador em torno das coxas; passou pela loira de seios grandes reclinada no chão ao lado de uma pequena estátua de mármore da Vênus de Milo, chegou a uma loira flexível em pé nas sombras *1/25 s. com f:22* do que parecia ser um palco vazio de teatro, com os braços cruzados sob o queixo e acima dos seios arrebitados, graciosamente revelados, e sob a luz muito sutil do palco, Harold tinha quase certeza de que podia ver seus pelos púbicos e sentiu-se excitado pela primeira vez.

Se não estivesse tão apaixonado por Diane Webber, sabia que poderia se satisfazer com aquela loira esbelta, talvez mais de uma vez, o que para ele era o verdadeiro teste de uma foto erótica. Na pilha de revistas de seu armário havia dúzias de mulheres nuas que o tinham levado, no passado, a picos solitários, em certos casos três ou quatro vezes; algumas delas poderiam fazer o mesmo no futuro, desde que não fossem vistas durante um tempo, recuperando assim seu mistério.

E havia aquelas fotos extremamente raras, as de Diane Webber, que eram capazes de satisfazê-lo sempre. Calculava que sua coleção continha cinquenta fotografias de Diane e conseguia localizar num instante cada uma delas nas duzentas revistas que guardava. Teria apenas de olhar de relance a capa

para saber exatamente em que página ela estava, como era a pose, o que havia no fundo, qual parecia ser sua atitude naquele segundo especial em que a câmera disparara. Era capaz de lembrar também a primeira vez que vira a foto, onde e quando a comprara; podia praticamente marcar os momentos de sua vida com as poses dela, tão reais, que lhe davam a impressão de conhecê-la pessoalmente; ela era parte de Harold, que por meio dela entrara mais em contato consigo mesmo de várias formas, não só praticando atos definidos pelos moralistas vitorianos como “abusos de si mesmo”, mas também, ainda mais, por meio da autoaceitação, da compreensão da naturalidade de seus desejos e da afirmação de seu direito a uma mulher idealizada.

Incapaz de resistir mais, Harold foi para a página de Diane Webber na duna. Olhou para ela, deitada de bruços, a cabeça erguida ao vento, os olhos fechados, o mamilo do seio esquerdo ereto, as pernas bem abertas, o sol de fim de tarde lançando uma sombra exagerada de seu corpo curvilíneo sobre a areia branca. Além de seu corpo não havia mais nada, exceto um deserto vazio que se espalhava — ela parecia tão sozinha, tão abordável e disponível; Harold tinha apenas de desejá-la, e ela seria sua.

Empurrou para longe os cobertores, aquecido pela excitação e a expectativa. Buscou embaixo da cama o suporte de madeira que fizera na escola, imaginando como o professor de trabalhos manuais ficaria espantado se soubesse o uso que faria da peça naquela noite. Colocou a revista no suporte a sua frente, entre as pernas bem abertas. Erguendo a cabeça e apoiando-a em dois travesseiros, pegou o frasco de Italian Balm e passou a loção nas

palmas das mãos, esfregando um pouco para aquecer. Então, suavemente, começou a tocar o pênis e os testículos, sentindo o rápido crescimento até a plena ereção. Com os olhos semicerrados, olhou para seu membro resplandecente diante da fotografia, lançando uma sombra sobre o deserto.

Continuando a se massagear, para cima e para baixo, para cima e para baixo, indo e vindo pelos testículos, concentrou a atenção nas costas arqueadas de Diane, nas nádegas erguidas, nas ancas exuberantes, no lugar quente e úmido entre suas pernas; imaginou que se aproximava dela, inclinando-se sobre seu corpo e penetrando-a com determinação por trás, sem ouvir nenhuma palavra de protesto enquanto enfiava mais fundo, mais rápido, e mais fundo, mais depressa, e de repente ele pôde sentir a bunda de Diane batendo em suas coxas, o quadril remexendo de um lado para o outro; ouviu os suspiros de prazer enquanto apertava as ancas dela com as mãos, mais depressa, e então seus gritos de prazer enquanto atingia o orgasmo numa série de convulsões rápidas que ele podia sentir tanto quanto sentia agora a mão de Diane pegando seus testículos suavemente como ele gostava, depois com mais firmeza, quando então ela sentiu o começo latejante do fluxo do esperma subindo e jorrando em grandes esguichos que ele apanhou com as duas mãos, de olhos fechados, sentindo-o escorrer por entre os dedos. Ficou imóvel na cama por alguns momentos, deixando os músculos relaxarem e as pernas amolecerem. Depois, abriu os olhos e viu Diane ali de novo, tão adorável e desejável como sempre.

Por fim, sentou-se, limpou-se com dois lenços de papel e precisou de mais dois, porque suas mãos ainda estavam

pegajosas de esperma e loção. Fez uma bola com os lenços e jogou-a no cesto de papéis, sem se preocupar com o fato de que sua mãe poderia descobrir alguma coisa quando esvaziasse o lixo. Seus dias em casa estavam contados. Em poucas semanas estaria na Aeronáutica e para além disso não tinha planos.

Fechou a revista e colocou-a no topo da pilha dentro do armário. Pôs o suporte de madeira de volta sob a cama. Depois se enfiou debaixo das cobertas, cansado mas calmo, e apagou a luz. Se tivesse sorte, poderia ser mandado pela Aeronáutica para uma base no sul da Califórnia. E então, de alguma forma, ele a encontraria.

2.

Em 1928, a mãe de Diane Webber ganhou um concurso de beleza no sul da Califórnia, patrocinado pelos fabricantes do automóvel Graham-Paige, e um dos prêmios era um pequeno papel num filme mudo, dirigido por Cecil B. de Mille, no qual ela representava a adolescente bonita e de timidez afetada que era na vida real.

Ela viera de Montana para morar com o pai, que, depois do amargo fim de seu casamento, deixara a Companhia de Eletricidade de Billings e achara trabalho de eletricista em Los Angeles, nos estúdios da Warner Bros. Sentia-se muito mais próxima do pai do que da mãe e também queria escapar da rudeza do Noroeste rural, onde seus pais tinham brigado tanto, onde sua avó se casara cinco vezes e sua bisavó fora morta pelas costas, quando nadava num rio, por uma flecha disparada por um índio. Chegara ao sul da Califórnia convencida de que ali encontraria mais realização do que nos horizontes limitados da “terra do céu amplo”.

E encontrou, de várias maneiras, embora não tenha atingido o estrelato nos vários filmes em que apareceu no final dos anos 20 e começo dos 30. Sua satisfação vinha, na verdade, de um sentimento de serenidade que tinha em Los Angeles, de um

desligamento ensolarado da infância sombria que tivera em Montana. Em Los Angeles, sentia-se livre para perseguir seus caprichos, reviver seu antigo interesse pela religião, caminhar sem sutiã pelas ruas, casar-se com um homem quase trinta anos mais velho do que ela e, sete anos depois, arranjar um segundo marido cinco anos mais moço. O descaso característico do sul da Califórnia pelos valores tradicionais, a sociedade relativamente desenraizada, a mobilidade e a falta de continuidade — coisas que tinham sido um peso no passado de sua família, em Montana — foram aceitas facilmente por ela em Los Angeles, em parte porque partilhava esses novos valores com milhares de pessoas de sua geração, moças lindas como ela que tinham abandonado suas desinteressantes cidades natais em todo o país e migrado para a Califórnia em busca de um objetivo mal definido. Embora poucas dessas mulheres viessem a ter sucesso como atrizes, modelos ou dançarinas — com maior probabilidade, passariam os melhores anos da vida trabalhando como garçonetes, recepcionistas, vendedoras ou esposas infelizes no San Fernando Valley —, quase todas ficaram na Califórnia e tiveram filhos. E seus filhos foram criados ao sol durante a Depressão, na década de 1940 praticaram esportes ao ar livre o tempo inteiro e amadureceram no período da grande prosperidade da Califórnia, que começou com a Segunda Guerra Mundial (quando os investimentos americanos em defesa despejaram milhões de dólares nas indústrias aeronáuticas e de tecnologia da Costa Oeste). Nos anos 50, surgiu na Califórnia uma nova geração que se distinguia pela boa aparência, o estilo informal de vestir e a visão descontraída da vida, com ênfase na

saúde: um look especial que na avenida Madison, em todo o país e no resto do mundo era considerado tipicamente americano — o *California Look*. E entre as pessoas que possuíam esse look nos anos 50, embora sua mãe fosse a última a reconhecer, estava Diane Webber.

Os problemas de Diane com a mãe começaram depois que seus pais se divorciaram. O marido, 27 anos mais velho que a mulher, era um escritor de Ogden, Utah, chamado Guy Empey. Baixo, atarracado, arrogante e aventureiro, entrara para a Cavalaria americana em 1911 e, devido à demora de seu país em entrar na Primeira Guerra Mundial, alistara-se no Exército britânico. Participara da linha de frente na Europa, ganhando cicatrizes de guerra que exibiria orgulhosamente no rosto pelo resto da vida; em 1917, escreveu um livro de sucesso sobre suas experiências, intitulado *Além do topo*, que vendeu mais de 1 milhão de exemplares. Foi também transformado em filme, que o autor dirigiu e no qual desempenhou o papel principal.

Guy Empey escreveu outros livros na década seguinte, mas nenhum com o mesmo sucesso, e em 1930 estava reduzido a escrever *pulp fiction* para revistas, muitas vezes sob pseudônimos. Foi por essa época que, numa reunião social em Hollywood, conheceu a pequena e ágil atriz de vinte anos, de Montana, cujos cabelos pretos curtos, grandes olhos castanhos e sorriso contagiante lhe lembraram a atriz do cinema mudo Clara Bow. Cortejou-a imediatamente com buquês de flores, levou-a para passear em seu Cadillac e logo lhe propôs casamento — e ela aceitou, embora ele tivesse a idade de seu pai, 46 anos.

Numa medida imprudente, Guy levou a noiva para a casa que dividia com a amada mãe e a irmã, às quais dedicara *Além do topo*. Ambas eram mulheres cultas e sofisticadas de Nova York — o tio de sua mãe, Richard Henry Dana, escrevera *Dois anos como marinheiro*; sua irmã, viúva de um alto executivo da W. & J. Sloane, lia *The New Yorker* toda semana e enchera a casa de Los Angeles com mobiliário fino e uma biblioteca maravilhosa que trouxera do outro lado do país. As duas mulheres — em particular a enérgica mãe de Guy Empey — não ficaram muito impressionadas com a atrizinha de Montana, e ele não conseguiu ou não quis resolver um crescente conflito conjugal que só se interrompeu brevemente no verão de 1932, com o nascimento de sua única filha, batizada de Diane por causa de uma canção muito popular na época.

Quando Diane tinha dois anos, seus pais separaram-se; quando ela estava com cinco, após uma curta reconciliação, divorciaram-se, e a menina passou a dividir o tempo entre dois lares. Durante a semana, morava com a mãe, que em 1939 se casou com um belo homem de 24 anos que fora fotógrafo do International News Service e posara com traje de vaqueiro para cartazes dos cigarros Chesterfield. Na época do casamento, era dono de um pequeno restaurante no Sunset Boulevard, e a mãe de Diane, aos 29 anos, sufocou qualquer ambição cinematográfica que ainda tivesse e passou a trabalhar como garçonete com o marido.

Nos fins de semana, Diane pegava o bonde de Hollywood Hills até Echo Park, onde sua avó a encontrava para levá-la à casa do pai; ali, com a música de Haendel tocando suavemente no

fonógrafo, ficava na presença intelectual da tia e da avó, que a estimulavam a ler muito, levavam-na a ver os filmes apropriados e usavam sempre palavras que ela precisava procurar no dicionário. Enquanto as mulheres faziam a sesta diária e seu pai trabalhava na máquina de escrever — com um mínimo de sucesso —, Diane ficava sozinha em seu quarto e lia tudo, do romance picaresco *Anthony Adverse* a peças de Shakespeare, das *Mil e uma noites* a *Gray's Anatomy*, adquirindo uma formação sólida, embora errática, nos clássicos, bem como um forte senso de fantasia.

Suas fantasias adquiriram formas mais claras na tarde em que a levaram para assistir ao balé *Quebra-Nozes*. A partir de então, em sonhos, Diane via-se como uma garota glamourosa, de malha, rodopiando sozinha no palco, numa pirueta graciosa. Começou a ter aulas de dança uma vez por semana, depois da escola, mas isso era um privilégio que a mãe lhe concedia conforme seu comportamento e seu desempenho em várias tarefas domésticas. O padrasto, com quem se sentia constrangida, frequentemente observava seus exercícios em casa e às vezes fazia troça de leve quando ela se apoiava no consolo da lareira e apontava uma perna para o alto. Essa visão não agradava à mãe de Diane, que, já tendo se oposto à tentativa do jovem marido de pendurar pin-ups de Vargas no corredor, certamente não via com bons olhos a atenção que ele dava a sua filha de doze anos. Certa tarde, num momento de petulância que despedaçou a adolescente, a mãe lhe disse que era muito improvável que sua beleza viesse a se equiparar à dela.

A situação em casa piorou rapidamente para Diane desde que, no final daquele ano, sua mãe teve um filho e, dois anos depois, uma menina. Diane começava a sentir curiosidade pelos meninos, queria namorar, mas tinha de voltar para casa depois da escola para ajudar a cuidar dos irmãos. Essa rotina continuou mais ou menos até ela se formar no colégio, quando saiu de casa para morar temporariamente no apartamento da irmã de sua mãe, trabalhando como empacotadora na loja Saks do Wilshire Boulevard, para se sustentar e pagar as lições de dança. Meses depois, não querendo perturbar mais a privacidade da tia, que estava envolvida com um homem casado, empregado do escritório do hotel Beverly Hills, Diane mudou-se para o Hollywood Studio Club, uma residência para mulheres da indústria cinematográfica onde sua mãe morara outrora. Foi ali que Diane soube de um teste para dançarinas interessadas em trabalhar num clube noturno de San Francisco. Era uma oportunidade duvidosa para uma aspirante a bailarina, mas ela concluíra que, aos dezoito anos, provavelmente estava velha demais e muito pouco treinada para dominar a delicada arte física que executava tão bem em suas fantasias. Assim, fez o teste e passou. Quando perguntou à mãe se deveria aceitar o emprego, ela respondeu: “Não me pergunte. Decida você mesma”. Diane partiu para San Francisco sem saber se a mãe estava lhe concedendo independência ou expressando indiferença.

Ganhava oitenta dólares por semana para fazer três shows por noite, seis noites por semana, dançando no grupo que acompanhava talentos famosos como Sophie Tucker. Usava um

traje recatado que revelava apenas seu diafragma, mas, trocando de roupa nos bastidores, foi exposta pela primeira vez à nudez coletiva e pôde comparar seu corpo ao de outras mulheres. Percebeu que era mais bem-feita que a maioria delas e portanto não se surpreendeu quando uma colega sugeriu que poderia ganhar um dinheiro extra como modelo e deu-lhe o nome de um professor de arte de Berkeley que pagara a outras dançarinas vinte dólares por uma sessão curta de fotografias de nu.

Timidamente, Diane apareceu na residência do professor, cujo jeito neutro e formal logo a deixou à vontade. Tirou a roupa e ficou nua diante dele. Observou-o recuar e ouviu o clique da câmera. Ouviu o clique repetir-se e, sem nenhuma instrução, começou a mover-se como uma bailarina, erguendo lentamente os braços, girando o corpo, rodopiando sobre os dedos dos pés enquanto ouvia uma música interior e o clique da câmera, sem perceber mais a presença do professor. Tinha consciência apenas de seu corpo como um instrumento inspirado que ela controlava com arte e com o qual podia ir além de suas limitações. Embora nua, não se sentia despida. Sentia-se internalizada enquanto dançava, apartada, sozinha, profundamente envolvida com emoções que talvez se projetassem em seus movimentos ou expressões, mas ela não sabia, não imaginava que efeito estava causando sobre o professor atrás da câmera. Mal percebia sua imprecisa figura cinzenta à distância. Diane estava sem óculos e era bastante míope.

Ao retornar a Los Angeles, finda a temporada no clube noturno, Diane tomou a iniciativa de ligar para vários fotógrafos

de moda cujo número encontrou na lista telefônica, pedindo uma entrevista. Telefonou para gente como David Balfour, Keith Bernard, Peter Gowland, Andre de Dienes, William Graham e Ed Lange, entre outros. Quase todos ficaram encantados com ela e impressionados com o fato de uma jovem tão atraente se dispor com tanta tranquilidade a posar nua — ela estava pelo menos dez anos à frente de seu tempo.

Em 1954, quando tinha 21 anos, fotos suas começaram a aparecer em revistas de nudismo e fotografia de todo o país. E em 1955, quando uma série de fotos coloridas de Diane foi enviada à *Playboy* em Chicago, o jovem editor Hugh Hefner examinou-as e ficou imediatamente bem impressionado.

3

Hefner tinha 28 anos quando viu pela primeira vez as fotografias de Diane Webber. Sua revista estava no segundo ano de publicação. Editara o primeiro número de *Playboy* em 1953, na mesa da cozinha do apartamento em que morava com a esposa e uma filha pequena, mas agora ocupava, com uma equipe de trinta pessoas, um prédio de quatro andares perto do centro de Chicago e estava em seu grande escritório, no último andar, atrás de uma moderna mesa em L, com as fotos de Diane Webber a sua frente.

Examinando despreocupadamente cada imagem, não mostrava nenhum resquício do constrangimento que sentia outrora com qualquer sinal de nudez ou com seus sonhos eróticos de adolescente na cama de uma casa puritana. Agora, editor próspero de uma revista orientada para o sexo, separado da esposa, dormindo com duas jovens de sua equipe, Hugh Hefner tinha transformado o erotismo imaginário em realidade. Fora recriado pela revista que criara.

Vivia praticamente dentro das páginas acetinadas, dormia num quarto pequeno atrás do escritório e trabalhava todas as horas do dia e da noite na revista, nas cores e no projeto gráfico, nos cartuns e nas legendas, nos fatos e na ficção, lendo cada linha

tão cuidadosamente quanto agora examinava, com uma lupa, as fotografias de Diane Webber.

Na primeira foto, ela dançava de seios desnudos num estúdio de balé, com uma malha negra opaca que revelava a força e a graça das coxas, das panturrilhas, das nádegas redondas. Sua barriga era plana; as costas suaves e fortes não estavam desfiguradas pelos músculos nodosos comuns nas dançarinas; embora ela estivesse em movimento, sua pele não brilhava de suor. Isso impressionou Hefner, que na juventude suava muito, em especial quando sua mão tocava alguma cintura feminina nos bailes da escola, ou quando seu braço rodeava os ombros de uma garota no cinema.

Lentamente, seguiu a linha dos seios de Diane Webber, grandes e firmes, e seus mamilos rosados e eretos. Maravilhou-se com a perfeição do tamanho e da forma deles e imaginou como ficariam em suas mãos — sabia que esse pensamento ocorreria a milhares de outros homens quando as fotos fossem publicadas e circulassem em sua revista.

Hefner identificava-se fortemente com os homens que compravam a revista. Sabia, pelas cartas que recebia e pelo crescimento espantoso da circulação de *Playboy*, que seus leitores e ele eram atraídos pelas mesmas coisas; às vezes, considerava-se um fornecedor de fantasias, um alcoviteiro entre seus leitores e as mulheres que adornavam as páginas. Todos os meses, quando uma nova edição ficava pronta sob sua direção pessoal, podia imaginar os momentos de clímax dos solitários de todo o país que ficavam excitados com suas escolhas. Eram caixeiros-viajantes em quartos de hotel, soldados em bivaques,

estudantes universitários em dormitórios, executivos em cujas maletas, nos aviões, a revista viajava como uma companheira clandestina. Eram homens casados insatisfeitos, de meios e aspirações moderadas, entediados com a vida, sem inspiração no trabalho, que buscavam uma fuga temporária através da aventura sexual com mais mulheres do que tinham capacidade — ou tempo, dinheiro, poder, ou desejo genuíno — de conquistar.

Hefner entendeu esse sentimento, que fora o seu nos primeiros anos de casado, quando se esgueirava para longe da esposa à noite e dava longas caminhadas pela cidade. À beira do lago, olhava para os prédios de luxo, via mulheres nas janelas e imaginava que estavam tão infelizes quanto ele; queria conhecer todas elas intimamente. Durante o dia, despia mentalmente certas mulheres que via caminhando pelas ruas, em parques, entrando em carros; embora nada fosse dito ou feito, nem mesmo uma troca de olhares, ele sentia um contentamento silencioso e semanas depois podia reviver a impressão que guardava daquelas mulheres, podia vê-las tão claramente como estava vendo agora as fotos da dançarina nua sobre sua mesa.

Apertando os olhos, focalizou através da lente o queixo erguido de Diane, seus lábios sensuais e os grandes olhos castanho-claros que o miravam com uma expressão ao mesmo tempo convidativa e distante. Isso o deixou intrigado: ela olhava diretamente para ele mas parecia distante da reação que provocava. Era como se estivesse aparecendo nua pela primeira vez, como se ainda fosse ingênua em relação aos homens — era exatamente a atitude que Hefner desejava ver transmitida pelas mulheres nuas em sua revista, e poucas *playmates* tinham

conseguido isso até então. A começar por Marilyn Monroe, no primeiro número de 1953, todas as garotas do pôster central da *Playboy* eram modelos profissionais e apresentavam autoconfiança e experiência; eram mulheres que sabiam das coisas. Mesmo assim, tinham atraído novos leitores para a revista a cada mês, a tal ponto que o próprio Hefner se espantara. É provável que o sucesso inicial de *Playboy* tivesse menos a ver com a revista tal como era do que com os homens que a compravam.

Antes da *Playboy*, poucos americanos tinham visto uma fotografia colorida de mulher nua, e os leitores ficavam indefesos e constrangidos ao comprar a revista na banca, dobrando-a para esconder sob a capa ao ir para casa. Expô-la seria como reconhecer publicamente uma necessidade terrível, um segredo reprimido há muito tempo; seria admitir o fracasso em encontrar a coisa real. Embora o Relatório Kinsey revelasse que quase todos os homens se masturbavam, no começo dos anos 50 isso ainda era horrível e não havia indicação de que se relacionasse com fotografias. A forte conexão evidenciou-se com o sucesso de *Playboy*, cuja circulação aumentara, em dois anos, de 60 mil para 400 mil exemplares por mês. Do interesse despertado pela revista, pouco podia ser atribuído aos artigos, que nada tinham de excepcional, aos cartuns, às sátiras ou à reimpressão de contos de Ambrose Bierce e Arthur Conan Doyle. Na verdade ele era devido ao fato de que Hefner, ao fundar uma revista que apresentava todos os meses uma mulher nua aparentemente acessível, descobrira um vasto público de pretendentes, cada um deles reivindicando-a para si em particular.

Ela era sua amante mental, um estímulo na solidão. Com frequência viam sua imagem enquanto faziam amor com suas esposas. Ela era quase uma espécie especial que existia dentro dos olhos e da mente do observador, oferecendo tudo o que fosse imaginável. Estava sempre disponível na cama, era totalmente controlável, conhecia o toque perfeito em lugares íntimos e nunca dizia ou fazia algo que perturbasse o clima antes do momento do êxtase.

Todos os meses, ela era uma pessoa nova, satisfazendo a necessidade masculina da variedade, atendendo às diferentes obsessões e fantasias, sem pedir nada em troca. Comportava-se como nenhuma mulher real se comportava, o que era a essência da fantasia e a principal razão da proeminência de Hugh Hefner, o primeiro homem a ficar rico vendendo abertamente o amor masturbatório por meio da ilusão de uma mulher sedutora disponível. Era uma maneira conveniente de ter uma relação. Pelo preço de uma revista, Hefner dava a milhares de homens um sortimento de mulheres que na vida real não olhariam para eles. Oferecia mulheres jovens para homens velhos, mulheres desejáveis para homens feios, brancas para negros, ninfomaníacas para tímidos. Era um cúmplice nos casos extraconjugais de homens monogâmicos, proporcionava estímulo para homens adormecidos e assim estava conectado com o sistema nervoso central dos leitores de *Playboy* de todo o país, homens cujas paixões eram precedidas pela corte preliminar feita por Hefner através de uma lente em sua mesa de Chicago, o centro de ereção da revista de serviços definitiva.

Para si mesmo, Hugh Hefner tinha objetivos mais grandiosos. Queria não apenas as fotos de nus, mas também possuir as mulheres que tinham posado. Seu apetite sexual, frustrado havia tanto tempo, tornara-se insaciável. Não contente em apresentar a fantasia, queria experimentá-la, sintetizar seu forte sentido visual com seus impulsos físicos e manufaturar um clima, uma cena de amor que pudesse ao mesmo tempo sentir e observar.

O que se passava com ele não era exatamente um caso de atenção dividida, mas de estado mental duplo. Era, e sempre fora, visualmente consciente de tudo o que fazia. Era um voyeur de si mesmo. Às vezes agia a fim de se observar. Certa ocasião, permitiu que um homossexual o abordasse num bar, mais para ver do que para desfrutar uma relação sexual com um homem. Em seu primeiro caso extraconjugal, filmou-se fazendo amor com a amante, guardando o filme de 16 mm junto com caixas de outros documentos e lembranças pessoais, álbuns de fotografias e cadernetas de anotações que retratam e descrevem toda a sua vida pessoal.

Desde a primeira infância, embora fosse muito tímido e desinteressante, sempre tivera grande amor-próprio, acreditava ser especial de alguma forma, e considerava sua existência um acontecimento público em potencial que deveria registrar escrupulosamente. Guardou seus desenhos infantis, fotos da escola primária até o serviço no Exército, da faculdade ao casamento e à fundação da *Playboy*. Continua a atualizar seu material, conservando cartas, anotações, fotografias, que preserva com os cuidados de um curador confiante em seu valor histórico.

O que Hefner não documentou em filme ou por escrito, testemunhou com tanta atenção que ainda lembra o clima do ambiente, em cujo centro se vê. Aos treze anos, numa reunião de escoteiros, viu através da cortina semiaberta de uma janela da casa vizinha uma menina tirando a roupa. Foi a primeira vez que viu uma mulher despida, e ficou hipnotizado. Décadas mais tarde, era capaz de recordar exatamente o que sentira, o que vira.

Hefner jamais presenciara nudez em casa. Sua mãe andava sempre totalmente vestida e tomava cuidado para se trocar atrás de portas fechadas. Quando ele e seu irmão eram levados à piscina pública no verão, seu pai dava-lhes as costas no vestiário enquanto punha os calções. Ele atribui boa parte de sua timidez inicial ao desconforto transmitido por seus pais na piscina, onde a exibição de carne em massa era uma afronta ao seu pudor tradicional. O embaraço de Hefner aumentava porque não conseguia aprender a nadar. Desenvolvera uma fobia precoce à água quando um menino mais velho o obrigara a saltar na parte funda da piscina, e ele quase se afogara. Seu pai, nadador competente, tentou ajudá-lo a superar o medo, mas o menino teimosamente resistiu até que, certo dia, o pai ficou tão frustrado e irado que o espancou.

Foi uma rara e quase bem-vinda mostra de emoção de seu pai, um homem distante e reprimido que pouco revelava seus sentimentos para a família e passava a maior parte do tempo trabalhando em silêncio como contador de uma grande firma de Chicago. Trabalhava seis dias por semana, às vezes sete, e considerava-se afortunado por ter um emprego durante a

Depressão, ainda mais de contador. Hugh e seu irmão Keith, três anos mais moço, foram criados quase exclusivamente pela mãe, Grace, mulher *mignonne*, de fala mansa e decoro rígido. Tal como o marido, ela nascera numa fazenda do Nebraska antes da virada do século e fora criada numa atmosfera de fundamentalismo zeloso, que tentava preservar em plena Chicago do século XX.

Em sua casa não havia bebidas nem cigarros, palavrões ou jogo de cartas. Às vezes, levava os filhos ao cinema no sábado, mas domingo era um dia de estrita observância religiosa na casa dos Hefner e até o rádio permanecia em silêncio. Se os meninos ficavam inquietos dentro de casa, tinham permissão para ir até a bancada de trabalho do quintal, onde podiam desenhar ou fazer esculturas com argila colorida. Hugh Hefner, que tinha facilidade para tais artes, ficava mais do que satisfeito com aquelas atividades; com frequência, parecia extasiado com as figuras de argila que criava, relacionando-se com elas de modo muito íntimo, e não ouvia quando a mãe o chamava da porta da cozinha.

Na escola, devaneava e rabiscava, ignorando o andamento das aulas e fazendo com que os professores mandassem bilhetes de reclamação que perturbavam e constrangiam sua mãe. Ela fora professora em Nebraska antes de se casar e, embora estivesse convencida de que Hugh era intelectualmente capaz, ficava desnorteada com a apatia do filho. Observara pela primeira vez que ele se ausentava da realidade quando, aos quatro anos, sofrendo com um problema na apófise mastoide, ficava absorto fazendo figurinhas com pedaços de algodão que

tirava do ouvido infeccionado. Mais tarde, envolvia-se totalmente com seus desenhos de monstros e cientistas loucos, homens do espaço e superdetetives, de tal forma que parecia não ouvir quando o telefone tocava, embora tivesse audição perfeita. Enjoava quando andava no carro da família. Roía as unhas. Às vezes, gaguejava. Seu quase afogamento na piscina fizera-o mergulhar mais ainda em si mesmo, e por fim sua mãe levou-o ao Instituto de Pesquisa Juvenil de Illinois para ser examinado por psicólogos infantis. Depois de uma série de testes, concluiu-se que seus problemas eram um tanto especiais. Hugh Hefner era um gênio. Tinha QI de 152. Mas era emocionalmente deficiente, socialmente imaturo para sua idade, e os médicos sugeriram que a sra. Hefner poderia ajudar se mostrasse mais calor humano em casa, se lhe desse mais amor e compreensão.

Para Grace Hefner, tão recatada que jamais beijava os filhos na boca — explicou depois que temia a disseminação de germes —, a recomendação dos médicos foi, de fato, um desafio. Mas, encorajada pela notícia da superioridade intelectual de Hugh e também por ser uma mãe conscienciosa, tentou dar mais apoio e compreensão em casa, sem jamais imaginar que isso a levaria, dentro de alguns anos, a tolerar pin-ups nuas nas paredes do quarto do filho.

As pin-ups eram os desenhos altamente estilizados de Alberto Vargas e George Petty que saíam na *Esquire*, publicada em Chicago nos anos 40, então a revista masculina mais picante dos Estados Unidos. Hugh Hefner a vira pela primeira vez na casa de um colega de escola primária cujo pai, um artista comercial, assinava a revista. Tudo na *Esquire* excitava o jovem Hefner —

os contos românticos e aventureiros de escritores como Fitzgerald e Hemingway, as fotografias de automóveis clássicos, os cartuns sofisticados, os artigos de viagem sobre lugares glamourosos e o pôster que oferecia todos os meses um requintado desenho colorido de uma bela mulher.

Hefner conseguiu decorar seu quarto com aquelas voluptuosidades com a aquiescência, se não aprovação, da mãe porque seu rendimento escolar melhorara de repente e também porque parecia decidido a alcançar certos objetivos vagamente artísticos que ela relutava em desestimular. Seus desenhos e cartuns, que antes apenas se espalhavam pela casa, começaram a aparecer no jornalzinho da escola que ele editava e no grande diário pessoal ilustrado que mantinha meticulosamente em dia com fatos e observações sobre si mesmo e seus colegas de classe. Sem praticar esportes e ainda tímido com as meninas, Hefner aproximava-se socialmente de seus contemporâneos tornando-se cronista.

Continuou com a mesma atitude passiva nos dois primeiros anos de ensino secundário, quando passou gradualmente a se afirmar, emergir como personalidade, participar, além de observar. Atuou em peças de teatro e sátiras escolares que também ajudou a escrever. Assumiu a presidência do grêmio estudantil e a vice-presidência do clube literário. Fez programas de rádio para o Conselho de Educação e pensou em se tornar profissional do rádio ou astro de cinema. Aprendeu a dançar bem, sentia-se mais descontraído. A foto de uma das garotas com quem saíra recentemente foi publicada no jornal da escola, após sua eleição como estudante mais representativa da

Steinmetz High School. Antes do concurso, ela não o atraía muito, mas sua vitória o afetou rapidamente, tornando-a sedutora para ele. A garota simbolizava os desejos do corpo estudantil, era objeto de adoração, e Hugh ficou fascinado com sua notoriedade. Saiu muitas vezes com ela e certa noite, no escuro do cinema, começou a boliná-la, subiu com a mão sob a saia e tocou-a entre as coxas. Foi seu momento sexual mais agressivo no colégio, inesquecível, embora não tenha ido adiante.

Em 1944, formou-se na Steinmetz High, ficando entre os cinquenta melhores de sua classe de 212 alunos e em terceiro lugar na votação daqueles que tinham maior probabilidade de sucesso na vida. Adiou os planos de cursar universidade porque foi convocado pelo Exército. Isso foi mais de um ano antes do fim da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia. Sua mãe, sabendo que não pararia de se preocupar com a segurança do filho se ficasse inativa em casa, arranhou um emprego no laboratório de pesquisa de uma indústria de tintas de Chicago. Mesmo um pouco apreensivo com o Exército, Hugh gostou da oportunidade de viajar, pois jamais saíra de Chicago. Mas, duas semanas antes de começar o treinamento militar, conheceu numa festa uma garota que despertou nele o súbito desejo de ter mais tempo como civil.

Era uma morena bonita, com grandes olhos castanhos, corpo esguio e gracioso. Tinha cabelos longos e lisos, com franja, e seu jeito amigável logo o deixou à vontade. Chamava-se Mildred Williams. Embora ambos tivessem se formado no mesmo ano na Steinmetz, nunca tinham se relacionado, o que parecia incrível para Hefner, que era particularmente atraído pelo seu tipo de

aparência saudável. Dançaram várias vezes na festa, ele acompanhou-a até em casa e saiu com ela durante o tempo que lhe restava antes do Exército.

Escreveu-lhe com frequência no verão de 1944, de Fort Hood, Texas, onde recebeu o treinamento básico e ficou alternadamente entediado e estarecido com a vida de soldado. Jovem idealista de dezoito anos que não bebia, não fumava nem falava palavrão e de cuja limitada experiência sexual não fazia parte nem a masturbação, Hugh Hefner logo se viu cercado pela vulgaridade e o cinismo de um típico alojamento militar. Apesar de ter se adaptado a isso, não mudou seu comportamento. Comparecia às reuniões dançantes do clube dos militares, mas não andava atrás de mulheres nos arredores da base. Passava o tempo livre indo ao cinema, desenhando cartuns e esboços e escrevendo longas e reflexivas cartas para Mildred Williams, a qual, embora mal conhecesse, incluía em suas fantasias e expectativas.

Nas licenças, voltava para casa a fim de vê-la, e ela não o desapontava. Seus padrões de decoro sexual mantinham-no à distância, o que apenas aumentava o mistério e o desafio que Mildred representava. Como católica praticante, ela não acreditava em sexo antes do casamento, e como jovem prática no primeiro ano de faculdade era precavida com as complicações que pudessem desviá-la dos estudos. Apesar de sua aparência despreocupada, típica da garota americana, crescera num lar infeliz e apinhado, com um pai autocrático, que não conseguia sustentar adequadamente os cinco filhos com o salário de motorista de ônibus, e uma mãe religiosa, apoiada na fé de que

as coisas um dia iriam melhorar. Mas isso nunca aconteceu. Mildred adquiriu assim uma crença precoce na autoconfiança, pressupondo que qualquer melhoria desejável dependeria de sua iniciativa. Jamais tinha preguiça. Estudava muito e arranjava empregos de final de tarde e fins de semana para ganhar dinheiro e pagar a faculdade. Trabalhava à noite na biblioteca da Universidade de Illinois, planejando tornar-se professora. Não entrou para nenhuma fraternidade estudantil, não tinha tempo para namorar. Nas férias de verão também trabalhava, recusando-se até a tirar alguns dias quando Hefner estava de licença na cidade. Embora se aborrecesse e ficasse amuado, ele admirava tanta dedicação, comparável aos esforços de sua própria mãe, muitos anos antes, para completar os estudos superiores sem ajuda ou estímulo de seus pais agricultores no interior de Nebraska.

Hefner também tinha grandes aspirações e após dar baixa do Exército, em 1946, entrou para a Universidade de Illinois e planejou fazer o maior número possível de cursos, inclusive no verão, de modo a completar o currículo de quatro anos em dois e meio. Queria compensar os dois anos improdutivos de serviço militar, durante os quais se arrastara por várias bases nos Estados Unidos enquanto a guerra acabava no exterior. Como estudante de 21 anos beneficiado pela G. I. Bill,³ estava ansioso por recuperar o ímpeto pessoal, definir seus objetivos de vida e retomar a corte quase vitoriana a Mildred Williams.

Seu conhecimento dela até então, além do tempo limitado que passavam juntos quando estava de licença, fora adquirido, em

larga medida, por meio das muitas cartas que ela lhe escrevera, quase todas muito idealistas, discretamente afetivas, encorajadoras — cartas que mitigavam sua solidão nos alojamentos e convenciam-no de que Mildred era, de fato, a encarnação da imagem romântica criada por ele.

Mas até mesmo suas expectativas mais altas foram superadas em 1946, quando ambos se reencontraram na Universidade de Illinois e começaram a sair juntos todos os fins de semana, a encontrar-se todas as noites na escadaria da biblioteca, caminhando lentamente, de mãos dadas, pelo outono mais glorioso da vida dele. Hugh estava apaixonado, emocionado com a aparência e os modos dela e excitado também com o mundo a sua volta, a nova liberdade da vida universitária, o tratamento deferente que os outros estudantes lhe concediam por ser um veterano de retorno, e o sentimento de otimismo total e confiança que inspirava tantos americanos naquela época, o primeiro ano após a vitória na guerra.

Hefner começou a fazer voos acrobáticos como diversão de fim de semana no aeroporto perto do campus, em um ano tirou o brevê e fazia manobras arriscadas com seu biplano. Cantava numa orquestra de dança estudantil, imitando o estilo de Frankie Laine. Iniciou uma revista de humor universitário, conseguia notas excelentes nos cursos, concentrando-se em psicologia. Pela primeira vez, sentia-se fisicamente atraente. Seus cartuns e artigos eram publicados no *The Daily Illini* e, como exercício intelectual, ele escreveu uma peça sobre uma descoberta científica que procura a inexistência de Deus; a peça se

encerrava com o governo suprimindo a informação por achar que o público não poderia conviver com a verdade.

Quando escreveu isso, Hefner era agnóstico e assim permaneceria, afastando-se de sua formação metodista fundamentalista. Mas acreditava que sua rejeição da tradição familiar era apenas uma parte de uma revolução social maior que via desenvolver-se ao redor. Lera nos jornais que o industrial e produtor cinematográfico Howard Hughes havia desafiado o código moral de Hollywood ao distribuir seu filme *O proscrito*, no qual a voluptuosa atriz Jane Russell se deita na cama com um homem. *Esquire*, a revista favorita de Hefner, que os Correios queriam banir por considerá-la obscena, tinha ganhado a causa na Suprema Corte e podia ser distribuída sem problemas. A descoberta recente da penicilina para curar doenças venéreas subitamente diminuía o medo inibidor que durante séculos estivera associado ao desregramento sexual. E o Relatório Kinsey masculino, baseado em dados colhidos em mais de 12 mil entrevistas, revelava que, apesar da postura puritana do país, os cidadãos eram secretamente muito sexuais. Cinquenta por cento dos homens casados haviam tido experiências extraconjugais, e 85% tiveram relações sexuais antes do casamento. Nove em dez homens masturbavam-se e, segundo uma estatística que chocou muitos leitores, 37% da população masculina atingira o orgasmo com pelo menos um ato homossexual.

Essas e outras descobertas resultaram na condenação do dr. Kinsey por religiosos, políticos e editorialistas, mas Hugh Hefner, muito impressionado com o livro, numa resenha para a revista *Shaft*, criada por ele na faculdade, escreveu:

Esse estudo torna óbvia a falta de compreensão e de pensamento realista que presidiu a formação dos padrões e leis sexuais. Nossa presunção moral e nossa hipocrisia em matéria de sexo levaram-nos a frustração, delinquência e infelicidade incalculáveis.

Essa última afirmação poderia ser aplicada ao próprio Hefner, pois, apesar de suas várias realizações no campus em seus dois primeiros anos, ele estava sexualmente frustrado. Aos 22 anos, ainda era virgem. Tentara várias vezes seduzir Mildred, mas ela sempre implorava, às vezes com lágrimas, que esperassem um pouco mais. Não eram apenas a religião e o medo de engravidar que a influenciavam, mas também a vontade de que a primeira vez fosse uma ocasião esplêndida, uma celebração privada em ambiente romântico, e não, como era o caso da maioria dos estudantes, um acontecimento furtivo e apressado num carro emprestado.

De início, Hefner concordou com ela e admirou sua atitude. Tal como sua mãe, Mildred era uma idealista incomum, uma mulher séria, forte, confiável, que pelo casamento se tornaria, como ele desejava, exclusivamente sua. Mas, à medida que os meses passavam, Hefner não podia mais conter o impulso e a curiosidade sexual, e nos encontros de fim de semana suas carícias no Ford do pai foram aos poucos se estendendo para a masturbação mútua e a felação. Numa noite de domingo, quando voltavam ao campus num ônibus da Greyhound, na sequência de uma troca de beijos e carícias cada vez mais apaixonados no veículo escuro, ele instou-a a fazer uma felação nele ali mesmo, sob um cobertor. Ela ficou surpresa com o pedido e mais ainda

com a própria disposição de ceder ao desejo dele sem relutância ou constrangimento, tão ansiosa estava no momento para agradá-lo, bem como excitada pela ideia de executar aquele ato nas costas dos outros passageiros. Quando abaixou a cabeça e pôs o pênis de Hugh na boca, sentiu não somente amor por ele, mas também o despertar intenso de sua própria libertação.

Embora ela não frequentasse mais a missa regularmente, não interpretava isso como um sinal de declínio da moralidade, mas de crescente compromisso com o homem que seria seu marido um dia e com quem estava aprendendo tanto sobre a arte de dar e receber prazer. Maravilhava-se com os conhecimentos sexuais de Hefner, com sua tamanha preocupação com sexo. Ele não parava de ler manuais de casamento e romances eróticos, revistas de nudismo e livros sobre leis sexuais e censura. Dele ouviu pela primeira vez expressões como “zonas erógenas” e com ele experimentou seu primeiro orgasmo, provocado por cunilíngua.

Certa tarde, em Chicago, quando os pais de Hefner não estavam em casa, ele levou-a até seu quarto no segundo andar, baixou as cortinas e tirou de seu armário luzes e uma câmera; com um mínimo de persuasão, Mildred despiu-se lentamente e ficou nua a sua frente. Em silêncio, excitado, ele começou a fotografá-la na cama e contra a parede onde antes estavam as pin-ups de Petty; logo ela reagiu com a mesma naturalidade que tivera no ônibus, fazendo poses, apreciando seu corpo gracioso tanto quanto ele, embora ainda espantada com sua disposição para fazer o que meses antes lhe parecia inconcebível e absolutamente chocante.

Apesar de jamais ter visto as fotos e não fazer ideia do destino que Hefner lhes dera, continuou com sentimentos positivos em relação aos encontros sexuais dos dois, mesmo depois de refletir sobre o assunto. Uma vez que cursava o último ano da faculdade, devia estar mais do que pronta para essas experiências — como também estava pronta, depois de seus exames finais na primavera de 1948, a se encontrar com Hefner num quarto de hotel de Danville, Illinois, e passar a noite fazendo amor.

Convencido da compatibilidade deles e planejando noivar em breve, Hefner retornou para a universidade em Illinois no verão de 1948, enquanto Mildred aceitava seu primeiro emprego de professora, num pequeno colégio no noroeste do estado. Como nenhum dos dois tinha carro e ambos estavam envolvidos com obrigações escolares, só se encontravam em fins de semana alternados. Geralmente o encontro era em Chicago, onde o relacionamento e o futuro enlace já eram reconhecidos e aprovados pelos pais de ambos, ainda que para isso Hefner tivesse de fazer concessões relativas à religião. A pedido de Mildred, concordara em receber orientação de um padre e permitir que seus filhos fossem educados segundo os preceitos católicos. Mais do que Mildred, era a mãe dela que fazia questão disso; Hefner opôs-se inicialmente, pois considerava o catolicismo uma força tirânica contra a liberdade sexual e o direito à vida privada. Tinha expressado essa opinião em cartas a Mildred, nas quais questionava a infalibilidade do papa, discordava da política da Igreja em relação ao controle da natalidade e ao aborto e denunciava a histórica censura da

Igreja, da Idade Média ao presente, a milhares de livros eróticos, imagens, filmes e outras formas de expressão. Seus sentimentos sobre o catolicismo não mudaram durante os preparativos para o casamento, e ele estava preocupado demais com a universidade para criar caso. E sabendo como Mildred se afastara dos ditames de sua religião, na vida privada, não previa problemas com ela após o casamento.

Concentrou-se então no que naquele momento era a coisa mais importante para ele: terminar a faculdade em fevereiro de 1949, casar-se com Mildred no mês de junho seguinte e estabelecer-se rapidamente como um bem-sucedido cartunista, escritor ou editor. Na universidade, demonstrara talento nas três atividades, além de ganhar muita autoconfiança e a consciência de que atraía as mulheres. Mas não explorou isso. Continuou fiel a Mildred depois que ela deixou o campus e, embora tivesse outrora considerado o celibato um estado idílico, agora ansiava pelo casamento, sobretudo porque percebera certa hesitação da parte dela, depois do noivado oficial, nos feriados natalinos de 1948.

Hefner não tinha ideia do que estaria provocando aquilo, mas em alguns de seus encontros de fim de semana, após as férias, ela lhe parecera um pouco tensa, fechada, sem o mesmo entusiasmo que mostrara por ele desde que tinham se tornado sexualmente íntimos, na primavera anterior. Esperando que Mildred estivesse apenas temporariamente perturbada pelas novas pressões do magistério, ele procurou esconder a irritação e mostrar-se muito compreensivo e paciente. Quando estavam sozinhos, ocasionalmente tentava envolvê-la em longas

conversas pessoais que poderiam levar à fonte de seu desconforto, mas essas discretas investigações não revelaram nada, e questionamentos mais diretos provocavam apenas negações dela de que algo estivesse errado.

Num fim de semana frio em Chicago, Hefner pegou emprestado o carro do pai, apanhou Mildred na casa dos pais dela e foram até o centro da cidade para ver um filme chamado *A acusada*. Nele, Loretta Young faz o papel de uma bela e inibida professora universitária que concorda em sair para jantar com um aluno que lhe diz precisar desesperadamente de conselho e orientação. Depois do jantar, ele a leva de carro para um lugar isolado e, não conseguindo seduzi-la, tenta estuprá-la. Ao defender-se com um objeto de aço, ela acaba matando o rapaz. Em pânico, foge da cena do crime e vai parar numa estrada, onde pega carona com um caminhoneiro. Recompondo-se e sem revelar nada do que ocorreu, a professora retorna em segurança para casa e volta ao trabalho no dia seguinte. Mas, na tentativa de alterar sua aparência para não ser identificada como a acompanhante do rapaz na noite de sua morte, começa a vestir-se com mais elegância, muda de penteado e logo começa a se sentir glamourosa e desejável como nunca. Em consequência, depois que a investigação criminal se inicia, nem mesmo o caminhoneiro que lhe deu carona a reconhece, e tanto o policial como o advogado do morto se enamoram dela.

A culpa acaba obrigando-a a contar a verdade, e nessa altura do filme Mildred, que assistia com lágrimas nos olhos, começou a soluçar e pediu que Hefner a levasse para casa. Quando entraram no carro, ela chorava sem controle e ficou histérica

quando Hefner a abraçou pedindo compreensivamente uma explicação.

Por fim, ela recuperou o controle e, virando-se para ele, as lágrimas ainda brilhando à luz fraca do carro, confessou que, na cidade onde morava agora, estava tendo um caso com um colega.

Hefner escutou sem acreditar. Aquele momento espantoso parecia irreal demais para aceitar, era como se fizesse parte do filme que ele acabara de ver. Ficou sentado ao volante do carro estacionado, sentindo-se atordoado, traído, muito sozinho. De repente, Mildred tornara-se uma estranha íntima, uma amante irreconhecível que agora explicava, com voz trêmula, como as coisas tinham acontecido. Conhecera o homem quando ele se oferecera para levá-la até a estação de trem, numa sexta-feira em que ela ia para Chicago. Gostaram de conversar e, quando ela retornou do fim de semana, começaram a jogar bridge juntos em certas noites da semana com outros professores da escola; uma noite, em seu carro, ele avançou para beijá-la, ela correspondeu imediatamente, e não pararam até fazerem amor.

Isso vinha se repetindo desde então, continuou Mildred, acrescentando que se sentia indigna dele agora e desobrigava-o de casar-se com ela. Além de remorsos e constrangimento, ao contar tudo isso ela sentiu também um grande alívio, até mesmo liberdade; quando olhou para os olhos de Hefner, viu que ele estava começando a chorar. Aproximou-se dele e abraçou-o. Disse que o amava, mas repetiu que ele deveria escolher outra para esposa.

Hefner balançou a cabeça: não, só queria a ela. Embora não admitisse, queria-a agora mais do que nunca, alarmado como estava com a competição de outro pretendente. Pediu-lhe que parasse de ver o novo amante, e Mildred, confusa e cheia de culpa, concordou. Ela queria acreditar que aquele caso recente não correspondia a sua verdadeira natureza e ficou agradecida a Hefner por insistir em continuar com os planos de casamento.

Casaram-se em 15 de junho de 1949, na paróquia de São João Bosco, em Chicago. Mildred vestiu-se de branco e sorriu para as fotos com Hefner e suas famílias. As mães grisalhas usando orquídeas e os pais na sobriedade dos ternos escuros ficaram juntos na porta da igreja, com os olhos apertados ao sol e expressões de familiaridade forçada.

Após a cerimônia, Hefner levou Mildred no carro de seu pai a Hazelhurst, Wisconsin, para uma curta lua de mel no Styza's Birchwood Lodge. De volta a Chicago, começaram uma vida a dois que jamais seria tão romântica como seu relacionamento fora uma vez.

Um dos problemas que enfrentaram foi o fracasso de Hefner, depois de se formar, em encontrar um emprego de que gostasse. Suas várias ideias de quadrinhos em série foram rejeitadas pelos jornais, e a única vaga que conseguiu foi no escritório de seleção e recrutamento de uma companhia de papelão. Quando percebeu que a firma não contratava negros, demitiu-se em protesto. Como o mercado de trabalho estava então apinhado de veteranos de guerra e Hefner preferia ficar em casa, trabalhando em novos cartuns, a aceitar um emprego insatisfatório, viviam do

dinheiro que Mildred ganhava em vários empregos, inclusive dando aulas na escola primária de Chicago de que Hefner fora aluno.

Para diminuir as despesas, instalaram-se na casa dos pais de Hefner temporariamente, até que ele começasse a vender seus desenhos ou se estabelecesse numa carreira apropriada. Mais de dois anos depois, ainda estavam lá, ocupando um quarto ao lado dos aposentos dos pais dele, no segundo andar do pequeno sobrado, numa rua tranquila do noroeste da cidade. A casa fora construída por 13 mil dólares em 1930, quando Hugh tinha quatro anos, e era o único lar que ele conhecia; mas agora, ocupando suas dependências apertadas, sentia a perda de seus sonhos juvenis de expansão e a perda, também, de boa parte do interesse sexual por sua esposa.

Mildred culpava-se por isso. Raramente tinha vontade de fazer amor naquela casa, sabendo que os ruídos da cama podiam ser ouvidos pelos sogros no quarto ao lado. Achava também que sua imprudência com o outro homem diminuía o fervor romântico de Hefner, bem como reavivara um pouco sua culpa católica com relação a sexo e prazer. Tinha desfrutado do sexo pecaminoso, raciocinava de modo sarcástico, e por isso estava sendo punida. A penitência era aquela vida insossa de casada, no lar claustrofóbico dos sogros, onde seu marido desenhava quadrinhos no quarto o dia inteiro, como fizera na infância, exceto pela tendência degenerada que ela vinha notando em seus desenhos. Hugh estava produzindo, para seu divertimento pessoal, histórias pornográficas de Dagwood e Blondie. Também trazia para casa revistas de sexo que não se preocupava em

esconder de Mildred nem da mãe, de quem outrora certamente as escondia.

A sra. Hefner, polida demais para meter o bedelho, nessa época não foi consolo para Mildred, a quem aliás não ocorreria discutir problemas conjugais com os sogros. Por mais próximos que vivessem fisicamente, continuavam emocionalmente distantes. Os Hefner saíam todas as manhãs em silêncio para os respectivos empregos, retornando ao final da tarde para usar a cozinha quando não estava sendo ocupada por Mildred e Hugh. Era uma casa de rotina e arrumação, ordem e controle rigorosos. Enquanto morou com eles, Mildred nunca os viu perder o autocontrole, nem por um instante. Nunca os ouviu gritar ou chorar, discutir ou bater o pé; também não testemunhou sinais de afeto, como um beijo à porta, um toque de carinho, uma palavra meiga. Mildred não deduzia disso uma ausência de afeição, mas uma rígida resistência a demonstrá-la. Em comparação com seus pais, expressivos e frequentemente combativos, os Hefner eram exemplos extraordinários de contenção e repressão.

Embora não imaginasse como esse comportamento teria afetado o segundo filho deles, que estava na universidade, acreditava ver muito de sua influência no marido. Como os pais, Hugh Hefner queria controle rígido sobre seu ambiente, sentia-se muito à vontade com a ordem. De sua mãe sueca pietista herdara o idealismo e os padrões; do germânico pai contador, a exatidão e o pragmatismo. Mas, diferindo deles, revelava emoções. Mildred sentira sua raiva, vira-o chorar. Identificava seus desenhos e revistas pornográficas como sinais de rebeldia contra sua criação e, percebendo a profundidade de sua

depressão depois do casamento, sugeriu que ele saísse de casa por um período, esquecesse temporariamente a carreira e, por que não, retornasse ao lugar onde fora feliz pela última vez, o campus da universidade, para tentar um mestrado.

Ele seguiu a sugestão em 1950, registrando-se na pós-graduação em sociologia na Universidade Northwestern. Mas a única coisa que fez na faculdade foi um longo trabalho a respeito das leis americanas sobre sexo, que segundo ele deveriam, em sua maior parte, ser abolidas, por serem antiquadas e autorizarem uma intervenção invasiva demais do governo na privacidade — como a lei então ainda em vigor em muitos estados que proibia sexo oral até mesmo entre marido e mulher. Apesar da nota alta atribuída à pesquisa, as conclusões não entusiasmaram o professor. Ao fim de um semestre Hefner, descontente, deixou a universidade e esforçou-se por recuperar o interesse pelo mundo exterior.

Empregou-se como redator de publicidade numa loja de Chicago, depois numa agência de propaganda: largou o primeiro e foi despedido do segundo. Foi então contratado pelo departamento de promoção da Esquire, Inc., que publicava a revista de mesmo nome, além de uma revista mensal sofisticada, em tamanho de bolso, chamada *Coronet*. Hefner logo se imaginou trabalhando numa atmosfera criativa, cercado por editores corteses e garotas de Vargas. Mas, na realidade, deparou com um lugar sóbrio, com funcionárias malvestidas e empertigadas, homens de vidas insossas, sem nada da verve que se encontrava nas páginas ilustradas. Uma tarde, quando tirou do bolso uma foto de Carmen Miranda rodopiando com as

saias levantadas e sem calcinha e mostrou-a para um executivo da *Coronet*, ele deu-lhe as costas, desinteressado.

Em 1951, a empresa anunciou que ia mudar o escritório de promoções para Nova York. Hefner, que tivera recentemente um pedido de aumento de cinco dólares recusado, demitiu-se e ficou em Chicago. Gostava de lá e estava melhor consigo mesmo, pois conseguira que um impressor independente publicasse duzentos exemplares de um livro de desenhos e cartuns seus sobre a cidade. Embora o livro não tenha dado lucro, as resenhas chamaram a atenção sobre Hefner, e ele previu o dia em que poderia lançar uma revista vistosa devotada à vida urbana de Chicago.

Nesse meio-tempo, arranjou um emprego de oitenta dólares por semana, vinte mais que seu salário na *Esquire-Coronet*, como gerente de promoções de um magnata do negócio de revistas chamado George von Rosen. Sujeito esperto e providente, não conseguira emprego no *Christian Science Monitor*, fora gerente de circulação de várias revistas de música e de uma publicação voltada para ministros protestantes; depois da Segunda Guerra Mundial, decidira tornar-se editor e prosperar no mercado cada vez mais popular de revistas para homens.

Durante a guerra, uma fortuna já fora ganha por editores de Nova York como Robert Harrison, cujas revistas — com títulos do tipo *Flirt*, *Titter*, *Wink* e *Eyefull* — tinham feito sucesso entre os pracinhas solitários. Mas Harrison, que era pessoalmente contra a nudez e se dedicaria, a partir de 1952, à publicação de *Confidential*, limitava suas revistas a fotos em preto e branco de

mulheres com maiôs, négligés e roupas de baixo levemente mais ousadas do que as que se viam nos anúncios de lingerie da revista de domingo do *New York Times*, uma das principais fontes de masturbação *sub silentio* do país.

Entre as outras revistas que ofereciam possibilidades masturbatórias antes de George von Rosen entrar no mercado, estavam as de cinema, que exibiam *starlets* de biquíni, as de aventura, que às vezes mostravam belezas em trajes sumários, a revista de nudismo familiar *Sunshine & Health* e publicações de ampla circulação, como *Life* e *Look*, que às vezes, de forma velada, superavam todas as outras na apresentação de fotografias sexualmente excitantes.

No final dos anos 30, ambas as revistas justificaram como fotojornalismo as controvertidas fotos que publicaram da atriz Hedy Kiesler nadando nua, com um mamilo exposto, de uma cena do filme tchecoslovaco *Êxtase*. A reação ao filme e à publicidade em torno dele foi tão sensacional que acabou proibido ou cortado por censores de toda parte; e, quando Hedy Kiesler se mudou para Hollywood, procurou mudar também de identidade, adotando o nome de Hedy Lamarr.

Em 1941, a *Life* publicou o que talvez seja a mais famosa foto de pin-up dos anos da guerra: Rita Hayworth de combinação de cetim rendada, ajoelhada numa cama; consta que sua pose afetada, estranhamente sensual — só rivalizada em popularidade pela foto de publicidade do traseiro de Betty Grable num maiô justo —, foi depois colada na bomba atômica lançada em Hiroshima. Em 1953, a fotografia publicada pela *Life* de Chili Williams, uma loira sorridente cujo maiô de bolinhas parecia estar

metido para dentro entre suas pernas, rendeu 100 mil cartas “febris” e à modelo um teste cinematográfico que resultou em alguns papéis pequenos em Hollywood.

Enquanto alguns editores achavam que a moda das pin-ups passaria quando as tropas voltassem para casa, George von Rosen acreditava que esses filamentos de fantasia tinham se infiltrado permanentemente na consciência erótica dos veteranos e, no pós-guerra, pôs em circulação uma variedade de revistas enfatizando três elementos que ele considerava essenciais: *guns, guts and girls* [armas, coragem e garotas]. Na época, as leis relativas a fotografias de mulheres nuas não estavam claramente definidas, dependendo da decisão final de litígios prolongados, como aquele promovido por grupos religiosos e autoridades postais contra a revista *Sunshine & Health*, que persistia em vender nas bancas e mandar pelo correio suas edições mensais contendo fotografias de nus sem retoques. A nudez total era obscenidade, afirmavam os Correios, mas os membros de associações de nudistas que sustentavam *Sunshine & Health* e consideravam-se praticantes de um culto, e não pornógrafos, acreditavam que a Primeira Emenda garantia seu direito a retratar o movimento nudista com acuidade, inclusive com seus pelos púbicos, em sua revista oficial.

Direitos semelhantes eram reivindicados por revistas nudistas não oficiais, uma das quais — *Modern Sunbathing & Hygiene* — era publicada por George von Rosen. Obedecia à política postal, que proibia pelos púbicos, e ao mesmo tempo apresentava seios e mamilos quase exclusivamente de corpos jovens de mulheres roliças, algumas das quais violavam a tradição nudista ao posar

sozinhas em interiores, longe das bucólicas reuniões familiares celebradas em *Sunshine & Health*, dando assim credibilidade aos rumores de que Von Rosen, quando não conseguia fotos de nudistas legítimas, não era avesso a usar strippers.

Mulheres que facilmente passariam por strippers apareciam com frequência na revista *Art Photography*, também de Von Rosen; mas, para assegurar aos censores seu propósito elevado, ficavam nuas em posições de estátua, como as donzelas despidas de mármore da escultura clássica, com faces inexpressivas e olhos inócuos evitando o contato direto com as lentes potencialmente lascivas da câmera.

Tal delicadeza não era esperada nem desejada por Von Rosen em suas revistas mais exibicionistas; desde que as modelos usassem algo que lembrasse roupa, ele achava que mereciam uma liberdade de expressão concomitante, com a opção de piscar para a câmera, olhar de soslaio, balançar as coxas, sorrir com a boca aberta.

Sua revista de maior sucesso começou em 1951, não muito antes de Hugh Hefner entrar para sua equipe. Chamava-se *Modern Man*, e a primeira garota da capa foi a atriz Jane Russell, sentada sorridente numa cerca, de short rasgado, malha justa e botas de couro. Embora o foco pictórico de *Modern Man* fosse voyeurístico, Von Rosen não se considerava um devasso, mas um homem de negócios que trazia para um mercado ansioso por mulheres fotogênicas a mesma eficácia neutra que caracterizara sua carreira quando vendia *Etude* para estudantes de piano e *The Expositor* e *Homiletic Review* para pregadores religiosos. Seu problema editorial inicial com *Modern Man* não era o que os

homens queriam ver, e sim o que desejavam ler, se é que desejavam ler alguma coisa. Ao mesmo tempo, para aplacar os censores, pretendia oferecer material com valor social redentor, contrabalançando os seios e as nádegas que enchiam fastidiosamente as páginas.

Von Rosen decidiu não publicar nenhuma palavra ou ideia próxima do pornográfico ou do politicamente controvertido, e o conteúdo editorial de *Modern Man* ficou semelhante ao que seria aceitável em revistas masculinas essencialmente assexuadas, como *True* e *Argosy*. No primeiro número havia um artigo sobre a atração por alpinismo; uma entrevista com o ator Dana Andrews sobre seu barco, com conselhos a respeito de navegação à vela; um artigo sobre carros feitos sob medida, como o Jaguar 1913; um ensaio fotográfico sobre a Place Pigalle de Paris; um guia de compras para colecionadores de armas clássicas. A reação dos leitores a esse último item e a artigos posteriores sobre coleções de armas e caça levou Von Rosen a criar depois revistas inteiramente dedicadas a esses temas. Se havia alguma coisa inovadora em *Modern Man*, talvez fosse a decisão de publicar na mesma revista fotografias de pin-ups joviais seminuas e de solenes modelos de arte totalmente nus, combinação que mais tarde seria imitada por Hefner em *Playboy*.

Desejando apresentar os exemplos mais respeitáveis de fotografias de nus artísticos, Von Rosen gastou milhares de dólares no primeiro ano de sua revista para comprar a obra de um húngaro ilustre chamado Andre de Dienes, que na década de 1930 tinha se especializado em fotografar arte europeia e esculturas expostas nas Tulherias, no Louvre e em outros

museus famosos. Muitas dessas fotos de esculturas clássicas tinham sido publicadas pela *Esquire* antes da guerra, mas, na época em que Von Rosen lançou *Modern Man*, os editores daquela revista estavam dando menos ênfase à excitação sexual que a marcara desde sua criação, em 1933. Achavam que as revistas de mulheres seminuas iriam se tornar anacrônicas na América do pós-guerra, quando tantos veteranos estavam aprimorando sua educação graças à Lei dos Pracinhas; além disso, a revista cansara de defender sua imagem libertina nos tribunais. Embora tivesse ganhado o principal processo de obscenidade instaurado contra ela pelo diretor-geral dos Correios Frank Walker, católico proeminente e presidente do Comitê Nacional Democrático, o litígio saíra caro e consumira tempo da revista, prolongando-se de 1942 a 1946.

Mesmo antes disso, a direção da *Esquire* fora intimidada por membros da Igreja. Num artigo publicado em *Ken*, uma das revistas subsidiárias da empresa, Ernest Hemingway fizera referências desabonadoras ao apoio da Igreja católica ao general Franco na Guerra Civil Espanhola; em consequência, a hierarquia católica estimulou os padres a denunciarem as publicações da *Esquire* nos sermões de domingo. Logo ocorreu um amplo boicote nas bancas às revistas *Esquire*, *Coronet* e *Ken*, o que apressou o fechamento dessa última. Assim, as fotos de nus de Andre de Dienes apareceram não na *Esquire*, mas em *Modern Man*, e o editor mais ousado dos Estados Unidos naquele momento era indiscutivelmente George von Rosen, que manteve a reputação até ser superado por Hefner em 1953, com a *Playboy*.

Entre Hefner e Von Rosen havia algumas semelhanças. Ambos tinham sido criados em lares puritanos do Meio-Oeste, eram filhos de contadores de ascendência alemã e eram organizados, ambiciosos e autocentrados. Von Rosen, onze anos mais velho que Hefner, era um homem esbelto, de olhos verdes, ativo, com as características ordeiras e metódicas de um comandante naval, controlando suas revistas como uma frota de navios. Exigia pontualidade rigorosa dos subordinados, limpeza em suas baias e tratamento formal. O ambiente na empresa era asséptico, e os homens e mulheres conservadores que ele empregava eram neutros em relação às fotos de nus e layouts que manipulavam, exatamente como Von Rosen, sendo nesse sentido bem diferentes de Hugh Hefner. Para Von Rosen, as revistas representavam uma operação eficiente e lucrativa; para Hefner, eram uma paixão.

Se essa diferença não ficava tão clara para Von Rosen, era porque ele não conhecia bem Hefner, e o que efetivamente sabia a seu respeito não o impressionava. Considerava medíocres os desenhos de Hefner, recusando-se a publicar um que fosse em suas revistas, e ficou um pouco chocado certa vez em que Hefner chegou ao escritório carregando um pacote e anunciando que continha um excelente filme pornográfico. Sua amável oferta de passá-lo para a equipe foi peremptoriamente recusada por Von Rosen, que não tinha vontade de ver aquele tipo de filme e irritou-se quando Hefner sugeriu mostrá-lo em horário de trabalho. Embora tivesse um desempenho adequado no departamento de promoções, Hefner transmitia a impressão de que estava envolvido com outros interesses e aventuras e que

seu destino jamais seria determinado por um único padrão. Essa atitude não agradava a George von Rosen. Se ele conhecesse toda a amplitude das preocupações de Hefner, ficaria mais perplexo do que perturbado e possivelmente se convenceria de que havia nele algo sexualmente bizarro.

Nessa época, Mildred estava grávida e o casal tinha finalmente mudado da casa dos pais de Hefner para um apartamento charmoso, na região de Hyde Park. Mas ele continuava insatisfeito com o casamento e estava tendo um caso com uma enfermeira com quem em breve faria um filme de sexo. Esse filme, que seria rodado no apartamento de um amigo e colaborador de Hefner, foi uma iniciativa privada que ele tomou por prazer e pela experiência, sem a ilusão de que se tornaria um diretor profissional, até mesmo de filmes pornográficos. Porém acreditava que sua carreira futura estaria de alguma forma relacionada ao sexo, pois esse tema dominava cada vez mais seu pensamento. Sua curiosidade aumentava: a vida sexual alheia intrigava-o quase tanto quanto a sua própria. Continuava a ler livros sobre leis sexuais e censura, costumes sociais e rituais do passado, as tentativas de reis, papas e teocratas como Calvino de controlar as massas, declarando certos atos de prazer proibidos ou passíveis de punição. Leu os clássicos da obscenidade, como Boccaccio, e as obras proibidas de Henry Miller que muitos pracinhas descobriram na Europa durante a guerra e contrabandearam para os Estados Unidos. Hefner examinava em livros de arte as reproduções dos nus executados pelos mestres, as obras de Leonardo da Vinci e Rafael, Ticiano, Ingres e Renoir, Rubens, Manet, Courbet e muitos outros que

retratavam o corpo com os genitais à mostra, os seios totalmente revelados, os olhos mais diretamente voltados para o observador do que Von Rosen permitiria em sua revista de arte fotográfica. Nesta seria difícil ver algo tão sugestivo como a pintura de Manet, de 1865, que mostra uma jovem nua de olhar quase malicioso, ou as duas mulheres nuas e voluptuosas retratadas por Courbet abraçadas na cama, ou a *Maja desnuda* de Goya, reclinada sobre almofadas com as mãos cruzadas atrás da cabeça, os olhos fixos no espectador, os pelos púbicos negros expostos.

Evidentemente, o que diferenciava isso daquilo que era publicado nas revistas masculinas resumia-se numa palavra: arte. Contudo, o que se definia como arte e o que se condenava como pornografia variava de uma geração para outra, dependia do público ao qual a obra se destinava. A arte do nu fixada nas paredes dos grandes museus fora criada para a aristocracia e as classes altas que a encomendavam, enquanto as fotos que apareciam nas revistas eram impressas para os homens comuns, cujo museu era a banca da esquina.

E era esse último grupo que os censores queriam proteger da indecência, bem como controlar, quando a Suprema Corte dos Estados Unidos, em 1896, condenou um editor chamado Lew Rosen, cujo periódico *Broadway* continha fotografias de mulheres qualificadas como indecentes. Foi a primeira condenação federal baseada na Lei Comstock, batizada em honra ao mais apavorante censor da história dos Estados Unidos, Anthony Comstock.

4.

Anthony Comstock era um evangélico vingativo, nascido em 1844 numa fazenda de New Canaan, Connecticut. A morte de sua mãe quando ele tinha dez anos deixou-o extremamente soturno; pelo resto da vida ele a idolatrou e, mais tarde, dedicou suas campanhas de purificação à memória dela.

Tendo se masturbado na adolescência tão obsessivamente a ponto de admitir, em seu diário, o temor de que isso o levasse ao suicídio, Comstock tinha uma consciência aterrorizante dos perigos inerentes às imagens e à literatura sexual e estava convencido de que as autoridades judiciais trataram do problema com excessiva brandura. Ainda que uma lei federal aprovada em 1842 proibisse a importação de cartões-postais franceses, ele vira muitas vezes essas pequenas imagens eróticas circulando entre soldados quando servira num regimento de Connecticut na Guerra de Secessão. E ficou igualmente estarrecido depois da guerra, em Nova York, com a presença dominante de prostitutas na baixa Broadway e os vendedores ambulantes de revistas e livros obscenos.

Embora não houvesse então leis federais contra publicações obscenas, no estado de Massachusetts desde o século XVII existiam regulamentos sobre obscenidade. Entretanto eles não a

definiam em termos sexuais, mas como palavras escritas ou proferidas contra a religião estabelecida. Até 1697, por exemplo, as penalidades contra a blasfêmia na colônia puritana de Massachusetts incluíam a morte; mesmo mais tarde, o estatuto determinou que os transgressores poderiam ser torturados por métodos como a perfuração da língua com um ferro em brasa. As leis da Colônia também proibiam a distribuição e a posse de literatura religiosa que expressasse opiniões quacres, e em 1711 criaram-se sanções para quem cantasse canções irreverentes, sendo os infratores às vezes presos a um pelourinho.

Em 1815, na Pensilvânia, pela primeira vez um homem foi acusado de obscenidade sexual, por ter exibido para venda o retrato de um casal “indecente”. Como isso não violava nenhuma lei americana, sua prisão foi justificada por uma lei inglesa existente desde 1663, o caso de *Rex versus Sedley*, em que Sedley foi multado e ficou encarcerado durante uma semana porque, bêbado, expusera-se nu na sacada de uma taverna, gritando obscenidades e jogando urina de uma garrafa nos outros clientes. Embora esse comportamento escandaloso parecesse ter pouca relação com o caso do americano flagrado mostrando uma imagem sexual, as autoridades legais da Pensilvânia julgaram ambos os atos exemplos de indecência pública, contrária à lei e às restrições morais da religião.

O primeiro livro erótico banido dos Estados Unidos foi uma edição ilustrada do romance inglês *Memórias de uma mulher de prazer*, de John Cleland, mais conhecido como *Fanny Hill*. Publicado em Londres em 1749 — e processado em Massachusetts em 1821, após ordem similar na Inglaterra —,

esse livro descrevia a vida social e sexual de uma jovem prostituta; entre os primeiros americanos que adquiriram um exemplar da obra estava Benjamin Franklin.

Não era incomum encontrar nas bibliotecas dos líderes coloniais americanos livros que poderiam ser classificados como sexualmente obscenos de autores como Ovídio e Rabelais, Chaucer e Fielding. Mas, tendo em vista que a leitura de livros naquela época era atividade quase exclusiva da minoria instruída, a necessidade de censura literária não era considerada tão importante quanto se tornou nas gerações seguintes, quando o cidadão comum ficou mais letrado, o número de gráficas aumentou e o domínio da religião sobre a vida cotidiana deixou de ser tão intenso como no início da colonização. À medida que se abriam mais escolas — inclusive a primeira escola pública, em 1820 —, aumentava a preocupação do governo com o tipo de livro que deveria estar disponível para os estudantes. Foi essa preocupação com a juventude e o desejo de protegê-la das influências corruptoras que Anthony Comstock expressou na década de 1860, quando procurou justificar suas campanhas de censura em Nova York.

Nessa época, depois da Guerra de Secessão, Comstock trabalhava sem entusiasmo, primeiro numa mercearia e depois como vendedor de produtos para mercearias, mas era um membro animado da Associação Cristã de Moços (ACM); foi com a ajuda dessa instituição que enviou petições persistentes às autoridades públicas para que reforçassem e fizessem cumprir as leis contra imoralidade e expressão sexual. Estava convicto de que imagens e livros eróticos eram a peste dos jovens e também

levavam os adultos à degeneração por meio da masturbação e da fornicação, do aborto e das doenças venéreas.

Embora muitos políticos concordassem com as conclusões de Comstock, havia alguma relutância em apoiá-lo porque seus métodos corretivos — que incluíam o uso de informantes, espiões e iscas, bem como a violação de correspondência — ameaçavam as liberdades constitucionais do país e eram parecidos com as práticas repressivas adotadas na Inglaterra para combater a imoralidade. Em 1864, o governo inglês, na esperança de eliminar as doenças venéreas, aprovou uma lei que obrigava as mulheres suspeitas de disseminá-las a se submeterem a exames médicos e usarem roupas amarelas até que fossem curadas. Nos hospitais, eram segregadas em seções especiais conhecidas como alas das canárias. Essa prática continuou por mais de vinte anos, até que o protesto das feministas conseguiu a revogação da lei.

Naquela época também havia na Inglaterra várias supostas curas para a masturbação, inclusive uma espécie de cinto de castidade que os pais podiam prender entre as pernas dos filhos à noite, na hora de dormir. Alguns desses dispositivos eram adornados com cravos do lado de fora, ou vinham equipados com sinos que soavam sempre que o jovem tocasse seus genitais ou tivesse uma ereção.

As sociedades de cidadãos contra a imoralidade abundavam na Inglaterra, perseguindo não somente prostitutas, adúlteros e supostos pornógrafos, mas também os editores de certos manuais de instrução sexual. Havia séculos que esses grupos existiam de uma forma ou outra na Inglaterra, sendo

particularmente visíveis na metade do século XVII, quando os puritanos de Oliver Cromwell derrubaram a monarquia e aboliram uma fonte pútrida de profanidade, o teatro. Mas na metade do século XIX, durante o reinado da rainha Vitória — quando o prazer do sexo secreto atingiu possivelmente seu auge e a pornografia proliferava —, as sociedades contra a imoralidade tornaram-se fanáticas, e sua atitude refletiu-se numa série de leis opressoras então aprovadas.

Havia uma lei que permitia ao governo realizar buscas em lojas particulares para ver se havia material obsceno à venda, e em 1868 o presidente do Supremo Tribunal da Inglaterra definiu obscenidade em termos tão restritivos que as autoridades poderiam proibir os adultos de ler qualquer coisa que parecesse imprópria para crianças. Segundo ele, obscenidade era tudo o que pudesse “depravar e corromper aqueles cujas mentes estão abertas a tais influências imorais e em cujas mãos uma publicação desse tipo possa cair”. Essa lei permitia também que os tribunais declarassem que um livro inteiro era obsceno mesmo que contivesse apenas alguns parágrafos sobre sexo, e o motivo do autor ao produzi-los era considerado irrelevante.

Ainda mais notável é o fato de que essa lei vitoriana de 1868 não só sobreviveu à governante mais duradoura da Inglaterra, que morreu em 1901, depois de mais de sessenta anos de trono, como também continuou a influenciar as condenações por obscenidade tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos até a metade da década de 1950. A nação americana, que se rebelara audaciosamente contra a pátria-mãe por questões econômicas e políticas, continuava subserviente à lei inglesa sobre sexo, e

ninguém teve mais sucesso no fortalecimento das raízes puritanas dos Estados Unidos do que Anthony Comstock, que se autoproclamava um “capinador no jardim de Deus”.

Sem que seus opositores conseguissem detê-lo, Comstock e seus seguidores da ACM apelaram vigorosamente ao Legislativo de Nova York e às autoridades federais de Washington para que combatessem a imoralidade com leis rigorosas. Era uma época propícia para isso. O governo federal, após o transtorno da Guerra de Secessão e diante do crime nas ruas e da pobreza — e os escândalos dos ricos tubarões —, estava ansioso por qualquer desculpa que desviasse a atenção de sua própria inépcia e corrupção e lhe desse maior controle sobre a população inquieta. Ademais, vários líderes empresariais e industriais, acreditando que a permissividade sexual desviava do trabalho a energia dos operários, eram favoráveis a uma regulamentação mais estrita da moralidade comum. Os grupos religiosos, cientes das prostitutas na rua e dos vendedores de literatura controversa, também achavam que eram necessárias reformas, que os escritores tinham se tornado ímpios demais — como o poeta Walt Whitman, que fora recentemente demitido de seu cargo no Departamento do Interior por ter escrito um “livro indecente” chamado *Folhas da relva*.

Coisa muito pior estava sendo publicada sem punição, sustentava Comstock. Como prova, exibiu diante dos congressistas desenhos de manuais de matrimônio, panfletos eróticos e retratos reveladores que ele descrevia, em conjunto, como um “abutre moral que se aproxima despercebido da nossa juventude, enfiando suas garras terríveis em seus órgãos vitais”.

Com o apoio de cidadãos influentes, como o fabricante de sabão Samuel Colgate e o banqueiro J. P. Morgan (que tinha sua coleção particular de pornografia), Comstock enfim persuadiu o Congresso, em 1873, a aprovar uma lei federal banindo dos Correios “todos os livros, panfletos, retratos, papéis, cartas, escritos e impressos obscenos, lúbricos, lascivos ou sórdidos, bem como qualquer outra publicação de caráter indecente”. A lei, assinada pelo presidente Ulysses S. Grant, incluía uma emenda que designava Comstock agente especial antiobscenidade do Departamento de Correios. Dois meses depois, a Sociedade de Nova York para a Repressão da Imoralidade, organização fundada por ele, ganhou poderes policiais da assembleia estadual, e Anthony Comstock, o direito de andar armado.

Nos anos seguintes, Comstock e sua sociedade aterrorizaram editores, prenderam centenas de cidadãos apanhados com literatura questionável e levaram quinze mulheres acusadas de imoralidade a se suicidar para não enfrentar a humilhação de um julgamento público. Entre as várias acusações contra elas estavam prostituição, realização de abortos, venda de dispositivos de controle da natalidade e — no caso de Ida Craddock — a redação de um manual de casamento chamado *A noite de núpcias*.

Um editor de Nova York chamado Charles Mackey foi algemado, mandado para a prisão por um ano e multado em quinhentos dólares por ter em estoque algo tão lascivo como *A arte de amar* de Ovídio. Um livreiro da rua Canal recebeu sentença semelhante por vender um exemplar do *Livro da natureza e guia do casamento* do dr. Ashton, que era vendido

normalmente nas livrarias de Nova York havia vinte anos. Um jovem jornalista da rua Chambers, estimulado por um cliente persistente disposto a pagar uma bela quantia por retratos eróticos, conseguiu as imagens e foi surpreendido pela informação de que o suspeito comprador era um informante de Comstock, o que lhe valeu um ano de prisão.

A maioria das condenações era obtida por meio de ciladas. Comstock ou seus associados apresentavam-se pessoalmente como clientes ou escreviam cartas registradas com pseudônimos, mandando dinheiro para comprar certos livros e panfletos que depois serviam de provas no tribunal. A venda e a divulgação de informações sobre controle da natalidade também eram ilegais, e muitos farmacêuticos desavisados foram parar na prisão por vender preservativo ou mesmo seringas de borracha que muitas mulheres usavam por motivos estritamente higiênicos.

Os estúdios fotográficos eram invadidos com frequência, e revistavam-se seus arquivos em busca de fotos eróticas; um expositor de estereótipos foi investigado e, mais tarde, preso porque mostrou para uma plateia interessada em arte algumas poucas fotos de estátuas clássicas nuas. Uma noite de 1878, Comstock e cinco companheiros da Sociedade visitaram um bordel na rua Greene, 224 e, depois de induzir três mulheres a tirarem a roupa por catorze dólares, sacou o revólver e prendeu-as por exposição indecente.

Havia relativamente poucos protestos contra as táticas de Comstock nos principais jornais, pois a maioria dos editores temia que a oposição a ele fosse interpretada como tolerância ao

crime e talvez os obrigasse a submeter sua própria vida privada ao exame de Comstock. Mas algumas publicações pequenas, representando a imprensa underground da época, foram veementes na cobertura das atividades de Comstock, em especial um jornal com escritório na baixa Broadway chamado *The Truth Seeker*. Tratava-se de um semanário editado pelo infatigável cético e agnóstico D. M. Bennett, cuja inspiração era Thomas Paine e cuja política editorial era favorável ao controle da natalidade, à tributação das propriedades da Igreja e ao respeito por liberdades que Comstock negava.

Em seus escritos, Bennett comparava Comstock a Torquemada, o inquisidor-geral da Espanha no século XV, e ao caçador de bruxas do século XVII Matthew Hopkins:

Hopkins estava investido de uma espécie de autoridade legal para espreitar vários condados da Inglaterra, agarrando suas vítimas onde pudesse encontrá-las, e Comstock foi investido de autoridade legal semelhante para espreitar alguns estados americanos, caçando suas infelizes vítimas da mesma maneira.

Uma vez que a obscenidade sexual era agora um crime federal — sujeito a multas de até 5 mil dólares e sentenças de até dez anos de prisão —, Bennett dizia que ela deveria ser definida pelo governo de modo claro o bastante para que todos os cidadãos a compreendessem tanto quanto entendiam o significado de outros crimes, como assassinato, estupro, arrombamento e falsificação. Infelizmente, o crime de obscenidade estava definido de forma

imprecisa e era, portanto, interpretado de diferentes maneiras por diferentes cidadãos, advogados e promotores, permanecendo nos códigos para ser explorado pelos poderosos sempre que precisassem, por qualquer motivo, inventar criminosos.

Se a circulação via correio de material sobre sexo devia ser impedida principalmente para a proteção moral dos jovens, como sustentava Comstock, então Bennett sugeria que toda a correspondência enviada a lares e escolas fosse inspecionada pelos pais, professores ou guardiães, e não por censores do governo e fanáticos religiosos. Bennett acreditava, como muitos proeminentes cétricos de seu tempo, que a religião organizada era opressiva, anti-intelectual e ideada para controlar e enganar as pessoas com promessas de paraíso póstumo, para quem obedecesse a suas doutrinas, e ameaças de inferno eterno para quem desobedecesse; e sua liturgia, baseada no mito, não era contestada pelo governo porque apaziguava grandes massas que poderiam rebelar-se nas ruas contra as injustiças da vida terrena.

Bennett considerava as principais Igrejas e o governo parceiros na perpetuação de um público submisso e na manutenção de seus privilégios. As Igrejas, que eram isentas de impostos e graças a isso acumulavam riqueza e propriedades, abstinham-se de condenar os atos eventualmente bárbaros de um governo em guerra, enquanto o governo oferecia policiais para apoiar a invasão da privacidade das pessoas pelas Igrejas. O presumido direito da religião de regular o que as pessoas faziam com seus próprios corpos na cama, julgar os modos e os objetivos do sexo, controlar como ele era representado em palavras e imagens,

evitar pensamentos impuros na mente dos paroquianos censurando o espectro de pecados — justificando assim o controle do pensamento — inflamava as paixões agnósticas de D. M. Bennett, que considerava tudo isso uma violação da base antiteológica sobre a qual os pais fundadores tinham estabelecido a Constituição americana.

Por seus constantes vitupérios sobre esse assunto, que cometia a temeridade de expressão em letra de fôrma, era inevitável que Bennett se chocasse com a lei. Isso ocorreu num dia invernal de 1877, quando Anthony Comstock em pessoa, acompanhado por um oficial de justiça federal, apareceu no escritório de Bennett com uma ordem de prisão. Duro e solene, acusou-o de ter mandado pelo correio dois artigos indecentes e blasfemos, ambos publicados no *The Truth Seeker*. Um artigo chamava-se “Como os marsupiais propagam sua espécie?”; o outro era “Uma carta aberta a Jesus Cristo”.

Bennett apresentou a Comstock uma defesa rápida de seu direito de publicar os artigos, acrescentando que nenhum dos dois era indecente ou blasfemo. O texto sobre marsupiais, escrito por um colaborador do jornal, era um artigo específico que respondia com exatidão e discrição à pergunta do título. A carta a Cristo, escrita por Bennett, questionava a veracidade da virgindade de Maria, mas Bennett acreditava que tinha o direito legal de fazer reflexões sobre esse milagre.

Se Comstock estava procurando obscenidade, havia muito dela na Bíblia, disse Bennett, e sugeriu a história de Abraão e sua concubina, a violação de Tamara, o adultério de Absalão, as explorações lascivas de Salomão. Impaciente, Comstock

mandou-o pegar o casaco; não queria mais saber daquela irreverência, e Bennett obedeceu, sendo levado prisioneiro ao escritório do comissário dos Estados Unidos, no prédio dos Correios, na esquina da Broadway com Park Row. Ali, foi fixada uma fiança de 1500 dólares e marcou-se audiência preliminar para a semana seguinte. Comstock esperava fazer de Bennett a primeira vítima da lei federal contra a profanação dos Correios.

Depois de pagar a fiança, Bennett entrou imediatamente em campanha por sua defesa e publicou novos ataques a Comstock e à lei. Muita gente animou-se a apoiá-lo, inclusive seu ilustre amigo e companheiro agnóstico, o advogado Robert G. Ingersoll. Tal como Bennett, ele crescera em Illinois, servira valorosamente no posto de coronel da cavalaria da União, motivado não pela guerra em si, mas por sua oposição à escravidão. Seus pais já eram abolicionistas militantes vinte anos antes da guerra; por isso seu pai, ministro presbiteriano, tivera de mudar de congregação, gastando mais tempo em debates desagradáveis com os frequentadores da igreja do que em culto comunal, situação que contribuiu para o ceticismo precoce do filho em relação às virtudes cristãs.

Depois da guerra, Ingersoll exerceu a advocacia e defendeu diversas causas radicais de sua época; sua aversão à censura fez dele inimigo natural de Comstock. Se este contava com o suporte do governo para censurar artigos como os publicados em *The Truth Seeker*, então Ingersoll estava ansioso por defender a causa de Bennett até a Suprema Corte, como informou ao diretor-geral dos Correios em Washington.

As provas contra Bennett não caracterizavam obscenidade ou lascívia e ele estava certamente sob a proteção da Primeira Emenda: não era provável que Comstock vencesse o caso na corte mais alta da justiça. Talvez, por ter reconhecido isso após a intervenção de Ingersoll, o diretor-geral dos Correios retirou a acusação contra Bennett.

A maioria dos cidadãos, se estivesse na situação de Bennett — tendo acabado de dobrar o governo e o terrível Comstock e prevendo uma possível vingança do censor —, passaria a viver com mais prudência. Mas não foi o caso: ele comemorou a ocasião em seu jornal aumentando as críticas a Comstock, clamando pelo fim da censura nos Correios e pedindo que se legalizasse a instrução sobre métodos contraceptivos. Também escreveu e publicou uma longa diatribe contra o cristianismo, descrevendo sua história como um massacre sagrado, conquistas sangrentas em nome de Cristo, enquanto os papas se entregavam a atos de libertinagem, incesto e assassinato.

Bennett retratou o apóstolo Paulo como um proselitista ímpio, um hipócrita que odiava as mulheres e que dera início à tradição antifeminina na Igreja católica. Descreveu Paulo II como um “pontífice vil, frívolo, cruel e licencioso, cujo maior prazer consistia em torturar hereges com brasas e instrumentos infernais de tormento”. Dizia que os jesuítas eram escudeiros de horrores secretos, chamava Martinho Lutero de homem de “violência insana” e Calvino de “fanático cruel e calculista”. Pio IV “encheu o palácio papal de cortesãs e belos meninos com o propósito de satisfazer suas paixões sensuais e aplacar sua lubricidade”; Pio VI era “culpado de sodomia, adultério, incesto e

assassinato”, e Sisto V “celebrou sua coroação enforcando sessenta hereges”. Depois de descrever nesses termos dezenas de papas, santos, reformadores, evangelistas e puritanos, Bennett concluía que Anthony Comstock “provou que é igual a quase todos os seus predecessores cristãos no trabalho de prender, perseguir, processar e arruinar seus irmãos da raça humana”.

Bennett publicou isso em 1878. No mesmo ano foi preso novamente por Comstock, mas a crítica religiosa não era mencionada no mandado, pois até mesmo um texto tão virulento poderia ser considerado defensável pela emenda da liberdade de expressão. Comstock tinha algo melhor, um panfleto estritamente sexual intitulado *Os jugos de Cupido* que defendia o amor livre, denegria o casamento, descrevia de modo favorável pessoas que viviam numa comunidade erótica sem restrições e perguntava destemidamente: “Por que deveriam os padres e magistrados supervisionar os órgãos sexuais dos cidadãos mais do que o cérebro e o estômago?”.

Embora Bennett não tivesse escrito ou publicado esse panfleto — era obra de um livre-pensador de Massachusetts, E. H. Heywood, que já estava na prisão —, dizia-se que ele o vendera, além de outras obras controvertidas, numa convenção perto de Ithaca, Nova York. Comstock estava convencido de que, dessa vez, as pessoas responsáveis que haviam defendido abertamente Bennett quando de sua primeira prisão não se disporiam a tanto.

Contando com o crescente sentimento público contra Comstock em seu quinto ano de cruzada contra a imoralidade,

Bennett conseguiu novamente, por meio de seu jornal, angariar um apoio considerável e ajuda financeira para defender-se. No entanto, o caso foi a julgamento, e um juiz severo — introduzindo na jurisprudência americana a lei inglesa de 1836 segundo a qual um trecho considerado obsceno e inadequado para leitores jovens bastava para condenar a obra inteira — deu a Bennett o veredicto de culpado por vender o panfleto. Ele foi sentenciado a treze meses de trabalhos forçados na penitenciária de Albany.

Milhares de cidadãos assinaram uma petição ao presidente Rutherford B. Hayes pedindo o perdão para Bennett e falou-se em apelar à Suprema Corte, mas esses esforços esmoreceram quando Comstock, que obtivera algumas cartas de amor escritas por Bennett, um senhor de sessenta anos, a uma mulher jovem, denunciou-o publicamente como adúltero devasso. Na prisão, Bennett admitiu que escrevera aquelas cartas, o que não favoreceu sua causa junto a algumas pessoas, inclusive a sra. Bennett e a esposa do presidente Hayes; consta que foi essa última que exortou o marido a ignorar a petição a favor do condenado.

Bennett cumpriu a sentença inteira de trabalhos forçados e ficou muito debilitado pela experiência. Depois de solto, foi para a Europa, deixando a editoria do jornal para um sócio que o dirigira durante sua prisão. Em 1881, publicou um livro intitulado *Um infiel no exterior*, coletânea dos artigos e comentários irreverentes que lhe deram um lugar no movimento de livres-pensadores dos Estados Unidos no século XIX — movimento que abrangeria, em gerações sucessivas, editores como Emanuel Julius, cujos controversos Little Blue Books iniciaram,

na década de 1920, a indústria de brochuras para o mercado de massa; Samuel Roth, que foi preso várias vezes entre a década de 1930 e os anos 50 por negociar com livros proibidos pelo governo; e Barney Rosset, que acabaria embaraçando as autoridades postais num caso judicial famoso.

D. M. Bennett morreu no ano seguinte à publicação de seu livro, mas seu perseguidor ainda viveu muito. Até sua morte, em 1915, Comstock mandou vários outros homens para a prisão, ficando particularmente gratificado, em 1896, quando a Suprema Corte confirmou a condenação de Lew Rosen, cuja publicação *Broadway* tinha viajado pelos Correios apresentando fotos de mulheres provocativas, cobertas parcialmente com negro-de-fumo que podia ser facilmente apagado pelo assinante, em casa. Embora os advogados de Rosen tivessem contestado as condenações de cortes inferiores com vários argumentos — inclusive o fato de que o exemplar de *Broadway* usado como prova fora enviado em resposta a um pedido-armadilha do governo e também a alegação de que Lew Rosen desconhecia a facilidade com que as mulheres fotografadas podiam ser privadas de sua cobertura de carbono —, a Suprema Corte apoiou a Lei Comstock, e Rosen foi obrigado a cumprir treze meses de trabalhos forçados.

A morte de Comstock não arrefeceu as acusações de pornografia, que continuaram sob o patrocínio dos censores postais, líderes religiosos, a associação contra a imoralidade de Nova York e organizações semelhantes em outras cidades, tais

como a Sociedade de Guarda e Vigilância de Boston e a Liga da Lei e Ordem de Chicago.

A Liga de Chicago era dirigida por Arthur B. Farwell, um descendente de puritanos da Nova Inglaterra cujo zelo missionário fora intensificado em sua juventude pela desalentadora notícia de que seu pai, um líder político, estava financeira e socialmente envolvido com certos escroques e trapaceiros de Chicago, bem como com uma conhecida dona de prostíbulo. A partir de então, Farwell afastou-se decididamente do pai e tornou-se igualmente intolerante em relação a qualquer cidadão que lucrasse com esquemas políticos, jogo, ou procurasse prazer no sexo imoral.

A maioria dos bordéis de Chicago foi fechada temporariamente em 1912, depois de insistentes petições da liga de Farwell; em 1915, ele conseguiu fechar os bares da cidade aos domingos. Durante a vigência da Lei Seca, implantada em 1919, a liga teve pouco sucesso no combate à parceria entre políticos e gângsteres que produziu os bares clandestinos e as guerras do uísque, em parte porque Chicago estava sob forte influência de grupos étnicos — principalmente irlandeses — que não consideravam a bebida um vício, embora, em matéria de sexo, talvez fossem mais puritanos que os próprios puritanos.

De fato, na década de 1920 — quando os pais metodistas de Hugh Hefner foram de Nebraska para Chicago —, os irlandeses católicos tinham como que substituído os carolas protestantes como Farwell no papel de vigilantes da moralidade sexual da cidade. A grande imigração irlandesa da metade do século XIX trouxera para Chicago uma variedade feroz de catolicismo

fundada no controle sexual e na ortodoxia, e a cidade passou gradualmente a refletir esses valores política e socialmente, tornando-se menos tolerante ao pensamento e ao comportamento não ortodoxos. Mesmo quando os irlandeses não controlavam a prefeitura — o que fizeram habitualmente desde os anos 20 —, a visão católica ortodoxa sobre moralidade e censura sexual foi reforçada pela preponderância de homens de origem irlandesa na assembleia estadual, na câmara de vereadores, na liderança de bairros, na promotoria, na polícia e no clero com ligações políticas. Os irlandeses obtiveram sucesso com mais rapidez do que outros imigrantes porque chegaram ao país conhecendo a língua local, estavam unidos por sua crença religiosa e eram politicamente experientes e organizados graças a sua luta contra os ingleses. Fortalecidos pelos casamentos dentro da mesma fé e pelo companheirismo político, lentamente tomaram conta da máquina do Partido Democrático a partir dos barracos do South Side, dos bangalôs operários e prédios que excluía os negros; desse meio vieram não apenas o prefeito Richard Daley, como também seus antecessores de origem irlandesa Ed Kelly e Martin Kennelly.

O bairro de Daley não era muito diferente de outras zonas de brancos habitadas por poloneses, tchecos, italianos ou judeus russos; em quase todas, os moradores eram socialmente conservadores, muito ligados à família e aos sindicatos, mais imutáveis e insulados do que os americanos de origem estrangeira que viviam em cidades mais liberais, onde os bairros não eram preservados como blocos de votos. Chicago era bem organizada, sólida, obstinada, uma cidade de gente que ficava

menos chocada com uma chicana política ou com o racismo extremado do que com uma tentativa do cinema local de passar um filme sexy.

Os filmes a que Hugh Hefner assistira na adolescência, quando era lanterninha do Rockne Theater ou frequentador de outras salas, tinham sido vistos antes por um conselho de censura da polícia de que em geral participavam donas de casa casadas com policiais. Quando Hefner estava no departamento de promoções de Von Rosen, o principal distribuidor de revistas da cidade recusava-se a trabalhar com seus produtos porque estavam voltados para o sexo e poderiam descontentar a prefeitura e os líderes religiosos. As revistas de Von Rosen eram distribuídas às bancas com prudência por motoristas de uma firma menor, mais faminta e mais ousada, conhecida no ramo dos transportes como um distribuidor “secundário”.

Em quase todas as grandes cidades americanas havia um distribuidor principal, que punha em circulação as revistas socialmente aceitáveis do mercado de massa, tais como *Reader's Digest* e *Ladies Home Journal*, e um distribuidor “secundário”, que pegava o que o outro preferia não tocar. Em Chicago, o secundário era a Capitol News Agency, cujo depósito, tal como acontecia com firmas semelhantes de outras cidades, ficava numa rua secundária remota e tinha janelas vedadas com tijolos para evitar que os bisbilhoteiros pudessem ver da calçada o que estava armazenado lá dentro. O motorista que chegava com o caminhão cheio de revistas tinha de tocar a campainha da porta lateral para identificar-se. Só então subiam a grande porta corrediça para o caminhão entrar no armazém, onde a

mercadoria era descarregada depois de trancarem a porta novamente. As caixas de revistas eram contadas e comparadas com a fatura. Algumas das caixas vinham de lugares distantes como Los Angeles e Nova York, transportadas por caminhões que circulavam pelas estradas secundárias do país, fazendo entregas ao longo da rota em lugares como Denver, Des Moines, Cleveland e Columbus. Depois que o caminhão grande ia embora, veículos menores da Capitol distribuía pela cidade a quantidade já combinada de revistas para determinados jornaleiros, alguns dos quais as vendiam por baixo do pano, ou em envelopes de papel sem identificação.

Embora a mercadoria da Capitol fosse transportada com tanto cuidado quanto o uísque contrabandeado em outros tempos — e talvez pelos mesmos motoristas —, nem todas as caixas continham publicações eróticas. A Capitol distribuía também algumas revistas acadêmicas e literárias, como a *Partisan Review*, que não vendiam o suficiente para interessar ao distribuidor principal. No depósito da Capitol encontravam-se ainda certas publicações políticas consideradas ofensivas pelas autoridades municipais e religiosas de Chicago, como o jornal comunista *Daily Worker*. Além disso, a distribuidora cuidava de todas as publicações de negros — *Ebony*, *The Negro Digest*, *Tan*, bem como do jornal de Chicago *Daily Defender*.

A Capitol News Agency foi fundada em meados da década de 1930 por um apostador em cavalos chamado Henry Steinborn, que no começo distribuía principalmente folhetos com informações e dicas sobre as corridas, mas que entregava também algumas revistas então consideradas obscenas ou

indecorosas — *Sunshine & Health*, *The Police Gazette*, *The Hobo News*, revistas para fãs do cinema com *starlets* de maiô e certas revistas confessionais femininas. Embora essas últimas não publicassem fotografias, muitos padres, achando que seu conteúdo centrado no pecado e nas revelações íntimas estimulava pensamentos lúbricos, exortavam as paroquianas a evitar sua leitura. (É interessante observar que o caso histórico, de 1868, na Inglaterra, em que se definiu pela primeira vez obscenidade — conhecido entre os advogados como a decisão Hicklin — saiu do processo contra um panfleto segundo o qual era frequente os padres ficarem tão excitados sexualmente ao ouvir confissões femininas que às vezes se masturbavam e até copulavam no confessionário com as paroquianas arrependidas.)

Com a popularidade das revistas masculinas durante a Segunda Guerra Mundial, o negócio da Capitol, como o de outras distribuidoras secundárias do país, cresceu muito. Em Chicago, ela distribuía as publicações de Robert Harrison (*Wink*, *Flirt*, *Whisper*, *Eyefull*) e de um outro editor de Nova York chamado Adrian Lopez (*Cutie*, *Giggles*, *Sir*, *Hit*). Depois da guerra, quando foi suspenso o racionamento de papel, surgiram novas revistas, como *Night and Day*, *Gala* e *Focus*, todas apresentando uma beleza alta e loira de maiô, a californiana Irish McCalla, e uma morena atraente e um tanto diabólica da Flórida, a dominadora Bettie Page. Essas duas mulheres, mais do que qualquer outra modelo, foram as amantes masturbatórias de milhares de homens no pós-guerra e continuavam populares na década de 1950, enquanto surgia Diane Webber, cada vez mais nua, em *Sunshine & Health* e nas revistas de Von Rosen.

Quando as publicações de Von Rosen se tornaram mais ousadas, revelando tudo menos os pelos púbicos, Henry Steinborn ficou preocupado com as inesperadas visitas da polícia a seu depósito. Mudou-se para outro local, um armazém maior, mas com um letreiro menor da firma acima da porta. Estava ganhando dinheiro pela primeira vez na vida, tinha dez caminhões percorrendo a cidade e mais bancas estavam aceitando as revistas masculinas. Com a venda de cada revista de cinquenta centavos, o jornaleiro lucrava dez centavos, e Steinborn, outro tanto. Milhares de revistas eram vendidas mensalmente em Chicago, e vários editores estavam contratando advogados como assessores, na esperança de que eles soubessem quanto do corpo feminino podia ser legalmente exibido nas fotos. Alguns davam opiniões, outros davam de ombros e diziam que a definição de obscenidade variava conforme o juiz; e os caminhões de Steinborn continuavam corajosamente a fazer suas entregas a bancas variadas e a uma pequena livraria localizada inicialmente na rua Dearborn, depois na rua Van Buren.

Na vitrine da loja havia uma seleção de brochuras e livros de capa dura que estavam disponíveis em qualquer livraria comum, mas no fundo da loja, embaixo do balcão, havia livros e revistas que só podiam ser fornecidos por uma distribuidora secundária.

Com o tempo, muitos clientes se deram conta da ampla variedade da mercadoria e passaram a visitar a livraria com frequência, acabando por conhecer os vendedores o suficiente para ganhar o privilégio de folhear as revistas sem precisar comprá-las. Mas a maioria dos clientes adquiria pelo menos uma

delas, levando-a escondida dentro do casaco ou num saco. E dois clientes, talvez os melhores da loja, compravam exemplares de quase todas as revistas masculinas à venda. Um deles era Hugh Hefner. O outro, mais jovem, chamava-se Harold Rubin.

5.

Sentado em seu escritório da *Playboy* naquele dia invernal de 1955, decidindo qual das fotografias de Diane Webber nua seria o pôster da edição de maio, Hugh Hefner podia ouvir o sino da catedral do Santo Nome do outro lado da rua. Eram seis da tarde, e o sino do ângelus lembrava aos fiéis, como fazia três vezes ao dia, o anúncio do anjo Gabriel à Virgem Maria: que, pelo milagre do não envolvimento sexual, ela seria a mãe do Messias.

Assim o catolicismo degradara o sexo, negando sua necessidade para os mais virtuosos. E essa doutrina de negação perduraria por séculos, durante os quais a Igreja exigiu celibato de seu clero, pregou castidade a seus paroquianos solteiros, santificou a cópula conjugal principalmente para a propagação da fé e canonizou mulheres como santa Inês, que preferiu morrer como mártir virgem a submeter-se à luxúria masculina.

Esse ascetismo estava, no mínimo, em desacordo substancial com o estilo de vida defendido do outro lado da rua pela revista *Playboy*; se Hefner tivesse pensado melhor no início, talvez escolhesse um escritório mais distante da gigantesca catedral gótica que dominava o quarteirão e lançava uma sombra de

desaprovação sobre o prédio de quatro andares da revista, no número 11 da rua East Superior.

Mas, tendo em vista que as grandes catedrais não podem ser construídas e mantidas sem grandes pecadores que as justifiquem, talvez aquela localização fosse apropriada para Hefner. Como a maioria dos pecadores impenitentes, porém, ele não podia contar com a bênção dos crentes e já provocara a ira do cardeal meses antes, com a publicação na *Playboy* de um conto do *Decamerão* de Boccaccio que descreve a vida carnal de um jardineiro de convento seduzido constantemente por freiras sexualmente agressivas.

A Igreja, que condenara essa história no século XVI, continuava com a mesma opinião em setembro de 1954, e Hefner, depois de um telefonema recriminador da diocese, pediu à Capitol que retirasse os exemplares da revista das bancas de Chicago e os redistribuísse em outras cidades. Hefner não queria uma escalada da oposição religiosa tão cedo em sua carreira de editor, assoberbado que estava com os problemas normais do negócio e tendo também percebido anteriormente sinais negativos que poderiam ter sido induzidos por queixas de membros da Igreja.

Os carteiros de Chicago, por exemplo, frequentemente atrasavam por vários dias a entrega da correspondência no prédio da *Playboy*, retendo os pedidos de assinatura, e o diretor-geral dos Correios negara à revista o privilégio de ser postada como correspondência de segunda classe (o que baratearia os custos), concedido normalmente às publicações, porque considerava *Playboy* obscena. A polícia era mais rigorosa na

fiscalização do estacionamento na frente do prédio da revista do que em outros lugares da cidade, multando e guinchando veículos sempre que possível. Certa ocasião, isso levou Anson Mount, um empregado da *Playboy*, a chamar a atenção do policial para um carro estacionado ilegalmente do outro lado da rua, nada menos que a limousine do arcebispo Samuel Stritch, de Chicago.

De início, o policial achou que Anson Mount estava brincando; mas, quando ele insistiu em que as leis de estacionamento deveriam valer igualmente para todos, o policial perguntou-lhe se queria registrar uma queixa oficial. Mount disse que sim e, depois que o formulário foi preenchido, assinou e apôs seu endereço. Uma semana depois, dois representantes do departamento de polícia, à paisana, visitaram-no em seu apartamento. Mount convidou-os para entrar, e um deles perguntou abruptamente: “O que você tem contra o cardeal?”.

Mount respondeu que não tinha nada contra o cardeal, e antes que pudesse dizer outra coisa o segundo policial, subitamente enraivecido, investiu contra ele, bateu-lhe na cabeça e jogou-o contra a parede. Em seguida, foram embora, deixando Mount atônito e confuso. Seu primeiro instinto foi apresentar queixa de agressão contra eles, mas depois julgou melhor não fazer isso. As consequências poderiam ser piores ainda, e um processo contra a polícia de Chicago seria perda de tempo e provocaria uma publicidade nos jornais nociva à revista.

Apesar da oposição, *Playboy* estava indo extremamente bem — era a revista que mais crescia nos Estados Unidos. Seu

sucesso fora tão rápido que as bancas de todo o país mal conseguiam mantê-la em estoque, e anunciantes que a haviam considerado um meio impróprio para a promoção de seus produtos agora reconsideravam essa opinião, sem imaginar que Hefner possivelmente rejeitaria sua publicidade.

Ele não publicaria nenhum anúncio que tratasse de preocupações masculinas como calvície, fraqueza física ou obesidade. Tendo feito uma pequena fortuna vendendo uma revista que enfatizava o prazer, que ligava mulheres nuas com jovens ativos que dirigiam carros esportivos e promoviam bacanais nas poltronas de couro de seus apartamentos de solteiro, Hefner não pretendia profanar seu sonho com anúncios que lembrassem aos leitores seus problemas de acne, halitose, pé de atleta ou hérnia. Acreditava na saúde resultante do hedonismo, era um otimista e pensava positivo. Se fosse diferente, jamais teria conseguido o que alcançou em dois anos.

Começara a *Playboy* em 1953, com um investimento pessoal de apenas seiscentos dólares. Obtivera o dinheiro com um empréstimo pessoal no banco, dando como garantia a mobília de seu apartamento. Tinha então 27 anos, vivia com sua esposa sexualmente distante e uma filha pequena chorona, dirigia um Chevrolet 41 dilapidado, mas era movido a fantasias douradas.

No ano anterior, largara seu emprego de oitenta dólares por semana na firma de Von Rosen para aceitar um cargo menos interessante, mas mais bem pago, numa publicação infantil que lhe dava mais tempo livre para pensar em sua própria revista. Hefner passara anos lendo e analisando todas as revistas de pin-ups, das mais grosseiras às mais acetinadas e sofisticadas, e

estava convencido de que sua ideia era diferente de todo o resto, até mesmo das revistas masculinas que Von Rosen produzia.

Os artigos da *Modern Man*, por exemplo, bem como os de outras publicações masculinas como *True* e *Argosy*, eram escritos para os homens de ação, interessados em caça e pesca, coleções de armas, mergulho oceânico, alpinismo, enfim, em aventuras ligadas à natureza e atividades que reforçavam a camaradagem masculina que tantos experimentaram durante a Segunda Guerra Mundial. Essas revistas ignoravam os interesses dos tipos urbanos como Hefner, que não gostavam de caçar e pescar e sonhavam morar um dia num apartamento moderno de solteiro, com som de alta-fidelidade, uma garota nova e um carro novo. Hefner associava aventura romântica com mobilidade social ascendente e prosperidade econômica, acreditando que os homens que tinham sucesso na cama também eram bem-sucedidos nos negócios. Embora isso fosse apenas uma teoria de Hefner, ele pretendia promovê-la em sua revista como nenhum outro editor estava fazendo naquela época.

Nas outras revistas, o sexo era apresentado, em geral, de modo deletério, como imoralidade ou escândalo. A revista masculina *Male* publicava mensalmente, na seção intitulada “Cidade do Pecado”, artigos que descreviam de modo deplorável a vida noturna em várias cidades americanas, com seus teatros de revista, clubes noturnos e bordéis, sempre acompanhados de fotografias de dançarinas exóticas e strippers.

As revistas de Robert Harrison retratavam o sexo como um comportamento bizarro; suas heroínas de salto alto, chicotes e caras amarradas ofereciam, na melhor tradição puritana, punição

pelo prazer. As revistas femininas escreviam sobre o sexo como problema, contratando médicos e conselheiros familiares para oferecer soluções ou consolo. A revista que mais atraía Hefner, *Esquire*, agora ignorava o assunto, e as que estavam saturadas de sexo — as *pulp magazines* mais baratas e os tabloides no estilo de *Esquire* — apresentavam-no como uma abominação a ser indefinidamente explorada, com títulos do tipo “Quão selvagens são as garotas de cidade pequena?”, ou “A verdade sobre o negócio do aborto”, ou ainda “O negócio multimilionário da pornografia”.

Para as manchetes sobre o tema, *smut* [obscenidade] era a palavra predileta dos editores dos grandes jornais metropolitanos, inclusive do *New York Times*, porque se adequava perfeitamente às suas restrições de espaço, atiçava o interesse dos leitores e sugeria desaprovação editorial. Nada agradava mais aos editores do que uma notícia que lhes permitisse expressar indignação moral e, ao mesmo tempo, satisfizesse seus interesses libidinosos. Um exemplo clássico do período do pós-guerra foi a cobertura incessante dada ao caso entre o diretor Roberto Rossellini e a atriz casada Ingrid Bergman na ilha de Stromboli, o que a levou a um exílio voluntário de Hollywood durante sete anos.

Enquanto Hefner planejava sua revista, as manchetes voltavam-se para revelações sexuais mais recentes, entre elas a operação de mudança de sexo de Christine Jorgensen, a rede de prostituição no café-society do herdeiro da margarina Mickey Jelke e o Relatório Kinsey de 1953 sobre as mulheres americanas. Segundo as estatísticas de Kinsey, cerca de 50% de

todas as mulheres e 60% das que tinham grau universitário haviam experimentado relações sexuais antes do casamento, e cerca de 25% de todas as esposas entregavam-se ao sexo extraconjugal. Mais da metade da população feminina se masturbava, 43% faziam sexo oral com homens, e 13% tiveram pelo menos uma experiência sexual com outra mulher que resultou em orgasmo.

Ao mesmo tempo que a imprensa nacional noticiava as descobertas de Kinsey com detalhes, vários editorialistas consideravam-no quase um pornógrafo e o conservador *Chicago Tribune* denunciava-o como uma “ameaça real à sociedade”. Alguns jornais, achando que os fatos iriam ofender seus leitores, censuraram o relatório em seu noticiário — o *Philadelphia Bulletin* foi um deles —; outros, que planejavam publicá-lo em capítulos, foram dissuadidos por grupos religiosos. Apesar da controvérsia, a pesquisa de Kinsey foi aceita com respeito pelas comunidades científica e acadêmica e inspirou um obstetra chamado William Masters a iniciar sua própria pesquisa sobre a reação sexual humana.

Para Hefner, o relatório confirmava o que suspeitava havia muito tempo: as mulheres estavam se tornando cada vez mais sexualizadas, e a geração do pós-guerra, da qual ele fazia parte, estava se rebelando em silêncio contra os padrões que prevaleciam quando seus pais eram jovens. Com uma certa melancolia, Hefner via seus pais como relíquias amorosas da era vitoriana, monógamos e previsíveis, e sua mãe provavelmente fora uma das últimas noivas virgens. Sua esposa não a igualava em virtude, ou limitação, e o próprio Hefner era um pouco

ambivalente com relação à tendência feminina à ousadia sexual. Por um lado, considerava-a bem-vinda, já a desfrutara e pretendia tirar plena vantagem dela sempre que pudesse; por outro, ainda se entristecia lembrando o caso de Mildred durante seu noivado — ela deixara de ser tão especial, ficara manchada pelo lapso e, em parte por causa disso, seu casamento não cumprira a promessa romântica da corte na universidade, e agora o divórcio parecia inevitável.

Hefner não era o único desiludido com o casamento: Mildred também se sentia assim, como vários casais jovens que antes tinham conhecido na universidade e que estavam se divorciando ou separando. Muitos casais da geração de Hefner pareciam descontentes e entediados, infelizes em seus ternos de flanela cinza, morando em casas suburbanas, e jovens demais para sossegar nos conformistas anos 50, entrar para um clube de campo e animar-se com a liderança presidencial de um velho general que patrulhava campos de golfe num carrinho.

Muitos jovens que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial foram estragados por sua glória e tornaram-se suas vítimas românticas. Para eles, além de uma provação, a guerra fora uma grande aventura, uma fuga do bairro para um evento internacional. Ao retornarem para a vida civil, frustraram-se com a chatice de seus empregos e não se excitavam com as mulheres com quem tinham se casado, em alguns casos às pressas, durante uma licença militar, em outros na sequência de uma longa e respeitosa correspondência que aliviara a solidão

dos alojamentos, mas criara uma falsa sensação da familiaridade e compatibilidade.

Para as mulheres, teria sido quase impatriótico não escrever durante a guerra para os pracinhas, expressando encorajamento, esperança e mentiras amorosas, sugerindo que se mantinha em casa uma fidelidade sexual que frequentemente era tão fictícia quanto a de seus amados no exterior. A guerra foi sexualmente libertadora para as mulheres, em particular para aquelas que se aventuraram no mercado de trabalho em expansão e foram para fábricas ou escritórios distantes da influência restritiva dos lares paternos, dos parentes e das paróquias. Foram as primeiras mulheres a ganhar salários equiparados aos dos homens, com que alugavam seus próprios apartamentos; saíam com diferentes homens e aprendiam tanta coisa sobre si mesmas que teriam espantado suas mães donas de casa, se não o dr. Kinsey. Enquanto escreviam cartas para os homens que amavam, faziam amor com homens que não amavam. Junto com essa variada experiência e experimentação, desenvolveram uma tolerância e uma compreensão que no futuro contribuiriam para sua permissividade no papel de mães, permissividade que seria condenada pelos moralistas dos anos 60.

Nos anos 40, a popularidade do esforço de guerra e a convulsão social imposta e permitida por esse esforço desculparam temporariamente as aventuras ocasionais e a licenciosidade sexual da geração. A guerra fabricou sua própria moralidade, tal como fez seus bombardeiros e navios de guerra. A causa aliada parecia tão correta que o cardeal Spellman, de Nova York, borrifava água benta nos aviões militares americanos

antes de seus ataques às cidades do inimigo; e as mulheres das zonas de guerra estavam tão destituídas que entregavam seus corpos aos pracinhas em troca de alimentos enlatados e cigarros. O onipotente governo de Washington, em nome da segurança nacional, fazia da imprensa sua propagandista, mostrando o bombardeio de Hiroshima como um holocausto sagrado. Muitos anos se passariam até que a imprensa superasse a crença no governo e analisasse com ceticismo as intrigas da Guerra Fria na capital e as intervenções militares na Ásia.

Mas o término da Segunda Guerra Mundial logo acabou com o papel de conquistador assumido por milhares de americanos de cidades pequenas e grandes, jovens que, não podendo mais se identificar pessoalmente com as manchetes históricas, aos poucos recuaram para os problemas relativamente secundários da paz e de suas batalhas privadas. Guardaram o uniforme como lembrança das doces seduções e saudações vividas no exterior e do respeito que lhes fora concedido na praça principal e voltaram para a sala de aula como alunos médios, ou retomaram empregos que durante a guerra talvez tivessem sido ocupados muito bem por mulheres.

Para esses homens, era tempo de se reajustarem a uma nação desmobilizada que os pressionava a se estabelecer, obter um empréstimo imobiliário e criar família. Muitos adaptaram-se a isso com rapidez e impaciência e, fortificados pelas engenhocas do tipo faça você mesmo e os símbolos de status da economia do pós-guerra, foram para longe do centro da cidade e familiarizam-se pela primeira vez com gramados, trens e as delícias anestésicas do martíni seco. Mas homens como Hefner

queriam mais, algo diferente, uma rota alternativa através da vida civilizada, distante dos trilhos urbanos e das estradas que seriam mapeadas por Kerouac. Hefner não queria avançar com as massas, mas para dentro de si mesmo, e recomeçar a vida num estilo peculiarmente seu.

Para ele, sua vida até então fora um erro. Jogara dentro das regras e perdera. Formado por um lar conservador, conformara-se na escola, tornara-se um cidadão comum. Depois do Exército, completara a universidade em dois anos e meio, casara-se com sua namorada do campus, tivera uma filha. Incapaz de obter sucesso como cartunista, aceitara uma série de empregos convencionais numa empresa de papelão, numa agência de publicidade, numa loja de departamentos e em três editoras de revistas. E agora, em 1953, aos 27 anos, tinha um casamento em crise e um Chevrolet 41.

Enquanto seus contemporâneos pareciam destinados aos cabelos grisalhos prematuros em empresas tranquilas, Hefner relia as histórias da Era do Jazz de seu escritor favorito, F. Scott Fitzgerald, e pensava na riqueza da vida, nas coisas cintilantes e nas várias mulheres com quem poderia partilhar o néctar de novos amores. Queria riqueza, poder e destaque sem as restrições que costumam acompanhar a realização desses objetivos. Projetava aventuras sem limites nos negócios e no amor; em suas caminhadas noturnas pela cidade, quando olhava para os edifícios de luxo às margens do lago e via novamente mulheres às janelas, tinha a sensação de flutuar com as mesmas emoções otimistas da juventude, do tempo em que era

lanterninha de verão no cinema Rockne, quando mergulhava no filme, e tudo parecia possível.

Mas nem nos momentos mais inspirados dessas caminhadas ele poderia imaginar que, em pouco mais de uma década, um dos arranha-céus mais imponentes de Chicago seria seu, que o símbolo da *Playboy* estaria no topo de um prédio de 37 andares, muito acima da cruz dourada da vizinha catedral do Santo Nome. Esses pensamentos estavam além da sua imaginação porque, ao desenhar o primeiro layout da revista *Playboy*, no verão de 1953, ele não tinha ideia de quantos homens de sua geração compartilhavam seus sonhos e desejos. De início, calculava que a revista teria um público aproximado de 30 mil leitores, e chegava a essa estimativa empolgado pela aquisição dos direitos de publicar a famosa fotografia de Marilyn Monroe nua.

Essa foto era uma das várias para as quais ela posara em 1949, quando era uma atriz pobre em Hollywood. Quando Hefner leu em *Advertising Age* que elas pertenciam a um fabricante de calendários da periferia de Chicago, foi de carro até o endereço e, sem ter marcado entrevista, entrou para ver o proprietário e comprar por quinhentos dólares a foto que considerava a mais sexy: Marilyn estendida sobre veludo vermelho, olhando atrevida para a câmera, com a boca aberta, os olhos semicerrados e sem nada, como ela lembrou mais tarde, “exceto o rádio ligado”.

Embora o preço de quinhentos dólares, visto em retrospecto, pareça uma ninharia, a oferta de Hefner na época foi a única que o fabricante de calendários recebeu, possivelmente porque apenas Hefner estava disposto a assumir o risco de publicar numa revista uma foto colorida de página inteira de uma atriz

cujo erotismo transgredia claramente os padrões dos modelos nus das revistas de arte fotográfica. A compra da foto deixou Hefner com apenas cem dos seiscentos dólares que tomara emprestados, mas deu-lhe um excelente ponto focal em torno do qual podia criar sua revista, e isso, junto com seu entusiasmo contagiante, trouxe mais receita de outros investidores.

Um dos primeiros investidores, que comprou 2 mil dólares em ações da nova empresa de Hefner, foi seu amigo íntimo Eldon Sellers, ex-piloto da Força Aérea, que já havia colaborado com ele antes, na realização de um filme de sexo. Na época do filme, Sellers tinha se separado da esposa e estava trabalhando como investigador de crédito para Dun e Bradstreet; depois da compra das ações, tornou-se gerente de negócios de Hefner. Foi Sellers quem sugeriu o título *Playboy* para a revista, lembrando que muitos anos antes sua mãe tivera um automóvel com esse nome. Hefner já anunciara que sua revista se chamaria *Stag Party*, mas uma carta ameaçadora de um advogado representando uma revista de pin-ups denominada *Stag* levou-o a aceitar imediatamente a sugestão de Sellers, acreditando que *Playboy* evocava o espírito fervilhante dos anos 20 e a era fitzgeraldiana com que se identificava tanto.

Outro investidor inicial, que entrou com quinhentos dólares, foi Keith Hefner, o irmão mais moço de Hugh, que folheava revistas masculinas com a mesma avidez. Sua mãe, embora silenciosamente estarecida com a carreira escolhida pelo filho mais velho, deu-lhe mil dólares, e seu pai depois seria o contador da revista.

Antes da efetiva publicação de *Playboy*, Hefner conseguiu reunir cerca de 10 mil dólares com a venda de ações, e alguns escritores, ilustradores e um gravador aceitaram ações como pagamento por suas colaborações para a revista. Depois de ler o prospecto de Hefner e sua descrição da foto de Marilyn Monroe, dezenas de distribuidores secundários de revistas de todo o país, alguns dos quais ele conhecera quando trabalhava com Von Rosen, decidiram fazer grandes pedidos do primeiro número. No verão de 1953, esses pedidos já ultrapassavam a meta de 30 mil prevista por Hefner. No outono, o número estava perto dos 70 mil. Embora todas as revistas pudessem ser devolvidas se não fossem vendidas nas bancas, a quantidade impressionante de encomendas era uma indicação do sucesso futuro e possibilitou a Hefner ganhar crédito generoso da firma que iria produzir *Playboy*, numa gráfica a 130 quilômetros de Chicago.

O primeiro número, que trazia na capa uma foto de Marilyn vestida, tinha 48 páginas e, como era previsível, foi editado para o homem urbano que, como Hefner, via felicidade no celibato e era cético em relação ao casamento. O artigo principal, intitulado “Miss Exploradora 1953”, falava com simpatia dos homens divorciados forçados a pagar pensões injustas. Havia também um conto de Boccaccio sobre adultério, ilustrações ousadas inspiradas no relatório Kinsey sobre mulheres e um ensaio fotográfico que mostrava casais jovens tirando a roupa numa sala, enquanto jogavam “strip quiz” — segundo a legenda de Hefner, um passatempo perfeito para pessoas “entediadas e blasés”. O próprio Hefner tentara esse jogo com Mildred e outros casais em seu apartamento, mas a retirada de roupas não fora

longe o suficiente para excitá-lo. Recentemente, pensara numa troca de casais e, embora ainda não tivesse feito a proposta a Mildred, sabia que sua disposição para partilhá-la com outro homem marcava o fim de sua possessividade, seu ciúme e sua atenção profunda.

Além do nu em cores de Marilyn Monroe que iluminava o pôster, a edição continha um cartum de Hefner, uma página de piadas, um ensaio fotográfico em preto e branco de mulheres tomando sol nuas na Califórnia, um artigo sobre futebol americano e outro sobre os irmãos Dorsey, músicos que tinham atingido a fama pela primeira vez na época em que Hefner estava no colégio. Os textos mais profissionais eram de autores mortos havia muito tempo: Arthur Conan Doyle e Ambrose Bierce, cujas histórias Hefner não precisou comprar, pois datavam do século XIX e já eram de domínio público.

Não foi somente o orçamento apertado que o forçou a publicar obras antigas de escritores conhecidos; Hefner gostaria de ter contos de autores mais modernos, mas os agentes e editores deles rejeitaram-no. Não conseguiu permissão da revista *The New Yorker* para republicar “O maior homem do mundo”, de James Thurber, porque a sua revista não tinha “reputação estabelecida”. A editora Scribner’s recusou seu pedido de publicar um conto de Hemingway porque a *Playboy* ainda não havia “demonstrado seu caráter”. Quando fez contato com a Random House para obter os direitos de reimpressão de “Dias”, de John O’Hara, a editora pediu mil dólares, muito acima do que Hefner podia pagar. Posteriormente, ele ofereceria mais dinheiro

aos autores por suas obras do que qualquer outra revista americana, com a possível exceção da *New Yorker*.

Porém, antes do primeiro número, Hefner sentiu em relação a sua revista a mesma incerteza que costuma assaltar os editores já estabelecidos, em especial no que se referia à reação da justiça e do público. Isso, sem dúvida, influenciou sua decisão de omitir seu próprio nome do expediente da publicação e não pôr data na capa. Se a revista não se vendesse no primeiro mês, esperava que permanecesse nas bancas até que a maioria dos exemplares fosse comprada.

Playboy ficou pronta para impressão em outubro de 1953. Hefner, Eldon Sellers e Art Paul — que aceitara ações em lugar de salário para fazer o projeto gráfico da revista — foram até a gráfica em Rochelle, Illinois, para fazer as correções de última hora e ver os primeiros dos 70 mil exemplares saírem da máquina. Hefner estava agitado, pelo júbilo e a fadiga, e deprimido: a revista estava agora totalmente fora de seu controle. O homem encarregado de distribuí-la em todo o país, um antigo empregado de Von Rosen chamado Jerry Rosenfield — que também investira dinheiro no negócio —, estava otimista em relação às vendas, mas, tanto quanto Hefner, não sabia bem o que esperar. Se vendessem apenas 10 mil ou 15 mil exemplares e mais de dois terços fossem devolvidos, Hefner iria imediatamente à falência, e a revista não teria um segundo número. Ele precisaria procurar emprego, levaria anos para pagar os empréstimos pessoais, e o banco ficaria com sua mobília. Voltou para casa naquela noite tentando não pensar nisso.

Tinha de presumir que haveria um segundo número e durante o resto da semana trabalhou no novo layout. Já tinha um nu colorido de uma modelo razoavelmente atraente, embora desconhecida, para ser o pôster. Obtivera também vários nus artísticos em preto e branco de Andre de Dienes. Disponha de uma ampla seleção de contos de domínio público, alguns artigos jornalísticos e, evidentemente, um suprimento infindável de seus próprios desenhos.

Mildred foi muito encorajadora e tolerante nesse período; jamais se queixava, embora o chão da sala de seu apartamento estivesse tomado por fotografias de nus, e todo dia os colegas de seu marido entrassem e saíssem da cozinha discutindo sexo e mulheres enquanto ela tentava cuidar do bebê.

Em menos de um mês, o primeiro número chegou às bancas de Chicago e Hefner saiu de casa para fazer uma ronda e ver como iam as vendas. Foi de banca em banca, observando à distância as pessoas que folheavam a revista. Aproximava-se da banca, pegava um exemplar de *Playboy*, examinava-o como se fosse a primeira vez e, se o vendedor não estivesse olhando, mudava sua revista para uma posição melhor, mais à frente, ou ao lado da *New Yorker* e da *Esquire*, longe da *Modern Man*. Gostaria de poder promover pessoalmente a revista para os passantes, fazer um discurso na calçada anunciando sua chegada. Às vezes, via um homem pegar um exemplar e folheá-lo. Se o comprava, Hefner tinha um surto de euforia silenciosa.

Depois de uma semana, teve a impressão de que as pilhas de *Playboy* estavam menores na maioria das bancas que visitava. Após duas semanas, recebeu um telefonema entusiástico de

Jerry Rosenfield, dizendo que a edição estava vendendo muito em todo o país e que ele definitivamente devia prosseguir com o segundo número. Hefner soube então que *Time* e *Newsweek* tinham publicado comentários favoráveis sobre o primeiro número e que segundo *The Saturday Review* a nova revista “faz as edições antigas da *Esquire*, em seus dias mais desinibidos, parecerem boletins comerciais da União Antialcoólica das Mulheres Cristãs”. No final do mês, quando mais de 50 mil exemplares estavam vendidos, o velho carro de Hefner pifou; sentindo-se subitamente rico, comprou um Studebaker novinho em folha. Ao entregar o segundo número para a gráfica de Rochelle, inseriu a data na capa — janeiro de 1954 — e pôs seu nome no topo do expediente. Ele era o editor e *publisher* da *Playboy*, e agora desejava que todos soubessem.

A ascensão meteórica da revista afastou Hefner do casamento e conduziu-o para a fuga atraente e as exigências desafiadoras das datas de fechamento mensais. Depois do quarto número, Mildred passou a vê-lo pouco, pois ele transferiu sua equipe de sete pessoas para o prédio defronte da catedral. Estava obviamente obcecado com a revista, trabalhava dia e noite, dormia fora de hora no quarto situado atrás do escritório. Quando Mildred o informou de que estava grávida de novo, mal se interessou, apenas alugou um apartamento grande, num prédio próximo do lago. Mas não se mudou para lá com ela.

Não caminhava mais pelas ruas à noite, permanecendo no prédio da revista durante dias e até semanas. Tinha suas roupas ali, mandava buscar comida, mandava buscar garotas, fazia

amor no quarto atrás do escritório e depois voltava à escrivaninha para ler originais, escrever legendas de fotos e títulos de matérias, examinar os slides coloridos de possíveis *playmates*.

Certo dia foi fotografado em sua mesa de trabalho examinando fotos: parece pálido e desnutrido, com o rosto magro e olheiras como se não tivesse dormido a noite inteira. Os cabelos estão curtos, no estilo dos executivos jovens dos anos 50, mas as roupas caem mal. Embora esteja de gravata nessa foto, sua roupa de trabalho consistia geralmente de camisa esporte, calças escuras, mocassins e meias brancas de lã. Alguns membros da equipe supunham que os mocassins e as meias eram sua maneira de prolongar a aparência descontraída dos tempos de universidade, mas a verdade é que, no Exército, pegara um fungo nos pés. Ainda que essa foto não o favorecesse como representante de uma revista que esperava atrair anúncios de moda masculina, foi publicada na edição do primeiro aniversário da *Playboy*, em dezembro de 1954, ocasião em que se celebrou a impressão de 175 mil exemplares.

O introvertido Hefner começava agora a revelar-se em suas páginas, não apenas nas fotos de si mesmo que publicava, ou nas colunas em que expressava suas opiniões, mas — quando a revista dobrou novamente sua circulação e receita — também inserindo provas de sua existência no fundo das fotos de nus feitas com exclusividade para *Playboy*. Na fotografia de uma garota no chuveiro, o pincel de barba e o pente de Hefner aparecem na pia do banheiro, e sua gravata está pendurada perto do espelho. Embora registrasse nas fotos somente a ilusão

de ser amante das modelos, previa o dia em que, com o poder crescente da revista, iria possuí-las de fato, sexual e emocionalmente; realizaria o sonho dos leitores, bem como o seu próprio, tocando, conquistando e finalmente penetrando a desejável *Playmate of the Month*.

Mas antes tinha de torná-las mais desejáveis para si mesmo, criar no pôster uma aparência e uma atitude que fossem atraentes para seu próprio gosto por virgens; ao reconhecer isso, logo percebeu a contradição: parecia coisa dos frequentadores da catedral do outro lado da rua, que desaprovavam seu negócio. Contudo, essas contradições e paixões complexas faziam parte de sua natureza: ao mesmo tempo que adotava uma filosofia de liberação sexual, sofria de um complexo de Virgem Maria e, nesse sentido, era um representante típico de muitos homens de sua época.

Eles queriam que suas mulheres fossem virginais, devotadas, eternamente fiéis, mas passavam a vida pensando em outras mulheres, observando-as nas praias, nos parques, nas ruas, molestado-as mentalmente, ou espiando-as nos quintais, pelas janelas de edifícios, enquadrando-as em fantasias excêntricas. Hefner crescera num país que dividia as mulheres em duas categorias: as “boas meninas”, assexuadas, e as “meninas más”, que tinham sexo. Embora desejasse essas últimas, não conseguia se imaginar romanticamente envolvido com elas. Mas durante seu namoro com Mildred fora forçado a redefinir a natureza sexual da mulher moderna. Ele sabia que uma estudante recatada e graciosa como Mildred posava nua, fazia

felação num ônibus e tinha um caso secreto com um homem enquanto estava noiva de outro.

Essa era a nova mulher dos anos 50, de aparência saudável e sexualmente imprevisível, que ele esperava revelar em imagens, como Kinsey fizera em estatísticas. Queria que *Playboy* desvelasse as “boas meninas” e evitasse, se possível, as *starlets* que lutavam por um lugar ao sol, as modelos profissionais e as semimundanas. Apesar de seu sucesso, as fotografias de Marilyn Monroe tinham sido vistas por muitos críticos da revista como um ato desesperado de uma atriz sem talento; nas quinze edições seguintes da *Playboy*, Hefner raramente divulgou o nome das modelos do pôster, embora em geral soubesse quem eram. Uma delas foi Jayne Mansfield, uma vênus platinada voluptuosa que pretendia ser a próxima Marilyn. Outra foi Bettie Page, cujos cabelos negros com franja lembravam os de Mildred, mas que estava mais fixada na mente de Hefner por causa das fotos underground que outrora tinham servido para suas masturbações.

Agora no entanto ele queria outro tipo de *playmate*, que pudesse fazer parte de sua vida pública, desfrutável tanto sexual como socialmente. O único problema era descobrir a jovem mulher média, com a aparência certa, que se despisse para *Playboy*. A aparência de vida californiana ao ar livre de Diane Webber era o melhor que ele encontrara até então, e ela estaria no pôster do mês de maio, com seu nome e uma breve biografia. Mas Hefner sabia que Diane já aparecera em outras revistas e não era a virgem de câmera que estava procurando.

Hefner queria descobrir uma mulher nova, convencê-la a posar depois de conquistar sua confiança e então, se necessário, remodelá-la de maneira que se identificasse com seu gosto. Tal como a garota Gibson da década de 1890, a garota Ziegfield dos anos 20, a garota Goldwyn dos anos 30 e a modelo Powers dos anos 40, ele esperava criar a garota Hefner dos anos 50. Ela seria despreziosa, saudável e não intimidante, a garota bonita normal que os homens viam todos os dias nas grandes e pequenas cidades: a secretária sorridente, a aeromoça, a filha do banqueiro, a líder da torcida universitária, a Queridinha da Sigma Chi, a garota da porta ao lado — e Hefner queria sentir que ela lhe pertencia.

Seu plano era que, depois de estreitar, na *Playboy*, ela não posasse para outras publicações, que fosse monógama com sua revista, pelo que seria muito bem paga. Para garantir sua exclusividade, Hefner planejou pagar as novas *playmates* em cheques mensais, enviados durante dois anos. Nesse período, elas permaneceriam associadas à revista, talvez ganhassem um dinheiro extra fazendo aparições públicas diante de anunciantes e assinantes e dariam credibilidade ao estilo de vida extático que Hefner pretendia estabelecer a sua volta.

Já tinha alguém em vista para ser a primeira *playmate* escolhida pessoalmente. Era uma de suas novas funcionárias, que trabalhava no segundo andar, no departamento de circulação. Loira de 22 anos, olhos azul-esverdeados e pele sedosa, era alegre e esperta. Embora ela se vestisse com recato, ficou óbvio para Hefner, desde a primeira vez em que a viu, que possuía um corpo magnífico. Seu nome era Charlene Karalus.

Entrara para a equipe no início do mês, atendendo a um anúncio publicado pelo gerente de negócios, Eldon Sellers. Hefner, que acompanhava a entrevista dos dois, logo se apresentou e comunicou seu interesse pessoal. Convidou-a para jantar e levou-a ao restaurante no Cadillac conversível cor de bronze que acabara de comprar por 6500 dólares, à vista.

Eles gostaram da companhia um do outro, começaram a sair juntos e também a fazer amor no quarto do escritório dele. Charlene estava disposta a ajudar a revista de todas as maneiras e queria, em especial, agradar a Hugh Hefner, sentindo-se lisonjeada com sua atenção, admirada com seu sucesso e relutante em desapontá-lo quando ele lhe pediu que fosse a *playmate* do mês de julho. Em troca, Hefner prometeu supervisionar pessoalmente a sessão de fotos e permitir que Charlene e sua mãe vissem as provas antes da publicação. Deu também um emprego na revista para a mãe dela e disse que não usaria seu nome nas legendas. Ela seria identificada como “Janet Pilgrim”, uma alfinetada sutil nos peregrinos fundadores que tinham chegado no *Mayflower* e trazido o puritanismo para a América.

Na apresentação de sua fotografia publicada na edição de julho, Hefner escreveu: “Supomos que seja natural pensar que nossas formosas *playmates* vivem num mundo à parte. Na verdade, *playmates* em potencial estão a nossa volta: a nova secretária de seu escritório, a beldade de olhos amendoados que se sentou a sua frente no almoço de ontem, a garota que lhe vende gravatas e camisas na sua loja preferida. Encontramos Miss Julho em nosso departamento de circulação, processando

assinaturas, renovações e pedidos de números atrasados. Seu nome é Janet Pilgrim e ela é tão eficiente quanto bonita. Janet nunca posou profissionalmente, mas nós a consideramos comparável às melhores *playmates* anteriores”.

No pôster da revista, ela aparecia sentada numa cômoda, num quarto, com o négligé aberto na frente, de modo a revelar seus grandes seios de mamilos rosados. Ao fundo, de costas para a câmera e fora de foco, havia um homem de smoking, segurando uma cartola. Era Hugh Hefner.

Várias centenas de cartas de aprovação saudaram a estreia fotográfica de Janet Pilgrim, e Hefner tratou de convencê-la a posar de novo para a edição de Natal. Ela hesitou mais dessa vez, não somente porque seus parentes tinham manifestado constrangimento depois de ver a revista, mas também porque ficara perturbada com o tom muito pessoal de certas cartas mandadas por estranhos. Porém o charme e a persuasão de Hefner eram formidáveis, e ela concordou.

Nesse ensaio, Hefner colocou-a sob uma árvore de Natal, embelezou sua figura nua com joias reluzentes e destacou seus seios com uma estola de vison branco jogada sobre os ombros. Publicou também várias fotos descontraídas em preto e branco que a mostravam descansando sozinha em seu apartamento, ouvindo discos de Frank Sinatra, lendo *Marjorie Morningstar*, despindo-se para dormir. No texto, Hefner dizia que Janet Pilgrim preferia usar pijamas masculinos, mas apenas a parte de cima, tendo jogado fora as calças.

A revista começou a receber várias camisas de pijamas que os leitores queriam trocar pelas calças de Pilgrim. Ela também

recebeu convites — para posar como modelo, ir a programas de televisão e participar de um show da Broadway —, mas preferiu ficar com a *Playboy*, que em 1957, em parte graças às atividades promocionais dela, aumentou sua tiragem de 600 mil para 900 mil exemplares mensais.

Como parte de uma estratégia de vendas, Janet Pilgrim telefonou pessoalmente para cada homem que pagou 150 dólares por uma assinatura vitalícia, e também viajou por todo o país representando a revista em convenções, feiras, corridas de automóveis e eventos especiais em universidades. Passou uma semana como convidada de honra do Dartmouth College, onde participou de um show de variedades dos estudantes e autografou suas fotos, passando um tempo muito mais agradável do que costumava passar com os grupos de homens mais velhos em convenções de negócios. Esses últimos, por causa das fotos, achavam que ela estava sexualmente disponível e seguiam-na pelos corredores dos hotéis fazendo propostas, ou apertavam-na quando concordava em dançar. Se posava para uma foto ou cedia a um beijo, tentavam às vezes enfiar a língua em sua boca.

Na época, sua insatisfação cresceu ao saber que, enquanto viajava para representar a revista, Hefner estava em Chicago atraindo novas mulheres para o quarto de seu escritório. Ficou enfurecida e prostrada quando uma colega de trabalho lhe contou a novidade. Crescera num lar infeliz de pais separados; aos dezoito anos, casara-se para sair de casa, mas o casamento não dera certo; enganara-se pensando que o romance com Hugh Hefner lhe daria, pela primeira vez, segurança e estabilidade. Ao contrário, sentia-se mais vulnerável; então tentou tratá-lo com

indiferença, não atendendo o telefone à noite — sendo mais tarde perturbada com pancadas dele na porta de seu apartamento, que só cessavam quando o deixava entrar. Hefner queria ter certeza de que ela não estava com outro. Uma tarde, quando ela estava tomando um drinque no bar East Inn, próximo do escritório, Hefner apareceu de repente, segurou seu braço e levou-a embora. Tal como seu nome, Janet Pilgrim era um produto criado por ele, que se achava no direito de possuí-la quando quisesse.

Em duas ocasiões ela abandonou a revista, mas foi atraída de volta pela persistência de Hefner. Chegou mesmo a posar de novo para o pôster, ao mesmo tempo amando e odiando a alegria que parecia dar a ele enquanto a observava no estúdio. Hefner era um adolescente egoísta, paradoxalmente perturbador e inocente, um magnata que bebia Pepsi, usava meias brancas e estava construindo um império fundado numa noção deformada da realidade. Não mentia para ela, mas a confundia com seu modo de viver. Contou-lhe que seu casamento acabara havia mais de um ano — o casal estava, de fato, vivendo separado —, mas ela ficou sabendo que Mildred tivera com ele um segundo filho, um menino. Numa coluna de jornal, Janet leu um dia que jantara com Hefner na noite anterior, num restaurante de hotel, mas sabia que se tratava de outra loira, muito parecida com ela, que acabara de aparecer na capa da *Playboy* vestida de animadora de torcida universitária.

Pouco depois, Janet Pilgrim, que fizera parte do mundo errático de Hefner durante dois anos, foi embora com uma firmeza que jamais demonstrara antes. Conhecera um homem de

negócios jovem e bem-sucedido cujos valores eram mais compatíveis com os seus; depois do divórcio dele, casaram-se e mais tarde mudaram-se para Nova York, onde criaram seus filhos num subúrbio elegante.

Hefner, que estava com 31 anos, continuou a andar atrás de mulheres, quase todas relacionadas à revista, como garotas da capa ou funcionárias. Esses casos no escritório, longe de distraí-lo do trabalho, rejuvenesciam-no, inflavam seu ego, inspiravam-no a assumir riscos maiores que aumentavam sua fortuna e promoviam-no como figura pública. Influenciado por seu diretor de promoções — um divorciado jovial de 29 anos chamado Victor Lownes que entrara no mundo de Hefner como modelo de uma foto de jovens executivos publicada na *Playboy* —, passou a vestir-se com mais cuidado e com roupas mais caras, abandonou as meias brancas e comprou uma Mercedes-Benz branca.

Foi entrevistado por revistas nacionais e apareceu na televisão fumando cachimbo e refutando a noção puritana de que o sucesso era gerado pela negação do prazer. Viajando por todo o país, constatava que *Playboy* não só se vendia, como também deixara de ser artigo vendido às escondidas; os homens pareciam menos constrangidos ao sair com a revista da banca, sem dobrá-la ou escondê-la dentro de um jornal, possivelmente tranquilizados pelo fato de que quase 1 milhão de americanos compravam mensalmente a revista, além de outras semelhantes, e a população em geral mostrava-se cada vez mais tolerante a várias formas de expressão sexual.

Na era de Freud, os americanos estavam se abrindo, reconhecendo suas necessidades e, graças à automação e à

semana mais curta de trabalho, tinham mais tempo para pensar e procurar prazer. A pílula anticoncepcional, descoberta recente, era aguardada pelas mulheres. O biquíni, importado da França, começava a aparecer nas praias norte-americanas. E havia histórias nos jornais sobre clubes de troca de casais em várias comunidades de subúrbios afluentes. As vitrolas automáticas de todo o país pulsavam com a música pélvica de Elvis Presley, e o público se reunia em casas noturnas para ouvir um comediante novo e chocante chamado Lenny Bruce.

A peculiaridade de Bruce estava em mencionar o indizível, descrever certos atos e atitudes privados que as pessoas, ruborizando-se, reconheciam como seus. Bruce e Hefner, cada um a sua maneira, ampliaram os limites da expressão sexual, mas nenhum dos dois teria atingido um público tão vasto se a própria justiça não tivesse se tornado mais liberal no final dos anos 50. No entanto, o maior responsável por essa mudança, o indivíduo cuja vida rebelde foi precursora da revolução sexual dos anos 60, era relativamente desconhecido nos Estados Unidos, exceto pelas autoridades que o mantinham agora atrás das grades por considerarem-no o proscrito literário mais incorrigível do país.

Seu nome era Samuel Roth.

6.

Samuel Roth nasceu numa aldeia das montanhas austríacas, e seus pais eram camponeses judeus ortodoxos que tinham uma reverência instintiva pela palavra escrita. Nas tardes do sabá, a mãe lia para ele sobre os milagres dos rabinos, esperando inspirá-lo a ter uma vida religiosa, mas essa probabilidade diminuiu com um incidente que ocorreu na terceira classe do navio que o levava com a família e outros duzentos imigrantes para Nova York, na primavera de 1904.

Samuel Roth, então com nove anos, estava num beliche lendo um panfleto em iídiche que um estranho lhe dera no porto de Hamburgo. O panfleto descrevia um profeta judeu que era mais brilhante do que todos os rabinos e, depois de crucificado, ressuscitara para retomar sua missão espiritual. Tratava-se de um trecho do Novo Testamento, e o menino Roth ficou tão encantado com a história que começou a ler em voz alta para os passageiros a sua volta, provocando discussões e debates religiosos que podiam ser ouvidos no convés.

De repente, um rabino de barba vermelha apareceu no alto da escada e com voz irritada exigiu saber quem estava lendo “rolos pagãos”. O menino foi apontado e, enquanto o rabino descia ao escuro e enfumaçado calabouço, todos ficaram em silêncio,

exceto um homem que reconheceu o interrogador e sussurrou com admiração: “O grande Rav de Pinsk”.

O rabino aproximou-se de Roth, arrancou-lhe o panfleto das mãos e amaldiçoou-o como obra pecaminosa proibida para os judeus. Rasgou-o em vários pedaços e jogou-os ao mar por uma escotilha. O menino ficou observando, abalado e humilhado, encolhendo-se de novo ao ver os olhos condenadores do rabino e ouvir mais advertências sobre os males do conhecimento falso. Por fim, depois que o rabino retornou para seus aposentos lá em cima, Roth sentiu ódio pelo homem santo e seu ato destrutivo; naquela noite e em muitas outras dos anos que se seguiram, ele lembraria a maldição e jamais se submeteria a outro julgamento literário que não fosse o seu.

Roth foi um aluno precoce das escolas públicas do Lower East Side. Porém seus professores raramente se impressionavam com ele e sua natureza argumentativa e não toleravam seu hábito de trazer para a aula livros que não faziam parte do currículo. Censurado várias vezes, foi finalmente suspenso, o que enfureceu seu humilde pai, que trabalhava numa fábrica clandestina de calças e tinha pouca simpatia por um filho que desafiava a autoridade.

Roth reconheceu-se como rebelde, se não anarquista, quando se tornou seguidor de Emma Goldman e Alexander Berkman, a cujas conferências radicais num liceu da East Broadway comparecia habitualmente. Lia a revista anarquista *Mother Earth* e fez amizade com muitos jovens dissidentes que um dia ganhariam poder nos sindicatos e fama nas greves. Mas Roth

era também individualista demais para ficar em harmonia por muito tempo com um grupo, inclusive sua própria família; por isso, aos quinze anos foi expulso de casa pelo pai e jamais concluiu nenhum curso que frequentou. Mais tarde, observou em seu diário: “Eu estava apaixonado demais pelos livros para ser um bom estudante”.

Em suas várias interrupções dos estudos, teve empregos temporários diversos. Vendeu jornais no East Side para quem tomava a barca para o Brooklyn, foi garçom num restaurante e balconista numa farmácia, onde enchia frascos, datilografava rótulos e vendia camisinhas para rabinos de rosto afogueado. À noite, se lhe faltava acesso ao sofá do apartamento de algum amigo, dormia na entrada de prédios, usando jornais como travesseiro, e tomava banho em banheiros públicos de parques ou terminais. Sentia-se em casa somente em bibliotecas, em especial na que havia na esquina de East Broadway com Bowery, onde lia e relia as obras de Keats, Shelley, Swinburne, Spencer e Darwin e escrevia poesias e artigos que sempre mandava — e às vezes vendia — para semanários anglo-judaicos.

Depois que um amigo mostrou para um influente professor de inglês da Universidade Columbia exemplos da obra publicada de Roth, este recebeu, em 1916, uma bolsa de estudos; mas, como no passado, foi um fracasso como aluno, menos comprometido com as aulas do que com a edição da revista de poesia da universidade e a participação no protesto estudantil contra o envolvimento americano na Primeira Guerra Mundial.

Sua visão deficiente dispensou-o da convocação militar, mas era irrequieto demais para ficar mais de um ano na universidade. Em 1918, depois de casar-se com uma moça que conhecera no Lower East Side, abriu uma pequena livraria no número 49 da rua 8 Oeste, que logo ficou conhecida pela destilaria ilegal que havia no quarto dos fundos. Roth permitia que os pintores de Greenwich Village exibissem suas telas nas paredes da loja e também atuava como uma espécie de “prego” para escritores e artistas. Em troca de pequenos empréstimos, que raramente eram pagos, aceitava manuscritos e retratos, quinquilharias e bens herdados invendáveis, livros velhos que não eram raros e livros raros que ninguém queria.

Contente por estar no ramo de livros, mas vendendo pouco, Roth fechou a livraria depois do Natal de 1920 para aceitar, por sugestão de um editor que conhecia no *Herald* de Nova York, a missão de entrevistar celebridades literárias em Londres. Mas essa oportunidade redundou em mais uma desventura, pois seus artigos revelaram-se mais francos do que o jornal esperava. Descrever os poetas georgianos “mordiscando os ossos descarnados de Keats”, escrever que Arthur Symons “é uma tocha queimando no vácuo” e sugerir que George Moore era impotente não era bem o que o *Herald* pretendia que ele fizesse ao contratá-lo como correspondente literário. E assim, aos 26 anos, quando estava cultivando um sotaque britânico e acostumando-se ao uso diário de uma bengala e um casaco com gola de pele que emprestavam distinção a sua magra figura de 1,80 metro, foi ignominiosamente chamado de volta para Nova York, onde a aplicação de sua habilidade com as palavras se

restringiu, nos anos seguintes, ao ensino de inglês básico para imigrantes judeus, numa escola especial do Lower East Side.

Felizmente para suas finanças, sua esposa prosperava na profissão de chapeleira, que aprendera na adolescência, e sem dúvida teria alcançado maior sucesso se, em 1925, não tivesse concordado em participar com o marido de uma aventura que ele julgava mais recompensadora intelectualmente: fundar uma revista literária e um negócio de reembolso postal de livros especializado em ficção levemente libidinosa do século XIX, de autores como Zola, Balzac, Maupassant e Flaubert.

A revista dos Roth chamava-se *Two Worlds Monthly* e seus primeiros números traziam trechos do condenado *Ulisses*, contrariando não apenas os censores americanos que tinham proibido o livro, como também o autor, James Joyce, que vivia em Paris e, embora tivesse recebido de Roth uma oferta de cinquenta dólares por excerto, em deferência a sua “antiguidade em gênio”, declarou não ter autorizado Roth a publicar o livro em série.

Roth argumentou que a permissão lhe fora dada por Ezra Pound, que se apresentara como agente de Joyce — o que resultou em mais controvérsia na Europa entre Pound e Joyce. Enquanto isso, Roth continuou a publicar trechos do livro em *Two Worlds Monthly*, apagando um pouco da linguagem explicitamente sexual de Joyce. Depois de vários números, recebeu ordem judicial para interromper a publicação, que àquela altura tinha entediado a maioria de seus leitores, cuja debandada deixou Roth e a esposa quase falidos.

Pelo resto da vida, Roth orgulhou-se de ter sido o primeiro editor americano a desafiar os censores de *Ulisses*. Aceitou como uma condecoração de guerra os sessenta dias de prisão a que foi condenado por distribuir edições não expurgadas do livro inteiro em 1930 — três anos antes que a obra fosse elevada da categoria de obscenidade à de arte pela célebre sentença do juiz federal John M. Woolsey. Embora a Random House recebesse todo o crédito pelo triunfo legal e lucrasse muito com os direitos de distribuição nos Estados Unidos, adquiridos diretamente de Joyce, Roth acreditava que sua intransigência é que incitara a editora a empreender a nobre e atrasada defesa de um clássico. Em seu diário, ele anotou: “A editora rica deixa a pobre estabelecer precedentes em padrões morais”.

Cansado, provavelmente, dos padrões morais e da pobreza e desejando redimir-se por ter perdido as economias da esposa, Roth aventurou-se com mais ousadia no submundo literário, incluindo entre seus empreendimentos — sob nome fictício e com endereço temporário — uma subsidiária de reembolso postal que ele esperava fazer prosperar vendendo livros como *O jardim perfumado*, um volume de amor ritual árabe do século XIV ilustrado com 237 posições de homens e mulheres “em congresso”. Fora-lhe oferecido por outro editor underground que, tendo sido preso recentemente por fazer circular *Memórias de uma mulher de prazer*, estava ansioso por dar fim em trezentos exemplares de *O jardim perfumado* que escondera num depósito da rua 4. O livro, impresso em Paris, valia 35 dólares, mas o editor desesperado disse que Roth podia ficar com o estoque

pagando três dólares por exemplar, o que lhe abria a perspectiva de ganhar até 10 mil dólares com a transação.

Porém, muito antes que Roth lucrasse alguma coisa próximo dessa quantia, sua operação de venda pelo correio foi infiltrada por espões da Sociedade de Nova York para a Repressão da Imoralidade, que o vinha vigiando de perto desde a publicação em série de *Ulisses*. Não só a Sociedade obteve exemplares incriminadores de *O jardim perfumado*, mediante cartas enganadoras, como houve uma batida numa loja que Roth e sua esposa tinham alugado para um leilão de arte e venda de livros na rua 12 Leste, onde os investigadores descobriram um livro de Boccaccio e uma série de desenhos de figuras humanas que John Summer, líder da sociedade e sucessor de Anthony Comstock, considerou obscenos. Por essa transgressão, Roth foi condenado a três meses de trabalhos forçados na ilha Welfare, em Nova York.

Depois de solto, sem se reabilitar e certamente sem se arrepende, Samuel Roth retomou de imediato sua carreira precária de editor. Graças a suas prisões e à arrogância com que defendia seus princípios, ganhou respeito e importância nos becos escusos do negócio editorial e passou a ser procurado tanto por contrabandistas que traziam da Europa romances pornográficos e clássicos do erotismo como por colecionadores dispostos a comprar dele qualquer raridade de risco. Alguns fotógrafos ofereciam-lhe seus exemplares particulares de nus, e escritores traziam-lhe manuscritos que, por vários motivos, nenhuma editora dispunha-se a publicar.

Um dos manuscritos que Roth conseguiu imprimir e encadernar, de autoria de um inglês chamado John Hamill, era uma biografia perniciosa do presidente Herbert Hoover, que os jornais se recusaram a resenhar ou anunciar. Mesmo assim, Roth vendeu perto de 200 mil exemplares da obra, que se tornou um best-seller em Washington, Boston e St. Louis. Outro de seus livros, escrito por Clement Wood e intitulado *A mulher que foi papa*, sustentava que do ano 853 a 855, entre os papados de Leão IV e Bento III, o Vaticano fora governado por uma mulher; embora não tenha sido um sucesso, esse livro aumentou a má fama de Roth junto à arquidiocese e à polícia de Nova York.

Roth também reimprimiu e vendeu várias edições underground de *O amante de lady Chatterley*, bem como do antigo manual sexual hindu conhecido como *Kama sutra*, e publicou um livro intitulado *Autodiversão* — “um manual sobre os males e benefícios daquele costume universal chamado às vezes de abuso de si mesmo”. Além disso, publicou textos de sua própria autoria, como uma biografia favorável do controvertido escritor Frank Harris, mais conhecido por seus luxuriosos volumes autobiográficos intitulados *Minha vida e meus amores*, uma gema contrabandeada que excitou e chocou todos que a leram, exceto a sra. Harris, segundo a qual o marido tinha exagerado muito suas aventuras amorosas; consta que ela teria dito, depois da morte dele, em 1931: “Se Frank fez as coisas que disse que fez, então foi no estribo de nosso carro, quando viajávamos juntos pela França”.

Enquanto muitas pessoas de ideias avançadas do começo dos anos 30 acreditavam que a censura americana estava

amainando, em especial depois que o juiz Woolsey suspendera a proibição de *Ulisses*, Roth não se inclinava a esse otimismo, sendo influenciado pelo fato de que seu escritório na rua 46 Leste estava sendo vigiado da janela do hotel defronte por um homem com telescópio. Roth também ficou sabendo por um empregado dos Correios que a correspondência de seu escritório era interceptada diariamente na chegada e na saída por inspetores federais que, depois de abri-la com vapor e lê-la, visitavam seus clientes e tentavam convencê-los a depor contra ele. Roth escreveu uma carta de reclamação ao diretor-geral dos Correios, James A. Farley, e ficou sem resposta, mas pouco depois foi formalmente acusado de profanar os Correios com obscenidades. Entre os livros arrolados como prova estavam *O amante de lady Chatterley* e *O jardim perfumado*.

Julgado e condenado, Roth iniciou em 1936 sua pena de três anos na penitenciária federal de Lewisburg, Pensilvânia. Sua situação não provocou protestos ou lamentos da comunidade literária, o que não o surpreendeu, pois considerava os outros editores cautelosos, pouco dispostos a defender causas impopulares. No escrito autobiográfico que redigiu na cadeia, Roth lembrava em particular a reação de Alfred A. Knopf ao ser advertido pela Sociedade para a Repressão da Imoralidade para não publicar *O poço da solidão*, de Radclyffe Hall: “Knopf fez o que sempre faz nessas circunstâncias. Submeteu-se por medo do censor. Destruiu os tipos do livro e desistiu do contrato de publicação”.

A opinião de Roth sobre os advogados literários, em especial depois de sua última condenação, também não era lisonjeira:

“Substituir um advogado por outro não é como trocar de médico ou joalheiro. Cada novo advogado com quem você conversa encontra mais dificuldades (por mais imaginárias que sejam), cobra-lhe por elas e, uma vez que trabalham todos em uníssono, como as bruxas de *Macbeth*, consegue aumentar o preço dos serviços daquele que você finalmente escolhe para defendê-lo”.

Roth cumpriu a pena inteira em Lewisburg e depois retornou a Nova York e à atividade que só poderia conduzi-lo de volta à prisão. Um amigo seu especulou certa vez que Roth possivelmente gostava de estar enjaulado, ou queria ser beatificado como mártir da literatura. Mas ele negou isso. Sua folha corrida, disse ele, podia ser facilmente explicada: “Estou em guerra com a polícia”. Referia-se não somente aos policiais e delegados, mas também aos promotores, agentes do FBI, diretores dos Correios, clérigos e seus confederados nas sociedades contra a imoralidade e nos tribunais: quem quer que tentasse restringir o que podia ser lido ou escrito estava em guerra com Roth, que se resignava a uma vida de conflitos e represálias.

Depois de Lewisburg, acostumou-se a ser seguido pelas ruas de Nova York por policiais à paisana que logo descobriram seu novo endereço comercial, no número 693 da Broadway. Nessa época, trabalhavam no escritório, além de sua esposa e uns poucos empregados excêntricos, seu casal de filhos adolescentes, que, apesar de magoados e às vezes constrangidos por suas dificuldades legais, compartilhavam seu compromisso com a liberdade de expressão. Sua filha traduziu

do francês o primeiro livro que Roth publicou após sair da prisão — o romance de Claude Tillier *Meu tio Benjamin* —, e seu filho, até ser chamado pelo Exército, trabalhava em tempo parcial no departamento de vendas da firma.

Na esperança de confundir os inspetores postais e proteger seus livros da notoriedade de seu nome, Roth utilizava vários pseudônimos empresariais nos papéis do escritório e nos pacotes que despachava pelo correio: algumas etiquetas indicavam que se tratava de publicações de uma editora chamada Coventry House; em outras constava o nome Arrowhead; em outras, ainda, Avalon Press, Boar's Head ou Biltmore Publishing Company. Às vezes, ele deixava livros no guarda-volumes dos terminais rodoviários ou ferroviários de Nova York, oferecendo depois as chaves para clientes especiais. Esses livros — de autores como Henry Miller ou Frank Harris e do anônimo vitoriano de *Minha vida secreta* — eram geralmente edições caras que tinham sido contrabandeadas da França, embora durante a Segunda Guerra Mundial o contrabandista profissional tenha sido superado pelos amadores do Exército americano. Com tantos veteranos retornando do exterior com as mochilas cheias de livros proibidos, o mercado negro literário do país parecia ameaçado de saturação. Depois da guerra, porém, como se quisesse exorcizar o que sobrava de um inimigo não conquistado, o governo intensificou a atuação contra a pornografia, atingindo não somente os livros de Roth, mas algumas obras mais sensuais de autores modernos publicadas por editoras distintas.

Entre os romances mais conhecidos que foram processados após a guerra estavam *Fruto estranho*, de Lilian Smith, *Esta terra cruel*, de Erskine Caldwell, e *Memórias do condado de Hecate*, de Edmund Wilson. A campanha contra o livro de Wilson em Nova York foi liderada pela Sociedade para a Repressão da Imoralidade; quando as cortes estaduais confirmaram a decisão de um tribunal inferior de que o romance era obsceno, a editora de Wilson, a Doubleday & Company, apelou para a Suprema Corte dos Estados Unidos. O resultado do julgamento foi um empate em quatro a quatro, pois o juiz Felix Friedlander julgou-se desqualificado, por ser amigo do autor; dessa forma, as decisões anteriores contra o livro foram mantidas.

Em 1948, entre os livros confiscados pela polícia de Filadélfia numa batida contra a pornografia estavam *Santuário*, de William Faulkner, e a trilogia *Studs Lonigan*, de James T. Farrell. Esses livros poderiam ter permanecido durante anos no underground literário se não fosse pela surpreendente opinião legal de um juiz da Pensilvânia chamado Curtis Bok.

Ao condenar a batida de Filadélfia, o juiz Bok declarou que livros eram obscenos somente se provocassem os leitores a cometer atos criminosos, mas ele duvidava que se pudesse provar que os livros, sozinhos, tivessem esse poder negativo, porque os leitores são influenciados também por fatores que não estão nas páginas. Escreveu ele: “Se o homem comum lê um livro obsceno quando sua sensualidade está baixa, vai bocejar sobre suas páginas. Se lê a *Lei de retenção da mecânica* quando sua sensualidade está alta, entre ele e a página se intrometerão coisas que não têm nenhuma relação com o que está escrito ali”.

Essa avaliação benevolente da pornografia era compartilhada por poucos juízes em 1948. Para a grande maioria deles, um livro obsceno era uma entidade criminal, mesmo que não conduzisse diretamente o leitor ao crime. Esse último critério foi o que prevaleceu durante os anos 40 e 50, e Samuel Roth foi processado por todos os crimes possíveis.

Depois de ser citado por vender o supostamente obsceno *Contos gaiatos dos tchecos*, foi acusado por inspetores postais de ter anunciado por correspondência, em termos que sugeriam devassidão, dois livros que *não* eram devassos. Um deles, *Autodefesa para mulheres*, foi anunciado de maneira que poderia atrair masoquistas masculinos. O outro, anunciado como um romance latejante, era um livro insosso chamado *Bumarap* que o próprio Roth escrevera na prisão. Por sua propaganda enganosa, Roth foi acusado de “fraude”.

Enquanto apelava dessas decisões em tribunais superiores, Roth foi visitado por agentes do FBI que, tendo ouvido dizer que ele se apresentara voluntariamente para testemunhar em favor de Alger Hiss, funcionário do Departamento de Estado então suspeito de espionagem, advertiram-no de que não o fizesse. Roth não conhecia Hiss pessoalmente, mas conhecera seu acusador, Whittaker Chambers. Nos anos 20, Chambers era aspirante a poeta em Greenwich Village e mostrara a Roth poemas que assinara com o pseudônimo de George Crosley — o mesmo nome que, segundo Hiss, ele usara ao subalugar seu apartamento em Washington.

Quando Chambers declarou ao tribunal não se lembrar de jamais ter usado esse nome, Roth entrou em contato com os

advogados de Hiss e contou o que sabia; seu depoimento prejudicaria a credibilidade de Chambers como testemunha-chave da Comissão do Congresso sobre Atividades Antiamericanas e de seu promotor, Richard Nixon. Roth teria ido ao tribunal apesar das ameaças do FBI, mas Hiss e seus advogados decidiram que a ajuda de um conhecido pornógrafo era de valor duvidoso.

Mais tarde, depois de condenado e preso, Alger Hiss admitiu que talvez tivesse sido um erro não chamar Roth. Entretanto, àquela altura, o editor já se tornara uma celebridade ainda mais desacreditada.

Em 1954 ele foi denunciado como rei da pornografia, em cadeia de rádio, por Walter Winchell. Irado por causa de uma biografia anti-Winchell escrita por Lyle Stuart e publicada por Roth, ele sugeria que o editor fosse encarcerado novamente por obscenidade. No dia seguinte à transmissão, a polícia estava à porta do apartamento de Roth, na rua 81 Oeste, com um mandado de busca segundo o qual ele e a esposa estariam comprometidos com uma suposta conspiração. Apesar dos protestos do casal, os policiais forçaram a entrada e esquadriharam o apartamento inteiro, abrindo guarda-roupas e gavetas e revirando a mobília. Roth foi impedido de ligar para seu advogado e, quando saiu correndo em direção a uma cabine telefônica, foi agredido por dois policiais.

Roth e a esposa foram levados ao escritório do promotor público de Manhattan, Frank Hogan, onde Roth viu alguns de seus funcionários na sala de espera e soube que seu escritório também sofrera uma batida: todos os arquivos, escrivadinhas e

livros tinham sido levados em carros da polícia, toda a correspondência fora aberta, e os telefones estavam sendo atendidos por policiais. A batida fora feita sob a supervisão de Maurice Nadjari, assistente de Hogan, que, quando perguntado pelos empregados de Roth sobre o futuro da firma, respondeu: “No que depender de mim, o negócio do seu patrão está fechado”.

No tribunal, Nadjari exigiu que Roth e sua esposa ficassem detidos e que se estabelecesse para cada um a fiança de 10 mil dólares, alegando que mais de 50 mil livros obscenos tinham sido confiscados, ocupando treze vans. Nos dias seguintes, a batida foi notícia de destaque; mas meses depois, quando um tribunal superior decidiu que a busca e apreensão da propriedade de Roth fora ilegal, a cobertura da imprensa foi mínima. O promotor público consentiu em desistir do caso se Roth promettesse não processar a municipalidade. Com relutância, ele concordou, preocupado que estava, naquela altura de 1955, com os processos federais pendentes e também com uma intimação que recebera para comparecer perante uma subcomissão do Senado sobre pornografia e delinquência juvenil, presidida pelo senador Estes Kefauver, do Tennessee.

O senador Kefauver, candidato presidencial do Partido Democrata, alcançara reconhecimento nacional como inimigo do crime durante seu interrogatório televisionado de líderes da Máfia, em 1951; era conhecido por alguns membros da imprensa como um eminente mulherengo, o que prejudicava em pelo menos uma ocasião sua campanha contra o crime organizado: em Chicago, onde iria realizar uma das audiências públicas sobre

a influência dos gângsteres, fora fotografado numa cama de hotel com uma mulher ligada ao submundo. Ao saber das fotos, segundo notícias posteriores publicadas pelo *New York Times*, cancelara as audiências.

Mas sua investigação da pornografia não estava comprometida por essas circunstâncias senatoriais, e nas audiências no prédio do tribunal federal, em Nova York, acusou duramente Roth, cujo negócio chamou de “lodo” e cuja influência lhe parecia ser um dos fatores da existência de delinquência juvenil no Estados Unidos.

Roth negou a acusação, aludindo ao fato de que seus próprios filhos, que não eram delinquentes, tinham crescido a sua volta e trabalhavam em seu escritório, e lembrando que os delinquentes juvenis talvez constituíssem o grupo menos afetado por livros, pois raramente os liam. Embora Roth tivesse uma resposta convincente para cada pergunta, seu comportamento confiante e suas réplicas feitas com sotaque levemente britânico sugeriam uma condescendência que irritou Kefauver. Depois que Roth atribuiu valor literário à maior parte dos livros que publicara, o senador observou que ele tentara certa vez negociar um contrato com a prostituta Pat Ward, do caso Mickey Jelke.

“Por que você gostaria de ter um livro sobre uma pessoa que esteve envolvida num julgamento notório?”, perguntou Kefauver.

“Acredito que o Novo Testamento gira justamente em torno desse tipo de mulher”, respondeu Roth.

Kefauver fez uma pausa, mas logo se recuperou; em sua conclusão, repetiu que o negócio de Roth era “repreensível”, opinião seguida pelo senador William Langer. Então Kefauver

permitiu que Roth fizesse uma declaração final diante da comissão.

“Creio que as pessoas que me criticaram estão erradas”, disse Roth, e olhando para Kefauver: “creio que o senhor está muito mais errado do que elas, porque está me julgando, e acredito que muito em breve vou convencê-lo de que está errado.”

“Vai precisar de uma boa dose de persuasão”, disse Kefauver.

“Farei isso”, insistiu Roth.

Ao sair do prédio federal, Roth achava que tinha feito uma apresentação impressionante e esperava pagar caro por ela. Mas mesmo assim ficou arrasado quando soube depois, por seu advogado, que o governo o enquadrara em 26 acusações de obscenidade e planejava levá-lo a julgamento imediatamente. Os itens mais importantes de que foi acusado de mandar pelo correio foram diversos números de uma revista em formato de bolso chamada *Good Times*, que exibia fotografias de nus retocados com aerógrafo, e uma única edição da publicação trimestral de capa dura *American Aphrodite*, que republicara “Vênus e Tannhäuser”, escrito e ilustrado por Aubrey Beardsley.

Embora Roth não acreditasse que um júri se ofenderia com *Good Times* ou com os desenhos travessos e o erotismo esotérico de Beardsley, pediu ao tribunal um adiamento a fim de preparar-se melhor para o julgamento e também dedicar-se um pouco a seu negócio, que patinhava, e à vida familiar. Mas o pedido foi negado e, em janeiro de 1956, viu-se num tribunal, diante de um júri e de um enorme juiz de rosto vermelho, ex-assistente da promotoria pública.

O julgamento durou nove dias, e durante esse tempo Roth não testemunhou a seu favor, aceitando o conselho da família de que era melhor ficar calado. Roth chegou a telefonar ao dr. Alfred Kinsey para perguntar-lhe se concordaria em ser testemunha de defesa, mas Kinsey recusou-se terminantemente, dizendo que não podia apoiar a obscenidade. Os que testemunharam a favor de Roth tentaram apresentá-lo ao júri como defensor dos direitos individuais e apreciador da literatura, mas a acusação foi mais eficaz ao retratá-lo como um mascate profano e sinistro.

Após doze horas de deliberação e um exame apressado do material que Roth distribuía, o júri declarou-o culpado em quatro acusações: uma por reimprimir “Vênus e Tannhäuser” e três pelo material de propaganda sexualmente sugestiva enviado pelo correio. Embora desanimado pela decisão, Roth acreditava que sua punição não passaria de noventa dias de prisão, pois fora absolvido de 22 das 26 acusações. Mas seu advogado, motivado por uma informação recebida de fontes do Departamento de Justiça, disse-lhe que se preparasse para uma sentença bem pior: “Você é um velho infrator candidato à pena máxima, e entre seus inimigos há um membro do Senado dos Estados Unidos”.

Essa avaliação sombria da situação revelou-se profética: em 7 de fevereiro de 1956, Roth compareceu diante do juiz e recebeu a sentença de cinco anos numa penitenciária e multa de 5 mil dólares. Samuel Roth, aos 62 anos de idade, sentiu o declínio de sua existência — uma vida que começara numa aldeia dos Cárpatos terminaria provavelmente numa masmorra americana. Antes que pudesse se virar para falar com a família, dois guardas agarraram seus braços, conduziram-no para fora do tribunal por

uma porta lateral e empurraram-no para uma sala, onde ficou preso atrás de grades.

Seu advogado apelou para tribunais superiores, mas a culpa de Roth foi confirmada em cada instância, embora um juiz federal chamado Jerome Frank tivesse recomendado que a Suprema Corte dos Estados Unidos revisse o caso e modernizasse o significado legal de “obscenidade”. A definição vigente em 1957 ainda era influenciada pela lei inglesa de 1868, a decisão Hicklin, que afirmava: “O teste da obscenidade consiste em verificar se a tendência da matéria acusada de obscena é depravar e corromper aqueles cujas mentes estão abertas a tais influências imorais e em cujas mãos uma publicação desse tipo possa cair”.

O juiz Frank duvidava que uma publicação pudesse “depravar e corromper” alguém, jovem ou velho, e, na extensa pesquisa que fez antes de escrever sua sentença, não encontrou provas que o convencessem do contrário. Admitia, sim, que a literatura erótica era frequentemente estimulante, mas o mesmo podia ser dito dos perfumes e de dezenas de outros produtos comerciais que eram mandados pelo correio e exibidos em lojas; e se sem dúvida a fotografia de mulheres nuas excitava os homens, eles podiam ser igualmente excitados por anúncios de jornal que mostrassem mulheres em trajes de banho e lingerie — de fato, mulheres bem-vestidas em público estimulavam os homens todos os dias, acrescentava o juiz Frank, citando a opinião de um psiquiatra que provavelmente compartilhava: “Uma perna coberta com meia de seda é muito mais atraente do que uma perna nua. Um busto posto em forma por um sutiã é mais sedutor que as realidades pendentes”.

O que mais consternava o juiz Frank na lei da obscenidade em vigor, porém, era sua capacidade de invadir a vida privada de um cidadão para legislar sobre moralidade. “Investir alguns homens falíveis — promotores, juízes, jurados — do vasto poder de censura literária ou artística, convertê-los no que J. Stuart Mill chamou de ‘polícia moral’ é torná-los árbitros despóticos de produtos literários”, escreveu o juiz. “Se um dia eles proibem livros medíocres por obscenos, no dia seguinte podem fazer o mesmo com uma obra de gênio. A originalidade, que não é abundante, deveria ser saudada, e não sufocada. A imaginação de um autor pode ser tolhida se ele tiver de escrever com um olho nos promotores ou júris; os autores têm de se haver com editores que, temerosos do julgamento dos censores do governo, talvez se recusem a aceitar os manuscritos de Shelleys, Mark Twains ou Whitmans contemporâneos. Alguns poucos homens teimosos lutam pelo direito de escrever, publicar ou distribuir livros que a grande maioria da época considera repulsivos. Se encarcerarmos esses poucos, aparentemente a comunidade não perderá nada. Essa aparência é enganadora, pois a condenação e a punição desses poucos vão aterrorizar escritores que são mais sensíveis, menos dispostos a lutar. Em consequência, eles deixarão de escrever o que poderia vir a ser uma contribuição literária importante. ‘A supressão’, disse Spinoza, ‘é reduzir o Estado até torná-lo pequeno demais para abrigar homens de talento’.”

O caso Samuel Roth *versus* Estados Unidos da América foi julgado pela Suprema Corte em abril de 1957. Os advogados de

Roth afirmavam que o estatuto dos Correios, a Lei Comstock de 1873, era inconstitucional e que a literatura controvertida distribuída por Roth era permissível, conforme a Primeira Emenda. Os advogados do governo, por sua vez, declaravam que “a liberdade absoluta de expressão não era o que os pais fundadores tinham em mente, pelo menos no ponto em que o interesse da moralidade pública estava em jogo”, acrescentando que a sociedade tinha “seus próprios interesses concorrentes na concessão da liberdade individual de expressão e imprensa”.

Depois de ouvir as duas partes, os nove juízes ponderaram sobre a questão entre si e, dois meses mais tarde, suas opiniões publicadas revelaram que tinham sentimentos variados em relação a Samuel Roth.

O juiz William O. Douglas achava que Roth deveria ser solto porque, se era culpado de alguma coisa, era apenas de provocar os “pensamentos” dos leitores, e não “atos públicos” ou “conduta antissocial”. E acrescentava: “Tenho tanta confiança na capacidade de nosso povo de rejeitar a literatura ofensiva como em sua capacidade de separar o verdadeiro do falso na teologia, na economia, na política ou em qualquer outro campo”. O juiz Hugo L. Black concordava com Douglas que a pornografia estava protegida pela Primeira Emenda e apoiava sua advertência de que “o teste que proíbe um ensaio barato hoje pode reprimir uma gema literária amanhã”.

O juiz John M. Harlan, embora estivesse menos preocupado com a repressão de gemas literárias e fosse a favor de certos controles legais em casos de obscenidade, votou com Black e Douglas.

Mas o presidente da Suprema Corte Earl Warren endossou a condenação de Roth, considerando particularmente ofensiva sua “conduta” na elaboração dos anúncios de seus livros e revistas. Ainda que o material em si não fosse obsceno, Warren puniria qualquer réu que explorasse a fraqueza do público com propaganda de mau gosto, e achava que Roth fizera isso. Os outros cinco juízes — William J. Brennan, Felix Frankfurter, Harold H. Burton, Tom C. Clark e Charles E. Whittaker — também confirmaram a culpa de Roth, acreditando que a obscenidade, tal como a difamação, não estava protegida pela Primeira Emenda. Segundo o juiz Brennan, que redigiu a opinião da maioria, a obscenidade “não tinha absolutamente nenhuma importância social redentora”, e seu teste para saber se algo era obsceno consistia em verificar “se para a pessoa média, aplicando padrões contemporâneos da comunidade, o tema dominante do material tomado como um todo apelava para interesses lúbricos”.

Uma vez que seis dos nove juízes não viam motivo para reverter a pena, Roth foi mandado para seus cinco anos de prisão — notícia que foi saudada por grupos religiosos e agências contra a imoralidade de todo o país. O Escritório Nacional pela Literatura Decente divulgou a declaração de que “a causa da decência foi fortalecida”, e o diretor-geral dos Correios do presidente Eisenhower, Arthur Summerfield, feliz porque a Corte não passara por cima da Lei Comstock, anunciou: “O Departamento dos Correios saúda as decisões da Suprema Corte como um passo adiante na luta para manter materiais obscenos fora dos Correios”.

Mas muitos advogados de defesa, lendo cuidadosamente a sentença do juiz Brennan, viram nela uma mudança histórica na atitude legal com respeito à expressão sexual, algo que sugeria esperança para muitos livros então proibidos. Ao definir obscenidade pela primeira vez, a Suprema Corte tinha finalmente cortado todas as conexões com a rígida definição inglesa, expressa no caso Hicklin de 1868.

No caso Hicklin, o tribunal inglês decidira que um livro inteiro podia ser condenado se contivesse um único parágrafo indecente, ao passo que nas palavras do juiz Brennan o “tema dominante” de um livro tinha de ser obsceno para que ele fosse proibido. No caso inglês, um livro de sexo podia ser vetado se fosse impróprio para jovens; para o juiz Brennan, se ofendesse “a pessoa média”. Uma vez que definia a obscenidade também pela característica de não ter “absolutamente nenhuma importância social redentora”, sua decisão podia significar que um livro ou filme com um mínimo de “importância social” escaparia da censura. Se isso fosse verdade, a decisão do caso Roth era um presságio favorável para os defensores de uma liberdade maior. Qualquer que fosse a tendência, os advogados de defesa teriam de esperar até que o próximo caso importante de obscenidade chegasse à Suprema Corte e então procurar indícios nas opiniões jurídicas. Um caso desse tipo chegou à Suprema Corte no outono de 1957.

Envolvia um filme francês, *Le Blé en herbe* [*Amor de outono*], que fora tirado de cartaz em Chicago porque mostrava nudez e tinha um enredo supostamente decadente. A história iniciava-se numa praia onde um adolescente que perdeu as roupas num

acidente de barco aparece completamente nu diante de um grupo de meninas. Ele conhece uma atraente mulher mais velha que o seduz e o educa sexualmente para os episódios eróticos que ele experimentará em breve com uma garota de sua idade. Embora não mostrasse relações sexuais em cenas explícitas, o filme as sugeria claramente, e a proibição de Chicago foi mantida por um tribunal federal intermediário. Mas, quando a Suprema Corte examinou o caso e assistiu ao filme, encontrou no roteiro importância social suficiente para determinar que, de acordo com a nova definição Roth, o filme não era obsceno.

A Suprema Corte também citou o caso Roth para derrubar a condenação por obscenidade de uma revista homossexual chamada *One* e da revista nudista *Sunshine & Health*. A primeira fora barrada dos Correios por um diretor de Los Angeles, e os tribunais distrital e de apelações mantiveram a decisão, mas a Suprema Corte sustentou que *One* representava um ponto de vista, um modo de vida que estava constitucionalmente protegido pela emenda da liberdade de expressão. Da mesma forma, decidiu a favor de *Sunshine & Health*, contra Summerfield, o diretor-geral dos Correios, estabelecendo pela primeira vez que até os pelos púbicos e os órgãos genitais eram representativos de uma “ideia” essencial do movimento nudista e, portanto, podiam ser enviados pelo correio. Para completar o desgosto de Summerfield, um número da revista mostrava um empregado dos Correios tomando banho de sol num campo nudista da Flórida. O empregado foi demitido.

Aos poucos, à medida que uma condenação por obscenidade após a outra era revogada pela Suprema Corte, que romances e

filmes de arte eróticos eram subitamente redimidos pela definição Roth, tornava-se mais fácil reconhecer esse nome como uma decisão legal em letras grifadas do que associá-lo ao homem que estava na prisão de Lewisburg. Ironicamente, enquanto cumpria a sentença, que avançou pelos anos 60, Roth poderia ter recebido pelo correio em sua cela a maior parte dos livros que contribuíram para que ele estivesse ali.

7.

Ele escorregou para fora da cama, de costas para ela, nu, branco, magro, e foi à janela, meio curvado, abrindo a cortina e espiando o bosque durante alguns momentos. As costas dele eram brancas e lisas, as nádegas pequenas eram bonitas, com sua masculinidade delicada e preciosa, a nuca vermelha e delicada, embora forte. [...]

Ele sentiu vergonha de virar-se para ela, por sua nudez excitada. Apanhou a camisa no chão e segurou-a de encontro ao corpo, caminhando para ela.

— Não! — disse ela, ainda de braços estendidos, de peitos soltos. — Eu quero ver você.

Ele deixou a camisa cair e parou, olhando na direção dela. Um raio de sol, entrando pela janela baixa, iluminava as coxas e o abdômen esguio, o falo ereto, de aparência quente e escurecida, saindo da nuvem de cabelos ruivo-dourados. Ela se espantou, amedrontada.

— Como é estranho! — disse ela lentamente. — Como ele é estranho, duro assim! Tão grande e tão ameaçador. Ele mete medo! Ele é assim?

O homem olhou para baixo, acompanhando o seu corpo enxuto e branco, e riu. Entre os peitos musculosos os cabelos

eram escuros, quase pretos. Mas no baixo-ventre, de onde se elevava o falo grosso e arqueado, eles eram ruivo-dourados, vívidos, amontoados numa nuvem pequena.

— Tão vaidoso! — murmurou ela, constrangida. — E tão altivo! Agora eu sei por que os homens são prepotentes! Mas ele é lindo, de verdade! Como outra pessoa. Quase terrível! Mas ele é lindo, de verdade! E ele entra dentro de mim! — Ela prendeu o lábio inferior com os dentes, num gesto de medo e excitação. [...]

— Deite! Deite! Eu quero!

Ele estava com pressa, agora.

E depois, já calmos e pacificados, a mulher sentiu a necessidade de descobrir o homem novamente, para contemplar o mistério do falo.

— Ele agora está pequeno, pequeno, macio como um brotinho de vida! — disse ela, pegando o pênis encolhido e mole na mão. [...] E como o seu cabelo é bonito aqui embaixo! Diferente, tão diferente!

— O cabelo é do João Ninguém, não é meu!

— João Ninguém! João Ninguém! — e ela deu um beijo rápido no pênis amolecido, que começava a se mexer outra vez.

— Hmm... — disse o homem, espreguiçando-se quase dolorosamente. — Este senhor tem as raízes plantadas na minha alma. E às vezes eu não sei o que fazer com ele. Ele tem vontade própria, e é muito difícil de agradar. Mas eu não permitiria que fizessem mal a ele.

— Eu entendo por que a humanidade sempre teve medo dele! Ele é terrível!

As vibrações atravessavam novamente o corpo do homem, enquanto o fluxo da consciência mudava de direção, voltando-se para baixo. E ele não teve defesa; o pênis, em ondulações lentas e fluidas, encheu-se, cresceu, empinou e endureceu, sólido e presunçoso, ao seu jeito estranho de gigante. Também a mulher tremia ao presenciar a transformação.

— Tome! Ele é seu! Tome! Tome!

E ela sentiu calafrios, e sua consciência se desintegrou. Ondas mansas de prazer indizível a inundaram no instante em que ele penetrou nela, dando início à estranha sensação líquida que se espalhava e se espalhava sempre mais, até levá-la ao fim do mundo num derradeiro braço de mar.⁴

Essa cena e outros trechos íntimos de *O amante de lady Chatterley* fizeram com que o livro fosse rotulado de “obsceno” nos Estados Unidos durante trinta anos, mas, em 1959, um juiz federal, influenciado pela nova definição de obscenidade da Suprema Corte, suspendeu a proibição do romance e admitiu que D. H. Lawrence, o autor do livro, era um homem de gênio.

Se Lawrence estivesse vivo, teria sem dúvida concordado com essa opinião, embora ao terminar o romance, em 1928, dois anos antes de sua morte, estivesse acostumado a ser chamado de pornógrafo repugnante, maníaco sexual e causa do que um crítico inglês chamou de “a produção mais perniciosa que jamais enodoou a literatura de nosso país. O esgoto da pornografia francesa seria dragado em vão para se encontrar algo semelhante em bestialidade”.

O amante de lady Chatterley, o décimo e último romance de Lawrence, narra a história da esposa frustrada de um aristocrata arrogante e impotente, ferido na Primeira Guerra Mundial, e seu caso amoroso com um guarda-caça de quem ela engravida e por quem abandona o marido, a casa e sua classe social. Apesar do tema adúltero, Lawrence estava convencido de ter escrito um livro afirmativo sobre o amor físico, que poderia ajudar a libertar a mente puritana do “terror do corpo”. Ele acreditava que séculos de ofuscamento tinham deixado a mente “subdesenvolvida”, incapaz de ter uma “reverência adequada pelo sexo e uma admiração apropriada da experiência estranha do corpo”. Dessa forma, criou com Connie Chatterley uma heroína que desperta sexualmente e ousa remover a folha de parreira do ventre de seu amante para examinar o mistério da masculinidade.

Embora a exposição da fêmea nua fosse aceita havia muito tempo como prerrogativa de artistas e pornógrafos, o falo costumava ser obscurecido ou disfarçado com aerógrafo e jamais era revelado ereto. Mas a intenção de Lawrence era escrever um “romance fálico”, e com frequência, no livro, lady Chatterley concentra sua atenção no pênis do amante, afaga-o com os dedos, acaricia-o com os seios, toca-o com os lábios, segura-o nas mãos e observa-o crescer, estende a mão para acariciar os testículos e sente seu estranho peso suave; e, enquanto seu assombro era descrito por Lawrence, milhares de leitores do sexo masculino sentiam indiscutivelmente sua própria excitação sexual, imaginavam o prazer do toque frio de lady Chatterley em seus órgãos cálidos e tumescentes e experimentavam por meio da masturbação a emoção vicária de ser seu amante.

O texto erótico muitas vezes leva à masturbação, e isso era motivo suficiente para tornar controverso o romance de Lawrence. Mas havia mais: por meio da personagem do guarda-caça, ele explora a sensibilidade e o distanciamento psicológico que é comum o homem sentir em relação a seu órgão genital; de fato, o pênis parece ter vontade própria, um ego maior que seu tamanho e é frequentemente constrangedor por causa de suas necessidades, seus fascínios e sua natureza imprevisível. O homem sente, às vezes, que o pênis o controla, leva-o para o mau caminho, faz que implore favores à noite a mulheres cujos nomes prefere esquecer na manhã seguinte. Seja insaciável seja inseguro, o pênis exige provas constantes de sua potência, introduzindo em sua vida complicações indesejadas e repetidas rejeições. Sensível, mas capaz de recuperação rápida, igualmente disponível dia e noite com um mínimo de persuasão, ele tem se desempenhado com decisão, embora nem sempre com habilidade, por uma eternidade de séculos, sempre procurando, sentindo, expandindo-se, explorando, penetrando, pulsando, murchando e querendo mais. Sem jamais esconder seu interesse lascivo, é o órgão mais honesto do homem.

É também um símbolo da imperfeição masculina. É desequilibrado, assimétrico, pendente, frequentemente feio. Mostrá-lo em público é “exposição indecente”. É muito vulnerável, mesmo quando feito de pedra: os museus estão cheios de figuras hercúleas com pênis lascados, cortados ou completamente decepados. Os únicos que sobrevivem sem danos parecem ser aqueles desproporcionalmente pequenos, criados por artistas que talvez não quisessem intimidar os órgãos

menores que o normal de seus patronos. Na arte religiosa, o pênis é muitas vezes representado como uma serpente, esmagada pelos pés da Virgem Maria; desde o século XI, os padres, aderindo ao voto de celibato, têm resistido a sua tentação cobiçosa. A masturbação sempre foi considerada pecaminosa pela Igreja, e há muito tempo recomenda-se um chuveiro frio para os paroquianos solteiros como maneira de afogar as primeiras ebulições da ascensão da paixão.

Apesar de a força moral da tradição judaico-cristã e da justiça ter procurado purificar o pênis e restringir sua semente à instituição santificada do matrimônio, ele não é por natureza um órgão monógamo. Desconhece códigos morais, foi projetado pela natureza para o esbanjamento, adora a variedade, e nada, exceto a castração, eliminará seu pendor para a prostituição, a fornicação, o adultério ou a pornografia.

A pornografia atrai especialmente o pênis dos homens que não têm meios para pagar prostitutas ou sustentar amantes, ou que são feios ou tímidos demais para conquistar mulheres, ou ainda que estão temporariamente isolados delas (em prisões e hospitais, por exemplo), ou que desejam continuar fiéis ao casamento em todos os aspectos, exceto quando se entregam a uma fantasia orgástica com uma revista, ou quando, durante a relação sexual matrimonial, imaginam que sua esposa é outra mulher. Isso se chama “superimposição”. É a forma mais comum e privada de infidelidade no mundo, e sua estimulação não depende da pornografia.

Todos os dias, o pênis é vítima de visões sexuais na rua, nas lojas, nos escritórios, nos outdoors e nos comerciais da televisão;

é o olhar malicioso de uma modelo que aperta a pasta de dentes, os mamilos que se imprimem na blusa de seda da recepcionista da agência de viagem, o bando de nádegas jovens em jeans apertados que sobe pela escada rolante da loja, o perfume que emana do balcão de cosméticos: almíscar feito a partir dos genitais de um animal para excitar outro.

A cidade oferece uma dança tribal da fertilidade em versão moderna, um safári sexual, e muitos homens sentem-se pressionados a provar amiúde seu instinto caçador. O pênis, muitas vezes visto como uma arma, é também um fardo, a maldição masculina. Faz de alguns homens incansáveis libertinos, voyeurs, exibicionistas, estupradores. É o que os convoca para a guerra militar e os envia, em numerosos casos, para a morte prematura. Suas seduções insanas podem levar à discórdia matrimonial, ao divórcio, à separação dos filhos, à pensão. Seu desregramento em altos escalões provoca escândalos políticos e derruba governos. Sentindo-se infelizes, alguns homens decidem livrar-se dele.

Mas a maioria, tal como o guarda-caça, admite que não pode matá-lo deliberadamente. Embora possa tipificar, nas palavras de Lawrence, o “terror do corpo”, ele está arraigado na alma do homem, que, sem sua potência, não consegue viver de verdade. Não podendo contar com ele, lorde Chatterley perde sua lady para alguém socialmente inferior.

O fato de lorde Chatterley ser vítima da guerra, paralisado quando servia seu país nos campos de batalha de Flandres, tornou a história da partida de sua esposa com um guarda-caça vigoroso ainda mais trágica e obscena, para muitos ingleses.

Quando Lawrence terminou a versão final do romance, em 1928, seu editor e seu agente recusaram-se a envolver-se com o livro.

Diante da recusa de outras editoras, Lawrence levou o manuscrito para Florença, onde, com a ajuda de tipógrafos italianos que não entendiam uma palavra de inglês e reagiam com indiferença à tradução verbal das cenas de sexo — “Nós fazemos isso todos os dias”, disse um tipógrafo —, produziu uma edição em capa dura limitada a mil exemplares. Cada exemplar, impresso em papel italiano enrolado à mão e com uma bela encadernação, era assinado pelo autor e custava dez dólares. Os livros foram então contrabandeados para a Inglaterra e distribuídos por meio de seus amigos a muitos leitores que, curiosos sobre a obra que os críticos estavam chamando de “abismo de imoralidade” e “o livro mais indecente da literatura inglesa”, estavam mais ansiosos do que nunca para lê-lo.

A primeira edição esgotou-se rapidamente, e seguiu-se uma segunda impressão. O livro logo se tornou muito raro na Inglaterra, porque os agentes da Scotland Yard começaram a dar batidas na casa dos amigos de Lawrence em busca de exemplares para confiscar. Os censores foram alertados também nos Estados Unidos, onde as autoridades alfandegárias de Nova York interceptaram vários carregamentos e, segundo Lawrence, revenderam muitos livros no mercado negro. Editores underground fizeram cópias fac-similares e venderam-nas aos milhares. Alguns desses livros eram edições de encadernação barata e fora de foco, pois eram copiados fotograficamente; outros eram volumes caros, numa encadernação preta, feita especialmente para deixá-los parecidos com bíblias e hinários.

Enquanto Lawrence se irritava com os piratas e os censores, pois tanto uns como os outros o privavam de direitos autorais, a maioria de seus leitores agradecia aos piratas por tornarem disponível o que os tipógrafos italianos não conseguiam prover com eficácia. Mas, ao mesmo tempo que ganhavam muito dinheiro, distribuidores como Samuel Roth costumavam pagar um preço por vender as palavras escritas por Lawrence. Na década de 1930, Roth foi duas vezes encarcerado por traficar o romance, e essas transações de literatura ilegal, entre outras, contribuíram para a condenação de cinco anos que recebeu em 1956 e ainda estava cumprindo quando *O amante de lady Chatterley* foi declarado legal nos Estados Unidos, no verão de 1959.

A liberação do romance de Lawrence foi conseguida graças ao processo movido contra o Departamento de Correios por um radical um tanto romântico, Barney Rosset, que conhecia Roth e era proprietário de uma editora de vanguarda de Greenwich Village chamada Grove Press. Se tivesse nascido uma década antes, Rosset poderia ter sido colega de cela de Roth, pois tinha a mesma paixão pela independência e aversão pela censura. Sua sorte foi publicar muitos livros eróticos quando o país já se tornava mais permissivo sexualmente quanto à vida e à literatura. Além disso, o sucesso do negócio de Rosset deveu-se também ao fato de que, ao contrário de Roth, era de família rica e, portanto, tinha recursos para bancar defesas dispendiosas de livros como *O amante de lady Chatterley*, *Trópico de Câncer*, de

Henry Miller, e outros romances e filmes sensuais que a Grove Press distribuiria a partir do final da década de 1950.

A fonte inicial da riqueza de Rosset era seu pai, um banqueiro e empresário ambicioso de Chicago; descendente de um desafortunado patriarca judeu russo fabricante de rolhas para garrafas de champanhe, ele celebrou sua importância e seu patriotismo durante a Segunda Guerra Mundial legando seu iate para a Marinha americana. A mãe de Rosset, que se casou com o banqueiro em 1921, depois de ganhar um concurso de beleza e atrair sua atenção, era filha de um militante irlandês católico de Galway, empreiteiro da construção de rede de esgotos em Michigan, que falava gaélico e sentia um tal desprezo pelos ingleses que não permitia o uso da cor vermelha em sua casa porque a associava com o uniforme dos soldados britânicos. Barney Rosset, filho único do casamento, sabia dos comentários antissemitas feitos por sua mãe sobre seus vizinhos judeus de Chicago e às vezes se perguntava se pelo menos uma parte da desaprovação dela aos judeus se voltaria contra ele.

Na adolescência, foi sensível, hiperativo e rebelde. Na escola particular, coeditou um jornal chamado *Anti-Everything* e certa vez participou de uma manifestação diante de um cinema que exibia ... *E o vento levou* porque o filme parecia depreciar os negros. Embora fosse baixo e usasse óculos grossos, foi um *half-back* famoso do time de futebol americano da escola e namorou talvez a garota mais bonita da classe. Foi também presidente da turma de último ano, o primeiro a dirigir um carro, um Packard bege conversível zero quilômetro, e o primeiro a comprar um exemplar ilegal de *Trópico de Câncer*.

Em 1940, entrou para o Swarthmore College e no primeiro ano escreveu um trabalho final de inglês sobre Henry Miller, recebendo nota B menos; no ano seguinte, descontente com a influência quacre na escola, transferiu-se para a Universidade de Chicago. Três meses depois, ainda insatisfeito, mudou-se para Los Angeles e frequentou a UCLA. Em outubro de 1942, alistou-se no Exército e foi tenente da unidade de sinalização, designado para missões fotográficas na China, onde precisou ser contido pelos companheiros para não se aventurar além dos perímetros autorizados.

Depois da guerra, Rosset voltou para casa, obteve o título de bacharel em filosofia pela Universidade de Chicago, foi coproprietário de um avião no qual sobrevoava os arranha-céus da cidade e teve um caso com uma socialite loira que queria ser pintora. Moraram juntos — numa época em que isso era um escândalo —, primeiro em Nova York, depois em Paris; quando enfim se casaram, em 1949, na Provença, o romance estava essencialmente acabado.

Ao retornar a Nova York, ela se envolveu com um jovem pintor abstracionista judeu-americano e acabou deixando Rosset, que logo conheceu uma jovem empregada da livraria Brentano's, filha de um ex-oficial de informações da Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Rosset tinha trinta anos quando se casou com ela, em 1953, um ano depois de comprar a Grove Press e começar a publicar a obra de escritores talentosos ainda não vendáveis e pouco convencionais, que eram chocantes para as principais editoras americanas, mas agradavam ao eclético Rosset, ávido por riscos.

Entre os escritores que assinaram contrato com ele estavam Jean Genet, Samuel Beckett, Eugène Ionesco, Alain Robbe-Grillet, Simone de Beauvoir e outros autores europeus e exilados que viviam em Paris, então ainda a capital da cultura ocidental. No período considerável em que permaneceu lá, Rosset não somente negociou com agentes e editores franceses os direitos para os Estados Unidos de romances e peças que admirava, como também conheceu muitos jovens americanos que editavam revistas literárias em Paris, estavam escrevendo seus primeiros romances ou simplesmente levavam a vida nos cafés da Rive Gauche, descobrindo por si mesmos o que Hemingway queria dizer ao afirmar que Paris era uma festa. Havia na cidade uma liberdade social e artística peculiar àquele tempo e àquele lugar, onde, em larga medida graças à presença do audacioso editor Maurice Girodias, os americanos em Paris podiam comprar livros em inglês que eram chocantes ou realistas demais para serem vendidos legalmente nos Estados Unidos.

Quando Rosset e Maurice Girodias, que também era filho de pai judeu e mãe católica, conheceram-se em Paris, desenvolveu-se entre eles afinidade e admiração profissional. A firma de Girodias, a Olympia Press, fundada em 1953, foi a primeira a publicar em inglês *Lolita*, de Vladimir Nabokov, *O homem ruivo*, de J. P. Donleavy, *História de O*, de Pauline Reage, *Almoço nu*, de William Burroughs, e *Candy*, de Terry Southern e Mason Hoffenberg. Como Rosset, Girodias era impulsivo e ousado, influenciado pelo que chamava de “anarquismo individualista”, e indignava-se com todas as manifestações de *esprit bourgeois*.

Embora uma parte do que publicava em Paris fosse convencional — livros de ensaios políticos, clássicos russos em francês e até um periódico devotado à arte do tricô —, seu nome estava inextricavelmente ligado à libertinagem, e entre suas contribuições mais carnis para as letras estavam romances de títulos como *Com a boca aberta*, *A carruagem de carne* e *Coxas brancas*.

Esse último romance, escrito com o pseudônimo de Frances Lengel, na verdade era obra do talentoso escritor ítalo-escocês Alexander Trocchi, editor de uma publicação literária trimestral em inglês, editada em Paris, chamada *Merlin*. Girodias publicou também o livro de aventuras *Luxúria*, cujo autor, por sugestão dele, usou o *nom de plume* conde Palmiro Vicarion. Da mesma forma, atribuiu a autoria de *Candy* a “Maxwell Kenton”, porque seu coautor americano Terry Southern temia que a associação de seu nome verdadeiro a essa história de uma rapariga desinibida do Wisconsin reduzisse suas chances de vender um livro infantil que acabara de apresentar a uma editora dos Estados Unidos.

Outros escritores que, por vários motivos, queriam esconder sua identidade escreveram livros para Girodias com pseudônimos como “Marcus van Heller”, “Miles Underwood” e “Carmencita de las Lunas”. Quando estava com pouco dinheiro, o que era frequente por causa do gerenciamento errático de seus negócios, Girodias enviava para sua vasta clientela na França e no exterior folhetos de propaganda com um resumo sedutor de algum romance erótico novo que instava todos a comprar; depois que recebia um número suficiente de respostas com dinheiro,

contratava um escritor para produzir um livro que se conformasse mais ou menos à trama que inventara.

“Era muito divertido”, lembrou ele mais tarde num texto sobre sua carreira fulminante na Paris do pós-guerra. “O mundo anglo-saxão estava sendo atacado, invadido, infiltrado, contornado e conquistado por essa armada erótica. Os mestres-escolas dickensianos da Inglaterra tinham convulsões de ira inútil, os cabelos dos juízes ficavam de pé sob suas perucas, os preços de nossos produtos de capa verde no mercado negro de Nova York e Londres subiam fantasticamente.”

Na direção de sua “armada erótica” de Paris, Maurice Girodias, embora adotando o sobrenome francês de sua mãe católica, seguia uma rota mapeada anos antes por seu pai, Jack Kahane, um judeu inglês que até a morte, em 1939, fora um escritor e editor expatriado em Paris de livros em inglês frequentemente considerados obscenos.

Jack Kahane nasceu em Manchester e, quando jovem soldado na Primeira Guerra Mundial, sofrera danos nos pulmões causados por gases alemães na batalha de Ypres. Seu desprezo pelos alemães equiparou-se, após a guerra, a seu desencanto com a Inglaterra, com o conformismo rígido e o interminável vitorianismo; muito antes que o governo institucionalizasse suas invectivas contra D. H. Lawrence, Kahane abandonou a Grã-Bretanha e retornou com sua provocante esposa francesa para o continente, onde acabou criando a Obelisk Press em Paris e fez amizade com Henry Miller, tornando-se o primeiro editor de *Trópico de Câncer*.

Além de seus próprios romances impudicos, Kahane publicou obras de Cyril Connolly e Anaïs Nin, *Minha vida e meus amores*, de Frank Harris, poemas e trechos de *Finnegans Wake*, de James Joyce, e a primeira obra de Lawrence Durrell, *O livro negro*. Em 1939, pouco depois de completar suas *Memoirs of a booklegger* [*Memórias de um “contralivrista”*], Kahane morreu, deixando para seu filho de 21 anos, junto com várias contas de bar não pagas, o desafio de continuar a Obelisk Press.

Durante algum tempo, o negócio sobreviveu, em parte graças à presença dos pracinhas americanos, que compravam em abundância as obras de Miller e Harris e as “Memórias” de Fanny Hill. Mas Maurice Girodias fez inimigos políticos na cidade quando publicou um texto escrito por um membro da Resistência francesa acusando de conluio autoridades públicas e líderes empresariais. Embora tenha sido absolvido da acusação de calúnia por uma corte francesa, sentiu-se a partir de então mais exposto e vulnerável como editor e posteriormente começou a receber visitas de inspetores que investigavam obscenidade.

Primeiro, foi questionado sobre as obras de Miller, que não sofriam objeção havia anos; depois *Lolita* foi declarado obsceno, muitos meses depois de publicado. Em seguida, vieram objeções a *Nossa Senhora das Flores*, de Jean Genet, e ao conto vitoriano *Sob a colina*, escrito e ilustrado por Aubrey Beardsley.

De repente, Girodias teve a impressão de que a tradição liberal da França, o legado de uma revolução sangrenta, estava sendo subvertida por forças reacionárias de dentro do governo, e sua sensação era compartilhada por vários observadores e correspondentes políticos então residentes na França. Um deles,

David Shoenburn, achava que as frustrações militares do país na Indochina e na Argélia tinham convencido muitos patriotas orgulhosos de que o excesso de permissividade esgotara os recursos e a capacidade da nação e era necessária a restauração da ordem, da obediência e da moralidade antiga.

O expurgo da pornografia assinala amiúde a ascensão de regimes autoritários — um dos primeiros atos de Hitler foi proibir os campos de nudismo e o livro de instruções sexuais *Casamento ideal*; a intimidação de Girodias, no final da década de 1950, prenunciava a chegada ao poder do general Charles de Gaulle com sua esposa austera e devota. No governo do general, a Igreja católica e os militares gozaram de prestígio e influência crescentes, e logo Maurice Girodias foi vítima do que chamava de “virtudes puritanas” do extremismo burguês. Em suas memórias, escreveu sobre a França: “A diversão e a alegria foram embora deste país; a guerra da Argélia espantou as últimas colônias de jovens artistas e vagabundos de Paris; nesta cidade de aparência higiênica, com sua sujeira encoberta por decreto governamental, o espírito está morto, o festim secular acabou”.

Girodias fechou o escritório parisiense da Olympia Press e foi para os Estados Unidos, onde a nova definição de obscenidade, provocada por Roth, ajudara a transferir a aparência jovial da Rive Gauche literária para a Greenwich Village de Nova York, a North Beach de San Francisco, a Venice de Los Angeles e o Near North Side de Chicago. Cafés floresciam nas principais cidades, escritores e poetas beatniks prosperavam, livros de Genet e Beckett vendiam-se bem em livrarias universitárias e

Lolita, ainda proibido na França, foi considerado legal nos Estados Unidos e publicado por G. P. Putnam em 1958, um ano antes da publicação de *O amante de lady Chatterley* pela Grove Press de Barney Rosset.

Enquanto os franceses seguiam seu antiquado general, os americanos cansavam-se cada vez mais de *seu* general idoso e arremedavam as declarações adulteradas de Eisenhower à imprensa da Casa Branca. Em 1960, ficaram ofendidos e embaraçados quando o presidente descartou as acusações da União Soviética de espionagem aérea de seu território e sua impostura foi denunciada pela confissão de um piloto de U-2 que acabara de ser derrubado e capturado pelos russos.

Esse foi um dos muitos incidentes que contribuíram para as crescentes dúvidas do público sobre a integridade e a supremacia da liderança americana e serviu também para simbolizar o afastamento da geração mais jovem das políticas e práticas do passado. Assim como o piloto do U-2 violara a tradição militar ao confessar para o inimigo — ato impensável na época de Eisenhower no Exército —, multidões de jovens americanos estavam desconsiderando os códigos e inibições que tinham influenciado seus pais; dessa forma contribuíam para a fundação de uma nova sociedade, que seria menos secreta, mais aberta e menos conformista — uma sociedade que estaria, em breve, exigindo liberdade de expressão nas universidades, denunciando o racismo, queimando convocações militares durante a guerra do Vietnã. Na historiografia, a maioria desses atos de desafio data de meados da década de 1960 em diante,

mas os tremores iniciais fizeram-se sentir anos antes, quando Eisenhower ainda era presidente, e muitos sinais precoces dessa tendência cismática eram sexuais.

Em 1959, o diretor cinematográfico Russ Meyer, que fora fotógrafo de mulheres para revistas masculinas, produziu um filme chamado *O imoral sr. Teas*, que exibia os seios e as nádegas nus de atraentes *starlets* de Hollywood. Aproveitando-se da recente lei liberalizante da obscenidade, Meyer conseguiu exibir o filme em vários cinemas de arte do país, atingindo um público muito mais amplo do que o costumeiro bando de homens solitários. Com um investimento total de apenas 24 mil dólares, o filme de Meyer faturou 1 milhão de lucro. Isso inspirou imediatamente dezenas de imitações que mostravam nudez e deu início ao multimilionário mercado americano de *skin flicks*, filmes pornô.

Embora as apresentações de Lenny Bruce em clubes noturnos continuassem a sofrer a perseguição da polícia, as acusações de obscenidade contra ele eram frequentemente derrubadas nas apelações, permitindo-lhe continuar (até sua morte causada pelas drogas, em 1960) com as diatribes contra a hipocrisia americana, a defesa da pornografia como liberdade de expressão e as especulações sarcásticas sobre a sexualidade dos censores e padres.

Até então, as fotografias de mulheres nuas apareciam quase exclusivamente em revistas masculinas; em 1960, a *Harper's Bazaar* publicou uma foto produzida por Richard Avedon da socialite loira Christina Paolozzi com os seios à mostra que provocou sua expulsão do Registro Social, mas transformou-a

numa celebridade dos meios de comunicação e fez da *Bazaar* a revista lançadora da moda exibicionista.

Em todo o país, os cidadãos de classe média ficavam menos melindrados com a nudez em revistas e filmes e mais tolerantes com biquínis menores nas praias. Um fator influente foi, sem dúvida, a *Playboy*, que, em seu sétimo ano de defesa de mais liberdade e patrocinadora irreprimível do biquíni, vendia exemplares escancarada e prodigiosamente, não apenas nas bancas das grandes metrópoles, como também nas drugstores de cidades pequenas. A revista atraía igualmente anunciantes de âmbito nacional, porque capturara uma grande fatia do mercado jovem afluyente: 25% dos exemplares eram vendidos nas universidades. Muitos americanos idosos ainda sentiam repulsa pelo conteúdo da revista, todavia ficavam impressionados com seu sucesso comercial, e parecia menos provável que os júris condenassem agora os fornecedores de periódicos similares, até mesmo na Chicago do prefeito Daley.

Em 1959, depois que um esquadrão contra a imoralidade de Chicago prendeu 55 jornaleiros independentes por venderem revistas masculinas, um júri de cinco mulheres e sete homens — sem se influenciar por um grupo religioso que ocupava os assentos do tribunal segurando rosários e rezando em silêncio — absolveu os acusados. Quando o veredicto foi anunciado, o juiz pareceu atordoado, caiu para a frente e foi levado às pressas para um hospital: sofrera um ataque cardíaco.

Em 1960, a fortuna de Hugh Hefner permitiu-lhe comprar por 370 mil dólares uma mansão vitoriana de 48 cômodos, perto da exclusiva Lake Shore Drive, e gastar outros 250 mil em reformas

e numa grande cama redonda rotativa que se tornaria o centro de seu império em expansão. No mesmo ano, abriu em Chicago o primeiro Playboy Club, apresentando um novo comediante negro chamado Dick Gregory num espaço decorado com cartazes de “namoradas” famosas como Janet Pilgrim e Diane Webber. Entre os primeiros clientes estava Harold Rubin, com 21 anos recém-feitos e temporariamente desempregado.

Como a declarar oficialmente o fim da era idosa de Dwight D. Eisenhower e o reconhecimento da ascensão inevitável de uma nova geração, em novembro de 1960 o país elegeu o mais jovem presidente de sua história, o belo senador de 43 anos John F. Kennedy, de Massachusetts.

Durante sua breve e dramática permanência no cargo — que o envolveu numa tentativa fracassada de invadir Cuba, num confronto naval triunfante com os russos, em várias crises no Congo, em Berlim e no Sudeste Asiático, bem como no Mississippi e no Alabama —, ele conseguiu tempo para inaugurar o Peace Corps, promover a aptidão física e a consciência do corpo, velejar em Newport, aparecer de calção numa praia da Califórnia cercado por admiradoras e embelezar a Casa Branca com um glamour e um brilho que, para os felizardos participantes, foi inesquecível.

Quase tudo o que ele dizia em discursos, fazia em público ou lia em particular tinha uma incrível influência naquela época de modismos. Sua admiração pelos romances de espionagem de Ian Fleming fez suas vendas estourarem. Ele emprestou dignidade ao hábito de fumar, e até o design da cadeira de

balanço especial receita para sua dor nas costas ganhou fama, sendo logo imitado pelos fabricantes de móveis.

A popularidade do presidente sem dúvida foi realçada por sua elegante e jovem esposa Jacqueline, que se tornou a mulher mais fotografada do mundo e, entre parênteses, o objeto masturbatório de numerosos leitores de revistas masculinas. Jamais na história americana houve tantos homens apaixonados por uma primeira-dama. Mas, por mais atraente que ela fosse, não refreava o interesse do marido por outras mulheres. Kennedy era católico, porém não era monogâmico; era um membro de elite da religião, um fiel abastado que, tal como seu pai, cultivava a amizade de cardeais e não era afetado pela filosofia triste que reprimia a vida sexual dos pobres paroquianos comuns.

Embora suas infidelidades não saíssem nos jornais, os rumores eram constantes, e vários jornalistas supunham que entre suas amantes estavam duas atrizes de Hollywood, uma jovem formanda de Radcliffe que morava em Boston, uma atraente secretária da Casa Branca, a elegante cunhada de um executivo das comunicações e uma adorável divorciada que vivia em Los Angeles. Se nos anos 60 não surgiu o nome de nenhuma amante em particular para personalizar seu fervor ou causar escândalo, foi porque, ao contrário de alguns presidentes anteriores, ele não queria uma amante; preferia a variedade e, segundo um correspondente que o conhecia bem, era capaz de fazer amor de modo tão casual e rápido quanto atravessar nadando uma piscina — o que não significa negar sua afeição pelas mulheres que compartilhavam sua cama, mas apenas sugerir que a relação sexual não era para ele um ato complicado

de compromisso. Era um entregar-se ao puro prazer, um exercício saudável que aliviava a tensão e produzia a deliciosa sensação de estar vivo. Kennedy era, como D. H. Lawrence poderia descrevê-lo, um presidente fálico.

Por mais representativo dos anos 60 que fosse seu estilo sexual, havia auxiliares da Casa Branca e aliados políticos que ficavam estarecidos em silêncio com isso, ou que, acostumados a associar a presidência com homens muito mais velhos, estavam despreparados para os impulsos juvenis lúbricos exemplificados por Kennedy e seu grupo.

Uma jovem graciosa que trabalhara na campanha presidencial de 1960 e acreditava ter conseguido emprego na Casa Branca graças a sua inteligência e a seu idealismo ficou desapontada ao descobrir que, para Kennedy e alguns de seus homens, o melhor dela era o corpo. Outra secretária da Casa Branca, que também viajava com o presidente e passava muitas horas em particular com ele quando Jacqueline estava longe, começou a ficar muito angustiada em 1963 temendo que a imprensa divulgasse a *dolce vita* e sua própria participação nela; mais tarde, ao ouvir a notícia da morte de Kennedy em Dallas, sua primeira reação foi de alívio: agora, pensou, sua imagem de líder bom e elegante estaria a salvo, sem o deslustre de uma investigação de sua vida privada.

Hugh Sidey, correspondente da revista *Time* em Washington, escrevera sobre a libertinagem na Casa Branca antes da morte de Kennedy, mas num memorando confidencial para seus editores em Nova York. Num informe, ele sugeria que, às vezes, a sensualidade e a suntuosidade do governo Kennedy

lembravam o hedonismo da Roma antiga, o que dificultava seu trabalho, pois frequentemente não conseguia falar com porta-vozes do governo à noite ou em fins de semana porque todos pareciam estar ocupados socialmente em Washington ou outro lugar. Num fim de semana em que Kennedy e sua equipe estavam em Palm Beach, prosseguia o memorando, até Rose Kennedy, a idosa mãe do presidente, entregara-se à boa vida, comparecendo a uma festa com um acompanhante que diziam ser seu “gigolô”.

O informe destinava-se apenas aos editores da *Time*, por isso Hugh Sidey ficou atônito posteriormente, no escritório do secretário de Justiça Robert Kennedy, ao ouvi-lo dizer com voz irada: “Nós poderíamos processá-lo por calúnia”. Sobre a mesa de Robert Kennedy havia uma cópia do memorando. Quando Sidey lhe perguntou como o conseguira, a única resposta que obteve foi que alguém o enviara. Sidey ficou furioso e, embora pedindo desculpas pela referência leviana ao acompanhante de Rose Kennedy, não se retratou de mais nada do que escrevera — ao contrário, disse que achava “repugnante” o que estava acontecendo e acrescentou: “Não creio que seja esse o modo correto de governar, ou o modo como vocês deveriam estimular o funcionamento do governo”.

Se a revista *Time* tivesse publicado o conteúdo do memorando de Sidey, talvez recebesse muitas cartas favoráveis de leitores, em particular daqueles que moravam em cidades pequenas distantes da Costa Leste, pois, apesar do entusiasmo inspirado por Kennedy e suas mudanças bem-vindas, na classe média americana crescia a sensação de que as coisas estavam

andando depressa demais, de que havia manifestações políticas demais no Sul e festas demais em Washington para as quais não eram convidados. Os Kennedy inspiravam um espírito de clã, uma turma *in* de gente bonita e estrelas de cinema, professores de Harvard e liberais ricos que queriam democratizar todos os lugares, exceto seus bairros bem policiados e as praias exclusivas da Nova Inglaterra e nos Hamptons.

A ênfase na juventude fez com que os americanos de mais de trinta anos se sentissem velhos, em particular os executivos juniores que, tendo se identificado com as empresas e associado sabedoria com idade, sentiam-se agora subitamente inseguros e fora de moda naquela era de novas personalidades e valores vacilantes. Os que tinham se formado na década de 1950, ao visitarem suas universidades nos anos 60, ficavam espantados com a nova liberdade nos campi. Universitárias solteiras, algumas pioneiras no uso da pílula, viviam abertamente com rapazes, tomando por garantidas certas liberdades que anos antes teriam causado sua expulsão da escola. Os estudantes do sexo masculino dos anos 60 pareciam quase desprovidos de formalidade, sem gravata e sem o tradicional respeito pelos mais velhos, sugerindo uma confiança fácil, inspirada talvez pela suposição de que, com seu conhecimento das novas tecnologias e a obsolescência acelerada da geração anterior, sua carreira futura se caracterizaria por atalhos para o topo.

Embora os veteranos em geral se irritassem com essa atitude, também invejavam quem estava construindo a nova liberdade e gostariam de ser mais moços e mais disponíveis para se entregar a ela. Um desses indivíduos, que tinha as emoções típicas de

milhares de outros homens de trinta e poucos anos — e seria depois atraído para uma experiência voluptuosa que superaria seus desejos —, era um executivo de seguros normalmente cauteloso de Los Angeles, chamado John Bullaro.

8.

John Bullaro era um homem robusto, de 1,80 metro de altura, olhos castanho-claros e traços equilibrados, que chegava todas as manhãs ao escritório da companhia de seguros no centro de Los Angeles de terno e gravata, com seu jeito agradável e expansivo. Vestia-se no estilo Brooks Brothers, e seus cabelos castanho-claros, curtos e bem aparados, agradariam a seu pai, um ítalo-americano que tivera uma barbearia de seis cadeiras no edifício Hearst, em Chicago.

Embora tivesse votado em Kennedy e sentido sua morte, Bullaro estava consciente de que a influência dele ampliara a distância entre pais e filhos, criando uma atmosfera da qual nasceria a *generation gap*. E John Bullaro ficara pessoalmente ofendido com as agitações estudantis no campus de Berkeley, em 1964, quando um estudante ganhara manchetes ao dizer: “Não se pode confiar em ninguém com mais de trinta anos”. Bullaro estava com 33 e sentia-se tão confiável e idealista quanto qualquer radical farisaico cheio de sofismas da universidade.

Depois de formar-se em 1956 pela Universidade de Nova York, com mestrado em administração escolar, e de resistir à inclinação pela faculdade de medicina, Bullaro passou anos trabalhando com jovens, como diretor do Boys’ Club de

Hollywood, em Los Angeles. Em 1960, depois do casamento com Judith Palmer — uma linda loira que fazia estágio de enfermagem na Clínica Beverly Hills —, mudou de carreira, assumindo um cargo mais alto e mais bem pago no ramo de seguros, que lhe parecia de alguma forma relacionado com a assistência social e comunitária e, por extensão, com o bem-estar nacional.

Bullaro acreditava que, sem o aval das grandes seguradoras, que assumiram os riscos, os Estados Unidos não teriam realizado o milagre econômico do último século. Na posição de jovem agente do escritório de Los Angeles, lia com orgulho a história da companhia de seguros New York Life, que desde 1845 compartilhava as dores e as glórias da aventura americana. A empresa ajudara a financiar a Revolução Industrial, fizera seguro de vida para os pioneiros que foram em carroções para a corrida do ouro na Califórnia, investira muitos milhões em títulos do governo para sustentar os esforços militares do país na Europa e na Ásia.

John F. Kennedy não fora cliente da firma, mas nove presidentes anteriores sim, inclusive os dois Roosevelt e duas vítimas de assassinato, Garfield e McKinley, bem como individualistas ousados, como Harry Houdini e o astronauta Virgil Grissom, Charles Edison e Walter Chrysler, além do general George Custer, cuja última missão em Little Big Horn, em 1876, fora assegurada pela New York Life em 5 mil dólares.

Quando Bullaro entrou para a companhia, ela era uma das cinco maiores do país, com 360 escritórios, quase 10 mil empregados em tempo integral e um número equivalente de

agentes independentes que trabalhavam por comissão. Mesmo assim, ele sentiu-se pessoalmente envolvido com a firma, sendo por natureza um homem de organização, capaz de se identificar com objetivos empresariais; logo foi indicado para receber promoções. Em 1962, tendo cumprido as metas mais altas de vendas da companhia, foi promovido a gerente-assistente. Em 1964, ganhou uma gerência regional, um belo aumento de salário e comprou uma casa espaçosa em Woodland Hills, um subúrbio de Los Angeles. Era membro do Rotary Club e da Câmara de Comércio Júnior locais, arrecadador de fundos para a United Way e conselheiro do Boy's Club de Hollywood, onde trabalhara. Fazia parte também do conselho da Igreja da Ciência Religiosa de Valley Oaks, tendo abandonado o catolicismo ocasional de seu pai e as fortes tradições judaicas de sua mãe.

Quando era adolescente e morava num bairro de baixa classe média de Chicago, onde imperava o antissemitismo, jamais revelou aos amigos a origem judaico-russa da mãe. Com medo do ostracismo social e com esperança de se integrar à maioria cristã, pertencera a um clube de jovens do bairro afiliado à Igreja episcopal. Bullaro passou a aceitar-se melhor depois que sua família, por insistência de sua mãe — cansada dos invernos gelados de Chicago e do edifício apinhado em que viviam —, mudou-se para Los Angeles, em 1951.

Sentia-se menos acanhado e etnicamente diferenciado na atmosfera aberta do sul da Califórnia, onde não havia bairros insulares, dominados por irlandeses, italianos, eslovacos ou alemães, facções em rixa que só se uniam na animosidade contra os negros ou judeus. Los Angeles era uma cidade

relativamente jovem e sem raízes, sem conexões com o Velho Mundo e as tradições. Seus colonizadores não tinham vindo da Europa, mas de outras cidades dos Estados Unidos. Eram nativos, seguros de sua identidade nacional e não buscavam proteção ou força em alianças étnicas. O uso generalizado do carro produzia uma sociedade muito móvel, menos circunscrita e arraigada do que as de Nova York ou Chicago, e no clima ameno de Los Angeles até as favelas, as fileiras brancas de barracos cobertos de palmas, pareciam preferíveis aos cortiços escuros e úmidos de Chicago no inverno.

Tal como os milhares de americanos que estavam se estabelecendo na Califórnia, o estado que mais crescia no país, Bullaro achou a mudança rejuvenescedora e emancipadora para si mesmo e para sua família. Seu pai, que de início relutara em deixar sua próspera barbearia de Chicago, logo encontrou emprego nos estúdios da MGM e passou a cortar os cabelos de Clark Gable, Fred Astaire e Mario Lanza. Sua mãe, que havia pouco tivera outro bebê, depois de dezoito anos, estava alegremente preocupada com sua filhinha e metia-se menos nos assuntos pessoais do filho. Embora tentasse dissuadi-lo de ir para a Universidade de Nova York em 1955 e, mais tarde, ficasse desapontada quando ele deixou de ver a jovem judia que vinha namorando, não fez objeções a seu namoro com Judith Palmer e, em 1958, compareceu ao casamento, realizado por um ministro congregacionista.

O casamento com Judith Palmer foi um grande passo para Bullaro na busca de assimilação. Ser aceito por ela era quase

equivalente a ser admitido no desejável clube da maioria dos cidadãos, a não precisar mais considerar-se membro de um grupo minoritário, um americano fracionário. O pai de Judith era um alto executivo de uma empresa de aeronáutica de Los Angeles, com conexões pessoais com o complexo industrial-militar, que estava investindo milhões na economia californiana; nele, Bullaro viu um aliado na hierarquia empresarial, à qual aspirava.

Desde o momento em que conhecera Judith, sua aparência saudável e sua tez clara o atraíram; os ossos da face e os cabelos loiros curtos lembravam-lhe a atriz Kim Novak. Ela bebia em festas mais do que qualquer outra mulher que Bullaro tivesse conhecido, o que ele atribuía a sua educação liberal e à possível influência de seu pai jovial, que ela adorava. Bullaro não se preocupava muito, pois a bebida não afetava a postura de Judith em público e tinha um efeito revigorante em sua vida sexual. Depois das festas e da bebida, ela ficava extremamente sensível e desinibida na cama e realizava felação com habilidade e ardor incomuns.

Entretanto, fora essas ocasiões, era sexualmente passiva, e isso parecia se intensificar à medida que o casamento adentrava a década de 1960. Era como se a paixão pré-matrimonial ilícita que tinham vivido nos anos 50 tivesse definhado com a legalidade e precisasse de estímulo adicional para se reanimar. Além disso, agora tinham filhos, um casal, e Judith estava frequentemente cansada à noite, o que às vezes ele até achava bom, pois, com suas responsabilidades crescentes na New York

Life, podia trabalhar até tarde da noite em casa, enquanto a família dormia.

Gostava de morar em Woodland Hills, na primeira casa que tivera depois de morar a vida inteira em apartamentos. Era uma casa bege em estilo de fazenda, com um teto pesado de telhas de madeira; na frente, havia pinheiros, plátanos e uma aroeira. Um caminho semicircular atravessava o gramado, e na garagem havia dois carros, o novo Oldsmobile de Bullaro e um Thunderbird mais antigo que o pai de Judith dera a ela de presente. O interior da casa sugeria influência espanhola; havia uma lareira de tijolos e uma mesa oval que servia de bar, onde ficavam garrafas de vinhos californianos.

Nos fins de semana, o casal às vezes jantava fora com os colegas de Bullaro e suas esposas, e todos se reuniam na casa de um deles para um drinque após o jantar. Certa noite, tiveram a companhia de um homem da John Birch Society que mostrou um filme político sobre o Partido Conservador e estava ansioso por pedir a ajuda de Bullaro para formar um núcleo da sociedade em Woodland Hills.

Bullaro tornara-se mais conservador politicamente desde a morte de Kennedy, mas estava longe de ser um militante reacionário. Ficava tão surpreso quanto seus amigos com os recentes tumultos raciais no bairro de Watts, em Los Angeles, e sentia-se afrontado pelos distúrbios recorrentes nas universidades, entretanto também reconhecia em si mesmo um fascínio relutante pela maneira como os jovens estavam se expressando. Impressionavam-no a abertura deles, sua firmeza na defesa de grupos e opiniões minoritários e a facilidade com

que encontravam tempo para se entregar a uma liberdade sexual que Bullaro só podia invejar.

Nas manhãs de domingo, depois de dizer a Judith que ia sair com seu grupo de ciclismo para um passeio no campo, como de hábito, Bullaro às vezes pedalava sozinho 25 quilômetros até Venice Beach, onde um grande número de estudantes, artistas, gente descolada e pessoas que largaram a universidade reuniam-se em cafés ou ao longo do cais, sentados ao sol, conversando, ou lendo livros de vanguarda de que Bullaro nunca ouvira falar. Enquanto pedalava lentamente a bicicleta de dez marchas pelo caminho margeado de palmeiras, com sua camiseta da Universidade de Nova York e tênis que sabia estarem brancos demais, podia ver os *frisbees* coloridos girando suavemente no céu e os casais de cabelos longos andando pela praia; às vezes, quando passava pelas janelas abertas dos apartamentos da orla, via de relance pessoas jovens movendo-se despreocupadamente nuas.

Com frequência, sentia a fragrância da maconha no ar, e dos cafés vinha o som de violões e canções *folk* que troçavam de seu mundo materialista; nessas ocasiões, tinha vontade de descer da bicicleta e aproximar-se daqueles estranhos tranquilos, para tentar conversar racionalmente com eles e, quem sabe, convencê-los de que estava do lado deles, que também era cético em relação ao sistema e estava insatisfeito, apesar de seu evidente sucesso. Mas seguia em frente, em vez de se submeter ao ridículo, e percebia que suas pedaladas dominicais por Venice provavelmente eram um exercício de autocomiseração, uma busca da solução para um problema que ele não conseguia

definir. Só sabia que, aos trinta e poucos anos, sentia-se velho e muito alienado.

Mas nas manhãs de segunda-feira, como se o domingo não tivesse existido, Bullaro voltava ao terno e à gravata, dirigindo o carro com entusiasmo para o escritório — ou, como naquela manhã de setembro de 1965, a bordo de um avião com destino a Palm Springs, onde ajudaria na supervisão de uma conferência sobre seguros. Entre os convidados estavam dezenas de novos agentes da New York Life na Califórnia, que durante três dias e duas noites, num moderno hotel no deserto, iriam ouvir palestras de executivos seniores, participar de seminários e saber das metas futuras da companhia. Os agentes convidados já tinham provado, em suas breves carreiras na firma, ser capazes de vender seguros de vida, o que exige um talento especial e raro, pois trata-se de um produto que o público associa, em seu subconsciente, à morte ou ao desastre, e a resistência natural a ele é tão forte que os corretores enfrentam inicialmente muita rejeição.

Na opinião de Bullaro, uma consequência disso era a venda de seguros ser menos tolerável para as mulheres do que para os homens; as mulheres tendem a evitar situações que possam levar à rejeição cara a cara, enquanto os homens se acostumam a isso cedo na vida, quando começam a fazer investidas sexuais, e logo aceitam a rejeição como algo natural, embora desagradável. Bullaro notou, no primeiro dia da conferência, que entre os setenta novos agentes havia apenas quatro mulheres; uma delas tinha superado em vendas quase todos os homens, e

ele já ouvira falar de sua reputação antes de conhecê-la no bar, naquela primeira noite.

Bullaro estava sentado com três outros executivos quando ela entrou sozinha na sala lotada e aceitou o convite de um dos homens da roda para fazer-lhes companhia. Chamava-se Barbara Cramer. Era uma mulher de uns 25 anos, baixa, de óculos, cabelos loiros curtos e corpo bem-proporcionado, usando talleur preto; ainda que um pouco comum, era atraente com seu ar de menino. Sentou-se ao lado de Bullaro e, depois de recusar um cigarro e pedir um drinque, ficou ouvindo em silêncio, atenta, a conversa que os homens retomaram. Falavam sobre o plano Keogh, um programa de pensões livre de impostos para trabalhadores autônomos, que o Congresso acabara de aprovar. Sem se intrometer abruptamente, ela passou a impressão de que sabia tanto quanto eles sobre as complexidades do plano.

A discussão durou uma hora e mais duas rodadas de drinques. Os homens então se levantaram para dar boa-noite e deixaram Bullaro com Barbara Cramer. Apesar de não dar sinal de que iria embora, ela queixou-se de uma leve dor de cabeça, e Bullaro ofereceu-se para buscar uma aspirina. Como o bar estava lotado, ele atravessou o saguão em direção a seu quarto, que ficava perto, no segundo andar. Quando abriu o armário de remédios, ouviu a porta do quarto fechar-se. Voltou-se e viu Barbara Cramer, que o seguira. Estava de pé ao lado da cama, sorrindo.

“Decidi que provavelmente preciso de mais do que uma aspirina”, disse ela. “Preciso de uma boa trepada.”

Ele sabia que tinha ouvido bem e ficou espantado com a franqueza. Sua primeira preocupação foi que ela podia ter sido vista por algum de seus colegas. O vice-presidente regional estava no quarto ao lado, e outros executivos, no lado oposto do corredor; mas, antes que Bullaro dissesse qualquer coisa, ela tirou o casaco e os sapatos e começou a desabotoar a blusa.

“Então, você vem?”, perguntou Barbara, enquanto ele a olhava em silêncio.

Estava tão excitado quanto confuso com a rapidez dos acontecimentos. Ela lançou-lhe um olhar interrogativo, com os dedos parados nos botões da blusa.

“Espero que saibamos o que estamos fazendo”, Bullaro falou finalmente, largando a aspirina sobre a cômoda e caminhando na direção do armário embutido. Tirou os sapatos e a gravata, mantendo os olhos fixos nela, que continuou a se despir. Barbara pendurou a blusa cuidadosamente no encosto de uma cadeira, pôs as joias e os óculos sobre a mesa e tirou a saia. Soltou o sutiã, e Bullaro viu seus seios grandes, depois suas coxas firmes e suas nádegas, quando ela se virou, completamente nua, na direção da cama. Entrou debaixo das cobertas e esperou-o tirar as calças e as cuecas. Com uma ereção plena, enquanto atravessava envergonhado o quarto, ele percebeu que era observado.

Barbara não disse nada enquanto Bullaro se deitava na cama, mas ele logo sentiu as mãos dela percorrendo-lhe o peito e a barriga, descendo até o pênis. Ficou deitado de costas, imóvel, enquanto era acariciado. Depois ela subiu em cima dele. Barbara era a agressora, a manipuladora de cada movimento, e ele

estava encantado com seu senso de dominação. Parecia tão diferente de sua esposa e de outras mulheres: não buscava satisfação em palavras, nem tentava abraçá-lo, beijá-lo, ou pedia para ser beijada. Era como se o quisesse de maneira puramente física, sem distrações emocionais. Logo montou sobre ele e introduziu-o nela; durante alguns momentos, moveu-se para cima e para baixo com os olhos fechados até que, apertando ainda mais as coxas dele, suspirou suavemente e parou.

“Assim é melhor”, disse ela.

“Melhor que uma aspirina”, acrescentou ele, vendo-a sorrir. Então ela virou-se, indicando que estava pronta para satisfazê-lo. Bullaro subiu nela e gozou rapidamente.

Estiveram juntos na cama não mais que dez minutos. Ficaram deitados um pouco mais, depois ela se levantou, pôs os óculos e começou a se vestir. Sua figura, notou Bullaro, era voluptuosa e madura, incongruente com seu pequeno rosto infantil e seu penteado de garoto. Sexualmente, era como um homem — a primeira fêmea de ataque e retirada rápida que conhecia.

“Amanhã à noite você pode ir ao meu quarto”, disse ela, enquanto terminava de se vestir de costas para ele, olhando-se no espelho.

Virou-se para ele, que assentiu com a cabeça, e dirigiu-se à porta, abrindo-a devagar para verificar se havia alguém no corredor. Com um aceno, Barbara saiu, fechando a porta delicadamente.

9.

Barbara Cramer, nascida numa fazenda do Missouri, percebeu na adolescência que fora uma filha indesejada. Sua mãe, que tinha 39 anos quando ela nasceu, tivera duas outras meninas uma década antes, quando seu casamento oferecia esperança, embora nem sempre felicidade. Mas a chegada inesperada de Barbara em 1939, numa fazenda remota ainda sem esgoto, prometia apenas mais labuta e um compromisso contínuo com um ritual doméstico melancólico.

Como Barbara se afastava da casmurrice da mãe e suas irmãs mais velhas saíram cedo de casa para casar-se, refugiando-se em vidas somente um pouco menos sombrias, ela cresceu sem um mínimo de influência feminina. Quando não estava na escola de uma única sala de aula do condado de Osage — onde os alunos de sexta e sétima séries, aos quais as aulas eram dirigidas, sentavam-se nas primeiras filas e os menores ficavam no fundo, absorvendo o que conseguissem —, ajudava o pai na fazenda, capinando o jardim, alimentando as galinhas e até mesmo dirigindo um trator pelos campos de trigo e milho.

A fazenda ficava a 11 quilômetros de Chamois, o lugarejo mais próximo, e a vida social de Barbara limitava-se a uns poucos amigos das fazendas vizinhas, a maioria deles meninos, com os

quais ela praticava esportes e logo aprendeu sobre sexo de maneira aberta e natural. Um dia, quando estava com dez anos, viu dois garotos conhecidos, dentro de um celeiro, mexendo com as mãos na frente; um deles chamou-a e, quando ela se aproximou, viu que cada um estava acariciando seu pênis.

Embora tivesse visto algumas vezes seu pai tomando banho numa banheira de ferro galvanizado perto da cozinha, nu, jamais vira um pênis ereto e reagiu com muita curiosidade. Quando o menino mais velho, de treze anos, perguntou se gostaria de tocá-lo, Barbara concordou; e, quando ele lhe mostrou como queria que o massageasse, ela seguiu as instruções e ficou mais surpresa do que chocada ao sentir a pulsação e ver uma substância cremosa escorrer entre seus dedos.

Enquanto o menino menor se masturbava até chegar ao clímax, o mais velho a beijava, e ela não se sentiu agredida, mas excitada e desejada. Depois desse episódio ela e o menino mais velho costumavam masturbar-se mutuamente no palheiro; mas, sem jamais ter discutido o assunto, sentiam o perigo de uma exploração adicional e não foram adiante.

O sexo nunca foi discutido no lar dos Cramer. Quando Barbara menstruou, sua mãe não fez mais do que lhe dar vários pedaços pequenos de pano, dizer que forrasse as calcinhas com eles e queimasse-os depois. Era costume das mulheres da região guardar lençóis e panos velhos com esse fim, uma vez que o pudor, mais do que a economia, impedia que comprassem o Kotex vendido no armazém.

Barbara achava as mulheres simples do campo sem atrativos. Só quando passou a frequentar o colégio em Chamois conheceu

alguém de seu sexo que considerou fisicamente interessante. Seu nome era Frances, uma garota alta, de cabelos negros, elegante, tão popular com os garotos quanto invejada pelas garotas, exceto Barbara, que, contente com seu papel de menina masculinizada da turma, não se sentia competitiva em termos de beleza feminina. Tornaram-se amigas, principalmente porque se complementavam. Frances era graciosa e bem-comportada, Barbara era impulsiva e audaciosa, não se intimidava com os garotos, respondia no ato a seus comentários rudes e até bebericava Bourbon no bico das garrafas que de vez em quando levavam escondido para a escola. As duas garotas eram inseparáveis, a não ser no verão, quando Barbara trabalhava em tempo integral a fim de ganhar dinheiro para seu sustento.

Um certo verão, esteve empregada em uma loja rural que tinha um posto de gasolina na frente e um salão de dança nos fundos; além de encher tanques e vender artigos domésticos, ela servia cerveja nos fundos para os fazendeiros e rapazes locais, alguns dos quais usavam os cabelos à moda *mohawk*: cabeça raspada nas laterais, com uma faixa de cabelos no meio.

No verão seguinte, desejando ficar mais longe de casa, viajou 80 quilômetros até Jefferson City, morou numa pensão de propriedade da tia de uma colega de escola e trabalhou na lanchonete da Woolworth, matando o tempo nas tardes solitárias ouvindo Elvis Presley cantar “Heartbreak Hotel” no rádio. Depois conseguiu um emprego mais bem pago numa fábrica de calças onde, cercada por costureiras de meia-idade mal-humoradas, passava o dia manuseando entrepernas, abrindo e fechando zíperes e pensando muito em sexo.

Estava então com dezesseis anos e perdera recentemente a virgindade para um estudante de Chamois a quem ela achava que amava. Ele era mais inteligente que a maioria e sempre tomava o cuidado de usar camisinha quando faziam amor em seu calhambeque. Entre seus interesses comuns estava a aversão à vida rural, e ele falava frequentemente em se tornar piloto de aviação comercial. Embora ela não se considerasse bastante bonita ou subserviente para ser aeromoça, acabou se candidatando em várias empresas aéreas, pedindo para ter como base St. Louis, mas não ficou surpresa nem desapontada por não ter sido aceita em nenhuma delas.

Embora não soubesse o que queria fazer de sua vida, estava decidida a evitar a rotina infeliz de pobreza rural e partos que vira a seu redor. Depois de formar-se, voltou para Jefferson City como técnica de raio X num hospital; posteriormente, mudou-se com Frances para St. Louis, onde partilhariam um apartamento. Frances conseguira emprego num escritório de seguradora, enquanto Barbara trabalhava no departamento de contabilidade de um fabricante de papelão, posto que logo veio a deplorar. As funcionárias eram segregadas dos funcionários, e no departamento de Barbara havia quinze mulheres lúgubres, de bocas contraídas e absolutamente desprovidas de humor e ânimo.

Barbara ainda estava por encontrar uma mulher que parecesse feliz com seu trabalho. Em livros e revistas, jamais lera uma história sobre alguma mulher de negócios bem-sucedida, respeitada, próspera, sexualmente livre, independente de um homem. No entanto, era esse o tipo de mulher que esperava

vagamente se tornar, se não no Missouri, em outro lugar. Assim, na noite em que Frances sugeriu que fossem para Los Angeles morar com sua tia, Barbara estava pronta para partir. Seus pais já estavam divorciados, e seu namorado estava no Texas fazendo treinamento de voo — ela não deixaria nada para trás.

Ao chegar a Los Angeles, mostrou-se imediatamente sensível ao clima ameno, às palmeiras, à cordialidade das pessoas que conheceu. Ali parecia haver a mescla perfeita de trabalho e prazer, uma ênfase na saúde e nos esportes, bem como na produtividade e no materialismo: Barbara estava confiante em que aquele era o seu lugar.

Após algumas semanas com a tia de Frances, as duas jovens mulheres encontraram um apartamento em Hollywood, conseguiram empregos de secretária, que consideravam temporários, e passaram a explorar a cidade nos fins de semana num carro usado que tinham acabado de comprar. Depois de meses como datilógrafa da *Encyclopedia Americana*, Barbara arranhou um emprego melhor numa grande revendedora de automóveis e foi lá que teve seu primeiro caso com um homem casado, o genro do patrão.

la com ele a motéis na hora do almoço e, às vezes, à noite, e, como gostava de sexo e não estava interessada em casar-se, esse arranjo agradável poderia ter se prolongado se ele não tivesse ficado tão possessivo e envolvido emocionalmente. Certa tarde na cama, depois de ouvi-lo revelar, choroso, suas frustrações com a esposa e o sogro dominador, Barbara percebeu que o caso devia acabar antes que se complicasse demais.

Achou um novo emprego, no departamento de seguros de outra revenda, onde conheceu um vendedor alto e forte que durante a temporada de basquete jogava na National Basketball Association (NBA). Manifestou seu interesse por ele, que correspondeu logo, mas na cama o sujeito revelou-se um amante descuidado, um touro grande, agressivo e insensível que gozava depressa e depois queria dormir. Mesmo assim, ela sentia-se atraída por seu corpo atlético e tolerava nele coisas que jamais suportaria de outro homem, em parte porque ele era um pouco famoso, um homem com um nome, orgulho e ego, além de um charme juvenil que usava com eficácia para vender carros aos homens baixos e fracos que eram seus fãs.

Por sua vez, ela estava indo bem no trabalho, demonstrando uma eficiência extraordinária que era apreciada por seus patrões e resultava em aumentos de salário e de responsabilidades. Nos fins de semana, quando não estava trabalhando, ia esqui na água ou na neve, ou passava o tempo lendo. O único acontecimento perturbador na auspiciosa mudança para Los Angeles foi a decisão de Frances, no segundo ano em que moravam juntas, de se casar com o homem que estava namorando. Embora a afeição de Barbara por ela jamais tivesse se expressado sexualmente, a notícia deixou-a estranhamente em pânico, entristecida e confusa. Mais tarde, quando a amiga saiu do apartamento, Barbara sentiu-se abandonada e traída. Não foi ao casamento e jamais viu Frances de novo.

Mas nesse período teve a sorte de fazer amizade com um homem interessante que lhe deu apoio. Aos setenta anos, ainda vigoroso e jovial, era um dos reis da revenda de automóveis na

cidade, vendendo frotas de veículos todas as semanas, e contratara Barbara Cramer para ajudar a gerenciar seu departamento de seguros. Ao mesmo tempo que se mostrava astuto e duro nos negócios, era sempre gentil com ela, que acabou vendo nele o pai que nunca tivera. Levou-a a restaurantes caros, convenceu-a de que era especial e estimulou-a a perseguir suas ambições sem se preocupar com a tradição feminina de limitação.

Depois de um ano na firma dele, Barbara estava ansiosa por um emprego que lhe oferecesse mais independência; foi quando se tornou agente da New York Life. Comprou de várias lojas de varejo a lista de seus principais clientes, bem como compilou o nome das pessoas que conhecera por meio do negócio de carros, e passava horas sem fim ao telefone tentando marcar entrevistas. Depois, em seu Mustang vermelho conversível zero quilômetro, percorria toda a cidade para expor pessoalmente aos possíveis clientes os benefícios de fazer seguro de vida. Embora encontrasse tanta resistência quanto qualquer outro corretor, tinha sucesso onde outros falhavam porque era mais persistente e também porque se concentrava em grupos que tinham sido, em larga medida, ignorados, como mulheres profissionais, em especial enfermeiras, que, estando diariamente em contato com a morte e com acidentes, eram muito suscetíveis a seus argumentos sobre a importância de ter um seguro adequado.

Em seus dois primeiros anos na New York Life, quando estava totalmente preocupada com seguros e ganhando perto de 30 mil dólares anuais, não teve real interesse por homens. Assim, na atmosfera descontraída do bar, na primeira noite da convenção

de Palm Springs, foi uma surpresa para ela sentir um forte desejo sexual.

Ao ser apresentada a John Bullaro, achou-o atraente e notou seu corpo forte. Mas, depois de uma hora sentada a seu lado, percebeu que ele não era do tipo que tomava a iniciativa sexual — portanto, quando ele se dispôs a buscar a aspirina, decidiu segui-lo.

10.

O caso de John Bullaro com Barbara Cramer, que durou do outono de 1965 até a primavera de 1966, caracterizou-se por sexo rápido ao meio-dia, em motéis a uma distância conveniente do escritório; depois, ela saía para seus encontros de negócios e ele almoçava sozinho, meditando sobre o prazer erótico e sentindo, às vezes, o travo provocado por um leve sentimento de culpa e uma ansiedade crescente.

Temia que cedo ou tarde sua ligação com Barbara fosse descoberta por alguém do escritório e causasse um escândalo que poria em risco sua carreira e seu casamento. Mas, até então, nada acontecera que justificasse sua apreensão. Ao contrário, sua vida melhorara desde que conhecera Barbara. O estímulo sexual que ela lhe dava tinha se estendido para seu casamento, reavivando seu interesse por Judith e fazendo com que ela correspondesse. Sua carreira também avançava sem problemas, e ele ficara sabendo recentemente que a companhia o mandaria em breve para Nova York a fim de receber treinamento de alto executivo no escritório central.

Barbara ficou satisfeita com a notícia, visto que costumava encorajá-lo profissionalmente. Sempre o impressionava a capacidade dela de restringir a relação ao sexo e às conversas

sobre assuntos profissionais, sem se envolver emocionalmente com ele e sem fazer exigências com respeito ao seu casamento. Jamais telefonava para sua casa nem se queixava de sua indisponibilidade à noite e nos fins de semana, e só manifestou curiosidade sobre sua esposa uma vez, interessada no fato de Judith ter formação em enfermagem.

O comportamento de Barbara em relação a Bullaro no escritório era absolutamente formal, mesmo nos dias em que tinham ido ao motel. Não jantavam juntos com frequência, e quando isso acontecia ela às vezes pagava a conta, como de vez em quando pagava as despesas do motel. Certa ocasião, ele relutou em ir a determinado motel porque ficava perto de sua casa em Woodland Hills. Barbara o fez ficar no carro enquanto ia até a recepção preencher a ficha e voltou com a chave do quarto na mão.

Ela era a mulher mais independente e autossuficiente que ele jamais conhecera, deixando-o intrigado e ao mesmo tempo melindrado com o modo frio e desapaixonado com que às vezes agia na cama. Era como se fazer amor não significasse para ela mais do que encher o tanque de gasolina de seu Mustang vermelho, que dirigia em alta velocidade. Mas Bullaro sabia que, se ela de repente ficasse romântica, provavelmente ele entraria em pânico, portanto não reclamava do estilo da relação; tinha um bom sexo extraconjugal, que não tomava muito tempo nem energia e não lhe ameaçava o emprego e o casamento. Nos últimos tempos, acostumara-se à situação e talvez até dependesse dela.

Apesar disso, seu desassossego persistia. Não conseguia superar a sensação de que aquilo ainda lhe custaria caro e ficou bastante aliviado com a perspectiva de sair de Los Angeles no outono para fazer o programa de treinamento executivo em Nova York. Mas, poucos meses antes de sua partida, a relação com Barbara Cramer acabou subitamente, de uma forma que ele não previra.

Depois de algumas semanas sem encontrá-la — ela se queixara de andar ocupada com entrevistas —, Barbara telefonou-lhe uma tarde para contar que conhecera recentemente um homem fascinante e, com uma voz tímida que não lhe era peculiar, admitiu que talvez estivesse apaixonada. O homem era um engenheiro, disse ela, um técnico brilhante que tinha trabalhado nos foguetes de lançamento de astronautas. Bullaro, ao mesmo tempo que a cumprimentava pela escolha, teve a desagradável sensação de ser comparado desfavoravelmente.

Tentou persuadi-la a sair com ele naquela noite, mas Barbara recusou delicadamente. Uma semana depois, Bullaro telefonou-lhe, e ela repetiu que estava se encontrando apenas com o engenheiro, acrescentando que pensavam em casar-se. Bullaro enfim aceitou que o caso tinha acabado, e isso deixou-o um pouco deprimido.

Trabalhou no escritório durante o verão, sem novidades, depois tirou férias curtas com Judith e as crianças, já antevendo os meses que passaria em Nova York. Ficaria quase todo o inverno no Leste, mas voltaria a Los Angeles nos finais de semana. Ao levá-lo ao aeroporto, Judith disse que sentiria sua falta, mas estava satisfeita porque a viagem marcava sua

promoção para um posto mais alto. Ela parecia muito alegre e pouco sentimental quando disse adeus, e Bullaro entrou no avião sentindo-se estranhamente inquieto.

Havia uma década que vira Nova York pela última vez, quando era estudante da Universidade de Nova York, e o arranha-céu da companhia na rua 27 ficava próximo de seu antigo apartamento no Greenwich Village. Passou a primeira tarde de domingo caminhando pelo Washington Square, ouvindo estudantes cantando canções *folk* em torno da fonte e admirando as garotas de minissaia com os bicos dos seios marcados nas camisetas, mas não se sentiu atraído como outrora pela imagem de liberdade juvenil nas praias da Califórnia. Estava agora mais comprometido com a companhia, cômico da honra de ser um dos onze funcionários da New York Life selecionados em todo o país para o treinamento em gerência geral. Depois do curso, eles voltariam a suas regiões de origem para comandar equipes de assistentes e agentes no escritório geral da New York Life. Isso significaria mais dinheiro, prestígio e uma oportunidade para aproximar-se do topo.

Os onze homens ficaram no hotel Roosevelt, na rua 45, perto da avenida Madison, e todas as manhãs pegavam o metrô ou dividiam táxis para chegar ao prédio da New York Life, exceto Bullaro, que se levantava mais cedo e corria as dezoito quadras até o centro, para manter a forma. As calçadas ainda estavam cheias naquele horário, e alguns pedestres paravam para observá-lo trotando de terno escuro e gravata, a pasta de couro sob o braço como se fosse uma bola de futebol americano. Podia

despertar alguma risada ou comentário zombeteiro que revelassem a impressão que dava, mas tudo o que ouvia acima do barulho do trânsito era o bater compassado de seus sapatos de cordovão na calçada.

Aproximando-se do escritório, Bullaro desacelerava o passo e enfiava a camisa para dentro das calças. O prédio gótico cinza tinha 34 andares que chegavam, por meio de recuos e terraços, a um teto piramidal encimado por uma claraboia dourada. Ao entrar, Bullaro passava entre portões ornamentais de bronze e chegava a um corredor de mármore abobadado que conduzia às portas dos elevadores gravadas em relevo. Eles moviam-se em silêncio, e, com o teto dos escritórios de todo o prédio forrado com feltro, que absorvia os ruídos, os sons das conversas e das máquinas de escrever eram abafados. Bullaro sentia-se como um paroquiano numa catedral, e sua atitude de reverência crescia à medida que ele se familiarizava mais com a firma e com a história dos seguros, os quais via como uma religião secular que oferecia valor à vida após a morte e servia ao medo do além, natural ao homem.

Na primeira semana, ao visitar os arquivos da New York Life, Bullaro viu em caixas de vidro as assinaturas de segurados famosos, como o general Custer, Rogers Hornsby e Franklin D. Roosevelt. Estavam também em exibição as fotografias de desastres que tinham custado caro à companhia: o incêndio do teatro Iroquois de Chicago, em 1903, em que dezenove segurados morreram queimados; o terremoto de San Francisco, em 1906, que destruiu, entre outras coisas, a filial da New York Life; o supostamente indestrutível *Titanic*, que afundou em 1912

com onze segurados a bordo; e o navio *Lusitania*, torpedeado em 1915 por submarinos alemães, em que morreram dezoito passageiros que tinham seguros de vida da companhia.

Embora existissem várias formas de seguro marítimo desde o Renascimento, Bullaro leu que a prática de segurar a vida na Europa, depois do século XVII, tinha ofendido muitos líderes religiosos, que denunciavam os corretores como feiticeiros, apostadores na morte e intrometidos na vontade divina; mas nas principais nações marítimas, como a Inglaterra, onde era antigo o costume de segurar barcos e cargas contra tempestades e piratas, houve pouca resistência à extensão da proteção para incluir propriedades terrestres e pessoas.

Bullaro leu também que a venda de seguros foi introduzida na América pelos ingleses, mas foi um fracasso como negócio no século XVIII, pois a maioria dos cidadãos da economia agrária da época não tinha fundos excedentes ou disposição para pagar adiantado por uma emergência hipotética. Porém, com a Revolução Industrial, as companhias de seguros americanas começaram a prosperar, como guardiãs do materialismo. Segundo os dados e panfletos mais recentes, as maiores seguradoras estavam, na década de 1960, entre as empresas privadas mais ricas do país, superando em ativos até mesmo as maiores companhias de petróleo.

A maior companhia de seguros, a Prudential Life, com 35 bilhões de dólares em ativos, era 10 bilhões mais rica do que a Exxon; a segunda maior, a Metropolitan Life, era 7 bilhões mais rica. A firma de Bullaro, avaliada em quase 14 bilhões de dólares, estava em quarto lugar entre as seguradoras, atrás dos 20

bilhões da Equitable e à frente dos 13 bilhões da John Hancock. Mais de trinta outras seguradoras americanas valiam mais de 1 bilhão de dólares, e a cada dia da semana a indústria dos seguros faturava 120 milhões, ou mais de quarenta centavos de cada habitante da nação, enquanto pagava apenas a metade dessa quantia em seguros de vida e pensões. Dez por cento do produto nacional bruto eram gastos em seguros.

Apesar da importância dessa indústria, os homens que dirigiam as corporações gigantescas eram, em larga medida, anônimos; se uma revista quisesse publicar uma matéria de fundo sobre o negócio dos seguros, seria incapaz de selecionar um único rosto reconhecível ou um nome familiar para pôr na capa. Os líderes do ramo pareciam cultivar a timidez e a modéstia; percorrendo o prédio da New York Life e olhando para os grandes retratos a óleo dos presidentes do passado pendurados nas paredes — vitorianos de suíças do século anterior, conservadores de óculos do século XX —, Bullaro ficou impressionado com a semelhança de suas expressões, a timidez e a serenidade difusa: eram magnatas tímidos, e Bullaro se perguntava se sua personalidade e seu talento o tornavam compatível com esses eminentes administradores da confiança pública.

Embora se considerasse diligente e discreto o bastante para eventualmente ocupar postos mais altos na companhia, jamais esquecia que no mais profundo de seu eu havia uma parte que se rebelava contra o conformismo empresarial, que se sentia atraída por fantasias de liberdade, ainda que reprimisse com firmeza qualquer manifestação disso em Nova York. Na sede da companhia, em comportamento e aparência, era um modelo do

jovem executivo em ascensão. Parecia totalmente absorto nas políticas e teorias da firma, procurando conhecer a fundo seus novos programas de seguro-saúde e planos de seguro em grupo. Quando saía do escritório, costumava jantar fora com os colegas, mas, ao contrário deles, não ficava bebendo até tarde e conservava sua energia sexual para as visitas de fim de semana a Judith.

Esse período de distanciamento teve um efeito saudável no casamento, e cada visita ao lar era uma lua de mel renovada. Judith, sorrindo no aeroporto, muito loira, graciosa e distinta na multidão, abraçava-o calorosamente, conversava muito no carro e, mais tarde, depois de ver os filhos, eles faziam amor com um fervor que lembrava o tempo de namoro.

Mas quando Bullaro retornou para Los Angeles e aceitou o cargo de gerente-geral de seu próprio escritório em Woodland Hills, comandando uma equipe de nove corretores, sua relação com Judith aos poucos voltou à rotina anterior à estada em Nova York. Após passar o dia cuidando dos filhos, ela ia para a cama cedo, deixando-o na sala às voltas com o trabalho, que aumentara depois da promoção.

Havia meses não falava com Barbara Cramer, mas sabia que estava casada com o engenheiro John Williamson, continuava trabalhando na companhia e mantinha seus padrões de produtividade. Bullaro pensara em escrever-lhe um bilhete ou telefonar-lhe, mas, antes disso, encontrou-a certa tarde, perto do elevador do escritório central de Los Angeles. Ela foi muito cordial, e Bullaro não se preocupou que os vissem juntos, agora

que estava casada. Jamais lhe ocorreu, ao marcar um almoço para alguns dias depois, que sua relação pudesse voltar a ser sexual.

Contudo, durante o almoço, na sua maneira inimitável, Barbara sugeriu que fossem a um motel. De início, Bullaro achou que fosse brincadeira, porém, quando ela repetiu o convite, acrescentando que ele poderia ficar no carro enquanto ela assinava a ficha, pediu a conta e acompanhou-a. Estava admirado como sempre com a impulsividade e a audácia de Barbara, e também excitado com a perspectiva de fazer sexo. Mas depois que estacionaram o carro no motel e ela saiu para preencher o registro, Bullaro abaixou-se mais do que o usual atrás da direção, questionando a sensatez de estar ali com uma mulher casada e imaginando se ela iria assinar o sobrenome do marido. Não disse nada quando Barbara voltou com a chave do apartamento, preferindo não fazer nenhuma menção a seu casamento naquele momento.

No quarto, ela tirou as roupas depressa e Bullaro viu de novo seu corpo notável; logo sentiu seu toque agressivo e ficou deitado na cama, enquanto ela montava nele. A facilidade com que ela atingiu a satisfação e o modo ágil com que inverteu a posição dos dois, sem que ele saísse de dentro dela, lembrou-lhe uma acrobacia de circo e confirmou-lhe também que o casamento não tinha alterado seu estilo esportivo nem diminuído seu desejo por sexo suplementar.

Depois que acabaram e estavam relaxados na cama, Bullaro perguntou-lhe se estava feliz no casamento. Ela disse que sim, acrescentando que o marido era o homem mais notável que

conhecera: sensível, seguro de si, não se intimidava com a individualidade dela. Na verdade, até a estimulava a tornar-se ainda mais independente, esperando que, à medida que atingisse níveis mais altos de realização e autoconsciência, ela reinvestisse esses ativos no casamento. A relação matrimonial deveria promover o crescimento pessoal, em vez de impor limitações e restrições, continuou Barbara; ouvindo-a, com certo cinismo Bullaro supôs que ela estivesse parafraseando o marido. Nunca a ouvira falar daquela maneira. Espantado com os motivos de seu marido e imaginando como ele reagiria se soubesse o que estava acontecendo naquele apartamento, permaneceu em silêncio enquanto Barbara continuava a lhe explicar — e talvez para si mesma — o tipo de casamento que tinha agora.

A maioria das pessoas casadas, disse ela, tinha “problemas de propriedade”: queriam possuir totalmente o cônjuge, esperavam a monogamia e, se um dos parceiros admitisse a infidelidade, o fato seria provavelmente interpretado como um sinal de deterioração do casamento. Mas isso era absurdo: marido e mulher deveriam poder ter sexo com outras pessoas sem que isso ameaçasse sua relação principal, sem mentirem nem se sentirem culpados com suas experiências extraconjugais. As pessoas não podem esperar que todas as suas necessidades sejam satisfeitas por um cônjuge, e Barbara disse que sua relação com John Williamson era realçada pelo respeito mútuo à liberdade e ambos se sentiam bastante seguros em seu amor para admitir abertamente que, às vezes, faziam amor com outras pessoas.

Nervoso com essas palavras, Bullaro interrompeu-a para dizer que esperava que ela não estivesse planejando contar ao marido sobre aquela visita ao motel. Ela riu e respondeu despreocupadamente que isso não perturbaria de forma alguma John Williamson, porque ele não era do tipo ciumento. Bullaro sentiu o pânico e a fúria subindo-lhe à cabeça e saltou da cama; estava prestes a gritar quando ela ergueu rapidamente os braços, balançou a cabeça e disse-lhe para relaxar, para se acalmar, que não diria nada ao marido. Bullaro tranquilizou-se pouco, mesmo quando ela repetiu a promessa, pois continuava meio desconfiado.

Ao sair do motel, decidiu que nunca mais iria para a cama com Barbara. Sua vida libertina com o marido e aquela filosofia ridícula sobre honestidade sexual certamente se voltariam contra ela, e quando isso acontecesse ele não queria estar por perto. Tendo lido muitas reportagens sobre o assassinato de esposas e amantes por maridos que não eram considerados ciumentos, Bullaro sabia que era melhor ter cuidado com Barbara Williamson. Na melhor das hipóteses, agora que ela fazia experiências com a nova liberdade, um envolvimento poderia causar escândalo no casamento dele e acabar com sua promissora carreira. Na qualidade de homem de seguros, avaliava sua situação atual como de alto risco.

Dois dias depois, sua secretária avisou que a sra. Williamson estava ao telefone, e ele atendeu decidido a lhe dizer que não estaria mais disponível para almoços ou qualquer outra coisa que ela tivesse em mente. Mas Barbara de imediato perguntou-lhe sobre um problema urgente de seguros e manteve um tom

estritamente profissional em toda a conversa. Informou também que havia uma excelente candidata a um emprego de corretora na New York Life, pedindo-lhe que a entrevistasse e aplicasse os testes costumeiros da companhia. Bullaro, entre cujas responsabilidades estava o recrutamento, arranjou tempo em sua agenda para a tarde seguinte; Barbara agradeceu e desligou.

A candidata que Barbara acompanhou até o escritório dele era uma mulher ágil de quase trinta anos, longos cabelos negros, traços angulosos e olhos expressivos que se fixaram calorosamente em Bullaro durante a entrevista. Chamava-se Arlene Gough, nascera em Spokane e morava em Los Angeles com o marido, um engenheiro. Disse que trabalhara como decoradora de interiores e também como secretária na Hughes Aircraft, mas acreditava ser capaz de vender seguros. Estava vestida de modo conservador, com um tailleur cinza bem cortado, e Bullaro ficou impressionado com sua capacidade de articulação e sua postura, assim como com sua sensualidade, esperando que a atração que sentiu não ficasse muito óbvia para Barbara, sentada ao lado de sua escrivaninha.

Quando a secretária disse que os papéis dos testes estavam prontos, Barbara despediu-se e partiu, enquanto Arlene Gough era encaminhada para a sala de reuniões. Era o final da tarde e, antes que ela tivesse terminado a prova, a maioria dos funcionários já havia ido embora e o escritório estava para fechar. Ela parecia confiante ao voltar à sala de Bullaro e perguntar quando teria a resposta dos testes. Ele disse que demoraria alguns dias e que a manteria informada. Arlene perguntou-lhe se se importaria que ela ficasse no prédio enquanto ele terminava

seu serviço e se a levaria para casa depois: seu marido estava longe a negócios e Barbara não pudera esperar. Morava perto de Bullaro, e ele disse que seria um prazer levá-la.

No carro, ela sentou-se muito perto dele, foi jovial e atenciosa e, ao chegar em casa, convidou-o para entrar e tomar um drinque. A casa estava em silêncio, Arlene foi até a cozinha pegar gelo e, ao voltar, ficou diante dele no bar e olhou-o nos olhos como se estivesse esperando ser beijada. Bullaro não perdeu tempo, e ela correspondeu, apertando o corpo contra o seu. Ele sentiu os braços dela em torno de seu pescoço e depois suas mãos descendo lentamente por suas costas até as coxas; por fim, ela sussurrou que deveriam ir para o quarto.

A influência que o caráter normalmente cauteloso de Bullaro pudesse exercer sobre as paixões de seu pênis desapareceu, e ele a seguiu sem hesitar, despindo-se rapidamente. Logo viu seu adorável corpo nu, gracioso e sinuoso como o de uma dançarina; depois, quando a penetrou, sentiu suas longas pernas se prenderem em torno de sua cintura e os calcanhares frios pressionarem suas nádegas. Ficou extasiado e, quando gozou, ouviu-a suspirar, sentiu seus movimentos acelerarem e mal pôde acreditar no que estava acontecendo em sua vida: Arlene era tão voraz sexualmente quanto Barbara, e ele só podia concluir que havia algo muito esquisito ou ausente em seus casamentos.

Uma vez que o marido de Arlene chegaria à noite, Bullaro saiu pouco depois das sete horas, sentindo-se agradavelmente exausto enquanto atravessava de carro as ruas tranquilas de Woodland Hills. Ao chegar, viu Judith no jardim e pediu imediatamente desculpas pelo atraso, explicando que fora

obrigado a tomar uns drinques com um agente que estava com problemas pessoais. Se Judith duvidou, não demonstrou nada e, ao entrarem em casa, o barulho da televisão e os gritos das crianças pouparam-no de mais explicações.

No dia seguinte, Barbara telefonou-lhe no escritório para perguntar se gostara de Arlene, insinuando que talvez soubesse que tinham ido para a cama, mas Bullaro respondeu formalmente que preferia opinar depois de ver os resultados dos testes. Estava ansioso para largar o telefone e, quando Barbara sugeriu um almoço juntos, logo concordou em marcar para mais adiante na semana e desligou.

Uma hora depois, Arlene Gough telefonou para dizer como tinha gostado de estar com ele e expressou a esperança de que, após saber o horário de viagens de seu marido na semana seguinte, pudesse telefonar-lhe e marcar novo encontro. Acrescentou que queria vê-lo independentemente do resultado dos testes, o que deixou Bullaro aliviado, pois acabara de decidir que seria um erro grave contratá-la.

Nos dois meses seguintes, Bullaro visitou a residência dos Gough várias vezes em seu caminho de volta do trabalho para casa. E, contra seu melhor juízo, retomou os encontros com Barbara Williamson. Ao contrário do que resolvera, achou difícil resistir à persistência dela, em parte porque se deleitava com os breves *rendez-vous* eróticos, mas também porque achava má ideia rejeitá-la agora que estava se encontrando com sua amiga Arlene. Embora nenhuma das duas jamais fizesse perguntas sobre a outra, ele supunha que trocavam confidências, porém

isso não o preocupava, pois acreditava que os maridos não suspeitavam de nada.

A constante tranquilização de Barbara finalmente o convencera a parar de se atormentar, a se preocupar menos e gozar mais; ninguém estava sendo ferido, raciocinava ela, e havia muita troca de prazer. Ele tinha de concordar; estava consciente de que suas aventuras com Arlene e Barbara tinham reacendido seu interesse sexual por Judith e, tendo em vista que estava atuando com eficiência no escritório, não via motivo para interromper aquela feliz combinação de circunstâncias.

Mas numa segunda-feira chuvosa do começo do inverno de 1967, quando Bullaro chegou ao escritório, sua secretária lhe informou que acabara de receber duas ligações de um homem persistente chamado John Williamson. Uma súbita náusea apertou-lhe o estômago e um frio percorreu-lhe a espinha. A secretária, que aparentemente não se dera conta de que se tratava do marido de Barbara, disse que ele não deixara recado e que telefonaria de novo em breve.

Bullaro assentiu com a cabeça, entrou em sua sala e fechou a porta com cuidado. Deixou-se cair lentamente em sua cadeira de couro vermelho, esfregou a testa e tentou ficar calmo. Diante dele, sobre a mesa, estavam fotografias de Judith e das crianças; da parede pendiam prêmios de vendas da companhia, seu diploma da Universidade de Nova York, uma placa elogiando seu apoio ao Boys' Club de Hollywood. De repente, toda a sua vida parecia desconjuntada, prestes a se desfazer em pedaços, e ele se odiou por sua insensatez e também culpou Barbara por desencaminhá-lo. Tinha certeza de que, se tivesse seguido seus

verdadeiros instintos, não estaria naquela situação, embora, no momento, não houvesse nada a fazer senão esperar e preparar-se para o confronto. O pior que poderia acontecer seria uma ameaça física à sua vida, ou um caso judicial escandaloso que constrangeria Judith e a companhia de seguros. Mesmo que Williamson não fosse possessivo, como Barbara dizia, poderia fazer chantagem, exigir uma compensação financeira, um empréstimo pessoal ou um favor junto à empresa, ou talvez pedisse alguma coisa incomum e extraordinária.

Bullaro ouviu o telefone tocar e depois a secretária anunciar que o sr. Williamson estava na linha. Com todo o garbo que conseguiu reunir, disse alô. A voz do outro lado era grave e ao mesmo tempo tão suave que Bullaro mal conseguia ouvir.

“Eu sou John Williamson, marido de Barbara”, começou ele, “e gostaria de saber se poderíamos almoçar juntos.”

“Sim, claro”, respondeu Bullaro rapidamente, “que tal hoje?” Embora já tivesse um importante almoço de negócios marcado, decidiu cancelá-lo para não prolongar a agonia e o suspense.

“Ótimo”, disse Williamson. “Posso pegá-lo por volta das 12h30?”

Bullaro concordou, Williamson agradeceu e desligou.

No resto da manhã, Bullaro ocupou-se distraidamente do serviço, folheando documentos em sua mesa, de olho no relógio. Tentou telefonar para Barbara, mas não a encontrou no escritório e não quis ligar para sua casa, temendo ser atendido pelo marido.

Exatamente às 12h30, a secretária de Bullaro anunciou pelo interfone que o sr. Williamson estava esperando na recepção.

Bullaro deixou o escritório imediatamente e, com a mão estendida num gesto de cumprimento, caminhou na direção de um homem grande, de ombros largos, com terno escuro, camisa branca e gravata; tinha por volta de 35 anos, cabelos muito loiros e um rosto leonino forte dominado por olhos azul-claros, de pálpebras pesadas e melancólicos. Forçando um sorriso, Williamson apertou a mão e, com uma voz suave que parecia sulista, agradeceu a Bullaro por tão pronta disponibilidade.

O tempo estava fechado, mas não chovia mais. No estacionamento, Williamson sugeriu que pegassem o carro dele, um Jaguar XKE bege que Bullaro admirou logo. Dentro, notou que o ar-condicionado ainda não fora totalmente instalado, e Williamson explicou que acabara de comprá-lo e que gostava de fazer ele mesmo o trabalho mecânico.

Williamson dirigia depressa, fazia mudanças de marcha bruscas, e Bullaro viu que tinha bíceps e antebraços avantajados, por baixo do terno justo, e que suas mãos avermelhadas e sardentas eram fortes, de dedos grossos. Embora Williamson, concentrado no trânsito, não olhasse para ele, Bullaro sentia que estava sob intensa observação, que cada contração nervosa sua poderia ser percebida pela visão periférica dele. Não conseguia pensar em nada para dizer, mas sentia-se compelido a falar. Arriscou um comentário sobre o leve sotaque sulista de Williamson. Ele respondeu que nascera no Alabama, e acrescentou que saíra de lá quando terminara o colégio. Bullaro esperou que Williamson continuasse, mas seguiu-se um silêncio, até que Bullaro perguntou onde ele frequentara a universidade.

Williamson respondeu laconicamente que não fizera faculdade. Bullaro desejou não ter feito a pergunta.

Enquanto rodavam, o silêncio parecia cada vez mais agourento, porém, em vez de arriscar outra pergunta desastrada, Bullaro ficou quieto e tentou relaxar olhando pela janela e fingindo uma atitude de descontração. Percorriam as ruas de Canoga Park, região bastante familiar para Bullaro, que ali vendera seguros, andara de bicicleta, frequentara restaurantes. Quando Williamson saiu da rua principal e subiu na direção do restaurante Red Rooster, a ansiedade de Bullaro aumentou: era ali que ia quase sempre com Barbara, e a escolha daquele lugar lhe parecia uma trama obscura.

Sem dizer nada, saiu do carro e seguiu Williamson até a sala principal, onde, depois de alguns minutos de espera, foram conduzidos a uma mesa perto dos fundos. O restaurante estava cheio e barulhento, mas felizmente havia um garçom por perto e Bullaro logo lhe pediu um drinque. Williamson sentou-se com as mãos retraídas, hesitante. Parecia tímido ou perturbado. Bullaro inclinou-se para a frente. Por fim, Williamson falou.

“Eu sei sobre você e Barbara”, disse tranquilamente.

Bullaro, sem erguer os olhos da mesa, não disse nada, mas sentiu-se completamente preso numa armadilha e odiou Barbara por tê-lo traído.

“Eu sei”, continuou Williamson, “e acho que é uma coisa boa.”

Bullaro ergueu os olhos, sem acreditar no que estava ouvindo.

“Você acha que é uma coisa boa?”, repetiu, com a voz elevada pela incredulidade.

“Acho”, disse Williamson. “Você faz bem para ela. Satisfaz certas necessidades da vida dela. Ela o considera muito. Acho que é maravilhoso.” E com voz suave mas decidida, acrescentou: “Gostaria que vocês continuassem”.

Bullaro estava ainda mais confuso e pensou que Williamson poderia estar escarnecendo dele com um senso de humor distorcido. Entretanto, ao estudar o rosto de Williamson e ver seus olhos gentis, convenceu-se de que era sincero, embora ainda não tivesse ideia de como deveria reagir, o que deveria dizer, ou qual era a motivação por trás do pedido de Williamson para que seu caso com Barbara continuasse.

O garçom chegou com as bebidas, dando a Bullaro alguns segundos a mais para pensar antes de falar. Não queria dizer nada inadequado, mas tinha perdido momentaneamente todo o senso do razoável. Entrara no restaurante esperando ser ameaçado ou chantageado por um marido vingativo; em vez disso, fora elogiado e estava sendo estimulado a continuar dormindo com a esposa do outro. Nessas circunstâncias peculiares, Bullaro não tinha certeza de querer continuar o caso, contudo queria ainda menos arriscar-se a ofender aquele homem incomum que poderia, se afrontado, apelar para a retaliação.

Quando o garçom se afastou, Bullaro decidiu que era melhor se dar bem com Williamson por enquanto, evitar qualquer discussão ou debate, talvez adulá-lo, se possível. Estava contente porque seu emprego e seu casamento não pareciam ameaçados, pelo menos no momento. Assim, desejando celebrar seu alívio, ergueu o copo num brinde, agradeceu a Williamson

por suas palavras amáveis e expressou admiração por seu casamento aberto.

“É realmente maravilhoso que você e Barbara tenham conseguido chegar ao ponto em que estão”, começou Bullaro.

“Sim”, concordou Williamson, “mas há outros pontos que estamos tentando alcançar.”

Bullaro assentiu, dizendo que Barbara já lhe falara sobre a convicção de Williamson de que o casamento não deveria estimular sentimentos de posse, que os casais deveriam idealmente poder ter relações sexuais com outros parceiros, sem culpa nem ciúme.

Williamson aceitou o resumo de Bullaro, porém disse que a coisa era mais complicada e ambiciosa. Havia um grupo de pessoas que costumavam reunir-se em sua casa para discutir e explorar maneiras de alcançar uma realização maior no casamento. O matrimônio americano estava em crise, os papéis tradicionais exigiam uma redefinição, e os terapeutas e psicólogos estavam muito distantes profissionalmente e despreparados pessoalmente para tratar do problema.

Mas seu grupo estava fazendo progressos notáveis, afirmou Williamson, porque os membros se dispunham a atuar “como instrumentos para a mudança dos outros”. Eram na maior parte pessoas de classe média que tinham posições respeitáveis na comunidade, estavam integradas no sistema social, todavia, conscientes de certas limitações e falhas em seu ambiente e em si mesmas, buscavam aperfeiçoamentos. Williamson mencionou que o grupo incluía uma mulher pela qual Bullaro já demonstrara interesse, Arlene Gough.

“Sim”, disse Bullaro, surpreso por saber que ela estava envolvida, “mas está ficando complicado demais e eu gostaria de dar uma esfriada.”

“Bem, então será esfriado”, respondeu Williamson em tom despreocupado.

Bullaro ficou impressionado com a confiança tranquila de Williamson e se perguntou se não teria sido ele quem mandara Arlene com Barbara a seu escritório. O arranjo todo parecia um tanto esquisito, uma espécie de maquinação sexual que perturbou Bullaro. No entanto, Williamson continuou a descrever durante o almoço os homens e as mulheres interessantes que se reuniam em sua casa, onde às vezes realizavam seus encontros nus, e Bullaro sentiu-se cada vez mais curioso, atraído, contra sua vontade.

Terminado o almoço, Williamson disse que esperava receber uma visita de Bullaro, para que conhecesse seus amigos. Bullaro disse que gostaria de ir.

“Ótimo, amanhã à noite, às oito horas”, disse Williamson.

Alarmado com a rapidez dos acontecimentos e temeroso de ver-se arrastado para o mundo erótico de Williamson, Bullaro escondeu sua apreensão e disse que estaria lá.

11.

A história não passa de uma invenção do homem para organizar o seu passado. A evolução não é uma invenção, mas fato real e soberano; quando o homem entender isso plenamente, no contexto de seu ser, organizará seu futuro e enfim compreenderá seu passado.

John Williamson

O passado de Williamson começou durante a Depressão, numa terra pantanosa do Alabama, ao sul de Mobile, um lugar indolente e sem nome com bosques de pinheiros e ciprestes, cabanas de madeira e famílias do mesmo clã, pássaros, esquilos e coelhos que eram caçados todas as manhãs por homens guiados, como suas presas, pelas exigências primitivas de sua natureza.

Os homens matavam com estilingues e rifles, e as mulheres cozinhavam nos fogões a lenha, a única fonte de calor dentro das cabanas, que no inverno sofriam com a neve e ficavam cercadas de gelo. O verão era quente e úmido, com tão pouca brisa que, às vezes, as folhas nem se mexiam, os passarinhos ficavam em silêncio nas árvores, e o único som em torno da água era o do estouro de uma bolha ocasional na superfície estagnada, provocada por algum animal invisível.

À noite, a floresta estalava com grilos e gafanhotos e ouvia-se o rastejar de cobras, mas as duas dúzias de pessoas que ocupavam as seis cabanas reunidas na clareira — a família e os parentes de John Williamson — caminhavam sem medo pelas trilhas conhecidas daquele paraíso dúbio, preferindo-o às incertezas da civilização lá fora. Mesmo que encontrassem emprego nas fazendas e moinhos da região, teriam permanecido no mato, onde compreendiam os sons e ecos do isolamento e tinham aprendido a sobreviver como caçadores, pescadores e fabricantes de bebida ilegal que vendiam depois para os contrabandistas que abasteciam os vilarejos e as cidades onde as bebidas alcoólicas eram proibidas.

Os alambiques ficavam escondidos nos pântanos; a cocção de milho com açúcar era feita por um dos tios de Williamson, cabendo a seu pai, Claud, que tinha apenas um braço, levar o uísque para os contrabandistas à noite, num velho carro enferrujado e batido, mas mecanicamente perfeito.

Claud Williamson era um homem magro e resistente, de cabelos pretos e maus bofes, que na juventude esmagara o braço esquerdo tentando subir num trem de carga em movimento. Embora tivesse aprendido a compensar a perda física, o ajuste mental foi mais difícil e muito tempo depois do acidente ele ainda imaginava sentir dor no braço inexistente; às vezes sonhava que o braço estava sendo consumido por insetos dentro da caixa funérea; também estava convencido de que o membro fora enterrado numa posição dobrada incômoda e que isso contribuía para seu desconforto. Por fim, desenterrou a caixa e viu que tinha razão: depois que arrumou o braço na posição

correta e selou a caixa contra a infiltração de insetos, sentiu que a dor deixava seu corpo.

Constance, a mãe de John Williamson, nascida no Meio-Oeste, tinha se instalado com Claud no Alabama quase por um ato de rebeldia contra sua própria mãe, a quem desprezava. A avó de John era uma rechonchuda dançarina ambulante de Chicago, uma libertina errante que trocara o pai de Constance por um jogador bonitão e, findo esse romance, tivera uma série de casos com outros homens, enquanto sua filha única era deixada habitualmente sozinha à noite, ou entregue a conhecidos, com quem ficava às vezes semanas e meses.

Constance cresceu muito solitária, mas era uma garota ajustada, independente e introspectiva, estudiosa nas várias escolas que frequentou e leitora onívora. Ao contrário de sua mãe vistosa, que se vestia como melindrosa e buscava a atenção constante dos homens, Constance não ligava para roupas ou para a impressão que estivesse causando. Era uma loira simples, de rosto redondo, olhos azuis inexpressivos, gordinha na adolescência, e no resto da vida.

Depois que sua mãe se estabeleceu em Mobile com um novo marido, um vendedor de automóveis Nash, Constance, aos quinze anos, fugiu de casa. Quando a mãe a localizou, ela morava com o grupo no mato, estava grávida e tinha se casado com Claud Williamson, então com dezenove anos. Resistindo a todas as tentativas da mãe e do padrasto de reavê-la, Constance ficou na casa de Williamson, onde sua filha nasceu em 1924. Oito anos mais tarde, após ter abandonado duas vezes o

beberrão Claud, mas retornado, Constance teve um filho: John Williamson.

Embora as condições de vida primitivas com Claud raramente parecessem idílicas, Constance achou conforto na intimidade comunal, um sentimento de família entre estranhos rústicos. Os legumes e verduras plantados, a caça e os peixes apanhados eram trocados dentro do grupo e havia também um espírito de partilha dos problemas pessoais e tarefas difíceis. Os homens ajudavam-se mutuamente na construção ou ampliação de suas casas e depósitos, e as mulheres ajudavam-se nos partos. As crianças de todos andavam soltas, e, quando uma delas se feria ou se assustava, não corria necessariamente para a casa dos pais, procurando o adulto mais próximo.

Quando atingiam a idade escolar, percorriam juntas todas as manhãs, às vezes descalças, a trilha de quilômetro e meio até a estrada de terra onde passava o ônibus escolar que as transportava por mais 15 quilômetros até a escola rural. No final da tarde, retornavam para ajudar os adultos na limpeza, no preparo da comida e no corte de lenha para o fogão. Nas horas de lazer, na privacidade das árvores e arbustos, havia uma quantidade considerável de aventura sexual entre os adolescentes; devido ao isolamento das famílias, era comum o contato entre primos. John Williamson teve sua primeira relação aos doze anos, com uma prima um pouco mais velha, mas o incesto entre os parentes diretos era tabu.

Muitas pessoas da aldeia eram de origem francesa e tinham sido batizadas na Igreja católica; aos domingos, os crentes

viajavam até uma igreja de beira de estrada, frequentada também por *creoles*, para assistir à missa rezada por um padre jesuíta que vinha de carro de Mobile, distante mais de 30 quilômetros. Constance Williamson, que se convertera ao catolicismo, tocava órgão e cantava, mas era a única da família influenciada pela religião. As mulheres mais austeras acreditavam que sua filha Marion, uma morena voluptuosa de olhos negros, estava sob o domínio de Satã, pois não havia outra explicação para seu comportamento rebelde e extravagante.

Marion Williamson usava as roupas mais justas que conseguia encontrar e, a partir de seus catorze anos, não havia um homem nas redondezas que não desejasse seu corpo. Consciente disso, tornou-se ainda mais namoradeira, sentindo um prazer infinito no efeito que causava no sexo oposto. Mas percebeu também muito cedo que nenhum daqueles homens era digno de seus encantos, nem poderia lhe dar o que ela realmente queria: uma fuga da estagnação e da cabana claustrofóbica de seu pai grosseiro e de sua mãe serena e vegetativa.

Considerava a mãe quase uma sobrevivente perdida de alguma tragédia secreta, uma criança-lobo na selva, e identificava-se muito menos com ela do que com sua avó, a velha melindrosa que visitava raramente em Mobile. A avó era uma mulher perfumada e atraente, com cabelos tingidos de preto e grandes seios apertados em vestidos bem talhados, que morava numa casa bem mobiliada e tinha um carrão proporcionado pelo alemão pesadão que era seu segundo marido, mas não seria o último. Bebia martínis e fumava Chesterfield sem parar, tinha senso de humor e transpirava

energia. Ao comparar aquela mulher vívida com sua mãe pálida e malvestida, Marion via a evolução invertida e não tinha dúvida em sua mente juvenil sobre qual das duas mulheres era a mais esperta.

Seu desejo de fuga foi também estimulado nessa época pela consciência de que toda a área de Mobile estava sendo invadida por milhares de pilotos e marinheiros, mobilizados para uma possível entrada na guerra. Estávamos em 1940: as notícias do rádio falavam de agressões japonesas e alemãs, e todos os dias o céu acima dos pântanos de Mobile enchia-se de aviões militares da vizinha Base Aérea de Brookley ou da Estação de Treinamento Naval de Pensicola, do outro lado da baía, na Flórida. Os estaleiros de Mobile estavam atarefados com as encomendas militares, e logo houve uma tal demanda por operários que até os homens do mato foram recrutados; entre os contratados, apesar de não ter um braço, estava o pai de Marion.

Nos fins de semana, as calçadas das cidades da baía ficavam lotadas de gente da Aeronáutica e da Marinha procurando mulheres, e uma que logo veriam, parecendo mais velha do que era, sorridente, era Marion Williamson, que fugira de casa. Antes que seus pais tivessem notícias dela, casou-se com um soldado, aos quinze anos.

Mas o casamento não controlou sua inquietação e dentro de poucos meses, com a cooperação dos militares, a relação foi dissolvida. Aos dezesseis anos, Marion casou-se de novo, dessa vez com um piloto naval dez anos mais velho do que ela. Chamava-se John Wiley Brock e levou-a de Pensicola para Norfolk, onde tiveram um filho, em fevereiro de 1941.

Quando Brock foi designado para servir em Pearl Harbor, Marion e o bebê foram para a casa dos pais dele, em Montgomery, mas depois do ataque dos japoneses àquela base em dezembro de 1941 — ao qual Brock sobreviveu — Marion foi com o filho para a Califórnia, explicando aos sogros que queria estar mais perto do marido enquanto esperava sua volta. Mas na Califórnia conheceu outro homem e começou a ter um caso, deixando o filho num lar para crianças. Em breve, os sogros receberam uma mensagem irada de Brock, que estava a bordo do porta-aviões *Enterprise*, informando-os sobre o comportamento da mulher e pedindo que fossem até a Califórnia para pegar o menino. Eles o atenderam, levando a criança de volta para Montgomery, e posteriormente se tornaram seus guardiães legais, apesar dos protestos de Marion. Enquanto isso, o guarda-marinha Brock refez seu testamento e seu seguro de vida, na tentativa de privar a esposa de benefícios, e também criou um fundo fiduciário para o filho, o que foi um de seus últimos atos: na batalha de Midway, a bateria antiaérea dos japoneses derrubou seu avião e ele morreu.

Em 1943, Marion casou-se com um oficial da Marinha chamado Richard McElligott, com quem teve dois filhos e uma filha. Entretanto essa relação também não diminuiu seu desejo de aventuras com outros homens. Acabou trocando o oficial naval por um relações-públicas da Columbia Pictures, com quem teve outro filho, mas que também abandonou, para se unir a um fazendeiro brasileiro.

Em sua odisseia sem fim desde que saíra do mato, tal como um lindo pássaro nômade em voo incansável, morou por pouco

tempo em dezenas de cidades dos Estados Unidos, da Europa e da América do Sul e teve numerosos empregos: guia turística no Rio de Janeiro, garçõete em Torremolinos, assistente de compras da seção infantil da Saks Fifth Avenue em Nova York, caixa num restaurante havaiano de Beverly Hills chamado Luau. Periodicamente, e sempre sem avisar, voltava ao Alabama para ver seus pais e a avó. Em sua última visita antes da morte da avó, as duas, acompanhadas pela filha de Marion, puxadora de fumo, foram a uma espelunca na divisa entre o Alabama e o Mississippi, onde passaram a noite dançando ao som de uma *jukebox* e jogando em máquinas caça-níqueis.

De todos os homens que conheceram Marion, aquele que talvez tenha mais compreendido — e imitado — sua natureza nômade foi seu irmão John, que também devia a ela a primeira oportunidade de ver o mundo que havia além das árvores. Ainda na escola primária, foi convidado duas vezes a visitá-la em outros lugares do país, na época em que Marion estava casada com o oficial da Marinha. Na primeira ocasião, em 1943 — quando McElligott foi designado para um porta-aviões em Boston —, o menino de onze anos morou no apartamento deles em Cambridge durante seis meses, frequentando uma escola pública de Boston. Em 1947, quando John Williamson estava com quinze anos, passou o verão com a família da irmã em Alhambra, Califórnia, onde conheceu um grupo de jovens que dirigiam carros modificados e envenenados para correr e ajudava-os na manutenção dos motores. Já nessa idade, era um mecânico habilidoso.

No Alabama, passara muitas horas após as aulas trabalhando como aprendiz de mecânico numa oficina de beira de estrada, não muito distante do lugar para onde seus pais tinham rolado sua casa sobre troncos durante a guerra. Williamson era um funileiro tranquilo, rapaz magro e taciturno, com cabelos loiros quase brancos e dedos sujos que estavam sempre remexendo nas peças de caminhões pifados, rifles com defeito, toca-discos quebrados. Tinha um senso instintivo para as relações mecânicas, era capaz de explorar o terreno enquanto consertava alguma coisa. Aos doze anos, montara seu próprio rádio, usando arame e metais que achara no mato, além de um pedaço de cobre que roubara de uma das destilarias clandestinas, o que resultou numa surra brutal de seu pai.

No colégio rural que frequentou, foi excelente aluno em ciências e matemática e péssimo em história. Havia dezoito alunos em sua turma, mas ele não era amigo de nenhum em particular. A presença de seu pai irascível inibia-o de convidar algum colega a visitá-lo após as aulas; além disso, preferia ficar sozinho para ler livros, fuçar em máquinas ou comunicar-se com vozes distantes por meio de seu aparelho de radioamador.

Embora houvesse nas redondezas garotas com quem ele dormiu algumas vezes e uma que o deixou tirar fotos dela nua, Williamson nunca se envolveu seriamente, e suas fantasias estavam voltadas, em geral, para uma fuga solitária de tudo o que conhecera do Sul rural. Em 1949, quando terminou o secundário, a irmã escreveu-lhe dizendo que conseguira uma entrevista para ele na academia militar de Annapolis, mas a ideia de confinamento rígido não o atraía e ele preferiu alistar-se na

Marinha. Depois do período de recruta em San Diego e de treinamento em eletrônica em escolas navais do norte da Califórnia, Williamson foi mandado para as forças de ocupação americanas de várias ilhas primitivas do sul do Pacífico, que seriam seu lar na maior parte dos quatro anos seguintes.

Nessa época, tornou-se um dos mais versáteis técnicos eletrônicos da Marinha, perito em manutenção e conserto de todos os tipos de equipamentos, de teletipos a radares e sonares. Foi designado inicialmente para o atol desolado e quase sem árvores de Kwajalein, nas ilhas Marshall, onde cerca de mil soldados da Marinha e da Aeronáutica viviam em estado de tédio irremediável. Mas sua capacidade como especialista em manutenção abriu-lhe a perspectiva de viajar nos aviões da patrulha naval para outras ilhas, nas quais veio a conhecer não só uma variedade de pessoal militar e civil, inclusive mulheres, como também os habitantes nativos, que para ele eram muito mais interessantes.

Um de seus lugares favoritos era a ilha de Ponape, nas Carolinas, uma elevação vulcânica de terra luxuriante, com belas selvas e florestas tropicais, cachoeiras, riachos e uns poucos milhares de nativos amistosos que, assim como os habitantes da maioria das outras ilhas, tinham língua, cultura e costumes próprios. Williamson acabou aprendendo sua língua e foi convidado a frequentar suas casas, familiarizando-se com seus artefatos e participando de suas cerimônias. Também bebia *kava*, um líquido potente feito da raiz de pimenteiras, e às vezes aquela ilha remota lembrava-lhe a floresta de sua infância, que Williamson pensava ter deixado para trás.

Quando as forças militares começaram a abandonar gradualmente várias ilhas, no início da década de 1950, passando-as para a administração do Departamento do Interior, em nome das Nações Unidas, John Williamson aceitou a dispensa prematura da Marinha em troca de um posto no governo civil. Sua função seria fazer a manutenção de todo o equipamento de navegação e comunicação necessário para que os Estados Unidos continuassem seu contato vigilante com o Pacífico Sul.

Auxiliado por técnicos americanos e nativos, Williamson montou sua base na ilha de Truk, mas viajava milhares de quilômetros por semana para verificar as instalações de outros postos avançados. Um dia, ao visitar uma ilha das Carolinas chamada Yap, conheceu uma alemã loira e atraente, três anos mais velha do que ele, que morava sozinha numa casa pré-fabricada semicircular de metal e estava empregada no hospital americano da ilha. Seu nome era Lilo Goetz, e ela aspirava a tornar-se antropóloga, especialista na cultura nativa do Pacífico Sul, uma parte do mundo que a fascinava desde quando vira, em sua infância em Berlim, a primeira versão para o cinema de *O grande motim*. Leu todos os livros disponíveis em sua escola sobre a região e, em 1950, deixando a casa dos pais no setor americano de Berlim, voou para Honolulu e passou os dois anos seguintes estudando na Universidade do Havaí.

Depois de viajar bastante pelo Pacífico e morar por pouco tempo em várias ilhas, estabeleceu-se em Yap. Teve certeza de que estava se ajustando bem ao novo ambiente quando se sentiu finalmente à vontade fazendo amor com um nativo nas posições

sentada e agachada que os ilhéus preferiam. Essas posições exigiam bastante equilíbrio e pernas fortes, que no seu caso tinham se desenvolvido em anos de exercícios atléticos e amor pela dança. Foi sua aparência saudável que atraiu Williamson quando a encontrou pela primeira vez, em 1953, numa festa na casa de um dos diretores do hospital.

Superando sua reticência usual em relação às mulheres que não conhecia, começou a conversar com ela e convidou-a para jantar quando ele voltasse a Yap na semana seguinte. Ela aceitou cortesmente. Embora não tivesse mencionado na ocasião, Lilo já sabia alguma coisa sobre ele, tendo feito indagações depois de notá-lo da janela de seu escritório durante um vendaval, quando ele estava numa torre próxima tirando fotografias, sem se importar com o vento e a chuva. Gostara de observá-lo, pois sua figura encharcada e fustigada pelo vento lembrava-lhe os capitães do mar que vira em filmes, varridos por tempestades e empoleirados bravamente nos mastros. E ficara satisfeita ao descobrir, ao jantarem juntos, que Williamson não era nem um pouco atrevido, irresponsável ou despreocupado. Ao contrário, achou-o reservado e pensativo, um ouvinte atento e muito lido, talvez um pouco melancólico e, no que dizia respeito ao sexo, calmamente persistente. Embora tivesse ficado claro seu desapontamento quando ela se recusou a dormir com ele depois dos primeiros jantares, Williamson continuou a telefonar e dar um jeito de vê-la a cada voo que fazia. E como uma indicação de seu desejo de agradar-lhe — após a reação negativa dela diante da tatuagem em seu braço esquerdo, que

considerava a marca de um rufião que ele não era —, foi a um médico e mandou removê-la.

Em breve, Williamson não só se tornou seu amante como a convenceu a viver com ele em Truk, a 1300 quilômetros de Yap. Ele apressara a partida dela ao convencê-la de que os nativos de Yap estavam cada vez mais insatisfeitos com a presença dos ocidentais, opinião que Lilo estava disposta a aceitar desde a noite em que observara dois yapeses de cara amarrada vagando perto de sua casa, brandindo machetes. Em Truk, na casa de Williamson, sentia-se segura e contente. Em março de 1954, casaram-se na ilha e ali passaram a lua de mel. Para ela, foi um período da vida absolutamente romântico.

Contudo em novembro, quando estava grávida de seis meses, teve anemia perniciosa, e Williamson achou que deviam ir embora do Pacífico e morar nos Estados Unidos, não só por Lilo, mas também por ele. Não via mais desafios em seu trabalho e estava cansado da vida transitória no mar, de voar e navegar de ilha em ilha, da moradia precária em ilhas tropicais. Tinha ouvido que havia boas oportunidades para engenheiros e técnicos na costa leste da Flórida, em Cabo Canaveral, onde o governo estava iniciando um programa de construção de mísseis que no futuro iriam lançar satélites no espaço. Várias empresas de grande porte estavam comprometidas a gastar enormes quantias de dinheiro em pesquisa e desenvolvimento espacial. Cientistas americanos, ao lado de Wernher von Braun e outros cientistas alemães agora empregados pelos militares americanos, estavam projetando versões maiores e mais potentes dos foguetes V-2 usados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Uma vez que Lilo estava não somente disposta, mas também ansiosa para viver nos Estados Unidos, eles partiram de Truk assim que sua saúde permitiu. No final de fevereiro de 1955, um mês depois de chegarem à Flórida e Williamson ser contratado pela Boeing, nasceu seu filho, que Lilo batizou de Rolf. A criança amenizou o desapontamento que ela sentia por ter de morar num pequeno motel úmido, isolado numa praia deserta, distante poucos quilômetros da base militar de Cabo Canaveral. Aquela não era a Flórida sobre a qual lera em revistas de viagem; ali só havia dunas desoladas e palmeiras esqueléticas, cercadas de pântanos e dominadas por mosquitos. Localizado a mais de 150 quilômetros ao sul de Daytona Beach e a uma distância ainda maior de Fort Lauderdale, mais ao sul, Cabo Canaveral ainda não estava preparado para acomodar as mulheres e os filhos dos homens contratados para os projetos. A mercearia mais próxima, na vila de Cocoa Beach, ficava a quase 5 quilômetros. O cinema mais próximo estava a quase 25 quilômetros; o hospital onde Rolf nasceu ficava a 32 quilômetros; e, se quisessem um bom restaurante e um pouco de vida noturna, tinham de rodar quase 100 quilômetros para ir a Orlando.

Às vezes, Lilo sentia saudades das ilhas pitorescas do Pacífico Sul, mas seu marido parecia feliz com o trabalho, embora os regulamentos militares o proibissem de contar-lhe muita coisa. Todas as manhãs, ele ia com seu pequeno Ford conversível preto para a base aérea e juntava-se aos outros engenheiros e técnicos nos hangares onde ficavam seus laboratórios e escritórios; à noite voltava ao motel para jantarem no apartamento de duas peças. Quase todos os moradores do

motel, assim como os que viviam nas casas frágeis à beira da estrada, estavam ligados de alguma forma à missão militar de Cabo Canaveral, e parecia irônico a Lilo que esses pioneiros da tecnologia futurista estivessem morando e trabalhando em ambiente tão antiquado e decadente.

Isso começou a mudar em 1956, quando novas casas e motéis foram construídos no lado oposto da praia e ao longo das lagoas. Em 1957, depois que o lançamento do *Sputnik* pela União Soviética chocou os Estados Unidos, apareceu de repente uma quantidade ilimitada de fundos do governo para a corrida espacial contra os russos. Todos os dias, aviões militares pousavam no Cabo com oficiais e cientistas de alto escalão de Washington, e Von Braun e seu séquito vinham periodicamente de Huntsville, Alabama. Construíram-se torres mais altas, mais hangares e plataformas de lançamento, e o número de trabalhadores em mísseis dobrou e triplicou. Empreendedores e especuladores imobiliários exploraram as terras pantanosas em torno de Cocoa Beach; abriram-se lojas, bares, lanchonetes, e vieram os postos de gasolina, as lavanderias automáticas e farmácias, bem como agentes de seguros, médicos, clérigos e prostitutas.

Pouco antes do boom imobiliário, Lilo e John Williamson construíram uma pequena casa num terreno de 8 mil metros quadrados junto à lagoa de Cocoa Beach, por menos de 10 mil dólares, valor que logo quadruplicou. Williamson trocou o emprego na Boeing por um melhor na Lockheed e estava entre os engenheiros que trabalharam no foguete X-17, no *Polaris* e em outros mísseis, além de fazer viagens inexplicadas. Quando

estava no Cabo, às vezes trabalhava dia e noite, e as frequentes falhas dos primeiros foguetes mantinham-no em estado quase constante de fadiga e depressão. Ele e seus colegas sentiam a pressão de ter de alcançar os russos, cujos foguetes maiores estavam agora equipados para pôr um cachorro e até um homem em órbita. E a presença cada vez maior da imprensa em Cabo Canaveral significava que nenhum percalço americano permaneceria em segredo por muito tempo.

Em casa, com Lilo e o filho, Williamson ficava tenso e distante. Dormia irregularmente e passava horas, no meio da noite, lendo manuais técnicos ou romances de ficção científica, quando não entretido com o projeto ou a manutenção de alguma engenhoca mecânica. Demonstrava pouco interesse pelo filho, que tinha quase três anos. Numa manhã de agosto de 1958, enquanto Williamson estava no gramado da frente ajustando a hélice de um *swamp buggy*,⁵ o menino caiu na lagoa. O barulho da queda não pôde ser ouvido por causa do barulho da hélice, e a criança enredou-se sob um barco à vela atracado, não conseguindo voltar à superfície.

Quando Lilo, que estava na cozinha, saiu para procurá-lo e não o encontrou, correu para a praia. Williamson procurou nas margens da lagoa, mergulhou, mas não viu o corpo preso. Mais tarde a polícia descobriu o cadáver do menino. Lilo teve um colapso e precisou de sedativos durante dois meses. John Williamson assumiu sua parte de culpa por negligência e, depois do enterro, foi com Lilo para a Alemanha, onde ficaram com a irmã e o cunhado dela.

Ao retornar seis semanas mais tarde, em outubro de 1958, Williamson conseguiu um ano de afastamento da Lockheed para que pudesse ser consultor militar na Califórnia e, depois, na base aérea Wright, em Dayton. Lilo acompanhou-o, morou com ele em motéis e apartamentos mobiliados, manteve-se ocupada em empregos e, no final de 1959, sentiu-se grata ao descobrir que estava grávida de novo.

Depois que voltaram para a Flórida, Lilo frequentemente ficava sozinha quando John fazia viagens noturnas para estações de rastreio de mísseis no Caribe. Uma noite, ele lhe sugeriu que fosse visitar a irmã na Alemanha; disse que estava envolvido numa missão confidencial importante, que em breve se uniria a ela na Europa e que provavelmente iriam mudar-se para o Paquistão. Parecia entusiasmado e contente com esses eventos, e ela também estava ansiosa por deixar para sempre aquele lugar onde sentia principalmente solidão e desespero.

Na Alemanha, Lilo recebeu uma mensagem do marido informando que seus planos tinham sido cancelados abruptamente. Ele não iria a seu encontro na Europa, não haveria mudança para o Paquistão, ela devia retornar à Flórida. Ao voltar para Cocoa Beach, Lilo ficou tão chocada com a aparência abatida e desanimada de Williamson que nem exigiu uma explicação imediata sobre o Paquistão. Ele tinha olheiras profundas, engordara, fumava sem parar, bebia muito e parecia quase em coma ou sob o efeito de alguma droga. Meses se passariam até que ela adivinhasse por que ele não fora para a Europa e o Paquistão.

Do pouco que ele contou e dos rumores que ouviu no Cabo, ela entendeu que seu marido estivera trabalhando nos aviões de espionagem U-2, um dos quais, em 1960, foi derrubado pela artilharia russa, resultando na captura do piloto Gary Powers, que revelou a missão de espionagem americana. Os russos anunciaram também que alguns voos de U-2 tinham partido de uma base no Paquistão.

Embora o incidente tivesse sido manchete no mundo inteiro durante semanas e constrangido o presidente Eisenhower e os líderes militares americanos — além de suspender o projeto U-2 —, o clamor político acabou amainando. Mas Williamson continuou taciturno, revelando, às vezes, uma amargura profunda em relação às autoridades militares e civis. Lilo só podia especular que ele se envolvera em alguma discussão interna sobre o equipamento de comunicações ou as capacidades operacionais do U-2, que aparentemente deveria voar a uma tal altitude que nenhuma arma de solo poderia atingi-lo. De qualquer modo, os russos tinham provado mais uma vez sua capacidade tecnológica e, se o humor de seu marido era um indício, as fileiras secretas dos pilotos de espionagem americanos e seus colaboradores civis tinham caído em desgraça.

John Williamson continuou a ir para o escritório da Lockheed todas as manhãs, mas Lilo duvidava que ele conseguisse superar seu mau humor e seu tédio para funcionar satisfatoriamente como engenheiro de instrumentação. Certa ocasião, sugeriu-lhe a ajuda de um psiquiatra, mas ele reagiu com frieza. Expressou apenas uma satisfação morna com o sucesso do voo suborbital do astronauta Alan Shepard, em 1961,

e o lançamento espacial de John Glenn, em 1962 — dois eventos que provocaram irrupções de euforia em milhares de espectadores reunidos na praia e em centenas de técnicos e funcionários do Cabo. Williamson levou a mulher às festas comemorativas da aterrissagem, mas ao lado de engenheiros, políticos e astronautas não parecia estar se divertindo. Bebia muito e falava pouco. Tornara-se, ao menos com Lilo, quase inabordável, muito diferente da figura romântica que ela vira anos antes açoitada pelo vento e pela chuva numa tempestade no Pacífico. Ela admitia a possibilidade de que ele estivesse envolvido com outras mulheres, pois havia várias, muito atraentes, vivendo agora perto do Cabo e trabalhando nos escritórios da administração espacial, nas lojas de Cocoa Beach, nos restaurantes e bares dos novos hotéis. Se não estava tendo sexo com pelo menos uma daquelas mulheres, então estava sem vida sexual nenhuma, pois a de casa era quase inexistente.

Quando ele voltava do escritório, em geral tarde e com hálito de bebida, parecia interiorizado, vivendo consigo mesmo, desligado do ambiente. Interessava-se tanto pela filha quanto se interessara pelo filho. Depois do jantar, ficava acordado até tarde lendo livros de filosofia, religião, psicologia e ficção científica, que devorava às dúzias.

Pouco antes do Natal de 1962, ficou completamente absorto num longo romance que súbita e inexplicavelmente pareceu reanimá-lo. Tratava-se de *Quem é John Galt?*, de Ayn Rand. Quando ele concluiu a leitura, Lilo demonstrou curiosidade sobre o livro, e discutiram alguns aspectos da obra. As principais personagens eram industriais americanos enérgicos e idealistas

que sofrem a oposição de um grupo de políticos e burocratas de Washington, ansiosos por reduzi-los a padrões de mediocridade e conformismo aprovados pelo governo e, dessa forma, controlá-los. Os individualistas não só se rebelam contra essa pressão como finalmente se retiram da nação com seu considerável talento e criam sua própria comunidade idealizada, num lugar que só eles podem reconhecer. O herói da história é um intelectual desajustado, estranho e esquivo, chamado John Galt; a heroína é uma herdeira dinâmica de estrada de ferro, Dagny Taggart. E a visão cínica do livro sobre a burocracia federal estava em harmonia com a maneira como Williamson vinha se sentindo nos últimos dois anos, pelo menos.

Tal como John Galt, ele achava que uma maneira de mudar a sociedade para melhor era afastar-se temporariamente dela, criar com cuidado um modo mais idealizado de vida num lugar privado e, depois, aos poucos, ampliar esse lugar e seu objetivo, atraindo certas pessoas que não apenas estivessem dispostas a mudar, como também fossem dignas de mudança. Havia muito tempo que Williamson estava ansioso por mudar e ser mudado, mas até então se considerava um migrante mal orientado que se mudara das matas do Alabama para as ilhas do Pacífico e, depois, para as tribos técnicas de Cabo Canaveral, em busca de um lugar compatível que ainda não encontrara. Talvez viesse a descobrir, como o herói do livro, que esse lugar não podia ser encontrado: tinha de ser criado. Embora não tivesse ideia de como começar, decidiu que não podia mais trabalhar para o governo.

Demitiu-se de seu cargo em Cabo Canaveral e planejou partir na mesma semana para Los Angeles, onde aceitaria por

enquanto um emprego muito bem pago que já tinham lhe oferecido numa empresa fabricante de equipamento para gravação magnética. Seu plano era que Lilo o seguisse dentro de um mês, indo de carro com a filha, sem pressa; haveria uma casa esperando por ela quando chegasse. Ela se perguntou o que devia fazer, duvidando que o casamento pudesse durar; mas, não tendo nenhum motivo para ficar na Flórida, concordou em ir ao encontro dele.

Lilo chegou a Los Angeles com a filha de dois anos em fevereiro de 1963; passou um ano inerte morando com Williamson em subúrbios e ficou mais aliviada do que surpresa quando ele sugeriu que se divorciassem. Não havia mais paixão, nem hostilidade. Ela concordou tranquilamente que cada um devia seguir seu caminho e não viu motivos para disputa nos termos do divórcio que ele propôs. Ela continuaria a morar na casa de Los Angeles, ficaria com a propriedade da Flórida, que lhe renderia um aluguel, e receberia 650 dólares por mês de pensão para a filha. Williamson disse também que queria lhe dar um seguro de vida melhor e certo dia, antes da assinatura final do divórcio, trouxe uma corretora para explicar os termos do seguro. A corretora era Barbara Cramer.

12.

Barbara Cramer conheceu John Williamson quando tentava vender um seguro de grupo para a firma de eletrônica de Los Angeles de que ele era diretor-geral. Williamson foi distante, quase rude quando ela chegou; tendo se esquecido do compromisso e irritado porque ela não podia adiá-lo para o dia seguinte, deixou-a na sala de espera por muito tempo até recebê-la em seu escritório severo e mal mobiliado, fumando sem parar sentado à mesa de aço cinzento e mal prestando atenção ao que ela dizia.

Era o começo da tarde e, apesar do alheamento dele, Barbara sentia-se descontraída e confiante. Vinha de um encontro agradável no motel com Bullaro e gostara de dirigir seu carro pelo vale, ouvindo música do rádio, o corpo ainda fresco do chuveiro. Com frequência, achava dirigir uma experiência sensual, uma oportunidade para se afastar um pouco das outras pessoas e meditar sobre sua vida, ouvindo música e rodando por estradas largas e suaves. Tinha certeza de que milhares de outros californianos também buscavam diariamente o alívio e os benefícios da reflexão atrás dos para-brisas de seus carros; Los Angeles era uma cidade de meditativos motorizados, de viajantes interiores fantasiando ao longo de *freeways*. Sua sensação de

felicidade naquela tarde ensolarada não poderia ser perturbada pela atmosfera sem graça do escritório de Williamson.

No mínimo, ela estava curiosa sobre aquele homem que parecia se esforçar para criar a impressão de não se importar com a impressão que estava causando. Seu escritório era tão obviamente austero que aparentava ter sido cuidadosamente arrumado com esse fim. Em vez de lembranças pessoais ou fotografias, sobre a mesa havia dois cinzeiros transbordando de pontas de cigarro. Não havia tapetes e as cadeiras eram desconfortáveis. As paredes cinza estavam completamente nuas, exceto por uma grande fotografia, atrás da escrivaninha, de duas estradas vazias no deserto que convergiam no fundo, indo para lugar nenhum. As respostas dele para a maioria das perguntas foram monossilábicas; seus comentários, sempre curtos; a atitude, de indiferença. Contudo, Barbara sentia que sob aquela superfície havia uma necessidade quase desesperada. Era um homem que talvez tivesse construído um muro, na esperança de que alguém o escalasse.

Quando ela terminou de explicar a apólice, Williamson levantou-se abruptamente, dando a entender que o encontro acabara. Disse que, se ela deixasse os documentos, ele os estudaria e lhe telefonaria dentro de uma semana. Como não teve retorno dentro desse prazo, Barbara telefonou-lhe e convidou-o para almoçar. Ele disse que não estava interessado em almoço, mas propôs que jantassem juntos. Ela aceitou e, ao contrário do que esperava, teve uma noite deliciosa.

Foram a um restaurante oriental de Hollywood Hills e depois a um clube noturno. Beberam bastante, falaram abertamente sobre

a vida pessoal, e ela não podia acreditar que aquele homem interessante e afável fosse o mesmo indivíduo desagradável do escritório. Ou tinha personalidade dupla, ou ela o havia conhecido num dia excepcionalmente ruim. Agora, sentia que ele estava à vontade. Parecia ter um passado compatível com o seu: ambos vinham do campo e moravam na maior cidade do país, eram exilados da pobreza rural tentando vencer na terra das grandes empresas, sem as credenciais e conexões usuais, embora Williamson dissesse que estava para deixar a firma e começar um pequeno negócio próprio. Barbara percebeu logo que ele não serviria para empurrar a apólice de seguro aos colegas, mas não se importou. Seu interesse por ele tornara-se, de repente, estritamente pessoal, e quando saíram do clube, de braços dados, ele subitamente sugeriu, naquela noite de sexta-feira, que viajassem juntos no fim de semana.

Ela concordou e três horas depois, um tanto cansados, mas ainda exuberantes, estavam em San Francisco, diante da portaria de um hotel.

“Dois quartos”, pediu Williamson ao funcionário que, após olhar para o casal, perguntou: “Por que dois quartos?”.

“Porque somos duas pessoas”, respondeu Williamson.

Dormir separados na primeira noite foi uma decisão que Barbara achou muito romântica e uma das várias surpresas agradáveis que tornariam John Williamson mais fascinante para ela. Absteram-se de sexo também na segunda noite e quando finalmente fizeram amor, depois que voltaram a Los Angeles e passaram a noite no apartamento dela, foi o clímax excitante de

um fim de semana de familiaridade aprofundada e desejo intensificado.

O efeito de Williamson sobre Barbara foi imediato e agradavelmente desconcertante. Com ele, ela sentia-se estranhamente tímida, não agressiva, feminina, mas não menos liberada. Sentia-se livre como sempre para seguir seus caprichos e aspirações e sabia, de suas conversas, que ele notava e admirava seu espírito e seu estilo independentes e que fora a percepção dessas qualidades que o atraía naquele primeiro encontro, apesar de seu laconismo. Disse para Barbara que mulheres submissas e dependentes não o atraíam, nem o duplo padrão de moralidade existente entre os sexos, assim como os papéis convencionais que predominavam em quase todos os casamentos, inclusive o seu. Caso se casasse de novo, não queria uma esposa subserviente, mas uma parceira forte e igual, numa relação que seria avançada e aventureira.

À medida que passava mais tempo com ele em Los Angeles, vendo-o quase todas as noites e, às vezes, visitando-o em seu apartamento de solteiro em Van Nuys, Barbara percebeu aos poucos que os muitos livros de psicologia, antropologia e sexualidade que ele possuía não indicavam apenas curiosidade intelectual, mas também crescente interesse profissional.

As ambições de carreira de John Williamson pareciam estar mudando da engenharia mecânica para a engenharia sensual, das maravilhas da eletrônica para a dinâmica da ganância. Embora suas preocupações estivessem voltadas para a sociedade contemporânea, seu conhecimento ia até os tempos

antigos e as religiões primitivas, os primeiros profetas e hereges, os cientistas e dissidentes da Idade Média, bem como os livre-pensadores e fundadores de utopias rurais na era industrial. Estava particularmente interessado na obra do controvertido psiquiatra austríaco Wilhelm Reich, que se opunha ao duplo padrão entre os sexos e à repressão geral às mulheres, vendo-os como recursos venais da sociedade para preservar a unidade familiar que considerava necessária para a manutenção de um governo forte. Num mundo dominado pelo macho, sugeria Reich, havia um “interesse econômico” no papel feminino de “provedora de filhos para o Estado” e realizadora das tarefas domésticas sem remuneração. Graças à dependência econômica da mulher e à sua gratificação menor no processo de produção, disse Reich, “o casamento é uma instituição protetora para ela, mas ao mesmo tempo ela é explorada dentro dele”.

Para Reich, o primeiro condicionamento social da mulher era “negadora do sexo” ou, na melhor das hipóteses, “tolerante ao sexo”; diante da moral conservadora defendida por governos e instituições religiosas, essa passividade sexual tornava as mulheres esposas mais fiéis e amantes menos ousadas. Enquanto isso, os homens satisfaziam sua lascívia no que Reich chamou de “sexualidade mercenária”, com prostitutas, amantes ou outras mulheres que a sociedade respeitável tinha em baixa estima. Em larga medida pertencentes às classes mais baixas, essas mulheres eram as servas sexuais num sistema que as desprezava e punia, mas não podia eliminá-las porque, como escreveu ele, “o adultério e a prostituição constituem parte essencial da dupla moral sexual que concede ao homem, dentro

e fora do casamento, aquilo que deve ser negado à mulher por motivos econômicos”.

Reich não defendia a prostituição e a promiscuidade, mas não acreditava que a lei devesse proibir atos de sexualidade entre adultos de comum acordo, inclusive homossexuais, nem condenava as expressões de amor sexual entre adolescentes:

Diz-se que a abstinência dos adolescentes é necessária no interesse da realização social e cultural. Isso se baseia na teoria de Freud de que essas realizações do homem obtêm energia de energias sexuais que foram desviadas de seu objetivo original para um objetivo mais “alto”. Essa teoria é conhecida como “sublimação”. [...] Sustenta-se que a relação sexual dos jovens diminuiria suas realizações. O fato é — e os sexólogos modernos são unânimes quanto a isso — que todos os adolescentes se masturbam. Isso já acaba com o argumento. Pois como poderíamos supor que a relação sexual interfere na realização social e a masturbação não?

Em toda a carreira profissional de Wilhelm Reich, iniciada na década de 1920, quando ele trabalhou como assistente de Freud em Viena, a defesa ousada do prazer sexual trouxe infortúnio para sua vida e finalmente o levaria para uma prisão americana, onde ele morreu, em 1957. Afastando-se da análise puramente verbal de Freud, Reich estudou, além da mente, o corpo e concluiu, após anos de observação clínica e trabalhos sociais, que sinais de comportamento perturbado podiam ser detectados na musculatura do paciente, em sua postura, no formato de seu queixo e sua boca, nos músculos tensos, ossos rígidos e outros

traços físicos de uma natureza defensiva ou inibidora. Reich chamou essa rigidez corporal de “armadura”.

Ele acreditava que todas as pessoas existiam sob camadas variadas de armadura que, tal como as camadas arqueológicas da terra, refletiam os eventos históricos e a turbulência de sua vida. A armadura de um indivíduo que fosse desenvolvida para resistir à dor e à rejeição poderia também bloquear a capacidade para o prazer e a realização, e os sentimentos profundamente represados só poderiam ser liberados por atos de autodestruição ou de agressão aos outros. Reich estava convencido de que a privação e a frustração sexual motivavam boa parte do caos e das guerras do mundo — o slogan “Faça amor, não faça guerra” dos que protestavam contra a guerra do Vietnã ecoava um tema reichiano — e culpava o moralismo antissexual dos lares e das escolas religiosas, ao lado da “ideologia reacionária” dos governos, pela produção de cidadãos que temiam a responsabilidade e saboreavam a autoridade.

Reich acreditava também que as pessoas incapazes de conseguir gratificação sexual em sua vida tendiam a considerar as expressões públicas da sexualidade desprezíveis e degradantes — sintoma apresentado por Comstock e outros censores — e ainda sugeria que a tradição religiosa segundo a qual o sexo era algo maligno tinha origem na condição somática de seus líderes celibatários e mártires primitivos cristãos. As pessoas que negam o corpo podem desenvolver com mais facilidade conceitos de “perfeição” e “pureza” da alma, e Reich deduziu que as energias dos sentimentos místicos são “excitações sexuais que mudaram seu conteúdo e alvo”,

acrescentando que a fixação em Deus era menor naqueles que encontravam felicidade no sexo.

As pessoas sexualmente satisfeitas possuíam o que Reich chamava de “caráter genital”, e chegar a isso era o objetivo de sua terapia, que, penetrando na armadura, converteria a energia alimentadora do entorpecimento neurótico e da destruição em canais de ternura e amor capazes de libertar toda a “excitação sexual amaldiçoada”. Segundo Reich, um indivíduo com caráter genital estava em contato pleno com seu corpo, seus impulsos, seu ambiente — possuía “potência orgástica”, a capacidade de “render-se ao fluxo de energia no orgasmo sem nenhuma inibição [...] livre de ansiedade e desprazer e sem fantasias”. E, embora o caráter genital não garantisse sozinho o contentamento duradouro, o indivíduo, pelo menos, não seria bloqueado ou desviado nem por emoções destrutivas e irracionais, nem por um respeito exagerado às instituições que não realçassem a vida.

Em parte porque Reich sugeriu as relações sexuais saudáveis como um antídoto para muitos males, seus críticos muitas vezes o viram como defensor apenas do prazer. Na verdade, Reich afirmava que seu objetivo era permitir aos pacientes sentir tanto dor como prazer: “Prazer e *joie de vivre* são inconcebíveis sem luta, sem experiências dolorosas e sem um embate desagradável consigo mesmo”, escreveu ele, sustentando também que a capacidade de dar amor e obter felicidade é compatível com “a capacidade de tolerar o desprazer e a dor, sem fugir desiludido para um estado de rigidez”.

Reich certamente não acreditava, como muitos seguidores de Freud, que a cultura florescia com base na repressão sexual,

nem aceitaria em silêncio o que considerava uma aliança entre a Igreja e o Estado para tentar controlar as massas denegrindo as alegrias da carne e, ao mesmo tempo, supostamente enaltecendo o espírito. O controle, e não a moral, era a questão central, na visão de Reich; a religião organizada, que nos países cristãos promovia entre os fiéis traços como obediência e aceitação do *statu quo*, lutava pelo conformismo, e seus esforços eram endossados por governos que baixavam leis sexuais conservadoras, reforçando os sentimentos de ansiedade e culpa dos tementes a Deus que eventualmente se entregassem ao sexo não autorizado. Essas leis também davam ao governo armas adicionais para constranger, ameaçar ou aprisionar, por causa do comportamento sexual, certos indivíduos ou grupos radicais que considerasse politicamente ameaçadores ou de alguma forma perigosos. O escritor Ayn Rand foi ainda mais longe que Reich ao sugerir que o governo esperava que os cidadãos de vez em quando desobedecessem às leis para que pudesse exercer sua prerrogativa de punir: “Quem quer uma nação de cidadãos obedientes à lei?”, pergunta uma autoridade do governo no romance *Atlas Shrugged*; “O que se pode esperar disso? [...] Basta aprovar leis que não possam ser obedecidas, impostas ou objetivamente interpretadas — e se criará uma nação de infratores para então faturar em cima da culpa. [...] O único poder que qualquer governo tem é o de dar duro nos criminosos”.

Entre aqueles em quem deram duro, fazendo dele um mártir da revolução sexual, estava o próprio Wilhelm Reich, cujas palavras e ideias provocaram conflito em todos os países em que viveu e

trabalhou. Na Alemanha, foi expulso do Partido Comunista por causa dos seus escritos sobre permissividade sexual e seu pensamento “contra-revolucionário”, enquanto os nazistas o denunciavam como “pornógrafo judeu”. Na Dinamarca, os ataques dos psiquiatras ortodoxos, em 1933, apressaram sua partida para a Suécia, mas a hostilidade que ele encontrou nesse país levou-o, em 1934, para a Noruega. Em 1939, depois de dois anos de críticas da imprensa norueguesa, foi para os Estados Unidos, onde retomou sua prática psiquiátrica em Nova York, formou outros psiquiatras e deu aulas na New School for Social Research. Em 1941, uma semana depois do ataque a Pearl Harbor, o FBI, que tinha um dossiê sobre Reich como possível estrangeiro inimigo, deteve-o em Ellis Island durante três semanas.

Depois da guerra, quando artigos de revista noticiaram com acrimônia sua afirmação de que descobrira a “energia do orgone” — uma força primordial do organismo vivo e da atmosfera que podia ser absorvida por um paciente sentado numa das “caixas de orgone” de Reich, que se pareciam com cabines telefônicas —, ele passou a ser investigado pela Food and Drugs Administration (FDA). Ignorando o fato de que seus pacientes, antes de usar as caixas, tinham assinado declarações de que sabiam tratar-se de um tratamento experimental, sem garantia de cura — embora tivessem esperança de que a energia pudesse curar tudo, do câncer à impotência —, a FDA tratou de proibir as caixas de orgone por serem uma fraude e também baniu todos os livros de Reich que contivessem suas teorias sociopolíticas sobre saúde e sexo.

Na atmosfera macarthista do começo dos anos 50, poucas pessoas estavam dispostas a defender as liberdades civis de Reich, e ele tampouco colaborou ao faltar a uma audiência na corte, escrevendo ao juiz que um tribunal não era lugar apropriado para discussões científicas. Condenado em 1956 a dois anos de prisão por desacato à justiça e violação da lei sobre alimentos e drogas, Reich foi mandado para a penitenciária federal de Lewisburg, Pensilvânia (que receberia em seguida Samuel Roth, condenado por obscenidade no mesmo ano). Com oito meses de prisão, Reich sofreu um ataque cardíaco fatal.

A morte de Wilhelm Reich, em novembro de 1957, não foi considerada notícia importante pelos meios de comunicação. Seu necrológio curto apareceu quase no fim da página 31 do *New York Times* de 5 de novembro e, exceto por dissidentes nas universidades, terapeutas reichianos e jovens americanos que se identificavam com o movimento beatnik (Kerouac, Burroughs e Ginsberg eram adeptos de Reich), relativamente poucas pessoas estavam interessadas nas cópias underground de suas obras que o FDA tinha banido e, em muitos casos, queimado.

Mas tudo isso mudou na metade dos anos 60, quando biografias e artigos sobre Reich, de ex-colegas e amigos, bem como o relançamento legal de suas obras — entre elas, *Psicologia de massas do fascismo*, *Análise do caráter* e *A revolução sexual* —, encontraram um público receptivo entre universitários e militantes que, graças a ele, compreenderam com mais clareza a conexão entre sexo e política.

Se Reich tivesse vivido até os anos 60, com certeza teria visto muita coisa que confirmaria suas previsões, feitas havia muito tempo, de que a sociedade estava “despertando de um sono de milhares de anos” e se achava prestes a celebrar um evento memorável “sem desfiles, uniformes, tambores ou saudações de canhão” que era nada menos que uma revolução dos sentidos. As Igrejas e os governos estavam gradualmente perdendo o controle sobre o corpo e a mente das pessoas. Embora Reich admitisse que o processo de mudança produziria inicialmente confrontos, choques e comportamento grotesco, o resultado final seria uma sociedade mais saudável, aberta e positiva em relação ao sexo.

O Movimento pela Liberdade de Expressão de Berkeley, que forjou seu slogan com as iniciais de um palavrão (“Freedom Under Clark Kerr”), bem como os movimentos pelos direitos civis no Sul e os posteriores protestos contra a guerra e marchas sobre Washington — os *sit-ins*, *teach-ins*, *love-ins* — foram todas manifestações de uma nova geração menos reprimida sexualmente e também menos disposta a respeitar a autoridade política e a tradição social, as barreiras de cor e o recrutamento militar, reitores e padres. Ela possuía mais daquilo que Reich chamava de “caráter genital” e menos do que outro freudiano radical, Géza Róheim, chamava de “moralidade de esfíncter”.

Mas enquanto os jovens da contracultura — blasfemos, sem sutiã, com o símbolo da paz pendurado em colares e brincos — recebiam a atenção dos meios de comunicação, milhares de pessoas silenciosas, casadas, de classe média também estavam em busca da livre expressão e de maior controle sobre seus

próprios corpos. Tal como os jovens em idade de recrutamento que desafiavam a lei recusando-se a arriscar a vida no Vietnã, mulheres frequentadoras da igreja desobedeciam à sua religião evitando filhos por meio de aborto ou contraceptivos. Cerca de 6 milhões de mulheres, muitas delas católicas praticantes, estavam usando a pílula em 1967. E naquela época de bares topless, minissaias, advogados e empresários de cabelos longos, parecia claro que as forças governantes da sociedade tinham influência limitada sobre que tipo de roupa devia ser usada ou como deveria ser o corte de cabelo. Os pelos púbicos fizeram sua estreia no cinema em *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni, e vibradores de plástico com formato de pênis estavam à venda expostos em vitrines de drogarias de muitas cidades, embora o *New York Times* os proibisse em suas colunas de publicidade.

A satisfação sexual do corpo — prazer, não procriação — era agora geralmente aceita na classe média como o principal objetivo do coito. Numa tentativa de compreender melhor e corrigir a falta de resposta de pacientes que buscavam o prazer, os pesquisadores Masters e Johnson, de St. Louis, foram os pioneiros no uso de uma “máquina de cópula” de plástico, de 20 centímetros; usaram várias ex-prostitutas entre suas coexperimentadoras e, mais tarde, providenciaram “esposas substitutas” para parceiras sexuais de homens sexualmente disfuncionais.

Um processo aberto contra o centro de Masters e Johnson pelo marido de uma das substitutas, bem como especulações falsas na imprensa sobre o desempenho da máquina contribuíram para a decisão dos pesquisadores de eliminar essas

coisas de seu trabalho de laboratório, embora mulheres substitutas continuassem a encontrar emprego nas várias outras clínicas de terapia sexual que surgiriam em todo o país, em consequência da fama e do sucesso de Masters e Johnson. Em algumas dessas clínicas, os casais receberiam orientação sobre a arte de aplicar massagens eróticas, veriam filmes instrutivos sobre felação, cunilíngua e as alegrias da masturbação mútua que eram mais explícitos do que os que estavam passando nos cinemas pornográficos da rua 42.

O número dos adeptos da troca de casal nos Estados Unidos, em sua maioria de classe média e com filhos, era estimado por algumas revistas especializadas no assunto em mais de 1 milhão de casais. Numa palestra para a Associação Americana de Psicologia, o dr. Albert Ellis, psicólogo e escritor, disse que, às vezes, um “adultério saudável” ajuda o casamento. A nudez em grupo também seria benéfica, segundo o psicólogo Abraham M. Maslow, para o qual os campos de nudismo eram lugares onde as pessoas podiam sair de dentro de suas roupas e armaduras e aceitar-se mais, ficando mais reveladoras e honestas.

Os banhos e as massagens mistas tornaram-se populares durante os anos 60 em “centros de crescimento” como o Instituto Esalen, no norte da Califórnia, um retiro luxuriante abrigado em penhascos rochosos, com vista para o Pacífico, onde o espírito de Reich parecia vivo na equipe que supervisionava dezenas de seminários sensuais, frequentados por milhares de casais predominantemente de classe média que garantiam a Esalen faturamento anual de 1 milhão de dólares. A maioria das novas formas de terapia, pelo menos em parte inspiradas na obra de

Reich — bioenergética, encontro, treinamento de sensibilidade, terapia primal, rolfing, massagem —, estava disponível em Esalen, onde o terapeuta mais proeminente era o dr. Frederick S. Pearls, um refugiado alemão que fora paciente de Reich na Europa, antes da guerra.

Tal como Reich, Pearls não ficara satisfeito com a “cura pela conversa” de Freud, nem com muitos freudianos rígidos que, em sua opinião, estavam “bloqueados por tabus”; era como se “católicos hipócritas vienenses tivessem invadido a ciência judaica”. A terapia de Pearls enfatizava novos métodos para alcançar movimentos mais livres do corpo, mais consciência, expressividade mais plena e “sentimento de vida”. Ele achava que havia gente demais obcecada com suas cabeças e alienada do próprio corpo, acrescentando: “Temos de perder a cabeça e recobrar o juízo”.⁶

Muito do que se defendia em Esalen e em outros lugares era compatível com a atitude de John Williamson, embora ele quisesse ir além dos seguidores de Reich na alteração do sistema sociopolítico por meio da experimentação sexual. Esperava estabelecer em breve sua comunidade idealizada para casais que desejassem demolir o duplo padrão, liberar as mulheres de seus papéis submissos e criar uma atmosfera sexualmente livre e confiante na qual não haveria necessidade de possessividade, ciúme, culpa ou mentira. Sentia que o momento era ideal para isso: a sociedade estava agitada, e as pessoas, sensíveis a novas ideias, particularmente na Califórnia, onde tantas tendências e estilos naturais haviam começado.

Se tivesse sucesso, seu projeto, além de contribuir para uma sociedade mais saudável e mais igualitária, poderia ser financeiramente lucrativo, como Esalen ou o programa para drogados de Synanon, fundado por um ex-alcoólatra; ou talvez recebesse muitos fundos e pelo menos tivesse liquidez, como o Instituto Kinsey e a clínica de Masters e Johnson. Mas primeiro Williamson precisava organizar seu grupo central, com pessoas íntimas que o ajudariam a iniciar o processo e serviriam, em última instância, como “instrumentos de mudança” na vida de outras pessoas. Já tinha vários candidatos em mente, gente que conhecera desde que se mudara para a Califórnia, três anos antes. A maioria tinha vinte e tantos ou trinta e poucos anos, estava empregada em grandes empresas, era divorciada ou infeliz no casamento, sentia inquietação e vontade de buscar. Vários dos homens eram engenheiros, indivíduos conservadores cujo sustento dependia da indústria militar da Califórnia, mas que admitiam sentir tédio extremo no trabalho e no lar e pareciam prontos para alternativas radicais.

Entre as mulheres que Williamson tinha em mente estava Arlene Gough, com quem tivera um curto caso quando a conhecera na Hughes Aircraft e de quem continuara amigo. Era íntimo também de duas outras mulheres que trabalhavam em sua firma de eletrônica; uma delas, muito atraente, fora aeromoça. Mas aquela que ele considerava essencial para seu programa — que chamaria de Projeto Sinergia — era Barbara Cramer.

Nos meses que passou com ela desde a viagem a San Francisco, percebeu que Barbara já possuía muitas das qualidades que seriam os objetivos das mulheres no Projeto

Sinergia: era bem-sucedida profissionalmente, independente e segura, sexualmente liberada e agressiva quando isso lhe convinha e não se intimidava com a possibilidade de rejeição. Em certos aspectos, lembrava-lhe Dagny Taggart, a personagem de *Quem é John Galt?*, mas não era, felizmente, uma fêmea elitista e, portanto, serviria como um modelo mais representativo para as jovens de classe média que ele esperava atrair para o projeto. Barbara era considerada por Williamson o protótipo da nova mulher da classe média em transformação e, num sentido sinérgico, combinava idealmente com ele: as vantagens de um complementavam as deficiências do outro. Era falante e ativa, enquanto ele era teórico e introspectivo; era mais direta e eficiente, mas menos calculista e visionária. Não postergava nada, sabia o que queria. Com 27 anos, já tomara a decisão de não ter filhos, pois ficava magoada ao lembrar a infelicidade de sua mãe e de outras mulheres criadoras de filhos que conhecera desde que deixara a zona rural do Missouri. Contudo, queria tornar-se ainda mais feminina, mais meiga e sensível, e também confessara a Williamson que, às vezes, sentia-se sexualmente atraída por certas mulheres. Ele lhe pedira que não reprimisse esses sentimentos, que os explorasse, no interesse de uma maior autoconsciência. E pouco depois de seu casamento, no verão de 1966 — um ato convencional que, ambos concordaram, daria uma fachada socialmente aceitável para seu estilo de vida não convencional —, John Williamson decidiu testar até o fundo a tolerância de Barbara em relação à variedade sexual dentro do casamento.

Horas antes de partirem de Los Angeles para o lago Arrowhead, onde passariam o fim de semana, informou-a de que teriam a companhia de uma jovem de seu escritório chamada Carol, a ex-aeromoça que ele havia namorado. Barbara não ficou muito entusiasmada, mas ele lhe garantiu que Carol era muito feminina e encantadora e que seria agradável e benéfico tê-la como amiga.

Barbara já ouvira John falar de Carol, sempre com carinho, mas sem dar nenhuma pista de que ainda tivesse alguma coisa séria com ela, se é que tivera alguma vez. Era recepcionista e Barbara imaginava que fosse uma fachada bonita para uma empresa sem rosto, uma jovem ingênua que encontrara uma figura paterna em John e, tal como muitas outras mulheres, sentira-se atraída por ele porque, ao contrário de muitos outros homens, ele *escutava* as mulheres, ouvia de fato o que elas tentavam dizer.

No final da tarde em que a conheceu, Barbara já mudara sua opinião. Loira, alta, angulosa, de olhos negros e corpo gracioso, Carol não tinha nada de ingênua; era muito tranquila, sem arrogância ou afetação. Parecia realmente contente de conhecer Barbara e comentou como ficara impressionada com a descrição que John fizera de sua carreira. No carro, tomara o cuidado de incluir Barbara em todas as conversas com John sobre o escritório e seus amigos comuns.

Ainda assim, apesar desses esforços, Barbara sentia-se embaraçada com Carol e reconhecia nisso um traço do modo como sempre se sentia no contato social com mulheres; embora sentisse atração em particular, tinha dificuldade para se

relacionar com elas, pois tivera pouca experiência com pessoas de seu sexo durante sua adolescência masculinizada e depois disso. A única amizade feminina que cultivara, com a colega de colégio Frances, acabara em tristeza e amargura. Barbara ainda não entendera sua reação estranha e hostil quando a amiga anunciou que iria se casar e sair do apartamento que dividiam.

Barbara também se sentia um pouco desconcertada no carro por perceber que era a estranha naquele trio — os dois tinham combinado o fim de semana sem lhe contar nada. Meditara sobre as intenções do marido assim que ele mencionou a companhia de Carol e agora se imaginava na situação de ter de aceitar ou rejeitar a presença dela na cama com John, ou talvez ficar com a opção de permanecer de lado enquanto seu marido abraçasse Carol, na tentativa de provar, como dizia frequentemente que poderia, que o sexo aberto e saudável com amigos não precisa perturbar o significado mais profundo do casamento.

Chegaram ao lago no começo da noite, e Barbara ficou aliviada ao ver que o chalé tinha dois quartos separados. Ainda não tinham desfeito as malas quando John sugeriu que fossem logo jantar, antes que o restaurante fechasse. Depois de alguns drinques e uma boa refeição, com muita conversa amistosa e risos, Barbara sentiu-se mais à vontade. Mas, ao retornarem ao chalé, viu John e Carol porem suas bagagens no mesmo quarto e começarem a tirar despreocupadamente as roupas.

Barbara ficou na sala, estupefata, em silêncio, esperando uma explicação que não vinha. Orgulhosa demais para revelar seu mal-estar, chocada demais para pensar com clareza, sentou-se no sofá olhando para a porta aberta do quarto. Ouviu-os

pendurar as roupas no armário, falando macio. A porta aberta era, sem dúvida, a maneira de John dizer que ela seria bem-vinda, mas ele não viria persuadi-la, a decisão era inteiramente dela.

A situação era confusa, difícil e assustadora, e todas as conversas de John desde o casamento sobre os méritos da sexualidade aberta não aliviaram a incerteza de Barbara. Uma coisa era concordar com as teorias de John, outra bem diferente era pô-las em prática num momento como aquele, com uma mulher que ela acabara de conhecer. Quanto mais hesitava, mais Barbara sabia que era incapaz ou não estava disposta a ir na direção da porta aberta.

Sentiu-se dormente, tonta e precisou de todas as suas forças para levantar-se e ir para o outro quarto. Fechou a porta. Passava da meia-noite, ela estava muito cansada e com frio. Deu-se conta de que deixara a mala na sala, contudo não quis buscá-la. Despiu-se lentamente, dobrou as roupas no encosto de uma cadeira, deitou-se e tentou dormir, mas ficou desperta em lágrimas até o amanhecer, ouvindo os sons amorosos que vinham do outro quarto.

No dia seguinte, pouco antes do meio-dia, foi acordada pelo toque suave do marido e um beijo terno. Carol sorria atrás dele, segurando uma bandeja com o café da manhã. Os dois sentaram-se na cama, acariciaram-na e confortaram-na, como se fosse uma menina se recuperando de uma doença. Barbara sentiu-se estranha e constrangida. John disse que a amava e precisava dela. Barbara forçou um sorriso, porém não disse nada. Ele sugeriu que, depois do desjejum, fossem todos nadar e

esquiar no lago, mas Barbara disse que preferia ficar na cama um pouco mais, que fossem adiante e ela os encontraria depois.

Passou parte da tarde no chalé, depois deu uma longa caminhada ao sol e ao ar fresco, recuperando a compostura. Não estava brava com John e Carol; apenas tinha de aceitar que aquele fim de semana era o início de uma nova fase de seu casamento. Não se sentia em pânico ou ameaçada, mas estranhamente contente e livre. O marido a libertara de certos medos indefiníveis e das ilusões românticas sobre sexo e prazer físico, desvinculados do amor conjugal. A consciência de que seu marido estivera envolvido sexualmente com outra mulher na noite anterior, agora que ela se recuperara do choque, não era realmente tão chocante. E quando John anunciara seu amor por ela naquela manhã, diante de Carol, Barbara acreditara nele, pois não havia motivo para mentiras. A relação deles ficara mais honesta e aberta, tinha se expandido não somente para ele, mas para ela também. Sabia agora — ou ao menos supunha — que poderia fazer o que quisesse, com quem quisesse, sem o risco de aborrecê-lo. A campanha de John contra o adultério escondido, a possessividade sexual e o ciúme sem sentido tinha culminado na noite anterior com um ato de desafio à velha tradição secular de propriedade e traição; e ela tinha de admitir que estava ao mesmo tempo atordoada e estimulada pelo que acabara de acontecer em sua vida. Estava casada com um homem incomum, misterioso, surpreendente, imprevisível, um homem tranquilo que dizia que a amava e precisava dela.

Acalmada pelo passeio, retornou ao chalé, tomou um banho e mudou de roupa. Depois foi ao restaurante-bar à procura de John

e Carol. Ele sorriu e acenou quando a viu e ambos levantaram-se para abraçá-la; em breve, Barbara sentia-se tão à vontade com Carol quanto com seu marido. Embora o bar estivesse cheio e barulhento, havia um calor especial entre os três enquanto bebiam e conversavam e o jantar com vinho que se seguiu representou para Barbara quase uma conclusão comemorativa de todas as horas precedentes de angústia e ansiedade. A última coisa que esperava naquele momento era que a complexidade de sua vida aumentasse.

Pouco antes das onze horas, no final do jantar, ficou surpresa com a súbita chegada a sua mesa de um homem por quem se sentira atraída no passado. Era um amigo de seu marido chamado David Schwind, engenheiro de cerca de trinta anos e um dos poucos conhecidos de John em Los Angeles que nunca fora casado. Barbara o conhecera no início do ano, quando fazia esqui aquático com John e outras pessoas em Pine Flat Lake, perto de Fresno, e sentira-se atraída por seus traços fortes mas delicados, seu corpo atlético e seus modos um tanto tímidos e distantes. David Schwind trabalhava na Douglas Aircraft, e John percebera sua habilidade mecânica durante o fim de semana, quando consertara rapidamente o motor de uma lancha. Desde então, de várias maneiras, John cultivara a amizade de David, convidando-o para almoçar, vendo-o socialmente após o trabalho. Agora, no lago Arrowhead, enquanto ele se sentava ao lado de Barbara, obviamente esperado por John, que não demonstrava surpresa por sua chegada não anunciada, ela não tinha dúvida de que sua presença se devia a um telefonema dado por seu marido no começo do dia. Embora o objetivo da

visita não estivesse totalmente claro para ela, sua conclusão inevitável, conhecendo o marido, era de que tinha um propósito e que este se evidenciaria a seu tempo.

Com uma resignação contente, Barbara pediu outro drinque e tratou David de forma amistosa, ainda que detectasse nele certo desconforto e um pouco de resistência. Bebericando, falando pouco, ouvindo distraído enquanto John e Carol se encarregavam da conversação, David Schwind parecia estar discutindo consigo mesmo se fazia bem em estar ali. Meia hora depois, quando John pagou a conta e levantou-se para sair, David insinuou que talvez devesse ir embora. Mas John insistiu que ele os acompanhasse ao chalé, e Barbara deu um sorriso que esperava ser encorajador.

Passava bastante da meia-noite quando retornaram ao chalé. Ficaram um pouco na sala, então Barbara ofereceu-se para fazer um café e pediu que David acendesse o pequeno fogão do canto. Enquanto esperavam a água ferver, Barbara e David ficaram conversando de pé e não perceberam que John e Carol tinham saído da sala em silêncio. Ao virar-se e ver o sofá vazio, David ficou surpreso.

“Onde está John?”, perguntou.

Vendo que a porta do quarto estava fechada, Barbara respondeu com uma indiferença nova para ela: “Ele está com Carol”. Diante do olhar interrogativo de David, acrescentou apressadamente: “Tudo bem. Não se preocupe”.

“Não seria melhor eu ir embora?”

“Não, por favor”, disse ela rapidamente. “Eu gostaria que você ficasse.” Aproximou-se dele, envolveu-o com os braços e disse-

lhe que o marido esperava que ele ficasse, e ela também. Depois de apagar as luzes da sala, ela pegou David pela mão e levou-o para seu quarto. Fechou a porta e começou imediatamente a despir-se.

Fazer amor com David naquela noite, e de novo, pela manhã, foi para Barbara fonte de grande alívio e prazer despudorado. Longe de sentir-se apreensiva, ou desligada do marido, experimentou exatamente o oposto. Acreditou que tinha atingido um novo nível de intimidade emocional com John e que ambos compartilharam durante a noite, em quartos diferentes e com pessoas diferentes, uma dádiva de confiança amorosa.

Em vez de amá-lo menos depois de dormir com outro homem, ela estava certa de que o amava mais. E quando se levantou para o café da manhã, deixando David dormindo na cama, foi saudada na sala pelo sorriso e o beijo aprovador do marido.

13.

John Bullaro, cujo caso extraconjugal com Barbara Williamson fora aprovado pelo marido dela — que chegara a levá-lo para almoçar e a insistir para que o caso continuasse —, sabia que não tinha outra escolha senão concordar com o surpreendente pedido de Williamson, a que atendeu com aplicação, do inverno de 1967 até a primavera de 1968.

Bullaro também concordara em visitar a nova casa dos Williamson, em Woodland Hills, e conhecer alguns de seus amigos liberados, compromisso que esperou com ansiedade até a noite em que foi para lá e encontrou um grupo muito simpático e atraente, em especial uma morena baixa de olhos negros que o saudou à porta com um sorriso sereno, vestida apenas com um négligé. Seu nome era Oralia Leal e, à luz da entrada, ele pôde ver seus seios arrebitados e os mamilos escuros através do tecido delicado; quando a seguiu pelo vestíbulo, notou suas ancas graciosas e o fato de que, sob o négligé, estava completamente nua.

Enquanto Oralia Leal foi buscar-lhe uma taça de vinho, Barbara e Arlene Gough vieram beijá-lo e escoltaram-no até uma grande sala pouco iluminada, onde meia dúzia de pessoas — completamente vestidas —, sentadas no tapete e em cadeiras,

escutavam atentamente John Williamson falar sobre a obra do espiritualista indiano Krishnamurti.

Ao ver Bullaro, Williamson levantou-se, agradeceu-lhe por ter vindo e apresentou-o às demais pessoas. Trajava roupas esportivas, mas os outros homens vestiam ternos, como Bullaro, e as mulheres usavam vestidos, joias e sapatos de saltos moderadamente altos. Somente os trajes de Oralia sugeriam uma preparação para divertimentos no quarto, ou insinuavam a possibilidade de que se apresentaria uma performance erótica para o grupo. Mas, quando ela voltou à sala com o vinho de Bullaro, parecia extremamente tímida e recatada, até mesmo constrangida com sua aparência, e logo enrodilhou-se no chão, aos pés de Williamson, como se buscasse proteção, e no resto da noite falou muito pouco.

Bullaro sentou-se no sofá, entre Arlene e Barbara, escutando a conversa sobre Krishnamurti, de quem jamais ouvira falar, assim como não sabia quase nada sobre Maslow e os outros nomes que apareciam com destaque na conversa entre Williamson e seus amigos. Sentindo-se intelectualmente deslocado, Bullaro lembrou a si mesmo com impaciência que devia retomar e ampliar sua educação, ler mais livros, expandir seus interesses e não se deixar prender nas exigências estreitas do negócio de seguros. Parecia-lhe que seus antigos impulsos intelectuais tinham acabado quando concluía o mestrado em educação e agora era forçado a fazer papel de ignorante numa sala dominada por um homem loiro e corpulento que não passara do secundário. Bullaro estudou aquele homem a cujos pés estava sentada a felina Oralia e reconheceu a contragosto que

Williamson transpirava uma autoridade natural e demonstrava um comando despreocupado de fatos e pessoas; teve também de reconhecer, com certa irritação, que provavelmente teria muito a aprender com ele.

Mas uma coisa que Bullaro não ia aprender naquela noite era o objetivo real da reunião e o tipo de relação que havia entre aquelas pessoas e os Williamson. Depois de ficar lá por mais de uma hora, tendo bebido um segundo copo de vinho e respondido de modo convincente a uma pergunta de Williamson sobre o custo crescente dos seguros de erro médico, quando a discussão se voltara para o recente transplante de coração realizado no hospital da Universidade de Stanford, Bullaro foi obrigado a dizer que precisava ir para casa. Até então, a cena na sala, exceto por Oralia, era semelhante à que se encontraria em qualquer casa de subúrbio americano; embora ainda pudesse acontecer muita coisa, Bullaro sabia que o tempo estava contra ele naquela noite. Judith o esperava, pois ele dissera que chegaria apenas um pouco atrasado por causa de uma reunião de negócios. John e Barbara Williamson, ao se despedirem dele, disseram esperar que ele voltasse em breve e ficasse mais tempo, acrescentando que recebiam visitas todas as noites e ele seria sempre bem-vindo. Bullaro assentiu com a cabeça e agradeceu-lhes; sabia que retornaria, no mínimo para rever a figura esbelta de Oralia Leal e satisfazer sua curiosidade sobre aquelas pessoas que Williamson chamava de liberadas.

Na semana seguinte, num começo de noite, Bullaro apareceu à porta dos Williamson e foi recebido por Barbara. Desculpou-se

por não ter telefonado antes — passando por ali a caminho de casa, vira muitos carros estacionados e decidira parar para uma breve visita. Barbara mostrou-se contente com isso e, tomando-o pelo braço, acompanhou-o até a sala. Ali ele parou de repente e prendeu a respiração: sentadas na sala estavam várias pessoas completamente nuas, tomando vinho e conversando com uma desinibição que o espantou quase tanto quanto a visão de seus corpos nus.

Em seu memorável almoço com John Williamson, Bullaro fora advertido sobre a possibilidade de nudez; mas ao entrar na sala sentiu o pulso disparar, as palmas das mãos úmidas e uma agitação na virilha. Virou-se para Barbara, esperando uma explicação, uma palavra ou gesto que reduzisse sua tensão e seu constrangimento, porém ela o conduziu despreocupadamente até um sofá onde estava uma mulher ruiva rechonchuda, com os grandes seios sardentos cobertos apenas por um colar de pérolas.

“Você se lembra de John Bullaro da outra noite, não?”, perguntou Barbara, e a mulher fez que sim com a cabeça e sorriu; quando ela estendeu a mão para cumprimentá-lo, seus seios também se ergueram. Bullaro enrubesceu. Barbara conduziu-o pela sala para apresentá-lo a outras pessoas, mas tudo o que ele via, com olhares furtivos, eram seios balouçantes e peitos peludos, bundas nuas e coxas brancas, pelos púbicos de várias cores e pênis grandes e pequenos, circuncidados ou não, todos notavelmente flácidos.

No canto, Bullaro reconheceu o corpo familiar de Arlene Gough, que estava conversando com um casal completamente

vestido, fato que o deixou agradecido. Ajoelhada perto deles estava a figura bem-proporcionada de David Schwind, o engenheiro que Bullaro conhecera em sua primeira visita. Sentado no centro da sala, cercado por um pequeno círculo de pessoas que pareciam ouvir extasiadas suas palavras, estava o corpulento John Williamson, de peito largo, pança grande e pênis pequeno, um buda loiro cujo pé direito estava sendo massageado pela estonteante Oralia da pele de azeitona, uma Nefertiti nua cujo corpo perfeito, imaginava Bullaro, era invejado por todas as mulheres presentes.

Williamson chamou Bullaro para perto; ele deixou Barbara com David Schwind e, passando cuidadosamente sobre torsos e membros, acomodou-se no tapete, ao lado de seu anfitrião e Oralia, que lhe sorriu com recato e cumprimentou-o. Ela continuava a massagear o pé de Williamson. Por mais que Bullaro tentasse olhar somente para o rosto das pessoas e sugerir com movimentos da cabeça que estava prestando atenção ao que diziam, seus olhos insistiam em dardejear na direção dos contornos de Oralia, e ele percebeu que sua pele escura era imaculada, os seios não cediam, a barriga era macia, os negros pelos púbicos formavam um triângulo perfeito — e tudo aquilo era um tormento para ele. Sentiu seu pênis endurecendo dentro da cueca. Erguendo os joelhos, bebeu o vinho que alguém lhe oferecera.

Olhou para cima, tentando evitar a obsessão com os encantos de Oralia, e ficou estudando as pesadas vigas de madeira do teto alto e inclinado, que calculou estar a cerca de 9 metros do chão. A casa tinha um projeto incomum, empoleirada num topo de

montanha que dava para o vale; em sua visita anterior, observara do espaçoso pátio, depois do escurecer, as luzes dispersas das casas abaixo. Exceto por uma pequena escada na sala, que levava a uma cozinha elevada, toda a casa estava limitada ao andar térreo; de onde Bullaro estava agora, reclinado no tapete, podia ver as portas fechadas do que adivinhava serem dois quartos, uma das quais se abriu subitamente, deixando passar um casal nu de braços dados que voltou para a sala.

O que quer que estivesse acontecendo em privado naquela casa, ou mesmo o que ele via com seus próprios olhos, estava obviamente além de sua compreensão, em especial no seu atual estado de agitação reprimida. Sentia-se desligado daquele grupo, frustrado consigo mesmo. Odiava ser um estranho, mesmo no meio daquela gente, e isso ele certamente era naquela noite, um prisioneiro enroupado num círculo de nudistas liberados. A busca de aventuras que o afligia havia tanto tempo impelia-o a tirar as roupas, mas uma força interna ainda mais persuasiva impedia-o de fazer isso, principalmente pelo temor de revelar pela primeira vez diante de tanta gente aquele órgão imprevisível que ele supunha ser o fardo de todo homem — embora, como deixava claro o número de falos flácidos a sua volta, o único homem que parecia carregar um fardo ali fosse ele.

Se ao menos Williamson tivesse sugerido, antes que ele se sentasse, que talvez se sentisse mais à vontade com menos roupas, Bullaro poderia, num impulso, aceitar a sugestão, mas sem esse estímulo parecia impossível. Era provavelmente uma atitude típica do anfitrião: deixar as pessoas se desembaraçarem por si mesmas de suas inibições, enquanto ele permanecia

distanciado, observando em silêncio. De repente, Bullaro viu a casa inteira como uma espécie de labirinto para o qual Williamson atraía as pessoas, estimulando-as com promessas indefinidas para depois deixar que se arranjassem e se misturassem sozinhas, tudo em nome de um aprendizado.

Ouvindo risos às suas costas, Bullaro virou-se para o vestíbulo e viu Barbara e Arlene saudando alegremente um casal que chegava; Arlene, cobrindo o púbis com um lenço de papel, balançava as ancas e piscava os olhos, numa imitação exagerada de uma stripper. Barbara, que estava vestida, supostamente porque era a responsável por abrir a porta, olhou para Bullaro e fez um aceno. Aproveitando a oportunidade para se afastar do pequeno seminário de Williamson e da aparentemente inalcançável Oralia, levantou-se e foi para junto do grupo de Barbara, perto da porta, de onde sabia que poderia bater em retirada discretamente.

Estava descontente, vencido, por ter passado uma noite que não conseguia entender. Tinha visto tudo e não vira nada. Fora confundido pelo bombardeio visual. Também estava ficando tarde, perto da meia-noite, e sua esposa ainda estava acordada; não queria um confronto em casa. Deu um beijo de boa-noite em Barbara, que o acompanhou até a porta, lembrando-o de que tinham um almoço marcado para o dia seguinte. Ela sugeriu que se encontrassem ali, em sua casa, em vez de saírem, e Bullaro concordou, dizendo que viria pouco antes da uma da tarde.

Judith estava dormindo quando ele chegou em casa, poupando-o do esforço de mentir sobre onde estivera. Mas, de certa forma, lamentou que ela não estivesse acordada, pois sua

energia sexual estava muito alta e fazer amor no escuro, pensando em Oralia, seria preferível e bem diferente de masturbar-se para tirá-la da cabeça. Jamais gostara muito da masturbação, mesmo quando era adolescente, em Chicago, crescendo em torno da barbearia do pai, que sempre tinha sua cota de revistas masculinas. Como aspirante ao time de futebol americano da Amundsen High School, fora influenciado pela filosofia espartana dos treinadores daquela época de que a masturbação debilitava e desanimava, consumindo as energias combativas. Quando o próprio Bullaro treinara o time de futebol do Boy's Club de Hollywood, no começo dos anos 50, ainda acreditava nisso. A relação sexual, no entanto, era outra coisa, pelo menos no que se referia a ele mesmo, embora não soubesse exatamente por que era menos prejudicial ao corpo do que a masturbação. Naquela noite, porém, considerou toda a questão acadêmica, pois não ia fazer nem uma coisa nem outra.

Preparou um uísque com água e levou um livro para o sofá, decidido a ler até dormir. E foi assim que dormiu naquela noite, no sofá, com o peito coberto por um volume grande da coleção American Heritage sobre a Guerra de Secessão, de autoria de Bruce Catton.

Ao amanhecer, Bullaro acordou e foi para o banheiro em silêncio, fez a barba e vestiu-se para trabalhar. Deixou um bilhete dizendo que tinha um almoço de negócios, entrou no carro e partiu em segurança, antes que Judith se levantasse.

Sentiu-se inquieto e um pouco culpado durante a manhã. Devia telefonar mais tarde para Judith, embora houvesse pouco

a dizer, exceto mais mentiras sobre onde estivera e o que fizera. Era absurdo e patético: reagia uma vez mais como o colegial que fora, escondendo a verdade, temendo a denúncia, falseando parte de seu passado étnico para os amigos, contando para sua mãe judia as mentiras que ela queria ouvir, para que ambos pudessem continuar fingindo que ele era o filho que a mãe admirava. Mas o mais repugnante nessa situação com sua esposa era que, embora sentisse culpa pela noite anterior, ele não fizera nada que justificasse esse sentimento. Se ao menos tivesse ido para a cama com Oralia, ou tivesse participado de uma bacanal no tapete da sala dos Williamson, então valeria a pena mentir para Judith. Mas, como estavam as coisas, sua impostura escondia apenas o fracasso em realizar seus desejos latentes naquela sala lasciva, e tudo o que acontecera naquela noite confirmava o argumento de John Williamson de que mentir sobre sexo era perda de tempo e de energia.

Bullaro ficou maravilhado com o casamento dos Williamson, com a cena sibarítica na sala deles e com o fato de que Barbara recebia os convidados à porta enquanto Oralia, escarrapachada e nua, massageava o pé de John e, mais tarde, sabe-se lá o quê. Bullaro passou boa parte da manhã ruminando essas questões, ao mesmo tempo que se concentrava na papelada prosaica da New York Life, sentado em sua poltrona de couro, num escritório de cujas paredes pendiam certificados e diplomas que atestavam suas realizações e seus feitos virtuosos na comunidade — nenhum dos quais iria atrasar por um segundo sua saída às 12h30 para seu almoço erótico com Barbara Williamson.

Antegozando sua satisfação enquanto subia as ruas sinuosas de Mulholland Drive, não ficou desapontado ao chegar. Barbara, que estava sozinha em casa, recebeu-o na porta com um beijo prolongado e um abraço caloroso e aceitou sem hesitar sua sugestão de que atrasassem o almoço e fossem direto para o quarto.

Embora ficasse surpreso de início com os vários espelhos afixados nas paredes e no teto, logo se tornou um ávido apreciador daquele equipamento. Deitado na cama, observou Barbara engatinhar até ele com um sorriso coquete e os seios roçando em seu peito, pôr seu pênis na boca e excitá-lo de uma maneira que ele podia ver de vários ângulos. Era uma experiência visual rara observar sua figura voluptuosa, com a cabeça loira inclinada, multiplicada nos espelhos, estimulá-lo caleidoscopicamente, acariciando com muitas mãos e bocas a profusão de pênis que eram todos seus para sentir e ver, perto e longe, como uma orgia óptica.

Logo sentiu as convulsões familiares subindo dentro de si e, enquanto seu corpo todo tremia, ficou deitado de costas e regalou-se com seu orgasmo por um bom tempo; depois, abriu os olhos e viu ao redor sua imobilidade refletida. Permaneceu na cama com Barbara por mais de uma hora, uma duração incomum na história de encontros breves de ambos; naquele dia, os dois estavam mais famintos por sexo do que por comida e exauriram-se mutuamente na satisfação de seus desejos.

Pouco antes das três horas, dirigindo de volta para a firma pelas ruas curvas do vale, sentia-se tão estonteado e livre como se estivesse deslizando. Mas dentro do escritório da firma de

seguros, depois de telefonar para a esposa, deparou novamente com a mudança do ponto gravitacional de sua vida.

Telefonou para Judith a fim de sugerir um jantar no restaurante preferido deles, mas ela recusou. Pela voz, não parecia chateada com os horários tardios dele. Ao contrário, estava calma e até alegre ao dizer que já planejara o jantar em casa, acrescentando que arranjara algo para fazerem mais tarde: John Williamson ligara pela manhã perguntando por ele e ela se apresentara pelo telefone; após uma conversa cordial em que expressara muita admiração por Bullaro, ele convidara o casal para tomar uns drinques depois do jantar. Judith, que não saíra de casa nos últimos tempos, aceitara com prazer o convite, dizendo que estariam lá por volta das nove horas.

John Bullaro ficou mudo e petrificado. Apertou o telefone, enquanto passavam pela sua mente imagens de gente nua na sala dos Williamson. Não podia acreditar que John Williamson submeteria uma mulher desconhecida a uma tal cena, mas também sabia que, com ele, não podia ter certeza de nada. Ficou em silêncio. Judith perguntou se estava escutando, ele respondeu que sim; ela pediu-lhe para não se atrasar para o jantar porque queria estar fora da cozinha quando a garota da casa ao lado viesse para cuidar das crianças, depois seguiu falando de outros detalhes que Bullaro não ouviu, tão impaciente estava para desligar e telefonar para os Williamson. Queria uma explicação para o telefonema a Judith, um indício do que poderiam esperar naquela noite, mas enquanto discava lembrou a si mesmo que não deveria parecer irritado ou abrupto, em particular se John Williamson atendesse à chamada: Bullaro

ainda achava que todas as relações com ele deviam ser conduzidas com extrema cautela.

Mas ninguém respondeu ao telefonema. Bullaro ligou várias vezes durante a tarde, tentou o escritório de Barbara, mas não conseguiu contatá-los. Ao voltar para casa, sabia que não tinha escolha senão preparar Judith para a possibilidade de surpresas à noite.

Durante o jantar, depois que as crianças foram para a cama, disse a Judith que achava os Williamson um casal estranho; pelo que ouvira dizer no escritório, estavam envolvidos numa espécie de grupo de encontro que realizava ocasionalmente reuniões na casa deles em que todos ficavam nus. Ele não podia garantir pessoalmente a veracidade daquela informação, mas era bom Judith estar preparada para qualquer coisa ou, caso se sentisse apreensiva em relação à visita, cancelá-la enquanto era tempo.

Ela olhou-o de modo estranho. Depois, parecendo confusa e irritada, perguntou-lhe o que estava querendo exatamente e exigiu saber por que ele esperara até o último minuto para levantar a questão. Bullaro desculpou-se imediatamente por perturbá-la e explicou que apenas se achara no dever de contar o que ouvira. Judith respondeu que aquele negócio de encontros nus lhe parecia ridículo, mas, desde que não esperassem que ela fosse tirar a roupa, não via motivo para cancelar a visita. Bullaro não disse mais nada, embora tenha ficado surpreso com a atitude tolerante da esposa.

No caminho, porém, Judith falou muito pouco, e ele suspeitou de que ela compartilhava agora sua ansiedade. Ao chegar à casa dos Williamson, notou três carros estacionados e luz em todas as

dependências. Ouvindo vozes lá dentro, tocou a campainha e esperou. Oralia abriu a porta e, para alívio dele, estava vestida recatadamente, de saia e suéter. Barbara e John vieram — vestidos — conhecer Judith e na sala havia outras pessoas também vestidas, inclusive Arlene Gough e David Schwind.

Depois que Judith elogiou a casa, em particular o teto alto e as antiguidades, Barbara levou-a até o pátio com vista para o vale. O vinho circulava, ouvia-se música, e logo os Bullaro estavam instalados confortavelmente na sala, envolvidos numa conversa geral que parecia continuar sem rumo até que, inesperadamente, Judith introduziu o tema da nudez, dizendo ter ouvido que os Williamson participavam de grupos de encontro sem roupa.

John Williamson confirmou com a cabeça e Barbara sorriu, enquanto John Bullaro empalidecia.

“Mas o que vocês desses grupos nus *fazem?*”, perguntou Judith com insistência.

“Fazemos coisas às pessoas”, respondeu John Williamson.

“Meu marido me fez pensar que vocês sentam e ficam conversando, mas por que nus?”

“Você já experimentou?”, perguntou Williamson.

“Nunca senti necessidade disso.”

“Tirar a roupa pode ser o primeiro passo para romper barreiras”, explicou Barbara. “Em nosso grupo, estamos tentando nos relacionar honesta e abertamente uns com os outros. São tantos os problemas de todos nós que são consequência de nossa incapacidade de ser honestos e...”

“Sim”, interrompeu Judith, “mas não é preciso ficar nu para ser honesto.”

“Você tem razão”, disse John Williamson. “Não é preciso tirar a roupa. Mas para *muita* gente tirar a roupa remove de fato certas barreiras psicológicas e pode levar a um nível mais alto de honestidade.” Enquanto Williamson desenvolvia seu argumento, John Bullaro estava silencioso e tenso, desejando que houvesse alguma maneira de mudar de assunto. O vinho tinha subido à cabeça de Judith, pensou ele, acentuara-lhe o embaraço, e agora ela estava na defensiva e quase hostil. Mas ele sabia que não havia nada que pudesse fazer, exceto evitar envolver-se na discussão, e teria conseguido isso se Barbara não tivesse se virado para ele de repente e dito numa voz alta o suficiente para que todos ouvissem: “E então? Você está muito quieto esta noite, John”.

“Ah, estou só escutando”, disse Bullaro. Tomou um gole de vinho e olhou distraidamente para o pátio. Mas Barbara insistiu.

“John, você acha que você e Judith são honestos um com o outro?”

Bullaro virou-se lentamente para Barbara com uma expressão de ligeira dor. A sala estava em completo silêncio e todos esperavam sua resposta. Por fim, ele assentiu com a cabeça e disse com voz mais fraca: “Sim, acho que somos honestos”.

“Nós somos *muito* honestos um com o outro”, acrescentou Judith.

“Você quer dizer que John lhe conta tudo?”, perguntou Barbara.

“Sim, conta.”

“Ele conta sobre o tempo que passa comigo?”

Judith virou-se hesitante para o marido, que, de olhos baixos, começou a balançar devagar a cabeça.

“Não sei bem o que você quer dizer”, respondeu Judith a Barbara.

“Sim”, disse John Bullaro, erguendo os olhos com raiva, “aonde é que você quer chegar?”

“Só estou perguntando se você contou alguma vez para Judith sobre nós.”

“O que *sobre* nós?”, exigiu ele.

“Bem”, continuou Barbara calmamente, “você contou para Judy sobre *nós* nesta tarde?”

Todos na sala se aprumaram em seus assentos, e Bullaro viu a esposa olhando de um para outro com ansiedade.

“O que aconteceu nesta tarde?”

“Não aconteceu nada!”, gritou Bullaro. “Eu só vim aqui esta tarde e almocei com Barbara.”

“Ora, John”, interrompeu Barbara, “é isso que você chama de honestidade?”

“Vamos”, disse Oralia, “você sabe que fez mais do que almoçar aqui hoje.”

Bullaro ficou atônito vendo Oralia, que até então parecia tão reservada e deliciosa, levantar-se contra ele; mas, olhando em volta, pareceu-lhe que as outras pessoas também o acusavam, até mesmo Arlene Gough, que o observava como se ele fosse um completo estranho. Virando-se para Judith, notou que havia lágrimas em seus olhos e que sentado no tapete, a seus pés, estava o instigador silencioso, John Williamson. O silêncio

continuou até que Barbara, de olhos fixos em Bullaro, desafiou-o uma vez mais.

“Que *mais* nós fizemos hoje, John, além de almoçar?”

Bullaro não tinha saída. Sabia que não fazia sentido continuar a mentir, pois Barbara iria espremer-lhe até os ossos.

“Certo, pelo amor de Deus”, gritou finalmente. “Fui para a cama com Barbara nesta tarde! É isso que vocês todos querem ouvir? *Fui para a cama com Barbara nesta tarde!*”

“Só *nesta* tarde?”, perguntou Barbara imediatamente.

“Não!”, respondeu quase gritando, dirigindo-se ao grupo inteiro e sem se importar mais com o que dizia. “Dormi com ela antes!”

Ninguém disse nada, nem se mexeu. Na imobilidade da sala, Bullaro ficou sentado com a cabeça baixa, o coração batendo forte. Sentia-se vazio, quase nauseado. Ao ouvir os soluços de Judith, ergueu os olhos e viu John Williamson inclinando-se para ela, falando com calma e massageando-lhe suavemente os tornozelos. Esse gesto esquisito pareceu ofendê-la inicialmente, mas, apesar de franzir as sobrancelhas, ela não disse nada, e Williamson continuou a tocá-la. Logo todos a rodearam para confortá-la, deixando Bullaro de fora, sentindo-se sozinho e condenado.

Por vários minutos ficou observando, inerte, de olhos parados, enquanto o grupo inteiro, inclusive Barbara, realizava aquele estranho rito de consolação em torno de sua esposa. Mas Judith, depois que parou de chorar, sentou-se ereta, afastou-os com os braços e com petulância surpreendente declarou: “Acho o que vocês fizeram com Johnny esta noite terrível!”.

Todos ficaram em silêncio e John Williamson parou de massagear seus tornozelos, enquanto Judith dirigia a atenção para o marido.

“Diga-me”, perguntou num tom firme, mas não condenatório, “você teve casos com outras mulheres, além de Barbara?”

“Tive”, admitiu ele.

“Com quem mais?”

“Bom, Arlene Gough”, disse, apontando com a cabeça para a mulher magra e impassível que estava sentada ao lado de Barbara.

Judith estudou Arlene por um momento, sem fazer comentários, depois voltou à carga.

“Você alguma vez dormiu com aquela garota de cabelos negros que morava no nosso prédio em La Peer?”

Embora fizesse mais de uma década, Bullaro não teve dificuldade em lembrar seu caso com Eileen, uma professora de artes divorciada, natural de Chicago, que morava no apartamento dos fundos da North La Peer, em Beverly Hills. Eileen caminhava como uma bailarina, tinha coxas musculosas e traços escuros exóticos...

“Dormi”, disse ele.

“Ah, eu *sabia*”, disse Judith, parecendo tirar um prazer perverso de sua confissão. “Todo o tempo eu achava que estava ficando maluca de suspeita e me odiava por ter aqueles pensamentos, e agora vejo que tinha razão! Lembro de tê-la mencionado, e você ficou tão ofendido e indignado...”

“Espere aí...”

“Não, você espera. Você me fez sentir histérica durante meses, sempre pensando naquela mulher no apartamento dos fundos, vendo-a ir e vir, até escutando-a ao telefone às vezes, através da parede quando eu estava na lavanderia, falando com você no seu escritório, e ainda assim eu não conseguia acreditar. Lembro de um fim de semana em que você disse que ia acampar com os amigos do clube e eu *sabia* que você estava com ela — até fui ao clube para ver se você tinha deixado o carro lá, como dissera que ia fazer, e o carro não estava lá. Mais tarde, no domingo à noite, depois que ouvi a vizinha chegar em casa, você chegou também, vindo da mesma direção! Eu sei porque estava olhando pela janela. E, quando você entrou, vi que não estava usando a aliança. Acho que foi quando perguntei sobre ela e você jurou que eu só podia estar louca, que estava imaginando coisas...”

“Porra, Judith, naquela época você imaginava que eu ia para a cama com todo mundo. E, a não ser quando bebia, você não queria sexo mesmo. O que você esperava que eu fizesse?”

Judith não disse nada, pois agora percebia o interesse ávido de todos pelas revelações íntimas de seu casamento e ficou constrangida. O silêncio incômodo continuou até que John Williamson se ergueu lentamente, foi até John Bullaro, que estava inclinado com a cabeça entre as mãos, colocou a mão em seu ombro e, encarando Judith, previu com otimismo que os eventos dolorosos daquela noite acabariam por se revelar muito benéficos para ela e o marido. Um novo nível de honestidade tinha sido alcançado, e isso permitiria que a relação deles continuasse e crescesse sem os enganos e as ilusões usuais. A confissão de infidelidade sexual fora dolorosa para ela, admitia

Williamson, mas os Bullaro eram ainda o mesmo casal compatível que chegara ali naquela noite; as coisas apenas estavam às claras, mas nada tinha mudado muito em relação a eles como pessoas.

Enquanto Bullaro ouvia cinicamente, imaginando que Williamson fizera aquele discurso muitas vezes antes, Judith parecia impressionada com seus comentários e interrompeu-o para dizer que ela se sentia *sim* mudada pelo que transpirara naquela noite. Em primeiro lugar, sentia-se pessoalmente justificada por saber que suas suspeitas sobre o comportamento do marido no passado tinham fundamento e não eram meras alucinações de uma dona de casa maluca, como ele acusara. Disse também que percebia agora como se degradara ao se tornar tão possessiva, espiando pelas janelas e exagerando sua insegurança, sentindo-se uma megera. Aquela não era sua verdadeira natureza, afirmou, e Williamson concordou com a cabeça, dizendo que ela se tornara vítima de “problemas de propriedade”, uma situação comum no casamento. Judith admitiu que durante boa parte de sua vida agarrara-se demais aos que estavam a sua volta, possivelmente porque tinha treze anos quando sua mãe morrera e, mais tarde, sentia-se ameaçada pelas mulheres com quem seu pai saía. Mas agora, com seu marido, Judith queria superar esse problema. Williamson disse que ele e seu grupo podiam ajudá-la, se estivesse disposta a enfrentar a questão abertamente. Sugeriu-lhe então o seguinte: que ela voltasse àquela casa e visse de fato seu marido entrar em um quarto com outra mulher para fazer amor, pois talvez assim percebesse que um ato aberto de infidelidade física era

menos ameaçador do que uma situação de que ela apenas suspeitasse, e cujo teor acabasse dramatizando.

Enquanto Judith pensava na sugestão de Williamson, seu marido, estarrecido com a ideia, disse imediatamente: “Não estamos prontos para *isso!*”.

“Fale só por você!”, respondeu Barbara de forma abrupta.

Por fim, depois de olhar com certa timidez para o marido, Judith disse a Williamson: “Eu gostaria de tentar”.

Bullaro ficou caído numa cadeira, estupefato com os acontecimentos. Não conseguia acreditar que aquela mulher com quem estava casado havia quase uma década e que pensava compreender de repente pudesse brincar tão levemente com a vida privada dos dois.

14.

Nas semanas seguintes, acompanhado por Judith, John Bullaro visitou várias vezes a casa dos Williamson, no que constituiu um dos períodos mais bizarros de sua vida. Anos depois, quando refletia sobre aquelas aventuras eróticas, era-lhe difícil acreditar que tinham realmente acontecido e que ele permitira que acontecessem, embora não tivesse passado de um aprendiz relutante — pelo menos era o que preferia pensar.

Judith, no entanto, fora tudo menos relutante, pois insistira em aceitar o teste de infidelidade aberta, na esperança de que fosse exatamente a terapia necessária para superar seu sentimento de dependência. Sabia que não gostava de ser a mulher que se tornara, a esposa desconfiada de subúrbio, mas até o encontro afortunado com o grupo de Williamson jamais encontrara alguém disposto ou capaz de ajudá-la a mudar. Embora não expressasse isso exatamente dessa maneira para o marido, considerava o grupo um catalisador em sua liberação; assim como Bullaro fora obrigado a admitir suas mentiras, ela também esperava se livrar do peso de certos segredos pessoais que lhe tinham causado muita ansiedade e culpa. Gostaria de revelar, por exemplo, que também fora infiel no casamento. No caminho de volta para casa, naquela primeira noite nos Williamson, sentira uma forte tentação

de falar com o marido sobre isso. Mas não teve coragem, possivelmente porque seu caso sexual era um pouco incomum, envolvendo um homem negro.

Chamava-se Meadows e era enfermeiro no hospital de veteranos de Los Angeles em que Judith trabalhara em seu último ano de escola de enfermagem. Uma vez que todos os pacientes eram homens, as estudantes eram sempre acompanhadas por enfermeiros, e Meadows, que era alto e atraente, foi o primeiro negro com quem Judith fez amizade. Nas horas de recreação, em que os pacientes eram levados aos campos do hospital para jogar bola, Judith e Meadows sentavam-se na grama para observar e conversar. As conversas tornaram-se gradualmente íntimas, e um dia Meadows sugeriu que se encontrassem depois do trabalho.

Naquela época, embora Judith estivesse casada havia apenas um ano, sua vida sexual com Bullaro transformara-se numa rotina insípida de fim de semana, pela qual se sentia muito responsável mas que não conseguia alterar: depois do casamento, ela simplesmente não desfrutava o sexo como antes, quando ela e Bullaro — e seus amantes precedentes, na faculdade — tinham encontros sub-reptícios em motéis e apartamentos emprestados, ou bolinavam-se nos quartos de suas casas quando os pais estavam fora ou desatentos. O sexo às escondidas era excitante, maravilhosamente depravado, um desafio para sua rígida educação religiosa; legalizado pelo casamento, em fevereiro de 1958, passara a ser visto por ela como mais uma tarefa doméstica, como cozinhar e fazer compras, e continuara assim nos anos seguintes, exceto pelo

breve caso que teve com Meadows, entre o inverno de 1959 e a primavera de 1960.

Judith e Meadows saíam do hospital e iam até um apartamento próximo, de outro enfermeiro negro, geralmente nos dias em que Bullaro trabalhava até tarde. Entregavam-se durante horas ao sexo sem inibições que a gratificava e fazia vibrar. Era o prazer puro, sem as complicações do envolvimento emocional, pois ela sabia que jamais poderia se casar com Meadows: ele estaria para sempre associado à parte mais inaceitável de seu eu, uma fantasia inconfessável que foi satisfeita e depois, da mesma forma impetuosa, terminada. Seu caso atingira um ponto em que ela não conseguia mais encarar o marido à noite, nem fingir que estava dormindo quando ele entrava no quarto, nem justificar sua resistência a seus avanços infrequentes. Ao mesmo tempo que reconhecia sua duplicidade, Judith percebia também que queria filhos, acreditando que trariam alegria e um objetivo para sua vida, o que acabou ocorrendo.

Nos anos de monogamia seguintes, sua paixão sexual permaneceu amortecida. Embora desejasse, às vezes, viver um romance ilícito, como o que tivera com Meadows, temia que isso pusesse em risco a segurança de seu casamento e sua vida familiar, e esse mero pensamento acentuava dentro dela a insegurança que começara a sentir em relação às possíveis infidelidades do marido.

Jamais conseguira sufocar suas suspeitas e por isso aceitara a sugestão de John Williamson de que tais sentimentos eram desnecessários e deviam ser eliminados. Surpreendeu-se por não ter ficado mais perturbada com as confissões de Bullaro e

aguardava ansiosa aquela segunda visita, sentada no carro ao lado do marido, que parecia rígido e quase assombrado enquanto dirigia.

Ao chegar, o casal encontrou o mesmo grupo da noite anterior, com uma exceção. Gail, uma mulher jovem, bem torneada e atraente, de cabelos ruivos e covinhas no rosto, foi apresentada a eles, mas evitou olhar diretamente para Judith, que por isso se perguntou se não seria aquela a mulher selecionada para ser a parceira de Bullaro. Imediatamente Judith sentiu sua confiança desaparecer. E, ao mesmo tempo, notou seu marido animar-se quando Gail sorriu para ele, abriu-lhe espaço a seu lado no tapete e devotou-lhe total atenção.

Judith sentou-se no sofá, ao lado de David Schwind e Arlene Gough, bebericando vinho, desatenta às conversas devido à ansiedade. Então, John Williamson ajoelhou-se a seus pés. Terno e solícito, parecia saber exatamente o que ela estava pensando; quando colocou a mão em seu tornozelo e começou sua massagem peculiar, Judith não resistiu ao toque — ao contrário, recebeu-o com prazer. Não se sentia atraída pelo físico dele, mas pelas qualidades incomuns que o tornavam especial, misterioso, até mesmo indiscreto; estava impressionada também com a influência que ele obviamente exercia sobre as pessoas que estavam naquela sala. Sem esforço aparente, Williamson entrelaçara a vida delas com a sua; em vez de se sentir ameaçada, Judith percebeu, pela maneira como ele falava, que estava sinceramente preocupado com o bem-estar e o crescimento pessoal dela. Quando perguntou se ela se sentia agora forte o suficiente para testar o excesso de possessividade

de que tinha falado na última vez, Judith hesitou por um momento e em seguida, desejosa de sua aprovação, respondeu com firmeza que estava pronta.

Williamson fez um sinal pedindo silêncio na sala e, depois de explicar ao grupo que Judith Bullaro buscava agora a cooperação de todos para enfrentar seus próprios problemas de possessividade, virou-se para Gail e pediu-lhe que acompanhasse John Bullaro até um dos quartos. Gail levantou-se imediatamente e estendeu a mão para Bullaro, que ficou constrangido enquanto todos o olhavam, inclusive Judith. Embora ela fizesse sinal com a cabeça, reafirmando sua aprovação, ele sentiu seu coração disparar e os joelhos bambearem quando se levantou. Mas enquanto seguia Gail na direção do quarto, olhando o movimento de seus quadris, antegozou avidamente o momento de estar na cama com ela.

Gail conduziu-o a um quarto que ele não conhecia, mal iluminado por um abajur sobre o criado-mudo. Ela fechou a porta e ficou imóvel ao lado da cama por um momento, como se estivesse indecisa e relutante, e Bullaro temeu que aquela visita ao quarto fosse apenas uma maneira de Williamson testar o ciúme de Judith, sem que nada de sexo acontecesse. Então Gail puxou a colcha e começou a desabotoar sua blusa, dizendo como se sentia esquisita: até pouco antes, era uma virgem de 27 anos no Meio-Oeste, uma vítima de sua formação irlandesa católica; agora, enquanto soltava o sutiã, não somente estava prestes a ir para a cama pela primeira vez com um homem casado, como a esposa dele estava sentada a 10 metros de distância, na sala ao lado!

Bullaro sorriu e tentou pensar num comentário apropriado, mas permaneceu em silêncio enquanto se despia, observando-a, com desejo febril, deitar-se na cama. Logo estava ao lado dela, beijando-a suavemente, acariciando seus grandes seios e os pelos púbicos vermelhos; aos poucos, percebeu que, embora ela permanecesse imóvel, estava começando a brilhar de suor. Parecia, ao mesmo tempo, tímida, nervosa e inocente, complacente, mas insensível. Seus olhos estavam fechados, como se não quisesse ver o que estava acontecendo. Respondia levemente aos beijos, mas não o tocava com as mãos. Bullaro perguntou-se como uma mulher tão pouco agressiva podia participar do grupo de Williamson e então lhe ocorreu que talvez ela, como Judith, estivesse também passando por algum teste privado: Williamson, o resolvidor de problemas sexuais, poderia estar ajudando Gail a superar a frigidez, e Bullaro era seu instrumento. Sussurrou ao ouvido dela, perguntando se estava tudo bem, e ela fez que sim com a cabeça, sem abrir os olhos. Mas quando, depois de considerável dificuldade, Bullaro conseguiu finalmente penetrá-la, Gail acordou subitamente, atirou-se para ele, prendeu as pernas em torno de seu corpo e começou a gritar, primeiro baixo, depois cada vez mais alto, até quase berrar, à medida que ele acelerava o movimento. Bullaro gostaria de calá-la, mas nunca fizera amor com uma mulher barulhenta e não sabia como reagir, o que dizer, o que fazer, exceto continuar o movimento e tentar não pensar nas pessoas que estavam na sala ao lado e que certamente podiam escutar.

Então, para seu espanto, Bullaro ouviu um uivo alto e histérico que vinha da sala e reconheceu a voz de Judith. Tentou não ouvir

e chegar ao orgasmo, mas ficou nervoso com aquele contraponto: de um lado, os gemidos e suspiros de êxtase de Gail; de outro, os gemidos e guinchos de Judith. Perdeu rapidamente a ereção.

Gail abriu os olhos, sem dizer nada. Ele deixou-se cair sobre os cotovelos e enterrou o rosto suado no travesseiro. Por algum tempo, ambos ficaram imóveis e escutaram que o choro da sala diminuía e Judith era consolada por outras vozes. A porta do quarto se abriu devagar: era Arlene Gough, murmurando que tudo estava bem. Depois de observá-los por um instante na cama, aproximou-se, sentou-se ao lado deles e, com um sorriso, perguntou se queriam fazer amor a três. Bullaro agradeceu, mas negou com a cabeça, dizendo que um par era o suficiente para aquela noite.

Depois que Arlene saiu, Bullaro conseguiu reativar sua ereção e completou o ato sexual com Gail, embora com menos vigor do que antes. Ambos sentiam a presença inibidora de Judith, mesmo sem seus gritos angustiados. Enquanto se vestiam, Bullaro ouviu novamente a voz da esposa, agora não mais perturbada, pois estava rindo. Ao abrir a porta do quarto, viu que ela estava sentada numa cadeira, perto de Williamson, com aparência muito tranquila e contente.

Apenas os dois estavam na sala; os demais aparentemente haviam se retirado para os outros quartos. Judith parecia estar tão interessada em Williamson que não notou o marido até que ele se inclinou para beijá-la. Ela sorriu, mas não se levantou e, ao mesmo tempo que lhe assegurava que estava tudo bem, deu a impressão de querer ficar sozinha com Williamson. Ao se afastar

e reunir-se a Gail, Bullaro sentiu pela primeira vez que Judith não lhe pertencia mais.

Essa sensação persistiu no carro, enquanto voltavam para casa, e continuou pelo resto da semana. Judith estava alegre, zelosa pela casa e carinhosa com os filhos, mas parecia preocupada com os próprios pensamentos; à noite, em vez de ir para a cama com ele, ficava acordada até tarde lendo os livros que Williamson lhe tinha emprestado, de Alan Watts, Philip Wylie e J. Krishnamurti. Uma noite, ela insistiu em ir sozinha até os Williamson e quando voltou, às três da manhã, parecia carregada de energia e de sentimento de autodescoberta; embora ele tivesse esperado acordado, querendo conversar, ela preferiu ficar sozinha, para escrever os poemas que se agitavam em seu interior.

Tendo superado sua possessividade, Judith parecia agora impossível, e quanto mais distante ficava, mais desesperado ele se sentia para recuperá-la. De repente, por ironia, ela estava se transformando no tipo de mulher que ele idealizava havia muito tempo em suas fantasias — a mulher ousada, despreocupada, que ele buscava enquanto pedalava por Venice Beach; a mulher impulsiva, sexualmente liberada, personificada pela professora de artes que morava no apartamento dos fundos de La Peer.

Estava claro que Judith via o grupo de Williamson como uma fonte de estabilidade e iluminação, e Bullaro percebeu que ele também teria de ficar envolvido com o grupo. No dia seguinte, quando ela sugeriu que fossem passar o fim de semana com os Williamson em Big Bear Lake, concordou relutante, temendo que,

se dissesse não, ela fosse de qualquer forma, talvez na companhia de outro homem.

Sexta-feira à noite, durante a viagem de 120 quilômetros no carro dos Williamson, Bullaro sentou-se no banco traseiro segurando a mão de Judith e esperando que o fim de semana restaurasse alguma harmonia e unidade na relação deles. A conversa entre os quatro foi descontraída e amistosa; depois do jantar, os Williamson levaram vinho para o chalé e, até a meia-noite, todos ficaram sentados em volta da lareira, contando histórias de juventude.

Bullaro falou mais, porque os Williamson, mostrando-se muito interessados no que ele dizia, fizeram várias perguntas. À medida que ele lembrava e bebia vinho, descreveu coisas que nunca discutira antes. Falou de seu bairro antissemita em Chicago e do temor de que descobrissem que era meio judeu; lembrou os machucados que sofria no campo de futebol porque tentava escapar da imagem não atlética associada frequentemente aos judeus. Lembrou-se dos conflitos com a mãe judia, suas visitas embaraçadas a igrejas cristãs e as mentiras que contava na vizinhança para ganhar maior aceitação social e que agora o deixavam acabrunhado de constrangimento e com asco por si mesmo; mas também sentia muita pena e compaixão pelo menino solitário que fora. E de repente, enquanto os Williamson e Judith esperavam que ele continuasse, começou a tremer. Então levantou-se e entrou no quarto.

Barbara seguiu-o, fechando a porta atrás de si. Viu lágrimas nos olhos dele, ofereceu-lhe um lenço e abraçou-o. Ele ficou sentado em silêncio na cama, de cabeça baixa, e ela beijou-o,

acalmou-o com palavras meigas e começou a desabotoar sua camisa.

Depois de tirar completamente as roupas dele — e as suas próprias —, ela lhe pediu que se deitasse de costas — o que ele fez obedientemente —, deitou-se a seu lado e massageou suavemente seu corpo. Embora tivessem passado horas incontáveis juntos na cama, era a primeira vez que ele sentia a ternura de Barbara.

Depois que fizeram amor, Bullaro sentiu sua angústia dissolver-se e dormiu um pouco nos braços dela. Foi acordado por sons estranhos que vinham da sala; levantou-se, abriu a porta e viu, deitados no tapete diante da lareira acesa, dois corpos nus juntos.

A mulher estava embaixo, deitada de costas e de olhos fechados, os cabelos loiros no chão, as pernas bem abertas e erguidas, com os pés apontando para o teto. Suspirava baixo e empurrava os quadris para a frente, enquanto o homem de ombros largos que estava sobre ela a penetrava com um pênis que, à luz da lareira, parecia um cravo vermelho em brasa.

Bullaro ficou estupefato e maravilhado, pois nunca vira antes duas pessoas fazendo amor; por alguns instantes, observou fascinado os corpos entrelaçados que se moviam à luz bruxuleante, ao som dos estalidos da lenha, e por um instante mais rápido achou a visão bela. Mas então reconheceu as formas familiares das coxas de sua mulher e viu o pênis estranho e fedorento entrando e saindo dela, provocando seus suspiros de prazer, batendo em suas nádegas e rasgando as entranhas de

Bullaro com uma força tão violenta que ele se sentiu subitamente estripado.

Recuou e cambaleou, virando-se rapidamente na direção do quarto. Barbara estendia-lhe os braços, tentando abraçá-lo e consolá-lo, mas ele afastou suas mãos de modo abrupto: não queria ser tocado por ela, nem por ninguém. Bateu a porta do quarto e despencou chorando na cama.

15.

Convencido de que o equilíbrio e a ordem de sua vida tinham sido destruídos, um John Bullaro vingativo planejou em silêncio o assassinato de John Williamson e pensou também em suicídio. A morte de Williamson podia ser facilmente providenciada com alguns tiros de revólver nas costas enquanto ele estivesse no quarto, com a cabeça mergulhada nas coxas de Judith — e se Bullaro estava disposto a poupar a esposa era sobretudo porque ela seria necessária para cuidar dos filhos. Quanto a ele mesmo, via-se afundando nas ondas de Malibu na última aula do curso de mergulho que estava fazendo, uma despedida romântica que ele repassava em sua mente muitas vezes, enquanto ia e voltava da companhia de seguros.

Ao escutar as notícias no carro, Bullaro consolava-se um pouco ao ver que não estava sozinho no tumulto: o país inteiro, ao longo de 1968, parecia preocupado com atos de violência, insanidade e autodestruição. Martin Luther King Jr. fora assassinado em Memphis, Robert F. Kennedy recebera um tiro fatal em Los Angeles e, em Chicago, a cidade natal de Bullaro, havia confrontos sangrentos entre a polícia e milhares de manifestantes contra a guerra e yippies que tinham sido atraídos para a cidade pelas luzes da convenção nacional do Partido

Democrata. Entre os muitos espectadores inocentes que foram empurrados e espancados nas calçadas pelo enxame de policiais estava Hugh M. Hefner.

No Vietnã, milhares de soldados americanos continuavam a morrer numa guerra indesejável que ninguém parecia capaz de deter, e o presidente Lyndon B. Johnson era tão impopular que decidiu não se candidatar à reeleição. Enquanto os militantes pacifistas cercavam os campi em toda a nação, manifestantes a favor dos direitos civis tentavam acabar com a segregação de uma cancha de boliche em Orangeburg, Carolina do Sul, e suas batalhas com a polícia resultaram na morte de três estudantes negros e ferimentos em 37 pessoas. Nas Olimpíadas do México, dois corredores negros que ganharam medalhas e ergueram seus punhos fechados durante a execução do hino americano foram expulsos da equipe dos Estados Unidos. Em Nevada, a maior bomba de hidrogênio até então explodida no país mandou vibrações do deserto remoto até as mesas de dados de Las Vegas, a 160 quilômetros de distância.

Admiradores de Fidel Castro sequestravam aviões comerciais americanos e desviavam-nos para Cuba. Jacqueline Kennedy, a viúva mais glamourosa dos Estados Unidos, voou num avião particular até uma ilha particular no mar Jônio para se casar com o milionário grego Aristóteles Onassis. Depois que setecentos prisioneiros se revoltaram na Penitenciária Estadual de Oregon, causando 2 milhões de dólares de prejuízo, foi nomeado um novo diretor para o presídio. O pediatra Benjamin Spock e o capelão de Yale William Sloane Coffin Jr. foram indiciados por um júri de instrução em Boston, sob a acusação de conspirar para

aconselhar jovens a fugir do recrutamento militar. Vinte e três anos depois que os fuzileiros navais americanos a capturaram, numa das batalhas mais sangrentas da Segunda Guerra Mundial, a ilha de Iwo Jima foi devolvida ao Japão. Policiais do setor de entorpecentes atuando no porto de Nova York descobriram mais de 110 quilos de heroína, no valor de 22,4 milhões de dólares, escondidos num automóvel enviado da França.

O papel-moeda estava sob suspeição e os investidores corriam para comprar ouro. Xequês árabes, saturados de dólares americanos ganhos com os royalties do petróleo, estavam entre os negociantes mais ativos. O industrial e colecionador de arte da Califórnia Norton Simon pagou mais de 1,5 milhão de dólares por um quadro de Renoir. Estúdios de pintura corporal foram abertos em várias cidades; um deles, em Chicago, era dirigido por Harold Rubin, então com 28 anos. A personagem literária mais conhecida do ano era o masturbador crônico do romance de Philip Roth *Complexo de Portnoy*.

No concurso de Miss América, em Atlantic City, feministas queimaram seus sutiãs. Graças, em larga medida, à pílula, a taxa de natalidade dos Estados Unidos era a mais baixa desde a Depressão. A nudez frontal masculina e feminina aparecia nos palcos de Nova York, em *Hair* e no filme sueco *Sou curiosa (amarelo)*. No dia anterior à eleição para presidente do homem que prometia combater a luxúria e o crime organizado, restaurar a lei e a ordem no país, publicava-se em Nova York o primeiro número de um tabloide devotado inteiramente ao sexo e à pornografia. Seu nome era *Screw*.

Assumindo a posição de que nada é obsceno entre adultos de comum acordo, de que a pornografia — tanto quanto qualquer outra forma de expressão — é uma maneira de conhecer a natureza e que a apresentação da sexualidade franca ofende principalmente aqueles que mais se ofendem com sua própria nudez, *Screw* logo atacou a cultura burguesa nixoniana com uma visão da vida americana contemporânea que nenhum jornal do establishment consideraria adequada para publicação.

Todas as semanas, por 35 centavos o exemplar, o *Screw* publicava fotografias de pessoas ostentando seus genitais e dando uma banana para a sociedade bem-educada; os artigos e as legendas continham palavrões que o jornal acreditava refletirem a raiva e a frustração do homem médio em relação ao governo. Seus cartuns representavam políticos e juízes animais envolvidos em orgias, e generais de quatro estrelas apareciam sodomizando-se uns aos outros depois de soltar bombas no Vietnã. O diretor do FBI foi criticado num artigo cujo título trazia descaradamente a pergunta que muita gente se fazia: “J. Edgar Hoover é bicha?”. O jornal ignorava a retórica dos líderes dos direitos civis, mas cobria a história de um negro que reclamava de discriminação racial por lhe negarem emprego em vários bordéis legalizados de Nevada.

As fotografias de mulheres nuas no *Screw* raramente eram bonitas, pois a intenção do jornal era apresentar um realismo sem retoques, mulheres de aparência comum com seus defeitos e imperfeições naturais — as Molly Bloom e Constance Chatterley modernas, em vez das *playmates* de plástica perfeita

da *Playboy*. O *Screw* fazia a crônica da sociedade americana cada vez mais despersonalizada, detalhando o crescimento das vendas de vibradores para as mulheres e o novo mercado masculino para vaginas artificiais e bonecas infláveis. Suas páginas de anúncios publicavam propagandas de prostitutas, os anseios de solteironas carentes e os desejos peculiares de homens solitários: “Especialista em pés procura garota com solas sensíveis. Escrever para Ed, caixa postal 2428, □□C 10001”.

Os editoriais contundentes e escatológicos do jornal atacavam um governo intrometido que justificava a guerra enquanto prendia editores de revistas eróticas como Ralph Ginzburg, de *Eros*. Quando a polícia de Nova York fechou a produção teatral *Che*, prendendo dez membros do elenco e um faxineiro do teatro porque o espetáculo continha um ato de felação que foi considerado perigoso para os espectadores, o *Screw* exigiu saber por que a polícia naquela semana também não tinha fechado as ruas da cidade, nas quais 145 pessoas tinham sido mortas. As frequentes batidas policiais em sex shops, livrarias e teatros pornôis de Nova York eram noticiadas com alarme cínico, pois o jornal via atrás de cada cassetete irado da polícia uma mãe irlandesa católica frígida, um pai alcoólatra e um padre homossexual latente, deplorando no confessionário os prazeres da carne entre homens e mulheres. Quando uma paróquia fazia fronteira com uma zona de pornografia, como o velho bairro irlandês do padre Duffy,⁷ a oeste da Times Square, havia batalhas infundáveis entre os defensores da liberdade individual e os da repressão religiosa; enquanto os principais jornais diários apoiavam as últimas campanhas contra a pornografia na Times

Square (que eliminariam, por exemplo, os *peep shows* movidos a moedas frequentados pela massa, mas permitiam a continuação de shows sexuais caros como *Oh! Calcutá!*, para os frequentadores do palco legítimo), o *Screw* defendia os prazeres dos Velhos Safados e o direito das prostitutas de rua de ganhar a vida, e não se horrorizava com a visão de cafetões negros cruzando bairros operários em seus carrões vermelhos.

Refutando alegações de que Times Square se tornara menos seguro e convidativo desde a proliferação dos negócios do ramo do sexo em anos recentes, o *Screw* mostrava que aquela parte da cidade sempre fora espalhafatosa e de mau gosto, dominada por talentos efêmeros e turistas malvestidos, um lugar onde as pessoas procuravam o que não encontravam em seus bairros. Além disso, a região era agora mais bem policiada e menos perigosa do que na época do padre Duffy, quando gangues juvenis da vizinha Hell's Kitchen dominavam a área com seus saques e assassinatos, e um bispo afirmara que no começo do século as prostitutas ao sul da rua 42 eram em maior número do que os metodistas da cidade.

No interesse da perspectiva histórica, o *Screw* republicava frequentemente velhas fotografias esmaecidas de prostitutas nuas e mostrava garotas que foram outrora o horror do prefeito "Florzinha" Fiorello La Guardia. Numa seção semanal chamada "Indecências do Passado", publicava instantâneos obscenos antigos que recebia anonimamente pelo correio de septuagenários desejosos de deixar para a posteridade a prova visível de sua lubricidade de outros tempos, não se importando

mais com o que os vizinhos iriam pensar, pois estavam todos mortos.

A primeira batida policial nos escritórios do *Screw* aconteceu quando a edição de 30 de maio de 1969 publicou uma montagem fotográfica do prefeito John Lindsay, de Nova York, exibindo um pênis avantajado, acompanhada por um texto segundo o qual a capacidade política do prefeito não estava à altura de sua agilidade na cama, embora limitada à posição papai e mamãe. Os editores do jornal foram acusados de obscenidade, deixaram as impressões digitais na delegacia e ficaram detidos por pouco tempo; o jornal continuou saindo semanalmente, desavergonhado como sempre, porque seu súbito sucesso comercial lhe possibilitava o luxo de contratar os melhores advogados para defender nos tribunais seus direitos garantidos pela Primeira Emenda e obter a liberdade para os editores. Depois de um ano de publicação — ainda que a polícia continuasse a prender os jornaleiros que vendiam abertamente o *Screw*, inclusive alguns que eram cegos —, a circulação semanal do jornal atingiu 140 mil exemplares, e o romancista Gore Vidal saudou-o como o único jornal do país que prestava um serviço adequado aos leitores.

Pressupondo que a maioria de seus leitores, se já não era participante, estava muito curiosa sobre as variadas subculturas sexuais que havia em Nova York, o *Screw* descrevia e listava os endereços de bares que reuniam casais praticantes da troca de parceiros, lésbicas, homossexuais masculinos e os fetichistas do couro; informava também onde encontrar as melhores ofertas de vibradores, *french ticklers*, camisinhas e afrodisíacos. Sabendo

que muita gente que comprava “auxiliares maritais” pelo correio podia ser tímida ou defensiva demais para reclamar se recebesse mercadoria com defeito ou inútil, o jornal assumiu a tarefa de comprar e testar em seu laboratório os dispositivos vendidos por mala direta e publicar matérias negativas se as mercadorias fossem fraudulentas, como um suposto aumentador de pênis, ou caras demais, como os unguentos para manter a ereção que não eram mais eficazes do que várias loções dessensibilizadoras vendidas nas drogarias por um décimo do preço.

Consciente de que os anúncios de filmes pornográficos sempre exageravam seu conteúdo erótico, o crítico do *Screw* registrava para cada novo filme o número de ereções que tivera enquanto assistia, classificando-o de acordo com um “pintômetro”. O jornal realizava investigações sobre certos clubes fraudulentos para solitários e escritórios de encontros enganadores; e não só publicava resenhas de romances e livros de não ficção explicitamente sexuais, como ainda permitia que o leitor avaliasse o estilo e a franqueza do escritor, por meio de longas reproduções dos trechos mais fortes.

O *Screw* foi o único jornal que, ao resenhar a edição em brochura das *Cartas selecionadas de James Joyce*, da editora Viking, fez várias citações da correspondência lúbrica que Joyce trocou com a esposa Nora quando ele ficou longe de casa por um longo período — cartas que talvez chocassem as publicações mais empertigadas porque revelavam o interesse do escritor pelo masoquismo (“Eu adoraria ser açoitado por você, Nora”), bem como pelo fetichismo e o sexo anal:

As menores coisas provocam em mim um grande tesão — um trejeito putesco de tua boca, uma manchinha escura no assento de tuas calças brancas [...] de sentir teus lábios quentes e libidinosos chupando-me, de foder-te entre as maminhas de bico rosado, de acabar contra teu rosto e esporrar sobre teus olhos e tuas bochechas quentes, de meter o pau entre as tuas bochechas traseiras e te enrabar.

“Trata-se de uma fantasia de foda bem comum”, comentou o *Screw*, embora saudasse a publicação da Viking, que confirmava o que H. L. Mencken dissera havia muito tempo: “Os grandes artistas do mundo jamais são puritanos e raramente respeitáveis”.

O principal responsável pelo conteúdo e a filosofia do *Screw* era seu editor executivo e cofundador Alvin Goldstein, um homem que, mais do que influenciar a sociedade, queria refletir o mundo como sabia que era vivido todos os dias e noites por milhares de pessoas anônimas como ele. Aos 32 anos, Goldstein era tímido, gordo, frustrado sexualmente e irrequieto. Seu primeiro casamento, com uma princesa judia cujos pais foram contra desde o início, acabara amargamente; o segundo, com uma bela aeromoça alçando voos de feminista, não estava destinado a durar. Desde que abandonara o Pace College, em Nova York, onde estudava letras, Goldstein fora corretor de seguros, motorista de táxi, embalador de utensílios de vidro, beneficiário de seguro-desemprego, animador no parque de diversões da Feira Mundial de Nova York, espião industrial para a

Bendix Corporation e autor de contos bizarros para um tabloide semanal sensacionalista chamado *The National Mirror*. Suas histórias descreviam atos de prazer seguidos por punição, na melhor tradição judaico-cristã, e o fato de ele ser tão prolífico na produção delas devia-se menos à sua imaginação do que às suas lembranças.

Nascido e criado num bairro étnico do Brooklyn onde a crueldade juvenil era feroz e o esporte favorito era o furto em lojas, Goldstein foi um menino gago, flácido e medroso que urinou na cama até quase a adolescência. Intimidado pelas severas mulheres judias que lecionavam na escola pública, mantinha os olhos baixos em classe, tentando evitar o olhar das professoras enquanto desenhava sem parar cenas de combates entre pilotos de caça da Segunda Guerra Mundial. Foi reprovado na quinta série e enviado para tratamento a um psicólogo infantil designado pelo Conselho de Educação, mas seu desempenho escolar não melhorou e seu estado de ânimo piorou. Sentiu-se humilhado por ficar para trás, com alunos mais novos, e ser rejeitado e ignorado pelos de sua idade. Sua alienação misturou-se com hostilidade, e depois das aulas era habitualmente surrado por meninos mais velhos, em particular negros. Logo estava quase gostando disso: ao menos conseguia a atenção deles e, de uma forma estranha, também respeito, ao se submeter aos castigos. Quando via gangues paradas na esquina, os atletas da escola, os desordeiros, os descuidistas, provocava-os com gestos e, obviamente, era surrado, enquanto se defendia como louco, dizendo palavrões e desafiando-os a bater mais.

Sua mãe, tão gaga quanto ele, era uma mulher piedosa mas insegura, filha de imigrantes russos; seu pai, que tinha abandonado a escola primária no Lower East Side para ser motoboy da International News Photos, vindo a ser depois fotógrafo daquela empresa das organizações Hearst, parecia perdido e quase cataléptico quando não estava com a câmera pendurada correndo atrás de jornalistas caçadores de notícias. Nas ocasiões em que a família jantava num restaurante chinês, seu pai sentava-se humildemente à mesa, chamando o garçom de “senhor”; em casa, ou desaprovava em silêncio, ou não se envolvia nos assuntos domésticos. Apenas uma coisa despertava em Al alguma curiosidade sobre o pai: ele mantinha fotos pornográficas de mulheres nuas na gaveta de sua escrivaninha, algumas delas de orientais que fotografara durante a guerra, quando fora fotógrafo da Hearst no Pacífico, e outras que obtivera de amigos no Departamento de Polícia de Nova York após uma batida contra a pornografia na Times Square.

A única figura masculina da família que Al admirava era seu tio George, irmão de sua mãe, uma personagem de Damon Runyon,⁸ grande e bem-apeado, que era divorciado e morava num hotel perto da Broadway, no bairro dos teatros, onde dirigia um estacionamento movimentado e manobrava constantemente alguns carros muito importantes. Embora tivesse mais intimidade com eles do que com seus donos, passava para o sobrinho uma impressão convincente de familiaridade com produtores e estrelas da Broadway, jogadores e cafetões. Sua capacidade de persuadir era tanta que, quando se mostrou consternado ao saber que o sobrinho de dezesseis anos ainda era virgem, os

humildes pais de Al concederam que isso talvez pudesse representar mais uma dificuldade na vida complicada do filho e concordaram com a oferta de George para resolver o problema. Pouco depois, Al recebeu um telefonema do tio: deveria ir até seu apartamento no hotel às dez horas da noite seguinte, quando uma mulher o estaria esperando.

Trajando seu terno de bar mitsvá, Al Goldstein chegou ao hotel meia hora antes. O tio recebeu-o, serviu-lhe um uísque e depois o levou até uma drogaria para comprar um preservativo, uma cara Fourex de pele de cordeiro, lubrificada, que George considerava o Rolls-Royce das camisinhas. Mandou-o então dar uma longa volta no quarteirão antes de voltar ao hotel, dando tempo para que a dama chegasse.

A porta da suíte 709 estava entreaberta quando Al voltou vinte minutos depois e na sala escura viu seu tio sentado diante da televisão, assistindo a uma luta livre. Depois de mandá-lo entrar e tirar o casaco, o tio apontou para a porta do quarto e desejou-lhe boa sorte.

Nervosamente, Al abriu a porta e ouviu na escuridão completa uma voz rouca de mulher dizer: “Olá, eu sou Helen. Estou contente por você estar aqui”. Enquanto ele segurava a maçaneta, ela disse: “Entre e feche a porta. Não precisa ter medo”. Parecia amistosa e gentil, e, embora Al não pudesse ainda vê-la, sentia seu perfume.

“Está nervoso?”, ela perguntou.

“Não”, ele respondeu.

“Você gostaria de tirar a roupa e se juntar a mim?”

“Sim.”

Al estava começando a vê-la no quarto sem luz, sentada na cama, sob as cobertas. Parecia ser loira. Ele tirou cuidadosamente a camisa e a gravata; ouviu as moedas e fichas de metrô batendo nos bolsos enquanto punha suas calças na cadeira. Ao se aproximar lentamente da cama, sentiu que as mãos dela o procuravam; logo estava afagando-o de modo maternal, orientando suas mãos em volta do corpo dela, deixando-o acariciar-lhe os grandes seios, a barriga e os pelos entre suas pernas. Era uma mulher muito grande, mas não gorda, e, quando ele apertou a boca de encontro a seus seios, ela disse, encorajadora, “Tudo bem, tudo o que você quiser está bem”.

Então ele sentiu as mãos dela explorando seu corpo, tocando seu pênis e excitando-o de uma forma estranha e maravilhosa. Ela perguntou-lhe se trouxera camisinha, ele disse que sim. Mas, ao se levantar para pegá-la, viu sua ereção à luz dos prédios vizinhos que penetrava pela janela, ficou embaraçado e deu-lhe as costas enquanto remexia na roupa. Procurou nos bolsos das calças, depois no bolso da camisa, voltou a procurar nas calças, até finalmente encontrar o preservativo. Quando voltou hesitante para a cama, ela pegou a camisinha, abriu-a e enfiou-a com perícia em seu pênis, dizendo de novo: “Tudo vai dar certo”. Ele estava excitado demais para falar.

Depois de umedecer a ponta de seus dedos na boca e tocar-se entre as pernas, ela puxou-o para cima de si, inseriu seu pênis e começou a mover-se para cima e para baixo, num ritmo que ele imitou. Sentia-se totalmente envolvido por aquela mulher enorme, confortavelmente abrigado entre suas pernas pesadas e seus

longos braços. Quando acabou, ela abraçou-o e disse: “Oh, foi ótimo”. Ele jamais se sentira tão feliz.

Mais tarde, enquanto ele relaxava ao lado dela, a mulher perguntou-lhe como ia na escola e fez outras perguntas genéricas, mas não revelou nada sobre si mesma, e ele era tímido demais para perguntar. Teria gostado de ficar mais tempo com ela na cama do tio, no entanto já estava tarde: tinha aula pela manhã e precisava voltar para casa. Enquanto Al se vestia, ela ficou na cama, e, quando ele disse boa-noite e agradeceu, ela lhe deu um beijo.

Na sala, seu tio, que ainda estava assistindo às lutas, levantou-se e perguntou se tudo corraera bem. Pareceu realmente satisfeito quando Al disse que sim, apertou sua mão e agradeceu. Saiu em seguida, para o ar noturno da Broadway, cercado de gente, ruídos e luzes; sentia-se mais velho.

Em poucos meses, tendo completado dezessete anos, largou a escola e entrou para o Exército. Uma carta ao Pentágono de um dos amigos de seu pai na Hearst ajudou Al Goldstein a entrar para o corpo de sinaleiros, e nos dois anos seguintes, em vários locais, trabalhou como fotógrafo, tirando retratos de centenas de desfiles militares e cerimônias de entregas de medalhas — uma vez, a pedido de um sargento, fotografou-o sendo satisfeito oralmente por uma prostituta.

Goldstein foi um freguês habitual de prostitutas, tanto nos Estados Unidos como na Europa, durante o período em que esteve no Exército. Só depois que deu baixa e começou a frequentar o Pace College, graças à Lei dos Pracinhas, no

inverno de 1958, deixou de pensar que tinha automaticamente de pagar por sexo. Foi também a primeira vez em que não se sentiu social e intelectualmente inferior a quase todos a sua volta. Amadurecera no Exército, lera muito durante as noites solitárias nos alojamentos e no Pace College era dois ou três anos mais velho do que a maioria de seus colegas de classe, tinha viajado mais do que eles e gozava de um certo status na qualidade de soldado veterano. Além de ter sucesso nos estudos, escrevia para o jornal da faculdade e trabalhava todas as noites como aprendiz de fotógrafo com seu pai na International News Photos. Tendo superado o pior de sua gagueira, entrou para a equipe de debates da faculdade e foi eleito seu capitão.

Mas a percepção de que era agora mais aceitável não o tornou mais receptivo aos outros; de certa forma, a autoconfiança e o status novos levaram-no a expressar mais a hostilidade e a frustração que sentia havia muito tempo. Agora que suas palavras podiam ser compreendidas, queria ser compensado pelos muitos anos de raiva reprimida e balbúcio incoerente que as pessoas costumavam imitar. Se alguma vez alcançasse sucesso na vida, sua maior satisfação viria de saber que os antigos professores e colegas da escola primária não tinham percebido seu potencial de vencedor.

Vencer significava tudo para Al Goldstein como debatedor universitário, em particular quando sua escola era desafiada por equipes da Ivy League, cujos membros considerava socialmente privilegiados e ricos, portanto dignos de seu desprezo. Com o objetivo de ganhar pontos contra eles, Goldstein faria qualquer coisa: falsificar fatos, distorcer e mentir de várias formas. Nada

disso perturbava sua consciência, pois achava que a Ivy League *merecia* ouvir mentiras.

Não demorou para que sua agressividade se voltasse contra o próprio Pace College. Começou a brigar com professores, escrever editoriais denunciando as diretrizes do campus, rebelar-se contra o costume dos estudantes de usar paletó e gravata nas aulas. Aos 21 anos, ostentava barba e era reconhecido como o primeiro beatnik da faculdade. Ao mesmo tempo que trocava os livros escolares pelos romances de Kerouac e as poesias de Allen Ginsberg, suas notas caíam, embora isso se devesse também ao excesso de tempo que dedicava a uma estudante linda e esquiva que participava da equipe de debates.

Uma vez que ela representava a primeira experiência amorosa de Goldstein, seu ardor era tão romântico quanto suas expectativas eram ingênuas, em especial porque a garota era muito popular e gostava de aventuras sexuais, deixando claro desde o início que não pretendia limitar sua vida social exclusivamente aos desejos noturnos dele. De vez em quando com seu conhecimento e às vezes escondido, ela saía com outros homens; não era um hábito, mas bastava para mantê-lo num estado constante de incerteza e desespero. O problema era que não conseguia nem desistir dela, nem controlá-la. Ela era para ele uma obsessão física. Nas noites que passava sozinho, masturbava-se lembrando da garota, vendo com clareza enlouquecedora sua graciosa silhueta magra e suas longas pernas enroscadas nos corpos de homens que temia que valessem mais do que ele.

Embora fosse gordo, tinha aversão a mulheres gordas; apesar de sua mãe ter seios grandes — ou possivelmente por esse motivo —, ele sentia atração por seios menores e mais firmes, do tipo que adornava a garota da equipe de debates. Ela lhe causava muita angústia, reavivando sua insegurança, mas também incitava seu espírito combativo, seu impulso implacável para conquistar. Encarando-a como o desafio de um debate, Goldstein pensava poder conquistá-la com sua mente ladina, sua lábia e, nesse caso em particular, sua língua.

Se havia um caminho que levava ao coração dela, provavelmente passava por performances executadas com virtuosismo em sua vulva — conclusão a que ele chegou na noite em que ela empurrou com delicadeza sua cabeça para o meio das pernas e declarou que aquele era o seu prazer favorito. Antes disso, Goldstein mal tinha ouvido falar de cunilíngua, e certamente não com esse nome. Nas raras ocasiões em que se falava disso no Exército ou no Brooklyn, era com descrições desprezíveis ou mesquinhas, a mais polida das quais era “mergulhar no regalo”. Não conhecia nenhum macho das ruas que se desse ao respeito que admitisse ter praticado aquilo. Era indigno de homem, além de anti-higiênico. Punha o homem numa posição de submissão à mulher. Era coisa de pervertido.

De fato, pesquisando sobre o assunto nas enciclopédias de sexo de várias bibliotecas, Goldstein descobrira que cunilíngua e felação eram definidos oficialmente pelo governo como atos obscenos, como formas de sodomia, e eram ilegais na maioria dos estados americanos, mesmo quando praticados na vida privada de parceiros casados. Em Connecticut, o crime de sexo

oral podia ser punido com trinta anos de prisão; em Ohio, a pena variava de um a vinte anos. Na Geórgia, o praticante desse “crime contra a natureza” estava sujeito à prisão perpétua com trabalhos forçados, penalidade bem mais severa do que os cinco anos previstos para quem praticasse sexo com animais.

As leis contra o sexo oral derivaram, evidentemente, do direito eclesiástico, que desde a Idade Média determinou que esses atos não procriadores eram antinaturais, embora fossem naturais para as multidões que os praticaram desde os primeiros dias da civilização. Podiam-se encontrar imagens de gente praticando cunilíngua e felação em códices chineses de 200 a. C., bem como em antigas tigelas de arroz, jarras de perfume e frascos de rapé. Em templos antigos da Índia, viam-se figuras esculpidas em posições orais eróticas; Juvenal, o satírico romano do primeiro século da era cristã, referia-se com frequência a *cunnilingus* e *fellatio*, indicando que ambos eram comuns naquela época, tanto entre homossexuais como entre heterossexuais. Embora a Igreja medieval punisse pesadamente quem confessava a prática desses prazeres e provocasse o sentimento de culpa naqueles que não admitiam seus pecados, a predileção oral continuou inquebrantável na vida privada pelos séculos afora, ainda que fosse raramente descrita e representada às claras, exceto na literatura e na arte proibida, como no romance *Fanny Hill*, do século XVIII, e na obra tão censurada de Henry Miller.

Goldstein lera a maioria dos livros de Miller. Além de impressionado com as descrições vívidas de cunilíngua, ficara convencido de que o próprio Miller gostava muito de dar prazer a uma mulher daquela maneira. O mesmo fez Al Goldstein, depois

de muita prática e estímulo de sua jovem amiga. Quando estava com a cabeça entre as pernas dela e acariciava com a língua seu clitóris e seus lábios vaginais, enquanto segurava firme suas nádegas e a movimentava à vontade, sentia seu poder sobre ela como em nenhum outro momento. Sua língua era uma arma mais potente que seu pênis, ou pelo menos parecia ser, naquele período de sua vida: era mais confiável, tratável, respondia a todos os comandos. Seu pênis podia ser flácido, incapaz de se excitar, mas sua língua estava sempre pronta para ondular, girar e se enfiar em suas boas graças. E, quando sua boca estava nela, tinha consciência não somente da exuberância de seu ventre, como também de estar fazendo uma conexão literária com Henry Miller.

Quando não estavam na cama, porém, ela parecia indiferente a ele, ainda mais depois que começou a frequentar aulas à noite. Aos poucos, durante o outono de 1960, a relação acabou. Logo ele encontrou outra garota, não tão sofisticada mas mais atenciosa, de quem gostou menos.

Tendo aprendido tudo o que podia de seu emprego noturno de aprendiz de fotógrafo nas organizações Hearst, Goldstein aceitou, durante os feriados de Natal, uma missão de uma agência de fotografia para ir a Cuba, onde a tensão crescente entre o novo regime de Fidel Castro e o governo americano levaria em breve ao rompimento das relações diplomáticas, um evento inevitável, mas que talvez tenha sido apressado por sua presença intempestiva em Havana. Uma hora depois de chegar, da janela de seu hotel começou a tirar fotografias, com uma teleobjetiva, de uma milícia feminina que marchava na rua; à

tarde, perambulou pela cidade fotografando instalações militares e cartazes com slogans antiamericanos. À noite, com quatro câmeras penduradas no pescoço, compareceu a uma entrevista coletiva de Raul Castro e, depois de tirar mais de trinta fotos do irmão de Fidel e das outras autoridades, descobriu que guardas armados o estavam expulsando da sala e exigiam que entregasse os filmes.

Indignado com a interrupção de seu trabalho, Goldstein recusou-se a obedecer e, enquanto sacudia futilmente suas credenciais de imprensa, foi jogado num veículo, levado para uma prisão militar e preso sob a acusação de espionagem. Passou quatro dias e quatro noites na prisão, até que a embaixada americana conseguiu convencer os cubanos de que ele não era um espião, mas apenas um exuberante estudante-fotógrafo em férias. Foi então libertado e enfiado no avião seguinte para Miami.

A publicidade dessa experiência em Cuba aumentou sua fama no campus, mas, ao mesmo tempo, intensificou seu desejo de abandoná-lo, em especial porque estava prestes a ser reprovado pela segunda vez na matemática do primeiro ano e estava entediado e insatisfeito com a vida estudantil em geral. Assim, na primavera de 1961, abandonou a faculdade no segundo ano para ser fotógrafo free-lance em tempo integral, em busca de uma profissão e de altas aventuras. Entretanto, ficaria extremamente desapontado. Sua missão mais importante nos dois anos seguintes foi uma viagem sem maiores novidades no avião governamental reservado à imprensa para fotografar a chegada da primeira-dama Jacqueline Kennedy ao Paquistão. E sua

viagem mais ousada foi a fuga para Great Neck, Long Island, em janeiro de 1963, com uma jovem que não amava.

Ele a conhecera em seu tempo de faculdade, pouco antes de abandonar os estudos. Não se sentira atraído por ela — era gorda e agressiva, filha mimada de pais judeus socialmente ambiciosos —, mas se impressionara com o fato de que ela se impressionara com ele. Além disso, ela foi a primeira pessoa que disse a sério que um dia ele seria um sucesso. Se os pais dela não tivessem feito objeções tão veementes aos poucos encontros dos dois, a relação teria se tornado, na melhor das hipóteses, uma amizade passiva, mas a insistência deles de que Al não era digno dela e de que deveria deixar de vê-lo provocou a rebeldia da filha e enfureceu-o muito além do ponto da pacificação. Ele tinha de se casar com a filha deles. E casou-se. E se arrependeu.

Pouco depois que o casal se instalou em seu novo apartamento, na rua 54 Oeste, sua incompatibilidade incontornável ficou evidente para ambos; embora tenham ficado juntos por dois anos e meio, discutiam sempre e raramente faziam amor. Em vez de transar com ela, Goldstein masturbava-se tarde da noite no banheiro, com as fotografias de Diane Webber, Bettie Page ou Candy Barr, a bela stripper do Texas que foi a estrela do famoso filme pornográfico de 1953 *Smart Aleck*; ou então utilizava as modelos de lingerie da revista dominical do *New York Times*, ou as fotos de Marilyn Monroe saindo da piscina publicadas pela revista *Life*, ou ainda as fotos novas de

Jacqueline Kennedy vestindo saias curtas que ele mentalmente removia.

Também buscava estímulos eróticos vendo filmes pornográficos perto da Broadway, onde passava as tardes em companhia de outros homens solitários que, com pensamentos lúbricos e movimentos privados, sentavam-se separados por assentos vazios e evitavam olhar nos olhos uns dos outros quando as luzes se acendiam entre os espetáculos. Nas noites em que tinha uma desculpa para sair sozinho, Goldstein visitava um dos muitos bordéis que conhecia no Harlem, que ainda não estava fora dos limites dos homens brancos. Em breve, o movimento Black Power e o temor racial iriam desencorajar o tráfico sexual e, em consequência, as prostitutas negras seriam levadas para o centro em carrões e depositadas ao longo da avenida Lexington e na região da Times Square.

Num certo sentido, os anos de casado de Goldstein cumpriram a profecia feita por sua esposa durante o namoro: ele se tornou realmente um sucesso, mas não como fotógrafo. Era excelente vendedor de seguros. Ansioso por ganhar mais dinheiro do que achava poder conseguir como fotógrafo, respondeu a um anúncio publicado no *Times* da companhia de seguros Mutual de Nova York e foi contratado; dentro de um ano, era o décimo quarto em vendas entre os 7 mil corretores da companhia. Ambicioso e enérgico, andava rapidamente pela cidade numa moto e beneficiava-se de sua habilidade verbal para convencer muitas pessoas de que eventos sinistros as aguardavam no futuro.

Mas depois de dois anos na firma, sob o efeito deprimente de sua enfadonha vida conjugal, suas vendas declinaram e ele viu-

se subitamente diante do horror que previa para os clientes. Uma noite, ao voltar do trabalho, encontrou seu apartamento destruído: os móveis tinham sumido, suas roupas estavam em tiras e espalhadas no chão. Seus charutos caros tinham sido cortados pela metade, o aparelho de som desaparecera, e o chão do banheiro estava coberto de cacos de vidro, cheirando a loção pós-barba. Sua esposa fora embora e levava todos os seus pertences pessoais.

Embora enfurecido, Goldstein sentia-se completamente desamparado. Jamais poderia provar que ela fizera aquilo para vingar-se da rejeição e, se a processasse, o pai dela, que era advogado, seria um terrível oponente nos tribunais. Deixando o apartamento como o encontrara, Goldstein passou muitas noites na casa dos pais, no Queens — um vendedor de seguros inseguro e atônito demais para falar. Nos dias que se seguiram, foi consolado principalmente pelos amigos a quem vendera apólices.

Pouco depois, decidiu deixar o ramo, convencido de que vender seguros estava apenas reforçando sua depressão. Aceitou então o emprego oferecido por um amigo que estava gerenciando a Aldeia Belga na Feira Mundial de Nova York: cuidar de uma barraca de jogo. Seis noites por semana, vestia roupas coloridas e tentava atrair as pessoas pelo microfone para que jogassem moedas de dez centavos dentro de pequenos círculos vermelhos gravados em blocos de madeira; se a moeda ficasse dentro do círculo, o jogador ganhava um aparelho de televisão. Não havia fraude, e durante o verão de 1965 Goldstein

distribuiu trinta aparelhos de tevê, enquanto ganhava 250 dólares por semana e perdia-se na atmosfera carnavalesca.

No outono de 1965, a feira fechou. Para pagar os mais de 4 mil dólares devidos a companhias de crédito por ele e a esposa, Goldstein, no ano seguinte, vendeu de tapetes a enciclopédias e trabalhou como taxista, além de vender sangue periodicamente num banco de sangue da Times Square. Sem estímulo pessoal, desencantado com o mundo, tornou-se, aos trinta anos, um errante em tempo parcial e um fantasista em tempo integral.

Sua experiência matrimonial deixara-o desconfiado do envolvimento profundo com mulheres, porém ainda ansiava pela companhia feminina e preferia pensar que todas as noites, em Nova York, havia muitas mulheres atraentes que eram tão solitárias quanto ele e estavam disponíveis de graça, desde que ele soubesse onde encontrá-las. Poderia ir a bares e discotecas, mas não gostava de beber, nem do barulho ou da inevitável competição com outros homens; também se achava velho e gordo demais para o meio solteiro universitário. Evidentemente, havia sempre as garotas de bares e as prostitutas de rua a sua disposição — e pela primeira vez na vida compreendeu a absoluta necessidade dessas mulheres para a sociedade —, mas com seu orçamento limitado não poderia bancar esse hábito sexual. Fez uma assinatura de um serviço de encontros por computador, que se revelou fraudulento, e comprava todas as semanas o *The East Village Other*, esquadrinhando as colunas de anúncios pessoais em que mulheres expressavam com frequência o desejo de companhia masculina, deixando um

endereço de caixa postal. No entanto, de cada dez anúncios a que respondia, nove não davam notícia e o décimo era geralmente de uma prostituta.

Tornou-se também membro de clubes de corações solitários e escrevia para organizações e periódicos de correspondentes que ofereciam apresentações sociais pelo correio — tais como o serviço “Select” de Wally Beach, em Nova York, o “Exotic” de Sharon, em Toronto, o Renaissance Club, de Index, Washington, o Happy Press, de Whittier, Califórnia — e acabou redigindo seu próprio anúncio, espalhando-o pelas publicações dos corações solitários de todo o país.

Tenho trinta anos, 1,74 metro, olhos azuis & cabelos castanhos. Fui fotojornalista, com missões em Cuba & Paquistão etc. Também sou divorciado. Espero que esse fato não amorteça seu interesse. Dificilmente se diria que sou uma mercadoria “usada”. Prefiro pensar que sou agora como um confortável par de sapatos, “amaciado”. Gosto de tudo, com ênfase em livros, cinema, teatro, ar livre & diversão de tipo não egoísta. Viajo a trabalho e estarei em breve passando de dois a sete dias numa colônia nudista em May Landing, N. J. Bem, faço de tudo *uma vez*.

Mande-me notícias com sua resposta a estas maltraçadas & inclua seu endereço e telefone etc.

Seu para diversão futura,

Al Goldstein

Incluiu seu endereço e telefone e esperou durante semanas. Ninguém respondeu.

Foi quando estava nessa situação de rejeição — e também mudando de emprego — que encontrou na rua um velho conhecido do Pace College. Este acabara de saber de um lucrativo emprego de tempo parcial que poderia interessar a Goldstein: empresa grande, pagava duzentos dólares por semana e oferecia uma gratificação de 10 mil se o trabalho fosse satisfatoriamente concluído. O amigo deu-lhe o telefone de certo advogado de Nova York que combinaria uma entrevista. Goldstein telefonou, foi entrevistado pelo advogado e por outra pessoa e conseguiu o emprego. Era agora espião industrial de uma subsidiária da Bendix Corporation.

A subsidiária — a P&D Manufacturing Company de Long Island City, que produzia sistemas de ignição e outras peças automotivas para Detroit — era uma empresa lucrativa cujos executivos temiam que seus operários estivessem planejando sair de seu sindicato tradicional, controlado pelos patrões, para se afiliar ao independente e poderoso United Auto Workers (UA◻), que certamente exigiria salários mais altos e maiores benefícios para os trabalhadores. O UA◻ já tinha usado caminhões de som nas portas da empresa, incitando os empregados a votar a favor da representação pelo UA◻ na próxima assembleia, e os diretores da P&D queriam saber aproximadamente quantos de seus quatrocentos operários optariam pela troca de sindicato.

A missão de Goldstein era enturmar-se com os trabalhadores, perceber suas intenções em relação ao UA◻ e passar essas informações secretamente para a direção. Deram-lhe o emprego de funcionário do estoque e entregador de peças dentro da

fábrica, o que lhe permitia andar por todos os departamentos e participar de conversas e fofocas. Em menos de um mês, deduziu que a maioria dos operários era a favor do UA□. Depois de consultar a direção, participou de uma campanha para espalhar o rumor de que, se o UA□ ganhasse, a empresa fecharia sua fábrica em Long Island e se mudaria para o sul, o que significaria a perda de emprego para quase todos. Uma vez que isso acontecera recentemente em outra fábrica da região, os rumores eram verossímeis. O UA□ foi derrotado na assembleia por 203 a 198.

De início, Goldstein saboreou o triunfo com um prazer perverso, mas depois começou a se sentir culpado e desprezível. Por mais insensato e incorreto que tivesse sido em sua vida errática, sempre simpatizara e se identificara com os desprivilegiados e subordinados; estava enojado com o papel de espião dos patrões. Embora tivesse permanecido no emprego ainda várias semanas e a direção contasse com ele para outras missões secretas, percebeu que até mesmo os empregadores viam sua posição com desprezo, o que era um lembrete constrangedor da própria duplicidade deles.

Por fim, sem avisar, Goldstein saiu da fábrica um dia e não voltou na manhã seguinte nem nunca mais. Não sabia exatamente o que determinara sua decisão; apenas acordara certa manhã com uma necessidade irreprimível de cortar sua ligação com a empresa, e a inevitável perda da gratificação de 10 mil dólares não o deteve. Ficou em casa vários dias, recusando-se a atender o telefone, que tocava sem parar, e à noite perambulava sem destino pela cidade, dando uma olhada nas

livrarias da Times Square e indo ao cinema. Ficou cada vez mais dependente do rádio nessa época, ouvindo habitualmente em casa os programas de entrevistas de Barry Gray, Long John Nebel e Jean Shepherd, bem como os comentaristas antiestablishment da rádio □BAI e vários outros programas que ofereciam companhia compatível com seu infortúnio.

No verão de 1966, depois que recomeçou a trabalhar como taxista, ouvia no carro seus programas favoritos em um rádio portátil alemão que lhe custou quinhentos dólares, quase todas as suas economias. Era um modelo Nordmende de ondas curtas que lhe permitia ouvir a qualquer hora do dia ou da noite programas do mundo inteiro. Esse rádio, que ele carregava para todo lugar, representou seu principal contato com a vida ao longo de 1966, e Goldstein teria permanecido distante de envolvimento humano por mais tempo se não fosse um encontro casual com um corretor de seguros que conhecera na Mutual de Nova York. O corretor foi muito cordial e demonstrou preocupação com o bem-estar de Goldstein. No decorrer da conversa, disse que saía de vez em quando com uma aeromoça que tinha uma companheira de apartamento, também aeromoça, e sugeriu que Goldstein telefonasse para ela e a convidasse para sair. Morava na rua 91 Leste e trabalhava na Pan American; seu nome era Mary Phillips, uma linda loira de olhos azuis da Carolina do Sul.

A descrição acordou Goldstein de sua letargia e, assim que voltou a seu apartamento, na rua 20 Oeste, telefonou para ela. Ninguém respondeu. Ele tentou de novo uma hora depois, de novo na hora seguinte e, com persistência quase desesperada,

continuou a discar durante a noite e no dia seguinte, e pelo resto da semana.

Frustrado, lembrando-se do tempo em que seus anúncios pessoais ficavam sem resposta, telefonou para o amigo na companhia de seguros. Ele lamentou, mas encorajou-o a continuar tentando: Mary Phillips estava provavelmente num voo no exterior, ou em férias curtas, disse-lhe, acrescentando que, quando ela voltasse a Nova York e ele a conhecesse, não ficaria desapontado.

Goldstein agradeceu e, durante as duas semanas seguintes, telefonou para ela várias vezes por dia; o fato de não encontrá-la abriu espaço para suas fantasias. Ficou obcecado por Mary Phillips, estava convencido de que ela satisfaria finalmente sua necessidade romântica, tinha ciúme dos pilotos que viajavam em sua companhia e dos homens de negócios que lhe faziam propostas a 10 mil metros de altitude, de um fuso horário a outro. Então, certa tarde, depois que discou o número e o telefone começou a chamar, alguém pegou o aparelho do outro lado e Goldstein sentiu-se tentado a desligar, mas ouviu uma voz feminina dizer alô e, quando perguntou por Mary Phillips, a voz disse: “É ela”.

Com um leve gaguejo, Goldstein apresentou-se; mencionou o nome do amigo corretor de seguros e perguntou se na semana seguinte ela estaria livre para almoçarem ou jantarem juntos. Ela agradeceu, mas declinou: seu horário de viagens e outros compromissos tornavam almoço ou jantar impossíveis durante boa parte do mês seguinte; disse que, depois disso, ficaria contente em vê-lo e sugeriu que ligasse novamente. Parecia

sincera, e Goldstein gostou da voz, que era cálida e cheia de vida, embora ele se lembrasse imediatamente de que, tratando-se de uma aeromoça, talvez não passasse de polidez profissional.

Mesmo assim, continuou telefonando periodicamente, mas sempre que a encontrava, ela declinava do convite. Contudo, seu charme e sua gentileza impediam-no de ficar irritado ou desanimado; o fato de ser esquiva parecia intensificar os desejos dele, aumentar sua expectativa.

Por fim, depois de cinco meses de tentativas, Al Goldstein marcou um encontro com Mary Phillips. Comeram um brunch num restaurante perto da avenida Lexington, próximo do apartamento dela. Sentado diante da moça, ficou tão pasmado com sua beleza que mal podia falar ou comer. Tinha olhos azuis primorosos. Os cabelos loiros, a pele sedosa, a disposição radiosa sugeriam que ela jamais tivera um dia infeliz na vida. Sua figura esbelta era exatamente do tipo que lhe agradava, e, enquanto a escutava falar e observava outras pessoas entrando no restaurante, ele não podia deixar de pensar que elas estariam se perguntando o que aquela beldade dourada estava fazendo, comendo com um taxista gordo e judeu.

Mary não parecia constrangida; respondeu com tranquilidade e disposição às perguntas que ele fez sobre seu trabalho e sua infância no Sul, seus ancestrais, que eram médicos e advogados do interior, sua mãe, que era musicista, e seu pai, professor de história na escola militar The Citadel, em Charleston. Gostava dos pais e estava de bem com seu passado; enquanto ela falava, Goldstein dava-se conta de como tinham pouca coisa em

comum. Percebeu também, embora mal a conhecesse, que não era do tipo a quem ele pudesse fazer uma proposta indecorosa. Parecia etérea demais para sua grosseria feroz. Foi então que ela lhe contou que fora expulsa da universidade no segundo ano porque mantinha seu amante no dormitório estudantil.

A facilidade com que revelou isso espantou-o tanto quanto o próprio fato. Não havia remorso em sua voz, nenhuma mudança em sua presença angelical enquanto ela contava que fora chamada à comissão disciplinar do Hood College, em Frederick, Maryland, pouco antes das férias de primavera, e acusada de esconder um homem em seu quarto durante várias noites. Na verdade, confessou ela a Goldstein, o rapaz estava morando lá havia quase um mês e, embora ela soubesse que isso era contra as regras do campus, achava também que tinha direito a privacidade em seu quarto. Quando foi com o namorado a Charleston para contar que fora expulsa, seus pais reagiram com ira. Seu pai expulsou o rapaz da casa, e sua mãe exigiu que não dissesse a ninguém da cidade o motivo por que deixara a escola.

Depois de passar vários dias tristes em casa, Mary leu no jornal de Charleston que um representante da Pan American acabara de chegar à cidade para entrevistar candidatas a aeromoça. Era sua grande oportunidade de escapar à desaprovação constante dos pais: candidatou-se, passou nos exames e foi aceita. Algum tempo depois, fez cinco semanas de treinamento numa escola de Miami e foi transferida para Nova York. Em seu primeiro ano na Pan American, voou para o Caribe, depois mudou para a divisão europeia. Disse a Goldstein que não pretendia fazer carreira — sua ambição era tornar-se editora

ou escritora free-lance, mas gostava do trabalho e de morar em Nova York.

Após o brunch, convidou Goldstein para ir a seu apartamento, onde passaram o resto da tarde conversando; depois ela deixou claro, de maneira tipicamente feminina, que estava disposta a ir para a cama com ele. Goldstein hesitou, incapaz de acreditar no que estava acontecendo, mas no começo da noite fizeram amor.

A partir de então, encontraram-se com frequência, e ainda que tivesse certo ceticismo em relação à afeição de Mary, supondo que em boa parte era inspirada pela rebeldia contra os pais, Goldstein não se preocupou em questionar demais a fonte de seu prazer. Ela mudou-se para o apartamento dele na primavera de 1968 e eles se casaram naquele verão, no México, embora ele ainda não estivesse divorciado da primeira esposa. Esses detalhes técnicos não o preocupavam muito naquele ano caótico, quando o governo não parecia digno de consulta e a desobediência civil e a dissensão ganhavam adeptos em todo o país. Goldstein nunca pensara em si mesmo como um militante político, mas agora sentia necessidade de assumir uma posição contra o establishment e decidiu revelar pela imprensa underground sua missão de espionagem para a Bendix Corporation.

Via nisso uma maneira de mitigar a culpa que ainda sentia, bem como de criar embaraços para uma grande empresa fornecedora de materiais militares para o governo. Ao propor sua ideia pessoalmente para os editores do tabloide radical *New York Free Press*, ficou contente ao saber que eles adorariam publicar a história. Só podiam pagar-lhe cem dólares, mas prometiam

uma chamada na capa e espaço adequado para ele descrever todos os esquemas sórdidos usados por executivos de colarinho branco contra trabalhadores que não suspeitavam de nada.

Goldstein levou dez dias para escrever a matéria. Ao entregá-la, os editores ficaram impressionados com as provas condenatórias e previram que a publicação teria repercussões traumáticas na hierarquia empresarial da Bendix. Mas uma semana depois que os 10 mil exemplares do *Free Press* foram distribuídos nas bancas, com a manchete de primeira página “Fui um espião industrial da Bendix Corporation”, ficou óbvio que os editores tinham superestimado o interesse do público pela história, ou talvez os leitores simplesmente não acreditaram nela.

Qualquer que tenha sido o motivo, o *Free Press* não recebeu um único telefonema relacionado com a matéria, e Al Goldstein, que passava todos os dias no jornal, na expectativa das reações, ficou visivelmente frustrado com o resultado. Mas o episódio enfim seria benéfico para ele, pois fez amizade com um jovem membro da equipe que mais tarde o ajudaria a lançar seu próprio jornal.

Jim Buckley fazia a composição tipográfica e era editor subordinado do *Free Press*. Baixo, moreno, 24 anos, natural da Nova Inglaterra, tinha o ar inocente de um eterno menino cantor de coro, apesar dos quatro anos de Marinha e de uma vida de desventuras. Tinha grandes olhos castanhos, tez pálida e, sob a aparente fragilidade, um espírito inquieto, que o levava de emprego em emprego e de lugar em lugar, como companheiro temporário de quem parecesse ter algum senso de direção.

Nascido em Lowell, Massachusetts, e criado em vários orfanatos enquanto seus pais separados brigavam e revezavam-se em pegá-lo e abandoná-lo, Buckley frequentou escolas na Nova Inglaterra e na Flórida, na Califórnia e no Havaí. Depois largou os estudos para se tornar caroneiro em tempo integral, uma figura delicada e dócil para quem os motoristas invariavelmente paravam. Recebeu baixa da Marinha em 1965, após uma excursão pelo Oriente, e exerceu então atividades variadas: operador de teletipo numa corretora de valores de San Francisco, vendedor ambulante do *Los Angeles Free Press*, cozinheiro num restaurante do Greenwich Village (Nova York), datilógrafo nas Nações Unidas, doceiro na Feira Mundial (numa barraca não longe da de Goldstein) e porteiro de um hotel barato de Londres, para turistas de cinco dólares por dia.

Depois de morar em Paris com estudantes americanos que traficavam drogas, no norte da África com pastores de ovelha árabes, de voltar para os Estados Unidos e ter um instável romance itinerante com uma sobrinha de James Agee, Buckley achou que estava pronto para se instalar em Nova York e fazer carreira no jornalismo. No entanto, após alguns meses de *Free Press*, estava pronto para sair de novo, planejando investir suas poucas economias num jornal próprio, que esperava ser menos polêmico e mais lucrativo do que o *Free Press*, cujo miserável dono desestimulava os pedidos de aumento de salário andando descalço no escritório.

Foi quando Jim Buckley conheceu Al Goldstein, cuja matéria ajudou a editar. Não só se identificou com as frustrações dele, como viu nelas a essência de uma parceria viável — ou pelo

menos de uma proteção contra a probabilidade de nenhum dos dois ser capaz de vencer sozinho. A ideia de Goldstein de um tabloide sobre sexo não atraiu imediatamente Buckley, que ainda não se libertara completamente da rigidez católica dos anos de orfanato, mas concordava que havia um mercado para o tipo de periódico imaginado por Goldstein — uma espécie de *Consumer Reports* sobre o prazer corporal e a lubricidade, um jornal que retratasse abertamente o mundo erótico que se avolumava em torno deles, mas era ignorado pelos escrupulosos proprietários da imprensa convencional. O sexo era a maior matéria dos Estados Unidos na metade do século XX, disse Goldstein a Buckley num rompante de orgulho de vendedor, e o jornal libidinoso e travesso que fariam seria um contraste bem-vindo ao palavrório enfadonho da Nova Esquerda que dominava a imprensa nanica dos Estados Unidos.

Assim, no final do verão de 1968, com cada um deles investindo 175 dólares, formou-se uma empresa para publicar um jornal que Goldstein chamou de *Screw [Foda]*, inspirado num periódico de poesia do passado recente, já defunto, que se chamava *Fuck You — a Magazine of the Arts [Foda-se — uma Revista de Artes]*. Temendo que sua primeira esposa reclamasse uma parte das ações do *Screw*, Goldstein registrou sua parte em nome da segunda mulher, Mary Phillips, que aparecia no expediente como coeditora, ao lado de Buckley, mas continuava a voar pela Pan American. Goldstein identificou-se como editor executivo e pôs seu nome no topo de uma longa lista de membros da equipe, cuja maioria era imaginária.

A produção da primeira edição de doze páginas do *Screw*, em novembro de 1968, apresentado no editorial como “a nova publicação mais excitante da história do Ocidente”, foi feita quase toda pelos dois proprietários: Goldstein escreveu a maioria dos artigos, Buckley fez a composição, e ambos distribuíram pessoalmente os 7 mil exemplares para as poucas bancas de jornal de Nova York que aceitariam um tabloide cuja capa era dominada pela foto de uma morena de biquíni acariciando um grande salame kosher.

O primeiro número vendeu mais de 4 mil exemplares; o segundo saiu-se melhor; depois de dez números, o *Screw* era um jornal de 24 páginas que vendia quase 100 mil exemplares. Agora havia dinheiro para pagar mais editores e repórteres, e muitos dos contratados tinham qualificação profissional e formação educacional para trabalhar em qualquer publicação de Nova York. O crítico de livros Michael Perkins, formado pela Universidade de Ohio, com pós-graduação na City University de Nova York, fizera resenhas para o *Village Voice*. O editor administrativo Ken Gaul, formado por Setton Hill, com especialização em literatura inglesa, trabalhara na Prentice-Hall e outras editoras. O editor contribuinte Dean Latimer ganhara uma bolsa de redação criativa de Stanford. O diretor de arte Steven Heller, que trabalhara com Buckley no *Free Press*, anos depois seria diretor de arte do *New York Times*. O jovem fotojornalista Peter Brennan tinha se formado com distinção em Fordham e era pós-graduado em literatura por Harvard.

Quando Brennan entrou para o *Screw*, em janeiro de 1971, a rede do jornal recentemente fora transferida do Union Square

para um escritório mais espaçoso, num prédio alto, a menos de duas quadras dali. O prédio do número 11 da rua 17 Oeste era escuro e sombrio, localizado numa rua secundária a oeste da Quinta Avenida, mas Goldstein e Buckley consideraram-no ideal para produzir seu controvertido tabloide discretamente, sem se darem conta de que aquele endereço já estava sob a vigilância da polícia e do **FBI**.

16.

O edifício de doze andares para onde o *Screw* se mudou fora projetado em 1907 como prédio industrial e comercial, mas tinha detalhes arquitetônicos sofisticados: colunas com cornijas, janelas frontais curvas, enfeites de metal em forma de escudo na fachada. Entalhadas na parede da frente, acima da fileira ornamentada de janelas do segundo andar, estavam as iniciais do orgulhoso proprietário — E. W. B. —, o milionário Edward West Browning, mais conhecido nas manchetes dos jornais sensacionalistas como “Papai” Browning desde que se envolvera escandalosamente, nos anos 20, com uma garota de catorze anos, de olhos azuis, curvilínea e namoradeira, chamada Peaches Heenan.

Browning viu Peaches pela primeira vez num baile de colégio, no hotel McAlpin, na Broadway. Embora fosse um cinquentão grisalho, não havia nada estranho em sua presença no meio de jovens, pois era conhecido em Nova York como líder de obras para a juventude e filantropo que fazia doações generosas para estudantes necessitados, crianças hospitalizadas e órfãos.

Em 1919, sem filhos após três anos de casamento, Browning e a esposa adotaram uma menina. Um ano mais tarde, tendo adotado outra menina, construiu para elas, no topo de um de

seus grandes edifícios no Upper West Side, uma luxuosa residência de cobertura, cercada por um jardim com lanternas japonesas, fontes, aves canoras e um lago grande o suficiente para se andar de barco. A famosa generosidade de Papai Browning, exaltada em jornais de todo o país, provavelmente inspirou o cartunista que, em 1924, criou as personagens de história em quadrinhos Papai Warbucks e a Pequena Órfã Annie.

Porém, em 1925, sua esposa pediu divórcio e foi com a menina mais velha para Paris, deixando-lhe a mais moça, chamada Sunshine. Browning pôs um anúncio no jornal pedindo uma “garota de catorze” para fazer companhia a Sunshine. O anúncio foi visto com bons olhos e chegaram milhares de respostas, mas seu altruísmo tornou-se subitamente suspeito mais tarde, quando começou a sair com a jovem Peaches Heenan, que era vista sorrindo no banco traseiro de seu Rolls-Royce azul-pavão cercada de caixas de presentes, com brinquedos, roupas caras e joias. Em 1926, com o consentimento de seus pais, que a tinham criado numa casa de cômodos de Washington Heights e estavam separados, Peaches Heenan tornou-se, no dia em que completava dezesseis anos, a segunda senhora Browning.

Na época, a fortuna de Edward Browning ultrapassava 20 milhões de dólares. Nascido em Manhattan e educado por seus pais vitorianos de acordo com os ensinamentos da Bíblia e as virtudes do trabalho, ele tinha conhecimentos limitados das frivolidades juvenis. Ao casar-se com Peaches, jurou que devotaria menos tempo aos negócios e mais à diversão. Adaptou-se com rapidez surpreendente a sua nova imagem

pública de farrista jovial. Passou a fazer parte da Era do Jazz e, quando acompanhava sua Peaches envolta em pele de arminho aos restaurantes da moda, parava pacientemente na calçada para os flashes dos fotógrafos. Pôs uma limousine com chofer à disposição da menina e financiava as orgias de compras que ela fazia na Quinta Avenida com sua mãe, uma enfermeira que estimulara a relação com Browning desde o início e, em troca, fora presenteada com dinheiro durante a corte.

No escritório, Browning mantinha um grande livro de recortes com as notícias que mencionavam seu nome e jamais recusava uma oportunidade de ser entrevistado — mesmo quando, dez meses depois do casamento, foi forçado a admitir para uma ruidosa multidão de jornalistas que Peaches fugira. Os criados disseram que ela deixara a casa de Long Island com a mãe e uma caminhonete lotada com as coisas que ele lhe dera. Embora desapontado e triste, Browning anunciou que ainda a amava e, por meio da imprensa, implorou-lhe que voltasse.

Mas só a reviu num tribunal lotado de Nova York, onde os advogados dela, além de exigirem o divórcio e uma indenização imensa, levaram a própria Peaches ao banco das testemunhas para acusá-lo de crueldade mental e imoralidade. Segundo seu depoimento, ele gostava de vê-la nua à mesa do café da manhã, dera-lhe uma vez um livro de fotografias de nus e era um cavalheiro com desejos anormais.

Porém os advogados de Browning, ao interrogá-la, extraíram a informação de que, antes de se casar, Peaches mantinha um diário erótico com o nome de outros homens com quem fizera amor — fato que ela admitiu entre lágrimas, em meio aos

sussurros e gemidos da plateia e às marteladas do juiz. O acordo final deu-lhe bem menos do que esperava — 170 mil dólares em dinheiro e seis prédios do West Side —, mas Peaches Browning capitalizou a publicidade, tornando-se, sob a orientação da mãe, uma personalidade de vaudeville e candidata a atriz. No entanto, foi um fracasso profissional e nas décadas seguintes as notícias sobre ela restringiram-se sobretudo a seus casamentos — casou-se e divorciou-se outras três vezes; finalmente, em 1956, uma manchete informou que sofrera uma queda fatal no banheiro, aos 44 anos.

Edward Browning, que morreu em 1934, pouco antes de completar sessenta anos, passou os últimos anos de vida concentrado no que conhecia melhor, o negócio imobiliário. Muito antes do que a maioria de seus contemporâneos milionários, previu a Depressão e antes da quebra da Bolsa vendeu com lucro a maior parte de suas propriedades no West Side, inclusive o edifício comercial do número 11 da rua 17 Oeste.

Décadas após sua morte, o exterior do prédio continuava quase igual, mantendo a fachada decorada do início do século e suas iniciais gravadas, mas o interior mostrava sinais de deterioração e negligência. A pintura estava descascada, havia rachaduras nas paredes, e a fuligem da cidade era tão grossa nas janelas que escurecia a luz do dia. As pequenas indústrias de vestuário e chapéus que tradicionalmente alugavam espaços no estreito edifício de doze andares mudaram-se aos poucos, por falência ou insatisfação com as características antiquadas do prédio, tais como o único, pequeno e lento elevador que estava sempre quebrado.

Entre as décadas de 1930 e 1960, o edifício foi vendido e revendido para vários donos, nenhum dos quais o julgou rentável. Nos anos 70, os últimos andares foram alugados um tanto indiscriminadamente para locatários que, em tempos melhores, seriam considerados indesejáveis. Além do *Screw*, que ocupava o décimo primeiro andar, havia a sede do Partido Comunista americano no décimo e, no último, uma comunidade de jovens homossexuais que tinham transformado os velhos escritórios de Browning em moradia. Nos andares de baixo, a maioria dos inquilinos era, se não social ou politicamente desviante, ao menos inconventional, um tanto misteriosa ou estava no limite do bizarro.

Um dos inquilinos era um artesão que fabricava soco-ínglês. Havia um grupo de homens de meia-idade que, certas noites da semana, reunia-se para brincar com trenzinhos elétricos em trilhos de miniatura instalados ao redor da sala. Num andar trabalhava a equipe editorial de uma revista de ficção científica de horror chamada *Monster Times*; em outro, funcionava o escritório do tabloide de escândalos *Peeping Tom*. Um socialite divorciado de Nova York, descendente de Cornelius Vanderbilt Whitney, usava seu andar como ateliê e recanto romântico. Também morava no prédio uma senhora ruiva, encadernadora, que vivia meio reclusa e costumava receber à noite sua irmã gêmea. Dois andares abaixo, num escritório, um reparador israelita trabalhava cercado de máquinas de escrever, sem ninguém atrás delas — eram todas automáticas. Pouco antes do Natal de 1970, dois homens que vinham do negócio de

lanchonetes alugaram espaço no nono andar e abriram uma casa de massagens.

Esconderam as paredes rachadas com painéis de fórmica marrom e acarpetaram o chão, cobrindo as tábuas e os milhares de alfinetes e agulhas enferrujados caídos nas frestas, do tempo em que ali trabalhavam costureiras. Montaram uma sala de recepção perto da entrada do elevador, mobiliando-a com uma moderna escrivaninha dinamarquesa e cadeiras giratórias almofadadas, um aparelho de som e uma mesinha de café sobre a qual havia exemplares de *Playboy* e *Penthouse*. Nos fundos, construíram um box com chuveiro e uma sauna, além de quatro saletas privativas de massagem. Cada saleta tinha uma mesa de massagem e um criado-mudo com frascos de álcool e óleo, talco e caixas de Kleenex.

Então publicaram anúncios no *Village Voice* e em outros jornais convocando candidatas a “modelos” ou “massagistas”. Pretendiam contratar pelo menos oito ou dez mulheres e coordenar seus horários de modo que sempre houvesse no mínimo quatro delas de plantão para trabalhar nas salas de massagens nas presumíveis horas de pico: meio-dia, cinco da tarde e onze da noite. Sendo as casas de massagem então relativamente novas em Nova York e ainda não identificadas pela polícia como fachadas para a prostituição, dezenas de jovens inocentes ofereceram-se, pensando que trabalhariam num estúdio de fotografia ou talvez numa academia. Quando percebiam que se tratava de esfregar corpos de homens nus e enfrentar ereções e cantadas sexuais, iam procurar um novo emprego.

Outras mulheres, porém, produtos mais liberados dos anos 60, não se assustavam com aquele tipo de trabalho. Não se constrangiam com a nudez de estranhos, nem se sentiam reprimidas por prescrições morais que no começo dos anos 50 tinham inibido suas mães. Entre as contratadas havia estudantes batalhando para pagar a universidade, jovens que tinham abandonado os estudos e hippies, bem como mulheres menos instruídas que consideravam fazer massagens preferível à labuta de garçoneite ou secretária, além de ser muito mais lucrativo. Uma das candidatas foi uma secretária que, demitida pelo editor de *Monster Times*, subiu dois andares e empregou-se como massagista, dobrando sua renda de 350 dólares por semana.

O rápido sucesso da casa de massagem trouxe para o prédio um novo elemento social: uma clientela formada por nervosos homens de negócios de classe média, cujas entradas furtivas e saídas apressadas intensificaram a já insólita atmosfera local. Os comunistas do décimo andar, em sua maioria radicais grisalhos da Velha Esquerda, cujo ardor revolucionário atingira o auge nas manifestações na Union Square durante a Depressão, estavam particularmente irritados com a presença da casa de massagens, não apenas porque eram puritanos sexuais, mas também porque sabiam que a existência daquele quase bordel no andar de baixo aumentaria a notoriedade do prédio e em breve atrairia batidas da polícia, bem como de fiscais municipais que prosperavam à base de ameaças. Já tendo ouvido rumores no edifício de que o **FBI** pensava em alugar espaço no nono andar e sendo habitualmente atacados com ameaças de bombas pelo telefone e piquetes hostis na calçada, os idosos membros do partido eram

indiscutivelmente os inquilinos mais paranoicos do lugar e suspeitavam que os silenciosos e tensos homens de ternos conservadores que viam no elevador fossem agentes federais.

Os únicos locatários que receberam de braços abertos a casa de massagem foram os membros masculinos da equipe do *Screw*, que ganharam acesso à sauna sempre que quisessem e, por taxas reduzidas, aos óleos e carícias até o orgasmo da senhorita topless de sua escolha. Em troca, o jornal publicou artigos favoráveis ao estabelecimento — que se chamava “Experience One” — e também anúncios pagos em que a casa de massagens divulgava seu número de telefone e o horário de funcionamento, além de alardear os dedos mágicos e os prazeres extasiantes garantidos pelas massagistas.

Em breve outras casas de massagens também passaram a anunciar no *Screw*, algumas exibindo fotos de mulheres de seios nus, uma ninhada cintilante e sedutora de cortesãs universitárias e hippies que sugeriam estar totalmente disponíveis ao cliente pelo preço de uma massagem. Mas o *Screw* logo recebeu reclamações dos leitores de que os anúncios eram muitas vezes enganadores: certas massagistas, depois de excitar sexualmente o cliente que já havia pago 25 ou trinta dólares por meia hora de massagem, recusavam-se a chupá-lo ou mesmo masturbá-lo, exceto se desse uma gorjeta de pelo menos quinze dólares. Havia queixas ainda de que algumas massagistas se recusavam terminantemente a tocar os genitais, por mais dinheiro que se lhes oferecesse, alegando que era contra a lei.

Tanto na cidade como no resto do país, era variável a interpretação da lei quanto ao que era moralmente permissível na

privacidade de uma sala de massagem. Outrora havia regulamentos específicos da cidade e do condado que proibiam massagistas de trabalhar em corpos do sexo oposto, mas essas restrições vitorianas declinaram com a Segunda Guerra Mundial, quando enfermeiras e outras auxiliares médicas passaram a realizar cada vez mais terapia física em pracinhas feridos, ao mesmo tempo que a profissão de massagista afirmava seu direito de tratar pacientes e clientes de qualquer sexo. Seus representantes não viam motivo por que um especialista licenciado em massagem, cujo treinamento escolar incluía neurologia e patologia, bem como conhecimento completo da musculatura, não poderia ministrar massagens no sexo oposto, da mesma forma ética que, por exemplo, um pedicuro ou psiquiatra. Em cidades como Nova York, eles se ressentiam com o fato de que os praticantes de massagem — muitos deles membros da Associação Americana de Massagem e Terapia ou da Sociedade de Massagistas Médicos do Estado de Nova York — fossem licenciados pelo Conselho de Saúde da cidade, que também cuidava de barbeiros e cosmetólogos, e não pelo Departamento de Educação, que dava licenças para todas as categorias de médicos e enfermeiros.

Em 1968, depois de muito lobby das associações de massagem profissional, essa política mudou: os massagistas foram reclassificados como pessoal médico, com licenças concedidas pelo Departamento de Educação estadual. Cada estudante de massagem, antes de receber o diploma, tinha de se submeter a um programa de quinhentas horas de estudo em escolas especiais e depois passar numa prova estadual

abrangente que examinava sua técnica e avaliava seu conhecimento ativo dos sistemas muscular e nervoso do corpo.

Os examinadores também verificavam se o estudante estava a par das atitudes apropriadas à profissão, como cobrir sempre com toalha ou lençol os genitais da pessoa massageada e evitar o contato físico direto com os seios de uma mulher. Essas advertências, com certeza, não eram muito enfatizadas pelos examinadores, pois foram extremamente raros os casos registrados de má conduta de massagistas no período do pós-guerra, quando a massagem do sexo oposto passou a ser considerada aceitável nos Estados Unidos.

No entanto, isso não significa que não transpirassem de vez em quando impropriedades cometidas na mesa de massagem. Com efeito, desde muito tempo os profissionais do setor sabiam que certas praticantes licenciadas, inclusive algumas massagistas matronais, cujas figuras avantajadas não deveriam inspirar ilusões românticas, satisfaziam habitualmente os pedidos de intimidade sexual com clientes e pacientes masculinos que elas considerassem prudentes e confiáveis. Uma vez que isso dificilmente passava da masturbação — vista por algumas massagistas veteranas, em particular de origem escandinava, como a culminação saudável de uma massagem relaxante — e realizava-se sempre em local privado, por solicitação do cliente, aumentando sua satisfação e a gorjeta oferecida, as associações de massagistas, embora sem aprovar oficialmente a gratificação genital, estavam tão pouco dispostas a expor em público a má conduta de suas colegas quanto as associações de médicos e enfermeiras ao saberem de transgressões em *seus* círculos.

Certamente não era segredo para as associações médicas que, durante décadas, certos doutores distintos tinham arranjado abortos para pacientes privilegiadas, ou que psiquiatras se entregavam de vez em quando a entrevistas calorosas com as pacientes no divã, ou ainda que enfermeiras e terapeutas do turno da noite ofereciam com frequência alívio manual para a frustração genital de pacientes masculinos confinados em hospitais havia muito tempo.

Tais atos misericordiosos de masturbação eram lembrados por homens agradecidos como um ponto alto de sua recuperação, e não surpreenderia encontrar algumas dessas Florence Nightingale da massagem entre as pioneiras das primeiras “casas” que floresceram sem chamar a atenção em pequenas cidades da Costa Oeste no final dos anos 50 e começo dos 60. Essas casas eram, na verdade, consultórios de massagem geralmente localizados em prédios comerciais especializados em alugar espaços para médicos, dentistas, pedicuros, dermatologistas e similares. Sua aparência era muito semelhante à dos consultórios médicos: porta branca com vidro fosco, onde estavam pintadas as palavras “Terapia Física” ou “Massagem” e o nome da praticante. O interior do consultório era higiênico, se não asséptico, e discretamente mobiliado; pendurados na parede, viam-se diplomas emoldurados de terapia física e licenças de massagista, em papel pergaminho, decorados nas bordas com arabescos e serafins minúsculos. Nas salas dos fundos, além das mesas de massagem e chuveiros, pilhas de toalhas e frascos de emolientes, havia muitas vezes banheira

com hidromassagem, sauna e equipamento para redução de peso.

Os visitantes só eram atendidos com hora marcada, e as massagistas, invariavelmente mulheres de aparência refinada, usavam uniformes engomados de enfermeira, que elas cobriam com um guarda-pó branco enquanto aplicavam a massagem no homem nu deitado na mesa. Ser massageado e por fim masturbado por uma dessas profissionais vestidas de branco era, para muitos, uma experiência altamente erótica: transferia para um ambiente imaculado um ato associado tradicionalmente à culpa e, ao mesmo tempo, servia de instrumento para certas fantasias adolescentes com babás da infância, enfermeiras da escola, freiras dominicanas e outras mulheres que não se esperaria encontrar numa casa de massagem, acariciando com dedos oleosos e destreza um pênis ereto até que ejaculasse numa pequena toalha ou lenço de papel, mantidos ao alcance da mão.

Dezenas de homens tornaram-se fregueses semanais desses anjos da massagem, e durante anos a atividade prosperou sem obstáculos legais, porque a clientela incluía políticos e autoridades policiais e porque as massagistas conduziam seus negócios com discrição e honestidade. Por uma massagem completa de meia hora, era raro cobrarem mais do que quinze dólares, e recusavam frequentemente gorjetas. Publicavam anúncios minúsculos na imprensa local, na seção “Massagem” dos classificados, dando apenas número de telefone e horário de funcionamento. Os clientes também protegiam a atividade delas; de fato, muitos acreditavam ser os únicos que recebiam a

spécialité da massagista, e nem os menos ingênuos saíam se jactando ou comentando suas massagens. Os homens podiam exultar com uma noitada de arrasar num bordel, ou conversar com amigos sobre suas atividades extraconjugais, mas um encontro ao meio-dia com uma pseudoenfermeira com o objetivo principal de ser masturbado era muito diferente. Podia sugerir desespero patético ou perversão e, com certeza, não tinha nenhum sabor de aventura. Talvez se considerasse até tolice pagar uma mulher por um serviço que um homem poderia realizar facilmente nele mesmo, embora o habituê da casa de massagem não concordasse com esse raciocínio. Diferentemente dos milhões que se masturbavam sozinhos enquanto olham as mulheres da *Playboy* e de outras revistas similares, o cliente da massagem preferia uma cúmplice, uma assistente de aparência respeitável que o ajudaria a diminuir a culpa e a solidão do mais solitário ato de amor.

Um cliente de massagem típico era o sobrevivente secreto do mundo da monotonia matrimonial: competente no emprego, razoavelmente contente com a esposa e a família, ao se aproximar da meia-idade buscava o tempero da variedade sexual sem querer se enredar em envolvimento românticos e complicações, que não conseguiria suportar financeiramente ou emocionalmente. Velho demais para o mundo dos solteiros, devagar demais para a ação rápida de amadoras encontradas muitas vezes em bares frequentados pelas esposas insatisfeitas de outros homens, ele também evitava as escabrosas e possivelmente infectadas casas de cômodos de prostitutas de rua e até os mais elevados boudoirs de call girls e outras

mulheres que capitalizavam todas as noites em cima do que Balzac denominou a fortuna entre suas pernas.

Para esse homem, perturbado quase diariamente pelas forças em conflito da luxúria e da culpa, da impaciência e da cautela, uma massagem sexual calmante representava uma panaceia quase perfeita. Nos anos 60, seria difícil apontar uma grande cidade americana que não tivesse ao menos um desses falsos consultórios, onde um homem podia encontrar uma terapeuta manual de traje branco para satisfazer seu desejo de ser tocado de maneiras que não podia, ou não queria, ser tocado por sua esposa em casa.

Em 1970, no entanto, as coisas já começavam a mudar no mundo da massagem, à medida que esse serviço privado se tornava público. Jovens empreendedores da contracultura entraram em cena para montar — ao lado de lojas que vendiam cachimbos para maconha, livros de ioga e outros nirvanas comercializáveis — casas de massagem e estúdios de fotografias de nus que funcionavam sem disfarces. Em cima das portas, ou nas janelas dessas casas, havia placas que anunciavam espalhafatosamente “Garotas de sua escolha — Modelos nus ao vivo”, e ofertas adicionais eram insinuadas por homens cabeludos que ficavam na calçada distribuindo folhetos para os pedestres masculinos.

Os folhetos não prometiam satisfação orgástica, mas garantiam uma “massagem sensual” aplicada por uma “massagista topless” — ofertas que não provocaram, de início, nenhuma reação das autoridades policiais, pois esse tipo de massagem e a exibição de corpos nus tinham ganhado aceitação

e legalidade relativas em boa parte dos Estados Unidos de 1970. A nudez total fora permitida nos palcos da Broadway em *Hair* e *Oh! Calcutá!*; havia bares topless e bottomless em várias cidades, pelo menos naquele momento. A famosa massagem de Esalen, aplicada por atraentes massagistas nuas e bronzeadas nos clientes cobertos de óleo do spa californiano, era descrita e exaltada em livros e manuais ilustrados, vendidos em todo o país. Em entrevistas na televisão, escritores e terapeutas influenciados por Reich recomendavam a massagem erótica para os casais como meio de melhorar o relacionamento. Em clínicas sexuais, auxiliares femininas massageavam e levavam ao orgasmo homens “disfuncionais”, e mulheres sexualmente insatisfeitas aprendiam a estimular seus amantes com hábeis carícias genitais e atos de masturbação mútua, bem como a se masturbar sozinhas, às vezes com a ajuda de vibradores e pênis artificiais. Nas aulas de educação sexual da maioria das escolas americanas, talvez pela primeira vez na história, o autoerotismo não era apresentado como triste ou vergonhoso.

Embora aborrecidas com as luzes de néon e as placas psicodélicas das novas casas de massagem, as associações de massagistas licenciadas demoraram a condená-las porque sabiam das já antigas atividades privadas de algumas pseudoenfermeiras. A polícia também tinha motivos para ignorá-las: depois de anos de confronto violento com gente jovem, seguidos de acusações de brutalidade nos tribunais e publicidade negativa na imprensa, a polícia tornara-se cautelosa e não estava disposta a dar batidas em casas de massagem enquanto

as leis sobre o assunto continuassem vagas, como pareciam ser em 1970.

Dessa forma, o momento era propício para os jovens empreendedores, pois, além da confusão legal e do mercado em expansão do prazer, havia uma abundância de mulheres sexualmente liberadas, espíritos livres da revolução dos anos 60, que estavam desempregadas e não sentiam culpa por ganhar dinheiro masturbando homens. Para o jovem empresário, o investimento inicial era pequeno: o aluguel de um segundo ou terceiro andar de prédio comercial e a contratação de carpinteiros amadores para colocar divisórias baratas entre a recepção e as pequenas salas de massagem e, eventualmente, de fotografia de nus. O lugar podia ser mobiliado com sofás, cadeiras e mesas de massagem usadas, cobertas com colchas indianas. As paredes podiam ser adornadas com cartazes psicodélicos ou pinturas a óleo verdejantes, feitas talvez por uma massagista hippie que retornara recentemente de um saudável e prolongado marasmo numa comunidade rural. Alguns dos jovens que abriram as primeiras casas em 1970 também tinham morado por algum tempo em comunidades e identificavam-se com o movimento pela paz, mas seus modos suaves e as camisas de brim azul bordadas não correspondiam a seu ardor mercenário: eram *easy riders* que nos tempos de universidade tinham traficado drogas leves, da mesma forma que agora negociavam com sexo leve.

Um dos primeiros estúdios de massagem que floresceram em Nova York chamava-se Pink Orchid. Localizado na rua 14 Leste, 200, perto da Terceira Avenida, fora fundado por dois ex-alunos

do City College, Alex Schub e Dan Russell. Schub, um candidato a músico de rock pensativo e tímido, era também excelente carpinteiro e usava seus dotes para montar o estúdio, enquanto Russell, mais extrovertido, filho de um advogado e sobrinho de um editor de reimpressões de livros raros, era o principal gerente e promotor da casa.

Com o sucesso imediato do Pink Orchid, que teve uma média de quarenta clientes por dia durante o verão de 1970, os dois contrataram mais gente e expandiram o negócio, abrindo novas casas: o Perfumed Garden, na rua 23 Oeste, e o Lexington Avenue Models, perto da rua 57. Alex Schub também prestava serviços de carpintaria para outros jovens que estavam entrando no ramo.

Para um de seus amigos, um ex-estudante de literatura no Fairleigh Dickinson College, Schub projetou as quatro salas cor de malva do Secret Life Studio, na esquina da rua 26 com a Lexington. Para outro conhecido, ex-aluno de Columbia que tinha dois estúdios chamados Casbah East e Casbah West, ele cercou as salas de massagem com paredes redondas de plástico com bordas dentadas, sugerindo uma caverna ultramoderna ou as partes separadas de uma cápsula espacial demolida. Na Terceira Avenida, perto da rua 51, Schub construiu o Middle Earth Studio, de propriedade de um ex-estudante que era fã da ficção de Tolkien. A atmosfera era de uma comunidade hippie, com cortinas de contas, travesseiros de madras e incenso em todas as salas.

Competindo com esses estúdios, havia lugares como o Stage Studio, na rua 18 Leste, que anunciava sessões privadas com

“jovens modelos e atrizes”, e o Studio 34, na rua 34 Oeste, que prometia “Cinco lindas garotas universitárias — do tipo que você gosta”.

As massagistas recebiam como salário cerca de um terço do valor de cada sessão, mais gorjetas, o que dava uma média de trezentos a quinhentos dólares por semana, dependendo de quantos dias e horas trabalhassem. Cada casa tinha um turno diurno e outro noturno, e os horários das mulheres eram flexíveis. Aspirantes a atrizes e dançarinas trocavam frequentemente seus horários com outras massagistas, ou diziam estar doentes nos dias em que queriam fazer testes. Mantinham também contato constante com seus agentes por meio do telefone público instalado nos fundos do estúdio, perto do vestiário das massagistas.

Aquelas que ainda frequentavam a faculdade — em escolas como a Universidade de Nova York, o City College of New York e Hunter — costumavam estudar na sala de recepção, quando não estavam ocupadas com clientes. As outras massagistas — as divorciadas jovens e ousadas, as que haviam abandonado os estudos e estavam à deriva, as *grisettes* com aversão ao trabalho “honesto” de escritório, as esposas *belles-de-jour*, as namoradas dos proprietários, as lésbicas e bissexuais para as quais o estúdio oferecia a oportunidade de conhecer outras mulheres bonitas — matavam o tempo lendo revistas, conversando, praticando ioga no chão ou meditando num canto, apesar do som constante de música que vinha do rádio e dos telefones que tocavam sem parar na mesa da gerência.

Se o gerente se ausentasse da recepção e uma massagista atendesse ao telefone, talvez fosse surpreendida por uma respiração masculina pesada, ou ouvisse obscenidades. Por isso, na maioria das casas, era o gerente masculino quem atendia às chamadas comerciais. Além de receber o dinheiro dos clientes, encaminhá-los às salas de massagem e tocar uma campainha 25 minutos depois para alertar as massagistas de que a sessão de meia hora estava perto do fim, o gerente podia atuar como leão de chácara, embora houvesse pouca necessidade disso, pois eram raros os clientes turbulentos. Quase todos os frequentadores de casas de massagem eram bem-educados e tímidos, e uma grande porcentagem deles vinha de terno e gravata. Ao entrar, trazendo às vezes o folheto distribuído na rua, eram recebidos pelo gerente e pelo sorriso das massagistas. Depois de pagar, escolhia a massagista, que o acompanhava até uma das salas privativas, levando no braço um lençol engomado que pegara no armário de roupas brancas.

Após fechar a porta e estender o lençol na mesa, ela esperava até que o homem estivesse completamente nu antes de tirar a própria roupa. A maioria dos gerentes de estúdios acreditava que, caso o cliente fosse um policial disfarçado, a massagista não poderia ser processada por imoralidade se ele tivesse se exposto antes. Essa suposição ainda não fora testada em tribunal, mas era consenso na maior parte das casas de massagem.

Embora os clientes em geral tivessem idade para ser pais das massagistas, havia uma curiosa inversão de papéis depois que a massagem começava: eram as jovens que detinham a

autoridade, que tinham o poder de dar ou negar prazer, enquanto eles jaziam de costas, gemendo baixinho com os olhos fechados, sendo esfregados com óleo infantil ou talco. Para esses homens, era provavelmente o primeiro contato íntimo com o movimento jovem sexualmente emancipado sobre o qual tinham lido e ouvido muito, o mundo de Woodstock e da pílula. E à medida que conheciam melhor certas massagistas, graças a suas visitas frequentes, entendiam mais a geração alienada que tinham ajudado a criar.

As massagistas, por sua vez, aprendiam sobre as frustrações dos homens de meia-idade, suas dificuldades conjugais, seus problemas no trabalho, suas fantasias e inseguranças. Alguns estavam tão nervosos quando se deitavam na mesa que seus corpos tremiam e ficavam banhados de suor. Outros não conseguiam ejacular, ou manter a ereção, exceto se as massagistas expressassem um interesse pessoal neles, elogiassem seu físico e garantissem que seu pênis era tão grande quanto o de outros homens, se não maior. Havia alguns tão dominados pela culpa que não conseguiam o prazer máximo a não ser que as massagistas, atendendo a seus pedidos, os admoestassem verbalmente enquanto os masturbavam, os repreendessem e ralhassem com eles como se fossem escolares surpreendidos em momentos de “autoabuso”.

Havia clientes que tinham abandonado recentemente a batina e estavam fazendo a primeira tentativa de se adaptar ao toque de uma mulher; outros eram rabinos ortodoxos que cobriam o pênis com camisinhas ou sacos plásticos para serem masturbados *sem* contato carnal. Havia distintos corretores de valores e banqueiros

que negociavam com as massagistas para obter felação, explicando que suas esposas se recusavam a fazer aquilo; e havia operários que eram satisfeitos dessa forma pelas massagistas, mas admitiam que jamais pediriam algo assim para suas esposas.

Homens idosos de bengala, viúvos e divorciados, Papais Browning modernos tinham horário habitual em certos estúdios e garrafas de seu uísque preferido no armário das roupas brancas. Havia também homens mais jovens e vigorosos, tão transbordantes de energia que pagavam taxa dobrada por duas massagistas simultâneas e tinham três orgasmos durante a meia hora de sessão. Um dia, um indivíduo extremamente tímido, chamado Arthur Bremer, que chegara de terno e colete ao Victorian Studio, na esquina da rua 46 com a avenida Lexington, estava tão tenso durante a massagem que não atingiu o orgasmo; um mês depois, num comício em Maryland, Arthur Bremer atirou no governador do Alabama George C. Wallace e deixou-o paraplégico.

Muitos homens românticos frequentavam as casas de massagem. De vez em quando, um deles se apaixonava por uma massagista e ficava claramente perturbado quando chegava antes do horário marcado e descobria que ela estava atendendo a outro homem. No Secret Life Studio, na esquina da rua 26 com a Lexington, um cliente costumeiro era um doutor por Harvard, recentemente divorciado, que exercia a psiquiatria em Manhattan, e sua massagista habitual era uma loira atraente que se formara na Louisiana State University e trabalhara na revista *Look*. Depois de muitas sessões sexuais no estúdio, começaram

a se encontrar fora do “trabalho”; dentro de um ano estavam casados e mudaram-se para a Flórida.

Com o tempo, alguns homens de negócios que tinham frequentado estúdios de massagem mas estavam insatisfeitos com o fato de que esses estabelecimentos pouco capitalizados raramente possuíam instalações básicas como chuveiros começaram a montar suas próprias casas, lugares maiores, com cadeiras moldadas de plástico, ar-condicionado, mesas de massagem novas, sauna, lâmpadas solares, música ambiente e pagamento com cartão de crédito. O primeiro desses estúdios modernos foi o Experience One, no nono andar do velho prédio de Papai Browning, cujos proprietários vinham do ramo de lanchonetes. Um ano depois, esse estúdio seria superado em conforto e equipamentos por vários outros, que seriam visitados em algum momento pelo editor do *Screw*. Al Goldstein começou a publicar uma coluna semanal sobre o crescente negócio de casas de massagem — afirmando que cada um de seus felizes orgasmos era uma dedução de imposto.

A intenção de Goldstein era visitar, sem aviso, todas as casas de massagem da cidade, novas e velhas, pagando o mesmo preço que qualquer cliente, para experimentar as habilidades manipulativas das várias massagistas, registrar mentalmente suas observações sobre a limpeza do estabelecimento e a cortesia da gerência, a fim de publicar uma breve descrição do lugar no *Screw*, atribuindo-lhe uma classificação, de uma a quatro estrelas.

Quando começou a missão, em 1971, não havia mais do que uma dúzia de casas de massagem em Nova York; no final de

1972, eram mais de quarenta, e Goldstein descobriu que os serviços e preços variavam de lugar para lugar, às vezes de um dia para o outro, dependendo em larga medida do humor da massagista e de sua compatibilidade com o cliente. No Pink Orchid, que estava quente e lotado quando ele chegou e ainda não tinha chuveiro e ar-condicionado, pagou catorze dólares para ser massageado por uma morena mal-humorada vestida com short que, por uma gorjeta de quinze dólares, masturbou-o e chupou-o perfunctoriamente, enquanto olhava a hora em seu relógio de pulso. Goldstein deu uma estrela ao Pink Orchid na edição seguinte do *Screw*, descrevendo-o como “não recomendado”.

No Mademoiselle Studio, na esquina da rua 58 com a Lexington, de propriedade de três israelitas que equiparam as sete salas com ar-condicionado, frigobar e um aparelho que projetava slides eróticos nas paredes da sala de recepção, Goldstein pôde comprar, por uma taxa de vinte dólares e mais 25 de gorjeta, relações sexuais numa cama d'água com uma atraente divorciada de 26 anos, mãe de dois filhos que viviam nos subúrbios de Connecticut e vendedora de imóveis nos fins de semana. Era uma mulher afável e divertida, e Goldstein atribuiu ao Mademoiselle três estrelas: “Recomendado: o melhor de sua categoria”.

No Middle Earth Studio, no segundo andar de um prédio de tijolo aparente situado na Terceira Avenida, Goldstein pagou dezoito dólares ao gerente e escolheu uma morena de olhos azuis, longos cabelos lisos e tez clara, que usava uma cruz rosa-cruz no pescoço. Serena e graciosa, excitou-o facilmente na sala

privativa. Tinha mãos lindas, com dedos longos e parecia gostar do que estava fazendo, sem jamais tirar os olhos do pênis ereto enquanto o acariciava, sabendo, sem dúvida, que a maioria dos homens adora observar uma mulher afagando esse estranho objeto com familiaridade. Ele queria quase desesperadamente que ela o pusesse na boca, mas ela recusou educadamente o pedido: a orientação do Middle Earth proibia aquilo com rigor; havia permissão apenas para “alívio manual”, serviço que era fornecido automaticamente com a massagem, sem necessidade de gorjeta. Depois ela confidenciou que o espelho pequeno na parede da sala de massagem era transparente, permitindo que o gerente espiasse para se assegurar de que as regras estavam sendo cumpridas. Essa revelação perturbou Goldstein, interrompendo sua sensação de intimidade com a massagista. Embora tivesse gostado da massagem masturbatória, deu ao Middle Earth apenas duas estrelas.

Os muitos espelhos que viu mais tarde, ao visitar os estúdios maiores, espelhos que às vezes ocupavam as paredes inteiras e o teto das salas privativas, continuaram a lhe causar desconforto, não somente porque suspeitava de que um gerente voyeur poderia estar observando, mas também porque ele não queria se expor ao reflexo corpulento de si mesmo deitado nu sobre uma mesa.

Porém, no multiespelhado Caesar's Retreat, um luxuoso estúdio em estilo falso romano na rua 46 Leste, Goldstein foi tão bem entretido por uma massagista de toga que esqueceu o constrangimento e deu quatro estrelas para a casa. Nada em Nova York se comparava então ao Caesar's Retreat, onde

obviamente milhares de dólares tinham sido gastos pelo dono — Robert Scharaga, um nativo do Bronx que fora corretor da Bolsa — na decoração das várias salas privativas, na sauna, nas banheiras de hidromassagem, nas estátuas romanas e numa fonte de gesso. Os clientes podiam beber champanhe de graça na recepção, enquanto aguardavam sua massagem de meia hora feita com óleo misturado com ervas. Uma massagem simples custava vinte dólares, mas mais dinheiro podia comprar mais — por cem dólares, o cliente podia ter um banho de champanhe com três damas liberadas.

Depois de verificar as casas de massagem de Nova York, Goldstein viajou pelo país e descobriu que a massagem erótica se transformara numa ocupação nacional — era o negócio de fast-food do sexo, um nutriente para a libido. Em Falls Church, subúrbio de Washington, no estado da Virgínia, o estúdio de massagem Tiki-Tiki, com dez salas, estava instalado num centro comercial. Havia estúdios em Charlotte, Atlanta, Dallas. Em Chicago, cidade fortemente católica e dominada pelo prefeito conservador Daley, havia um estúdio no centro, na rua South Wabash, cuja decoração lembrava o interior de uma igreja. A pequena escrivaninha do gerente na recepção ficava dentro de um confessionário gótico de madeira que pesava 270 quilos, comprado de uma demolidora. Havia bancos de oração e outros objetos eclesiásticos, além de estantes ornamentadas de madeira escura onde se exibiam revistas pornográficas e pênis artificiais.

Para proteger o estúdio contra a infiltração da polícia, o dono o estabeleceu como um clube privado ao qual os clientes podiam

se associar somente depois de apresentar documentos de identidade e assinar um documento em que declaravam não pertencer a nenhum órgão policial. Exigia-se não apenas que eles assinassem a declaração, como a lessem em voz alta diante do confessorário, sem saberem que sua voz estava sendo gravada por um microfone escondido e que seu rosto estava sendo filmado por uma câmera disfarçada nas dobras do veludo vermelho que decorava o interior do confessorário. O cauteloso dono desse estúdio chamava-se Harold Rubin. Quando Goldstein entrou e pediu uma massagem, Rubin apresentou-se como leitor ávido do *Screw* e insistiu que tivesse uma sessão com duas massagistas, por conta da casa.

Em Los Angeles, Goldstein viu dezenas de estúdios localizados ao longo do Santa Monica Boulevard e da Sunset Strip, alguns dos quais funcionavam 24 horas por dia. O mais famoso deles — de propriedade de Mark Roy, um ex-instrutor de dança de 42 anos que depois prosperou como diretor de vários salões de redução de peso para senhoras — chamava-se Circus Maximus e ocupava uma casa de três andares no La Cienega Boulevard, a meia quadra da Sunset. O estacionamento comportava oitenta carros. Tal como no Caesar's Retreat de Nova York, a decoração tentava sugerir o hedonismo romano. Suas trinta massagistas usavam minitogas de crepe vermelho, dourado ou branco, e os anúncios proclamavam: “Os homens não tiveram nada tão bom desde os tempos de Pompeia”.

À distância de meia hora de carro da Sunset Strip, nos morros tranquilos do Topanga Canyon, bem acima da praia de Malibu, Goldstein visitou um “centro de crescimento” nudista chamado

Elysium, quase 3 hectares de terra adorável, escondidos do público por árvores e muros altos, atrás dos quais os sócios nus podiam massagear uns aos outros, ou receber massagens de profissionais. À semelhança do Instituto Esalen do norte da Califórnia, o Elysium oferecia aos sócios e convidados um programa variado de seminários de “conscientização” e psicoterapias. Mas, diferindo de Esalen, estava orientado para o prazer, oferecendo, além de piscinas e saunas, quadras de tênis e cavalos para montar, salas semiprivadas no prédio principal onde as pessoas podiam ter relações sexuais.

Goldstein já publicara no *Screw* fotos tiradas no Elysium, mas ficou ainda mais impressionado quando viu pessoalmente o lugar e entrevistou seu fundador, Ed Lange, um ex-fotógrafo de moda de 52 anos, alto e forte, com uma barba grisalha elegantemente aparada. Vinha de uma família alemã conservadora de Chicago e fora um atleta notável nos tempos de estudante, mas reconhecera em si mesmo uma forte inclinação para um estilo de vida menos disciplinado, mais criativo. Desde que comprara escondido seu primeiro exemplar de *Sunshine & Health*, quando era adolescente, no final dos anos 30, Lange ficara fascinado com o nudismo. Ao mudar-se para Los Angeles nos anos 40, trabalhando como criador de cenários para Hollywood e fotógrafo free-lance para revistas como *Vogue* e *Bazaar*, entrou para um clube pioneiro de nudismo que recebia, às vezes, a visita da polícia. Foi nesse clube, na metade dos anos 50, que conheceu um jovem casal extremamente atraente, Joseph e Diane Webber; nos quinze anos seguintes, a maioria das fotos de Diane Webber nua publicadas por revistas de todo o país foram feitas por

Lange. Mais tarde, essas e outras fotos saíram em revistas publicadas por ele mesmo, e a compra do terreno para o Elysium foi a realização de uma antiga fantasia.

Na época da visita de Goldstein, Lange estava em disputa com as autoridades do condado de Los Angeles. Tentavam fechar sua comunidade com base num decreto municipal que, segundo a interpretação dessas autoridades, proibia a reunião de grupos nudistas na área do distrito. O Elysium não era o único na mira: também estavam de olho num “centro de crescimento” vizinho, localizado mais acima, nos morros do Topanga Canyon, o Retiro de Sandstone Retreat. Sandstone era uma propriedade de 6 hectares ocupada por vários casais nudistas que viviam em franca liberdade sexual e procuravam eliminar a possessividade e o ciúme. O dono de Sandstone chamava-se John Williamson; entre os casais estavam John e Judith Bullaro.

17.

Não muito depois de se tornar amante de Judith Bullaro, John Williamson deixou a sociedade da firma de eletrônica, vendeu suas ações da empresa por quase 150 mil dólares e comprou à prestação a isolada propriedade nas montanhas que seria sua comunidade do amor. O sítio ficava 500 metros acima do oceano Pacífico, na crista mais alta das montanhas de Santa Monica, a 12 quilômetros de Malibu Beach e uma hora de carro do centro de Los Angeles. Saindo da Pacific Coast Highway, o motorista tinha de subir por estradas estreitas e cheias de curvas que proporcionavam vistas deslumbrantes e perigosas. O caminho era assustador: atravessava a névoa que pairava sobre o vale e passava ao lado de copas de árvores inclinadas, acompanhava a borda de penhascos escarpados, fazia curvas para dentro, na direção das pedras amarelas da montanha, e curvas para fora, na direção da borda desprotegida da estrada, beirando o precipício; era uma viagem vertiginosa, em ziguezague, só tolerável em vista dos prazeres sexuais que aguardavam no final da jornada.

Entrava-se no Retiro de Sandstone, construído no lado sul da montanha, por uma estrada particular marcada por dois pilares de pedra. A residência principal, a 400 metros do portão, era um

grande sobrado branco encarapitado sobre uma laje de concreto e cercado por eucaliptos e samambaias; havia também um lago piscoso com uma fonte em cascata e um gramado na frente, tão bem cuidado que nele se poderia jogar golfe. Do deck de madeira do segundo andar da casa podiam-se ver a costa do Pacífico, as velas brancas de veleiros distantes e a silhueta enevoadada da ilha Catalina. Atrás do pátio da casa, onde a terra rochosa se elevava, havia casas menores, de estuque, alcançadas por escadas de madeira, e uma grande construção com portas de vidro e teto com vigas aparentes que abrigava uma piscina olímpica, onde as pessoas nadavam nuas.

Muitos anos antes, os 6 hectares de Sandstone e a área adjacente que se estendia por quilômetros de encosta da montanha tinham sido propriedade de ricos criadores de gado e figuras de Hollywood como Lana Turner. Mas em 1968, quando Williamson visitou a região pela primeira vez, acompanhado por um corretor, viu somente sinais de isolamento e decadência, casas cobertas de poeira e estradas de terra esburacadas, obstruídas por pedras caídas e montes de lama assada ao sol. A mercearia mais próxima ficava quilômetros abaixo, no cânion, onde o rústico centro comercial de Topanga era um ponto de encontro para hippies traficantes e gangues de motociclistas com jaquetas de couro; dezenas de vira-latas desnutridos vagavam pela estrada principal, dando passagem com relutância a motoristas grudados na buzina.

Quando Williamson mostrou a propriedade pela primeira vez aos que faziam parte da comunidade, a impressão que tiveram não foi das melhores: acharam o lugar remoto e decrépito demais

e calcularam que seriam necessários muitos meses de trabalho duro para tornar as casas habitáveis e as estradas transitáveis.

Mesmo assim, Williamson comprou a propriedade e, depois de apelar para o espírito de aventura e o desejo expresso frequentemente por eles de fugir do frenesi, do smog e do confinamento da cidade, persuadiu-os gradualmente de que aquele era o cenário ideal para sua utopia sensual. Williamson era teimoso e convincente. Assim como os pais fundadores de outras colônias utópicas no passado, estava descontente com o mundo a sua volta. Considerava a vida urbana contemporânea nos Estados Unidos destruidora do espírito; a religião organizada, um embuste celestial; o governo federal, pesadão e avarento. Para ele, o assalariado médio, excessivamente tributado e fácil de substituir, apenas sobrevivia na sociedade computadorizada como um participante alienado.

Os seguidores de Williamson, com poucas exceções, compartilhavam seu desencanto. Também eles tinham trabalhado dentro do sistema e concluído que era limitador, por isso acolhiam com alegria uma fuga ao tédio da vida e do casamento. A maioria deles se divorciara ao menos uma vez e tinha crescido em famílias opressivas ou instáveis. Oralia Leal, a primeira dos sete filhos de um casal méxico-americano do sul do Texas, fugira da pobreza familiar e do molestamento sexual de parentes mais velhos para estudar com dificuldade em um Junior College de Los Angeles, mas acabara caindo na armadilha de um casamento terrível e numa série de empregos tediosos de secretária e recepcionista. Arlene Gough, nascida em Spokane, era filha de um sargento e passara a infância indo de base em

base militar com os pais; engravidara aos dezesseis anos e casara-se mais duas vezes antes dos trinta. A ruiva Gail, criada num ascético lar irlandês católico do Meio-Oeste, experimentara o sexo pela primeira vez com seu noivo aos 27 anos, e sua mãe a mandara procurar um padre e se confessar. O engenheiro David Schwind, que tinha um emprego insatisfatório na Douglas Aircraft, era produto de pais distantes e conservadores de uma cidade pequena de Ohio, onde seu principal consolo para a monotonia eram as páginas da *Playboy*, ou rondas noturnas em que espiava o quarto de uma interessante vizinha mais velha pela janela.

Os outros membros do grupo de Williamson também vinham de passados comuns: eram pessoas entre os vinte e tantos e os trinta e poucos anos que tinham atravessado inexpressivamente os joviais anos 60, com certa hesitação, sem verem muito sentido em suas vidas e sem esperança de melhorar, até que encontraram Williamson e foram atraídas para sua rede de amor. Com a ajuda de sua esposa, ele usara a liberdade sexual como meio de ligar as vidas daquelas pessoas à dele e incluí-las num casamento grupal que acreditava ser a solução para suas necessidades de afeto, apoio emocional, compromisso com algo maior que elas mesmas e um senso de calor familiar que não haviam experimentado antes.

Em Sandstone, proporcionou-lhes um lugar para morar e um ambiente mais luxuoso do que tudo o que poderiam pagar na cidade. Todos tinham tarefas a cumprir na propriedade, e Williamson estimulava homens e mulheres a desconsiderar a tradição e partilhar as atividades domésticas na cozinha, bem

como as tarefas fora da casa. À noite, encerrada a jornada de trabalho, Williamson ouvia com interesse e paciência o que cada um quisesse revelar sobre si mesmo e suas ansiedades: ele era uma combinação de terapeuta e mestre, um líder para os homens, um amante para as mulheres.

Cortegara uma a uma a meia dúzia de mulheres que agora faziam parte de seu círculo e, ao compartilhar sua esposa com os homens e criar uma atmosfera de permissão-doação estimulante para a sexualidade aberta do grupo, acreditava estar formando o núcleo de um culto que logo atrairia muitos outros casais verdadeiramente partidários das relações igualitárias.

John Bullaro, entretanto, continuava um tanto cético em relação às intenções de Williamson e o principal motivo por que continuava a participar do grupo era que sua esposa se recusava a abandoná-lo. Ela admirava Williamson, insistia frequentemente em fazer sexo com ele e apoiava seu plano sobretudo porque defendia uma liberdade maior para as mulheres e denunciava o duplo padrão moral. Depois de anos de frustração como dona de casa em Valley, Judith enfim encontrara uma causa que atraía sua mente e seu corpo. John Bullaro estava resignado com o fato de que, se quisesse salvar seu casamento — e ele agora queria isso mais do que nunca, um pouco no interesse de seu ego —, a única opção era ficar por perto e esperar que a atração de Judith por Williamson fosse uma fantasia passageira, um sintoma de sua natureza caprichosa e inquieta.

O envolvimento de Bullaro com o grupo seguia seus próprios termos. Ele desfrutava das experiências sexuais com as mulheres que cercavam Williamson — Barbara, Arlene, Gail e a

exótica Oralia, com quem finalmente transou —, mas, ao mesmo tempo, não se considerava obrigado a obedecer aos desejos de Williamson. Ao contrário dos outros homens, que abandonaram ou negligenciaram seus empregos para viver e trabalhar em tempo integral na restauração da propriedade, Bullaro continuou a aparecer todos os dias em seu escritório na New York Life e todas as noites se reunia com a esposa e os outros na casa principal para jantar ou beber, depois de passarem o dia raspando assoalhos, pintando paredes, cortando lenha, aparando cercas vivas e, no caso de Williamson e Schwind, manobrando dois buldôzeres para cima e para baixo nas estradinhas íngremes, removendo pedras e aplainando o solo.

Bullaro alugara sua casa de Valley depois da compra de Sandstone, mas não mudou sua família para lá junto com os outros casais. Preferiu alugar um sítio nas proximidades, em Topanga Canyon, explicando aos Williamson que seus filhos ainda eram pequenos demais para serem expostos à liberdade adulta de Sandstone. E, embora ele e Judith tivessem contratado um arquiteto para projetar uma casa que, supostamente, iriam construir em um futuro próximo nos morros mais altos de Sandstone, Bullaro não tinha a menor intenção de deixar as coisas irem tão longe. Estava marcando passo, aceitando temporariamente o novo feminismo da esposa, participando da nudez grupal e do prazer disponível com frequência na casa central e tentando esconder a hostilidade e o ciúme cada vez mais profundos que sentia em relação ao tranquilo, robusto e loiro Williamson, que mantinha Judith como refém amorosa.

Mas certa noite, quando todos estavam relaxando nus na casa principal, depois de um dia de trabalho físico duro sob calor sufocante, Bullaro não conseguiu mais esconder sua animosidade. Naquele fim de tarde, viera do escritório pensando no poder que Williamson exercia sobre o grupo e concluía que tinha mais a ver com sua capacidade de explorar o enorme vazio da existência daquelas pessoas do que com qualquer sabedoria ou dinamismo de sua parte.

Bullaro pensava que a maioria das pessoas nascia para seguir alguém, errantes em busca de guias, discípulos crédulos de qualquer teórico, teólogo, ditador, traficante ou maharishi hollywoodiano que promettesse curas e soluções palatáveis. A Califórnia, sem raízes e seguidora de modismos, era particularmente receptiva a ideias novas, e qualquer visionário forte e determinado, se fosse suficientemente esperto para manter-se vago e esquivo o bastante para que os outros projetassem nele seus ideais e fantasias, mais cedo ou mais tarde atrairia sua cota de adeptos. Williamson, na opinião de Bullaro, pertencia a essa categoria, defendendo uma filosofia que ignorava o pecado e a culpa e celebrava o prazer. Lisonjeava seus seguidores, chamando-os de “povo da mudança”, atribuindo-lhes o poder de mudar outras pessoas, assim como eles mesmos tinham se transformado em pioneiros praticantes das teorias sexuais de Williamson. Embora tivesse de reconhecer que ele mudara completamente Judith, Bullaro duvidava que fosse capaz de vender seu estilo de vida despreocupado ao vasto mercado para além da montanha. E era isto precisamente o que Williamson tinha em mente: pretendia comercializar sua

filosofia, anunciar o projeto Sandstone na imprensa e induzir casais a pagar taxas para visitar seu “povo da mudança”, compartilhar seu prazer e, se possível, converter-se. Williamson era um guru da carne.

Bullaro sabia que Williamson não concordaria com essa avaliação carnal dos propósitos e objetivos de Sandstone, mas não estava preocupado com nenhuma opinião dele naquela noite, quando estacionou o carro, entrou na casa principal e encontrou Judith nua, reclinada no deck ao lado de Williamson, enquanto o resto do grupo conversava tranquilamente na sala, a maioria ignorando sua chegada.

Depois de tirar as roupas e pendurá-las no closet perto da porta da frente, Bullaro dirigiu-se ao deck, mas parou quando ouviu o comentário sarcástico de Barbara sobre sua habilidade excepcional de chegar a Sandstone só depois que o grupo tinha terminado as tarefas do dia. Respondeu então em voz alta: “Por que não enfia esse seu comentário, Barbara? Não estou precisando das suas asneiras hoje!”.

Barbara sorriu, satisfeita por ser capaz de provocá-lo com facilidade; mas, no deck, o supino Williamson virou-se lentamente, apoiou-se nos cotovelos e, olhando para Bullaro, perguntou sem irritação: “Por que você nunca escuta o que ela diz sem deixar que seu ego inflado se intrometa?”.

“Porque não acho que *ela* seja uma grande juíza de caráter. Ela deveria gastar o tempo tentando resolver seus próprios problemas, que são muitos, e não desperdiçá-lo me amolando.”

Williamson balançou a cabeça em silêncio, como se decidisse que a questão era boba demais para discutir, mas Bullaro

continuou, com raiva: “E por que você não a deixa brigar suas próprias brigas? Ou ela é incapaz, sem seu grande apoio e orientação?”.

Quando Williamson se levantou, todos ficaram apreensivos, pois nunca tinham visto alguém se dirigir a ele com tanta rudeza. Judith levantou-se também, segurando o braço de Williamson, aliada a ele contra o marido.

“Barbara pode cuidar dela muito melhor do que você cuida de si”, Williamson declarou com firmeza, o rosto vermelho de ira. “Você está sempre tão preocupado com o fracasso que não percebe o que está acontecendo ao redor. Todo mundo vem trabalhando duro há meses para deixar este lugar em ordem, para começarmos a ganhar dinheiro e sustentar o que achamos que é importante, e até agora você só tem se preocupado com a merda do seu ego patético.”

“Você tem toda a razão, estou preocupado com meu ego”, gritou Bullaro, “porque essa merda de grupo sob sua hábil direção tem trabalhado em tempo integral para destruí-lo e a minha família. Seu maior barato na vida é foder a mulher dos outros. Parece que você não gosta muito de comer a sua própria mulher!”

Williamson olhou duro para Bullaro e disse: “Você simplesmente não pode suportar a ideia de que sua mulher está respondendo a outras pessoas e crescendo como pessoa. Você preferiria mantê-la trancada num armário enquanto continua seu joguinho insidioso de sexo furtivo. Não foi assim que você caiu na armadilha, antes de mais nada?”.

Antes que Bullaro pudesse responder, Williamson passou abruptamente por ele, com Judith atrás, deixando-o sozinho, perto da porta de vidro do deck. Bullaro sentiu o coração disparar e uma mistura de medo e satisfação. Tinha desafiado Williamson, algo que antes não tivera coragem de fazer, mas agora, olhando para o céu noturno, estava inseguro. Saiu para o deck, onde havia uma brisa leve, e sentou-se numa das cadeiras baixas. Podia ver as luzes distantes da costa e ouvir os grilos na beira do gramado. Sabia que tinha perdido Judith, ao menos por enquanto, e, embora admitisse estar surpreso com a lealdade dela a Williamson, ainda acreditava que a recuperaria quando quisesse, se quisesse. Naquele momento, não estava certo de querer.

Depois de algum tempo sentado ali, ouviu alguém atrás dele e, virando-se, viu a esposa de um farmacêutico chamado Bruce, uma mulher positiva, de seios pequenos e firmes. Achou que tivesse vindo consolá-lo, mas ela perguntou, quase num sussurro: “Como é que você foi capaz de dizer aquelas coisas para John, depois de tudo o que ele tentou fazer por nós?”.

Reprimindo a raiva, Bullaro não respondeu. Mas percebeu que não poderia mais ficar entre os ídólatras absurdos de Williamson. Levantou-se, foi até o closet e começou a se vestir. Notou que a porta do quarto de Williamson estava fechada e ouviu vozes lá dentro, porém não chamou Judith para dizer que estava indo embora; naquela noite, ela teria de pegar carona com alguém para voltar para casa.

As crianças e a babá estavam dormindo quando ele chegou e, exausto, foi imediatamente para a cama. Na manhã seguinte,

uma sexta-feira, acordou cedo e viu que Judith ainda não tinha voltado. Ficou inquieto, mas não alarmado. No café da manhã, disse às crianças e à babá adolescente que Judith voltaria mais tarde, o que elas aceitaram sem discutir. Foi para o escritório e ficou ocupado com os negócios pelo resto do dia; às cinco horas, decidiu num impulso que *e/le* passaria a noite fora de casa e deixaria Judith imaginando aonde ele poderia ter ido.

Desceu as estradas curvas do cânion até a Pacific Coast Highway e virou à direita, na direção de Malibu. Ao parar nos semáforos, via rapazes e garotas bronzeadas, de biquíni e trajes de surfe, atravessando a rua, cultivadores do sol balançando pranchas coloridas e sorrindo despreocupadamente para a fileira de motoristas. Continuando seu passeio de carro ao longo da praia, Bullaro passou por caroneiros hippies e, quando entrou no estacionamento de um motel e saiu do carro, viu perto dele uma garota de cabelos loiros longos, adorável mas descomposta, coberta de poeira e parecendo cansada. Aproximou-se dela e perguntou se gostaria de comer alguma coisa com ele no café do motel. Ela fez que sim com a cabeça e o seguiu.

Bullaro sentou-se e pediu um hambúrguer e uma coca para a garota enquanto ela ia ao banheiro. Embora parecesse mais refrescada ao voltar, ele podia sentir seu odor rançoso, de quem não tomava banho havia semanas, e resistiu à tentação de convidá-la a ficar em seu quarto de motel. Dormiu sozinho naquela noite, pensando em Judith, mas gozando a solidão e a independência de estar longe do séquito de Williamson. Mais tarde, porém, ao retornar para casa e ver que Judith ainda não voltara, sentiu pela primeira vez um leve pânico.

Tinha uma aula de mergulho marcada para o final da manhã na praia, com David Schwind e Bruce, o farmacêutico. Como a babá não trabalharia no fim de semana, ele levou as crianças consigo, confiando em que Judith, ansiosa para vê-las, iria com David e Bruce. Bullaro chegou cedo e, depois de tirar o equipamento de mergulho do carro, brincou com as crianças na praia.

Dentro em pouco, viu o Cadillac de David entrando na área de estacionamento; havia três pessoas no banco dianteiro, mas Judith não viera. Além de David e Bruce, lá estava a mulher que o tinha censurado no deck duas noites antes, a desinibida esposa de Bruce. Os dois homens cumprimentaram-no quando se reuniram aos outros, mas a esposa de Bruce virou as costas quando o viu. Bullaro só podia deduzir, uma vez que ela jamais viera à aula de mergulho, que Williamson a mandara junto para impedir que os homens conversassem com ele. Ela ficou perto de David e do marido quando eles não estavam na água e, assim que a aula terminou, pediu que fossem direto para o carro. Bullaro ficou frustradíssimo vendo-os ir embora e, não pela primeira vez, pensou em matar Williamson. Escondido no mato, seria fácil acertá-lo com um rifle quando ele estivesse subindo e descendo o morro com o buldôzer.

Ao chegar em casa com as crianças, não vendo sinal de Judith, não conseguiu resistir ao impulso de telefonar-lhe em Sandstone, embora não tivesse ideia do que dizer. Estava amargurado e sentia-se traído por ela, porém queria falar-lhe. Enquanto ouvia o telefone chamar, quase desligou, mas então

ouviu a voz de Barbara. Pediu para falar com Judith, mas Barbara disse: “Vou ver se ela quer falar com você”.

“Vá mesmo!”, disse ele com rispidez.

Instantes depois, Barbara voltou ao telefone.

“Ela não quer falar com você.”

“Diga-lhe que preciso falar com ela sobre as crianças.”

Houve outra pausa e Barbara repetiu: “Ela não quer falar com você”.

Bullaro queria gritar, fazer ameaças, mas sabia que as crianças poderiam se assustar, então desligou e tentou conter sua fúria.

Mais tarde, depois de fazer o jantar dos filhos, brincar com eles e pô-los para dormir, telefonou de novo para Sandstone. Quando Barbara ouviu sua voz, explicou com irritação: “Escute, John, Judy simplesmente não quer falar com você. Ela está tomando providências sobre as crianças, mas todos nós gostaríamos que você parasse de telefonar. Tivemos um dia duro e estamos todos cansados”.

Barbara desligou. Bullaro ficou com o telefone mudo na mão, abalado, furioso, desamparado. Não havia na cidade ninguém a quem ele pudesse recorrer — ninguém da seguradora, nenhum familiar ou amigo. Todos aqueles que conhecera intimamente nos últimos anos estavam sob a influência de Williamson e fazendo dele um simples corno, um curador de crianças, um homem destituído de dignidade e confiança. Como John Williamson dissera no deck, a culpa era dele mesmo por se deixar aprisionar naquela situação; tinha desfrutado do corpo de muitas mulheres e só ficara infeliz depois que Judith começara a afirmar sua independência.

Porém, Bullaro via uma diferença entre o que ele fizera e o que ela estava fazendo. Para ele, sexo com Barbara, Arlene, Gail e Oralia era apenas recreação, algo prazeroso e descomplicado que não ameaçava seu casamento, ao passo que Judith estava claramente se apaixonando por Williamson. Mostrava-se mais comprometida e fiel a ele do que ao marido — o que se confirmava por sua atitude no confronto entre os dois homens e por sua maneira de quase se agarrar a Williamson desde que se tornaram amantes. Isso não parecia perturbar Barbara, mas irritava cada vez mais Bullaro; na verdade, a mera visão dos dois juntos deitados nus no deck naquela noite, um casal saboreando sua intimidade, tinha ferido Bullaro mais do que ele queria admitir. O que começara como uma experiência de grupo para compensar o duplo padrão tinha se transformado num caso sério de amor para Judith. As relações sexuais com Williamson obviamente não bastavam para ela: tinha de enfeitar com romance, pôr Williamson no centro de sua vida, ameaçar o casamento e o bem-estar dos filhos.

Isso era bem típico de mulheres tradicionais como Judith, pensava Bullaro com rancor: simplesmente não conseguiam desfrutar do sexo extraconjugal sem se envolverem emocionalmente mais cedo ou mais tarde, o que as tornava diferentes de homens como ele. O homem casado comum, se tivesse energia, podia ter sexo com várias mulheres sem que a afeição e o desejo pela esposa diminuíssem. Contudo mulheres como Judith — ao contrário das *realmente* liberadas, como Barbara e Arlene — não conseguiam aceitar um homem como

instrumento temporário de prazer: queriam luzes suaves e promessas, não só um pênis, mas o homem anexo a ele.

A compreensão disso, no entanto, não traria Judith de volta para casa, e Bullaro percebeu que, se não fizesse as pazes com Williamson e não fosse readmitido em Sandstone, tinha poucas chances até mesmo de se comunicar com ela. Embora não tivesse certeza de que ainda a amava — não depois de toda a angústia e humilhação que ela lhe causara —, com um pouco de reflexão concluiu que precisava dela e não queria perdê-la, especialmente para Williamson. Além disso, Bullaro sentia falta do grupo, pois, apesar de todas as imperfeições, representava o único contato humano íntimo que *tinha* então; seus medos infantis do isolamento e da rejeição ainda o assombravam. Assim, decidiu que tinha de reprimir o orgulho e a raiva e ir pessoalmente a Sandstone para implorar perdão. Isso significaria uma capitulação total de sua parte, mas não parecia haver outra alternativa, exceto a violência.

Bullaro telefonou para sua irmã mais moça, solteira, e pediu-lhe com insistência que ficasse com as crianças naquela noite. Ela chegou pouco antes das onze horas e ele partiu para Sandstone, pisando fundo no acelerador, inclinando sua grande station wagon nas curvas da montanha. Ainda se sentia um pouco envergonhado do que estava fazendo, mas naquelas estradas estreitas não havia como dar meia-volta, e ele continuou sem hesitar até estacionar no pátio da casa principal. A maioria das luzes externas estava apagada, e as cortinas das grandes janelas estavam fechadas. Bateu à porta várias vezes até que ouviu passos e a voz de Barbara: “O que você quer?”.

“Quero falar com John”, disse Bullaro.

Houve uma pausa, depois a porta se abriu pela metade. Bullaro viu John Williamson atrás de Barbara na sala escura e, sem esperar por nenhuma resposta, disse com voz calma: “John, quero pedir desculpas pela outra noite”.

Williamson ficou em silêncio, rígido, resistindo ao apelo de Bullaro. Por fim, Barbara perguntou: “Você está falando sério?”.

“Estou.”

Então Williamson falou, num tom delicado, mas decidido: “Tem certeza de que não está dizendo isso apenas para se aproximar de Judy?”.

“Tenho”, respondeu Bullaro. “Eu realmente sinto muito pelo que aconteceu... e gostaria de fazer parte do grupo de novo.”

Bullaro esperou à porta, de cabeça baixa, começando a acreditar no que estava dizendo. Sentiu então a mão de Williamson em seu ombro e Barbara abriu a porta para que entrasse. Atrás dela, na sala escura, estavam os outros escutando, todos, exceto Judith. Enquanto vinham abraçá-lo, Bullaro ouviu a advertência de Williamson: “Judy não que viver mais com sua hostilidade”.

“Não a condeno por isso”, respondeu Bullaro.

Pouco depois surgiu a figura loira e atraente de Judith, parecendo ao mesmo tempo familiar e distante, e aproximou-se com os braços abertos para recebê-lo. Ficaram abraçados por vários minutos, e Bullaro sentiu os beijos dela e seu próprio desejo. Uma a uma, as outras pessoas saíram e deixaram-nos sozinhos no meio da sala enorme. Judith tomou sua mão e conduziu-o para um quarto. Lentamente, ajudou-o a tirar a roupa

e, naquela noite, fez amor com uma paixão e uma emoção que ele não sentia na esposa havia anos.

Na manhã seguinte, acordaram tarde e tomaram café juntos, como se fosse feriado; todos estavam descontraídos e alegres, e quando Bullaro viu John Williamson parecia jamais ter havido hostilidade entre eles. O estilo de Williamson era notável, pensou Bullaro: podia ser sinistro um dia, santo no outro, e sem esforço aparente seu humor alterava a atmosfera da casa inteira e influenciava todos. Naquela manhã, ele estava com sua veia mais generosa e não fez Bullaro sentir-se um penitente, um renegado constrangido a reconquistar lentamente a confiança e a aceitação do grupo. Bullaro estava espantosamente à vontade com todos eles — Barbara, Oralia, até a mulher do farmacêutico — e nos dias seguintes, sem sentir-se obrigado, passou mais tempo em Sandstone e começou a trabalhar na propriedade.

Ficava menos tempo no escritório da New York Life, confiando em que os corretores contratados e treinados pessoalmente por ele não precisavam mais de sua supervisão constante; decidiu também que a partir de então iria levar a vida com mais independência. A companhia podia sobreviver sem ele, e ele sem ela. Trabalhava na mesma empresa havia muito tempo, talvez demais, e agora pretendia dedicar mais tempo a seu eu interior e testar por completo sua compatibilidade com aquele lugar incomum.

Ficar em Sandstone durante o dia permitiu-lhe ver com mais clareza os notáveis melhoramentos feitos na propriedade. Tanto a casa principal como as menores, morro acima, tinham pintura nova e mobília confortável. A parte do paisagismo estava quase

pronta, as estradas estavam aplainadas, se não inteiramente pavimentadas, e as redes elétrica e hidráulica tinham sido consertadas ou substituídas. A piscina coberta, com água aquecida à temperatura do corpo, era um dos lugares preferidos do grupo para se reunir nas noites frias, assim como o morro alto atrás da casa principal, que oferecia uma vista magnífica do Pacífico ao entardecer. As noites eram tranquilas e serenas — o vizinho mais próximo de Sandstone ficava a 3 quilômetros de distância —, e os únicos intrusos noturnos eram um casal de racuns que pulava a cerca da propriedade e raspava inutilmente suas garras nas latas de lixo bem fechadas que ficavam do lado de fora da escada que levava à cozinha.

Certa noite, após o jantar, quando o grupo estava reunido na sala, Bullaro sentiu-se compelido a descrever o efeito positivo da volta a Sandstone sobre ele. Anunciou, com satisfação, que tinha superado sua postura defensiva e estava liberto das forças limitadoras que o prendiam na cidade. Williamson ouviu em silêncio e depois sugeriu que Bullaro testasse suas emoções indo para o deserto e passando um tempo em solidão absoluta.

“Ah, eu poderia fazer isso”, Bullaro respondeu imediatamente, quase se gabando.

“Então *faça* isso”, disse Williamson, com firmeza.

“Farei neste fim de semana”, disse Bullaro.

“Por que não *agora*?”, perguntou Williamson. Bullaro ficou atônito com o desafio e, olhando em volta, notou que todos o observavam à espera de sua reação. Era perto de onze da noite, uma hora ridícula para ir de carro ao deserto, mas Bullaro não viu

como evitá-lo. Tentando parecer descontraído, disse: “Tudo bem. Eu vou”.

Williamson procurou as chaves de um carro no consolo da lareira e passou-as para Bullaro. Eram as chaves do Jaguar conversível de Williamson. Bullaro pegou-as sem comentário, imaginando se Williamson as escolhera para impedi-lo de passar a noite dentro de sua station wagon, em vez de dormir na areia do deserto.

Bullaro vestiu short, camisa e botas e lotou o carro esporte com um saco de dormir, latas de comida e água, lenha e uma faca grande de lâmina retrátil. Judith ajudou-o, enquanto os outros observavam da varanda. Bullaro sentia um formigamento de excitação por ser o centro das atenções e, por motivos que não entendia bem, estava ansioso pela viagem. Em suas fantasias de adolescência, via-se frequentemente como um explorador, um aventureiro quixotesco, mas na vida real, antes de conhecer Williamson, fora guiado pela cautela e a convenção. Beijou Judith, entrou no carro e ligou o motor. Antes de partir, virou-se e acenou para o grupo reunido em torno de Williamson — notou que ele sorria.

Dirigindo pelo vale, Bullaro foi para o norte, até a cidade de Lancaster, e duas horas depois tomou a direção leste, no sentido do deserto de Mojave. A noite estava quente quando partira, mas agora fazia frio, e ele parou para pôr a capota. Não havia outros automóveis por ali, e a terra árida e plana dos dois lados da estrada estava na escuridão. Andou por mais uma hora, pensando em Judith, nos filhos e nas pessoas de Sandstone, lembrando a si mesmo, enquanto rodava no meio da noite, que

estava na direção de um veículo em movimento sem destino específico; era uma jornada imprecisa rumo a seu próprio interior.

Continuou a dirigir até cabecear de fadiga. Então diminuiu a marcha e, após piscar a luz alta, saiu com cuidado da estrada e dirigiu-se em meio à areia dura do deserto para uma grande moita. Achou que aquilo serviria de abrigo contra o vento. Abriu o saco de dormir, deitou-se e dormiu quase imediatamente.

Às sete da manhã, acordou com um sol fulgurante e, olhando em volta, não viu mais do que quilômetros de paisagem vazia, vegetação rala, pedras e um céu azul pálido. Jamais estivera tão sozinho, e ficou empolgado com a claridade e a tranquilidade. Descansado e relaxado, ansiava por começar aquele dia que não esperava nada dele e de que ele nada esperava.

Depois de beber água do cantil e abrir uma lata de comida, caminhou algumas centenas de metros e cavou um buraco onde defecar. Estava longe da estrada e provavelmente a quilômetros de qualquer contato humano, mas mesmo assim sentiu-se esquisito ao afrouxar o cinto e deixar cair o short à luz do dia; se houvesse uma moita por perto, ele a usaria para proteger sua privacidade. De qualquer forma, agachou-se, equilibrando-se com os braços para a frente, e começava a se acomodar naquela posição quando, de repente, ouviu um som estridente ao longe. Olhou em volta e não viu nada. Mas o som persistia, parecendo mais alto e mais próximo; então, olhou para cima e viu descendo em sua direção um avião pequeno, cujo piloto certamente pensava que ele estava perdido ou em dificuldades. Constrangido, Bullaro levantou-se depressa e puxou o short. O avião passou por ele, depois fez a volta para uma segunda

passagem. Bullaro acenou com um gesto tranquilo. Quando o avião foi embora e o silêncio voltou, deixou cair as calças e retomou sua posição agachada.

Mais para o final da manhã, de volta à estrada e penetrando mais fundo no deserto, parou num pequeno posto de gasolina e depois seguiu na direção do Vale da Morte. Havia outros veículos na estrada, a maioria caminhões grandes correndo pelo concreto e jogando areia em seu para-brisa. Ao meio-dia, a temperatura chegava a 38 graus, e ele sentia a camisa grudada nas costas, a pele coçando; imaginou que devia estar cheirando como a caroneira loira que encontrara recentemente no motel de Malibu. Pensou que seria bom mergulhar na piscina de Sandstone e ver os corpos nus de Judith, Oralia e as outras. Pretendia voltar para Sandstone antes do anoitecer, mas decidiu que devia passar outra noite no deserto, embora estivesse começando a ficar inquieto. Reagira ao desafio de Williamson e por isso estava agora encharcado de suor naquele deserto, mais uma vez vítima tola de seu ego, mas buscou satisfação na certeza de que ainda podia aceitar um desafio, estava aberto a novas experiências e não era, como a maioria dos homens de sua idade, resistente a mudanças.

Refletiu sobre Williamson e o grupo durante a tarde e o começo da noite, enquanto acampava num trecho desolado de terra, não longe de China Lake, ao longo do limite ocidental do Vale da Morte. Estava mais frio do que na noite anterior; Bullaro juntou pedaços de lenha e pequenos galhos secos, acendeu uma fogueira e deitou-se no saco de dormir, olhando para as estrelas. Ouvia o uivo dos coiotes ao longe, um som inquietante. Lera em

algun lugar que os coiotes eram corajosos em grupo, mas covardes quando sozinhos; suspeitava que aquilo talvez valesse para ele mesmo. Dependia dos outros; era confiante quando estava em grupo, porém deficiente quando sozinho, tal como uma acha de lenha solitária, incapaz de sustentar uma fogueira. Não conseguiu dormir naquela noite; ao amanhecer, arrumou suas coisas no porta-malas do carro e começou a longa viagem de volta a Sandstone.

Quando chegou ao topo da montanha e atravessou os marcos de pedra na direção das árvores familiares que cercavam a casa principal, ficou impressionado como nunca com a beleza do lugar e regozijou-se por fazer parte dele. Estacionou o carro e, enquanto o descarregava, viu David Schwind acenando para ele de um trator. Ao virar-se, viu John Williamson caminhando sorridente em sua direção para saudá-lo.

Williamson estendeu os braços e, quando Bullaro fez o mesmo, abraçou-o de uma maneira que os homens não faziam na cidade. Ficaram conversando ali por alguns instantes: Bullaro descreveu a viagem, contando onde estivera, o que sentira e admitindo por fim que o tempo passado na solidão tinha esclarecido e reforçado seu compromisso com Williamson e a comunidade do amor.

Williamson assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Mas, antes que ele se voltasse para entrar na casa, Bullaro notou, espantado, que havia lágrimas nos olhos dele.

18.

Sandstone — e o que John Williamson estava tentando criar ali — não era muito diferente da comunidade idealizada em *Um estranho numa terra estranha*, romance de ficção científica de Robert Heinlein, no qual um grupo de homens e mulheres vivem em confortável isolamento, nadam juntos nus numa piscina aquecida, fazem amor uns com os outros sem vergonha e culpa e desafiam o nono mandamento porque, como explica a personagem principal do livro: “Não é preciso cobiçar minha mulher. Ame-a! Ela tem um amor sem limites...”.

Williamson admitia uma semelhança temática entre o romance e suas ambições em Sandstone, mas negava que o livro de Heinlein fosse uma fonte de inspiração, considerando-o apenas uma das muitas versões e evocações simplistas de um desejo real e poderoso que consumira certos homens durante séculos: reacender na cultura ocidental o espírito do amor festivo e do acasalamento alegre, derivado dos ritos de fertilidade pagãos, que existira entre os cristãos primitivos antes da influência obscurantista da Igreja medieval, com sua ênfase no pecado e na culpa.

Um homem com quem Williamson *poderia* se identificar era o pintor flamengo do século XV Hieronymus Bosch, líder de um

grupo de libertinos conhecido como Irmãos e Irmãs do Espírito Livre, uma seita erótica que se considerava descendente direta de Adão e Eva. Realizavam seus cultos em igrejas secretas que chamavam de Paraíso, nus, entregando-se ao sexo grupal, que para eles era uma experiência de amor compartilhado, não uma orgia impessoal. Citando o celibato dos padres e freiras como contrário à natureza e discordando da noção de que o prazer sexual era uma fonte do pecado original, os Irmãos e Irmãs, também chamados de adamitas, acabaram destruídos durante a Inquisição, embora uma lembrança das reuniões do grupo nu sobreviva nas pinturas de Bosch.

Mais próxima de Williamson no tempo e no espaço estava a utopia de Oneida, Nova York, criada no século XIX por um teólogo radical que, com sua esposa, praticava o amor livre com os amigos mais próximos e durante trinta anos seguiu uma política de “corte perpétua”, com miríades de amantes numa bem-aventurada propriedade rural isolada que identificava como o paraíso na terra. No centro da propriedade havia uma impressionante mansão construída por ele e seus adeptos, grande o suficiente para cem pessoas; era circundada por outras construções, que serviam de dormitórios e escolas para as muitas crianças da comunidade, e fábricas onde os membros do grupo conduziam vários negócios prósperos, um dos quais, a companhia de colheres estanhadas Oneida, aberta na década de 1870, perduraria e se transformaria numa empresa multimilionária no século XX.

John Humphrey Noyes, o fundador de Oneida, era um autocrata digno, com uma barba ruiva bem aparada, que estudara para ministro no Seminário Teológico de Andover e na Escola de Teologia de Yale na década de 1830. Mas as diferenças entre ele e seus superiores eclesiásticos, relacionadas com sua interpretação da Bíblia, impediram sua ordenação e relegaram-no a uma vida de pregador renegado.

O que mais incomodava os líderes da igreja da Nova Inglaterra eram as ideias de Noyes sobre sexo e casamento e sua afirmação de que a Bíblia defendia o amor comunal e a relação física entre todos os verdadeiros crentes em Deus. Em vez de casamentos monogâmicos, que considerava uma manifestação de egoísmo e possessividade que diminuía a capacidade das pessoas de estenderem o amor às outras, Noyes imaginava um “casamento complexo”, um arranjo em que grupos harmoniosos de homens e mulheres morassem e trabalhassem juntos, fizessem amor regularmente embora jamais com parceiros exclusivos, e fossem os pais coletivos de todas as crianças nascidas no grupo. Num esforço para limitar os nascimentos a um número que a comunidade pudesse sustentar financeiramente, e também no interesse das mulheres, que teriam mais prazer no sexo sem o medo de uma gravidez indesejada e dos perigos do parto, Noyes exortava seus homens a segurar a ejaculação durante a relação sexual, *exceto* no caso dos casais que solicitavam e obtinham sua aprovação para terem filhos ou que ele mesmo tivesse selecionado para a procriação.

A aventura de Noyes em eugenia e seu convincente poder sobre os atos sexuais de outras pessoas só eram possíveis

porque seus adeptos o aceitavam como um instrumento inspirado da vontade de Deus. Ele era o messias, um erudito majestosamente distante que lhes prometia a salvação do pecado, bem como prosperidade, saúde e satisfação sexual com vários parceiros. A vida tinha de ser feliz, dizia ele para tranquilizar suas coortes: “O homem mais feliz é o melhor homem e faz mais o bem”. Referindo-se ao puritanismo que prevalecia no mundo externo, declarava: “Ter vergonha dos órgãos sexuais é envergonhar-se da obra de Deus”. E acrescentava: “A reforma moral que surge do sentimento de vergonha tenta uma guerra inútil contra a natureza”.

Mas a aprovação de John Humphrey Noyes ao prazer não significava que tolerasse o hedonismo desestruturado ou a preguiça. Todos os homens e mulheres da comunidade deviam trabalhar seis dias por semana — na fazenda, na mansão, na escola ou num dos empreendimentos de Oneida. E todo o dinheiro ganho com a manufatura e a venda dos produtos feitos ali — só em 1866, a fábrica de armadilhas para animais faturou 88 mil dólares — ia diretamente para o fundo comum que sustentava os altos padrões de vida de Oneida.

Os médicos residentes proporcionavam cuidados médicos e dentais gratuitos; alfaiates e costureiras, chapeleiros e sapateiros confeccionavam e consertavam tudo o que se usava; duas refeições, às vezes três, eram servidas no imenso refeitório da mansão. No porão havia um banho turco; nos espaçosos gramados de 110 hectares, quadras de croquê e beisebol. Podia-se velejar e pescar no lago Oneida, nadar num tanque e divertir-se com a orquestra de 22 músicos e com a companhia de teatro;

nos fins de semana, realizava-se um baile comunal no salão de danças da mansão.

Todas as crianças deviam frequentar a escola comunitária até os dezesseis anos, e alguns dos estudantes mais ambiciosos eram mandados para Yale ou Columbia, onde estudavam medicina, direito ou engenharia. Depois de formados, alguns retornavam para viver e trabalhar na comunidade em expansão. Quando Noyes achava que os jovens de Oneida estavam maduros para a primeira experiência sexual, mulheres da comunidade apresentavam-se como voluntárias para partilhar suas camas com adolescentes, enquanto Noyes ou outros homens mais velhos de sua escolha instruía as moças virgens. Na opinião dele, esse sistema, além de agradar aos mais velhos, oferecia aos jovens o benefício de terem amantes mais experientes — e, uma vez que os homens mais velhos já tinham provado fidelidade a sua política de “continência masculina”, havia pouco risco de gravidez indesejada. Embora os jovens tivessem permissão para desfrutar do sexo com parceiros de sua faixa etária, era constante a pressão da comunidade contra qualquer sinal de amor “exclusivo”. Como tudo em Oneida, o corpo tinha de ser compartilhado; qualquer tipo de possessividade era considerado contrário ao espírito comunitário e à vontade de Deus.

Nas escolas maternais e salas de brincar, as crianças cedo aprendiam que não eram proprietárias de nenhum brinquedo específico: todos deviam ser compartilhados. Quando os supervisores notaram que várias meninas estavam se apegando a certas bonecas, cuidando delas, conversando com

elas e levando-as para a cama à noite, fizeram-se esforços para reprimir a imitação do papel materno tradicional. Ensinaram às meninas que as bonecas eram falsificações da vida e que tais preocupações não honravam o ideal feminino de Oneida.

As mulheres da comunidade não consideravam que os objetivos centrais do sexo feminino fossem a maternidade e a vida doméstica. Concordavam com o que Noyes dizia sobre as mulheres casadas do mundo exterior — que se transformavam com muita frequência em “servas da propagação” — e tinham como alvo o crescimento espiritual, a emancipação pessoal e o aperfeiçoamento intelectual. Noyes estimulava-as a frequentar as aulas de educação adulta ministradas à noite na mansão e a servir-se dos 4 mil volumes da biblioteca. Usavam saias curtas sobre ceroulas longas e franzidas, cabelos com franja retos na nuca e assumiam estatuto igual ao dos homens com respeito aos deveres e papéis na comunidade — davam turnos nas fábricas, assim como os homens nas cozinhas. Embora dividissem igualmente atenção e afeição entre todas as crianças de Oneida, achavam que a predileção das meninas pelas bonecas — figuras de cera enfeitadas, com rostos pintados, cujos trajes refletiam o estilo do mundo externo — alimentava um espírito indesejável que devia ser exorcizado de alguma forma.

Uma professora recomendou, como solução, que todas as bonecas fossem despidas e empilhadas sobre brasas, para serem “queimadas numa alegre fogueira”. Depois que essa sugestão foi examinada pela comissão encarregada da escola maternal, as próprias crianças foram reunidas para enfrentar o problema — com algum estímulo dos mais velhos, os meninos

votaram por unanimidade por queimar as bonecas, e as meninas, embora relutantes, enfim concordaram. Uma das meninas que entregou sua boneca relembrou anos depois a cena daquele terrível dia de 1851: “Na hora designada, formamos todas um círculo em torno do fogão, cada menina levando nos braços sua favorita e marchando ao ritmo de uma canção. Chegando à frente da porta do fogão, jogamos nossas bonecas nas flamas raivosas e as vimos perecer diante de nossos olhos”.

John Humphrey Noyes aprovava pessoalmente a queima, dizendo que “o espírito-boneca é uma espécie de idolatria e deveria ser classificado como a adoração de imagens”. Com a mesma facilidade ele bania de Oneida qualquer ser humano que persistisse em demonstrações de atos de amor “exclusivo”, fosse o de uma mãe pelo filho ou o de dois apaixonados. “O novo mandamento”, escreveu Noyes, “é que amemos uns aos outros [...] não aos pares, como no mundo, mas *en masse*.” Um membro de Oneida obediente e temente a Deus não devia ser privado de amor e atenção por causa do apego egoísta dos parentes ou das paixões possessivas de determinado casal. Noyes insistia: “Os corações devem estar livres para amar todos os fiéis e pessoas dignas”. Quando um homem confessou que estava apaixonado irremediavelmente por uma mulher, Noyes comentou com impaciência: “Você não a ama; ama a felicidade”.

As concepções heterodoxas de John Humphrey Noyes sobre amor e casamento não eram consequência de uma infância não convencional, pois sua proeminente e próspera família de Vermont, onde ele nasceu em 1811, em Brattleboro, não era de

forma alguma excêntrica. Sua mãe, Polly Hayes, era uma mulher inteligente e delicada, descendente da família da Nova Inglaterra que geraria o décimo nono presidente dos Estados Unidos, Rutherford B. Hayes. Seu pai, John Noyes Sr., que fora sucessivamente professor (fora tutor de Daniel Webster), ministro e homem de negócios bem-sucedido, foi eleito para o Congresso pelos eleitores do sul de Vermont quando John Humphrey Noyes tinha quatro anos.

Quando menino, Noyes era popular entre os companheiros, gostava vigorosamente da vida ao ar livre e de esportes e era um aluno diligente que, tal como o pai, formou-se com distinção pelo Dartmouth College. Ao deixar o campus em 1830, com a intenção de estudar advocacia, Noyes sentiu-se atraído pelo talento e a convicção de certos ministros evangélicos que, perto de sua casa e em toda a Nova Inglaterra, em nome de Deus desafiavam a interpretação tradicional da Bíblia e contestavam a doutrina calvinista sobre a indignidade humana e o predomínio do pecado e da predestinação. Alguns ministros chegavam a sugerir que as pessoas podiam, depois de uma verdadeira conversão, elevar-se acima do pecado e alcançar a perfeição na terra, promessa que não só atraía vastas audiências como parecia factível no período posterior à Guerra da Independência, quando tudo parecia possível. Era uma época de grande entusiasmo e otimismo nos Estados Unidos; a jovem nação, tendo cortado os laços oficiais com a mãe-pátria, estava agora livre para se expandir e explorar mais profundamente suas regiões selvagens e sua consciência, reavaliando seu passado puritano e buscando o controle de seu próprio destino.

Em 1827 um homem chamado Joseph Smith, filho de um agricultor pobre da Nova Inglaterra, afirmara ter se comunicado com o anjo Moroni. Em consequência disso e de outras revelações, fundou o mormonismo e cultivou a poligamia — até que, em 1844, uma multidão irada invadiu a cadeia de Illinois em que ele estava detido e matou-o. O sucessor de Smith como profeta foi o pintor de paredes e vidraceiro Brigham Young, que conduziu os mórmons para Utah, onde a religião floresceu e permitiu que Young sustentasse suas 27 esposas.

Anos antes, na Pensilvânia, o ministro luterano George Rapp revelara ter recebido a visita do anjo Gabriel e, inspirado por ele, reunira em torno de si mais de oitocentos adeptos que moravam e trabalhavam, solidários e contentes, numa comunidade agrícola chamada Harmonia, praticando o celibato.

Frances Wright, uma mulher comunitarista e abolicionista de família escocesa rica, fundou em 1826, perto de Memphis, uma comunidade chamada Nashoba. Era uma fazenda de 800 hectares em que brancos e negros trabalhavam juntos e tinham permissão para dormir juntos — e muitos o faziam, até que a notícia da mistura sexual se espalhou pela vizinhança e provocou controvérsias que, acrescidas do contínuo déficit da fazenda, levaram o grupo a desfazer-se, em 1830. Frances Wright era conhecida tanto por opor-se à escravidão como pelas conferências e textos em que criticava a religião organizada e a instituição do casamento: “Na vida de casada, a mulher sacrifica sua independência e torna-se parte da propriedade do marido”.

Concepções semelhantes do casamento eram expressas com frequência na metade do século XIX por outras militantes

femininas e também por mulheres comuns que viviam nas comunidades de amor livre existentes no estado de Nova York e na Nova Inglaterra, e em cidades como Berlin Heights, Ohio. A liberdade entre os sexos era igualmente encorajada nas colônias “fourieristas”, que reuniam pessoas que buscavam a utopia não por meio do comunismo, mas dentro do capitalismo, inspiradas nos escritos do aristocrata francês Charles Fourier, um idealista excêntrico.

Fourier, que morreu em 1837, em Paris, fizera palestras e escrevera obras afirmando que a cobiça inerente ao homem do século XIX e sua natureza destrutiva só poderiam ser controladas e adequadas aos mais elevados objetivos do capitalismo se o sistema da civilização ocidental fosse radicalmente alterado. Fourier propunha que os líderes nacionais dividissem a população de seus países em grupos separados de aproximadamente 1600 pessoas; cada grupo viveria e trabalharia dentro de uma espécie de grande hotel industrial, ou “falanstério”, que satisfaria todas as necessidades privadas e profissionais do cidadão.

Em termos ideais, cada falanstério teria seis andares, alegremente decorados e confortavelmente mobiliados, com alas separadas para o trabalho e outras alas para as atividades sociais e domésticas. A renda de cada falanstério seria supervisionada por regentes, e os indivíduos se dedicariam às atividades em que fossem melhores, embora periodicamente devesse haver uma rotação para evitar o tédio. Todos receberiam um salário mínimo e, possivelmente, um salário mais alto, compatível com seu maior talento ou produtividade. O aluguel

dos apartamentos no falanstério variaria conforme o tamanho e os luxos que contivessem; se os inquilinos quisessem ocupar os mais caros e não tivessem como pagar o aluguel mais alto, poderiam compensar a diferença trabalhando mais horas. Assim, a mobilidade para cima por meio da produção maior era estimulada, mas nenhum membro da comunidade de Fourier poderia ser jogado no ostracismo por falta de diligência, nem deveria sentir frustração ou privação sexual. Até mesmo os menos atraentes fisicamente tinham a garantia de um “mínimo sexual” oferecido pelos “santos eróticos” que estariam à disposição em suítes privativas, reservadas para essa finalidade.

A monogamia era desestimulada por Fourier, que também considerava a família nuclear nociva para a utopia, por promover a possessividade, o nepotismo, o pensamento introspectivo e uma concepção estreita da vida, que ofuscava a visão mais grandiosa da humanidade. Embora Fourier não tenha conseguido, durante sua vida, levantar fundos suficientes para construir nem um falanstério sequer, algumas de suas ideias foram consideradas meritórias e até práticas por americanos influentes. Um deles foi Albert Brisbane, que o conheceu em Paris e cujo livro *O destino social do homem* chamou a atenção do editor do *Tribune* de Nova York, Horace Greenley, para o utopista francês. Greenley convidou Brisbane a servir-se das colunas de seu jornal para popularizar as teorias e fantasias de Fourier. Foi assim que o fourierismo se tornou uma moda menor nos Estados Unidos.

No começo da década de 1840, iniciaram-se dezenas de experimentos inspirados nas ideias de Fourier, promovidos por

utopistas, escapistas e defensores do amor livre. Ocupando grandes casas dispersas em fazendas remotas, ou em bosques vizinhos a cidades e vilas do Noroeste, do Meio-Oeste e até no Texas, as pessoas buscavam ganhar a vida de forma coletiva com horticultura, pequenos negócios, artesanato e indústrias leves; mas poucas dessas associações sobreviveram por mais de dois anos, porque eram subcapitalizadas, organizadas apressadamente e logo foram divididas por facções em disputa.

A colônia mais conhecida desse tipo, embora relativamente discreta em termos de sexo, talvez tenha sido o Instituto de Agricultura e Educação de Brook Farm, uma aventura que se iniciou em 1841, a 15 quilômetros de Boston, em West Roxbury, e que durou seis anos. Ela é lembrada sobretudo porque entre seus primeiros membros estava um aspirante a escritor que perdera recentemente seu emprego na alfândega de Boston: Nathaniel Hawthorne.

Trabalhando na fazenda em troca de casa e comida, de início Hawthorne ficou encantado com a experiência rural e a atmosfera transcendental; mesmo depois de passar um dia no campo espalhando esterco, ele conseguiu escrever numa carta para um amigo:

Não há nada de inconveniente ou desagradável nesse tipo de labuta, como você poderia pensar. Ele emporcalha as mãos, com efeito, mas não a alma. É uma substância pura e saudável; ou então a Mãe Natureza não o devoraria tão depressa nem tiraria dele tanta nutrição, retribuindo com tão rica abundância de bons grãos e raízes.

Mas não demorou seis meses para que Hawthorne abandonasse Brook Farm, convencido de que a comunidade o estava desviando de suas ambições literárias. Mais tarde, escreveu: “Romance e poesia [...] precisam de ruína para crescer”. E em *O romance do Vale Jubiloso*, de 1852, inspirado em Brook Farm, ele sugeria que, na vida comunal, as pessoas tendiam a se tornar próximas *demais*, conscientes *demais* das vibrações e mal-estares das outras:

[...] nenhuma situação de sentimento inamistoso podia ocorrer entre dois membros quaisquer sem que toda a sociedade ficasse mais ou menos perturbada e incomodada [...]. Se um de nós dava um tabefe na orelha de um vizinho, o golpe era imediatamente sentido no mesmo lado da cabeça de todo mundo. Assim, mesmo na hipótese de sermos muito menos briguentos do que o resto do mundo, perdíamos necessariamente muito tempo esfregando nossas orelhas.

John Humphrey Noyes conhecia bem o movimento fourierista e na década de 1830 visitara comunidades de amor livre em lugares como Brimfield, Massachusetts, mas preferia pensar que tinha pouco em comum com os radicais sexuais e reformistas sociais de seu tempo. Acreditava que tinha uma orientação divina, que era um mensageiro espiritual designado para auxiliar Deus a estabelecer na terra uma religião que inspiraria as pessoas a amar o próximo de modo verdadeiro e completo. Diferente do fantasista Fourier ou dos intelectuais e escritores itinerantes que tinham visitado Brook Farm — grupo que incluía

Thoreau, Emerson, Henry James, Margaret Fuller, Brisbane e Greenley —, Noyes não era um utopista ou defensor teórico das liberdades individuais; era um comunista convicto, um absolutista, um teocrata que desejava expurgar o pecado do egoísmo da alma dos homens e convertê-los ao que chamava de “comunismo bíblico”. Denunciava o egotismo dos outros, mas tinha um ego monumental; contudo, sempre justificava suas preferências e decisões, inclusive sua interdição do casamento monogâmico, com os ensinamentos da Bíblia. Escreveu ele:

No Reino dos Céus, a instituição do casamento que designa a posse exclusiva de uma mulher a um homem não existe [Mateus, 22:23-30], pois, na ressurreição, eles não se casam nem são dados em casamento, mas são como anjos de Deus no Céu. [...] A abolição da exclusividade sexual está compreendida na relação de amor entre todos os crentes exigida pela expressa injunção de Cristo e dos apóstolos e por todo o sentido do Novo Testamento. [...] A restauração das relações verdadeiras entre os sexos é uma questão só inferior em importância à reconciliação do homem com Deus. Os comunistas bíblicos estão atuando nesse sentido. Sua obra principal, desde 1834, tem sido desenvolver a religião do Novo Contrato e estabelecer a união com Deus.

A referência que Noyes faz a 1834 é significativa: foi naquele ano que ele se convenceu de sua perfeição espiritual, um estado de ausência de pecado que vinha se desenvolvendo dentro dele havia quase três anos, desde que recebera pela primeira vez um sinal de Deus, ao comparecer a uma impetuosa e frenética

reunião evangélica de quatro dias realizada perto de sua casa, em Putney, Vermont. Na época da assembleia, em 1831, tinha vinte anos de idade e era um estudante de direito ambicioso, embora indeciso quanto a seus objetivos. Mas, depois, lembrou: “A luz brilhou em minha alma de uma forma diferente da que eu esperava. Era fraca e quase imperceptível de início, mas no decorrer do dia alcançou esplendor meridiano. Ao final do dia, concluí que deveria me dedicar ao serviço e ao ministério de Deus”.

Matriculou-se no Seminário Teológico de Andover, abandonando-o depois de um ano por achar que os seminaristas não eram sérios. Entrou então para a Escola de Teologia de Yale, onde estudou intensamente, discutiu amiúde com seus colegas e professores sobre interpretação bíblica e revelou uma paixão por religião que um contemporâneo comparou a “uma febre aguda”. Em breve, algumas de suas teorias expressas em particular foram interpretadas por outros estudantes como sintomas de um temperamento neurótico e herético — uma delas era sua crença de que a Segunda Vinda de Jesus Cristo não era um evento futuro, mas que já havia acontecido durante a destruição de Jerusalém, no ano 70, quando a humanidade fora salva do pecado. Dessa forma, na concepção de Noyes, o Reino de Deus já se estabelecera na terra, estava ainda onipresente na atmosfera e era viável na alma dos verdadeiros crentes. Tal como os evangelistas que vira percorrendo a Nova Inglaterra em defesa do perfeccionismo, estava convencido de que uma pessoa podia, depois de uma conversão religiosa, ser espiritualmente perfeita e nortear-se não pelas leis mundanas,

mas pela mente do Senhor. E Noyes achava que essa pessoa era ele mesmo.

Afirmou isso publicamente num dia de fevereiro de 1834, quando pregava na igreja livre de New Haven, provocando um escândalo que resultou quase imediatamente na revogação de sua licença de ministro congregacionista. Sem igreja a sua disposição, Noyes vagou pela Nova Inglaterra e o norte do estado de Nova York pregando nas ruas e recrutando adeptos. Na esperança de atrair companheiros respeitáveis e talvez apoio financeiro para sua causa, aproximou-se, sem êxito, de pessoas como William Lloyd Garrison, o editor abolicionista do *Liberator*, que fora recentemente atacado e quase linchado por uma multidão escravocrata em Boston; o controvertido, embora respeitado, clérigo presbiteriano Lyman Beecher, pai de Harriet Beecher Stowe, a autora de *A cabana do Pai Tomás*; e ainda o reverendo Henry Ward Beecher, que Lincoln chamaria de “o maior orador desde são Paulo”, mas que seria mais lembrado como o réu de um célebre processo de adultério envolvendo a sra. Elizabeth Tilton.

Além de fazer proselitismo pessoalmente, Noyes divulgava suas ideias religiosas numa revista que ajudou a fundar chamada *O Perfeccionista*, que atraiu a atenção de muitos livre-pensadores, antinomianos e outros rebeldes contrários às convenções, inclusive uma mulher abastada e séria de Vermont cujo avô fora vice-governador do estado. Seu nome era Harriet Holton, e ela ficara sabendo da existência de Noyes por meio de seus textos sobre a Segunda Vinda de Cristo.

Em breve iniciou correspondência com ele e, mais tarde, doou quantias substanciais a seu movimento. Uma vez que seus pais estavam mortos, seus avós e os amigos da família tentaram desestimular seu envolvimento com o perfeccionismo, mas ela estava fascinada pela filosofia de Noyes e ficou atraída pela pessoa dele no primeiro encontro dos dois. Não se sentiu desencorajada ou perturbada por sua visão do casamento e da monogamia, mesmo quando ele a advertiu por carta: “Não podemos assumir um compromisso mútuo que venha a limitar o âmbito de nossas afeições tal como elas são limitadas nos compromissos matrimoniais segundo os padrões do mundo”.

Noyes enfatizou ainda mais sua oposição à monogamia numa carta divulgada numa publicação de livre-pensamento que descrevia seu conceito de relação conjugal ideal:

Chamo certa mulher de minha esposa — ela é sua, ela é de Cristo e Nele, ela é a noiva de todos os santos. Ela é querida na mão de um estranho e, de acordo com minha promessa a ela, eu me regozijo. Meus direitos sobre ela atravessam diretamente os votos de matrimônio deste mundo e Deus sabe o fim.

Quando a vontade de Deus for feita sobre a terra como é no céu, não haverá mais casamento. A ceia de matrimônio do Cordeiro é uma festa em que cada prato é livre para cada convidado. Exclusividade, ciúme, disputas não têm lugar ali.

Harriet Holton compreendeu e aceitou a doutrina de Noyes, e em 1838, depois que se casaram em Putney, eles passaram a convidar à sua casa outros casais religiosos interessados na

Bíblia que poderiam futuramente converter-se ao perfeccionismo. Poucos anos mais tarde, tinham feito amizade com meia dúzia de casais que aderiram, pelo menos em teoria, às ideias de Noyes. Desse grupo, os mais fervorosos e fisicamente atraentes eram Mary e George Cragin.

Antes de se mudarem para Putney, em 1840, os Cragin tinham se associado a adeptos do amor livre no norte do estado de Nova York e haviam sido trabalhadores evangélicos na congregação do famoso evangelista Charles G. Finney. Pregador alto e enérgico, de gestos exuberantes e voz de largo alcance, Finney viajava pelo estado de Nova York em pregação, flagelando zelosamente os fiéis com suas palavras e provocando erupções de lágrimas e destemperos, gritos agudos e desmaios — além de ameaças violentas e punhos cerrados dirigidos contra ele próprio. Embora seus métodos fossem deplorados por muitos de seus colegas presbiterianos, tinha a seu crédito a conversão de grandes massas de pecadores de toda a região oeste do estado, e não foi menor a atração que exerceu quando chegou à cidade de Nova York, no começo da década de 1830, para pregar numa igreja construída especialmente para ele, o Tabernáculo da Broadway.

Foi ali que em 1833 George Cragin, membro da congregação do Tabernáculo e um dos professores da escola sabática de Finney, conheceu outra voluntária, uma mulher esbelta e adorável do Maine chamada Mary Johnson. Após um ano de corte, casaram-se, numa cerimônia festiva realizada em Nova York, à qual compareceram apenas crentes devotos, tendo os

noivos partido em seguida, numa carruagem do correio, para a lua de mel em Newark. Mary e George Cragin vinham de famílias prósperas da Nova Inglaterra, mas o fanatismo religioso tinha reduzido suas relações com os parentes, e o infortúnio de seus pais diminuía muito sua possível herança. Uma vez que George Cragin não tinha ambições comerciais — e rejeitara também um emprego promissor como agente europeu de uma firma nova-iorquina porque considerava o possível empregador infiel —, o casal foi forçado a viver frugalmente em Nova York, e buscava alívio sobretudo no conforto espiritual.

Mas isso também foi interrompido em 1837, quando Finney, seu líder temporal, trocou Nova York por Oberlin, Ohio, onde fundou um departamento de teologia numa nova universidade e acabou assumindo a reitoria. Os Cragin deixaram-se levar sem entusiasmo por outros pregadores, sem recuperar o fervor religioso, até 1840, quando estavam em Vermont e caíram sob a influência de John Humphrey Noyes, cuja comunidade religiosa estava nos estágios iniciais de formação.

Entre os primeiros convertidos de Noyes estavam membros de sua própria família — um irmão mais moço, duas de suas irmãs e seus maridos. Embora a mãe dele e os demais parentes discordassem publicamente do perfeccionismo, nenhuma tentativa foi feita para negar a Noyes e seus irmãos subservientes os 20 mil dólares em dinheiro e as várias propriedades que herdaram do pai, recém-falecido. Esses ativos, junto com o patrimônio de 16 mil dólares da esposa de Noyes e as contribuições de outros adeptos, permitiram que os membros

da comunidade se concentrassem na doutrinação perfeccionista e no recrutamento de novos adeptos.

O grupo obtinha ainda alguma renda trabalhando numa mercearia que Noyes comprara, e boa parte do que se comia na mesa comunal era produzida nas duas fazendas herdadas por ele. Todos os membros e seus filhos moravam na casa de Noyes ou de suas irmãs, e aos domingos reuniam-se para ouvi-lo pregar numa pequena capela que tinham construído. Por insistência de Noyes, cada adulto devia devotar três horas diárias à meditação religiosa e à leitura da Bíblia. E quem demonstrava sinais persistentes de egoísmo e possessividade, ou se afastava de alguma forma do espírito comunal, era convocado por Noyes a comparecer diante do grupo e submeter-se a uma crítica severa. O acusado tinha de sentar-se humildemente e em silêncio no centro da sala, enquanto os outros se revezavam manifestando sua desaprovação; às vezes essa experiência era tão dolorosa que a pessoa abandonava o grupo, furiosa e horrorizada.

Mas não havia desarmonia quando George Cragin fez a primeira visita à propriedade rural de Noyes. Nos anos seguintes, pouca coisa aconteceria para alterar suas impressões extasiadas daquela ocasião. “O pequeno círculo de crentes que encontrei aqui parece muito diferente de qualquer outro que eu tenha conhecido antes”, anotou Cragin em seu diário. “Todos são tão gentis, tão tranquilos, tão sérios e estudiosos e, contudo, em espírito, tão livres. [...] A providência compensou-me agora com um céu sobre a terra.”

Em 1841, o nascimento do primogênito dos Noyes, um menino chamado Theodore, aumentou a alegria e o otimismo do grupo,

pois a sra. Noyes tivera dois natimortos nos dois primeiros anos de casamento. Mas quando outros dois filhos nasceram mortos, em 1843 e 1844, John Humphrey Noyes decidiu que não submeteria mais a esposa ao risco físico e à angústia do “amor propagador” e, a partir de então, praticou o que chamou de “continência masculina”. Não demorou para que estabelecesse isso como política sexual da colônia, não apenas porque evitava os perigos do parto e ajudava a controlar a população comunal, como também porque permitia a Noyes dar seguimento ao plano de unir ainda mais seus adeptos pelo laço do casamento complexo.

Na primavera de 1846, com a aprovação da esposa, Noyes decidiu abordar Mary e George Cragin e convidá-los a ser seus primeiros parceiros. Sentia atração pela sra. Cragin havia anos, e sua esposa tinha expressado afinidade e afeição pelo educado sr. Cragin. A proposta de Noyes foi aceita sem hesitação pelos Cragin. Em seu diário, antes da noite marcada, Mary Cragin escreveu sobre Noyes: “Em vista de sua bondade para comigo e de seu desejo de que eu lhe permita preencher-me dele, eu cedo e me ofereço para ser penetrada por seu espírito, desejando que o amor e a gratidão possam inspirar meu coração, de forma que eu simpatize com seu prazer na coisa, antes que meu prazer pessoal comece, sabendo que isso aumentará minha capacidade para a felicidade”.

A feliz consumação da relação comarital entre os Noyes e os Cragin foi seguida nas semanas posteriores pela troca de parceiros entre outros casais. Embora os membros do grupo pudessem se abster da partilha sexual, essa prática logo passou

a prevalecer entre os perfeccionistas de Noyes. Mas em 1847, após a circulação de rumores de bacanais por todo o estado de Vermont, foi expedido um mandado de prisão contra ele.

Entregando-se sem arrependimento às autoridades legais, Noyes foi autuado por adultério e, após pagar uma fiança de 2 mil dólares, foi posto em liberdade para aguardar julgamento. Mas seus advogados lhe informaram que um grupo de vigilantes morais de Putney estava planejando capturá-lo e puni-lo à maneira deles. Sabedor do que um grupo semelhante de cidadãos de Illinois fizera com o líder mórmon Joseph Smith, Noyes decidiu fugir ainda sob fiança e esconder-se temporariamente na cidade de Nova York.

Foi o que fez em novembro de 1847, permanecendo escondido por várias semanas, até que se acalmasse o furor em Putney. No início de 1848, informou a seus seguidores, por carta, que tinha adquirido um lugar novo para a colônia: 64 hectares de campos bons no norte do estado de Nova York, no vale tranquilo do riacho Oneida, a meio caminho entre as cidades de Syracuse e Utica. Na propriedade havia duas casas pequenas, um barracão, uma serraria e também duas cabanas de madeira que até recentemente tinham sido ocupadas por um bando de índios. As acomodações eram inadequadas para os dezenove adultos da colônia e seus filhos, mas Noyes fizera amizade com um jovem arquiteto de Syracuse, Erastus Hapgood Hamilton, que se convertera e concordara em projetar um grande castelo. Com a ajuda da mão de obra dos perfeccionistas, Hamilton supervisionaria a construção.

A comunidade de Putney recebeu a notícia com entusiasmo e partiu imediatamente para Oneida. Durante a primavera, o verão e o outono de 1848, homens, mulheres e crianças trabalharam infatigavelmente na limpeza da terra, no corte da madeira e de pedras para os alicerces e o porão, na construção de paredes, assoalhos e tetos e, por fim, na pintura da estrutura de três andares que compreendia sessenta cômodos e era encimada por uma cúpula.

Com exceção do arquiteto e de outro novo converso que era um pedreiro habilidoso, todo o trabalho da construção foi feito por pessoas com experiência muito limitada; mesmo assim, a casa grande estava pronta para ser ocupada no inverno de 1849 e sobreviveu galhardamente durante duas décadas, para ser então substituída por uma casa de alvenaria de cem cômodos.

Depois de terminar a residência principal, a comunidade de Oneida construiu um sobrado para as crianças e uma escola, que ficou sob a supervisão da sra. Cragin, que era professora. Fizeram depois estruturas menores para abrigar as muitas atividades de Oneida: uma oficina mecânica e uma ferraria, locais para consertos de roupas e calçados, estábulos e galinheiros, uma estufa, celeiros e até colmeias. Havia também uma construção usada apenas para a lavagem das roupas dos membros da comunidade — tarefa executada tanto por mulheres como por homens, designados semanalmente por sorteio.

No início, a agricultura era a principal atividade de Oneida, mas Noyes suspeitava que sua colônia jamais prosperaria se dependesse disso. E esse fora o problema das comunas

fourieristas, como Brook Farm: os fundadores tinham posto demasiada fé na terra. Noyes, que percebia o declínio do estado agrícola e a ascensão do industrial, tratou de converter Oneida numa comunidade manufatureira.

No começo da década de 1850, enquanto a atmosfera auspiciosa e a linda paisagem da propriedade atraíram quase uma centena de membros novos, ansiosos por contribuir com talento e tempo para a causa do perfeccionismo, Noyes supervisionava várias iniciativas fabris. Faziam-se vassouras de palha de milho, que eram vendidas nas aldeias próximas, bem como em Syracuse e Utica. Distribuíam-se para venda cadeiras rústicas de cedro, chapéus de palha de palmeira, sacos de viagem, raios para rodas de carroça e armadilhas de aço para animais. O negócio das armadilhas, introduzido na comunidade por um convertido rude da região que fora caçador e ferreiro antes de conhecer Noyes em 1848, seria o empreendimento mais lucrativo de Oneida na metade da década de 1850, pois o mercado de peles expandia-se nacionalmente, criando uma demanda pelas armadilhas de Oneida por atacadistas de Nova York e Chicago.

Os conversos, além de contribuírem exercendo suas habilidades, deviam entregar suas posses ao entrarem para a comunidade. Foi assim que, em 1850, Oneida ganhou de um adepto abastado um grande veleiro, o que levou certos otimistas do grupo, com a bênção de Noyes, a entrar no ramo do transporte de calcário pelo rio Hudson. Em julho de 1851, perto de Kingston, Nova York, uma tempestade súbita fez virar o barco, então sob o comando de um timoneiro que tinha mais confiança

em Deus do que conhecimento da arte de navegar. Entre os passageiros que não sobreviveram estava Mary Cragin.

O acontecimento causou dor e desespero em toda a comunidade, e a maioria dos jornais da cidade de Nova York noticiou o acidente em termos solidários. Porém alguns jornais do norte do estado e publicações religiosas que criticavam Noyes havia muito tempo aproveitaram a oportunidade para sugerir que o ocorrido talvez fosse um sinal de punição celestial contra as práticas licenciosas da comunidade. Esses artigos, críticas similares feitas por religiosos no púlpito e mais alguns líderes cívicos estimularam um grupo pequeno mas ativo de vigilantes que moravam em cidades próximas da colônia de Oneida a registrar queixa junto ao juiz do condado de que Noyes estava fomentando “mormonismo”, “maometismo” e “paganismo”.

Mas Noyes, que investira muito mais em Oneida do que em Putney e não pretendia abandonar a região, defendeu com vigor suas crenças numa série de declarações públicas e escreveu no jornal de sua comunidade:

Um exame dos hábitos familiares da comunidade de Oneida em qualquer período de sua história mostraria não um espírito licencioso, mas o oposto [...] revelaria menos familiaridade descuidada dos sexos — ou algo que se parecesse com “folia báquica” — e muitíssimo menos palavras e condutas desregradas do que se encontram num círculo semelhante da chamada boa sociedade no mundo.

É verdade que repudiamos as regras e os modos pelos quais o egoísmo regula a relação entre os sexos; mas [...] a prova de nossa moralidade [pode] ser encontrada na óbvia

saúde geral da associação. Jamais ocorreu a morte de um membro adulto em Oneida [...] muitos que vieram doentes ficaram bons [...] e os infortúnios especiais das mulheres em relação aos filhos foram quase extintos. O aumento da população por nascimento em nossas quarenta famílias, nos últimos quatro anos, só foi consideravelmente menor do que a progênie da rainha Vitória. Chega da gritaria de “licenciosidade e brutalidade”.

Graças aos amigos influentes que a comunidade de Oneida tinha entre os cidadãos das cidades vizinhas, pessoas com que tinha estabelecido boas relações comerciais — e graças à concessão que Noyes fizera ao juiz, abolindo o casamento complexo —, as acusações contra ele e seus adeptos nunca foram levadas adiante.

Porém, um pouco depois, Noyes decidiu que os homens imperfeitos que julgavam a sociedade não tinham autoridade sobre o paraíso de Deus em Oneida, e assim o sistema do amor livre foi reinstituído. Ao mesmo tempo, Noyes advertiu seus seguidores de que a única salvaguarda contra uma invasão “bárbara” de suas terras estava num culto mais intenso do Senhor e exortou-os a passar mais tempo com suas bíblias e aprofundar seu compromisso com o perfeccionismo. “Só escaparemos da autoridade deixando de precisar dela e só teremos prosperidade se formos capazes de produzi-la sem nos vangloriar”, escreveu ele.

O progresso de Oneida nos negócios, que lhe parecera gratificante no início, agora era motivo de preocupação: Noyes temia que seus comunistas bíblicos desenvolvessem tendências

capitalistas, orgulho em obter lucro, propensão à possessividade e à realização pessoal. “Somente o Senhor deve ser exaltado”, advertiu ele, e nas décadas de 1850 e 1860, quando os ganhos da comunidade e as doações continuaram a aumentar, orientou seus administradores a reduzir a jornada de trabalho para seis horas diárias — a metade do tempo exigido pela maioria das indústrias do mundo exterior — e enfatizar os objetivos comunais de crescimento espiritual e autoaperfeiçoamento. Para tanto, nenhuma ocasião era desperdiçada. Mesmo quando se formavam grupos para costurar bolsas ou trançar chapéus de palha, alguém se sentava entre eles para ler em voz alta trechos de um livro edificante ou de uma obra de importância histórica ou literária — um romance de Dickens, uma biografia de Jefferson. Os adultos eram estimulados a frequentar as aulas dadas todas as noites na mansão por conversos que tinham sido professores. E esperava-se que os membros dotados de talento para música, artes ou xadrez se oferecessem para ensinar os interessados.

O princípio da partilha estendia-se à creche e à escola, onde as crianças aprendiam a jamais dizer “eu” ou “meu”, mas sempre “nós” e “nosso”. Na fazenda, nas fábricas e nas oficinas, cada trabalhador sênior treinava um aprendiz jovem, e nenhuma tarefa, por mais árdua que fosse, devia ser considerada um fardo, e sim uma oferenda. Muitas das atividades eram acompanhadas por música. Um clarinetista tocando melodiosamente no gramado da frente era um sinal para todos que tinham tempo livre de que se precisava de voluntários para um projeto especial — podia ser um mutirão para colher frutas, cortar milho, enlatar legumes ou consertar uma estrada. Depois

que os voluntários se reuniam e o coordenador do projeto escolhia quantos fossem necessários, eles formavam fila e marchavam com entusiasmo para o local da tarefa, ao som de um píforo e um tambor.

No fim do dia, todos os trabalhadores dos mutirões, das fábricas, das oficinas e da fazenda voltavam à mansão e iam para seus quartos tomar banho e vestir-se para o jantar, que era servido às cinco e meia na sala principal de refeições, onde havia lugar para 110 pessoas. Quem chegava ia automaticamente para o fundo da sala, ocupando os assentos vagos nas mesas centrais ou nas mesas ovais alinhadas ao longo das paredes. A atmosfera era de confraternização, sem panelinhas, sem separação entre mais moços e mais velhos, homens e mulheres, parentes ou casais. Exceto os menores de doze anos, que comiam na casa das crianças, e os adolescentes que se revezavam ajudando na cozinha e no serviço às mesas, os jovens da comunidade eram aceitos na sala de jantar como adultos, e esperava-se que se comportassem de acordo com o decoro da ocasião.

Depois do jantar, se não houvesse um concerto ao ar livre, uma peça infantil ou um recital de poesia no auditório, alguns membros se reuniam no salão para conversar ou jogar xadrez, enquanto outros iam à biblioteca ler livros, revistas e jornais como o *Tribune* de Nova York, que chegava regularmente pelo correio. Embora estivessem ligados ao mundo externo apenas de modo periférico, por meio de seus negócios, considerando-se “estrangeiros pacíficos” em sua terra nativa, os oneidianos tinham interesse nos eventos principais e nas questões

polêmicas de sua época, como a escravidão, o sufrágio, o sindicalismo e a temperança.

Como Noyes não bebia nem fumava, ambos os hábitos eram considerados vícios em Oneida. E, como as crenças religiosas da comunidade ensinavam que todos os seres humanos eram iguais aos olhos do Senhor, era unânime o apoio aos direitos das mulheres, à liberdade para os escravos e ao tratamento humano para os trabalhadores. Embora a comunidade pagasse impostos, seus homens optaram por não votar em eleições e, por motivos que Noyes nunca entendeu e para os quais nem buscou uma explicação, nenhum membro de Oneida foi convocado pelo Exército da União no recrutamento de 1863. Os militares talvez achassem que a presença de soldados de Oneida poderia ter uma influência imoral ou esquisita sobre os demais; outra hipótese é a de que a colônia, com território em dois distritos políticos, tenha sido considerada pela junta de recrutamento de cada um parte do domínio do outro.

Os negócios de Oneida, que declinaram durante a guerra, reanimaram-se com a volta da paz. Em 1866, quando muitos veteranos do Exército retomaram suas atividades civis de caçadores de animais e comerciantes de peles, a fábrica da comunidade vendia mais de mil dólares de armadilhas por semana. A fábrica de sacos, o moinho de farinha e as outras empresas estavam tão ocupadas que, pela primeira vez, foi preciso contratar mão de obra externa para algumas das funções menos especializadas.

A comunidade ampliou muitos de seus prédios e construiu outros; a fazenda expandiu-se para mais de 100 hectares e

sustentava não apenas os duzentos membros residentes, mas também alguns conversos que moravam na filial de Oneida, em Wallingford, Connecticut. Alguns dos filhos dos primeiros colonos já estavam em idade de frequentar a universidade, ou assumir posições de responsabilidade. Theodore, o filho de Noyes, estudava medicina em Yale. Charles, filho de George Cragin, também aluno de Yale, estava temporariamente empregado longe de casa, estudando os métodos modernos de produção da seda, que no futuro seria um dos empreendimentos de Oneida.

Em 1869, Noyes achou que sua comunidade estava suficientemente rica e espiritualmente pronta para se aventurar além da “corte perpétua” e da “continência masculina” e tentar criar, por meio de um programa de acasalamento seletivo aprovado por uma comissão, uma estirpe especial de crianças perfeccionistas.

Antes disso, nos vinte anos decorridos desde a fundação de Oneida, somente 35 crianças tinham nascido na comunidade, habitada anualmente por pelo menos cem adultos sexualmente ativos. Vários desses nascimentos foram acidentais — apesar da pregação de Noyes, nem todos os seus homens eram praticantes perfeitos da continência —, mas outros tantos tiveram a permissão dele, concedida a mulheres que temiam ficar velhas demais para conceber.

Além dessas 35 crianças, muitas outras tinham sido trazidas por seus pais, que as entregaram à responsabilidade da comunidade e procuraram adaptar-se à atmosfera dominante de amor livre. No sistema de Oneida, qualquer homem que quisesse

ir para a cama com determinada mulher tinha antes de apresentar seu pedido a uma intermediária designada por Noyes, uma mulher mais velha que transmitia o “convite” para a outra e verificava se ela estava de acordo. Embora qualquer proposta pudesse ser recusada, a rejeição não era comum naquela sociedade favorável ao sexo. Os registros mantidos pelas intermediárias de Oneida indicam que a maioria das mulheres da comunidade tinha uma média de dois a quatro amantes por semana, e algumas das mais jovens chegavam a ter até sete amantes diferentes. O objetivo desses registros não era desestimular a frequência do sexo, pois uma vida sexual ativa era considerada saudável e apropriada, mas controlar os parceiros que estivessem se entregando a afeições “especiais” um pelo outro e não compartilhassem seus corpos com outros perfeccionistas. Qualquer tendência a ligações “exclusivas” era desencorajada pela intermediária, e Noyes não quis alterar essa política nem quando instituiu o plano de procriação seletiva.

Depois de informar aos membros de Oneida que agora havia nos cofres dinheiro suficiente para aumentar o número de crianças, Noyes convocou voluntárias para emprestarem seus corpos para o programa, deixando claro que ele ia interferir na escolha dos machos e que elas não teriam direitos maternos exclusivos sobre os filhos que produzissem. Apesar dessas restrições, Noyes recebeu mais de cinquenta inscrições de mulheres que assinaram embaixo da seguinte resolução: “Que não pertencemos a nós mesmas em nenhum aspecto, mas que pertencemos primeiramente a Deus e, em segundo lugar, ao sr. Noyes, como representante verdadeiro de Deus [...]. Que

deixaremos de lado toda inveja, puerilidade e egoísmo e nos regozijaremos com as candidatas escolhidas; que, se necessário, nos tornaremos mártires da ciência e renunciaremos com alegria a qualquer desejo de sermos mães, se por qualquer motivo o sr. Noyes nos julgar material inadequado à propagação”.

Noyes recusou nove candidatas, devido à condição física ou a outras razões não especificadas. Das mulheres selecionadas, que eram em média doze anos mais moças que os ganhões escolhidos, algumas eram virgens — e não surpreende que o homem preferido por Noyes para engravidá-las fosse ele mesmo.

Das 58 crianças nascidas vivas desse programa, que continuou pela década de 1870, cinco meninos e quatro meninas foram gerados por Noyes e levaram seu sobrenome. Os outros pais eram oneidianos mais antigos que, na visão de Noyes, além de superiores em mente e saúde, também eram adeptos mais fiéis de sua filosofia religiosa. Um dos reprodutores designados por Noyes, porém, não era muito benquisto na comunidade, e isso acabaria contribuindo para o cisma que destruiu Oneida mais para o final da década. Tratava-se de seu filho Theodore, um intelectual medíocre e indeciso que abandonara a carreira na medicina, tinha dúvidas em relação à Bíblia e exibia com frequência sinais de extremo egoísmo e instabilidade mental. Contudo, o pai tinha uma queda óbvia pelo filho, o único sobrevivente dos cinco que tivera nos primeiros anos de casamento. A permissividade de Noyes em relação a Theodore era a marca mais flagrante de fraqueza e falibilidade daquele autocrata, duro e inflexível em todos os outros aspectos.

As queixas contra Theodore incluíam acusações de descuido orgástico em suas relações sexuais, ligação ciumenta com certas mulheres jovens e uma atitude um tanto desdenhosa com respeito aos empreendimentos comerciais da comunidade. Quando obteve acesso a um fundo fiduciário de 3500 dólares herdados de um parente de Vermont, trocou Oneida por Nova York, dando a impressão de que jamais voltaria. Mas, depois que seus recursos evaporaram em investimentos malfeitos, suas cartas passaram a indicar que seu espírito fora purificado, e Theodore teve permissão para retornar a Oneida, onde foi recebido pelo pai como um filho pródigo.

John Humphrey Noyes perdoava as transgressões do filho, mas continuava firme e inflexível em relação a qualquer outro que desafiasse sua autoridade; isso era particularmente verdadeiro no caso de um converso chamado James W. Towner. Advogado esclarecido e admirado em seu Ohio natal, onde tinha proeminência política, Towner fora subitamente objeto de escândalo quando se revelou que ele e a esposa eram membros da comunidade de amor livre de Berlin Heights. Depois que o centro de amor da comunidade foi incendiado por um grupo de cidadãos irados, que também destruíram a gráfica do jornal libertino da seita, Towner mudou-se apressadamente com a família e alguns amigos para o estado de Nova York, onde conheceu Noyes e foi aceito na comunidade de Oneida.

Durante algum tempo, James Towner foi visto como uma presença positiva em Oneida; cumpria com alegria e vigor qualquer tarefa para a qual fosse designado, e sua inteligência e sua autoconfiança logo suscitaram admiração e respeito.

Estando em completo acordo com a filosofia de altruísmo e partilha de Noyes, Towner não previa que acabaria tendo diferenças ideológicas com o reverenciado fundador de Oneida.

Em 1875, Noyes, sentindo seus 63 anos e sua mortalidade, surpreendeu a comunidade com o anúncio de que Theodore, então com 34 anos, seria seu sucessor no futuro. Embora a maioria dos oneidianos não ousasse questionar a decisão de seu mentor, uma pequena facção declarou ter dúvidas sobre a capacidade de Theodore, e uma das vozes dissidentes mais loquazes talvez tenha sido a de James Towner.

Suspeitando que aquele converso franco e destemido de Ohio secretamente aspirasse a mandar em Oneida um dia, Noyes passou a desconfiar dele e, nos anos seguintes, tratou de se assegurar de que Towner e os outros dissidentes jamais fossem escolhidos para o papel de “primeiro marido” do novo grupo de virgens núbéis que em breve estaria disponível para o congresso sexual. A decisão pareceu injusta a Towner e mais afrontosa ainda para alguns homens mais velhos que, fiéis havia décadas à continência masculina e ao perfeccionismo, viam os prazeres da propagação lhes serem negados sobretudo porque não receberam com entusiasmo a proposta de promoção de um jovem herdeiro cujos defeitos espirituais não impediriam sua entrada no quarto das virgens de Oneida. De fato, Theodore se tornaria genitor em três ocasiões, e a soma de seus filhos aos nove filhos novos de seu pai permitia pensar que Noyes *père* e talvez até Noyes *fiis* teriam instituído o programa no interesse de estabelecer sua semente como a raiz dominante no rico solo de Oneida.

Mas, se havia um momento em que os comunistas bíblicos não podiam se dar ao luxo de entrar em disputas internas, era aquele final da década de 1870, pois fora dos portões de Oneida clérigos e homens da lei expressavam indignação ao saber que lá as mulheres estavam produzindo dezenas de filhos bastardos. Noyes era acusado em editoriais de justificar, em nome da eugenia, a “ética do terreiro” e de criar um monstruoso sistema inspirado em Darwin, cuja finalidade em Oneida era “matar as crianças doentias”.

Depois que uma reunião estadual de clérigos protestantes decidiu organizar uma frente única contra os oneidianos, o censor mais poderoso do país, Anthony Comstock, entrou na campanha contra Noyes, declarando que os panfletos e a literatura da comunidade sobre amor livre, enviados pelo correio, tinham violado o estatuto postal contra a obscenidade, criado pelo governo federal, sendo puníveis com prisão. O próprio Comstock fizera lobby no Congresso a favor dessa lei de 1873 que dava a ele e a seus esbirros da Sociedade pela Repressão da Imoralidade um látigo de longo alcance para pôr na linha quem se afastasse de sua visão estreita e rígida da moralidade.

Além de prender numerosos vendedores de postais franceses, cafetinas, prostitutas e livre-pensadores irreverentes como o editor D. M. Bennett, Anthony Comstock indiciou — ou iria indiciar — negociantes de nus artísticos de museus, farmacêuticos que vendiam preservativos, editores de manuais matrimoniais e livros sobre controle da natalidade de Margaret Sanger. Comstock vituperou contra a peça de George Bernard Shaw *A profissão da sra. Warren* e contribuiu para que Walt

Whitman fosse demitido do Departamento do Interior por ter escrito *Folhas da relva*. Seu apelo ao promotor público federal provocou a prisão da feminista radical Victoria Woodhull, que em 1872, na qualidade de candidata à presidência pelo Partido dos Direitos Iguais, defendia o amor livre, o direito das mulheres ao voto, leis de divórcio mais tolerantes e controle da natalidade. Mais tarde ela denunciou em seu jornal semanal as hipocrisias sexuais do reverendo Henry Ward Beecher, e Comstock conseguiu puni-la por isso, sob a acusação de disseminar obscenidade.

Por mais que Comstock fosse assustador e vingativo, porém, o cruzado da censura não era o que mais preocupava John Humphrey Noyes no final da década de 1870: ele ouvira rumores aterrorizantes de que alguns desertores recentes de Oneida estavam sendo persuadidos por promotores a testemunhar em corte que Noyes tivera relações sexuais com várias mulheres da comunidade legalmente menores de idade. Uma vez que isso era verdade, Noyes sabia que podia ser acusado de estupro, conforme a lei.

Com as pressões aumentando sobre ele e com as autoridades prendendo mórmons polígamos em todo o país, Noyes concluiu que não tinha alternativa senão abandonar sua comunidade. Se ele desaparecesse, talvez os inimigos do perfeccionismo perdessem o interesse na represália, como acontecera em Putney.

E assim, na noite de 23 de junho de 1879, sem contar nada para a maioria de seus confidentes, inclusive Theodore, John Humphrey Noyes e um colega idoso pegaram uma carruagem e

atravessaram os portões de Oneida, para onde jamais voltaria vivo. Indo para o oeste, Noyes atravessou para o lado canadense das cataratas do Niágara, onde se instalou numa casa pequena, que receberia depois sua esposa e alguns fiéis antigos. Estava desanimado e enfraquecido, mas tinha esperanças de voltar um dia a Oneida. Nesse meio-tempo, designou uma comissão de curadores — que incluía Theodore, mas excluía Towner — para cuidar da melhor maneira possível da vida espiritual e comercial da comunidade de trezentos membros. Tinha emissários que iam e vinham periodicamente, trazendo suas vigorosas cartas de instrução e conselho para serem lidas em voz alta no auditório da mansão, cujos residentes, na maior parte, ainda acreditavam em sua sabedoria e supremacia.

Porém, sua ausência forçada não diminuiu a determinação dos inimigos de Oneida de destruir o que ele criara. No mínimo, os clérigos e os homens da lei exigiam que o programa de procriação fosse abolido e que as jovens grávidas e mães solteiras santificassem seus atos pecaminosos casando-se com os homens que as tinham engravidado — uma proposta complicada, pois muitos deles já eram casados com outras mulheres. Uma mulher solteira que tivera um dos filhos recentes de John Humphrey Noyes, por exemplo, também tivera um filho com outro homem casado, bem como um terceiro filho com alguém que não se pôde indicar com certeza. Essas questões de paternidade questionável antes não tinham muita importância naquele refúgio outrora feliz, onde o casamento complexo fora proclamado a forma mais elevada de união e onde os negócios

comunais tinham prometido fundos suficientes para sustentar eternamente todas as noivas de Cristo e sua distinta prole.

Oneida ainda era próspera, e sua nova fábrica de talheres iria render provavelmente mais ainda para o seu tesouro de meio milhão de dólares, mas a situação econômica da comunidade dependia, em larga medida, de que a clientela continuasse a prestigiar seus produtos. Se a campanha contra Oneida não amainasse, acabaria por induzir um boicote econômico aos produtos perfeccionistas e por transformar a bela propriedade rural num marco infame de pobreza e isolamento social.

Se Noyes ainda morasse em Oneida, sua liderança enérgica e sua intrepidez poderiam ter fortalecido seus seguidores, mas as muitas cartas inspiradoras enviadas do exílio não bastaram para mitigar a incerteza e a consternação da comunidade nem para evitar o surgimento gradual de três facções com diferentes propostas para solucionar os problemas que afligiam a todos.

Uma facção, que incluía Theodore e vários dos oneidistas mais jovens, voltados para os negócios, achava que a comunidade devia se tornar mais secularizada e capitalista, talvez se reorganizando como uma companhia por ações, sem tanta ênfase em sua relação com uma religião esotérica. Para acalmar os críticos externos, conviria suspender as práticas sexuais controvertidas, pelo menos temporariamente, e anunciar publicamente que o casamento entre os jovens estava sendo estimulado.

Uma segunda facção, liderada por James Towner, ainda estava comprometida com o comunismo bíblico e suas liberdades sexuais. Para esse grupo, se os perfeccionistas substituíssem

seu líder idoso e exilado pelo sr. Towner e seguissem sua orientação vigorosa, poderiam resistir à agitação externa. Towner opunha-se totalmente à sugestão de que Oneida suavizasse sua posição sobre o casamento monogâmico. “Acredito no comunismo do amor tanto quanto acredito no comunismo da propriedade. Não creio que casamento e comunismo possam existir juntos”, disse ele.

Um terceiro grupo, cujos mais de cem membros totalizavam quase o dobro da soma dos outros dois, era formado por oneidianos fiéis a Noyes que, tendo-o aceitado como único representante verdadeiro de Deus na terra, não podiam nem imaginar a presença de outro homem em seu lugar, principalmente por saberem que Noyes ainda vivia e talvez estivesse destinado a reaparecer a qualquer momento. Entre os líderes dessa facção estavam alguns dos mais idosos, convertidos ao perfeccionismo mais de trinta anos antes, tais como Harriet Noyes Skinner, irmã de Noyes, George Cragin, seu primeiro parceiro na ideia do casamento complexo, e Erastus H. Hamilton, o arquiteto da primeira mansão de Oneida.

À margem dessa facção e das outras, havia alguns oneidianos que se mantinham neutros, ou mudavam de aliança todos os dias, ou sentiam-se enraizados na propriedade como árvores e não tinham uma fonte de apoio ou sustento fora dos muros da comunidade, rezando em silêncio para que ela não fosse invadida pela turba que o sr. Noyes identificava com frequência como “os bárbaros”.

Especialmente suscetíveis a esse tipo de sentimento eram várias mulheres solteiras com filhos e também muitas virgens

núbeis, agora menos ansiosas por oferecer seus corpos no jubiloso espírito do amor livre, quando não sentiam mais a presença disseminada da liberdade e do amor em toda a comunidade. Muitas mulheres abstiveram-se de sexo nessa época, para o dissabor dos homens, enquanto outras começavam a insistir em algo mais do que o puro prazer corporal e o elogio dos parceiros que recebiam seus favores — queriam ser possuídas e possuir, por sua vez, e extrair dos objetos de sua afeição a promessa de um eventual casamento.

Essas inclinações e outras que eram contrárias aos ideais do perfeccionismo foram descritas em muitas cartas que Noyes recebeu de seus seguidores fiéis, deixando-o entristecido e perturbado. Os jovens estudantes universitários e os adolescentes pareciam particularmente rebeldes em relação às tradições de Oneida: estavam indo embora sozinhos e formando casais romanticamente ligados; ignoravam a Bíblia e as críticas dos mais velhos; vários rapazes tinham dado um jeito de comprar seus próprios cavalos, desafiando a velha regra de Oneida contra a propriedade privada; e algumas moças estavam deixando crescer o cabelo e rendendo-se à moda dos vestidos longos ditada pelo mundo externo.

As professoras e governantas, que antes exerciam autoridade completa e inquestionável sobre todas as crianças, estavam sendo contestadas pelas mães naturais; um dos resultados da nova atenção maternal foi o aumento da desobediência infantil e das disputas por brinquedos, acompanhado de uma deterioração geral da disciplina.

Além dos relatos negativos sobre Oneida, Noyes recebia recortes dos jornais das grandes cidades, que, com poucas exceções, refletiam a visão condenatória do establishment moral e legal do país e retratavam os oneidianos como excêntricos lúbricos vivendo num estado de desordem. Uma matéria típica da cobertura da imprensa, publicada no *New York Times*, tinha por título: “O povo excêntrico de Oneida: confusão na comunidade dos socialistas”.

Diante das denúncias e da exposição ao ridículo, no mundo externo, e da deterioração interna, Noyes, após semanas de ponderação e deliberação com seus conselheiros mais confiáveis, decidiu que, no interesse de salvar Oneida de uma longa e custosa batalha judicial que poderia levar à falência seus negócios e desmoralizar ainda mais seus membros — sem falar da ameaça constante de agressão física por turbas de fora —, deveria anunciar a interrupção do casamento complexo e do amor livre reprodutivo. Ele sabia que isso seria interpretado pela imprensa como uma rendição incondicional a seus inimigos, mas em seu anúncio público, feito em agosto de 1879, e nas declarações subsequentes à imprensa Noyes foi impenitente como sempre, e até insinuou que um dia seu povo voltaria a se entregar aos ritos jubilosos da corte perpétua.

A declaração oficial dizia:

“Desistimos da prática do casamento complexo, que existiu durante 33 anos na comunidade, não por renunciarmos à crença nos princípios e na finalidade prospectiva daquela instituição, mas por respeitarmos o sentimento público que evidentemente está se levantando contra ela.” Em outra

declaração, reiterava: “A comunidade não lamenta o passado; ao contrário, considera-se afortunada por ter sido chamada a realizar tal trabalho pioneiro; regozija-se com os resultados gerais de seu reconhecimento; não está abandonando convicções anteriores, simplesmente se convenceu de que é melhor para todos os interesses, inclusive os do próprio progresso social, desistir da prática do casamento complexo e aderir à plataforma de Paulo, que permite o casamento, mas prefere o celibato”. Por fim, numa espécie de avaliação histórica do objetivo principal dos perfeccionistas e de sua contribuição para os Estados Unidos do século XIX, Noyes observou: “Atacamos uma terra desconhecida, a exploramos e retornamos sem perder um homem, uma mulher ou uma criança”.

Ao se aliar a São Paulo na recomendação do celibato como a mais desejável das virtudes, Noyes não estava fazendo grande sacrifício; àquela altura da vida, aos 68 anos, era um homem sexualmente saciado que aproveitara ao máximo o sistema de amor livre enquanto tinha durado; agora podia descansar em seu retiro canadense, rejubilando-se com a saúde e o crescimento dos nove filhos de Oneida que levariam seu nome e honrariam sua memória no século XX. De fato, um de seus descendentes, um adolescente industrioso chamado Pierrepont B. Noyes — cuja mãe, Harriet Worden, fora levada para Oneida quando tinha nove anos —, emergiria como líder da comunidade no final da década de 1890 e, com a ajuda de seus herdeiros, transformaria a fábrica de talheres numa empresa internacional que, na década de 1970, valeria cerca de 100 milhões de dólares.

Essa fortuna multiplicada não poderia de forma alguma ser atribuída, mesmo pelos defensores do amor livre, às energias regenerativas da variedade sexual, pois a suntuosidade libidinosa da velha Oneida jamais seria restaurada após os pronunciamentos do fundador em 1879. Contudo, deve-se acrescentar que poucos oneidianos se deixaram persuadir pelas inclinações tardias de Noyes para o celibato. Depois de suas declarações, que realmente pacificaram seus inimigos de fora, a maioria dos solteiros de Oneida aceitou o menor dos dois males e sucumbiu ao matrimônio.

Em pouco tempo, realizaram-se 37 casamentos, muitos conduzidos por companheiros perfeccionistas nos gramados luxuriantes da mansão, mas outros oneidianos continuaram solteiros — inclusive doze mulheres com menos de quarenta anos que tinham filhos; se aderiram ou não ao celibato e se os casais permaneceram monogâmicos ou não, os historiadores sociais de Oneida não registraram. A maioria dos novos casais preferiu ficar na comunidade, morando na mansão ou em residências menores próximas, e continuou a trabalhar em vários empregos dentro do complexo comunal.

Em 1880, Oneida converteu-se numa companhia por ações, e todos os 226 residentes restantes tornaram-se acionistas da Oneida Community, Limited. A divisão das ações, que deu à maioria dos perfeccionistas mais antigos quantia equivalente a 5 mil dólares ou mais e participações menores aos recém-chegados e aos mais jovens, foi motivo de disputa na comunidade. Como era de esperar, os mais insatisfeitos com a distribuição das ações — e também com a insistência de Noyes

em abolir o casamento complexo — foram James Towner e seus trinta seguidores.

Em 1882, quatro anos antes da morte de John Humphrey Noyes, aos 72 anos, no Canadá — o corpo seria enterrado em Oneida —, James Towner e sua facção deixaram a comunidade, converteram suas ações em dinheiro e, numa caravana puxada por cavalos, começaram uma longa travessia para o oeste, em busca da atmosfera mais clemente e das terras imprecisamente federadas do sul da Califórnia. Estabeleceram-se na pequena cidade de Santa Ana, ao sul de Los Angeles, onde com o tempo conquistaram aceitação e alcançaram satisfação e prosperidade — e onde James Towner seria mais tarde nomeado juiz do tribunal do condado.

19.

*Os ventos atacam o ego, espantam-no choramingando
e gritando, para deixar uma alma nua e assustada.
Segue o vento e conhece a santidade.
Fecha as persianas do medo e perde a eternidade
e a reluzente flama dançante do eu [...]*

*Procura então meditar e compreender o infinito.
Vai à sua porta e bate audaz em busca de sentido.
O caminho é longo, cheio de ervas ávidas,
ansiosas por entrançar-te em raízes.
Passa por elas, pois morrerão com o verão [...]*

John Williamson

Em 1970, quando começou a recrutar novos adeptos para o Retiro de Sandstone, John Williamson não era o único a acreditar que chegara a vez das comunidades com estilo de vida alternativo nos Estados Unidos. Segundo uma pesquisa publicada no *New York Times*, estimava-se que havia então no país cerca de 2 mil comunidades de tamanhos e tipos variados, localizadas em fazendas e cidades, montanhas e desertos, domos geodésicos e cortiços de guetos, ocupadas por hortelões hippies, místicos meditativos, promíscuos sexuais, crentes em Jesus, evangélicos ecológicos, roqueiros aposentados,

manifestantes pela paz cansados, fugitivos do sistema e devotos de Reich e Maslow, B. F. Skinner, Robert Rimmer e do urso de pelúcia Pooh.

No Oregon, poucos quilômetros a oeste de Eugene, havia uma colônia de 30 hectares fundada por gente do Meio-Oeste sexualmente liberada que mantinha um negócio de gado de corte. Em Berkeley, Califórnia, casais viviam juntos em conúbio, embora nem sempre compatível, numa grande casa chamada “Harrad West”, inspirada por um dos romances de Robert Rimmer sobre utopia sexual. Numa residência isolada nos bosques de Lafayette, um subúrbio de Oakland, vivia o defensor do “hedonismo responsável” Victor Baranco, que aos 34 anos, tendo ganhado dinheiro no ramo imobiliário, possuía várias minicomunidades em toda a Califórnia e em outros estados; a revista *Rolling Stone* chamava-o de “o coronel Sanders⁹ do panorama comunitário”.

Não longe de San Cristobal, Novo México, encontrava-se a comunidade de Lama, de mais de 50 hectares, fundada por um artista de Nova York e sua esposa, educada em Stanford. Nas montanhas do Colorado, perto de Walsenburg, havia um conjunto de chalés pertencentes à comunidade de Libre, cujos membros eram pintores, ceramistas e artesãos do couro. A 15 quilômetros de Meadville, Pensilvânia, estava a comuna hippie de Oz, estabelecida em terras herdadas por um ex-marinheiro mercante. E no centro da Virgínia, perto de Culpepper, encontrava-se a comunidade de quase 50 hectares de Twin Oaks, fundada por jovens teóricos sociais que mantinham uma fazenda, fabricavam redes e chamavam sua residência principal de “Oneida”.

Na cidade de Nova York, havia *ashrams* [locais de retiro] em prédios ocupados por comunitaristas voltados para questões espirituais que, quando não estavam praticando ioga e cantando mantras, trabalhavam como carpinteiros, pintores ou pedreiros. Em Putney, Vermont, de onde o grupo de John Humphrey Noyes fora expulso mais de um século antes, havia agora cinco comunas contraculturais; a mais anárquica — Red Clover — era financiada pelo herdeiro de uma família proprietária de indústrias de cereais. Mais para o norte do estado, encontrava-se uma comunidade rural chamada Bryn Athyn, onde moravam muitos leitores de Reich que realmente acreditavam na existência de uma correlação entre monogamia, possessividade, ciúme e guerra. Essa comunidade agrícola, tal como muitas outras habitadas por universitários radicais, fracassaria financeiramente, porque seus membros gastavam tempo demais lendo e pontificando em torno da lareira, e tempo de menos ordenhando as vacas no curral.

Essa foi a impressão recorrente do escritor Robert Houriet, que entre 1968 e 1971, fazendo pesquisas para seu livro *Voltando a se reunir*, visitou dezenas de comunidades em todas as regiões do país. Embora admirasse o idealismo e a eficiência encontrada em lugares como Twin Oaks, não pôde ignorar o fato de que muitas outras comunidades não tinham disciplina e dedicação para praticar o que pregavam; denunciavam a poluição e o plástico do mundo externo, mas criavam uma cultura própria do lixo em barracos e lofts psicodélicos e sórdidos, lotados de gente errante, com muita droga e pouca energia. Em todos os locais que visitou, Robert Houriet ouviu jovens ansiosos por viver em

harmonia orgânica com a terra e morar num lugar tranquilo, longe da cobiça e da hostilidade; mas viu-se também cercado por

controvérsias e reuniões sem fim que não conseguiam resolver questões como deixar ou não os cães entrarem dentro de casa. Em toda parte, carros que não andavam e bombas que não funcionavam, porque todos sabiam tudo sobre a história oculta do tarô, mas ninguém sabia nada de mecânica. Em toda parte, gente que tentava encontrar a autossuficiência e libertar-se do sistema capitalista, mas aceitava auxílio-alimentação do governo e dinheiro do papai, vice-presidente de vendas de uma grande empresa. Pias cheias de pratos sujos, vacas atravessando portões abertos, e ninguém para assumir a responsabilidade. Em todo lugar, instabilidade, transitoriedade. Havia sempre alguém se desligando, arrumando a sacola, guardando o violão e dando adeus — de novo na estrada, em busca da comunidade realmente livre, sem grilos.

John Williamson sabia muito bem que as comunidades tendiam a atrair pessoas desse tipo, sem raízes, e temia tê-las em excesso em Sandstone. Embora quisesse que casais contraculturais participassem da experiência — chegou mesmo a pôr um anúncio no *Los Angeles Free Press* —, omitia de propósito a localização da propriedade, dando apenas o número do telefone de um pequeno escritório alugado na cidade, onde podia entrevistar pessoalmente os candidatos e explicar-lhes as exigências básicas e os custos de se tornar membro do grupo.

Tendo em vista que Sandstone não possuía fazenda ou indústria para gerar renda, Williamson decidiu aceitar

aproximadamente duzentos membros, que pagariam 240 dólares por ano para usar Sandstone como uma espécie de clube. Poderiam aparecer durante o dia para nadar na piscina, tomar sol nus no deck da casa principal, fazer piqueniques no gramado; em certas noites, poderiam se reunir à “família” no jantar americano, quando a nudez era habitual mas não obrigatória, e depois descer para uma sala espaçosa, com carpete vermelho e iluminação fraca, que media 18 por 6 metros e estava forrada de esteiras macias e almofadas, para serem usadas por quem quisesse fazer amor, ou simplesmente relaxar ao som de música estéreo, ou conversar com outras pessoas em torno da lareira.

Para assegurar-se de que estavam cientes das noitadas permissivas de Sandstone, os candidatos recebiam durante a entrevista uma brochura que declarava:

Entre os conceitos em que se baseia Sandstone está a ideia de que o corpo humano é bom, de que as livres manifestações de afeto e sexualidade são boas. Os membros de Sandstone lá podem fazer o que querem, desde que não ofendam outras pessoas nem lhes imponham seus desejos pela força. Não há atividades sistemáticas em Sandstone, nenhum programa de estudo comportamental, nenhuma muleta. Os membros são livres para fazerem o que quiserem, quando quiserem, no espírito do mutualismo.

A força e a significação duradoura da experiência de Sandstone repousam no contato humano divorciado do contexto do coquetel, com todos os seus jogos, artifícios para esconderijos. Em Sandstone, o contato inclui o nível básico da nudez literal, física, e a sexualidade aberta. Nesses termos, a

experiência vai muito além de qualquer tentativa de intelectualizá-la. Essa realidade de ação, com seu efeito de aceitar e ser aceito em termos básicos, sem reservas, sem proteção, é a essência da experiência de Sandstone. Ela transcende a fantasia e está criando um novo tipo de comunidade em que a mente, o corpo e o ser de cada um não são mais estranhos um para o outro. Nesta comunidade, as diferenças entre as pessoas tornam-se uma fonte de deleite, em vez de motivo para conflito.

Os regulamentos aplicados com rigor em Sandstone eram poucos: não eram admitidos como membros menores de dezoito anos, era proibido o uso de qualquer tipo de droga na propriedade e, para manter o equilíbrio entre os sexos, somente casais tinham permissão para participar das atividades noturnas. Servia-se vinho ao jantar, mas o consumo de bebidas mais fortes era desestimulado. Nas entrevistas preliminares e nas seguintes, realizadas por John e Barbara na casa principal, eles procuravam saber se o candidato tinha uma história passada de alcoolismo, uso de drogas pesadas, doença mental e outros problemas que poderiam ressurgir ou agravar-se pela exposição à atmosfera sexualmente muito carregada de Sandstone, onde às vezes a infidelidade de alguém era revelada a seu parceiro pela primeira vez, ou mesmo testemunhada por ele.

Tanto quanto possível, John Williamson queria reunir um grande grupo de casais estáveis, jovens sensualistas de classe média que acreditassem que suas relações pessoais melhorariam, em vez de se destruírem, com a eliminação da possessividade sexual. Williamson esperava também que nesse

grupo se incluísse uma porcentagem alta de representantes dos meios de comunicação e da academia, empresários, advogados, médicos, escritores e cientistas sociais — indivíduos que, na qualidade de “pessoas da mudança”, poderiam disseminar a filosofia de Sandstone por palavras, se não por atos, para seus amigos, colegas e o público consumidor, que se tornava cada vez mais receptivo a novas ideias e valores.

Pensando em encontrar-se com gente influente, que tentaria recrutar, Williamson mandou cartas para antropólogos e psicólogos ilustres, convidando-os a passar um dia em Sandstone, contratou um relações-públicas e deu entrevistas à imprensa. Com sua esposa, viajou longas distâncias para falar em seminários sobre comunidades alternativas e mudanças no casamento. Num desses simpósios, realizado no Retiro Kirkridge, nas montanhas Pocomo da Pensilvânia, Williamson deu uma palestra explicando os objetivos de Sandstone para uma plateia onde estavam Robert Francoeur, um ex-padre que se casara e se tornara escritor e professor de embriologia e sexualidade na Universidade Farleigh Dickinson; Rustrum e Della Roy, dois químicos da Universidade Estadual da Pensilvânia que eram conselheiros matrimoniais experientes; Stephen Beltz, psicólogo e diretor executivo do Centro para a Modificação do Comportamento em Filadélfia; o romancista Robert Rimmer; e várias outras pessoas que ficaram fascinadas com sua experiência na Califórnia e expressaram o desejo de visitar Sandstone para observar o que estava acontecendo lá.

Embora Williamson despertasse entusiasmo em lugares distantes, a coexistência do grupo em Sandstone não era a ideal, em sua ausência. E, mesmo quando ele estava presente, parecia estar olhando para fora, distanciando-se de seu círculo de íntimos. Concentrava-se nos planos para o futuro, devotava o tempo a receber visitas importantes e dirigia seu charme envolvente e sua energia sexual para a corte e a satisfação de novas e diferentes mulheres.

A primeira pessoa a perceber a mudança do caráter de Williamson e ressentir-se com ela foi Judith Bullaro. Tendo sido ardentemente perseguida por ele no passado e acostumada a receber sua atenção especial — de que até ficou dependente —, Judith sentia-se agora ignorada e usada. Por ele rompera sua vida familiar, deixara o confortável lar de subúrbio e se mudara com os filhos e o marido descontente para uma casa rústica em Topanga Canyon, a fim de ficar perto de Sandstone e convenientemente disponível para ajudar Williamson e os outros na limpeza, pintura, reforma, paisagismo e restauração em geral da propriedade, que agora, pronta e esplêndida, servia de vitrine para o ego e as crescentes ambições de Williamson.

Parecendo menos um guru romântico do que o engenheiro calculista que fora na vida profissional, Williamson, na visão de Judith, estava transformando Sandstone num laboratório doméstico em que sua família nua era exibida como modelo para atrair novos membros, mais dinheiro e o interesse do mundo acadêmico, ao qual Williamson queria se associar. Não tendo educação formal além do secundário, seu único meio de obter status acadêmico para Sandstone era mediante a criação de um

conselho consultivo composto por cientistas com credibilidade universitária e behavioristas variados que, em troca da revitalização de seus próprios impulsos físicos, talvez ficassem motivados a apoiar os esforços futuros de Williamson para obter subvenções de fundações privadas, ou mesmo fundos do governo, de modo a continuar sua pesquisa sobre as causas profundas do ciúme e da possessividade — problemas para os quais Judith achava que não havia cura, exceto se as pessoas deixassem de se interessar profundamente umas pelas outras.

Na verdade, Judith acreditava que até mesmo John Williamson — embora não controlasse sua esposa — era suscetível aos sentimentos de possessividade sexual; ele parecia não gostar do fato de que sua querida Oralia Leal estivesse passando cada vez mais tempo sozinha com David Schwind; a própria Judith notara uma reação negativa de Williamson quando *ela* confessara sentir atração física por Schwind.

Desconsiderando a reação de Williamson, um dia convidara David para visitá-la enquanto as crianças estavam na escola e seu marido, na companhia de seguros. Ela não contou para ninguém sobre esse encontro, nem sobre o seguinte. Mas estava perturbada por causa desses encontros clandestinos: percebeu que estava escondendo de Williamson o que não era da conta dele porque ele não aprovaria suas intimidades com Schwind, e assim reconheceu como era forte a influência de Williamson sobre sua vida privada. A situação toda estava cheia de contradições: Williamson, o autoproclamado defensor da sexualidade aberta e da não possessividade, parecia hipócrita em seu comportamento em relação a Oralia e à própria Judith; e

esta, ressentida com as “infidelidades” dele com mulheres que recém-conhecera — e talvez retaliando em silêncio com seu caso com Schwind —, estava fazendo uma caricatura da liberação que pensava ter alcançado desde que entrara para o grupo. Apesar de sua experiência em adultério consensual com o marido, talvez Judith fosse, no fundo, uma mulher convencional, possessiva e cheia de culpas no que se referia ao sexo. Nesse estado de espírito questionador, inquieta e perturbada com a influência enganosa de Williamson em sua vida, Judith concluiu que deveria dar um jeito de desligar-se dele e de sua utopia decepcionante.

O que comprovou que sua decisão era definitiva foi um incidente relativamente trivial que parecia ter pouco a ver com sua relação com Williamson, sua vida sexual, seu casamento, seus filhos ou qualquer coisa profundamente pessoal. A fonte da provocação, nesse caso, não foi mais do que sua gata de estimação.

Um dia, ao descobrir que a gata acabara de ter filhotes, Judith ficou fascinada com a maternidade e sentiu grande prazer em observar a bichana ronronante mimando os gatinhos, lambendo seus pelos e alimentando-os. À tarde, notou a mãe carregando-os na boca de um canto para outro, como se estivesse procurando um lugar mais quente e confortável. Mas a gata parecia constantemente insatisfeita: depois de reunir os gatinhos num lado da sala, pegava-os de novo e levava-os para outro lugar, e depois para outro. Enquanto observava com curiosidade, Judith começou a se identificar com a natureza inquieta e perquiridora da gata.

À noite, depois que o casal tinha jantado e as crianças estavam na cama, Judith ouviu um carro estacionando na frente da casa e pela janela viu que John e Barbara Williamson tinham chegado. Era típico de quase todas as pessoas que Judith conhecia na Califórnia fazerem visitas sem telefonar antes, e em geral ela não se importava. Nessa ocasião, no entanto, ainda ligada na tarde tranquila com seus gatos e tendo pensado muito durante o dia sobre a necessidade de ficar mais perto de sua própria família, considerou a presença dos Williamson uma intrusão.

Forçando um sorriso, recebeu-os à porta e, depois de esquentar café, ela e o marido sentaram-se na sala com o casal, que tinha ido até a cidade a negócios e, na volta, resolvera parar ali. Enquanto continuavam a falar, comentando que Judith não aparecera muito em Sandstone nas últimas semanas, ela notou que a gata ainda estava andando para lá e para cá, carregando o que parecia ser um gatinho. Mas, ao olhar melhor, Judith viu uma cauda longa e fina pendendo dos dentes da gata e, de repente, deu-se conta de que era uma ratazana.

Judith deu um grito agudo e um salto, chamando a atenção de todos para o lugar que a gata rondava, perto da lareira. Explicou em detalhes como a gata, que sem dúvida soubera durante toda a tarde do rato que espreitava — e tentara proteger os filhotes mudando-os frequentemente de lugar, para longe do alcance da ratazana —, decidira finalmente enfrentar a ameaça e eliminá-la. Esse pequeno episódio tinha um significado simbólico para Judith, e ela estava tão orgulhosa da gata que demorou um

pouco a perceber que os Williamson não estavam compartilhando nem um pouco aquele entusiasmo.

Se demonstravam algum sentimento, era de tédio e contrariedade: como ela, uma mulher supostamente liberada, podia se identificar tanto com os instintos maternos de uma gata doméstica? Enquanto seu marido continuava em silêncio, Judith viu-se discutindo com os convidados, numa furiosa atitude de defesa que, como ela concluiu mais tarde, ao refletir sobre o assunto, tinha origem nas ansiedades e dúvidas sobre a dedicação maternal que vinha sentindo desde que se envolvera com o grupo de Williamson.

Mas naquele momento não haveria autocrítica capaz de diminuir sua indignação em relação aos Williamson, um casal sem filhos que ela considerava ignorante dos sentimentos maternos e paternos. Naquela noite, depois que eles saíram, Judith disse ao marido que não queria mais saber de John Williamson e estava pronta para se mudar da região e cortar todas as conexões com Sandstone.

Em outro momento e em outras circunstâncias, John Bullaro teria saudado sua decisão, teria ficado contente em largar Williamson e recuperar algum controle sobre sua vida familiar. Mas hesitou e depois admitiu para Judith que não estava ansioso para partir, dessa vez. Explicou que estava finalmente se adaptando ao lugar, gostando da companhia de várias pessoas de lá e até desenvolvendo uma amizade confiante com John Williamson. Bullaro considerava-o agora um homem com quem podia aprender bastante e não tinha dúvidas de que ganhara mais consciência de si mesmo desde que se aproximara dele,

tornara-se mais independente e capaz de ficar sozinho desde que Williamson o desafiara a ir ao deserto, uma aventura terapêutica que Bullaro repetira depois, por iniciativa própria.

Porém, não admitiu abertamente para a esposa que ficara satisfeito ao saber que o recente afastamento amoroso de Williamson ferira o orgulho dela; Bullaro não se opunha a que Judith ficasse mais tempo em cena para absorver mais o desvanecimento da paixão. Era a vez dela, pensava o marido, de sofrer como ele sofrera quando ela se encantara pela primeira vez com Williamson e fizera amor com ele, naquela memorável noite diante da lareira do chalé, alterando enormemente o curso de suas vidas.

Contudo, Bullaro reconhecia uma obrigação para com a mulher e não podia ignorar a dor que ela estava sentindo; nem podia negligenciar que fora ele quem a levara para o mundo de Williamson. Sabia também que a infelicidade de Judith só poderia desgastar ainda mais seu casamento, que ele não queria destruir, e traria dor para as duas crianças que eles amavam.

Após a visita dos Williamson, Bullaro passou a ver novos sinais da depressão de Judith. Ao voltar do trabalho, percebia que ela bebera durante a tarde, e à noite, na cama, mostrava-se distante, irritadiça e indisponível para o amor. Uma noite, quando ele se aproximou, ela ficou subitamente histérica, acordando as crianças. Na manhã seguinte, com remorsos, prometeu que consultaria um terapeuta. Falou novamente sobre ir embora de Topanga Canyon, e Bullaro concordou então que era o melhor a fazer. Nos dias seguintes, após o trabalho, começou a ajudá-la a

empacotar as coisas. Em breve estavam prontos para voltar a Woodland Hills.

Como sua casa ainda estava ocupada por inquilinos cujo prazo de aluguel não expirara, os Bullaro foram obrigados a encontrar outra casa por curto prazo, o que conseguiram com surpreendente facilidade. Embora menor que a de propriedade deles, parecia adequada para moradia temporária e ficava num bairro arborizado, com cercas aparadas e ruas suaves, num agradável contraste com as estradas poeirentas e a atmosfera árida do cânion. Ficava também a uma distância conveniente do escritório de John, e Judith, sentindo necessidade de desenvolver alguma atividade enquanto as crianças estavam na escola, achou um emprego diurno de enfermeira em um hospital das proximidades. À noite, em geral jantavam com os filhos e saíam pouco. Ouviam música na sala, liam ou assistiam à televisão e iam cedo para a cama, onde, em deferência à vontade de Judith, não faziam amor.

Compreensivo, John interpretou isso não como uma rejeição pessoal, mas como uma reação negativa da parte dela aos homens em geral, após seu rompimento com Williamson. Acreditava que as coisas melhorariam depois que voltassem para sua própria casa e se reajustassem à vida de subúrbio e um ao outro. Mas, quando estavam prestes a reaver a casa, Judith surpreendeu-o com o pedido de que ele *não* se mudasse com ela, que lhe desse mais tempo e “espaço” para se haver com suas emoções confusas.

Embora perturbado, ele concordou em alugar um apartamento por um período de tempo que esperava ser muito breve. Estava

disposto a fazer qualquer coisa para restaurar a harmonia da relação e confiava que ela também tinha esse objetivo. Judith não bebia mais, ia ao terapeuta e parecia diligente e pontual no emprego. O apartamento de Bullaro, na cidade vizinha de Encino, deixava-o a pouca distância das crianças, de automóvel; e duas noites por semana ele as levava para jantar fora ou as buscava para visitá-lo. Conversava diariamente com Judith pelo telefone, e nas primeiras semanas da separação ela assegurou-lhe que se sentia melhor, mas ainda não estava pronta para seu retorno.

No caminho do escritório, muitas vezes fazia um desvio, na ida ou na volta, para passar diante de sua casa, gesto de precaução motivado pela preocupação com o bem-estar da família — pelo menos era o que dizia para si mesmo. Porém, quando aumentou a frequência dessas viagens, subindo e descendo a rua Aetna em todas as horas do dia e da noite, percebeu que estava reagindo a sentimentos instintivos em relação à esposa, a certas dúvidas sobre a sinceridade dela, ao medo de que ela o quisesse fora de casa para ter liberdade de encontrar outros homens.

Pouco depois, Bullaro notou, estacionado habitualmente diante da casa, um Pontiac azul, que não pertencia a ele nem a ninguém que conhecesse. Às vezes, via o carro estacionado de manhã cedo, ausente no começo da noite, mas estacionado de novo mais tarde, quando as crianças presumivelmente tinham ido dormir. Depois de observá-lo vários dias, não pôde mais reprimir a ansiedade e acusou Judith de estar encontrando-se com outro homem — e ela, com tranquilidade, confirmou sua pior suspeita.

A raiva de Bullaro foi súbita e incontrolável. Sentia-se traído, humilhado e atônito. Exigiu saber quem era o homem, mas ela respondeu apenas que era alguém que conhecera recentemente. Quando Bullaro insistiu em que ela deixasse de vê-lo, Judith, em tom mais perturbado do que desafiador, respondeu que não podia fazer promessas. Ainda mais irado, Bullaro acusou-a de dar mau exemplo para as crianças e disse querer que elas fossem morar com ele. Judith respondeu que não poderia se separar delas; quando Bullaro a ameaçou com ação judicial, ela não respondeu.

Na noite seguinte, Bullaro viu o Pontiac estacionado novamente e teve vontade de descer do carro, bater à porta da casa e confrontar seu competidor. Mas, não querendo provocar uma cena potencialmente violenta diante das crianças, resistiu ao impulso. Porém anotou o número da placa do Pontiac e, com a ajuda de contatos que fizera durante anos de trabalho em seguros, não só identificou o dono como também obteve detalhes sobre sua vida pessoal. Entre outras coisas, disseram-lhe que era um membro dos Alcoólicos Anônimos, tinha uma história de desemprego e mudança frequente de lugares e fora preso uma vez, acusado de agressão.

Quando Bullaro contou a Judith o que descobrira, ela ficou hostil, acusando-o de violar a privacidade de outra pessoa e acrescentando que já sabia sobre o passado do amante, pois ele mesmo a informara de tudo. Ademais, disse ela ao marido, a espionagem maldosa em que ele se metera só servia para convencê-la de que era melhor continuarem separados. Nenhuma explicação de Bullaro naquele momento, nem em

conversas posteriores, foi capaz de reduzir a distância que havia agora entre eles. Judith precisava de férias conjugais, explicou, queria ser livre, sem ter de responder a um marido. Se não fosse por sua obrigação para com os filhos e o emprego, acrescentou, era provável que já tivesse ido embora com o amante para começar uma vida nova em outra cidade.

Embora achasse difícil acreditar que ela estivesse falando sério, que pudesse ter se envolvido com outro homem tão depressa, Bullaro acabou abandonando toda esperança de reconciliação e, emburrado, cooperou com ela na obtenção da separação legal. Concordou em dar dinheiro para o sustento das crianças, que veria em certos dias da semana. Por seu turno, Judith prometeu não permitir que nenhum amigo passasse a noite em sua casa.

Nos meses seguintes, John e Judith continuaram a se encontrar, embora sempre rapidamente, quando ele ia buscar os filhos. Ela parecia ajustar-se com facilidade à separação: estava com boa aparência e demonstrava mais controle sobre suas emoções. Embora visse menos o amante agora, não havia sinal de arrependimento em sua voz quando admitiu isso. Na verdade, estava se encontrando com mais de um homem e tinha um novo amigo, que conhecera no hospital. Se não estava completamente feliz com sua vida, para o marido não havia dúvida de que estava pelo menos contente — o que era mais do que ele podia dizer de si mesmo.

Para John, os últimos meses tinham sido frenéticos e frustrantes. Saíra com várias mulheres, mas evitara até o mínimo de envolvimento. Aceitara duas vezes convite dos Williamson

para festas em Sandstone e os acompanhara numa viagem de fim de semana para a qual lhe providenciaram uma atraente companhia feminina, no entanto sentia-se, em larga medida, fora do eixo e desconsolado. A agora inalcançável Judith parecia-lhe, mais do que nunca, desejável e insubstituível.

Seu emprego entediava-o como nunca. Após uma década de New York Life e muitos meses de atenção dividida entre o trabalho e a confusão do casamento, Bullaro achou que era melhor pedir demissão antes de ser despedido. Com o dinheiro que economizara, calculava que poderia viver durante um ano sem precisar de emprego regular. E assim reuniu forças para se demitir.

Queria fazer viagens curtas, passar mais tempo no deserto e, ousando reconhecer uma antiga ambição, pretendia escrever um romance. Seria despudoradamente autobiográfico, a história de seu casamento. Na época em que ia e voltava do escritório para Sandstone, enquanto sua mulher era seduzida, fizera anotações volumosas, uma espécie de diário, escrito em papéis timbrados da firma e blocos de papel amarelo, em que descrevia suas impressões e reações ao que estava acontecendo a sua volta e dentro dele mesmo.

O diário fora produzido conscientemente como uma experiência catártica, mas revendo as anotações Bullaro estremecia de constrangimento. Em vez de libertá-lo do desespero, a leitura sobre sua vida aumentava-o: o primeiro encontro sexual com Barbara na convenção de seguradoras em Palm Springs, o surgimento de John Williamson como solucionador de problemas, as noitadas do grupo nu na casa dos

Williamson na Mulholland Drive, os meses que tinham parecido tão estimulantes e libertadores, tudo agora se revelava como um preâmbulo para a destruição e o caos. Bullaro via o amor e a ordem, que tinham sido a estabilidade de sua vida, sacrificados pela fantasia da experimentação e da mudança. Tentou imaginar o que teria acontecido com seu casamento se não tivesse arrastado Judith para aquelas noites em que Oralía, Gail e Arlene se mostravam tão tentadoras e disponíveis. Suspeitava que o resultado teria sido igual, mesmo se tivesse resistido à promessa de Williamson de libertá-los dos laços sufocantes do casamento tradicional. Fora muito doloroso ver Judith responder a outros homens, mas Bullaro estava consciente das muitas compensações que tivera, embora, ao ler suas reminiscências vazias, tudo parecesse reduzido a fragmentos dispersos de emoções sem sentido. Estava sozinho, desempregado e sem esperança.

Os meses se passaram e, ainda que visse os filhos, continuava sem rumo. Foi nesse estado de abatimento que teve notícias de Arlene Gough, com quem tivera um caso curto antes que ela largasse o grupo de Williamson e desaparecesse, como Judith fizera recentemente. O nome de Arlene estava nos jornais: fora encontrada morta em casa, na cama, com uma bala no corpo. A polícia descobrira também, deitado ao lado dela, seu amante, um jovem repórter do *Los Angeles Times*. Sobre a mesa, no andar de baixo, estava um revólver calibre .38 disparado havia pouco. Em poucas horas a polícia tinha prendido e acusado pelo duplo homicídio o filho de dezesseis anos de Arlene Gough.

20.

No começo da noite, quando o sol desaparecia atrás da montanha, dezenas de automóveis subiam a estrada pedregosa de Sandstone: carros importados e conversíveis dirigidos por aventureiros de Beverly Hills de sapatos Gucci e jeans sob medida, peruas e sedãs novos levando casais saídos do cabeleireiro do vale e do condado de Orange; peruas Volkswagen e Toyota com jovens cabeludos de Topanga e Venice Beach que, depois de estacioná-las no limite oeste da propriedade, davam uma última tragada na erva perfumada que seguravam presa por um grampo.

Antes mesmo de entrar na casa principal, os visitantes podiam ver, através de uma grande janela panorâmica perto da porta da frente, sinais de uma festa em andamento. Membros da família e convidados que haviam chegado mais cedo conversavam em pé, drinques nas mãos, sob os candelabros com formato de roda de carroça que pendiam do teto de vigas aparentes; as chamas subiam na grande lareira de tijolos; e refestelado em seu lugar habitual, cercado por seu séquito, estava sentado o imperador loiro e corpulento, sem roupa.

John Williamson acenava com a cabeça, sorrindo suavemente para os recém-chegados que conhecia, mas ninguém se

aproximava dele antes de ser admitido na sala por Barbara, que ficava numa escrivaninha registrando as entradas, caneta na mão, usando apenas um par de óculos — simples óculos de aros de ouro, adequados a sua expressão burocrática, mas que acentuavam o contraste com o belo corpo que florescia abaixo de seu pequeno queixo resoluto.

Barbara não estava contente com sua função de guardiã da porta; preferiria um papel menos sisudo e apropriado a sua posição de primeira-dama de Sandstone, mas ninguém se comparava a ela em eficiência naquela tarefa delicada. Era preciso, com tato e decisão, impedir a entrada de intrusos e de membros que estivessem com o pagamento atrasado, que chegassem a Sandstone desacompanhados por uma pessoa do sexo oposto, ou que estivessem temporariamente suspensos por terem violado alguma das regras do clube. Os indivíduos rejeitados talvez reagissem com veemência, se fossem barrados por um homem, ou tentassem levar na conversa a menos difícil Oralia, porém as maneiras práticas e diretas de Barbara pareciam minimizar todos os confrontos na porta. Apesar de sempre polida, ela era insensível aos elogios falsos, às manifestações de machismo, às ameaças implícitas e mesmo aos atos abertos de agressão. Sua natureza inabalável era enfatizada por uma história que, embora pudesse ser um exagero, deliciava os membros de Sandstone. Certa vez, quando dirigia pelo cânion, Barbara viu uma mulher encostada num carro à beira da estrada, lutando contra um homem que obviamente tentava estuprá-la. Barbara estacionou, saltou do carro e aproximou-se dele sem medo, gritando: “Largue a moça! Se quer

foder alguém, pode me foder”. O homem, atônito, intimidou-se e recuou.

Entretanto, era verdade também que Barbara podia ser encantadoramente feminina quando queria e que, mesmo sendo uma sentinela de pedra na porta, não deixava de ter flexibilidade, usando seu instinto para reconhecer e receber bem pessoas não convidadas que fossem potencialmente úteis para Sandstone ou que pelo menos tivessem projeção suficiente para merecerem uma apresentação a seu marido. À medida que Sandstone ficava mais próspero e tranquilo quanto a seu funcionamento como clube, várias pessoas especiais foram admitidas sozinhas e receberam títulos de sócio honorário por sua presença sugerir um interesse intelectual nos métodos de pesquisa e nos objetivos de Williamson, ou mesmo um endosso.

Em algumas noites, mais ou menos vestidos, ou completamente nus, reuniam-se em torno da lareira pessoas como o biólogo inglês Alex Comfort, que escreveria depois *Os prazeres do sexo*; os psicólogos e escritores Phyllis e Eberhard Kronhausen, que fundariam o Museu da Arte Erótica em San Francisco, com sua extensa coleção pessoal; os conselheiros matrimoniais William Hartman e Marilyn Fithian, chamados de Masters e Johnson da Costa Oeste; o colunista do *New York Post* Max Lerner; Bernie Casey, ex-astro do time de futebol americano Los Angeles Rams que se tornou poeta e ator; os ex-funcionários da Rand Corporation Daniel Ellsberg e Anthony Russo, que já tinham feito cópias dos documentos do Pentágono e estavam sendo investigados secretamente pelo FBI; a artista e feminista Betty Dodson, cujas pinturas heroicas da paixão sexual

tinham deslumbrado os visitantes de sua exposição na galeria Wickersham, em Nova York; o editor Kent Carroll, da Grove Press, que estava planejando produzir e distribuir um filme-documentário sobre Sandstone; o escritor científico de estudos sexuais Edward M. Brecher, amigo íntimo de Masters e Johnson; Art Kunkin, diretor editorial e antigo dono do *Los Angeles Free Press*, cuja decisão de publicar o nome e o endereço dos policiais do combate a narcóticos de Los Angeles resultou num processo e no pagamento de 53 mil dólares de multas, obrigando-o a vender o jornal para um homem chamado Marvin Miller, um editor de literatura sexual cuja condenação posterior num caso de pornografia seria levada à Suprema Corte americana e culminaria no parecer Miller de 1973, um marco judicial. Esse parecer viria a ameaçar a liberalização das formas de expressão sexual, substituindo o famoso parecer Roth de 1957, que havia se contraposto ao legado de Comstock nos Estados Unidos.

Enquanto a sala de estar de Sandstone se parecia, às vezes, com um salão literário, o andar de baixo continuava a ser um local para quem buscava o prazer, oferecendo cenas e sons que muitos visitantes, por mais versados que fossem nas artes e letras eróticas, jamais imaginariam encontrar sob o mesmo teto em uma única noite.

Após descer uma escada carpetada de vermelho, os visitantes entravam na semiescuridão de uma grande sala onde viam, reclinados em almofadas espalhadas pelo chão, banhados pelo brilho alaranjado da lareira, rostos nas sombras e membros entrelaçados, seios arredondados, dedos estendidos, nádegas

em movimento, costas cintilantes, ombros, mamilos, umbigos, longos cabelos loiros espalhados em travesseiros, grossos braços negros segurando quadris brancos macios, a cabeça de uma mulher rondando um pênis ereto. Ouviam-se suspiros, gritos de êxtase, as batidas e a sucção dos corpos em cópula, risos, murmúrios, música, lenha queimando.

À medida que os olhos do visitante se adaptavam à luz, delineava-se uma visão mais clara das muitas formas, texturas, tamanhos, tons; alguns casais estavam sentados de pernas cruzadas, em círculo, e conversavam descontraidamente, como se estivessem num piquenique na praia; outros se abraçavam em muitas posições: mulheres sentadas sobre homens, casais deitados de lado, as pernas de uma mulher sobre os ombros do parceiro, um homem na posição papai e mamãe, com os cotovelos apoiados em travesseiros e o suor escorrendo do queixo barbudo. Perto, uma mulher prendia a respiração, ofegando enquanto o homem dentro dela começava a gozar; outra mulher, respondendo ao som, arqueava o corpo e mexia-se mais rápido até chegar ao seu próprio orgasmo, com a pele afogueada, o rosto contraído, os dedos dos pés encolhidos.

Num canto da sala, salpicadas pela luz giratória que percorria a parede, moviam-se as silhuetas de gente que dançava nua. Em outro canto, uma mulher coberta de óleo, deitada sobre uma mesa, era acariciada simultaneamente por cinco pessoas que massageavam todas as partes de seu corpo, enquanto um homem vigoroso, ao pé da mesa, na ponta dos pés, enfiava a cabeça entre as pernas abertas dela para acariciar seus genitais com a língua.

Havia trios, quartetos, alguns bissexuais; corpos que podiam pertencer a modelos da alta-costura, jogadores de futebol americano, sopranos wagnerianos, nadadores, professores universitários flácidos; braços tatuados, colares de contas, adornos de tornozelo, cordões de ouro nas cinturas, pênis grossos, pintos moles, púbis femininos encaracolados, lisos, cerrados, aparados, pretos, loiros, ruivos. Era um panorama que não se via em nenhuma outra sala nos Estados Unidos, um afrodisíaco audiovisual, um *tableau vivant* de Hieronymus Bosch.

Tudo o que a América puritana tentara proibir, censurar, esconder atrás de portas fechadas, estava em exibição naquela sala de brinquedos para adultos, onde alguns homens viam pela primeira vez a ereção de outros e onde muitos casais ficavam alternadamente estimulados, chocados, contentes ou entristecidos com a visão de seus cônjuges enlaçados com outros amantes. Foi ali que certa noite John Williamson viu Barbara sendo satisfeita por um belo e musculoso homem negro, sentindo por alguns momentos inquietantes as emoções infantis do sulista caipira que fora outrora.

Com frequência, o biólogo Alex Comfort, sacudindo um charuto, vagueava nu pela sala, entre os corpos deitados, com o ar profissional de um entomólogo a percorrer os campos com uma rede de caçar borboletas, ou de um ornitólogo a seguir na rebentação uma espécie rara de andorinha-do-mar. Grisalho, com óculos de fundo de garrafa, o corpo bem conservado, o dr. Comfort era atraído despudoradamente pela imagem de casais absortos em atos sexuais e seus concomitantes arrulhos, considerando-os encantadores e sempre instrutivos. E com um

mínimo de estímulo, depois de deixar o charuto em lugar seguro, reunia-se a um amontoado de corpos amistosos e contribuía para o divertimento.

Comfort — sobrenome perfeito — sentia-se confortável em grupo e confortava pessoas que, sendo novatas em nudez e sexo grupal, pareciam nervosas ou constrangidas. Era uma raridade na profissão médica: alguém que trazia para uma orgia o jeito de lidar com doentes. Era tranquilizador, bem-humorado, erudito, mas nunca pomposo; uma mostra de sua postura equilibrada e do efeito que provocava nas pessoas ao redor era que dificilmente alguém percebia que a mão esquerda usada por ele com perícia em sessões de massagem grupal consistia de apenas um polegar robusto. Na década de 1930, aos catorze anos, perdera quatro dedos numa explosão, ao fazer uma experiência imprudente com pólvora em seu laboratório caseiro. A perda dos dedos deixou-o inicialmente deprimido e assombrou-o com “delírios de pecado”, além de limitar muito seu virtuosismo ao piano, que continuou a tocar, porém teve poucas consequências em sua carreira futura de obstetra, poeta, romancista, marido, pai, filósofo anarcopacifista na **BBC**, geriatra e pesquisador participante de sexo.

Nos dez anos que se seguiram ao acidente, publicou dez livros. O primeiro, iniciado quando ele tinha quinze anos, descrevia sua viagem à América do Sul num navio grego; aos 24 anos, já citado no *Who's Who*, escreveu um romance sobre a queda da França durante a Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, progredia nos estudos de medicina em Cambridge; anos

depois, exercendo a obstetrícia, descobriu que sua mão comprometida, com o polegar móvel, era uma vantagem na realização de inversões uterinas.

A atitude permissiva de Comfort em relação à educação sexual fez com que se tornasse uma figura controversa na Inglaterra muito antes de escrever *Os prazeres do sexo*. Em 1963, ano em que o escândalo do envolvimento do ministro Profumo com call girls abalou o governo conservador e deu início à carreira de muitos reformadores morais, Comfort foi difamado por defender publicamente contraceptivos para adolescentes; uma diretora de escola denunciou que uma aluna, depois de ler um tratado do dr. Comfort, contraíra uma doença venérea — um caso de contágio que não foi muito longe nos tribunais, para satisfação do acusado.

Em 1970, depois de mudar-se para Santa Barbara, Califórnia, onde seria membro sênior do Centro para o Estudo das Instituições Democráticas, Comfort ouviu falar de Sandstone e fez a primeira de muitas visitas. Embora fosse um nudista experimentado, membro do clube naturista Diogenes, na Inglaterra, e frequentador de retiros como Mont Alivet, na costa norte de Bordeaux, ficou imediatamente impressionado pela sexualidade aberta de Sandstone, que lhe proporcionou a oportunidade de observar, numa situação não laboratorial, o comportamento de acasalamento de seres humanos.

Ali podia ver as múltiplas formas da anatomia, a diversidade nas preliminares, os atos de ternura ilegais sendo trocados entre pessoas praticamente estranhas. Uma mulher que Comfort vira chegar com o marido no andar de cima, parecendo tímida e

constrangida em tirar a roupa, estava agora no andar de baixo, montada nua em outro homem, sacudindo a pélvis como um destemido vaqueiro sobre um potro xucro. Perto, podia ver as nádegas brancas, as costas bronzeadas e os cabelos grisalhos penteados em cabeleireiro de um produtor de Hollywood, ajoelhado como um suplicante entre as coxas abertas de uma dona de casa dominadora que lhe dava ordens sentada numa pilha de almofadas.

Na sala havia pênis flácidos de homens ansiosos que, estando talvez em sua primeira visita a Sandstone, não conseguiam manter ereções na presença de muita gente. E havia exibicionistas, máquinas humanas de coito, lanceiros que travavam um duelo medieval de resistência. Havia também gente que parecia espantosamente blasé em relação ao sexo, como os dois homens de meia-idade sentados encostados à parede que, enquanto eram chupados por duas mulheres, mantinham uma conversa tão casual como a de dois motoristas de táxi num dia ensolarado, batendo papo pela janela aberta dos carros enquanto esperam a mudança do semáforo.

Muitos casais apenas observavam pasmados aqueles eventos; para eles, a visita a Sandstone era uma experiência de aprendizado, uma aula de biologia, uma oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre sexo da forma como as pessoas aprendiam tradicionalmente sobre quase tudo, *exceto* sexo: pela observação e imitação das outras. Comfort achava que os visitantes podiam aprender mais sobre sua própria sexualidade em uma noite em Sandstone do que em todos os manuais e seminários sobre sexo conduzidos por sexólogos.

Ali podiam observar as técnicas dos outros, ouvir as respostas variadas, ver as expressões nos rostos, o movimento dos músculos, o rubor da pele, as diferentes maneiras como as pessoas gostavam de ser agarradas, tocadas, lambidas, sentir cócegas, mordiscadas, beliscadas, excitadas com beijos genitais, estimulação anal, carícia no escroto. Atos especiais de estimulação sexual que alguns visitantes fantasiavam mentalmente mas jamais tinham pedido para os parceiros, temendo ser considerados “depravados”, estavam muitas vezes à vista na sala de baixo, e assim Sandstone lhes servia como fonte de tranquilização e autoaceitação. Mulheres que precisavam de tempo e estimulação considerável para chegar ao orgasmo e perguntavam-se se aquilo era normal descobriam em Sandstone muitas mulheres semelhantes; e mulheres que tinham sentido atração por outra mulher mas foram repelidas pelo temor do lesbianismo podiam observar mulheres heterossexuais liberadas, em trios e quartetos, afagando os seios de outra mulher, acariciando-lhe o clitóris, identificando-se com o prazer feminino. Os homens também, embora mais preocupados do que as mulheres com o espectro do homossexualismo, no ambiente permissivo do sexo grupal podiam tocar outros homens, massagear um corpo masculino, beijar um homem na boca como, décadas atrás, no estágio final da adolescência numa sociedade puritana, tinham beijado seus pais.

Os casais desejosos de superar o tédio do quarto matrimonial e ao mesmo tempo preservar o casamento podiam ficar erotizados pelo contato com outras pessoas e depois reorientar a energia sexual para a sua relação. Notando que suas mulheres

excitavam outros homens, muitos maridos também ficavam excitados por elas e tratavam de reposuí-las. E as mulheres, em particular as que tinham sido monogâmicas em casamentos duradouros, podiam voltar a experimentar, com um novo homem, o sentimento de serem desejadas, sexualmente livres, sem prestarem contas; de fato, muitos casais podiam reviver numa noite em Sandstone, de maneiras que nem sempre se harmonizavam com o casamento mas eram individualmente regeneradoras, o élan da paquera juvenil.

Algumas mulheres que tinham enfrentado recentemente divórcios perturbadores e ainda não estavam prontas para outro *affaire de coeur* adotavam Sandstone como segundo lar temporário, uma casa a meio caminho, à qual podiam trazer companheiros, mas mantendo a independência para gozar de sexo e companhia com outras pessoas. Para mulheres cheias de energia sexual e pelo menos moderadamente agressivas, Sandstone era, talvez, o único lugar aonde podiam ir atrás dos homens como objeto de prazer, abordar qualquer estranho desejável no andar de cima e perguntar, depois de um mínimo de conversa: “Gostaria de descer?”.

Não havia necessidade de coquetismo ou do tradicional e afetado recato feminino em Sandstone, nenhum pensamento sobre a “reputação” de alguém nem a preocupação legítima que a maioria das mulheres tinha com sua segurança física sempre que conversavam com estranhos em bares e outros lugares públicos. Uma cena de *À procura de Mr. Goodbar*¹⁰ era impossível em Sandstone, onde as mulheres estavam protegidas da hostilidade masculina pelas pessoas em volta. Lá, uma mulher

sexualmente ousada, se quisesse, podia testar sua capacidade física de exaurir numa única noite os melhores esforços de uma sucessão de libertinos vigorosos.

Quem duvidasse da superioridade do vigor sexual das mulheres sobre o dos homens — um homem em ereção plena, segundo Kinsey, executava, em média, somente dois minutos e meio de movimentos após a penetração — tinha apenas de visitar o “salão de baile” de Sandstone numa noite de festa e observar em ação mulheres como Sally Binford, uma elegante divorciada de 46 anos, cabelos grisalhos, cujo corpo de belas proporções invariavelmente despertava a paixão de um amante após o outro, embora seus olhos negros e brilhantes não procurassem em homem nenhum a confirmação de sua desejabilidade: ela era tão segura emocionalmente quanto atraente fisicamente. Era também uma aventureira e uma feminista dedicada ao estabelecimento de uma sociedade mais igualitária entre os sexos, um mundo em que as mulheres pudessem ser tão boas quanto os homens e julgadas pelos mesmos critérios.

Tendo passado as duas primeiras décadas de sua vida em Nova York, onde nascera, e as duas décadas seguintes em Chicago, onde conquistou quatro diplomas universitários e três maridos, mudou-se para a Califórnia, onde contribuiu com sua participação para a radicalização da Costa Oeste nos anos 60.

No começo do verão de 1970, ao saber da existência de uma comunidade insólita em Topanga Canyon, uma noite subiu sozinha as estradas que levavam ao retiro de Sandstone, onde, depois de estacionar o carro, olhou através da grande janela da

frente da casa principal e viu, num canto da sala, um homem loiro sentado nu atrás de uma escrivaninha, batendo numa máquina de escrever.

John Williamson parou de datilografar quando a ouviu bater à porta. Barbara abriu a porta, Sally apresentou suas credenciais e foi bem-vinda. Williamson, impressionado com o que viu, convidou-a para nadar e apresentou-a a outros membros da família, inclusive uma jovem morena empertigada chamada Meg Discoe, que fora aluna de Sally no departamento de antropologia da Universidade da Califórnia (UCLA).

A partir de então, Sally tornou-se uma frequentadora habitual de Sandstone e parceira sexual de John Williamson, entre outros homens.

21.

Sally Binford era antropóloga e arqueóloga, uma estudiosa de civilizações extintas e homens das cavernas. Mas, ao contrário de muitas das coisas pré-históricas que escavava e estudava, adaptava-se a diferentes climas, atmosferas e habitações e não tinha dificuldade em mudar de um lugar para outro sempre que ficava insatisfeita com o ambiente ou com as pessoas que faziam parte dele.

Os hábitos sociais e sexuais que influenciaram o comportamento da maioria das mulheres de sua geração foram amplamente ignorados por ela desde o tempo de sua adolescência em Long Island, onde foi criada por pais ricos numa casa com criados. Porém, ao contrário de sua irmã mais velha e favorecida, uma conformista que ela não suportava, Sally Binford foi uma menina rebelde, levada e masculinizada, quase uma estranha, que a mãe tolerava mas não conseguia entender.

Sally também não compreendia a mãe, uma mulher formada em direito pela Universidade de Nova York que trocara a carreira por um casamento de classe média centrado no lar, em diversões como jogar *mah-jong* e atividades caritativas com outras damas ociosas, uma das quais lhe apresentou o famoso monsenhor

Fulton J. Sheen, sob cuja influência ela se converteu do judaísmo ao catolicismo.

O pai de Sally, astuto e dominador, filho de judeus-alemães nascido em Londres, fez uma pequena fortuna na América durante a Depressão importando goma-laca. Com o dinheiro, cultivou um estilo pessoal afável e hábitos esportivos, desfrutou da companhia de outras mulheres e comprou um Cadillac que o levava nos fins de semana ao melhor clube de campo de Long Island que aceitava golfistas judeus.

A consciência do antissemitismo, da discriminação racial e do esnobismo de classe que atravessava todas as cercas e gramados de Long Island — para não falar do duplo padrão moral entre os sexos — deflagrou em Sally um impulso para ser diferente, não tradicional, não afetada pelos padrões da comunidade, distante da domesticidade decorativa de sua mãe e mais próxima do comportamento exuberante do pai.

Amazona jovem e ousada, entusiasmava-se com a capacidade de controlar um animal grande e forte. Adolescente sem freios, de vestido curto nos bailes da escola, atraía rapazes com uma facilidade invejada pelas colegas, que a consideravam atrevida e desavergonhada. Após completar o segundo ano na Woodmere Academy e obter um emprego de férias como aprendiz de atriz num teatro de Cape Cod, conheceu um segundanista de Yale e, equipada com um diafragma obtido com uma ginecologista da baixa Quinta Avenida, entrou em seu primeiro caso amoroso.

Um ano depois, em 1942, reagindo contra a insistência da mãe para que frequentasse o Vassar College, uma instituição só para garotas que lhe parecia opressiva e chata, Sally faltou tanto às

aulas que foi expulsa antes do final do primeiro ano. Convertendo em dinheiro os bônus de guerra que seus pais e parentes tinham lhe dado ao se formar na Woodmere Academy, Sally mudou-se para Nova York, alugou um apartamento de um quarto na rua 13 Oeste e conseguiu emprego numa clínica de tratamento psiquiátrico da Corte Infantil, onde datilografava histórias de casos que faziam seu próprio passado parecer discreto.

Estava feliz com sua vida e desfrutava dos bistrôs e do clima boêmio de Greenwich Village, onde, certa noite, num bar próximo de Sheridan Square, conheceu um músico de jazz negro, de quarenta anos, que a apresentou ao Harlem, à estimulação serena da maconha e a técnicas amorosas novas e sofisticadas.

Após quase dois anos no Village, que incluíram uma breve carreira de jornalista no *Daily Press* de Long Island, Sally decidiu retomar os estudos e, com a ajuda financeira do pai, entrou na Universidade de Chicago no outono de 1945, atraída pelo programa de graduação e o inovador reitor Robert M. Hutchins.

Ela não se arrependeria da mudança para o Meio-Oeste, onde se distinguiu como aluna de graduação e, mais tarde, obteve os graus de mestrado e doutorado em antropologia. Participou também de expedições arqueológicas na Europa e no Oriente Médio. Em Chicago, morou na região de Hyde Park, um bairro charmoso de casas vitorianas, próximo do lago e habitado por professores universitários, escritores, artistas, casais jovens e um editor macilento de cabelos negros em cuja sala foi feito o primeiro layout de uma revista que se chamaria *Playboy*.

Embora o sistema político da cidade fosse corrupto e racista — e, nas palavras de Saul Bellow, “nenhuma pessoa sensata sai em

Chicago sem proteção” —, Sally Binford sentia-se segura nas ruas e via uma representação mais civilizada do público eleitor na popularidade crescente de Adlai Stevenson, de Illinois, por quem trabalhou na campanha fracassada para presidente. Orgulhava-se também da vida cultural da cidade, inclusive do clube de teatro Second City, onde surgiram talentos como Mike Nichols, Elaine May, Severn Darden e Barbara Harris. Sally só não encontrou realização, em Chicago, em uma área: o casamento. Nisso, sua desavença não foi tanto com os três homens com quem se casou e de quem se divorciou, mas com o mundo masculino de que eles eram típicos. Tal como a maioria dos homens de sua geração, eram incapazes de aceitar uma mulher liberada, que abominava o duplo padrão e o pressuposto de que, apesar de suas ambições profissionais e de sua inteligência, deveria se concentrar nas atividades domésticas, no cuidado dos filhos e na cozinha. Ela estava uma década à frente do movimento feminista nos Estados Unidos e, no entanto, tinha facilidade para se apaixonar exatamente pelos homens que davam os maridos menos compatíveis — machos chauvinistas como seu pai.

Em consequência, seus casamentos foram conflituosos e temporários. Frequentemente sozinha e descontente, incapaz de satisfazer seus desejos amorosos, Sally passou muitas noites solitárias na cama, masturbando-se com imagens de homens vagamente definidos, estranhos que imaginava encontrar em trens, aeroportos, ou nas ruas de cidades não identificáveis; homens que a seguiam e depois, com delicadeza, constrangiam-na e controlavam-na, para enfim seduzi-la em cenas

semelhantes às que lia nos livros pornográficos que tinha no quarto de seu apartamento em Hyde Park.

Quase todos esses livros, que eram proibidos em Chicago nos anos 50, tinham sido contrabandeados para os Estados Unidos por professores universitários e bolsistas da Fundação Fulbright que tinham visitado Paris. Entre eles, estavam *O amante de lady Chatterley*, o *Kama Sutra*, *Minha vida secreta*, *O jardim perfumado*, os *Trópicos* de Henry Miller e vários romances eróticos franceses que Sally lia fluentemente no original. O que mais a excitava eram as descrições de atos sexuais que ela ansiava por experimentar mas que não estavam disponíveis para ela na vida real, como cunilíngua, que um marido não gostava de fazer, ou atos pelos quais sentia curiosidade mas relutava em tentar, como sexo anal. Nessas fantasias, imaginava-se às vezes no centro de uma orgia, cercada por amantes habilidosos que realizavam ao mesmo tempo todos os seus desejos, estimulando-a oral e genitalmente e satisfazendo cada polegada de seu corpo, enquanto ela também os levava ao auge orgástico.

Mas na vida real, quando ela e um de seus maridos tentaram experimentar o sexo grupal, respondendo a um anúncio de um periódico de swingers, o único resultado foi um encontro num bar-restaurant com um burguês corpulento, com um button de Goldwater na lapela, e sua tímida esposa, com uma margarida de plástico no chapéu. Depois de alguns momentos de amabilidade desajeitada, quando o casal explicou que não estava interessado em suruba, querendo apenas uma troca de parceiros em particular, todos apertaram as mãos e o casal desapareceu na noite perfumada de verão.

Nessa época de casamentos e casos, ensino e viagens, Sally Binford também estava criando uma filha desencantada que saiu de casa assim que teve idade para tanto e que se tornaria, nos anos 60, uma hippie, desistindo da faculdade. Quanto a Sally, entrou na década de 1960 cheia de conflitos, mas esbelta e usando as roupas da moda, como jeans justos e óculos de vovó com aros cor-de-rosa, através dos quais via o mundo com a sensação de que a libertação pessoal estava a seu alcance. Mudara-se para o sul da Califórnia, transferindo-se para o departamento de antropologia da **UCLA**, onde se envolveu no movimento pacifista da universidade.

Em seu apartamento de frente para o mar, em Venice, recebia estudantes radicais e outros jovens que compartilhavam — ao contrário de seus contemporâneos — sua raiva contra as políticas e os métodos dos homens que influenciavam a nação. Foi ativa na greve da **UCLA** em maio de 1970, após o incidente de Kent State, Universidade de Ohio, em que quatro estudantes foram mortos num confronto com a Guarda Nacional; fez discursos contra a guerra e participou de passeatas. Foi nesse período que se reconciliou com a filha, que também já tinha um filho.

Sally conheceu, na casa de um estudante da **UCLA**, um homem forte com bigode de Fu Manchu e cabelos compridos chamado Anthony Russo. Um ano depois, ele ganharia fama em todo o país como o idealista que, junto com Daniel Ellsberg, obteve e vazou para a imprensa os documentos do Pentágono, revelando ao público as mentiras do governo americano sobre seu envolvimento político e militar no Vietnã. Quando Sally

conheceu Russo, porém, não havia no comportamento dele nenhum sinal do criminoso político: era um sulista de trinta e poucos anos, de família rural italiana, recém-convertido à contracultura e ainda não muito acostumado a seus cabelos longos. Depois de trabalhar anos numa empresa que tinha acesso a documentos secretos, vivia agora do seguro-desemprego em Los Angeles e dizia-se um “desertor” da Rand Corporation. Ela gostou dele. E depois de estreitar os laços de amizade e conhecer seu amigo Daniel Ellsberg, decidiu apresentar Sandstone a ambos.

Dos dois, Ellsberg foi o que se adaptou com mais rapidez ao lugar. Já estivera entre nudistas, tendo visitado Elysium, em Los Angeles, e também a famosa Île du Levant, no sul da França. De volta à Rand após dois anos de serviço no Vietnã com o Departamento de Defesa, Ellsberg — que tinha então quase quarenta anos e estava no intervalo entre dois casamentos — participara de orgias com pessoas a cujos anúncios no *Los Angeles Free Press* respondera ou que conhecera num bar especial em Studio City, Los Angeles, chamado The Swing.

Possivelmente o primeiro bar desse tipo no país, The Swing pertencia a um casal atraente, Joyce e Greg McClure. Ele fora ator de cinema, tendo sido o astro principal de *Quando os homens são homens*. Ellsberg fez amizade com os dois e passou a frequentar o bar, apresentando-se em 1968 como “Don Hunter”. Em deferência a seu posto na Rand, Ellsberg não queria que seu nome verdadeiro entrasse na caderneta de endereços de gente que conhecia pouco, em especial porque ninguém sabia muito bem na época qual o estatuto legal do sexo em grupo na

Califórnia. Mas, com exceção do pseudônimo, não tinha nenhuma cautela com as pessoas que conhecia no bar ou com as orgias a que ia depois. Estava aberto a sugestões, à vontade em surubas ou em trios e orgulhava-se de sua energia e de seu estilo como amante. Mesmo depois que fez as cópias dos documentos do Pentágono e poderia supor que o FBI logo grampearia seu telefone e o seguiria de carro, Ellsberg não tentou esconder suas farras noturnas, indo do bar para a orgia — e também para Sandstone — tão despreocupado quanto iria a uma reunião de ex-alunos de Harvard.

Em retrospecto, depois que foi indiciado por espionagem e conspiração, em 1971, Ellsberg conjecturou que possivelmente fora sua abertura com respeito ao sexo o que mais excitara a curiosidade dos puritanos da Casa Branca na época de Nixon. Talvez achassem que, sendo Ellsberg tão blasé quanto às orgias que frequentava, sua verdadeira vida secreta devia ser muito pervertida e sinistra. De qualquer forma, o presidente Nixon, decidido a difamar e punir Ellsberg por vazar documentos do governo para a imprensa, autorizou uma investigação profunda, que revelasse a natureza daquele vira-casaca, que fora um fuzileiro naval leal e um alto burocrata “falcão” no Departamento de Defesa. Foi essa investigação, realizada pelo ex-agente da CIA Howard Hunt e pelo ex-agente do FBI Gordon Liddy, que levou à invasão do consultório do psiquiatra de Ellsberg, em Beverly Hills.

Oito meses depois, Hunt, Liddy e seus colegas invasores receberiam ordens para usar tática semelhante contra outros

inimigos do presidente, que residiam em Washington e tinham escritórios num edifício chamado Watergate.

22.

Richard Nixon chegara à Casa Branca convencido de que o espírito dos Estados Unidos da América estava sendo destruído por radicais, hippies degenerados e pornógrafos exploradores de dentro do próprio país. Como parte de sua campanha para expurgar as tentações sinistras da nação e restaurar a lei e a ordem nos campi universitários e nas cidades, defendia uma “cruzada dos cidadãos contra a obscenidade”. Embora a maioria dos filmes de sexo e das fotografias pornográficas vendidas no país viesse de sua região natal, Nixon não apreciava nem entendia a atração exercida por esse material, nem jamais se identificara com o estilo de vida solto, relaxado, comodista que seduzira tantos outros nativos do sul da Califórnia.

Nixon, um homem caseiro, cresceu num estado voltado para a natureza; era um puritano nascido numa vila rural das cercanias de Los Angeles que estava mais próxima das Vinhas da Ira do que das colinas de Hollywood. Seu pai, motorneiro de bonde de uma região árida de Ohio que migrara para o Oeste em 1906 e fracassara como plantador de limões, era um homem frustrado e rabugento, que impunha aos filhos uma disciplina dura. A mãe de Nixon, Hannah Milhous, que viera para a Califórnia aos doze anos com seus pais, quacres de Indiana, e fora criada na

comunidade religiosa de Whittier — fundada por quacres da Nova Inglaterra no final do século XIX, na mesma época em que os oneidianos de James Towner se mudavam para a vizinha Santa Ana —, era uma mulher honrada, de coragem e fé, que, para pagar o tratamento da tuberculose de um dos irmãos de Richard, trabalhara fora durante três anos como cozinheira e faxineira.

Richard Nixon teve vários empregos enquanto estudava e pouco tempo para indolência ou lazer. Tornou-se um rapaz zeloso e sem humor que tocava piano na Igreja dos Amigos nos fins de semana e era um excelente aluno e debatedor agressivo no Whittier College, uma instituição quacre dedicada ao treinamento de lideranças cristãs. Com bolsa de estudos, formou-se em direito pela Universidade Duke e, como oficial da Marinha, concorreu ao Congresso em 1946, vencendo um democrata cujas concepções liberais ele atacou como sendo simpáticas ao comunismo. Essa campanha contundente e outras similares que se seguiram deram destaque nacional para Nixon, no papel de patriota e inquisidor moral, mas ele raramente se sentiria de fato aceito e admirado por seus eleitores, nem seguro de si, mesmo na sala oval da Casa Branca.

Se pudesse controlar a nação que presidia, teria estendido para as cidades e vilas a ética do Whittier College, um lugar onde havia respeito pelo trabalho árduo, religião e retidão moral. Ao assumir a Presidência, Nixon levou para Washington dois californianos que partilhavam sua ideia de que essas tradições deveriam ser preservadas; eles se tornaram seus principais assessores internos. Ambos não bebiam, não fumavam, eram

adeptos da ciência cristã e tinham frequentado a UCLA; ambos eram republicanos conservadores, patriotas e homens de família que estavam estarecidos com a clamorosa contracultura, a disseminação da permissividade sexual e a tendência pornográfica em filmes e publicações. Um desses homens, H. R. Haldeman, alto, de cabelos curtos, autocrático, ex-executivo de propaganda, seria chefe da Casa Civil da Casa Branca. O outro, o advogado John D. Ehrlichman, ex-escoteiro e condecorado navegador da Força Aérea que participara de 26 missões de bombardeio sobre a Alemanha, seria assistente para assuntos internos do presidente. Quando Daniel Ellsberg vazou os documentos do Pentágono para a imprensa, Ehrlichman retaliou organizando a brigada de “encanadores” que invadiu o consultório do psiquiatra de Ellsberg e a sede do comitê nacional do Partido Democrata, no edifício Watergate.

Além de Haldeman e Ehrlichman, o presidente Nixon iria sustentar sua “cruzada contra a obscenidade” nomeando para a presidência da Suprema Corte — após a aposentadoria do liberal Earl Warren — um majestoso representante de cabelos brancos da arrogante moralidade metodista, Warren Burger. Ex-assistente do secretário de Justiça dos Estados Unidos, nomeado por Eisenhower para a Corte de Apelação, Burger era conhecido por apoiar o privilégio governamental de grampear os telefones de radicais, por ser a favor de restrições à liberdade de imprensa e por ter repulsa à pornografia.

Não demorou para que o presidente designasse mais três conservadores para a alta corte, após a aposentadoria de Hugo Black e John Harlan e a saída de Abe Fortas, forçada pela

divulgação de supostas impropriedades financeiras. Os nomeados foram William Rehnquist, um inflexível republicano partidário de Goldwater, de 47 anos, natural de Milwaukee, que vinha trabalhando no Departamento de Justiça de Nixon e era conhecido por ser a favor da pena de morte e contra o aborto; Harry Blackmun, um abstêmio moralista educado em Harvard e morador de Minnesota que tinha frequentado a mesma escola primária e a mesma igreja de St. Paul do juiz Warren Burger, fora seu padrinho de casamento e, em resposta a uma das questões de Nixon durante uma entrevista prévia para o posto na Corte, garantira ao presidente que nenhum de seus três filhos era “do tipo hippie”; e Lewis F. Powell, um virginiano respeitável, ex-presidente da Ordem dos Advogados Americanos que, pouco depois de sua nomeação para a Suprema Corte, ficou chocado ao ter de assistir na sala de projeções do tribunal, como prova relevante num caso de obscenidade, ao desempenho lascivo de uma atriz sueca loira num filme pornográfico intitulado *Nua em pelo*.

Com esses juízes pudicos na Corte, Nixon previa apoio considerável para sua ofensiva contra a pornografia; contava também com a ajuda da recém-criada Comissão Presidencial sobre Obscenidade e Pornografia, um grupo de dezoito pessoas designadas pelo ex-presidente Lyndon Johnson em 1968 para determinar qual o efeito do material pornográfico sobre a sociedade americana e, se a situação justificasse, sugerir medidas corretivas. Havia bastante tempo que o diretor do FBI J. Edgar Hoover e muitos congressistas e líderes religiosos sustentavam que a exposição a revistas e filmes pornográficos

incitava aos crimes de violência e estupro, mas até a formação da comissão, para a qual o Congresso reservou 2 milhões de dólares para uma pesquisa que ficaria pronta em dois anos, não houvera nenhuma tentativa federal de apresentar provas que justificassem aquela afirmação.

Em 1969, quando um membro da comissão — composta por distintos educadores, cientistas, clérigos, advogados e homens de negócios — aceitou assumir um cargo diplomático no exterior, Nixon pôde nomear alguém de sua escolha pessoal, sabidamente um dos inimigos mais fanáticos da pornografia nos Estados Unidos. Tratava-se de Charles H. Keating, um advogado de Cincinnati, católico resoluto, magro, meio loiro, 1,90 metro de altura, cujos muitos anos de lobby contra filmes e livros com sexo levaram os jornais de Cincinnati a apelidá-lo de “sr. Pureza”.

Pai de seis filhos, ex-campeão universitário de natação, piloto de caça na Segunda Guerra Mundial e alto executivo de uma grande empresa financeira, Charles Keating era uma presença respeitável em sua comunidade. Nos anos 50, ofendido com a expansão das revistas masculinas e brochuras pornográficas exibidas nas bancas da cidade, convenceu vários líderes civis e empresariais, bem como religiosos praticantes, a entrarem em sua cruzada contra a pornografia e doarem fundos para uma sociedade sem fins lucrativos, fundada por ele, chamada Cidadãos pela Literatura Decente, CDL.

O principal objetivo da CDL era aplicar a pressão da comunidade sobre políticos e autoridades legais locais para fecharem as livrarias e cinemas que explorassem o sexo em

Cincinnati; pretendia também inspirar campanhas de envio de cartas e até mesmo boicotes econômicos contra os proprietários de lojas que vendessem revistas de sexo e os patrocinadores de rádio e televisão que tolerassem programas voltados para o tema e outras emissões que pudessem ser interpretadas como inadequadas para um público familiar. Em essência, a CDL estava retomando as táticas da antiga Legião de Decência católica, que antes da guerra aterrorizara a indústria cinematográfica de Hollywood, até ser corajosamente desafiada por produtores independentes como Howard Hughes e Otto Preminger. Embora muitos defensores do livre-arbítrio considerassem, de início, a CDL um anacronismo sem importância, a sociedade continuou a crescer e tornou-se uma organização nacional na década de 1960, com 32 sedes locais em vinte estados e cerca de 350 mil partidários da repressão sexual e da censura. Entre seus membros honorários estavam onze senadores, quatro governadores e mais de cem membros da Câmara dos Deputados. Tinha o apoio de muitos líderes municipais, de promotores públicos e dos arcebispos católicos de Cincinnati, St. Louis, Washington e Los Angeles. Dezenas de jornais de grandes cidades, que sob outros aspectos se opunham à censura, endossaram os programas de “limpeza” da CDL e concordaram em restringir, moderar ou banir inteiramente os anúncios de filmes pornôis. Entre os diários que fizeram isso estavam o *Enquirer* de Cincinnati (do qual o irmão mais moço de Keating era presidente), o *News* de Miami, o *Examiner* de San Francisco, o *Times* de Los Angeles, o *News* de Detroit, o *Times*

Picayune de Nova Orleans e o *Daily News* de Chicago. Até o *New York Times* acabaria influenciado pela tendência.

O *National Decency Reporter*, periódico bimensal da CDL, narrava com entusiasmo cada novo ataque da polícia contra livrarias “suja” de todo o país e anunciava avidamente as condenações judiciais de pornógrafos. Cada número trazia também um esboço biográfico e a fotografia de uma autoridade legal que tivesse recentemente infligido punição aos “mercadores da obscenidade”, numa coluna cujo título era “Promotor do Mês”.

O editor-investigador do *National Decency Reporter* era um cinquentão de óculos, rosado e atarracado, chamado Raymond Gauer. Antes de ser descoberto por Keating, trabalhara obscuramente em Los Angeles como contador de uma companhia de laticínios e analista de sistemas de uma firma fabricante de serras. Gauer era exatamente o tipo de homem que Keating queria recrutar para a CDL: conservador, católico, sete filhos, veterano da Marinha que lutara durante décadas para arrancar o sustento de sua família, ao mesmo tempo que reprimia seu ressentimento contra quem vivia à custa dos programas de bem-estar social do governo, os universitários radicais privilegiados e os degenerados sexuais que estavam cometendo todos os pecados imagináveis contra Deus e a natureza.

Gauer chamara a atenção de Keating de forma indireta. Uma noite de domingo, quando estava indo a pé buscar a comida chinesa que encomendara para o jantar da família, Gauer parou de olhos arregalados diante de uma sex shop que abrira recentemente em seu bairro. Na vitrine e dentro da loja, viu

prateleiras de livros com títulos lúbricos, arranjos de vibradores elétricos e pênis artificiais de borracha, *french ticklers*, anéis penianos, tubos de lubrificantes, ligas e muitas revistas com fotos coloridas de mulheres nuas, com as pernas escancaradas, os braços estendidos, a boca aberta. Gauer soltou um resmungo de desaprovação, mas sentiu um impulso de excitação, um repulsivo desejo ilícito. Afastou-se imediatamente, constrangido por ter ficado tanto tempo diante daquilo.

Mais tarde, quando sua esposa e os filhos estavam dormindo, os reflexos da vitrine maligna persistiam em sua mente. Perturbado pelas imagens, ficou inquieto, agitado, mas também sentiu o chamamento do Senhor, o que não acontecia desde seu tempo de coroinha em Chicago, e reconheceu em si mesmo uma paixão pia, um desejo de enfrentar e vencer o fascínio demoníaco dos pornógrafos vis. Dormiu pouco naquela noite e, no dia seguinte, escreveu uma carta irada à Câmara de Comércio de Hollywood, protestando contra a presença daquele tipo de loja perto de sua casa. Dentro de uma semana, recebeu uma carta de agradecimento, com a promessa de que a polícia seria notificada. Poucos dias depois, leu nos jornais que as autoridades tinham dado uma batida na loja, que fora fechada.

Impressionado e encorajado, experimentando pela primeira vez na vida o poder de exercer sua influência no mundo vistoso a sua volta, Raymond Gauer tratou de percorrer a cidade de carro nas horas vagas e anotar os nomes e endereços de outras sex shops. No centro de Los Angeles, perto da prefeitura, contou seis lugares que pareciam prosperar e escreveu ao prefeito, perguntando como aquele tipo de estabelecimento podia ser

tolerado legalmente à sombra do seu próprio gabinete e da sede do Departamento de Polícia da cidade. Dias depois, recebeu um telefonema de um oficial da delegacia de costumes que dizia: “Sr. Gauer, leia os jornais amanhã”. No dia seguinte, as manchetes da imprensa de Los Angeles registravam uma batida simultânea em seis estabelecimentos, a prisão de vários balconistas e o confisco de sete toneladas de obscenidades.

Não demorou para que um representante da CDL entrasse em contato com Raymond Gauer, e quando Charles Keating foi dar uma de suas palestras em Los Angeles fizeram-se arranjos para que ambos se encontrassem. Em estilo e aparência, os dois homens eram muito diferentes. Keating era alto, dominador, vestia-se impecavelmente. Gauer era sem graça, tinha feições marcadas e cintura suficiente para forçar as costuras de seus ternos apertados. Mas na repulsa ao sexo pecaminoso eram almas irmãs, e depois de conhecê-lo melhor Keating percebeu em Gauer uma simplicidade loquaz que lhe pareceu possível converter numa voz convincente da CDL.

Isso foi testado em breve: devido a um compromisso anterior, um conferencista habitual da CDL não pôde dar uma palestra num clube das Forças Armadas de Los Angeles e Gauer foi persuadido a substituí-lo. Embora inicialmente nervoso e constrangido diante da sala lotada, ele conseguiu expressar, em termos simples mas convincentes, sua objeção à profanação pública que os pornógrafos faziam ao ato sagrado e privado do amor. Ele não negava a atração da pornografia: admitiu ser tão vulnerável a seu estímulo quanto a maioria dos homens. Disse contudo que ela era potencialmente corruptora, um substituto

doentio para a afeição genuína que a união sexual deveria simbolizar. Se os mercadores do sexo continuassem a divulgar seu material imundo no futuro com a liberdade de que gozavam no presente, sua poluição não apenas contaminaria as vítimas, merecedoras de sê-lo, que o consumiam, como se espalharia indiscriminadamente por toda a sociedade, enfraquecendo assim a fibra da vida familiar e a saúde moral da nação.

O sucesso da primeira palestra de Gauer foi tal que Keating o exortou a continuar como porta-voz da CDL. Ele passou então a dar conferências em clubes militares e a participar de debates públicos, com advogados da União Americana das Liberdades Civas, a ACLU, e com vários defensores da Primeira Emenda. Em 1967, já aceitara o convite de Keating para chefiar a sucursal de Los Angeles da CDL e representar a sociedade em escolas e em programas de rádio e televisão na Califórnia e no resto do país. Em certa ocasião, Gauer foi a Chicago, sua terra natal, para condenar a pornografia num programa em que o outro convidado era um comerciante de pornografia e dono de casa de massagens de 29 anos chamado Harold Rubin. A antipatia mútua foi instantânea. Gauer viu no jovem sem papas na língua um sujeito vulgar, sem escrúpulos e padrões morais, enquanto Rubin viu em Gauer semelhanças com seu pai, um operário também natural de Chicago, conservador e reprimido, que ficava mais indignado com sexo do que com a guerra do Vietnã.

Em 1968, Gauer estava em Washington como lobista não oficial da CDL. Com a ajuda de DeWitt Wallace, da *Reader's Digest*, Gauer e um advogado da CDL chamado James J. Clancy encontraram-se em particular com vários congressistas para

pedir a aprovação de leis mais severas contra a obscenidade. Tiveram acesso a uma pequena sala do andar inferior do Senado e, equipados com projetor de slides e tela, exibiram aos congressistas — entre os quais os senadores Strom Thurmond, da Carolina do Sul, Robert P. Griffin, de Michigan, e Jack Miller, de Iowa — exemplos do tipo de obscenidade que estava sendo mandada pelo correio e vendida em todo o país, em larga medida devido aos padrões liberais da Suprema Corte.

Por pura coincidência, enquanto Gauer e Clancy estavam em Washington, a Comissão Judiciária do Senado deu início às audiências públicas da indicação do juiz Abe Fortas para substituir Earl Warren, que, aos 77 anos, estava se aposentando da presidência da Suprema Corte. Muitos políticos e grupos com interesses específicos, como a CDL, opunham-se a Fortas, e do começo do verão ao outono de 1968 houve jeremiadas contra ele, por motivos que iam desde os lucrativos honorários que recebera participando de seminários até seus supostos telefonemas de repreensão a pessoas importantes que criticavam a política externa ou interna do presidente Johnson. Vários republicanos, liderados pelo senador Griffin, ficaram ultrajados com a tentativa do presidente Johnson, que já anunciara a intenção de não concorrer à reeleição, de promover seu amigo para um cargo que, de outra forma, poderia caber a alguém da predileção do próximo presidente, que talvez fosse um republicano.

A briga da CDL com Fortas baseava-se na tolerância dele à pornografia, revelada em vários casos recentes de obscenidade, inclusive por seu voto a favor da legalização do romance inglês

sobre a prostituta Fanny Hill (intitulado *Memórias de uma mulher de prazer*), proibido havia muito tempo, e sua permissividade, no caso de *Corinthe Publications versus Wesberry*, com respeito à publicação de romances pornográficos como *Sin Whisper* [*Sussurro de pecado*]. Ademais, a CDL estava informada de que o editor de *Sussurro de pecado* não só fora cliente do escritório de advocacia de Fortas em Washington como, segundo um agente do FBI, teria se vangloriado dessa ligação, sugerindo que ela o protegeria do processo federal. A CDL sustentou ainda que a divulgação disso influenciara o líder da minoria Everett M. Dirksen, de Illinois (originalmente a favor da promoção de Fortas), a influenciar o Senado contra Fortas.

Quando Richard Nixon assumiu a Presidência, em janeiro de 1969, seu secretário da Justiça, John M. Mitchell, apresentou novas acusações contra Fortas: ele recebera 20 mil dólares de honorários de uma fundação criada por um financista que já fora condenado por vender valores mobiliários não registrados. Fortas foi levado a renunciar inclusive a seu posto na Suprema Corte, criando uma vaga que Nixon preencheria com um conservador.

Um mês depois da renúncia de Fortas, houve mais regozijo na CDL, quando Nixon nomeou Charles Keating para a Comissão Presidencial sobre Obscenidade e Pornografia. O jornal da CDL afirmava com otimismo que a personalidade vigorosa de Keating (embora ele estivesse entrando para a comissão um ano depois que ela fora instalada pelo presidente Johnson) logo inspiraria os outros membros a descobrir formas e meios eficazes de acabar com a obscenidade. Entre os membros da comissão, cuja

maioria Keating julgava representar altos padrões morais, estavam Winfred C. Link, ministro metodista de Hermitage, Tennessee; Irving Lehrman, rabino do templo Emanu-El de Miami Beach; e Morton A. Hill, padre católico que liderara piquetes contra pornógrafos em Manhattan e era presidente de uma organização censória chamada Moralidade na Mídia, Inc. Estavam também um clérigo e professor da Universidade Metodista do Sul chamado G. William Jones; o promotor público do estado da Califórnia Thomas C. Lynch; e duas mulheres — Cathryn Spelts, professora de inglês de Dakota do Sul, e Barbara Scott, advogada de Nova York da Motion Picture Association — das quais se poderia esperar mais do que ressentimento feminino pela maneira como os corpos das mulheres eram usados no mundo da pornografia.

Os outros membros da comissão também pareciam representar a sociedade num corte transversal respeitável: Morris A. Lipton, professor de psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade da Carolina do Norte; Otto N. Larsen, professor de sociologia da Universidade de Washington; Edward D. Greenwood, psiquiatra infantil da Fundação Menninger; Joseph T. Klapper, sociólogo pesquisador da CB□; Thomas D. Gill, presidente da Corte Juvenil de Connecticut; Freeman Lewis, presidente da Washington Square Press de Nova York; Edward E. Elson, presidente da Atlanta News Agency; Marvin E. Wolfgang, professor de sociologia da Universidade da Pensilvânia; Frederick H. Wagman, diretor da Biblioteca da Universidade de Michigan. O presidente da comissão era William

B. Lockhart, diretor da Escola de Direito da Universidade de Minnesota.

Os membros da comissão eram auxiliados em seu trabalho por uma equipe de mais de vinte pessoas e por pesquisadores de fora que receberam a missão de viajar pelo país e recolher informações que depois seriam avaliadas. Durante o primeiro ano, antes de Keating se envolver, equipes de pesquisa foram encarregadas de entrevistar e analisar os principais fabricantes de material pornográfico, os proprietários de lojas que o vendiam e os clientes que o compravam habitualmente. Os pesquisadores procuraram os inspetores postais e as autoridades policiais mais entendidas em pornografia, obtendo não somente fatos e revelações sobre o tamanho e o alcance da indústria ilegal, como também uma avaliação da possível influência da Máfia na produção e distribuição de pornografia. Entraram em prisões do Meio-Oeste e de Nova York para interrogar presos que tinham sido condenados por estupro e outros crimes sexuais, buscando informações sobre seu passado familiar e os tipos de filmes, livros ou revistas que achavam interessantes antes de seus problemas com a lei.

A comissão consultou cem organizações nacionais e pediu-lhes que apresentassem por escrito suas visões da pornografia. Um investigador foi enviado à Dinamarca, onde a pornografia e os espetáculos de sexo ao vivo tinham sido legalizados recentemente, esperando descobrir que efeito isso tivera sobre o número de crimes sexuais, as tendências do comportamento social e a atmosfera moral da nação. Na Universidade da Carolina do Norte, uma equipe científica mostrou filmes de sexo

a 23 estudantes homens, noventa minutos por dia, cinco dias por semana, durante três semanas, numa tentativa de determinar o efeito dos filmes sobre seus hábitos e paixões pessoais. Todos os voluntários assistiam aos filmes vestindo roupões e com o pênis envolto em preservativos ligados a eletrodos que aferiam a ereção; usavam também foles em torno do peito e instrumentos elétricos nas orelhas. Antes das sessões diárias, os pesquisadores perguntavam a cada estudante se tinha se masturbado ou mantido relação sexual depois da última sessão.

Os próprios membros da comissão viram filmes pornográficos. Sua primeira reunião oficial, em 1968, foi realizada no Instituto Kinsey, em Indiana, onde, além de observarem a vasta coleção de objetos eróticos do dr. Kinsey e receberem informações sobre as últimas estatísticas nacionais sobre sexo, foram levados a uma sala de projeção para ver exemplos de filmes pornô antigos, bem como uma variedade de filmes contemporâneos, coloridos. O espectador mais hipnotizado da plateia, embora tivesse ficado ruborizado quando as luzes se acenderam, talvez tenha sido o padre Morton Hill, um dos mais conhecidos e infatigáveis inimigos da pornografia de Nova York. Depois da projeção e de outras exposições a materiais desse tipo, o padre Hill expressou sua preocupação com o fato de que a advogada da comissão estava sendo obrigada a ver tanta imundície; quando ela declarou que a experiência realmente não a horrorizava, o padre ficou claramente consternado e disse que iria rezar pela redenção da alma dela.

Os membros da comissão e sua equipe tinham liberdade para discutir uns com os outros suas reações ao material que lhes era

apresentado, mas o presidente William B. Lockhart advertiu-os para não revelarem suas opiniões pessoais ao público ou a autoridades políticas. Ele percebia que fazia parte de um projeto potencialmente incendiário; se fosse mal conduzido, ou revelado prematuramente de forma fragmentária aos jornais, antes que a comissão tivesse completado e interpretado todas as pesquisas, poderia provocar mal-entendidos e controvérsias que diminuiriam o impacto e a importância do relatório final e suas recomendações. Portanto, todas as perguntas da imprensa e dos políticos deveriam ser encaminhadas a Lockhart e respondidas por ele ou por sua equipe pessoal. A postura autoritária de diretor de faculdade de direito e seu papel superior de presidente da comissão foram devidamente respeitados por seus colegas durante o primeiro ano de operação, mas a chegada de Charles Keating em 1969 introduziu imediatamente nos trabalhos internos do grupo um elemento de tensão e confronto.

A discórdia começou quando Keating descobriu que a maior parte do trabalho de campo não estava sendo feita pelos próprios membros da comissão, mas por uma equipe de pesquisadores selecionada, em larga medida, por Lockhart. Keating ficou mais ofendido quando o advogado afiliado à ACLU Paul Bender, consultor jurídico escolhido por Lockhart, obteve permissão para participar das sessões da comissão, enquanto seu amigo e consultor jurídico da CDL James J. Clancy não estava autorizado sequer a observar os procedimentos. Keating também ficou incomodado quando Lockhart não permitiu que ele participasse de todas as comissões a que gostaria de se filiar; e quando Lockhardt persistiu em opor-se à realização de audiências

públicas, que na opinião de Keating teriam divulgado adequadamente a epidemia de erotismo e denunciado os mercadores que estavam enriquecendo com a venda de pornografia, Keating decidiu boicotar todas as reuniões futuras da comissão.

Mas essas discussões não foram nada em comparação com a ira e a acrimônia com que Keating recebeu as conclusões preliminares e as recomendações que a comissão, dominada por Lockhart, apresentou no outono de 1970, planejando editar e entregar à imprensa oficial. Depois de tanto dinheiro, tempo e energia gastos na investigação do problema, Keating descobriu, pasmado, que na conclusão da maioria dos membros da comissão a pornografia afinal não era um problema nacional e a maneira mais sábia de lidar com ela — pelo menos no que se referia aos adultos — era simplesmente ignorá-la.

Dizia o relatório:

A comissão acredita que não há justificativa para a interferência contínua do governo na liberdade plena dos adultos, porque uma ampla investigação empírica, tanto da comissão como de terceiros, não ofereceu provas de que a exposição a materiais sexuais explícitos ou sua utilização desempenhem um papel significativo na provocação de danos sociais ou individuais tais como crime, delinquência, desvios sexuais e não sexuais ou distúrbios emocionais graves.

Estupradores e outros delinquentes sexuais, continuava o relatório — depois de levar em conta a pesquisa feita em prisões e instituições de saúde mental —, eram com menor probabilidade

consumidores de pornografia do que produtos de “formação conservadora, reprimida e de privação sexual”; e os mais enfurecidos com a popularidade da pornografia no país, acrescentava o relatório, eram os cidadãos mais velhos “excessivamente zelosos” e “religiosamente ativos” que acreditavam também “que os jornais não deveriam ter o direito de publicar artigos que criticassem a polícia, que as pessoas não deveriam ter permissão para publicar livros que atacassem nosso sistema de governo nem para fazer discursos contra Deus”.

A exibição de filmes pornográficos para os 23 estudantes universitários da Carolina do Norte resultara, sobretudo, em tédio. Na Dinamarca, a legalização da pornografia não só não havia provocado a onda de crimes prevista por alguns dinamarqueses, como houvera um declínio substancial de ofensas como o voyeurismo. Esse último fato sugeria que os voyeurs estavam menos dispostos a ir para a prisão por espiar as janelas dos outros, pois podiam ver mais em bares com mulheres nuas, filmes pornô e shows de sexo ao vivo. Ao contrário do que supunham muitos cidadãos americanos, continuava o relatório, a indústria do sexo nos Estados Unidos não era controlada pela Máfia ou outra facção do crime organizado. Embora fosse verdade que o negócio da pornografia sustentasse muitas pessoas que tinham ficha criminal (o que não surpreende, uma vez que a polícia as prendia constantemente por traficar sexo), não havia provas da existência de uma “indústria monolítica da pornografia”, ligada a quadrilhas da Máfia. Os tubarões da indústria do sexo — gente como Milton Luros e Marvin Miller, de Los Angeles, William Hamling, de San Diego, Reuben Sturman,

de Cleveland, Michael Thevis, de Atlanta — não eram exatamente membros do Better Business Bureau,¹¹ mas tampouco constituíam uma rede nacional de chefões mafiosos, cada um com sua “família” de pistoleiros. E a maioria dos consumidores americanos que gastavam milhões de dólares por ano assistindo a filmes pornô, comprando revistas “quentes”, frequentando casas de massagem e depositando toneladas de moedas em máquinas automáticas de filmes de sexo não era composta por depravados, estupradores, gangues de motociclistas, assassinos ou outros refugos da sociedade, mas pelo que a Suprema Corte poderia definir como o Homem Médio — nas palavras do relatório da comissão, “homens predominantemente brancos, de classe média, de meia-idade, casados, trajando ternos ou roupas esportivas decentes”.

A pornografia, ao contrário do que afirmavam os alarmistas, não levava esses homens para as ruas, loucos para estuprar, nem os fazia destruir o lar e abandonar a família. Se os estimulava, poderia provocar atos privados de masturbação ou, se eles tivessem uma esposa, amante ou namorada receptiva, acrescentar ímpeto ao desejo de fazer amor. Mas o comportamento criminoso não resultava da exposição à pornografia, reiterava o relatório, e por esse motivo a maioria da comissão sugeria que o governo americano — que investia anualmente milhões de dólares dos contribuintes para perseguir e processar os pornógrafos, com resultados questionáveis — abolisse todas as leis que buscassem privar os adultos do direito de ver ou ler qualquer dos chamados materiais obscenos.

Charles Keating ficou alarmado com essa sugestão e, após avisar o gabinete de Nixon sobre o que estava prestes a vir de Lockhart, entrou com uma ação na corte distrital federal, em Washington, que deteve temporariamente os planos da comissão de publicar seu relatório. Depois que o juiz concedeu uma ordem de embargo, Keating reuniu seu pessoal na CDL para escrever cartas e mandar telegramas a Washington exigindo uma “pronta e completa investigação da comissão pelo Congresso”. Dos dezoito membros, somente Keating e três outros se opunham totalmente ao relatório redigido pela equipe de Lockhart. Ao lado dele estavam o padre Morton Hill, o reverendo Winfred Link e o promotor público da Califórnia Thomas C. Lynch. O padre Hill estava tão irado quanto Keating, e o documento dissidente Hill-Link começava com esta declaração: “O relatório da maioria da comissão é uma Magna Carta para o pornógrafo”.

Em breve, muita gente importante tomou o partido de Keating. Entre elas, o vice-presidente Spiro Agnew, o diretor-geral dos Correios, os líderes de ambos os partidos no Senado e o presidente da Conferência Nacional dos Bispos Católicos. O secretário da Justiça, John Mitchell, afirmou: “Se queremos uma sociedade em que o lado nobre do homem é encorajado e a humanidade elevada, então eu afirmo que a pornografia é indiscutivelmente danosa”. Por fim, depois de verificar que o relatório não propunha punições, como Keating dissera, o presidente Nixon fez uma declaração pública dizendo que ia “rejeitar totalmente” as recomendações da comissão, que acusava de ter prestado um “desserviço” à nação:

Enquanto eu estiver na Casa Branca, não haverá relaxamento do esforço nacional para controlar e eliminar a pornografia da vida nacional. [...] A comissão sustenta que a proliferação de livros e peças imundas não representa uma ameaça duradoura e danosa ao caráter do homem. [...] Séculos de civilização e dez minutos de bom senso dizem-nos o contrário. [...] Não se deve zombar da moralidade americana.

Nixon teria rasgado o relatório se tivesse poder para tanto, mas a comissão estava agindo conforme ato do Congresso que exigia a apresentação por escrito de suas conclusões e recomendações. Assim, após dez dias de atraso devido à ação impetrada por Keating, o relatório da comissão foi ressuscitado e impresso pelas gráficas do governo, com a condição de que Keating poderia publicar um relatório separado que refletiria *sua* visão sobre a questão da pornografia.

O relatório Keating era um documento de 175 páginas que condenava Lockhart e seus métodos de pesquisa, caracterizava os pesquisadores da comissão como uma mistura de acadêmicos ingênuos isolados em “torres de marfim” e jovens “universitários verdes”. Reproduzia registros policiais e a opinião de comentaristas que citavam a imoralidade sexual e a pornografia como os problemas mais agudos dos Estados Unidos da América modernos. Keating citava a opinião de Arnold Toynbee de que a cultura que mais progride é a que adia a experiência sexual de seus adultos jovens e acrescentava a observação de Bruno Bettelheim: “Se uma sociedade não faz do sexo tabu, as crianças crescerão em relativa liberdade sexual [...] mas até agora a história tem mostrado que uma sociedade assim

não pode criar cultura ou civilização; ela permanece primitiva”. Keating incluiu também um parágrafo que Alexis de Tocqueville escrevera ao visitar a América entre 1835 e 1840:

Procurei a grandeza e o gênio da América em seus portos espaçosos e rios amplos — e não estavam lá; em suas terras férteis e pradarias sem limites — e não estavam lá. Foi somente quando fui às igrejas da América e ouvi seu púlpito chamejante de virtude que entendi o segredo de seu gênio e poder. A América é grande porque é boa — e se a América deixar de ser boa, deixará de ser grande.

A controvérsia gerada pelo relatório de Keating manteve a história das conclusões da comissão nos jornais por vários dias e, justamente quando o assunto parecia estar esmaecendo, ocorreu outro evento que aumentaria o conflito. Em novembro de 1970, produziu-se na Califórnia uma edição ilustrada não autorizada do Relatório Presidencial, um volume grande, acetinado, de 12,50 dólares, que continha em suas 352 páginas não apenas o texto completo do projeto da comissão e a réplica de Keating, como ilustrações sobre o assunto: fotografias e desenhos de casais copulando, grupos em orgias, mulheres masturbando homens, homens aplicando vibradores em mulheres, homossexuais praticando sodomia, lésbicas em cunilíngua, freiras medievais fornicando com velas, gravuras orientais antigas de libertinagem sofisticada, cartuns concupiscentes de personagens populares de histórias em quadrinhos, gravuras impudicas de Picasso, mulheres de salto

alto e roupas de couro açoitando homens algemados, bacanais inter-raciais, closes de vaginas e uma mulher ruiva acariciando com a língua o pênis de um cavalo. Eram 546 ilustrações de todo tipo imaginável, e o editor justificava sua utilização dizendo que se tratava especificamente da espécie de material que os membros da comissão tinham examinado e avaliado antes de terminar o relatório.

Além de publicar uma primeira edição de 100 mil exemplares e distribuí-los para livrarias “adultas” de todo o país, a firma da Califórnia também mandou pelo correio mais de 55 mil folhetos de propaganda que continham algumas imagens do livro, explicavam como os leitores podiam encomendar a edição ilustrada e ainda traziam uma declaração denunciando o presidente Nixon por rejeitar as recomendações da comissão. “Muito obrigado, Sr. Presidente”, dizia o título do folheto, e o texto continuava: “Uma obra monumental de pesquisa e investigação tornou-se agora um gigante de livro. Todos os fatos, todas as estatísticas, apresentadas no melhor formato possível [...] e [...] completamente ilustrados em preto e branco e em cores. Todas as facetas do relatório mais controvertido jamais publicado estão cobertas em detalhes. Este livro é um *must* para as estantes de pesquisa de qualquer biblioteca, pública ou particular, preocupada seriamente com a plena liberdade intelectual e com a liberdade de opção dos adultos. Milhões de dólares em fundos públicos foram gastos para determinar a *verdade exata* sobre o erotismo nos Estados Unidos de hoje e, contudo, fizeram-se todas as tentativas possíveis nos escalões mais altos para suprimir essas informações. Até o presidente desconsiderou os

fatos, imediatamente. A tentativa de suprimir este volume é um insulto indesculpável dirigido a cada adulto deste país. Todo indivíduo *deve* poder tomar sua própria decisão; os fatos são indiscutíveis. Muitos adultos, *muitos deles*, farão exatamente isso depois de ler este relatório. Numa sociedade realmente livre, um livro como este nem seria necessário”.

Como era de prever, um exemplar do relatório ilustrado foi parar nas mãos de agentes do FBI, que o despacharam para o gabinete de J. Edgar Hoover em Washington, onde o diretor, depois de expressar raiva e espanto com a existência de tal livro, levou-o ao presidente. Nixon já o vira, tendo recebido dias antes um exemplar enviado pelo irado Keating, que fora alertado sobre o livro por Raymond Gauer, que por sua vez o notara numa sex shop de Los Angeles e comprara vários exemplares. Nixon ficou horrorizado com o que viu, e logo os promotores e agentes federais estavam discutindo a estratégia legal que poderia punir de forma mais eficaz o editor, um sujeito teimoso e insolente de cinquenta anos chamado William Hamling, sobre quem já sabiam bastante.

William Hamling fora citado em casos de obscenidade da década anterior, em San Diego, onde sua firma fizera milhões com a venda de revistas e livros picantes, tratados políticos radicais, romances de ficção científica, não ficção em geral, best-sellers como *The Rosy Crucifixion*, de Henry Miller, *Candy*, de Terry Southern e Mason Hoffenberg, e obras de Sade, Alberto Moravia e Lenny Bruce. Na qualidade de cliente do escritório de advocacia de Abe Fortas, Hamling fora mencionado pelo FBI por

supostamente ter dito que estava fora do alcance da condenação federal — o memorando foi citado por Gauer e Clancy em 1968, quando faziam lobby no Senado contra a nomeação de Fortas para a presidência da Suprema Corte.

Boa parte do que o governo sabia sobre Hamling fora, de fato, publicado no jornal da CDL por Gauer, que montara, a partir de documentos judiciais, uma história da carreira litigiosa do editor. Mais tarde, Gauer ficaria sabendo muito mais quando o conheceu pessoalmente, num estúdio de televisão de San Diego, antes de um debate. Embora estivesse preparado para odiá-lo à primeira vista, sentiu-se desarmado por Hamling nos vários minutos que passaram conversando nos bastidores, enquanto esperavam o programa começar. Nos modos e na aparência, eles não diferiam: eram ambos homens de meia-idade, grisalhos, usando terno e gravata conservadores do mesmo tipo; ambos eram naturais de Chicago, de formação católica rígida. Durante a conversa, Gauer descobriu que tinham andado praticamente um na sombra do outro ao longo de suas vidas.

Ambos nasceram no verão de 1921 no mesmo bairro de North Side e foram coroinhas; tinham jogado bola nos mesmos terrenos baldios e frequentado colégios vizinhos. Saíram pela primeira vez de Chicago para fazer o serviço militar e com o término da guerra retornaram para casar com moças de Chicago com quem tiveram muitos filhos. Depois de vários invernos opressivos em Chicago, ambos se mudaram para o sul da Califórnia, onde acabariam estabelecendo suas identidades em lados opostos da questão do erotismo. E agora, num estúdio de televisão de San Diego, ao serem apresentados como adversários no debate, Gauer sentiu

um parentesco relutante com Hamling e, de início, não estava disposto a brigar e se irritar.

Mas depois que Gauer, na sua declaração de abertura, referiu-se com ares de superioridade ao próspero negócio da literatura infectada, Hamling ficou hostil e defensivo — um ponto sensível fora tocado, e os dois homens logo se envolveram numa discussão ácida. Hamling insistia em que tinha o direito de possuir pessoalmente e publicar profissionalmente revistas masculinas e livros sobre sexo, enquanto Gauer contestava esse direito e argumentava que esse tipo de material deveria ser proibido para adolescentes e adultos também, porque era socialmente repreensível e moralmente perigoso. Durante quase uma hora, os dois enfrentaram-se num diálogo caracterizado por interrupções e emoções ardentes, e a animosidade provocada pelo programa continuou mesmo após o fim do debate. Quando as câmeras pararam e as luzes baixaram, Gauer e Hamling apertaram a mão do moderador e deram as costas um para o outro, deixando o estúdio com pouco mais que um boa-noite formal.

Gauer perguntou-se mais tarde, considerando tudo o que tinham em comum, o que os teria tornado tão diferentes naquela questão e só pôde concluir que, em algum lugar entre o altar de uma igreja de Chicago e as barras de um tribunal federal, Hamling perdera contato com o espírito de sua religião.

Se Gauer tivesse conversado mais com Hamling, teria confirmado sua suspeita, pois William Hamling tinha, de fato, perdido a fé quando saíra de Chicago e entrara para o Exército, na década de 1940. Mas Hamling poderia argumentar que fora a

Igreja que perdera a fé, desviando-se durante a guerra de muitas de suas tradições, ficando mais mundana, menos ascética, menos espiritual e, portanto, menos digna da admiração reverente e da devoção que ele outrora lhe devotara.

Quando jovem, Hamling pensava em ser padre e sentia-se enobrecido dentro dos limites da Igreja, seguro com suas regras e regulamentos rígidos, submisso diante da certeza com que ela identificava e punia o pecado. Embora restritivo, o catolicismo representava uma posição clara sobre todas as questões humanas, parecia absoluto e onisciente, e um paroquiano que quisesse alcançar a salvação eterna *não* precisava encontrar seu próprio caminho num mundo perturbado por confusões e alternativas — bastava seguir fielmente a trilha claramente demarcada pela Igreja.

Mas no Exército a perspectiva de Hamling mudou. Foi lá que ele viu a Igreja se tornar, por causa da guerra, menos celestial, mais nacionalista e permissiva. Muita coisa que era pecado havia séculos deixava subitamente de ser condenada pela Igreja. Os soldados católicos podiam comer carne às sextas-feiras, podiam faltar à missa, podiam evitar as exortações semanais de seus confessores. Bispos abençoavam bombardeiros; as autoridades religiosas aliavam-se aos generais; na verdade, os generais estavam acima dos padres que, vestidos com as roupas cáqui dos capelães, saudavam as estrelas; e quando toneladas de revistas masculinas eram transportadas pelos militares para a frente de batalha, como estimulantes substitutos para guerreiros sem mulheres, a Igreja, outrora tão rígida e censória, ficava em silêncio, e seu silêncio era cúmplice.

Embora essas concessões eclesiásticas fossem, sem dúvida, inevitáveis, tendo em vista as circunstâncias que a guerra impunha a quase todos os níveis de vida social e familiar, Hamling ainda achava que a secularização da Igreja solapava o fervor religioso de muitos praticantes católicos, como ele mesmo. Depois que deu baixa e retornou à vida civil em Chicago, deixou de sentir-se dominado por seu condicionamento anterior, pela visão estreita do pecado, pela culpa em relação ao sexo não santificado.

Com o tempo, Hamling viu-se trabalhando como editor numa empresa que distribuía várias revistas mensais, entre elas uma de aventuras e pin-ups chamada *Modern Man* e um periódico nudista, *Modern Sunbathing & Hygiene*, que publicava fotos retocadas. O patrão de Hamling, dono de todas as publicações da editora, era George von Rosen, e um dos primeiros funcionários a travar amizade com Hamling foi o jovem diretor de promoções, Hugh Hefner. Apesar de quatro anos mais moço que Hamling, Hefner tinha muito mais certeza do que queria da vida e já decidira largar a firma de Von Rosen para arriscar seus talentos e sua sorte numa revista própria. Quando Hefner lhe descreveu o tipo de revista que tinha em mente, esperando atraí-lo como investidor, Hamling escutou com interesse, mas concluiu que, apesar do efeito liberalizante da volta dos veteranos de guerra, não havia uma quantidade suficiente de homens dispostos a dar suporte financeiro, em escala nacional, a uma publicação tão sexualmente ousada como Hefner imaginava.

Anos depois, quando Hefner enriquecera com a *Playboy* e Hamling ainda mourejava como editor e redator free-lance para

revistas populares, os dois encontraram-se numa tarde para um almoço amistoso em Chicago. No caminho para o restaurante, Hefner mostrou com orgulho o Cadillac conversível cor de bronze que acabara de comprar. Hamling, que chegara com seu velho Hudson 1941, ficou impressionado e sentiu uma ponta de inveja da rapidez com que as circunstâncias de Hefner tinham mudado: ele não era apenas um editor rico, mas a personificação da imagem da *Playboy*. Hamling sabia que não tinha temperamento para imitar o amigo (preferia passar as noites em casa com sua esposa Frances em vez de perseguir *playmates*, enquanto Hefner tinha se separado recentemente de sua esposa Mildred, em busca da eterna felicidade de solteiro), mas não podia deixar de se arrepender por não ter comprado as ações da *Playboy*, que não paravam de subir. Em consequência, durante o almoço, Hamling escutou Hefner com muito respeito e receptividade e quando ele, demonstrando preocupação com seu bem-estar, sugeriu-lhe que também abrisse uma revista masculina, pois o campo mal começara a ser explorado e vastas fortunas poderiam ser ganhas, Hamling decidiu que estava pronto para abandonar sua costumeira reticência.

Uma semana depois, seguindo o conselho de Hefner, fez contato com Jerry Rosenfield, diretor da Empire News Company, que ajudara a financiar *Playboy* nos primeiros tempos e agora lucrava com sua distribuição nacional. Rosenfield reagiu favoravelmente ao plano de Hamling de lançar uma nova revista, prometendo adiantar os fundos necessários para a impressão, em troca dos direitos de distribuí-la. E assim, em novembro de 1955, Hamling produziu o primeiro número de uma revista

chamada *Rogue*. Embora fosse menos vistosa que a *Playboy*, com fotografias em preto e branco e não em cores, no final de 1956 já estava vendendo 300 mil exemplares por mês e atraindo atenção suficiente nas bancas para ganhar a condenação da CDL — e ser classificada como obscena pelos Correios, que procuraram anular seus privilégios de correspondência de segunda classe.

A *Playboy* também fora classificada como obscena pelos Correios, mas, em vez de processar a revista de Hefner, mais próspera e estabelecida, os advogados dos Correios decidiram fazer um teste com *Rogue*, achando, sem dúvida, que seria mais fácil vencê-la nos tribunais. Entretanto, em Washington, Hamling tinha acesso ao escritório de advocacia da Empire News, do qual Abe Fortas era sócio. Sua defesa no tribunal distrital custou-lhe 13 mil dólares, mas a direção dos Correios foi derrotada, e *Rogue* ganhou o direito de pagar a tarifa de segunda classe. E Hugh Hefner, sem gastar nada, recebeu automaticamente o mesmo privilégio para a *Playboy*.

Hamling ficou entusiasmado com a vitória judicial e a proeminência que ela lhe deu no campo das revistas masculinas. Enquanto a circulação mensal de *Rogue* se aproximava dos 500 mil exemplares, expandiu seus negócios em 1959 para a área de livros populares de temática sexual, empregando vários escritores de talento e necessitados que escreviam sob pseudônimo uma profusão de romances obscenos de leitura rápida, que Hamling vendia em quantidades enormes com o selo da Nightstand Books.

Entre 1960 e 1963, quando sua firma já se mudara para San Diego, Hamling faturou 4 milhões com seus romances de capas espalhafatosas, que apregoavam aventuras sexualmente excitantes, embora os títulos evocassem, curiosamente, o sentimento de culpa. As palavras “pecado”, “vergonha” e “luxúria” repetiam-se: *Viciada no pecado*, *Fome de luxúria*, *Loja da vergonha*, *Sussurro do pecado*, *Presídio do pecado*, *Feira da vergonha*, *Sacerdotisa da paixão*, *Sessão de pecadores*, *Pagãos da cobertura*, *Pecadores do ribeirão*, *Serva do pecado*, *Piscina da luxúria*, *Agente da vergonha*. Os títulos poderiam ter vindo diretamente das advertências das freiras e padres da paróquia de Chicago da qual Hamling, em consciência, não tinha escapado. Mesmo na atmosfera sibarítica do sul da Califórnia, ele resistia pessoalmente às tentações que eram descritas com tantos detalhes nos romances que despachava aos magotes para as prateleiras dos fundos de drugstores e bancas de jornais de todo o país. William Hamling continuava a ser um marido dedicado, pai de seis filhos, um homem de negócios vestido de forma conservadora que poderia facilmente estar fabricando gravatas, aparelhos de ar-condicionado ou peças automotivas. Se ele merece crédito por ter se tornado um plutocrata do suculento negócio de ficção barata no começo dos anos 60, é porque compreendeu, graças a Hugh Hefner, que os Estados Unidos estavam à beira de um boom de publicações voltadas para o sexo. E logo percebeu que havia milhões de homens convencionais como ele que procuravam o prazer vicário da leitura sobre mulheres selvagens que não se pareciam de forma nenhuma com suas esposas. Os consumidores típicos dos livros

de Hamling eram libertinos enrustidos, homens comuns com fantasias extraordinárias, que eram raramente satisfeitos pelos romances sensuais mais sutis distribuídos pelas editoras maiores e supostamente legítimas de Nova York.

Hamling não teria enriquecido se as leis sobre obscenidade do país não tivessem ficado mais liberais justo quando ele estava entrando no negócio de livros pornográficos. A definição alterada de obscenidade da Suprema Corte, insinuada pela primeira vez no parecer Roth, legalizou em 1959 não apenas livros de qualidade, como *O amante de lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, mas também as obras sexualmente explícitas de muitos escritores e diretores de filmes inferiores, editores de revistas e livros. Em dois casos posteriores da Suprema Corte, as liberdades implícitas na decisão Roth foram ampliadas ainda mais. No caso de 1962, *Manual Enterprises versus Day*, a Corte liberou das restrições do diretor-geral dos Correios, Edward Day, várias revistas de “musculação” para homossexuais, com fotos de homens nus. Em 1964, no caso *Jacobellis versus Ohio*, a Suprema Corte revogou a condenação em tribunal inferior do gerente de cinema de Cleveland Nico Jacobellis, que exibira o filme de Louis Malle *Os amantes*, sobre as infidelidades de uma entediada dona de casa francesa. No parecer Jacobellis, a Corte enfatizava o que estava apenas implícito em Roth: que um filme ou qualquer outra forma de expressão, independentemente de seu conteúdo sexual ou imoral, não poderia ser proibido como obsceno, exceto se não tivesse “nenhuma importância social”. Com base nessa frase, uma corte federal de Illinois, em

novembro de 1964, sentiu-se obrigada a revogar uma recente condenação do comediante Lenny Bruce. Embora insistisse que os shows de Bruce eram revoltantes e repulsivos, o tribunal de Illinois foi forçado a admitir que alguns dos tópicos que ele discutia no palco tinham “importância social”.

Por fim, em 1965, no caso de *Memoirs versus Massachusetts* — no qual a Suprema Corte anulou uma decisão do secretário da Justiça estadual Edward W. Brooke, que seguira a tradição de Massachusetts de condenar o livro de Fanny Hill, proibido no estado pela primeira vez em 1821 —, o parecer prevalecente do juiz Brennan declarou que um livro, filme ou revista poderia ser classificado como legalmente obsceno apenas quando fosse simultaneamente culpado de três ofensas: apelar para o “interesse lúbrico” por sexo da pessoa média; ser “patentemente ofensivo” ao adulto médio; e ser “totalmente desprovido de valor social redentor”.

Uma vez que poucas obras são “totalmente desprovidas” de algum valor redentor, mesmo quando lascivas e abertamente ofensivas, o grosso dos periódicos, fotografias, filmes e livros questionáveis — inclusive milhões dos livros da Nightstand de Hamling — ganhou permissão para ser vendido em cada aldeia da nação na metade dos anos 60. Mas a tendência tolerante da maioria dos nove juízes da Suprema Corte não fez os defensores da censura sexual dentro do governo e nas cortes inferiores deixarem de perseguir e processar aqueles que se expressavam sexualmente naquele período. Ao contrário, os militantes de campanhas contra a obscenidade tornaram-se cada vez mais obstinados e vigilantes. E os agentes federais e as delegacias de

costumes municipais (apoiados por líderes religiosos e grupos de cidadãos como a CDL) se tornaram mais cuidadosos e exigentes em seus métodos de reunir provas contra os fornecedores de sexo, sabedores de que advogados bem pagos iriam provavelmente apelar para tribunais cada vez mais altos e, se necessário, à Suprema Corte, na esperança de ganhar uma revogação com base em algum tecnicismo legal, ou alguma interpretação inventiva das palavras maleáveis da flexível definição do crime de obscenidade.

Assim, os Correios reforçaram suas investidas contra os pornógrafos aumentando o número de inspetores e autores de cartas de “isca” — funcionários do departamento que, usando nomes e endereços falsos, respondiam aos anúncios de material pornográfico, numa tentativa de apanhar os pornógrafos pela violação da Lei Comstock, que proibia o envio de obscenidade pelo correio. O inspetor postal Henry Simon, decano das iscas, utilizou dezenas de pseudônimos (fazendo passar-se por solteirões tímidos, viúvos idosos, estudantes universitários, fazendeiros de cidades pequenas) em suas centenas de cartas com pedidos a distribuidores pelo reembolso postal de fotografias pornográficas, “auxiliares maritais” e livros obscenos. Muitas dessas cartas, que eram enviadas de diferentes regiões do país pelos cúmplices de Simon, davam como endereço de retorno uma caixa postal localizada numa comunidade conservadora, onde havia juízes nem um pouco liberais e o júri seria composto de cidadãos puritanos — permitindo que os promotores federais se beneficiassem da emenda do Congresso de 1958, segundo a qual um mercador do sexo podia ser julgado em qualquer cidade

em que seu material fosse recebido. Um julgamento que durasse alguns meses, numa cidade distante, era capaz de comprometer financeiramente e até levar à falência o acusado, mesmo se o caso do governo fosse fraco: o comerciante ficava privado de operar o negócio que era sua fonte de renda e tinha de pagar os honorários cada vez mais caros dos advogados, seus custos de viagem e hospedagem, sem falar das despesas que também teria de cobrir se algum de seus empregados fosse processado junto com ele.

Os congressistas eram mantidos a par da disseminação da pornografia por meio da correspondência abundante de sociedades moralistas e de pessoas que reclamavam das drugstores e bancas de jornais de bairro entulhadas de literatura barata sem nenhum valor social. E muitas cartas depreciativas foram enviadas também à Suprema Corte, que era o alvo preferido dos americanos direitistas devido a suas decisões permissivas em relação à livre expressão e às liberdades individuais e a seu aparente descaso pelas tradições das famílias conservadoras e dos grupos religiosos. Durante o período em que Earl Warren foi presidente, iniciado em 1953, a Corte foi difamada por várias facções por ter declarado ilegais os exercícios religiosos compulsórios nas escolas públicas, por ter proibido a segregação racial nas escolas, por refrear os grampos de escuta, por liberalizar as exigências de residência para as pessoas que recebiam auxílio da previdência enquanto estavam na prisão, por negar às autoridades policiais apreensões e buscas “exorbitantes”, por sustentar o direito de disseminar e receber informações sobre o controle da natalidade. Com

respeito à questão da liberdade de manifestação e de expressão sexual, nenhum juiz recebeu mais cartas de desprezo do que William O. Douglas, o maior defensor na Corte das liberdades civis.

Ao abrir e ler as cartas, várias delas assinadas por estudantes, o juiz Douglas reconhecia amiúde uma semelhança exata nas frases e até na pontuação, o que o levou a concluir que as cartas eram copiadas de lousas de escolas ou igrejas. A maioria das cartas atacava suas decisões legais, mas algumas também criticavam sua vida privada e seus muitos casamentos. Em 1963, com mais de sessenta anos, o juiz Douglas casou-se pela terceira vez, com uma mulher de menos de trinta anos. Três anos depois ele se casaria de novo, com uma mulher de idade parecida. Na longa história da Suprema Corte, iniciada em 1789, só houve três divórcios envolvendo seus juízes. Os três foram de William O. Douglas.

Desde que entrara para a Corte em 1939, por recomendação do presidente Roosevelt, William O. Douglas simbolizava a causa do individualismo contra as forças do autoritarismo. “A Constituição foi criada para manter o governo fora da vida das pessoas”, escreveu ele certa vez. A inimizade que o juiz Douglas gerava nas hostes conservadoras levou a três tentativas frustradas de processá-lo. A primeira ocorreu em 1953, durante a histeria anticomunista inspirada pela caça às bruxas do senador Joseph McCarthy. Na ocasião, Douglas decretou uma suspensão de execução em favor de Julius e Ethel Rosenberg, acusados de espionagem para a União Soviética — que mesmo assim foram

mortos na cadeira elétrica no final daquele ano. O segundo apelo para tirá-lo da Corte ocorreu depois de seu terceiro divórcio; e outra tentativa foi feita após a publicação de seu livro *Questões de rebelião*, que, tal como descrito na resolução de impeachment de autoria de Gerald Ford, líder da minoria da Câmara, era um convite “à violência, à anarquia e à agitação civil”. Quando um trecho do livro de Douglas apareceu na *Evergreen Review* da Grove Press, uma corajosa publicação literária mensal, adornada frequentemente com ilustrações e histórias eróticas, Gerald Ford foi para as galerias do Congresso brandindo um exemplar da revista. A resolução alegava também que o juiz Douglas aceitara fundos de fontes impróprias. As duas acusações revelaram-se falsas, após a investigação de uma subcomissão da Câmara. Como o senador William Langer, de Dakota do Norte, observou certa vez para o juiz mais controvertido da Suprema Corte: “Douglas, eles jogaram vários baldes de merda em você, mas, graças a Deus, nenhum grudou”.

As ameaças de impeachment e as cartas injuriosas não abalaram o compromisso de Douglas com a liberdade de imprensa e a tolerância à expressão sexual, mesmo quando ela *não tinha* uma importância redentora identificável. “O que quer que seja a obscenidade”, observou ele certa vez, “ela é imensurável como crime e delineável apenas como pecado. Como pecado, está presente apenas na mente de alguns e não na mente de outros, e é subjetiva demais para alguma sanção legal”. Na sua concepção, a tarefa de censurar de maneira apropriada o que é sexualmente impróprio está além dos critérios e da compreensão das sociedades moralistas, da polícia, do

diretor dos Correios, dos clérigos, dos júris e dos juízes, inclusive dos nove sábios honrados que ocupavam o mais elevado tribunal do país. Escreveu ele sobre seus colegas:

“Com todo o respeito, não conheço no país grupo menos qualificado para, em primeiro lugar, saber o que é obscenidade quando a vê e, em segundo lugar, fazer um julgamento ponderado sobre o impacto deletério ou benéfico de determinada publicação sobre a mente de jovens ou velhos”.

Apesar da baixa avaliação que Douglas fazia das percepções eróticas dos colegas e de seu desejo de que os tribunais e os policiais ficassem longe dos buracos das fechaduras da nação e dirigissem a atenção para o que deveria ser realmente a preocupação legal do Estado, a Suprema Corte continuou a examinar durante os anos 60 as fontes de fantasia e prazer dos cidadãos americanos. E em dois casos incomuns decidiu que os editores de livros de sexo tinham tão pouco valor social redentor que ambos os homens em julgamento mereciam nada menos que a prisão.

Um desses indivíduos chamava-se Edward Mishkin. Seu caso — Mishkin *versus* Estado de Nova York — foi examinado pela Corte no mesmo dia de dezembro de 1965 em que ela ouviu os argumentos de *Memoirs versus* Massachusetts. Mas a situação de Mishkin era totalmente diferente daquela que liberaria a velha história de Fanny Hill. Ele fora preso e condenado em Nova York, multado em 12 mil dólares e sentenciado a três anos de prisão por fabricar, vender e anunciar grosseiramente vários romances de carregação que pareciam menos obcecados com a atividade

heterossexual do que com sadomasoquismo, fetichismo e outras supostas perversões. Quando apelaram para a Suprema Corte, os advogados de Mishkin apresentaram um único argumento que esperavam ser suficiente para libertar seu cliente: admitiam que os livros de Mishkin podiam ser destituídos de valor redentor e até repugnar e revoltar o leitor adulto médio; mas aqueles livros *não* eram escritos para o leitor *médio* e certamente *não* excitavam o interesse lascivo desse leitor. Dessa forma, conforme a definição específica de obscenidade, que exigia que o leitor médio fosse vulnerável à fantasia excitante, os livros bizarros de Mishkin não poderiam ser classificados como obscenos.

Essa lógica não conseguiu impressionar um número suficiente de juízes em benefício de Mishkin. Embora os juízes Douglas, Potter Stewart e Hugo Black votassem pela revogação da sentença com base na Primeira Emenda (o juiz Black, tal como Douglas, insistia em que o governo não tinha jurisdição sobre as gráficas do país, não importando o tipo de literatura imoral ou perversa que elas produzissem), os outros seis consideraram que a condenação de Mishkin no tribunal inferior fora justificada e não anularam sua multa nem a pena de prisão.

A segunda pessoa a apelar para a Suprema Corte nessa época foi outro nova-iorquino: Ralph Ginzburg, editor da revista *Eros*, de um livro intitulado *Manual para a dona de casa sobre promiscuidade seletiva* e de um boletim quinzenal chamado *Liaison*. A revista *Eros*, que provocara o indiciamento de Ginzburg, sob a acusação de ter violado a lei postal, na verdade

era mais refinadamente excitante do que sexualmente obscena. Suas fotos coloridas não mostravam órgãos genitais ou pelos púbicos; os artigos não apelavam grosseiramente para o interesse lúbrico, e o elegante aspecto gráfico, o papel de qualidade e a capa dura marcavam-na como uma revista de diagramação e qualidade incomuns. Era trimestral e vendida para assinantes por 25 dólares anuais. Em seu primeiro ano de existência, publicou materiais como o conto de Guy de Maupassant “A casa Tellier”, ilustrado por Edgar Degas, reproduções coloridas de nus clássicos que podem ser vistos nos grandes museus e trechos lúbricos da Bíblia, adornados com gravuras de personagens do Velho Testamento. Publicou também um artigo do psicólogo Albert Ellis intitulado “Uma defesa da poligamia”, outro de Phyllis e Eberhard Kronhausen chamado “A superioridade natural erótica das mulheres”, uma reimpressão do outrora controvertido ensaio de Mark Twain “1601”, exemplos da poesia de Shakespeare que levaram à interpretação de que ele era homossexual, fotografias de prostitutas de Bombaim e um conto sobre a difamada Nan Britton, que causara um escândalo nacional no começo da década de 1920 ao declarar que era mãe de um filho ilegítimo do presidente dos Estados Unidos Warren G. Harding.

No quarto número de *Eros*, enviado pelo correio para os assinantes no inverno de 1962, havia uma matéria que Ginzburg chamou de “Preto & branco em cores”, uma série de fotografias que mostravam um homem negro musculoso em relação amorosa com uma bela mulher branca. Embora nenhuma das dezesseis fotos enfocasse a genitália, insinuava-se claramente

que era um casal de amantes. Em algumas fotos estavam se beijando, em outras acariciavam-se mutuamente, deitados lado a lado, e na foto que talvez fosse a mais notável apareciam de pé, face a face, num abraço bem íntimo, com coxas e pélvis em contato firme, os corpos tão apertados um contra o outro que o seio esquerdo da mulher se achatava contra o peito do homem. A introdução às fotos, que *Eros* chamava de um “poema sinfônico fotográfico”, declarava, garantindo o “valor social redentor” da lei, que o casal era uma homenagem à “convicção de que o amor entre um homem e uma mulher, independentemente de suas raças, é lindo”. E continuava o texto: “Os casais inter-raciais de hoje sofrem a indignidade de ter de defender seu amor diante de um mundo que os contesta. Amanhã, esses casais serão reconhecidos como os pioneiros de uma era esclarecida em que o preconceito estará morto e a única raça será a raça humana”.

Consta que, quando soube dessas fotos, o secretário de Justiça Robert F. Kennedy ficou enfurecido. Embora muitos dos amigos íntimos de Kennedy não o considerassem puritano ou monogâmico na vida pessoal, ele era conhecido por ser tão probo quanto J. Edgar Hoover no que se referia à pornografia para o público em massa. Segundo o livro *A justiça de Kennedy*, de Victor S. Navasky, ele pensou em censurar *Eros* e outras publicações sexuais antes mesmo de ver as fotos do casal inter-racial. Mas, como foi explicado a Navasky pelo vice-secretário de Justiça Nicholas deB. Katzenbach, Kennedy temia que uma interferência desse tipo fosse interpretada politicamente como um sinal de seu compromisso prejudicial com o catolicismo. O quarto

número de *Eros*, porém, foi anunciado e circulou em todo o país, inclusive no extremo sul, numa época em que havia distúrbios e tensões devido à dessegregação forçada da Universidade do Mississippi e à presença de seu primeiro estudante negro, um jovem decidido chamado James Meredith. Acreditando que as fotos de *Eros* pudessem ter efeito negativo sobre o progresso dos direitos civis no Sul, Kennedy tratou de indiciar rapidamente Ginzburg, acusando-o de mandar obscenidade pelo correio.

Os trâmites legais contra Ginzburg foram arranjados de tal forma que ele seria forçado a enfrentar um julgamento em Filadélfia, cidade em que o prefeito e a polícia eram reacionários em relação à questão racial e tinham forte disposição para combater a pornografia; além disso, houvera recentemente uma queima de literatura sexual nos degraus de uma igreja, numa cerimônia a que compareceu o superintendente das escolas e na qual um coro de meninos cantou “Gloria in Excelsis” enquanto os livros se consumiam no fogo. Antes do julgamento de Ginzburg, um morador da cidade escreveu no periódico de uma biblioteca local: “Ralph Ginzburg tem tanta chance de encontrar justiça em nossos tribunais [de Filadélfia] quanto um judeu nos tribunais da Alemanha nazista”.

O julgamento, que começou em junho de 1963, foi presidido por um juiz austero que, ao longo das acusações, parecia embaraçado pelo material apresentado como prova. Na conclusão do caso, durante o qual o governo convocara várias testemunhas para denegrir a literatura de Ginzburg, o próprio juiz declarou não ter encontrado em *Eros* “o menor valor social redentor ou a menor importância literária e artística” e não tinha

opinião melhor sobre o boletim *Liaison* ou sobre o *Manual para a dona de casa sobre promiscuidade seletiva*. Sobre o *Manual*, um relato autobiográfico dos vários casamentos e infidelidades da autora, o juiz concluiu que era “extremamente tedioso, repulsivo e chocante para este tribunal, bem como para um leitor médio”.

Mas o que pesou de fato na decisão final do caso de Ginzburg foi o testemunho de dois chefes de correio de cidades pequenas que lembraram ter recebido cartas do escritório dele em Nova York pedindo permissão para despachar literatura e circulares de propaganda de suas agências, ambas localizadas em comunidades holandesas da Pensilvânia com nomes sexualmente sugestivos. Uma chamava-se Blue Ball; a outra, Intercourse.¹² Os chefes negaram o pedido, explicando que suas agências eram pequenas demais para cuidar de um volume tão grande de correspondência; então Ginzburg fez contato com os correios de Middlesex, Nova Jersey. Depois de receber permissão do chefe local, Ginzburg e sua equipe passaram a mandar de Middlesex *milhões* de circulares solicitando assinaturas para *Eros* e seus outros produtos. Era uma lista de destinatários extremamente indiscriminada, com nomes tirados, em parte, de catálogos telefônicos; embora muitos tivessem respondido favoravelmente à mensagem de Ginzburg, outros tantos não gostaram nada, em especial os pais pudicos cujos filhos tinham aberto inadvertidamente a correspondência e lido sua prosa sedutora prometendo satisfação literária erótica. Algumas das circulares e os anúncios de página inteira nos jornais metropolitanos alardeavam que *Eros* atribuía sua origem à política permissiva da Suprema Corte dos Estados Unidos:

“*Eros* é o resultado de decisões recentes da Corte que interpretaram realisticamente as leis sobre obscenidade dos Estados Unidos, dando a este país um novo sopro de liberdade de expressão. Referimo-nos a decisões que permitiram a publicação de obras-primas literárias até então proibidas, como *O amante de lady Chatterley*”. Alguns dos defensores de Ginzburg em Filadélfia achavam que ele fora inábil ao incluir a Suprema Corte em seus anúncios, e que a ideia de mandar correspondência de Middlesex fora uma brincadeira de mau gosto, mas mesmo assim ficaram atônitos quando o juiz anunciou o veredicto: culpado de conspurcar os Correios com obscenidade, Ginzburg foi multado em 42 mil dólares e condenado a cinco anos de prisão.

Esmagados pela severidade da punição, Ginzburg e seus advogados apelaram imediatamente para a Corte Federal de Apelação, também localizada em Filadélfia. Onze meses depois, foram notificados de que seu apelo fora negado, e o juiz federal de 72 anos que deu o parecer confirmando a sentença anunciou: “O que está diante de nós é uma operação *sui generis* da parte de especialistas no negócio sórdido e oportunista de explorar por dinheiro uma das maiores fraquezas da humanidade”.

Finalmente, em dezembro de 1965, o caso Ginzburg *versus* Estados Unidos foi ouvido pela Suprema Corte. Entre os militantes presentes à audiência estava Charles Keating, da CDL, que encaminhara à Corte como terceiro interessado uma petição em apoio aos promotores do governo, com uma exortação para que se cumprisse com rigor a lei federal contra a obscenidade. A defesa de Ginzburg continuou a sustentar que

Eros e suas outras publicações não eram lúbricas, nem claramente ofensivas, nem desprovidas totalmente de valor social redentor. De fato, nos três anos que se passaram desde o indiciamento por Kennedy, Ginzburg vira Hugh Hefner e muitos outros editores superá-lo de longe em franqueza sexual, sem que fossem processados. Ele estava confiante que em Washington, diversamente do que ocorrera em Filadélfia, a lei seria interpretada com objetividade e equidade e, com certeza, sua condenação seria revogada.

Depois de ouvir a argumentação do principal advogado de Ginzburg e a posição do porta-voz do governo, a Suprema Corte levou várias semanas deliberando; três meses depois, quando se divulgou a decisão, Ginzburg soube que a Corte não pusera em questão se *Eros*, *Liaison* ou o *Manual* eram obscenos, concentrando-se nas campanhas publicitárias que ele promovera. Numa votação de cinco a quatro, ele foi considerado culpado do até então inimputado crime de “*pandering*”¹³ pelo correio — e pela estreita margem de um voto a prisão de Ralph Ginzburg e a multa de 42 mil dólares foram julgadas válidas e adequadas.

O juiz Brennan, que redigiu o parecer da maioria e leu-o com um mau humor que surpreendeu os advogados e outras pessoas presentes, observou que “o olhar cúpido do sensualista” permeava a propaganda de Ginzburg e não deixou dúvidas de que estava furioso com a exploração da agência dos Correios de Middlesex e com a temeridade com que ele associara a Suprema Corte aos anúncios de página inteira celebrando *Eros*. Na última década, a Corte liberal fora acusada de fomentar muitas coisas

no país, mas de uma o juiz Brennan não permitiria que ela fosse culpada: da existência da revista *Eros*; fosse Ginzburg obsceno ou não, Brennan considerava-o culpado do “negócio sórdido e oportunista — ‘o negócio de fornecer material textual ou gráfico abertamente destinado a apelar para o interesse erótico de seus clientes’”; e Brennan acrescentava, como advertência aos outros editores: “Quando a única ênfase do fornecedor está nos aspectos sexualmente provocativos de suas publicações, esse fato pode ser decisivo na determinação da obscenidade”.

Dos quatro juízes discordantes — William Douglas, Potter Stewart, Hugo Black e John Harlan —, o primeiro foi quem apresentou o parecer mais articulado em defesa das técnicas de publicidade de Ginzburg, escrevendo:

Os anúncios de nossas melhores revistas estão abarrotados de coxas, tornozelos, panturrilhas, bustos, olhos e cabelos para atrair a atenção dos compradores potenciais de loções, pneus, alimentos, bebidas, roupas, automóveis e até seguros. O anúncio sexy não aumenta nem diminui a qualidade da mercadoria oferecida à venda. E não vejo como ele possa aumentar ou diminuir a legalidade do livro que está sendo distribuído. Um livro deve valer por si mesmo, independentemente dos motivos por que foi escrito ou dos artifícios usados em sua venda.

Hábéis manobras legais e adiamentos infundáveis dos advogados de Ginzburg mantiveram-no livre sob fiança durante anos; por fim, conseguiram reduzir sua pena de cinco para três anos, mas chegou inevitavelmente o dia em que Ginzburg teve

de se entregar às autoridades federais, em Lewisburg, Pensilvânia, onde menos de duas décadas antes o governo tinha encarcerado divulgadores de palavras e ideias como Wilhelm Reich e Samuel Roth. Depois de fazer um último discurso para a imprensa na calçada de Lewisburg, deplorando sua situação, e de ter amassado e jogado no lixo uma cópia em pergaminho da Carta de Direitos, Ginzburg dirigiu-se para o prédio federal onde se entregaria formalmente. Mais tarde, foi visto por repórteres saindo do prédio algemado a um prisioneiro negro condenado por assalto a banco e homicídio e escoltado por policiais federais para um veículo que o transportaria por vários quilômetros, até os muros e o portão de aço onde um diretor de presídio o esperava.

A Suprema Corte continuou a ouvir as apelações de novos violadores de velhas questões morais. Um ano depois de Ginzburg, a Corte ocupou-se de um proscrito literário que não era editor, distribuidor, editor nem escritor. Tratava-se de um indivíduo que trabalhara como vendedor numa banca de jornais da Times Square, um infeliz que numa tarde de 1966 vendera dois livros — *Piscina da luxúria* e *Agente da vergonha* — para um cliente que também era um policial à paisana. Robert Redrup, o vendedor, não lera e tampouco ouvira falar dos livros até que o policial os pediu. Na verdade, Redrup nem era um empregado regular da banca: apenas substituía um amigo que estava doente naquele dia. Mas essas circunstâncias não interessaram ao policial, que, depois de mostrar seu distintivo, levou o abatido Redrup para a delegacia, onde tiraram suas impressões digitais, recebeu censuras dos investigadores e foi acusado de violar o

parágrafo 1141 do Código Penal do estado de Nova York, que proíbe a venda de qualquer “livro obsceno, lascivo ou indecente”.

A fiança e a defesa de Redrup eram de responsabilidade do editor dos dois livros, William Hamling, de San Diego. Embora tivesse acabado de gastar mais de 300 mil dólares num julgamento por obscenidade em Houston que durara dois meses — e no qual 25 acusações contra ele e vários de seus livros foram retiradas porque o júri não conseguiu chegar a um veredicto —, Hamling não vacilou em se comprometer com a defesa de Redrup, que seguiria a rota das apelações em Nova York e acabaria na Suprema Corte. A defesa dos dois livros, que eram vendidos a 75 centavos cada, e de seu vendedor da Times Square custaria 100 mil dólares a Hamling, mas ele considerou o dinheiro bem gasto quando, em maio de 1967, sete juízes decidiram a seu favor, libertando Redrup e determinando que os dois livros devassos não eram obscenos, de acordo com a lei. Era uma decisão *per curiam*, que não trazia o parecer dos juízes por escrito, mas o caso Redrup seria logo comemorado pelos editores de sexo como a decisão mais liberal já tomada pela Corte — pois, se *Piscina da luxúria* e *Agente da vergonha* não eram obscenos, dificilmente algum livro poderia ser considerado obsceno. Aquelas brochuras eram tão pouco redentoras quanto qualquer coisa publicada antes pelo condenado Edward Mishkin e estavam muito além do alcance sexual do material pelo qual Ginzburg fora indiciado. Na interpretação dos defensores da Primeira Emenda e juristas, a decisão Redrup significava praticamente o fim da censura a livros nos Estados Unidos. Desde que não fosse anunciado no estilo “alcovitagem” de

Ginzburg e não fosse empurrado para um público relutante nem vendido a um menor de idade, qualquer livro tinha a permissão da Corte para existir e ser vendido a quem quisesse lê-lo, não importando quão erótico, emético ou não redentor fosse seu conteúdo.

Hamling estava extasiado. Do seu ponto de vista, a batalha jurídica iniciada mais de trinta anos antes com o caso Estados Unidos *versus* Um livro chamado *Ulisses*, que resultou na vitória da elite literária, tinha acabado naquele momento, em 1967, com o triunfo do homem das ruas. Um livro sexualmente explícito não precisava mais se justificar como uma obra-prima joyciana ou mesmo como um romance de valor redentor, como *O amante de lady Chatterley*. Com a decisão Redrup, a Suprema Corte parecia finalmente desistir de seu papel de árbitro literário da nação, uma tarefa para a qual não tinha tempo nem talento, e as consequências eram admiráveis. A decisão sugeria que *qualquer* livro, uma obra ordinária, um amontoado de palavras repleto dos expletivos mais furiosos e dos delírios mais escatológicos do romancista menos talentoso do país poderia ser publicado e vendido, independentemente do que um policial, um padre ou a CDL pensasse sobre ele. Agora a brochura *Vida sexual de um tira*, distribuída por um editor de Fresno, Califórnia, chamado Sanford E. Aday e processada pelo governo nos estados de Michigan, Iowa, Texas, Arizona e Havaí, passava a ser legal, graças à decisão Redrup.

Quase trinta outros casos de obscenidade da agenda da Suprema Corte de 1967 foram derrubados com apenas uma palavra carimbada em cada petição: “Redrup”. Isso significava

também que uma respeitável editora de Nova York, a Random House, poderia distribuir em 1968, sem ameaças de censura e enormes despesas legais, o romance autoerótico de Philip Roth *Complexo de Portnoy*. Hamling via as fronteiras da expressão livre nos Estados Unidos sendo expandidas, não pelo establishment literário de Nova York, mas por editores *déclassés* da Califórnia como ele, Milton Luross e Sanford Aday, homens que gastaram fortunas nos tribunais lutando contra as condenações de delegacias de costumes, agentes federais e xerifes sulistas do Cinturão da Bíblia e que, ao fazê-lo, abriram o território que seria depois explorado com mais facilidade e não menos lucratividade pelas respeitáveis editoras de um Philip Roth, um Norman Mailer, um William Styron, ou um John Updike.

A satisfação de Hamling com a decisão Redrup foi imediatamente contrabalançada por uma campanha nacional patrocinada por grupos como a CDL, que assediaram o Congresso e o presidente Johnson com milhares de cartas e telegramas protestando contra a permissividade da Suprema Corte de Earl Warren. Foi em reação a esse protesto que dois congressistas e membros honorários da CDL — o senador Karl E. Mundt, de Dakota do Sul, e o deputado Dominick V. Daniels, de Nova Jersey — apresentaram a lei que formou a Comissão Presidencial sobre Obscenidade e Pornografia e mandou-a examinar, entre outras coisas, “o efeito da obscenidade e da pornografia sobre o público, em particular sobre os menores, e sua relação com o crime e outros comportamentos antisociais”. A ACLU e outros elementos liberais opuseram-se de início à

formação da comissão, por saberem que nenhum congressista liberal arriscaria sua carreira junto aos eleitores defendendo abertamente uma contra a obscenidade e também por acreditarem que ela se tornaria inevitavelmente um instrumento da direita para justificar suas ambições censórias em nome da “moralidade”.

Dessa forma, as conclusões da comissão entregues dois anos depois — o relatório que o padre Morton Hill denunciaria como “uma Magna Carta para o pornógrafo” — seriam uma surpresa agradável para os defensores absolutos da Primeira Emenda, assim como causariam alarme na CDL. E o furor resultante aumentaria com a decisão de Hamling de publicar e distribuir seu Relatório Ilustrado adornado por dezenas de fotos e desenhos orgiásticos. Foi o ato mais descarado da carreira de Hamling, e entre as muitas pessoas que ficaram contrariadas com sua decisão estava seu velho amigo Hugh Hefner. Hamling soube dos sentimentos de Hefner quando a *Playboy* recusou seu pedido para divulgar o Relatório Ilustrado na coluna de resenha de livros, rejeição que foi explicada numa carta enviada a Earl Kemp, diretor editorial de Hamling, por Nat Lehrman, diretor editorial de Hefner. Sobre o relatório, escreveu Lehrman:

Pessoalmente, considero-o muito instrutivo, mas não me parece oportuno resenhá-lo na *Playboy*. [...] Não podemos publicar uma resenha simplesmente para congratular [sua firma] pela engenhosidade de juntar uma grande quantidade de pornografia pesada com um texto sobre seu caráter inofensivo. Meu caro, não venha me falar de “valor social redentor”. Suponho que, se a orientação da Corte Suprema for por água

abaixo, sua versão do relatório do presidente será responsável por isso.

De fato, estou bastante triste com o que vocês fizeram. O relatório do presidente é um dos documentos mais importantes jamais publicados na área da censura. Está sob tremendo ataque, e vocês vão ajudar a causa dos caipiras reacionários dando a impressão de que o governo forneceu as imagens para o texto. Você acha que a administração Nixon vai engolir isso?

De qualquer forma [...] acho que sua engenhosidade vai contribuir para sua queda. Você precisa fazer Hamling ler sobre o conceito grego de *hybris*.

Quando mostraram a carta de Lehrman a Hamling, ele se sentiu traído e julgou imediatamente Hefner e a *Playboy* hipócritas e covardes. Tendo feito fortuna com a indústria do sexo, Hefner parecia ter se tornado conservador e defensivo, talvez porque agora Nixon estava na Casa Branca e as campanhas contra a obscenidade vinham recebendo apoio nos editoriais da maioria dos jornais das grandes cidades. Hamling escreveu, em carta a Hefner:

O fato de a *Playboy* fazer ou deixar de fazer uma resenha de nosso livro é irrelevante e, na verdade, sem consequências. Mas o que é relevante, embora igualmente sem consequências, é a atitude impertinente, para não dizer *hybristicamente* insolente [que Lehrman] fornece. Uma vez que ele detém uma posição editorial titular, só posso concluir que fala em nome da direção e seu pensamento. E uma vez que a

direção é você, então os equívocos devem ser corrigidos para a edificação dele por meio dos canais apropriados.

As orientações da Suprema Corte, mencionadas de modo tão casual — e estabelecidas da forma mais enfática no começo e na metade dos anos 60 —, na verdade foram estabelecidas em decisões ou casos que nossas empresas levaram até a Corte. Seu editor estilo júnior não estava por perto quando se travou a batalha. Com certeza, não estava presente naquela noite de 1953, em minha casa de Evanston, quando eu disse para você e sua adorável esposa Millie que você não conseguiria vender sexo para o público americano. Um erro clássico de julgamento antes do nascimento de *Playboy*, mas, na época, coerente com os costumes comerciais. Você travou a batalha então, e mesmo assim *Playboy* foi condenada pelos Correios como uma publicação obscena, não obtendo uma licença de correspondência de segunda classe até a metade de 1957, quando consegui essa classificação para minha revista *Rogue* no Tribunal Federal de Washington e, em consequência, *Playboy* ganhou a mesma classificação pouco depois, sem lutar nos tribunais.

Parece que sua equipe acha, de alguma forma, que está sentada em alguma altura olímpica alcançada com o próprio esforço, quando o fato é que outros, como nós em particular, mudaram materialmente a atmosfera legal, empenhando muita coragem e perseverança. O que o sr. Lehrman sabe sobre “valor social redentor”? Alguma vez ele esteve num tribunal federal onde se decidia a questão? Eu estive, como você bem sabe. [...]

Quanto ao relatório em si, não preciso que Lehrman venha informar minha empresa de sua importância. [...] É evidente que o relatório é importante. Tendo participado dele, eu sei, e por esse motivo o publiquei. Longe da atitude de quem pisa macio e não se compromete, nós falamos alto e claro. É e por isso que as liberdades de manifestação e expressão são o que são hoje. Porque, durante uns quinze anos, as posições de minhas firmas foram audaciosas e francas. Onde Lehrman pensa que a *Playboy* foi gerada — no conservadorismo piegas de uma sala dos fundos da *Esquire*? [...] O cara não sabe que você trabalhava na editora de Von Rosen voltada para o sexo naquela época (Publishers Development Corporation) e que *Playboy* nasceu *daquela* associação?

Então, por favor, dê um jeito no seu empregado júnior na questão da resenha do livro. Quando você me pediu pessoalmente exemplares da obra, eu os mandei, achando que tivesse real interesse pelo projeto, percebendo sua importância para a cultura e a controvérsia que indiscutivelmente criaria. O relatório é mais um marco na estrada para a liberdade intelectual. Nós pavimentamos um bocado dessa estrada. Essa é uma das pedras importantes. Mas não precisamos de sua ajuda. Jamais precisamos dela. Apenas pensei que você estava finalmente disposto a utilizar um pouco da liderança que sua circulação lhe garante. Desculpe-me, eu o interpretei mal. Não acontecerá de novo.

Hugh Hefner não respondeu, mas entre as respostas que Hamling receberia logo depois de distribuir o Relatório Ilustrado em todo o país estava um indiciamento federal feito em Dallas e

em San Diego por John Mitchell, secretário de Justiça dos Estados Unidos. Hamling e três funcionários seus foram acusados de pôr em circulação e vender uma edição “não autorizada” do Relatório da Comissão Presidencial sobre Obscenidade e Pornografia e de ilustrar a obra com imagens sexualmente obscenas.

Uma semana depois do indiciamento, Hamling publicou um anúncio de página inteira no *Los Angeles Times* e nos dois diários de San Diego em que criticava o ato de Mitchell como um “lance político mal disfarçado” da administração Nixon a fim de chamar a atenção do público americano para a “ameaça da pornografia” e desviá-la de “problemas como: desemprego, fome, pobreza, decadência urbana, educação, tributação escorchantes e guerras não declaradas no exterior”. O anúncio prosseguia dizendo que “o dinheiro do contribuinte não deveria ser desperdiçado no policiamento dos pensamentos e dos hábitos de leitura do povo americano e os cidadãos não deveriam ser punidos por criticar as ações oficiais. O valioso tempo dos tribunais não deveria ser perdido com esses assuntos. O secretário de Justiça e a Administração deveriam devotar seu tempo e sua atenção aos problemas urgentes de hoje em dia”.

Embora os trâmites legais do governo contra Hamling tenham começado convenientemente em sua cidade, poupando-lhe o desgaste de um julgamento em Dallas, onde o FBI tinha comprado seu livro ilustrado, o juiz federal Gordon Thompson, que ele enfrentaria em San Diego, fora nomeado recentemente por Nixon, e antes mesmo do início do julgamento Hamling percebeu que estava cercado por circunstâncias adversas.

Primeiro, o juiz Thompson negou o pedido feito pelo advogado de defesa para adiar o julgamento por um mês, o que permitiria que entrassem no sorteio para a composição do júri os nomes de eleitores jovens recém-alistados, talvez sexualmente mais tolerantes do que os jurados que não eram renovados havia três anos. Depois, o juiz não aceitou a sugestão do advogado de defesa de que cada jurado em potencial respondesse a perguntas como: “Você é membro da CDL?”; “Você se considera profundamente religioso?”; “OuvIU recentemente um sermão em sua igreja sobre o tema da obscenidade?”.

Quando o julgamento começou, em outubro de 1971, foi com um júri relativamente idoso de nove homens e três mulheres. E para o desalento de Hamling, uma das primeiras testemunhas do governo foi um forte simpatizante da CDL e colaborador do relatório da minoria de Keating, o dr. Melvin Anchell, que denunciou o livro e o folheto ilustrados de Hamling como exemplos de “lascívia” sem valor. Os jornais de San Diego que cobriam o julgamento também não tinham opinião favorável ao livro, chamando-o de “Relatório pornográfico”, e a palavra “pornografia” aparecia frequentemente nas manchetes: “Caso de pornografia bate em fatos conspiratórios”, “Juiz proíbe leitura do Relatório pornográfico”, “Três especialistas testemunham em julgamento da pornografia”. Além disso, os editores de San Diego davam mais espaço para as testemunhas de acusação do que para as de defesa. A defesa também ficou perturbada com a decisão do juiz Thompson de excluir o depoimento de uma das testemunhas mais fortes a favor de Hamling: uma jovem que recentemente fizera uma pesquisa em San Diego na qual, depois

de mostrar a 718 cidadãos um exemplar do folheto erótico de Hamling, descobriu que, para a maioria substancial dos entrevistados, o público não deveria ser proibido de vê-lo. O juiz considerou a pesquisa irrelevante porque, tendo em vista que Hamling estava sendo julgado por um crime federal — contaminação dos Correios —, as provas tinham de estar relacionadas com os padrões sexuais de toda a nação, e não com padrões restritos a San Diego.

O julgamento, que durou mais de dois meses, terminou em dezembro de 1971, e o júri teve muita dificuldade para chegar a um veredicto. Embora as ilustrações do livro de Hamling não pudessem ser sexualmente mais explícitas, os jurados admitiram que elas eram adequadas ao assunto do Relatório Presidencial; e as palavras do livro consistiam quase inteiramente do texto e das estatísticas da comissão, dificilmente obscenos. Porém, o júri não foi tão condescendente com os mais de 55 mil folhetos de propaganda que Hamling enviara pelo correio. Ainda que reproduzisse uma amostra das ilustrações pesadas do livro, a propaganda não trazia nenhum excerto do texto da comissão, dedicando o espaço editorial para atacar o presidente Nixon por ter rejeitado as conclusões a que ela chegara. Essa combinação ofendera tanto uma dúzia de cidadãos que tinham recebido o folheto sem pedir que eles registraram uma queixa oficial junto aos Correios. Assim, depois de seis dias de discussão fechada, o júri decidiu que, se o livro não era obsceno, pelo menos o folheto provavelmente era. Com base nessa conclusão, o juiz Thompson convocou Hamling ao tribunal em fevereiro de 1972 e sentenciou-o a quatro anos de prisão e a multas no total de 87 mil dólares. O

diretor editorial de Hamling, Earl Kemp, foi condenado a três anos, enquanto dois empregados subordinados receberam sentenças condicionais, ficando cinco anos em sursis.

Hamling ficou atônito e amargurado, mas, ao obter liberdade condicional sob fiança, não se sentiu completamente abatido. Ele e seus advogados pretendiam levar o caso à Corte de Apelação da Nona Circunscrição, na Califórnia; se perdessem ali, iriam até a Suprema Corte, onde os livros de Hamling tinham se dado bem no passado.

Em junho de 1973, a Corte de Apelação tornou público seu parecer, confirmando a condenação de Hamling. E duas semanas mais tarde Hamling recebeu uma notícia que considerou mais sinistra do que qualquer coisa que tivesse ouvido em todos os seus anos de editor: a Suprema Corte alterara subitamente sua definição de obscenidade, de uma maneira que pressagiava tempos negros para os pornógrafos. Numa decisão surpreendente, por cinco a quatro, ditada pelos quatro juízes designados por Nixon — Burger, Blackmun, Powell e Rehnquist — e apoiada pelo juiz White, indicado por Kennedy, foi retirada dos termos da lei a expressão “totalmente desprovida de valor social redentor”, que era a brecha utilizada havia muito pelos defensores da expressão sexual. Em consequência da nova norma, publicada em 21 de junho de 1973, qualquer promotor que quisesse banir uma obra sexual não precisava mais provar que era “totalmente desprovida de valor”; bastava que não tivesse “valor sério, literário, artístico, político ou científico” para ser considerada obscena. Todas as tendências liberais dos últimos anos — Redrup *versus* Nova York, *Memoires*

versus Massachusetts, *Jacobellis versus* Ohio — foram desbancadas pelo novo parecer redigido pelo presidente da Suprema Corte, Warren Burger. O caso que levou Burger e seus colegas conservadores a endurecer a lei sobre obscenidade envolvia um pornógrafo indiciado por enviar folhetos obscenos de propaganda pelo correio.

O condenado era Marvin Miller, de Los Angeles, cuja reputação William Hamling conhecia bem. Ele ganhara milhões em anos recentes distribuindo vídeos, fotos e livros pornográficos. Como tantos outros americanos que foram acusados de publicação e comércio escandaloso — Hamling, Hefner e Barney Rosset, da Grove Press, David S. Alberts, comerciante por reembolso postal de Los Angeles, e Ed Lange, dono de um parque nudista de Los Angeles que fora o principal fotógrafo de Diane Webber, a mulher mais fotografada da história do nu —, Miller nasceu e cresceu em Chicago. A cidade de marcada cultura irlandesa católica parecia destinada a produzir filhos com obsessão sexual, cuja maioria acabaria se exilando em ambientes mais liberais. Chicago era a Dublin dos Estados Unidos.

Marvin Miller era filho de um motorista de táxi de Chicago que morreu meses antes de seu nascimento, em 1929. Depois de viver com a mãe, imigrante russa pobre, à custa de uma pensão do governo por cinco anos, Marvin Miller foi preso aos seis anos por arrombar uma padaria e entregue aos cuidados de uma instituição judaica para jovens. Passou a maior parte da adolescência em lares adotivos e internatos estatais, onde os supervisores invariavelmente reconheciam sua inteligência

superior, sua ambição insatisfeita e — como seria registrado anos depois num relatório de livramento condicional — seu “faro para negócios rápidos”.

Depois de abandonar a Universidade de Chicago no primeiro ano, Miller exerceu atividades variadas: negociante de chapas de prata usadas, vendedor de carpetes, operador de lavanderias a seco, corretor de valores e gerente de uma firma fornecedora de toalhas e roupa de mesa de Los Angeles, onde, no começo dos anos 50, foi condenado por falsificar os registros da empresa e fraudá-la em mais de 35 mil dólares. Por esses e outros crimes, inclusive alegações de incêndio criminoso, Miller se tornaria um frequentador assíduo das prisões californianas, onde seu comportamento sempre foi exemplar; contudo, seria considerado por seus supervisores penais um picareta nato, um homem com certo charme, mas com senso limitado do funcionamento do sistema social e consciência ainda menor do que poderia pô-lo em confusão.

Após sair da prisão em 1961, ganhou notoriedade nos círculos pornográficos de Los Angeles como pirata literário, distinção que obteve ao copiar e publicar em fascículos o clássico vitoriano *Minha vida secreta*, pelo qual a Grove Press de Nova York acabara de pagar 50 mil dólares a um colecionador alemão para adquirir o que supunha serem os direitos exclusivos de publicação nos Estados Unidos. Miller, sem dizer nada a ninguém, publicou a obra em dez números separados de uma revista, vendendo cada exemplar a 1,25 dólar nas bancas. Quando Barney Rosset, da Grove Press, entrou com um processo contra ele por violação de direitos, um juiz da Califórnia

viu-se na posição peculiar de ter de resolver uma disputa entre dois homens que na verdade gostaria de mandar para a prisão. Mas, tendo em vista que *Minha vida secreta* era de domínio público (embora ilegal) muito antes de a Grove Press decidir, na esteira da decisão Roth, publicá-lo numa cara edição em dois volumes, Miller estava tecnicamente protegido contra a acusação da editora nova-iorquina. Para fazê-lo parar de imprimir edições extras da revista, o único recurso de Rosset era pagar-lhe por fora uma quantia substancial — o que Rosset fez, contrariado.

A boa sorte de Marvin Miller mudou depois que ele começou a mandar pelo correio milhares de folhetos de propaganda de vários produtos que queria vender. Entre eles havia um livro de fotografias de homens nus chamado *Eu, um homossexual*, por 3,25 dólares; um livro de fotografias de formato grande intitulado *O nome é Bonnie*, que custava dez dólares e prometia 24 fotos coloridas sugestivas de uma loira nua; outro livro de dez dólares, *O poder sexual negro da África*, com um casal de negros em coito; um volume de 15 dólares com o título *Uma história ilustrada da pornografia*, que consistia de 150 reproduções de obras de arte erótica, inclusive algumas das coleções clássicas de Somerset Maugham e do rei Farouk; e um filme pornô de 8 milímetros, *Coito marital*, disponível por 50 dólares.

Os nomes das pessoas que receberam o folheto de Miller tinham sido fornecidos por uma firma de Los Angeles especializada em mala direta, que compilava listas de clientes de reembolso postal agrupando-os conforme o tipo de mercadoria que tinham comprado antes — podia ser qualquer coisa, de artigos de jardinagem a peças de carros antigos. Para proteger

suas listas, a firma não revelava o nome das pessoas com vários “interesses especiais”, mas assumia toda a responsabilidade por endereçar e enviar o material anunciado que o fabricante quisesse mandar. O preço desse serviço chegava a cem dólares por mil nomes. Marvin Miller pediu para usar quase 300 mil nomes, pagando por isso cerca de 30 mil dólares. Embora todos os nomes estivessem na lista chamada de “X e Y” da firma — pessoas que tinham comprado mercadoria “adulta” no passado —, não havia realmente como ter certeza de que a correspondência de Miller não cairia em mãos “erradas”, pois esse tipo de lista estava infiltrado por pseudônimos de inspetores postais e espiões das sociedades moralistas.

Portanto, olhando em retrospecto, não era de surpreender que a campanha publicitária de Miller provocasse várias queixas à polícia — ainda que, no que dizia respeito à lei, não importasse quem tinha aberto a correspondência. O material de Miller era obsceno, segundo o veredicto de um tribunal californiano, e ele foi considerado culpado de um crime pelo qual seria depois censurado por ninguém menos que o presidente da Suprema Corte dos Estados Unidos, Warren Burger. Em seu histórico parecer do caso *Miller versus Califórnia*, Burger escreveu: “O apelante realizou uma campanha de correspondência em massa para anunciar a venda de livros ilustrados, eufemisticamente chamados de material ‘adulto’”; numa nota de rodapé, ele acrescentou:

O material que estamos discutindo neste caso define-se com mais precisão como “pornografia”, ou “material pornográfico”. “Pornografia” vem do grego (*pornē*, prostituta, e *graphos*,

escrita). A palavra significa agora “1: uma descrição de prostitutas ou da prostituição. 2: uma representação (como na escrita ou na pintura) de licenciosidade ou lascívia: um retrato de comportamento erótico destinado a causar excitação sexual”. *Webster’s New International Dictionary*, supra. O material pornográfico que é obsceno forma um subgrupo de todas as expressões “obscenas”, mas não o conjunto, pelo menos como a palavra “obsceno” é usada agora em nossa língua. Observamos, portanto, que as palavras “material obsceno”, tal como utilizadas neste caso, têm um significado judicial específico que deriva do caso Roth, isto é, material obsceno “que trata de sexo”.

Antes mesmo do caso de Marvin Miller chegar à Suprema Corte, Warren Burger tinha ultrapassado havia muito o limite de tolerância para com a maneira como o sexo vinha sendo representado nos livros e nas revistas, filmes e shows, não só nas grandes cidades das costas Leste e Oeste, mas também nas pequenas comunidades de Minnesota, no Meio-Oeste, onde Burger fora criado numa família de retidão moral e escrúpulos. No ano anterior, quase todos os estados da nação tinham sido infiltrados por casas de massagem, bares topless e bottomless e filmes como *Garganta profunda*, um longa de 62 minutos dos quais cinquenta eram dedicados a cenas de sexo grupal, felação, cunilíngua, masturbação feminina, sodomia, relações heterossexuais e ejaculação seminal. Milhões de homens assistiram ao filme e ainda levaram suas esposas e namoradas: *Garganta profunda* foi o primeiro filme pornô visto por uma

grande quantidade de casais, muitos deles atraídos pela curiosidade de ver essa produção extremamente divulgada que fora atacada pelas delegacias de costumes de todo o país, numa tentativa vigorosa e inútil de proibir totalmente o filme.

Mas agora, no caso de Marvin Miller, Burger e os outros juizes conservadores tinham enfim uma oportunidade de expressar seu ultraje diante da abertura sexual nos Estados Unidos e exorcizar o espírito de permissividade que fora criado por seus antecessores judiciais na década de 1960. Acabaram-se os dias em que os pornógrafos podiam justificar suas obras obscenas incluindo na guarda de seus livros de mau gosto uma “citação de Voltaire”, declarou Burger. E prosseguia no tema:

Uma conduta ou representação de conduta que o poder da polícia estatal pode proibir numa rua pública não se torna automaticamente protegida pela Constituição apenas porque é levada para um bar ou um palco de teatro “ao vivo”, da mesma forma que uma “performance” ao vivo de um homem e uma mulher entrelaçados num abraço sexual ao meio-dia na Times Square não está protegida pela Constituição porque eles travam simultaneamente um diálogo político válido.

A nova lei da obscenidade, enfatizava Burger, significava também que aquilo que fosse legal nos cinemas e nas calçadas da Times Square e Sunset Boulevard não precisava continuar influenciando a interpretação das leis da censura pelos magistrados e delegados nas pequenas cidades e no resto do país, pois a partir de então predominariam os “padrões da comunidade”, em vez de “padrões nacionais”, nos casos de

obscenidade. Isso significava, mais especificamente, que uma revista como *Playboy* (cujos anunciantes sempre acharam que seria exibida nas bancas de todo o país) e filmes como *O último tango em Paris* (que, tendo Marlon Brando como astro principal, pretendia atingir uma plateia nacional) poderiam agora encontrar seu mercado fechado pela censura nas cidades onde grupos organizados de vigilância moral eram capazes de pressionar os políticos locais e a polícia a preservar “padrões morais da comunidade”. E por fim, repudiando as conclusões da Comissão Presidencial sobre Obscenidade e Pornografia, o presidente da Corte escreveu: “Embora não haja provas conclusivas de uma conexão entre comportamento antissocial e material obsceno, uma legislatura poderia, de forma bastante razoável, determinar que essa conexão existe ou poderia existir”.

O parecer de Burger, que mereceu manchetes nos jornais de todo o país, foi aplaudido com mais entusiasmo por congressistas representantes de distritos conservadores, clérigos e cidadãos como Charles Keating, que fez uma declaração publicada no *National Decency Reporter*:

Por mais de quinze anos, desde que comecei a CDL, os pornógrafos atropelaram o público americano, engolfando esta nação numa onda de imundície e levando-a para um caminho de corrupção moral e decadência. O motivo deles era dinheiro. Muito dinheiro. Bilhões de dólares. E, por dinheiro, estavam dispostos a vender seu país, seus concidadãos e nossos filhos para a escravidão da devassidão sexual. Esses mercadores sórdidos embrulhavam sua mercadoria imunda na bandeira dos Estados Unidos e escondiam-se atrás da Constituição.

Tentaram usar esse grande documento, que libertou as mentes e os espíritos dos homens, como um estratagema para escravizar os homens e degradar as mulheres da América. Esses anos sórdidos ficaram para trás. Num dia não muito distante, olharemos para trás chocados e incrédulos com as profundezas a que nos deixamos levar em nome da “liberdade”.

E o editorial de Keating continuava:

Agora é a nossa vez. E a sua vez. A gente decente da América, apoiada pela Suprema Corte dos Estados Unidos, vai travar uma guerra santa, sim, uma *guerra santa* contra os mercadores da obscenidade. A partir de hoje, não descansarei até que todos os pornógrafos da América fechem seus negócios, ou vão para a cadeia, ou ambos.

Entre os que discordaram da decisão de Burger estavam quatro de seus colegas — os juízes Douglas, Stewart, Brennan e Marshall — e vários editores de jornais das grandes cidades que antes haviam apoiado as campanhas de limpeza contra a pornografia sem perceberem a conexão direta entre seus direitos baseados na Primeira Emenda e os direitos dos editores voltados para o sexo. A decisão de Burger, admitia o *New York Times* em sua página editorial, dá “licença a censores locais. Ela pode, como teme o juiz Douglas, desencadear ‘ataques a bibliotecas’. No longo prazo, fará de cada comunidade e de cada estado o árbitro da aceitabilidade, reduzindo assim toda a produção literária, artística e de entretenimento relacionada com sexo ao

mínimo denominador comum de tolerância. A moralidade policialesca terá seu apogeu”.

Poucos dias após a decisão de Burger, autoridades estaduais de Utah anunciaram que *O último tango em Paris*, com estreia prevista em Salt Lake City, seria proibido. Em Hollywood, dois estúdios que vinham negociando a filmagem do livro de Hubert Selby *Noites violentas no Brooklyn*, sobre homossexuais da classe operária, abandonaram abruptamente o projeto. “Não queremos produzir processos legais, queremos produzir filmes”, explicou Jack Valenti, presidente da Motion Picture Association of America, lamentando que a nova decisão da Corte “pode criar cinquenta ou mais opiniões fragmentadas sobre o que constitui obscenidade”; outros porta-vozes da indústria cinematográfica previram que os principais produtores e certamente todos os que trabalhavam na televisão agora ficariam menos “adultos” e mais constrangidos ao tratar de temas censuráveis.

As capas dos números seguintes de *Playboy*, *Screw* e outras publicações do gênero foram imediatamente modificadas por seus diretores de arte, e nas livrarias pornôis de todo o país os clientes fizeram filas para comprar grandes quantidades de mercadoria, temendo que a qualquer momento ela seria banida para sempre das prateleiras. Bob Guccione, da revista *Penthouse*, disse: “O efeito imediato dessa decisão será levar para a clandestinidade uma indústria de bilhões de dólares — e isso significa suborno e crime no sentido verdadeiro das palavras. É como um retorno à Lei Seca”. Segundo a imprensa, Linda Lovelace, a estrela de *Garganta profunda*, teria declarado: “A última pessoa que desencadeou a censura foi Adolf Hitler, e a

próxima coisa que eles farão será bater à sua porta e levar embora sua televisão e seu rádio”.

Entre os romancistas que expressaram preocupação com o parecer de Burger — grupo que incluía Kurt Vonnegut Jr., Truman Capote e John Updike —, Joyce Carol Oates considerou a decisão sintomática de uma sociedade militante que estava parcialmente frustrada por não poder mais liberar suas agressões no Vietnã. “Quando os Estados Unidos não estão travando uma guerra, o desejo puritano de punir pessoas tem de ser solto em casa”, explicou ela.

William Hamling lia avidamente a reação de outras pessoas à questão da obscenidade, mas ao longo do verão de 1973, enquanto seu caso avançava, ele se perguntava de que forma específica a nova lei o afetaria quando tomasse o lugar de Marvin Miller no grande salão da justiça, em Washington. Fora sentenciado por um juiz de San Diego com base em padrões “nacionais” em vez de “comunitários”, e pesquisas sérias mostravam que os padrões sexuais de San Diego eram mais liberais do que os da nação como um todo, então Hamling esperava conseguir um novo julgamento, devido à interpretação do caso Miller. Mas petições de seus advogados nesse sentido, em 1973 e 1974, não conseguiram nem um novo julgamento, nem uma redução da pena severa que lhe fora imposta.

Assim, em 15 de abril de 1974, numa manhã de vento de segunda-feira, William Hamling, ao lado da esposa e da filha, subiu os degraus de mármore da entrada do prédio da Suprema Corte em Washington e dirigiu-se à sala de audiências onde nove

homens eminentes ponderariam sobre o caso Hamling *versus* Estados Unidos da América.

23.

Enquanto esperava a chegada dos juizes, Hamling sentou-se, com a esposa e a filha, num banco de mogno na sexta fileira do santuário pomposo e lotado da Suprema Corte, olhando para o teto alto ornamentado, as colunas revestidas de mármore, a estatuária clássica. Sentiu, como décadas antes nas missas solenes de sua infância em Chicago, uma mistura de ansiedade e admiração, o peso de uma assustadora grandiosidade. Naquela manhã, a apelação de Hamling seria ouvida, seu destino, debatido. Perdesse ou ganhasse, seu nome e seu caso, Hamling *versus* Estados Unidos da América, ficariam para sempre gravados nos textos legais, os livros do juízo final da jurisprudência americana. Ele continuava esperançoso quanto ao resultado da audiência. Acreditava que seu advogado, um homem pequeno e aleijado que, de onde estava, Hamling mal podia ver à mesa da defesa, era o mais persuasivo defensor da nação para o crime indefinível pelo qual era acusado.

A esposa de Hamling, no entanto, não partilhava de seu otimismo. Para Frances Hamling, mulher enérgica e sagaz que visitava Washington pela primeira vez, aquela viagem era uma excursão sem sentido, um espetáculo interessante para as centenas de turistas e estudantes de direito presentes na sala,

mas, para seu marido, apenas uma formalidade que confirmaria a condenação dos tribunais inferiores. Não achava que os juízes da Suprema Corte fossem superiores: eles também eram homens comuns sob suas togas, gente indicada por políticos, árbitros preconceituosos que já haviam determinado o destino de seu marido, embora ainda tivessem de aparecer na bancada elevada e lustrosa que avultava diante dela como um altar.

Como firme apoiadora de um marido tantas vezes processado e como mulher que sofrera em silêncio ao longo dos muitos julgamentos daquele homem que se casara com ela em 1948, quando estava viúva, e adotara com amor seus quatro filhos pequenos, Frances indignava-se com a presunção dos outros homens de julgar o caráter dele. E no último ano sua opinião sobre os guardiões nacionais da lei tornara-se cada vez mais cética e cínica. O secretário da Justiça John N. Mitchell, que persuadira pessoalmente o júri de instrução a indiciar seu marido por distribuir o Relatório Ilustrado, agora estava sendo indiciado por seu papel no escândalo de Watergate. O vice-presidente Spiro Agnew, que parecia um santarrão ao condenar o Relatório em 1971, renunciara ao posto sob pressão, após acusações de suborno e evasão de impostos. E o presidente Nixon, incomparável hipócrita moral do país, estava desesperadamente cercado em seu salão oval por causa das mentiras sobre Watergate, enquanto o noticiário do rádio e da televisão especulava diariamente sobre seu impeachment ou sua prisão.

Ainda assim, ela observara, enquanto passeava pela cidade no começo daquela semana, que a paquidérmica burocracia federal continuava viva e impondo aos contribuintes seus custos

imensos. Foi a impressão mais estarrecedora que teve de Washington: o tamanho descomunal da burocracia, os prédios cinzentos sem fim que abrigavam multidões de funcionários, os engarrafamentos de limusines oficiais e carros do governo transportando um número desconhecido de extranumerários e factótuns que recheavam as folhas de pagamento e, sem dúvida, não contribuía com nada para a eficiência do serviço prestado aos cidadãos americanos.

O mesmo parecia valer para a própria Suprema Corte. Enquanto ela e o marido andavam pelos corredores, em todos os cantos do prédio viram salas lotadas de guardas, recepcionistas, secretárias, escreventes, guarda-livros; mas quando chegaram ao gabinete do oficial de justiça, com quem o advogado de Hamling providenciara lugares especiais para eles na sala de audiências, ficaram consternados ao saber que seus nomes não constavam da lista. E assim, em vez de se sentarem mais à frente, para acompanharem de perto o julgamento, foram levados para uma fileira quase nos fundos da sala, o que irritou muito seu marido, que, já tendo investido 400 mil dólares naquele caso, acreditava merecer da Corte naquela ocasião especial a cortesia de ocupar um assento nas primeiras fileiras, para assistir ao último round da batalha legal mais cara de sua vida. Ela também estava descontente com a maneira autoritária com que os guardas a tinham revistado, assim como a sua filha e seu marido, antes de permitirem que entrassem na sala de audiências. Primeiro, insistiram em que tirasse o casaco amarelo novo comprado para a ocasião e o deixasse no vestiário. Depois, abriram e revistaram sua bolsa de couro; ao descobrirem que

continha uma máquina fotográfica, advertiram-na duramente de que não era permitido tirar fotos e confiscaram a câmera, dizendo que a procurasse após o término da audiência.

Na sala de audiências, sentou-se junto ao marido, tentando reprimir a ansiedade que sentia em relação ao futuro dele. Quatro anos na prisão e 87 mil dólares de multa eram coisas que não dava para contemplar com despreocupação. Uma vez que ninguém podia falar no recinto, nem mesmo murmurar, ela procurou distrair-se correndo os olhos pelo interior opulento da sala, as impressionantes colunas brancas como ossos e as cortinas de veludo vermelho ao fundo da bancada polida e das cadeiras altas de couro negro. Havia um relógio de ouro entre as duas colunas, assinalando que eram 9h57 da manhã — poucos minutos antes da hora marcada para a chegada dos juízes. Ao longo da beirada superior da parte dianteira da sala, perto do topo do teto de mais de 13 metros de altura, Frances notou uma seção interessante e voluptuosa de arte clássica: era um friso de mármore bege dourado que se estendia por toda a largura da sala e mostrava cerca de vinte homens, mulheres e crianças nus e seminus, reunidos em várias poses. As figuras simbolizavam a encarnação da sabedoria e da verdade, da honestidade e da virtude humanas, mas para ela os corpos podiam facilmente representar uma reunião de hedonistas e orgiastas romanos. Pareceu-lhe irônico que tal cena pairasse sobre as cabeças dos juristas que iriam questionar o uso de ilustrações no Relatório Presidencial sobre Obscenidade e Pornografia.

Seu devaneio foi interrompido pelo som brusco do martelo do oficial de justiça. Enquanto todos se levantavam rapidamente, o

pregoeiro da Corte começou a entoar: “Atenção! Atenção! Atenção! Todas as pessoas que têm questões a tratar com os honrados juízes da Suprema Corte dos Estados Unidos devem aproximar-se e prestar atenção...”. De repente, com um floreio teatral, as cortinas vermelhas abriram-se e os nove homens de togas pretas apareceram na abertura do veludo, adiantaram-se e tomaram seus lugares, enquanto o pregoeiro continuava: “A Corte está agora sentando-se. Deus salve os Estados Unidos e esta honrada Corte!”.

Ao centro, com a sólida face rubicunda encimada por cabelos brancos lustrosos cuidadosamente penteados, sentou-se o presidente da Corte Warren Burger, de 66 anos. À sua direita, miúdo e encarquilhado, estava o mais velho dos juízes, William O. Douglas, de 76 anos, membro da Corte havia 35 anos. À esquerda de Burger, William Brennan, 74 anos, calvo e de óculos, nomeado por Eisenhower em 1956 e um dos seis católicos que foram membros da Corte em seus quase duzentos anos de história. Ao lado desses veteranos acomodavam-se os outros juízes: Potter Stewart, de rosto amistoso, um tanto atarracado, natural do Meio-Oeste, 59 anos; Byron (Whizzer) White, 57 anos, queixo pronunciado, antigo ganhador de uma bolsa Rhodes na Universidade de Oxford e excelente *half-back* que parecia agora soturno e cuja cabeça lembrava um antigo capacete de couro de futebol americano; e Thurgood Marshall, 66 anos, peito largo e bigode, o primeiro negro a entrar para a Corte. Nas extremidades da bancada ficavam os designados por Nixon: Harry Blackmun, 65 anos, óculos com aros de tartaruga, lábios finos, metódico; Lewis Powell, 66 anos, natural da Virgínia,

magro, de aparência delicada; e William Rehnquist, aos 49 anos, o mais jovem membro da Corte, um conservador alto, pesadão e de olhos frios, cabelos negros e longas suíças.

Com sua voz autoritária, o juiz Burger anunciou que o primeiro dos dois casos a serem ouvidos naquela manhã seria o do filme de Hollywood *Ânsia de amar*, declarado obsceno na cidade rural de Albany, Geórgia. Frances Hamling relaxou: os advogados rivais nesse caso teriam no mínimo meia hora cada um para expor suas posições, e o caso de seu marido só entraria na pauta depois de pelo menos mais uma hora. Escutou então com calma e sem emoção o representante legal do filme, o esperto e famoso Louis Nizer, declarar que a proibição do filme era um incrível erro judiciário, opinião que já fora expressa repetidamente por editoriais de jornais de todo o país. Uma vez que não havia cenas explícitas de sexo no filme, a prisão e a condenação do gerente de cinema da Geórgia por exibi-lo deixaram atônita a indústria de Hollywood, os meios de comunicação e a maioria dos juristas. Mas, devido à regra dos “padrões da comunidade” da Suprema Corte, estabelecida no recente parecer Miller, até um filme intelectual levemente erótico podia ser contestado legalmente por uma facção de cidadãos puritanos numa cidade pequena — exatamente o que acontecera em Albany e fora depois confirmado pela mais alta corte da Geórgia, estado que proibia com mais severidade a expressão sexual entre adultos do que os atos sodomitas de seus habitantes com os animais das fazendas.

Porém, como Nizer enfatizou dramaticamente diante da Suprema Corte, *Ânsia de amar* não era um filme de sexo

explícito, não era patentemente ofensivo, não era eroticamente excitante nem mostrava contato genital entre os atores na tela. Ao contrário, era uma obra séria e sutil que deveria ser legalmente aceitável em qualquer comunidade dos Estados Unidos; era também uma realização artística de Mike Nichols, um dos melhores diretores do país, vencedor do Oscar. Enquanto Nizer elogiava o filme, Frances Hamling olhou em volta para ver se havia alguma face famosa de Hollywood na sala, como os astros do filme, Jack Nicholson e Ann-Margret. Não viu ninguém; mas, como só os advogados têm permissão para falar diante da Suprema Corte, não havia necessidade da presença de atores. Ela reconheceu apenas o presidente da Motion Picture Association of America, Jack Valenti, e notou que ele conseguira um lugar bem na frente.

Enquanto Nizer falava, fazendo pausas ocasionais para responder a alguma pergunta curta dos juízes, Frances olhou para sua filha, segundanista da Universidade Estadual de San Diego, que escutava com atenção. Deborah Hamling, segunda filha do segundo casamento de Frances, estudava enfermagem. Ao lado dela estava uma jovem de dezenove anos que abandonara os estudos em Bennington: Judy Fleishman, a mais moça das três filhas de Stanley Fleishman, advogado da editora de Hamling. Fleishman, que estava à mesa dos advogados de defesa, tinha comparecido mais de meia dúzia de vezes à Suprema Corte; fora ele quem dirigira a estratégia legal bem-sucedida no caso *Redrup versus Nova York*, envolvendo dois romances editados por Hamling e comprados por um investigador à paisana na Times Square.

Aos 55 anos, Stanley Fleishman era reconhecido como um advogado brilhante e abertamente comprometido com os direitos dos libertinos e adeptos do erotismo americanos. Depois de mais de vinte anos de atuação em casos de obscenidade em incontáveis tribunais — entre seus clientes estavam os exibidores de *Garganta profunda*, os editores dos romances de Henry Miller, os distribuidores de fotografias de Diane Webber e os donos de Sandstone —, Fleishman orgulhava-se do fato de que nenhum de seus clientes passara muito tempo na prisão.

O litígio contra Sandstone fora iniciado por alguns funcionários do condado de Los Angeles e por um grupo de cidadãos em 1970, quando John Williamson transformara sua propriedade em clube nudista, decisão que a promotoria acusou de violar uma postura municipal estabelecida em Los Angeles nos anos 30. Depois de muita manobra legal e várias audiências, Fleishman conseguiu convencer a Corte de Apelação Intermediária da Califórnia de que o regulamento era inconstitucional: tratava-se de uma invasão da privacidade, uma violação dos direitos legais de associação e reunião livre dos membros de Sandstone. Sandstone obteve permissão para continuar funcionando sem mais interferências.

Em 1965, a defesa de Fleishman de uma fotografia de Diane Webber nua, além de fotos de outras modelos publicadas em revistas do editor de Los Angeles Milton Luros, saiu mais cara do que a de Sandstone porque o governo insistiu em que o caso fosse discutido em Iowa, tendo provado que algumas das revistas e dos livros eróticos de Luros tinham sido postados naquele estado. O julgamento em Sioux City, que durou três

meses, foi presidido por um juiz mal-humorado e um júri composto quase inteiramente por esposas de fazendeiros: a maioria dos jurados em potencial do sexo masculino conseguiu escapar da convocação porque o julgamento coincidiu com a época da colheita. As dez mulheres que Fleishman encarou pareciam um grupo infeliz, ruborizando ou fechando a cara cada vez que ele se referia a sexo. Não foi surpresa a decisão delas de condenar Luros, na conclusão do julgamento. Mas Fleishman levou o caso imediatamente para a Corte de Apelação da Oitava Circunscrição e conseguiu que o veredicto contra Luros fosse derrubado.

Stanley Fleishman não era homem de se desencorajar com reveses temporários. Embora seu pequeno corpo tivesse sido devastado na infância pela poliomielite, ele andava com determinação, com a ajuda de braçadeiras e muletas, nos tribunais de todo o país, superando uma incapacidade física que se recusava a reconhecer. Nascido em 1920 no Lower East Side de Nova York, filho de imigrantes judeus russos, durante anos fora transportado pela mãe num carrinho de bebê maior do que o normal. Aos cinco anos, entrou para um lar de crianças aleijadas do Queens, para onde seus pais se mudaram a fim de visitá-lo com frequência. Na instituição, apesar do aparelho de gesso que lhe confinava o corpo inteiro, aprendeu a ficar de pé e a caminhar com muletas. Permaneceu na instituição durante quase dez anos, com quarenta outras crianças e adolescentes deficientes físicos, e lá fez os estudos primários.

Aos catorze anos, seus pais transferiram-no para um colégio público do Queens, expondo-o pela primeira vez a estudantes

que não eram deficientes físicos, o que intensificou seu sentimento de isolamento. E a proximidade diária de meninas, cujos corpos saudáveis ele adorava timidamente, fazia sua mente girar à noite com cenas de fantasias esplêndidas. Mas a mulher com quem continuava mais à vontade era sua mãe, sempre amorosa e protetora, embora às vezes dominadora. O pai, homem humilde que trabalhava longas horas na sala de composição do *Daily News* de Nova York, jamais foi uma presença forte na casa; a única figura masculina influente na juventude de Stanley seria um estudante da Universidade de Nova York chamado Bernard Hewitt, que nos anos 30 começara a namorar Florence, irmã de Stanley, com quem acabaria se casando. Assumindo o papel de irmão mais velho, Hewitt intercedia com frequência em favor de Stanley para que conseguisse mais independência de sua mãe. Quando Stanley completou dezoito anos, Hewitt convenceu a sra. Fleishman de que seu filho deveria ser mandado para uma universidade longe de casa, onde ele ficaria livre para progredir o máximo que pudesse sem a atenção e a preocupação constantes dela. E Stanley, apoiando a sugestão, anunciou que queria ir para a Universidade da Geórgia.

A Geórgia era o estado em que seu herói e companheiro de poliomielite, Franklin D. Roosevelt, ia relaxar e nadar nas águas miraculosas de Warm Springs. Embora Fleishman não tivesse ideia da distância entre a estação de águas e o campus de Athens, supunha que seria perto o bastante para que ele desfrutasse de visitas frequentes ao presidente. Com essa imagem na cabeça, Stanley Fleishman subiu com dificuldade os

degraus de um vagão de trem na estação Pensilvânia em 1939 e começou a longa jornada para o sul ao som das rodas de aço girando na noite.

No dia seguinte, encontrou no trem um grupo de soldados que o ensinaram a jogar dados. Quando manifestou vontade de tentar a sorte no jogo, eles trataram de aliviá-lo de 72 dólares, todo o dinheiro que tinha nos bolsos. Felizmente, na estação ferroviária de Athens, um veículo da universidade esperava-o para levá-lo ao campus. Lá Stanley descobriu que tinha superestimado demais sua capacidade de agir como estudante independente. Ao contrário dos prédios que conhecera no Norte, os grandes pavilhões acadêmicos da Geórgia não tinham corrimão, e ele levava horas para subir e descer os degraus. Também não havia corrimão no banheiro de seu dormitório, e ele ficou tão desorientado nos primeiros tempos na universidade que, apesar da ajuda de alguns colegas amistosos mas desajeitados, levou três semanas para desfazer a bagagem e mais tempo ainda para aprender a se equilibrar nos ladrilhos escorregadios do banheiro.

Ao final do primeiro ano ele começou a ganhar confiança e a sentir-se liberto longe do apoio dominador de sua mãe. Era um aluno apenas regular, mas passou em todos os cursos. À noite, no dormitório, gostava de bater papo com outros calouros, surpreendendo-se particularmente com as muitas diferenças de opinião entre sulistas e nortistas com respeito à política, ao governo e à vida em geral. Na última parte de seu primeiro ano na Geórgia, considerou-se pronto para fazer sua primeira peregrinação de trem e atravessar o estado até Warm Springs, achando que o grande democrata liberal bondosamente abriria

os portões, ao saber da chegada de um estudante aleijado que o admirava. Na entrada da propriedade, que lhe lembrou imagens vistas em livros sobre fazendas sulistas, foi recebido por guardas altos e negros de fala gentil, que entretanto foram inflexíveis ao lhe informar que não se aceitavam “pacientes de fora” no balneário. Quando Fleishman perguntou onde estava o presidente, a quem queria fazer um apelo pessoal, disseram-lhe que o sr. Roosevelt estava em Washington. Utilizando a habilidade verbal que o distinguiria mais tarde como advogado, Fleishman persuadiu os guardiães a permitir-lhe ao menos entrar no terreno, explicando que tinha viajado horas na esperança de visitar a famosa Pequena Casa Branca do presidente. Eles acabaram concordando em autorizar uma visita apressada, ofereceram-lhe um almoço e puseram-no no próximo trem de volta à universidade.

Muito mais hospitaleira foi a recepção à visita de Stanley Fleishman a um bordel de Athens chamado Effie’s, frequentado por moradores da cidade e alguns estudantes universitários. Ali, pela primeira vez, Fleishman teve uma relação sexual, um ato de satisfação tão maravilhoso que, ao sair, ele tomou a decisão de que devia vir outras vezes, e foi o que realmente fez. No segundo ano de faculdade, estava seguro o bastante para abordar colegas e convidá-las para sair. Elas pareciam gostar de acompanhá-lo ao cinema e a lanchonetes, mas as noites acabavam sempre com a virtude relativa das garotas intacta.

Quando estava para iniciar o quarto ano básico, Fleishman começou a ver seu futuro no campo do direito, imaginando-se como um advogado esperto e debatedor hábil cuja realização

profissional não seria restrita pelas muletas, seu eterno fardo. Recebendo ajuda financeira para frequentar a Universidade Columbia no verão de 1941, resolveu desistir da viagem ao Sul e morar em tempo integral em sua Nova York natal, vivendo num apartamento do campus, em Morningside Heights, para manter-se independente da família.

Depois de formado pela Escola de Direito de Columbia, em 1944, e de dois anos de emprego numa firma de advocacia, trabalhando em casos de homologação de testamentos e disputas trabalhistas — e depois de perder o equilíbrio e sofrer várias quedas durante o inverno nas ruas geladas de Nova York, com ônibus e táxis desviando-se de seu corpo caído —, Fleishman concluiu que teria melhor destino numa cidade de clima tropical e palmeiras. Foi para Los Angeles em 1946 e, no ano seguinte, passou no exame da Ordem dos Advogados da Califórnia. Jamais se arrependeu da mudança para a Costa Oeste, mesmo quando, em 1948, andando de carona com um amigo, sofreu um acidente automobilístico que o deixou hospitalizado por nove meses.

Exercendo a profissão por conta própria, ainda acamado, processou o motorista responsável pelo acidente e recebeu 10 mil dólares de indenização. Fleishman também fez amizade com a nutricionista do hospital, com quem se casaria em 1949. Como o hospital se recusou a pagar a ela uma semana de salário extra que havia muito lhe devia, Fleishman processou o hospital — e receberam o dinheiro, com juros.

Começou a conquistar reconhecimento profissional em Los Angeles no início dos anos 50, período do expurgo de supostos

comunistas que trabalhavam na indústria cinematográfica. Embora entre seus clientes não houvesse nomes famosos da lista negra de Hollywood, Fleishman tornou-se conhecido e admirado por outros advogados graças a seus esforços vigorosos em vários casos obscuros envolvendo supostos subversivos. Um deles era um roteirista e professor que, acusado de simpatizar com o Partido Comunista, fora detido indefinidamente, sem fiança, numa cadeia de Los Angeles, apesar dos veementes protestos de Fleishman ao juiz. No dia seguinte, Fleishman leu nos jornais que o juiz William O. Douglas tinha chegado a San Francisco para uma conferência de juízes federais da Nona Circunscrição, a região judicial do Oeste presidida por Douglas. Sem marcar encontro com Douglas e sem estar certo de que era correto abordar em particular um juiz da Suprema Corte, Fleishman pegou um avião para San Francisco, foi de táxi até o local da conferência e esperou horas no corredor, até receber uma resposta ao bilhete que mandara para Douglas. Seu esforço resultou numa recomendação de fiança feita pelo juiz Douglas e numa audiência que libertaria o cliente de Fleishman da prisão.

Nos últimos anos da década de 1950, quando os pornógrafos substituíram gradualmente os comunistas no posto de biltres da sociedade, Fleishman trabalhou às vezes de graça, apenas pela oportunidade de defender, com base na Primeira Emenda, acusados de obscenidade. Naquela época essa disposição legal era tão insustentável para a maioria dos juízes quanto era confusa para a maioria dos pornógrafos, dos quais poucos tinham ouvido falar da Primeira Emenda e um número ainda

menor compartilhava as ilusões otimistas do jovem Fleishman sobre seus direitos constitucionais. Ao mesmo tempo que temiam a prisão e ressentiam-se com ela, os pornógrafos, como a maioria dos jogadores, resignavam-se com a má sorte. E uma vez que sua principal paixão na vida tinha pouco a ver com liberdade literária ou mesmo sexo — e muito com ganhar dinheiro —, a solução pragmática que adotavam para evitar a cadeia era oferecer dinheiro à polícia ou tentar fugir da lei, mudando constantemente de endereço comercial.

Fleishman serviu de instrumento para alterar essa forma de pensar, não tanto graças às muitas lições que lhes deu sobre legislação, mas sobretudo em razão de suas vitórias nos tribunais, provando que as leis sobre obscenidade eram flexíveis, podiam ser dobradas, modeladas, ampliadas para permitir mais liberdade. Tal como o escritor inglês Kenneth Tynan, Fleishman considerava a pornografia benéfica para boa parte da humanidade — ela “ameniza a solidão”, escreveu Tynan, e oferece a “ilusão de libertação” para gente que está “sexualmente condenada ao confinamento solitário” ou é incapaz, por vários motivos, de trazer variedade sexual para sua vida. Uma vez que vivia em termos compatíveis com a pornografia desde seus tempos de faculdade, gostando de ver fotos de corpos bem-feitos entregues a liberdades que ele podia apreciar, Fleishman era uma espécie de acusado-substituto em cada caso de obscenidade que defendia. E não havia caso que considerasse insignificante demais: se envolvesse sexo e censura, ele assumia.

Em Los Angeles, defendeu com êxito um proprietário de um bar topless, um comerciante por reembolso postal que vendia descansos de copo com a imagem de Marilyn Monroe nua e um dono de loja de Beverly Hills que exibia estátuas nuas na vitrine, inclusive uma réplica do Davi de Michelangelo. Uma de suas grandes vitórias foi o caso *Smith versus Califórnia*, levado à Suprema Corte, em que Fleishman argumentou que seu cliente — o livreiro Eleazer Smith, preso por ter em suas prateleiras um livro obsceno intitulado *Mais doce que a vida* — não podia ser considerado responsável, exceto se a polícia provasse que ele estava a par da natureza obscena do livro. Em outra decisão da Suprema Corte — *Uma quantidade de exemplares de livros versus Kansas* —, Fleishman conseguiu que os juízes impusessem restrições rígidas às táticas de busca e apreensão utilizadas pelos policiais de costumes quando nas batidas em livrarias e depósitos. Também viajou a vários estados — Michigan, Iowa, Texas, Arizona, Havaí — em defesa do direito de Sanford Aday publicar *Vida sexual de um tira*. Certa ocasião, depois de atravessar de avião uma tempestade de neve na rota para Chicago e de receber ajuda de outros passageiros para descer os degraus escorregadios do avião, Fleishman entrou num tribunal para defender um dono de tabacaria que fora apanhado vendendo uma revista chamada *Exotic Adventures*. Insistindo em que a descrição e a discussão do sexo deveriam gozar da mesma proteção legal que a descrição e a discussão de religião, política ou moral, disse ao júri: “Na raiz de toda proibição está o medo da heterodoxia, seja em religião, política ou moral — um medo que não tem lugar em nosso país”. E acrescentou:

“Somente pessoas que têm medo do sexo acham que *Exotic Adventures* é perigosa. Aqueles que têm uma atitude saudável diante do sexo podem achar a revista tediosa ou divertida, dependendo do gosto de cada um. Mas todos consideram ridícula a ideia de que ela pode corromper uma pessoa média”.

Após seis horas de deliberação, o júri votou pela inocência.

Stanley Fleishman vencera até então todos os casos que envolviam seu cliente William Hamling, mas aquela viagem a Washington, na metade de abril de 1974, para defender o folheto ilustrado, era motivo de grande preocupação, pois ele estaria se defrontando com uma Suprema Corte de maioria conservadora. Se ela votasse como um ano antes, na decisão Miller, inevitavelmente poria seu cliente atrás das grades. Fleishman confiava que sua posição no tribunal contaria com o apoio dos juízes Douglas, Brennan, Stewart e Marshall — os quatro que ficaram ao lado de Miller —, mas sabia que teria problemas com os outros cinco, cuja aversão à pornografia não apenas se evidenciava em seus votos anteriores, como era enfatizada em artigos de jornal escritos por correspondentes em Washington, como Nina Totenberg, que obviamente tinha fontes próximas no prédio da Suprema Corte. Ao descrever como os juízes reagiam ao ver filmes pornôis em sua sala de exibição privativa, ela escreveu que o juiz Powell parecia muito constrangido, o juiz Blackmun ficava quase “catatônico” e o juiz White, inquieto, chamava os filmes de “imundície”. Embora William H. Rehnquist, o membro mais jovem da Corte, certa vez tivesse sido caracterizado no *New York Times* como um “observador de

garotas” sub-reptício, no tribunal era conhecido por ser tão avesso à pornografia quanto o presidente da casa, Warren Burger, que geralmente boicotava as exposições.

O juiz Douglas também estava ausente, na maior parte das vezes, mas por motivos diferentes dos de Burger. Segundo sua interpretação, a Primeira Emenda desautorizava a censura sexual, independentemente do que fosse mostrado na tela, portanto ele não perderia seu precioso tempo de trabalho assistindo numa sala escura ao último suposto escândalo pornográfico. O juiz Brennan, um católico idoso que se opusera outrora à pornografia, em anos recentes parecia ter se acostumado tanto com ela que não se perturbava mais; assim, votava com Douglas pela liberação, com base na Primeira Emenda. O único juiz que, segundo Nina Totenberg, parecia divertir-se com os filmes era Thurgood Marshall, de quem se ouviam risadas na sala de exibição e eventuais palavras de estímulo aos atores. O juiz Potter Stewart, o quarto membro que em geral se opunha à censura sexual, escrevera dez anos antes, em seu parecer *Jacobellis*, que a obscenidade era, de fato, difícil de definir, mas “eu a conheço quando a vejo” — comentário que depois motivou o que o pessoal da imprensa chamou à boca pequena de “padrão Casablanca” de Stewart: se o que ele via no filme não fosse pior do que o que vira em seus tempos de Marinha de guerra, quando visitava o porto devasso de Casablanca, então não era obsceno.

Sentado à mesa dos advogados, sabendo que dentro de instantes estaria se dirigindo à Suprema Corte, Fleishman sentia

a ansiedade crescendo e também certa irritação — um pouco por ter de ficar sentado esperando por uma hora e ouvir os argumentos de Louis Nizer no caso de *Ânsia de amar*. Ao defender seu cliente, Nizer estava desnecessariamente atingindo Hamling, por enfatizar demais os méritos artísticos do filme de Mike Nichols, separando-o dos filmes pornôis normalmente exibidos na rua 42. Fleishman sabia que diretores de Hollywood como Nichols jamais gozariam de plena liberdade profissional se diretores de filmes como *Garganta profunda* não a tivessem.

Fleishman tentou reprimir seu ressentimento e concentrar-se no que diria em defesa de Hamling. O principal ponto de sua argumentação seria que Hamling fora injustamente apanhado num período de transição legal, que fora sentenciado em 1972 a um longo período de prisão e a uma multa enorme por um juiz de San Diego que instruíra o júri a aplicar padrões “nacionais”, em vez de “comunitários”, para decidir se o panfleto ilustrado de Hamling era socialmente aceitável. No julgamento da Califórnia, Fleishman teria preferido que Hamling fosse julgado por padrões da comunidade, além de nacionais, porque assim teria podido apresentar como prova relevante o resultado de uma pesquisa feita em toda a cidade, mostrando que a comunidade de San Diego era mais permissiva sexualmente do que a nação como um todo; ademais, poderia apresentar ao júri vários cidadãos respeitáveis da cidade que testemunhariam em favor de Hamling. Mas, depois que essa tentativa fora decretada irrelevante pelo juiz e o governo obtivera uma condenação de acordo com os padrões nacionais, a Suprema Corte interpretara a lei, na decisão Miller, no sentido de que os padrões da comunidade, em vez dos

nacionais, deveriam prevalecer em todos os casos de obscenidade — levando Fleishman a pedir um novo julgamento de Hamling em San Diego, a ser realizado de acordo com o teste da comunidade. Porém, a Corte de Apelação da Nona Circunscrição rejeitara seu argumento e confirmara a prisão e a multa de Hamling. E assim, naquele dia de primavera de 1974, em Washington, a única esperança de Hamling, embora remota, era de que pelo menos cinco dos nove juízes vetassem as decisões das cortes mais baixas, considerando injusto prender um homem por quatro anos e multá-lo em 87 mil dólares por ter mandado pelo correio folhetos acetinados que elogiavam o Relatório Ilustrado, criticavam a rejeição do presidente Nixon às conclusões da comissão e também apresentavam várias fotos coloridas de pessoas nuas masturbando-se, praticando felação e participando de sexo grupal.

Era evidente que as fotos e a reação de cada juiz a elas ao examinar o folheto em particular, antes da audiência, seriam determinantes do futuro de Hamling — e Fleishman sabia que aquele era o motivo por que as decisões sobre obscenidade eram, com tanta frequência, imprevisíveis: eram subjetivas, emocionais e pessoais demais. Os advogados que se valem da Primeira Emenda costumam dizer que “obscenidade” é o que provoca uma ereção no juiz. Fleishman achava que o mesmo valia para muitos promotores, censores e membros de júri: um homem pode se deliciar com um filme pornô numa noite no salão da Legião Americana e no dia seguinte, como jurado, votar pela condenação do produtor do filme. Cidadãos ultraliberais que são a favor da reabilitação de assassinos, opõem-se a sentenças

duras para contrabandistas de drogas e assinam incontáveis petições radicais, frequentemente toleram, e até aplaudem, as batidas policiais em livrarias “imundas” e a prisão de seus donos. “Ao mesmo tempo que os moralistas da esquerda se opõem à censura por princípio”, escreveu Alain Robbe-Grillet, “eles também têm princípios, isto é, valores morais herdados do passado e logo se veem em oposição aos pornógrafos e ao lado dos censores.” Ou como Gershon Legman comentou sobre a ética americana: “Homicídio é crime. Descrever um homicídio não. Sexo não é crime. Descrevê-lo é”.

Evidentemente, parte do problema é que a pornografia, como Fleishman sabia e Tynan escreveu, é “orgástica em intenção”: um de seus objetivos fundamentais é proporcionar ereções ao homem e permitir-lhe masturbar-se. Portanto, é difícil defender a pornografia sem defender a masturbação, e isso — Shakespeare *dixit* — é o problema, pois a masturbação continua a ser na mente de muita gente um ato indigno, um prazer delinquente, uma admissão do fracasso em cortejar uma mulher que possa ser um substituto superior para a princesa de papel que reina durante dez minutos sobre um travesseiro. A masturbação é deplorada pela Igreja como desperdício de semente e como egoísmo sexual por muitos casais; os livros que induzem a ela raramente são considerados literatura, ainda que o crítico Lionel Trilling tenha reconhecido certa vez que não via motivo “por que a literatura não deveria ter como uma de suas intenções a provocação de pensamentos lascivos”. Mas a literatura lúbrica, e sua culminação orgástica, jamais foi tolerada como um ato correto de livre expressão pelos intérpretes judiciais da Primeira

Emenda, em parte porque a Suprema Corte sempre foi composta, desde o século XVIII, por homens idosos cuja ascensão foi marcada pela conformidade à lei e à norma social e que mantiveram em sua vida pessoal, pelo menos na aparência, um padrão quase mítico de moralidade. Com exceção de William Douglas, nenhum deles jamais se divorciou, e exceto por um juiz que, décadas atrás, sofreu um ataque cardíaco fatal quando supostamente estava na cama com uma mulher solteira, nunca houve rumores de que algum membro da Corte tivesse uma amante.

Se o elemento afrodisíaco inerente à pornografia alguma vez influenciou os hábitos controlados ou o decoro privado de um juiz, nenhum deles jamais reconheceu isso em diário ou memórias publicadas postumamente. E durante as audiências relacionadas à obscenidade o comportamento deles é totalmente moderado e desapassionado; todas as suas referências ao sexo são disfarçadas em circunlóquios e na linguagem cifrada da lei, *mesmo* quando o material que estão julgando exala grosseria e sedução, barões libertinos e copeiras conspurcadas, damas flexíveis e homens musculosos balançando suadamente em circos de devassidão — ou quando, como no caso do folheto de Hamling, que o governo apresentara como prova e Fleishman estava prestes a defender, exhibe descaradamente casais copulando, masturbando-se e sodomizando.

Com voz estentórea, o presidente da Corte Warren Burger anunciou: “Ouviremos agora os argumentos em 73505 — Hamling *versus* Estados Unidos”. Acenando com a cabeça para o

advogado, Burger acrescentou: “Sr. Fleishman, creio que pode começar assim que estiver pronto”.

Fleishman ergueu-se com dificuldade e, com um movimento ondedo, apoiou seu corpo de 1,50 metro entre as duas muletas e avançou com a força de seus ombros em direção à tribuna. De início, seu corpo parecia o de um gnomo, uma pequena figura de terno escuro avançando lentamente, ruidosamente, pesadamente diante da bancada dos juízes. Mas quando parou junto à tribuna e virou-se para os juízes, depois de apoiar as muletas numa posição firme, de repente pareceu transcender qualquer sentimento de fragilidade. Seus ombros eram maciços. Mantinha elevada a cabeça, encimada por cabelos pretos, grossos e crespos. Com um queixo pronunciado, nariz proeminente, olhos profundos e penetrantes, seu rosto parecia uma escultura, cinzelada e forte; isolada na frente da sala, sua figura sugeria uma obra-prima inacabada, uma cabeça e um torso heroicos sustentados por andaimes. Quando começou a falar, sua voz ressonante reverberou pela grande sala de audiências, atingindo a fileira mais distante. Ao contrário de muitos advogados que compareciam diante da corte mais alta, Fleishman não parecia intimidado, exalava algo que seria quase arrogância, não fosse sua atitude de respeito e formalidade. Era um advogado de defesa que não ficava na defensiva.

“Sr. Juiz Presidente, com a licença desta Corte...”, iniciou ele. “Deram ao sr. Hamling uma pena de quatro anos [...] inclusive [uma multa de] 87 mil dólares por mandar pelos Correios um folheto que não fere ninguém. O folheto anuncia um livro, um livro de simples e sério valor político. Trata-se de uma versão

ilustrada de um relatório do governo que basicamente concluiu que a lei de obscenidade numa comunidade livre como a nossa requer que os adultos sejam autorizados a escolher por si sós entre expor-se ou não a um material sexualmente explícito.”

O juiz presidente inclinou-se e perguntou: “O relatório original era ilustrado, sr. Fleishman?”.

“Não, senhor, não era”, respondeu Fleishman, mas acrescentou imediatamente que no julgamento de Hamling em San Diego dois ex-membros da comissão testemunharam que o relatório ilustrado de Hamling era “mais valioso” que o original porque suas imagens esclareciam para o leitor o tipo específico de material sexual que tinha preocupado o Congresso e levava à criação da comissão presidencial.

“Havia algum motivo”, perguntou o juiz Rehnquist, “para que o júri não estivesse livre para descrer dessas testemunhas, como poderia descrer de quaisquer outras testemunhas?”

“Acredito que não, meritíssimo...”, disse Fleishman. “Uma pessoa que passou dois anos trabalhando no relatório tem uma opinião que é simplesmente melhor do que a de um júri leigo.”

“Mas”, insistiu Rehnquist, “os júris *de fato* não creem em especialistas por vários motivos, não é? E não há preceito legal que diga que eles têm de acreditar.”

“Sim, senhor”, concordou apressadamente Fleishman, não querendo debater mais aquela questão oblíqua. Tinha apenas meia hora para falar, e parte desse tempo seria usada por seu colega Sam Rosenwein, na defesa dos três funcionários de Hamling que tinham colaborado no panfleto e no livro ilustrados. Além disso, antes mesmo do início da audiência, Fleishman

descartara o voto de Rehnquist, sabendo que ele se opunha tanto à pornografia quanto Burger e Blackmun. Decidira então dirigir a maior parte de sua argumentação aos juízes White e Powell, pois tinha esperança de que um deles votasse com os quatro membros liberais da Corte. Embora dificilmente fossem intérpretes liberais da Primeira Emenda, ambos pareciam menos hipócritas e previsíveis do que Rehnquist, Blackmun e Burger. Talvez até achassem méritos no argumento de Fleishman de que seu cliente fora apanhado num “período de transição”, uma “terra de ninguém” constitucional; Hamling fora vítima em San Diego de um veredicto baseado numa lógica legal que, em 1973, fora declarada ilógica pelos próprios membros da Suprema Corte.

Fleishman continuou seu discurso aos juízes referindo-se à decisão Miller de 1973: “Esta Corte disse que não há padrões nacionais — eles não são verificáveis, não são comprováveis, não são realistas, são abstratos. E esta Corte disse que um júri que tenta responder à questão da obscenidade de acordo com padrões nacionais está empenhado num exercício inútil. Portanto” — e neste ponto sua voz se elevou — “os requerentes [Hamling *et al.*] foram condenados por atentar contra padrões que, nos próprios termos da Corte, simplesmente não existem”.

Fleishman prosseguiu seu raciocínio. Uma vez que os padrões da comunidade eram agora soberanos nos casos de obscenidade, seu cliente merecia melhor sorte do que a que tivera em San Diego, onde o juiz cortara qualquer tentativa da defesa de apresentar provas relacionadas com os padrões sexuais da comunidade: “Nós, por exemplo, tínhamos chamado uma testemunha que fizera uma pesquisa na região de San

Diego com um folheto idêntico ao que estava em questão, e ela, com base científica, perguntou a opinião de 718 pessoas sobre o folheto. A esmagadora maioria, como mostram os dados, achou que o folheto tal como estava deveria ter permissão para circular entre o povo americano em geral. No entanto, essa prova foi excluída somente com o argumento de que o único teste aplicável era o dos padrões nacionais, e não locais. Assim, se vamos seguir novamente a sugestão do governo de que devemos utilizar padrões locais, então fica claro que deve haver uma reversão neste caso”.

William Hamling, cercado na sala por pessoas que não o reconheciam como o protagonista fora do palco daquele caso, assentia ocasionalmente com a cabeça, concordando com os argumentos de seu advogado. Ao lado dele, sua esposa olhava para as faces distantes dos juízes, em busca de algum sinal do efeito das palavras de Fleishman. Não percebeu nada. Do outro lado de sua filha, que parecia tensa, estava a filha de Fleishman, que parecia calma. Judy Fleishman já acompanhara o pai aos tribunais e confiava que naquele caso, como nos outros, ele sairia vitorioso.

Enquanto isso, funcionários da Suprema Corte subiam e desciam entre as cadeiras, observando os espectadores e assegurando-se de que ninguém estivesse usando gravador ou máquina fotográfica, ou mesmo tomando notas; era proibido cochichar, assim como sentar-se com as pernas cruzadas ou descansar os braços no espaldar. De repente, um deles parou perto de onde os Hamling estavam sentados e olhou fixo para Judy, fazendo não com o dedo. Ela fora apanhada mascarando

chiclete. Da maneira mais disfarçada possível, ela tirou a goma da boca, enrolou-a em um lenço de papel e enfiou-a no bolso do vestido.

Quando olhou novamente para a tribuna, viu que seu pai cedera temporariamente o lugar para Sam Rosenwein, um homem de ralos cabelos grisalhos, de quase setenta anos, que explicava aos juízes: “A questão a que me devoto é a do conhecimento da culpabilidade¹⁴ e qual é o elemento mental necessário para um processo constitucionalmente permissível”. Rosenwein fez uma pausa e depois prosseguiu: “Numa resposta a nossa moção por um documento de denúncia, [a promotoria] declarou *não* estar afirmando que esses acusados realmente sabiam que o material era obsceno, mas sim que eles conheciam o *conteúdo* do folheto e que isso era suficiente para satisfazer a exigência de conhecimento da culpabilidade”.

“O senhor está sugerindo, sr. Rosenwein”, perguntou o juiz presidente Burger, “que para que o caso se constitua o manuseador do material deve reconhecer que ele é obsceno antes de expô-lo e distribuí-lo?”

“Minha asserção”, respondeu Rosenwein, “é simplesmente esta: que alguém precisa provar, sem nenhuma dúvida razoável, que ele *conhecia* o conteúdo; e que, com esse conhecimento, disseminou intencionalmente o material com o objetivo específico de apelar para um interesse lascivo. Isso, acredito, é uma responsabilidade que cabe à acusação, num processo de obscenidade.”

Sentado à mesa dos advogados do governo e ouvindo atentamente estava o acusador de Hamling, um ex-aluno de Yale

jovem e barbudo, funcionário do gabinete do subsecretário de Justiça, chamado Allan Tuttle. Tinha aparado a barba naquele dia para deixá-la com um comprimento judicial e ensaiara muitas vezes a argumentação que iria apresentar em breve; sentia-se preparado pessoal e profissionalmente. Seguindo a tradição dos advogados do governo federal que compareciam à Suprema Corte, estava vestido formalmente, com um fraque preto, calças cinza listradas, colete preto, camisa branca e gravata de seda prateada. Embora não se ofendesse pessoalmente com fotos sexualmente explícitas e folheasse sem timidez as páginas da *Penthouse* quando ia a sua barbearia favorita em Washington, Tuttle achava que o folheto de Hamling era explícito demais e, pela lei, obsceno. Se Hamling ao menos tivesse incluído alguns trechos do relatório, poder-se-ia presumir que o folheto tinha um mínimo de propósito sério; Stanley Fleishman seria o último a falar naquela audiência, na réplica às observações de Tuttle, mas este não podia imaginar o que ele teria a dizer em defesa de imagens como a da Godiva do folheto nua, com o pênis de um cavalo na boca.

Quando o juiz presidente Burger acenou para Allan Tuttle, depois que Rosenwein se sentou, ele não perdeu tempo em contestar o valor do folheto. “Senhor presidente, com a licença desta Corte...”, começou ele. “Convido a Corte a examinar o material que está em pauta. O folheto consiste de uma única página: de um lado, traz a fotografia da capa do Relatório Ilustrado, junto com um cupom que indica onde se podem obter exemplares; o outro lado consiste inteiramente de uma colagem de fotografias que mostram uma variedade de cenas sexuais,

entre elas sexo grupal, relações heterossexuais e homossexuais, sodomia, bestialidade e masturbação. Trata-se de pornografia pesada segundo *qualquer* definição e de acordo com os padrões de *qualquer* comunidade.

“Os requerentes, contudo, dizem que sua condenação deveria ser revertida. Eles argumentam que Miller nos ensina que a regulamentação federal de obscenidade era inconstitucionalmente vaga, pelo menos até Miller ser decidido [...] [mas] o que leio em Miller é que a Corte julgou que a definição de Roth, ou alguns aspectos dela — por exemplo, o teste do ‘totalmente desprovido de valor social redentor’ —, era constitucionalmente desnecessária e difícil, se não impossível, de provar. A Corte então fez uma formulação diferente. Mas eu não assumo que a Corte estivesse dizendo, quando decidiu que Miller seria o padrão para julgar a obscenidade no futuro, que todas as condenações anteriores baseadas na definição Roth eram inconstitucionais, ou foram inconstitucionalmente obtidas, ou que a formulação sob a qual foram obtidas tornava nulas as condenações.”

“Então, aqueles casos diziam que, para não ser deficiente constitucionalmente, a regulamentação tinha de ser *muito* específica”, interrompeu o juiz Potter Stewart.

“Sim, senhor juiz, eu ia dizer isso [...] a exigência em Miller de que a regulamentação da obscenidade seja limitada a representações da conduta sexual especificamente descrita em lei estadual aplicável [...] [e] Miller diz que, quando uma dúvida séria é levantada quanto ao caráter vago dos regulamentos

federais, estamos preparados para interpretá-los como limitados aos exemplos de conduta sexual pesada. E na verdade...”

“Isso pode muito bem ser feito *depois* de uma condenação, não?”, disse o juiz Stewart.

Tuttle e Stewart debateram um pouco mais; então Tuttle falou sem interrupção por vários minutos, até que o juiz Stewart começou de novo a fazer perguntas, cuja maioria tinha a ver com o problema do modo como comunidades diversas e variadas poderiam interpretar e impor com justiça a lei postal federal que tinha apanhado Hamling. “Miller estava tratando de uma lei estadual”, lembrou Stewart, “que não tinha alcance mais amplo que o estadual. Mas aqui estamos tratando de uma lei federal [a Lei Comstock]”; e Stewart acrescentou que essa antiga lei postal federal tinha agora incontáveis interpretações locais em todo o país. E sugeriu que seria como se “alguém do gabinete do subsecretário de Justiça se levantasse e nos dissesse que o Código do Imposto de Renda deveria ter um significado diferente” em várias partes da nação.

Tuttle replicou: “A Corte retomou temporariamente os padrões comunitários num caso estadual [Miller *versus* Califórnia] por ter julgado que os esforços dos júris para captar e definir um padrão nacional não foram muito bem-sucedidos. Se isso é verdade, é igualmente verdade com respeito a um júri tentando julgar uma condenação federal por obscenidade”.

“Será que a Primeira Emenda não tem nada a ver com os padrões nacionais?”, perguntou o juiz Douglas.

“Claro”, respondeu Tuttle, “a Corte, interpretando a Primeira Emenda, desenvolveu a exigência de um padrão nacional. O que

estou dizendo [com relação às restrições postais federais de acordo com a Lei Comstock] é que não creio que o Congresso tivesse em mente um padrão local ou nacional; tinha em mente material obsceno tal como um júri o consideraria — e aí temos novamente a lição de Miller.”

“Suponho que é verdade”, acrescentou o juiz presidente Burger, “que ter uma destilaria clandestina em Kentucky, ou em alguns outros estados, pode causar nos jurados locais uma reação diferente da que causaria em estados onde esse não é um meio de vida importante. Contudo a regulamentação seria a mesma, não?”

“Sim”, respondeu Tuttle, “há vários crimes, na verdade, eu diria que na maioria dos casos, em que o crime é...”

“Então”, interrompeu o juiz Thurgood Marshall, “você poderia dizer que, no estado de Nova York, uma destilaria não é uma destilaria?” Tuttle ficou confuso com a pergunta. “Ou é uma destilaria, ou *não* é uma destilaria!”, gritou Marshall, com impaciência, surpreendendo Tuttle. “É a mesma destilaria em Nova York e em Kentucky!”

“Eu concordo, sr. juiz Marshall”, disse Tuttle, “e foi por isso que eu disse que nesses casos...”

“Mas neste caso”, continuou Marshall, “você poderia ter *Ânsia de amar* como uma destilaria em Kentucky, e não em Nova York...”

“*Ânsia de amar* talvez exceda os limites da ingenuidade de Albany, Geórgia”, disse Tuttle, “e pode-se, de fato, julgar que o filme apela para o interesse lascivo da pessoa média em Albany, Geórgia, mas ainda repousa nesta Corte...”

“Sr. Tuttle”, interrompeu Marshall, com mais delicadeza, “minha única questão é: pensei que o senhor estivesse inferindo que Miller mudou a determinação da lei [de Comstock].”

“Não pensei que Miller fosse simplesmente, se me permite, uma determinação.”

“Deixe-me perguntar-lhe: o que Miller fez com esta lei?”

“Miller, a lei fala apenas de material obsceno...”

“Certo”, disse Marshall.

“Desde Roth, a Corte empenhou-se em determinar o que isso significa”, continuou Tuttle, “e em cada um desses casos a formulação da Corte foi levemente diferente. Miller deu uma formulação, que foi lembrada hoje, e Miller disse que, com respeito ao elemento padrões da comunidade, a referência deveria ser aos padrões comunitários contemporâneos da comunidade do foro.”

“O senhor seria capaz de saber quando aconselhar um cliente a se declarar culpado?”, perguntou o juiz Douglas, acrescentando: “[...] está [a lei] suficientemente clara, ou é tão obscura que está aberta a conjeturas?”

“Penso que está bem evidente, sr. juiz, que o conceito de obscenidade não se presta ao tipo exato de mensuração ao qual muitos outros elementos da lei criminal se prestam. [...]”

“Sob essa lei federal”, teorizou Douglas, “[...] o ato de postar em Nova York poderia ser inocente, mas o ato de receber e vender da Califórnia poderia ser um crime, não é verdade?”

“É concebível”, disse Tuttle. “Estaríamos especulando, mas é concebível [que] o julgamento da criminalidade se faria no local onde a matéria é disseminada e o crime é cometido.”

“Sr. Tuttle”, acrescentou o juiz presidente, como se quisesse ajudar a esclarecer, se não justificar, o caráter instável das leis sobre obscenidade, “a Corte, no período dos últimos quinze anos, teve pelo menos três definições diferentes. Não há nada de novo em alterar essas definições, não é? [...] Voltando de Roth a Jacobellis e aos outros casos, foi uma revolução...”

“Tem sido um esforço contínuo para tentar formular padrões exequíveis...”, concordou Tuttle.

“Sr. Tuttle”, perguntou o juiz Byron White, “o senhor sugeriu que antes de Miller havia uma terceira exigência para que o material fosse ‘totalmente desprovido de valor social redentor’. Em que casos o senhor se baseia para isso?”

“Eu me basearia em *Memoirs versus Massachusetts*.”

“Quantos votos teve aquele julgamento?”

“Aquele julgamento teve três votos.”

“Bem, em que caso ele teve alguma vez cinco votos?”

“Desculpe-me”, Tuttle se corrigiu, “*Memoirs* é o caso.”

O juiz White franziu levemente as sobrancelhas, parecendo insatisfeito com a resposta de Tuttle. Embora fosse verdade que, na metade dos anos 60, cinco juízes tinham permitido a legalização de *Fanny Hill* no caso de *Memoirs*, era também verdade que somente três juízes concordaram com a linguagem exata a ser usada naquele parecer controvertido. E ainda agora, oito anos depois, o juiz White (que se opusera ao livro) parecia amargurado com o resultado. Com voz clara e dura, lembrou Tuttle de que *Memoirs* “não teve cinco votos”.

“Penso que foram cinco votos”, persistiu em explicar Tuttle, enquanto os lábios de White se apertavam, “porque houve *dois*

membros da Corte que julgaram a publicação constitucional sob *qualquer* circunstância e *três* membros que a julgaram constitucionalmente protegida, exceto se fosse provado que não tinha nenhum ‘valor social redentor’.”

“Mas permanece válido o fato de que em *nenhum* momento cinco membros da Corte assinaram aquela sentença”, insistiu White. Enquanto Tuttle ficava em silêncio, Fleishman observou com interesse a natureza inflexível do juiz White aflorar. Antes, achava que tinha alguma chance de convertê-lo para o lado de Hamling, mas agora percebia que sua única esperança era o juiz Lewis Powell, o magro e quieto virginiano que estava no extremo esquerdo da bancada, acariciando o queixo pontudo com seus dedos finos. Enquanto isso, o loquaz Allan Tuttle, tendo sabiamente terminado seu debate com White admitindo que o juiz tinha toda a razão, continuou com seu discurso preparado, ignorando momentaneamente a tentativa do juiz William Brennan de interrompê-lo.

“Por favor, pare um momento, sr. Tuttle”, disse o juiz. Tuttle virou-se para o rosto redondo e carrancudo do septuagenário, autor do controvertido e agora moribundo parecer *Memoirs*, e ouviu-o perguntar: “Será que toda esta discussão sugere que talvez até Miller não seja a última palavra nessa área tão conturbada?”.

“Miller nos deu...”

“Não foi isso que eu perguntei”, interrompeu Brennan. “Minha pergunta é se o senhor pensa que Miller é necessariamente a última palavra nessa área.”

“Está claro que Miller não é a última palavra”, disse Tuttle, “porque estamos aqui hoje e estamos aqui com alguns problemas. Mas nossos problemas relacionam-se com a aplicação de Miller. Não estamos aqui para questionar os padrões de obscenidade articulados em Miller; estamos apenas tentando determinar se uma condenação anterior a Miller pode ser sustentada conforme aquela definição.” Tuttle esperou por uma reação e, como não houve nenhuma, continuou: “Agora, não cremos que a crítica aos padrões locais que está contida em Miller *versus* Califórnia implique necessariamente que todas as acusações federais de obscenidade anteriores a Miller devam ser anuladas. E não pensamos que os tribunais tenham essa ideia em mente. Em primeiro lugar, houve, desde Miller, um grande número de casos que foram devolvidos para reconsideração à luz de Miller. E são casos federais em que o júri estava encarregado de usar o padrão nacional, como estava aquele júri [o do julgamento de San Diego envolvendo Hamling]. Acreditamos que se o uso do padrão nacional tornasse o regulamento constitucionalmente vago, antes de Miller, teríamos revogações, e não devoluções”.

Ao ver a pequena luz da tribuna piscar, assinalando que seu tempo estava quase esgotado, Tuttle levantou a voz enquanto concluía: “[...] e se há qualquer dúvida de que o acusado foi incorretamente julgado segundo um padrão nacional, diríamos que foi um erro sem consequências, porque o material [de Hamling] é obsceno segundo *qualquer* padrão, e não há comunidade cujos limites de ingenuidade não sejam

transgredidos pela publicação do requerente”. Fez uma pausa, depois agradeceu e voltou ao seu lugar.

O presidente da Corte fez um sinal com a cabeça, virou-se para a direita e disse: “Sr. Fleishman”.

O advogado de Hamling estava claramente irritado com as observações finais de Tuttle e assim que voltou à tribuna começou a refutar com agressividade as alegações do promotor.

“Senhor presidente, o folheto simplesmente *não* é obsceno! Não é obsceno conforme padrões nacionais. Não é obsceno segundo padrões locais. A acusação diz que é obsceno conforme *qualquer* padrão. Eu lembraria a Corte que um filme, *Garganta profunda*, que se pensava ser obsceno por qualquer padrão, está sendo julgado *não* obsceno em todo o país por júris locais.”

Quanto à acusação do governo a Hamling, continuou Fleishman, fora concebida por capricho, era vagamente definida e legalmente falha. A acusação se caracterizava por termos comstockianos como “lúbrico”, “lascivo”, “indecente”, “imundo” e “vil”, mas não conseguia consubstanciar a acusação de que Hamling cometera pessoalmente, por vontade própria ou por inadvertência, um crime contra a moralidade pública. “Vejam a acusação — o específico está lá?”, perguntou. “Não, não está. [...] Qual era a definição legal de obscenidade na época da acusação? O juiz White sugere que ‘totalmente desprovido de valor social redentor’ não fazia parte dela. Para os objetivos atuais, não me importa se fazia ou não parte da definição. Não me importa se era um padrão nacional ou local. Não me importa se medimos o interesse lascivo por padrões nacionais ou locais, ou por nenhum padrão. O que quero dizer é que, com um

regulamento nebuloso como esse, o mínimo irreduzível é certamente que temos o direito de exigir da acusação que esclareça qual é a imputação, em vez de enumerar palavras vagas, como 'lúbrico', 'lascivo' e semelhantes, e dizer que *todo mundo* sabe o que é, que está claro que *sempre* soubemos o que é isso.

“Mas temos outras questões, e eu gostaria de enfatizar, se me permitem, alguns dos defeitos decorrentes da fraqueza da acusação. Por exemplo, fomos acusados, somente em linguagem regulamentar, em resposta a um documento de denúncia, de que o material era ofensivo porque apelava para o interesse lascivo da pessoa média. Contudo, disseram [aos jurados de San Diego] que podiam condená-lo se ele apelasse para um interesse lascivo da pessoa média *ou* de um grupo sexualmente desviante claramente definido. Quando reclamamos junto à Corte de Apelação, responderam que tínhamos razão, que o material deveria ser avaliado unicamente pela pessoa média, mas que era um erro sem importância. [...]

“Alcovitagem, também”, continuou Fleishman. “Não há uma palavra sobre alcovitagem na acusação, nada no documento de denúncia, mas mesmo assim o júri foi instruído de que poderia condenar com base na doutrina da alcovitagem, sem a menor evidência de qualquer alcovitagem. Não há caso que eu conheça que sustente que um anúncio pode ‘alcovitar’ a si mesmo.”

“Qual era a situação no caso Ginzburg, sr. Fleishman?”, perguntou o presidente da Corte. “Havia alguma coisa?”

“Não”, respondeu Fleishman. “No caso Ginzburg, tal como o li, a Corte sustentou que os livros envolvidos se tornaram obscenos

porque o folheto que os anunciava realmente dizia que eram obscenos e, portanto, isso podia ser levado em conta. Mas Ginzburg não sugeria de forma alguma que o anúncio poderia ‘alcovitar’ a si mesmo. É logicamente inconsistente, porque nesse caso, se o folheto foi enviado pelo correio, ou é ou não é obsceno. Ele não se presta de forma alguma a uma instrução de alcovitagem.”

“Sr. Fleishman, os autos mostram como a mala direta das 55/58 mil pessoas foi compilada?” Era a voz suave do juiz Lewis Powell, falando pela primeira vez naquele dia. Fleishman mudou a posição das muletas a fim de encarar de frente seu interrogador — aquele juiz sentado à extrema esquerda que poderia representar a mudança de voto no caso — e respondeu em tom conciliador: “Não, meritíssimo. O que temos, com certeza, é que doze pessoas se sentiram ofendidas. É tudo o que sabemos. Que foram postados entre 55 e 58 mil folhetos e que doze pessoas se sentiram ofendidas”.

“Os autos mostram se alguma das 55 a 58 mil pessoas pediu o folheto?”

“Os autos silenciam sobre esse ponto, meritíssimo.”

“Os autos mostram se ele foi recebido por algum menor?”

“Os autos mostram de fato que *não* foi recebido por nenhum menor de idade”, respondeu Fleishman, contente com a oportunidade de comunicar esse fato aos juízes da Suprema Corte. Aproveitou também para acrescentar que, depois que o escritório de Hamling foi informado das doze queixas aos Correios, os doze nomes foram eliminados da mala direta do

distribuidor, garantindo que os queixosos fossem poupados de receber mais correspondência sobre sexo no futuro.

“Suponho”, continuou brandamente o juiz Powell, “que não havia como saber o número de crianças nos 55 mil lares para os quais foi enviado esse folheto.”

“Não”, admitiu Fleishman, “mas eu diria isto, já que estamos supondo, meritíssimo: sei que a lista era de pessoas que já haviam indicado antes o desejo de receber material sexualmente explícito. Essas são as únicas malas diretas que valem alguma coisa, pois manda-se o material para quem está interessado. [...] Se alguém quer vender comida de gato, vai querer mandar material para pessoas que têm gatos.”

Percebendo o que poderia ser o mais leve dos sorrisos na fisionomia sóbria de Powell, Fleishman continuou: “Dessa forma, a verdade é que o folheto foi enviado, tanto quanto possível, para adultos que indicaram desejá-lo. Isso não está nos autos, e não quero induzir a Corte a um erro, mas penso que essa é a resposta verdadeira sobre quem eram as pessoas que receberam a propaganda. Temos, como eu disse, doze pessoas que se sentiram ofendidas. Mas sempre existem doze pessoas que se sentem igualmente ofendidas ao receberem panfletos políticos, meritíssimo”.

O juiz Powell, que parecia satisfeito com a resposta, não tinha mais perguntas. Uma vez que o tempo de sua réplica terminara, Fleishman agradeceu à Corte e ouviu o presidente anunciar: “O caso será submetido a apreciação”. O oficial de justiça bateu o martelo, os nove juízes levantaram-se e saíram rapidamente entre as cortinas de veludo vermelho. Os espectadores

começaram a sair de seus lugares, movendo-se devagar entre as fileiras, na direção das saídas dos fundos, mas Hamling abriu caminho até a mesa dos advogados para cumprimentar Fleishman, congratulá-lo pela maneira como conduziu o caso e expressar otimismo em relação ao resultado. O advogado sorriu, mas advertiu-o contra o excesso de confiança. A votação, que seria anunciada dentro de dez semanas, seria apertada; provavelmente seria uma decisão por cinco a quatro, com a meditação e as vicissitudes do juiz Powell talvez determinando a conclusão do caso.

Em 24 de junho de 1974, Stanley Fleishman recebeu de Washington a notícia perturbadora: numa decisão por cinco a quatro, Hamling tinha perdido. Fora apoiado pelos quatro liberais — Douglas, Marshall, Brennan e Stewart —, mas Powell ficara do lado dos juízes designados por Nixon e do juiz White. O parecer dominante, escrito por Rehnquist, desconsiderava todas as objeções que Fleishman levantara em favor de Hamling. Declarava que a acusação do governo fora “suficientemente definida” ao esclarecer as imputações contra Hamling; que palavras como “lúbrico”, “lascivo”, “indecente” etc., do regulamento postal de Comstock, não eram “vagas demais” para justificar a condenação; e que não fora “constitucionalmente inadequado” que o juiz da Califórnia utilizasse padrões nacionais e desconsiderasse provas locais no julgamento em San Diego. Hamling podia acreditar sinceramente que seu folheto não era obsceno pelos critérios da lei, mas Rehnquist escreveu que isso não era defesa. E sustentou sua posição citando o caso de 1896

de Rosen *versus* Estados Unidos, no qual um editor de Nova York chamado Lew Rosen, depois de afirmar que não sabia que as damas fotografadas em seu periódico estavam em poses obscenas, foi informado pela Suprema Corte de que seu conhecimento da obscenidade era irrelevante: sua condenação foi confirmada porque ele estava a par do conteúdo do material que enviara pelo correio.

Enquanto o filme *Ânsia de amar* era inocentado pela Corte, num parecer também redigido por Rehnquist — “Há cenas ocasionais de nudez, mas a nudez sozinha não é suficiente para tornar um material legalmente obsceno” —, o folheto de Hamling era, nas palavras de Rehnquist, “uma forma de pornografia pesada perfeitamente enquadrável entre os tipos de representação passíveis de proibição descritos em Miller”. Assim, a condenação de Hamling era definitiva: a estada na prisão era inevitável, e a multa de 87 mil dólares tinha de ser paga.

Nos jornais de todo o país, Hamling recebeu pouca simpatia das páginas editoriais e uma cobertura mínima no noticiário — exceto no *National Decency Reporter*, que publicou uma foto em primeira página do juiz Rehnquist, com um artigo adulator sobre sua decisão, sob uma manchete que dizia: “Sinal aberto para os processos contra obscenidade”.

A pedido de Fleishman, vários advogados, escritores, *publishers* e editores apoiaram a família de Hamling, escrevendo cartas com pedidos de clemência ao juiz de San Diego que controlava agora seu destino imediato. Mas a única concessão que Fleishman conseguiu, depois do pagamento da multa, foi uma redução da prisão para menos de um ano em Terminal

Island, sob a condição de que Hamling cortaria todas as conexões comerciais com as publicações eróticas e deixaria de escrever, editar ou distribuir qualquer material relacionado com sexo, mesmo de leve. Hamling também entendeu que, ante o risco de violar seu período de cinco anos de sursis, era melhor abster-se de escrever artigos para revista ou livros sobre os caprichos das leis sobre sexo, ou lamentos sobre seu processo e a punição; ou seja, suas opiniões sobre seu caso deveriam restringir-se a cartas pessoais que mandasse a seus amigos ou advogados. Numa carta a Fleishman, ele escreveu, como se ainda mal pudesse acreditar: “Sou um criminoso. [...] Assim foi decidido. Um voto em nove determinou que o folheto do livro é ilegal, e assim minha sentença foi confirmada. Pensamento irrelevante, traumático em sua perplexidade: o juiz Black estava na Corte na época em que o folheto foi enviado. [...] Aquele voto teria sido diferente. Eu não seria um criminoso. [...] Mas o juiz Black não está mais lá [tendo sido substituído pelo juiz Powell], portanto sou um criminoso, consignado ao limbo da vida e da marca de condenado. Como alguém pode se conformar com isso? Uma questão de gosto pessoal e ambiguidade legal que faz a balança da justiça pender por cinco a quatro para qualquer um dos lados... de forma tão caprichosa quanto o vento ao entardecer”.

24.

Nos momentos mais visionários, sentado na cama redonda de seu avião particular, um lustroso jato DC-9 negro que o transportava habitualmente, com várias *playmates*, entre suas mansões de Chicago e Los Angeles, Hugh Hefner via a si mesmo como a encarnação do sonho masculino, o criador de uma utopia empresarial, o ponto focal de um filme caseiro de orçamento vultoso que ampliava em sua mente continuamente, mês a mês, seu tema narcisista — um filme de romance e drama em que ele era ao mesmo tempo produtor, diretor, roteirista, cenógrafo, agente de elenco, além de ídolo e amante de cada nova starlet desejável que aparecesse no momento certo para realçar, mas nunca ofuscar a cena, sua posição preferida à beira da saciedade.

Desde a adolescência, quando trabalhava em Chicago, como lanterninha do Rockne Theater, Hefner era apaixonado por filmes, aceitara sem questionar as tramas mais improváveis, suspirando com as emoções e deleitando-se com as aventuras. De pé no cinema escuro, muitas vezes desejava que as luzes jamais se acendessem, que a história da tela continuasse indefinidamente e adiasse para sempre sua volta ao lar terrestre e ordeiro do pai alemão contador e da mãe sueca empertigada.

Foi ela quem primeiro percebeu suas tendências escapistas e foi informada por um psicólogo de que seu filho era uma espécie de gênio com aflições de imaturidade, uma avaliação que a preocupou, mas jamais constrangeu Hugh Hefner. Ao contrário, ele cultivava suas ilusões juvenis, intensificando-as ao ponto da paixão. Agora, na metade dos anos 70, descansando em seu avião ou regalando-se em suas mansões, podia olhar para trás, para os muitos anos felizes em que escapara do tédio racionalizado por outras pessoas como “maturidade”, expandindo suas fantasias num império multimilionário.

A fonte inicial de sua fortuna fora, evidentemente, a revista *Playboy*, que criara em 1953, com seiscentos dólares que tomara emprestados dando como garantia os móveis de seu casamento. O sucesso da revista marcou o fim de seu casamento e o começo de uma corte contínua formada de fotógrafos e modelos que posavam nuas para eles. As mulheres da *Playboy* eram mulheres de Hefner: depois das sessões de fotografia, cumprimentava-as, comprava-lhes presentes caros e levava muitas delas para a cama. Mesmo depois que deixavam de posar para a *Playboy* e estabeleciam-se com outros homens para criar família, Hefner ainda as considerava suas mulheres, e nos volumes encadernados da revista ele as possuiria sempre.

Em 1960, inaugurou em Chicago o primeiro Playboy Club, introduzindo em sua vida numerosas coelhinhas de todo o país, algumas das quais vinham morar nos dormitórios de sua mansão de 48 dependências, perto do lago, na exclusiva Gold Coast de Chicago. Quando viu a mansão pela primeira vez, lembrou-se de uma das casas grandes presentes em filmes de mistério, do tipo

que tem túneis escondidos e passagens secretas. Depois que a comprou e descobriu que faltavam esses detalhes, mandou construir suas próprias passagens particulares, com paredes e estantes de livros que se moviam ao toque de um botão. Também acrescentou um estúdio de cinema, uma máquina de pipoca, uma cancha de boliche, uma sauna e, embora não nadasse, instalou no porão uma piscina grande. A piscina era parcialmente cercada de vidro e oferecia com frequência, no bar submarino de Hefner, a visão de coelhinhas nadando nuas.

Como a equipe da cozinha e os muitos mordomos de terno escuro trabalhavam em turnos contínuos, era possível para ele e seus convidados pedir café da manhã ou jantar a qualquer hora do dia ou da noite. E, como Hefner preferia que todas as janelas da casa tivessem cortinas pesadas e fossem à prova de som, podia viver em isolamento aristocrático durante muitos meses, sem ter ideia do tempo lá fora, da atividade nas ruas, da estação do ano ou da hora do dia. Tal como o malfadado Jay Gatsby, herói de seu romancista predileto, Hefner dava grandes festas para centenas de pessoas; e, tal como Gatsby, às vezes não aparecia, preferindo ficar em sua suíte particular para trabalhar no layout da próxima *Playboy*, ou gozar da companhia de um grupo menor de íntimos, ou assistir na tela colocada diante da cama a um filme dentre as várias centenas de sua cinemateca.

A suíte, que projetara de forma a raramente ter de sair dela, oferecia todos os confortos e conveniências imagináveis. Um equipamento de som e imagem permitia-lhe comunicar-se da cama com seus executivos no prédio da revista, a algumas quadras de distância; apertando botões, podia girar a cama até

360 graus em ambas as direções, fazê-la sacudir, vibrar ou parar de repente diante da lareira, de um sofá, de aparelhos de televisão, ou da cabeceira baixa, plana e curva, usada como escrivaninha e mesa de jantar, onde havia um aparelho de som, telefones e um refrigerador com um estoque de champanhe e de sua bebida preferida — Pepsi-Cola, da qual consumia mais de uma dúzia de garrafas por dia. Nesse quarto espelhado havia também uma câmera de televisão dirigida para a cama, permitindo-lhe filmar e preservar as imagens de seus prazerosos momentos com uma amante — e às vezes com três ou quatro ao mesmo tempo. Certa noite, uma nova residente da mansão abriu a porta da suíte de Hefner e surpreendeu-o deitado nu, no centro da cama, cercado por meia dúzia de modelos e coelhinhas que o massageavam gentilmente com óleo, enquanto ele observava com atenção, parecendo obter tanto prazer com o que estava vendo quanto com o que estava sentindo. Era como se as imagens de sua revista de repente tivessem adquirido vida e o estivessem unguindo num ritual erótico.

Depois de comprar o jato por quase 6 milhões de dólares, Hefner mandou reformar sua cabine, reproduzindo tanto quanto possível os confortos familiares da mansão. Reduzindo a capacidade de 110 passageiros para apenas 35, instalou cadeiras suntuosas que se convertiam em camas; acrescentou mesas para reuniões de negócios e seus jogos favoritos, Banco Imobiliário e gamão; incluiu projetores de filmes de 16 milímetros, nove monitores de televisão, três telefones com extensões e um complexo sistema de som estereofônico de oito faixas, além de reservar espaço na parte dianteira da cabine para dançar. As

aeromoças, com uniformes pretos justos enfeitados com emblemas do coelho branco, combinando com as cores do avião, estavam preparadas para servir jantares de oito pratos com talheres de prata, cristais e porcelanas suficientes para 36 pessoas. Nos fundos do avião, na suíte de Hefner, havia uma cama redonda, um chuveiro e uma escrivaninha com ditafone, gravador e uma caixa de luz onde podia examinar slides para edições futuras da revista.

O combustível extra do avião permitia viagens transoceânicas, mas seus voos mais frequentes eram para Los Angeles, onde a empresa começara a investir muito, no final dos anos 60, em produções para a televisão e o cinema. Foi lá que, em 1968, Hefner encantou-se com Barbara Klein, uma estudante de dezoito anos da **UCLA** que conhecera recentemente. Fora apresentado a ela nos bastidores do programa de tevê “Playboy à noite”, do qual era o apresentador e para o qual ela fora contratada como modelo extra por um sócio de Hefner que, ao vê-la numa discoteca de Beverly Hills, logo percebera que sua aparência atrairia Hefner. Barbara Klein era a quintessência da garota de família, uma morena de olhos verdes com feições perfeitas, um lindo nariz arrebitado e um gracioso e desinibido corpo em flor, realçado por roupas descontraídas, mas bem cortadas. Antes de se matricular na **UCLA**, fora animadora de torcida no colégio e candidata a Miss Adolescente de sua cidade natal, Sacramento. Em Los Angeles, trabalhava ocasionalmente depois das aulas como modelo na televisão, fazendo comerciais para Certs e posando como sereia para Groom & Clean.

Quando Hefner a viu pela primeira vez, ficou abismado com a semelhança entre ela e sua ex-esposa Mildred — não a Mildred de então, mas a morena virginal de olhos brilhantes, mecha de cabelos na testa e meias soquete por quem se apaixonara no verão de 1944, depois de se formar no Steinmetz College. Mildred Williams fora a garota de família original, o objeto de seus sonhos e desejos mais puros e, também, a fonte de sua maior dor quando admitira — depois de ficarem noivos — que estava tendo um caso com um professor da escola aonde fora lecionar, numa pequena cidade de Illinois. Embora isso tivesse despedaçado Hefner, eles foram adiante e casaram-se em junho de 1949 — decisão que em poucos anos, após o nascimento de dois filhos, ambos reconheceram como um erro. Após o divórcio, Mildred casaria-se com um advogado que a ajudara no processo legal de separação, enquanto os envolvimento pessoais de Hefner permaneceram na esfera da corte romântica de namoradas da *Playboy*.

Depois de sair algumas vezes com Barbara Klein, porém, Hefner pareceu subitamente interessado numa relação mais compromissada. Estava agora com quarenta e poucos anos e, embora não fosse muito mais velha que sua filha Christie (que morava com a mãe e o padrasto em Chicago), Barbara era diferente das dezenas de garotas que ele conhecera desde o divórcio. Era mais curiosa intelectualmente, mais vivaz e socialmente bem-posta; como filha de uma proeminente família judaica de Sacramento — seu pai era médico —, maravilhava-se menos com a riqueza e a posição de Hefner do que a maioria das outras garotas. Quando saíam juntos, insistia que ele não

fosse buscá-la em sua limusine com chofer, preferindo dirigir seu próprio carro e encontrá-lo no restaurante ou na festa a que iriam. Evitava também ficar sozinha com Hefner num quarto, pois não tinha intenção de perder a virgindade para um homem com a reputação e da idade dele. Logo que se conheceram, ela explicou: “Você é uma pessoa legal, mas nunca namorei alguém com mais de 24 anos”. Ao que ele respondeu: “Tudo bem. Nem eu”.

Nos primeiros meses em que a encontrava sempre que estava em Los Angeles, Hefner permaneceu razoavelmente respeitável e paciente. Quando Barbara enfim concordou em ir com ele e seus amigos a Las Vegas e esquiar em Aspen, onde o irmão dele, Keith, tinha uma grande casa, providenciou-se um quarto só para ela. Mas as viagens dos dois juntos logo foram divulgadas pela imprensa de Los Angeles, o que ofendeu os pais de Barbara em Sacramento, e reavivou as alegações contra Hefner de que saía com ninfetas porque tinha medo de mulheres mais velhas e desafiadoras. Sua resposta a essas acusações foi que as mulheres mais velhas não eram necessariamente mais desafiadoras do que as jovens e, além disso, ele não estava procurando desafios em sua vida amorosa. “Não estou buscando uma Hugh Hefner feminina”, disse a um repórter, acrescentando: “Para mim, uma relação romântica é uma fuga dos desafios e problemas que enfrento no trabalho. É uma ilha psicológica e emocional para a qual eu fujo”.

À medida que passava mais tempo na companhia dele e conhecia seus muitos amigos na área editorial e do entretenimento, Barbara sentia-se mais à vontade naquele

mundo e mais sensível à pessoa de Hefner. Ele tinha inteligência rápida, mas jamais tripudiava; parecia não ser afetado por seus milhões e possuía um senso juvenil de aventura que a fazia esquecer a diferença de idade. Em 1969, ao visitar a mansão de Chicago, Barbara Klein não estava apenas pronta mas ansiosa para consumir a relação na grande cama redonda. Na mesma ocasião, concordou em posar para a capa da *Playboy*, a primeira de suas muitas aparições nas páginas da revista que lhe dariam fama nacional, com o pseudônimo de Barbi Benton. Hefner estava fascinado com Barbi Benton, deslumbrado com seu encanto saudável, e, quando ela reagia com deleite juvenil às coisas e aos lugares lindos aos quais Hefner não dava mais valor, isso o motivava a explorar ainda mais as possibilidades ilimitadas de sua vida. Num fim de semana em Acapulco, apesar de não saber nadar, Hefner foi atrás dela e de seus amigos, voando num *kite board* puxado por uma lancha; em muitos momentos perigosos, o chefe insubstituível da Playboy Enterprises foi visto suspenso pelos braços, pairando sobre a baía de Acapulco.

Por causa de Barbi Benton, Hefner passava mais tempo em Los Angeles e, em 1970, comprou por 1,5 milhão de dólares um castelo Tudor gótico numa exuberante propriedade próxima do Sunset Boulevard, onde ela seria a castelã. Decidiram juntos como mudariam a decoração do solar de trinta aposentos coberto de hera que se tornaria a Mansão Playboy Oeste. Durante muitos meses, arquitetos e operários transformaram os 2,2 hectares da propriedade em elevações suaves e gramados, construíram um lago e uma cachoeira atrás da casa principal e também criaram

uma gruta de pedra que abrigava vários tanques de água quente em que os convidados podiam banhar-se nus. Um sistema central distribuía música na gruta, pela floresta circundante de sequoias e pinheiros, pelos gramados sobre os quais dezenas de animais tinham permissão para vaguear — lhamas, macacos-de-cheiro, guaxinins, coelhos e até pavões. Nos lagos havia patos e gansos; no aviário, condores, araras e flamingos. Em outras partes da propriedade, havia uma estufa cheia de flores e plantas raras, chalés para convidados, mobiliados com antiguidades, uma casa de jogos com uma mesa de sinuca, máquinas de fliperama e pequenos quartos privativos com espelho no teto. Numa clareira entre as árvores, havia uma quadra de tênis que ficava logo abaixo de uma área de refeições ao ar livre, onde era possível servir almoço ou jantar e onde mordomos de black-tie forneciam a cada casal que chegava com raquetes uma bandeja com *duas* latas fechadas de bolas de tênis.

Visível de quase todas as partes da propriedade, apesar das cercas altas e árvores, a mansão possuía uma estrutura semelhante a um castelo, com chaminés altas e torreões, inspirada num solar inglês do século XV. Diante da entrada principal, havia uma fonte de mármore branco com querubins e cabeças de leão cuspidando água. Depois de passar por um portal de pedra arqueado e uma pesada porta de carvalho, os visitantes entravam num grande saguão com piso de mármore e teto alto, de onde pendia um enorme candelabro dourado com velas quase do tamanho de um bastão de beisebol. À direita, havia uma sala de jantar senhorial, com uma longa mesa de madeira polida, cercada por doze cadeiras forradas de veludo azul. À esquerda,

havia uma grande sala de estar, com um piano de cauda, sofás de couro e muitas cadeiras, para os convidados que compareciam nas noites em que Hefner transformava o ambiente em sala de projeção. Do vestíbulo saía uma escada de madeira gótica com balaustrada dupla que levava a várias suítes, inclusive ao quarto principal, ocupado por Barbi Benton e Hugh Hefner, quando ele estava na cidade.

A mansão de Los Angeles, tal como a de Chicago, contava com serviço de cozinha 24 horas, refletia a mesma falta de interesse hefneriana em saber se era dia ou noite e era palco de grandes festas preparadas pelos secretários sociais de Hefner sempre que ele queria. Uma vez que a maioria dos magnatas famosos do cinema ficara velha demais para promover as reuniões aparatosas que tinham sido outrora a marca de Hollywood, a presença de Hefner em Los Angeles foi particularmente bem-vinda, e, assim que sua mansão ficou pronta, em 1971, para sua primeira festa particular, os portões de ferro automáticos no sopé do morro foram abertos para um desfile de Rolls-Royces, Bentleys, Mercedes-Benz, Jaguares e Jeeps feitos sob medida que conduziam pela estrada sinuosa e cercada de hera dezenas de produtores e diretores, estrelas e modelos, todos saudados no saguão de mármore por Hefner, de roupão de seda, cachimbo e uma garrafa de Pepsi na mão, e por sua princesa resplandecente, com uma blusa de gola alta e decote profundo e jeans azuis com lantejoulas, feitos sob medida.

Como provas de sua afeição, Hefner deu a Barbi Benton uma Maserati, joias requintadas, lindas roupas e uma máquina de

fazer algodão-doce vermelho. Encomendou a um escultor um busto que enfatizasse sua sensualidade jovial e seus seios pontudos e firmes. Quando não estava em Los Angeles, Hefner telefonava todos os dias de seu avião, da limusine, ou de sua grande cama de Chicago, dizendo-lhe que a amava e sentia saudades — o que não deixava de ser verdade. Ele só não contava é que, durante as separações, partilhava com frequência sua cama de Chicago com uma das novas coelhinhas ou modelos que estavam residindo temporariamente na mansão, enquanto recebiam treinamento de garçone para o Playboy Club ou passavam por uma série de testes no estúdio de fotografia do prédio da *Playboy*.

Embora se aproximasse dos 45 anos e já tivesse se envolvido com centenas de mulheres fotogênicas desde que fundara sua revista, gostava da companhia feminina mais do que nunca. E o que era realmente significativo, considerando tudo o que vira e fizera em anos recentes, era o fato de que cada ocasião com uma nova mulher era para ele uma experiência nova. Era como se estivesse sempre vendo pela primeira vez uma mulher se despir, redescobrimdo com prazer a beleza do corpo feminino, em expectativa ofegante diante de calcinhas que caíam e nádegas suaves que se expunham. E nunca se cansava de consumir o ato. Era fissurado em sexo, e seu vício era insaciável.

Estava também convencido de que sua vida sexual hiperativa era a fonte regeneradora de seu impulso criador e do sucesso nos negócios, de sua confiança e singularidade como homem; era o que o distinguia das personagens melancólicas de Fitzgerald com as quais se identificava, aqueles românticos

elegantes que tinham medo de crescer e desapareciam na obscuridade e no desespero aos quarenta anos. Para Hefner, o oposto tinha sido verdade até agora: era mais feliz aos quarenta do que aos trinta e não tinha dúvidas de que, aos cinquenta, estaria ainda mais realizado, seus múltiplos negócios continuariam a prosperar e ele possuiria no centro de seu paraíso particular, como acontecia agora, uma mulher jovem que ele amava — enquanto tinha acesso simultaneamente a bandos de belezas migratórias que trariam variedade e tempero a seus momentos mais pessoais.

Num desses momentos em Chicago, centenas de quilômetros distante de Barbi Benton, no começo do verão de 1971, Hugh Hefner ficou particularmente interessado numa loira curvilínea de olhos verdes, natural do Texas, chamada Karen Christy. Aquinhoada com grandes seios firmes magníficos e cabelos loiros platinados que caíam pelos ombros até a metade das costas, ela fora descoberta em Dallas, durante uma “caçada às coelhinhas” realizada por um executivo do Playboy Club chamado John Dante, que viajava com frequência de cidade em cidade, entrevistando as mulheres que, em resposta a anúncios publicados em jornais locais, manifestavam interesse em trabalhar num dos quinze Playboy Clubs do país. Em Dallas, Karen e duzentas outras candidatas tinham se reunido no Statler-Hilton Hotel para posarem de biquíni e serem entrevistadas por Dante e outros representantes da *Playboy*. Notificada semanas depois de que estava contratada, ela recebeu uma passagem de

avião para Chicago e foi convidada a ficar na mansão enquanto recebia treinamento para trabalhar no Playboy Club de Miami.

Karen reagiu a sua aceitação com alegria e apreensão, pois jamais saíra do Texas, passara a maior parte da vida nos arredores de Abilene, numa família que não estava acostumada a receber boas notícias. Aos três anos, ela perdera a mãe, de um problema nos rins. Seu pai casou-se de novo, mas a relação infeliz terminara em divórcio, quando Karen tinha nove anos. Quatro anos depois, seu pai levaria um tiro fatal num acidente de caça. Karen e uma irmã mais moça foram criadas sucessivamente por tias, tios e avós bem-intencionados, mas pobres. Karen recebia auxílio federal para órfãs e economizava o que podia de seus empregos temporários enquanto estudava e, depois que terminou o colégio, de seu cargo de secretária, no entanto os fundos insuficientes obrigaram-na a abandonar a Universidade Estadual do Norte do Texas ao final do primeiro ano.

Aos dezenove anos, viu o anúncio da *Playboy* na imprensa local e, imaginando que o emprego de garçoneiro com rabo de coelho seria mais interessante e lucrativo do que o de secretária, arrumou as malas em maio de 1971 e, após desembarcar no aeroporto de Chicago, pegou um táxi até o portão ornamentado de ferro da mansão de Hefner, na North State Parkway. Depois que os seguranças verificaram sua identidade, Karen Christy foi escoltada por um mordomo até o quarto andar, onde ficava o dormitório das coelhinhas.

Atrás da porta, ela ouviu o som de chuveiros e risos, secadores de cabelos e música de rádio; e ao entrar, viu várias mulheres

nuas entrando e saindo de quartos, arrumando-se para trabalhar no Playboy Club. Espantada e um pouco desconcertada pela extrema informalidade delas, Karen ficou ainda mais constrangida quando, ao entrar na suíte que lhe foi designada, viu uma morena nua penteando os cabelos diante do espelho e uma loira de cabelos curtos lixando as unhas junto ao toucador. Embora ambas se mostrassem simpáticas quando Karen se apresentou e também respondessem com paciência a suas perguntas sobre o emprego, Karen percebeu que, enquanto conversavam, avaliavam-na criticamente, examinando os contornos de seu corpo sob as roupas. E depois que ela tirou a blusa, mas não o sutiã, uma das mulheres comentou de leve: “Nós não usamos isso aqui”. Karen sorriu, porém continuou de sutiã enquanto desfazia a mala. Só se despiu completamente e entrou no chuveiro depois que elas saíram para o trabalho e o dormitório ficou em silêncio e vazio.

Mais tarde, refrescada e vestida com roupas novas que comprara em Dallas, Karen aventurou-se a sair do dormitório e descer a grande escadaria, entrando na sala de estar de 18 metros de comprimento com piso de teca e teto de mais de 6 metros de altura, decorado com afrescos de flores. Numa das extremidades da enorme sala havia uma lareira de mármore esculpido, grande o suficiente para que ela ficasse de pé lá dentro; na outra ponta, sobre pedestais, armaduras medievais de prata polida; e no meio uma mistura de móveis modernos e antigos, um piano de cauda e um aparelho de som, tocando jazz suave. Em torno de uma mesa de café, perto da distante lareira, estava sentado um grupo de mulheres jovens e homens mais

velhos, conversando. Hefner não estava entre eles, mas Karen reconheceu John Dante, o homem que a encontrara em Dallas. Quando ele a viu, levantou-se imediatamente e veio cumprimentá-la. Dante tinha quarenta e poucos anos, elegância rude, um bigodinho bem aparado no rosto rosado e amistoso. Usava camisa de seda aberta no peito, medalhão de ouro no pescoço e calças de boca estreita e vinco impecável. Embora fosse afável e despretensioso, os criados que estavam na sala, cientes de sua posição na hierarquia de Hefner, ficaram atentos enquanto ele apertava a mão de Karen e, quando perguntou-lhe se queria alguma coisa para comer ou beber, dois criados postaram-se imediatamente ao lado dela, prontos para atender a seu pedido.

Karen foi apresentada às pessoas que estavam em volta da mesa e sentou-se com elas, ficando num silêncio constrangido enquanto batiam papo e relaxavam no esplendor circundante. Então, juntou-se ao grupo uma mulher atraente de cerca de trinta anos, com traços finos e delicados, grandes olhos expressivos e maneiras que, embora sofisticadas, pareciam afetuosas e naturais. Era Bobbie Arnstein, a secretária social e confidente de Hefner. Entre seus vários deveres estavam o de ajudar a entreter os convidados e os visitantes famosos da casa de Hefner, marcar os encontros de negócios realizados na suíte de Hefner e fazer a maior parte das suas compras pessoais, inclusive presentes de Natal e aniversário que mandava para seus pais e filhos. Anos antes tivera um caso com Hefner, depois a relação entre os dois se transformara numa amizade profunda e especial — e Bobbie, como Hefner, preferia agora amantes bem mais jovens do que

ela. Sua presença à mesa e sua maneira sutil de incluir na conversa, sem exigir uma resposta, a beldade texana obviamente tímida fizeram Karen sentir-se mais à vontade entre tantos estranhos. Apesar disso ela agradeceu a saída elegante que Dante providenciou ao convidá-la para conhecer a mansão.

Na meia hora seguinte, Karen seguiu Dante por corredores e passagens secretas, viu mobílias antigas e máquinas de fliperama, desceu uma escada em curva até o bar submarino, aonde também se chegava escorregando por um mastro desde o andar de cima. Por sugestão de Hefner, Dante mudara-se para a mansão havia anos e conhecia um pouco de sua história. Contou a Karen que fora construída antes da virada do século por um industrial de Chicago que mais tarde receberia em casa convidados como Theodore Roosevelt e o almirante Peary. Quando Hefner a comprara em 1960, por menos de meio milhão de dólares, estava vazia e abandonada havia muito; ele gastara pelo menos outro meio milhão para modernizá-la e acrescentar uma cancha de boliche, uma piscina e seu apartamento privativo, repleto de geringonças eletrônicas e móveis feitos sob medida desenhados por ele mesmo. Quando Karen perguntou se poderia ver os aposentos de Hefner, Dante hesitou, explicando que ele chegara de Los Angeles cedo e poderia estar dormindo, mas minutos mais tarde, após dar uma verificada, Dante voltou para dizer que Hefner estava acordado e ficaria contente em conhecê-la.

Com Dante a seu lado, Karen atravessou a sala de estar forrada com lambris de carvalho em que haviam estado antes, subiram dois degraus e passaram por uma porta que levava a um

apartamento cheio de equipamentos eletrônicos, inclusive oito televisões separadas, uma para cada canal de Chicago, permitindo que Hefner gravasse vários programas ao mesmo tempo, para ver quando quisesse. Abrindo uma segunda porta, Dante levou Karen até o quarto de paredes revestidas e grosso carpete branco, dominado pela cama redonda, em cujo centro estava sentado Hugh Hefner, comendo hambúrguer e bebendo Pepsi, enquanto lia provas da revista.

Com as sobrancelhas erguidas e um sorriso exagerado, Hefner saltou da cama para recebê-la. Por dez minutos, além de fazer troça de Dante para divertir Karen, conversou com ela seriamente, mas de modo jovial, perguntou-lhe sobre sua vida e suas aspirações e levou-a para conhecer o apartamento, mostrando sua biblioteca luxuosa, com paredes forradas de livros, sua área de banho, com uma banheira romana grande o suficiente para doze pessoas, e os muitos botões para ativar sua cama rotativa, que tinha 2,5 metros de diâmetro e custara 15 mil dólares. Perto da cama e apontada para ela, havia uma câmera de televisão Ampex, projetada para produzir transmissões, tanto instantâneas como retardadas, na tela da parede acima, das atividades amorosas de Hefner, que achava isso infinitamente estimulante; mas na visita ciceroneada com Karen Christy ele omitiu com tato qualquer menção a essa aparelhagem.

Antes que Karen saísse, Hefner disse que iria jogar bilhar mais tarde com o ator Hugh O'Brian e alguns convidados, acrescentando que ficaria muito contente se ela se juntasse a eles. Ela respondeu que iria. Depois, descansando sozinha no quarto, lembrou com espanto como ficara à vontade na presença

de Hefner e como ele parecia realmente satisfeito consigo mesmo. Um ano antes, ao vê-lo no programa de Johnny Carson, achara-o um tanto artificial e afetado; em pessoa era mais espontâneo, mais modesto e fisicamente mais atraente. Também achou cativantes os sinais de desleixo adolescente que observou em seus aposentos: o chão coberto de pedaços de papel e revistas velhas, peças de roupa jogadas pelas cadeiras, a mala de sua viagem à Califórnia aberta, mas ainda não desfeita. Apesar dos camareiros e empregadas dedicados a manter a ordem e a limpeza 24 horas por dia, Hugh Hefner transmitia a impressão de estar precisando de quem cuidasse melhor dele, de quem lhe desse mais atenção pessoal.

Horas depois, na sala de bilhar e, mais tarde, em torno das máquinas de fliperama que Hefner manipulava com habilidade, Karen Christy sentiu constantemente a atenção dele. Hefner sorria para ela enquanto passava giz na ponta do taco, piscava o olho depois de uma boa jogada e, quando fazia uma piada ou um comentário inteligente para o pessoal, olhava invariavelmente na direção dela para estudar sua reação. Essa falta de sutileza poderia custar-lhe alguns pontos junto a uma mulher mais vivida, mas Karen ficou lisonjeada, preferindo de longe sua abordagem aberta às táticas indiretas de um homem menos franco. Ele parecia estar sinalizando não só para ela, mas também para toda a sala — e em particular para as mulheres atraentes ali reunidas —, que estava fascinado por Karen. Embora preferisse não pensar aonde aquilo poderia levá-la, no momento ela estava se deliciando com a situação.

Depois de uma ceia à meia-noite, trazida em bandejas de prata para a sala de jogos e servida sobre o tampo de vidro das máquinas de fliperama, que Hefner e alguns convidados continuaram a jogar enquanto comiam, o grupo desceu para o bar submarino para beber, nadar e conversar. Hefner ficou perto de Karen, e as outras pessoas, percebendo que ele queria privacidade, aos poucos deixaram os dois a sós. Era uma da manhã quando chegaram, e três horas depois ainda estavam ali sentados, conversando suavemente sob a luz verde-azulada enevoada que brilhava através da piscina. Ele parecia ávido em saber mais sobre o passado dela, a escola, os amigos, como suportara as dificuldades e as mortes de sua família. Embora suas perguntas fossem infundáveis, não parecia estar apenas investigando como um profissional editor de revista. Mostrava-se sinceramente interessado em conhecê-la bem, ansioso por ouvir dela o que ninguém jamais tivera tempo para ouvir; escutava muito tempo sem interromper, deixando que ela desenvolvesse seus pensamentos sem pressa. Ela também escutou enquanto ele falava de seu passado, seu casamento frustrado, suas esperanças em relação aos filhos e seu atual caso em Los Angeles com Barbi Benton. Karen gostou especialmente de sua franqueza com respeito a Barbi, assunto que um homem menos honesto poderia ter convenientemente omitido na primeira noite com alguém novo.

O fato era que Karen sabia de Barbi Benton: vira-a com Hefner no programa de Johnny Carson, onde o eventual casamento dos dois fora mencionado como uma possibilidade, embora Karen lembrasse que duvidara então de que Hefner destruísse seu

famoso celibato por causa de Barbi Benton ou qualquer outra. Agora, um ano depois, com Hefner em pessoa, vendo como ele gozava a vida na sua mansão cheia de brinquedos, estava ainda mais convencida de que ele era um mau candidato ao casamento — o que não significava uma crítica: ao contrário, ela sentia prazer na ideia de estar perto de um homem mais velho, rico e ocupado, que de alguma forma conservara um vigor juvenil para a diversão e a brincadeira. Enquanto as horas passavam na atmosfera submarina daquele lugar intemporal, Karen sentia apenas seu próprio prazer e a satisfação da companhia dele. Quando Hefner sugeriu que fossem para seu apartamento e vissem um filme, ela se levantou e pegou-o pela mão. Depois, quando foi convidada para passar a noite com ele, aceitou sem hesitar.

O clima maravilhoso daquela primeira noite estendeu-se para o dia e a noite seguintes. Para surpresa e delícia de Karen, eles continuaram amantes compatíveis e companheiros agradáveis por toda a semana, interrompidos apenas pelas reuniões de negócios dele e as horas de treinamento dela no Playboy Club. Antes que estivesse pronta para usar o uniforme de coelhinha, porém, Hefner perguntou-lhe se não se importaria de deixar o emprego para que passassem mais tempo juntos à noite. Garantiu-lhe que não teria de se preocupar com a perda do salário, sugerindo que ela poderia ganhar muito mais como modelo para a *Playboy*. Quando Karen concordou em posar, Hefner deu instruções ao editor de fotografia para que a testassem. Depois de dias de fotos, Karen Christy tornou-se a

garota do pôster da *Playboy* de dezembro de 1971, trabalho pelo qual recebeu 5 mil dólares.

Sua súbita ascensão ao posto de amante de Hefner em Chicago causou algum espanto e inveja entre as coelhinhas do dormitório; mas, quando perceberam que as intenções de Hefner em relação a ela eram sérias, resignaram-se a sua presença privilegiada e, com o tempo, acabaram gostando dela. Embora tivesse acesso agora a uma limusine e contas nas lojas de Chicago, permaneceu essencialmente a mesma garota do interior que era ao chegar do Texas. Costumava andar pela mansão de pés descalços, short e camiseta. Se houvera alguma influência do ambiente, notava-se apenas pelo abandono do sutiã e o desenvolvimento da habilidade nos jogos a que Hefner e seus amigos dedicavam tanto tempo: gamão, Banco Imobiliário e máquinas de fliperama. Passava os dias como fazia desde a infância, vendo novelas na televisão, inclusive *Another World*, seu programa predileto, que começara a assistir aos catorze anos, quando morava na fazenda da avó. E se às vezes perdia o programa porque ficara na cama com Hefner durante a tarde, ela sabia que poderia vê-lo depois, pois o engenheiro da casa recebera instruções para gravar todos os capítulos.

Quando Hefner ia para Los Angeles, o que fazia em semanas alternadas, Karen não manifestava ressentimento por seu interesse por Barbi Benton. Mas, à medida que passavam os meses e ela se envolvia mais emocionalmente com Hefner, sentia uma solidão crescente e se perguntava se Barbi sabia sobre ela. Entretanto os telefonemas que recebia de Hefner todos os dias quando ele estava na Califórnia e os presentes que

ele lhe dava a tranquilizavam. No primeiro mês em que estavam juntos, ele lhe deu um relógio de diamantes com a inscrição “Com amor”, e o presente de Natal de 1971 foi um casaco comprido de vison branco. Em março de 1972, quando ela completou 21 anos, deu-lhe um anel de diamantes de 5 quilates da Tiffany’s. Deu-lhe também um anel de esmeraldas, um casaco de pele de raposa prateada, um quadro de Matisse, um gato persa, uma bela reprodução em metal da capa da *Playboy* em que ela aparecia e, no Natal de 1972, um Lincoln Mark IV branco.

Com o dinheiro que estava ganhando por posar e fazer aparições públicas para a *Playboy*, ela comprou para o tabuleiro de Banco Imobiliário dele peças criadas com exclusividade, como hotéis esculpidos à mão, com o formato do Playboy Plaza Hotel de Miami, e minúsculas estatuetas das seis pessoas que costumavam se reunir em torno do tabuleiro — além de Hefner, cuja figura de 6 centímetros de altura ostentava um roupão de banho colorido e fumava cachimbo, Karen, Bobbie Arnstein, John Dante e dois velhos amigos de Hefner e habitués da mansão: o crítico de cinema do *Chicago Tribune* Gene Siskel e o cartunista e autor de livros infantis Shel Silverstein. Karen também encomendou a um artista de Chicago um retrato tridimensional de Hugh Hefner, um grande quadro a óleo que o representava sentado numa cadeira, com um robe de seda e fumando cachimbo; acima de sua cabeça havia uma nuvem branca na qual se via um pequeno retrato de Karen Christy nua. Ao lhe dar o presente, divertiu-o ressaltando que a parte com a figura dela

era destacável; assim, quando ele se cansasse de olhá-la, poderia substituí-la facilmente pela imagem de outra.

Mas ao longo de 1972 e no começo de 1973, durante suas reuniões em semanas alternadas, Hugh Hefner não se cansou nem da imagem nem da presença dela, e passou a convidá-la para acompanhá-lo em viagens de avião. Levou-a a Orlando para ver a DisneyWorld; um hotel do Caribe, onde foi homenageado numa convenção de distribuidores de revistas; e a Nova York, para um torneio de gamão. Nessa cidade, quando Karen expressou o desejo de fazer algumas compras, Hefner pegou a carteira no bolso e entregou-lhe, saindo em seguida para uma reunião. Na carteira havia 3 mil dólares. Mas, enquanto percorria as lojas da Quinta Avenida, Karen viu-se verificando os preços e resistindo ao impulso de comprar: por mais exoticamente generoso que Hefner conseguisse ser, ela sabia que ele estava bem consciente de como o dinheiro era gasto. Sem querer se aproveitar dele, nem desperdiçar dinheiro em coisas de que realmente não precisava, mais tarde devolveu a carteira com duzentos dólares a menos.

A sensibilidade de Karen Christy para certos conflitos da natureza de Hefner, para seus humores variáveis e desejos não manifestos contribuiu muito para a harmonia da relação deles. Um dia, quando estavam jogando Banco Imobiliário na mansão de Chicago, um mordomo anunciou que o avião de Hefner estava pronto para partir para Los Angeles; Karen, embora de pés descalços, seguiu-o e o acompanhou na limusine até o aeroporto. Quando Hefner subiu ao avião com seus companheiros de negócios e amigos, um deles sugeriu brincando

que Karen pegasse uma carona, o que ela fez, com a aprovação súbita dele. Durante o voo, ela e os outros retomaram o jogo de Banco Imobiliário e deliciaram-se com um almoço festivo, enquanto os pilotos, seguindo instruções de Hefner, pediam pelo rádio uma limusine que levaria Karen a uma sapataria de Beverly Hills e, depois, de volta ao aeroporto de Los Angeles, onde uma passagem para Chicago a estaria esperando.

Depois desse voo, Karen às vezes tomava um avião comercial em Chicago para se encontrar com Hefner no aeroporto de Los Angeles e voltar com ele no jato da Playboy, a fim de ganharem horas extras de prazer juntos. O tempo — e não o dinheiro — era de importância essencial para Hefner, se o amor e o prazer estavam envolvidos. Após completar quarenta anos — quando sua fortuna pessoal superava 100 milhões de dólares —, ele costumava dizer que o dinheiro não era mais um fator em sua vida, mas sim o tempo, e que gastaria qualquer quantia para ganhar tempo a fim de realizar seus desejos românticos. Certa ocasião, quando Karen estava visitando os parentes no Texas, Hefner mandou um Learjet que custara mais de 10 mil dólares apanhá-la em Dallas e levá-la ao aeroporto de Los Angeles, para que voltassem juntos a Chicago no DC-9 da Playboy.

Em outra ocasião, quando retornou a Chicago sem ela, ficou surpreso ao ver as árvores diante da mansão enfeitadas com faixas amarelas, decoração inspirada por uma canção que fazia sucesso na época: “Amarre uma faixa amarela”. Karen dera-lhe o disco de presente semanas antes; a canção falava da volta de um amante para quem o signo da afeição era uma faixa amarela amarrada num carvalho, e Hefner se encantara imediatamente

com ela, pedindo que fosse tocada sem parar no grande aparelho de som da mansão. Tendo em vista que a música estava num disco de 45 rotações, inadequado para repetição automática, Hefner pediu que um dos criados ficasse ao lado do aparelho de som e, assim que o disco terminasse, levantasse a agulha e a recolocasse no início. O criado passou uma noite inteira repetindo a canção.

Em 1973, a revista *Playboy* aproximava-se de seus vinte anos de publicação, com uma circulação de 6 milhões de exemplares mensais, e Hugh Hefner continuava a dividir o tempo equitativa e alegremente entre suas duas mansões e suas duas mulheres. Aos 46 anos, tinha tempo, dinheiro, poder e imaginação suficientes para controlar todos os aspectos de sua vida, exceto seu destino final. O lanterninha de outrora, que num cinema escuro sonhava escapar do mundo entediante da realidade, enfim realizara sua ambição: vivia agora num filme. Abrigando-se em cenários elaborados, controlando a luz e a música, era o protagonista num paraíso em sessão contínua pelas horas despercebidas de semanas e meses em sucessão.

No mundo mais amplo lá de fora, com a inflação e os impostos vitimando as famílias americanas, parecia injusto a muita gente que um homem como Hugh Hefner se desse tão bem, que seus negócios continuassem a se expandir e florescer — como proclamava seu departamento de publicidade — enquanto ele se concentrava em caçar mulheres e jogar Banco Imobiliário. Embora houvesse numerosos homens muito mais ricos do que ele, o público os desconhecia ou não os invejava, pois raramente

apareciam na televisão e jamais chamavam a atenção para o fato de estarem gozando a vida. Eram gente como os irmãos Rockefeller, que pareciam sobrecarregados de responsabilidades, J. Paul Getty, um homem idoso e fraco que mostrava um ar solitário nas fotos públicas, ou Howard Hughes, um recluso paranoico, escondido em quartos de hotel e dependente de enfermeiros mórmons. As fotos dos potentados árabes donos de haréns publicadas em *Paris Match* e em revistas americanas mostravam homens sempre obesos ou carrancudos, queixando-se de males e temerosos de fanáticos armados. Os donos do poder na política americana, quando tinham amantes na folha de pagamentos, mais cedo ou mais tarde eram denunciados pela imprensa e, às vezes, denegridos ainda mais em autobiografias confessionais das próprias damas.

Mas os flertes constantes e bem divulgados de Hefner com suas funcionárias e starlets do pôster eram proclamados pela *Playboy* como um “estilo de vida alternativo”; a cada ano, ele parecia solapar mais desafiadoramente a tradição judaico-cristã que associava o prazer excessivo à punição. Embora se imaginasse que seu corpo em processo de envelhecimento estava sujeito às exigências diárias e exaustivas de mulheres fogosas, sua aparência nunca fora melhor. Ainda que comesse muita comida pouco saudável, jamais engordava, e o consumo de caixas de Pepsi parecia não prejudicar-lhe os dentes. E apesar de enfrentar muitos problemas como chefe de uma grande empresa que tinha várias subsidiárias, com milhares de empregados em todo o país e no exterior, raramente dava a

entender que estava sob pressão, nem se sabia que alguma vez tivesse consultado um psiquiatra.

O sucesso do lançamento de uma revista grosseiramente excitante e “ginecológica” chamada *Hustler*, cujo fundador, Larry Flynt, achava que a *Playboy* ficaria obsoleta em breve, e o fato de que *Penthouse* tivesse agora uma circulação em crescimento de 4 milhões de exemplares mensais não alarmavam Hefner. E, quando seus editores reagiram à competição publicando na *Playboy* imagens de pin-ups que pareciam desavergonhadas demais pelos padrões de Hefner, ele lembrou sua equipe de que não queria que a garota de família parecesse uma rameira.

Mesmo quando havia motivos legítimos para preocupação no funcionamento descuidado de sua empresa, o otimismo natural de Hefner e seu ego enorme impediam que tomasse medidas corretivas rápidas. Via sinais positivos em qualquer relatório desfavorável. Diante da notícia de que a divisão de cinema da *Playboy* perdera milhões na produção de filmes como *O macaco nu* e a versão de Roman Polanski de *Macbeth*, Hefner enfatizava que sua companhia ganhara experiência valiosa com esses empreendimentos, além de mostrar que *Macbeth* fora classificado como melhor filme do ano pelo National Film Review Board. A evidência de que seus principais clubes no país e seus hotéis em Miami Beach, na Jamaica, em Lake Geneva, Wisconsin, e Great Gorge, Nova Jersey, com poucas exceções, não davam lucro não o desanimou: Hefner disse que melhores dias viriam. Enquanto isso, continuava a sustentar com resultados magros uma divisão de livros, uma gravadora e editora de músicas, cinemas em Chicago e Nova York, um

serviço de limusines, uma agência de modelos e uma fábrica de bugigangas e dispositivos com o emblema do coelhinho. Seu Playboy Towers Hotel, em Chicago, era mal administrado e perdia dinheiro. *Oui*, a revista irmã e um pouco mais perversa de *Playboy*, lançada em 1972 para competir diretamente com *Penthouse*, aparentemente teve mais sucesso em atrair leitores da própria *Playboy*, que no ano seguinte a seu surgimento sofreu uma queda na circulação de 7 para 6 milhões mensais. E, embora *Playboy* continuasse a ser a revista masculina mais lucrativa do mundo e outros milhões viessem dos três cassinos da Playboy na Inglaterra, as ações da empresa caíram doze pontos em doze meses na Bolsa de Nova York — circunstância que Hefner não atribuía às condições de sua empresa, mas à recessão nacional, à inflação e à liderança ruim de Washington. Numa entrevista, ao lhe perguntarem se, diante do que parecia estar acontecendo a seus investimentos empresariais, ele poderia retornar ao prédio da Playboy para trabalhar diariamente, Hefner insistiu em que seus dias de escritório tinham acabado. “Tenho uma coisa mais importante a fazer”, respondeu ele. “Chama-se viver.”

Desenvolvendo seu raciocínio de que era mais eficiente na mansão do que seria num escritório, explicou numa entrevista publicada pela *Playboy*:

O homem é o único animal capaz de controlar seu meio ambiente, e o que criei é um mundo particular que me permite levar minha vida sem muito do tempo e do movimento perdidos que consomem grande parte da vida das pessoas. O homem que tem um emprego na cidade e uma casa nos subúrbios

perde duas ou três horas por dia apenas deslocando-se fisicamente entre a moradia e o trabalho. Depois, tem de arranjar tempo e energia para ir almoçar num restaurante lotado, onde provavelmente é tratado de maneira apressada e impessoal. Ele está levando sua vida de acordo com uma noção preconcebida — certamente não a sua própria — do que deve ser a rotina diária. [...] Os detalhes do regime diário da maioria das pessoas são ditados pelo relógio. Elas tomam o café da manhã, almoçam e jantam nas horas geralmente prescritas pelos costumes sociais. Trabalham durante o dia e dormem à noite. Mas na mansão, de uma forma bastante literal, a hora do dia é aquela que você quiser. [...] Uma das grandes fontes de frustração na sociedade contemporânea é as pessoas se sentirem tão impotentes, não só em relação ao que acontece no mundo em volta delas, mas para influenciar o que acontece em sua própria vida. Bem, eu não sinto essa frustração, porque assumi o controle de minha vida.

Mas no verão e no outono de 1973 ele de repente perdeu o controle sobre uma parte de sua vida — e, porque ela envolvia suas duas mulheres favoritas, Hefner exibiu para os empregados de sua casa uma falta de compostura inédita e até sinais de pânico. O que provocou isso foi uma matéria na revista *Time* de julho intitulada “Aventuras no comércio do corpo”. Além de sublinhar a rivalidade crescente entre *Playboy* e *Penthouse*, bem como especular sobre como a decisão Miller da Suprema Corte poderia inibir as revistas masculinas, *Time* publicou duas fotografias de Hefner, uma em Los Angeles, abraçado a Barbi Benton, outra na sua mansão de Chicago, com o braço em torno

de Karen Christy. Dizia o texto: “Consumidor de dois-de-cada há muito tempo, Hefner estendeu ultimamente esse princípio para sua vida amorosa. A *ex-playmate* Barbi Benton, sua companheira de longa data, mora na mansão da Califórnia; a loira Karen Christy, ex-coelhinha do Playboy Club, refestela-se em seus aposentos de Chicago. De alguma forma, o arranjo continua a funcionar”.

A revista deu a Barbi Benton o primeiro indício de que Hefner estava mais do que casualmente envolvido com outra mulher. E ele deixar-se fotografar com Karen Christy para uma revista de notícias era indesculpável para ela. Sem telefonar ou avisar, Barbi arrumou as malas e abandonou a mansão. Quando Hefner soube de sua partida, chamou imediatamente seus pilotos para que o levassem à Califórnia — deixando Karen muito perturbada, pois nos últimos meses ele a fizera crer que estava mais apaixonado por ela do que por Barbi, o que dizia e demonstrava, passando mais tempo em Chicago do que em Los Angeles.

Reafirmando a Karen, enquanto lhe dava beijos de despedida, que ela era essencial em sua vida, mas insistindo que se sentia obrigado a acalmar Barbi — e pessoalmente —, Hefner partiu para Los Angeles. Karen pareceu entender sua partida; Barbi entrara na vida dele antes dela, e Hefner a convencera de que a outra merecia uma explicação direta. O que ele não admitiu para Karen foi que desejava ter Barbi de volta, que precisava delas duas, que se sentia atraído por ambas por motivos diferentes. Admirava Barbi Benton pela vitalidade e o espírito alegre, e o fato de não conseguir controlar por inteiro aquela californiana financeiramente independente, que buscava firmar sua

identidade como cantora de *country-and-western*, tornava-a mais desafiadora e sempre desejável. Tal como sua mãe, sua ex-esposa e sua filha, que estava na universidade, Barbi Benton era uma mulher de aparência saudável e caráter incomum, mas em outras áreas que eram importantes para Hefner — em particular, entre as paredes de seu quarto — ela não era páreo para Karen Christy. Apesar de tímida em grupo, Karen era desinibida a dois, e em sua vasta e variada experiência ele jamais conhecera alguém que a superasse em perícia e ardor na cama. A visão de Karen tirando a roupa excitava-o e depois que cobria o corpo dela com óleo — de que ela parecia gostar tanto quanto ele — o ato do amor macio, suave, cintilante, sobre lençóis de cetim, levava-o a picos de prazer apaixonado. Ao contrário de Barbi, que frequentemente estava cansada à noite, depois de ensaiar em estúdios, e não gostava do óleo grudado em seus cabelos quando teria prova de voz na manhã seguinte, Karen não tinha pretensões de carreira e dispunha de muitas horas livres durante o dia para lavar e secar os cabelos. Hefner também gostava do fato de Karen compartilhar seu entusiasmo pelo gamão e outros jogos e estar sempre disposta e disponível para viajar com ele, ou pegar aviões e ir ao seu encontro sempre que era chamada. Quando estava a fim de ficar apenas com uma pessoa, essa pessoa usualmente era Karen Christy; mas quando era anfitrião de uma grande festa — em especial, nos eventos para levantar fundos para causas sociais que patrocinava com frequência —, preferia ter a seu lado Barbi Benton, pois tinha mais aplomb social do que Karen, conversava melhor, era capaz de fazer um discurso. Embora suas aparições na televisão como cantora e

comediante a fizessem parecer até então trivial e superficial, era inteligente e astuta. Para Hefner, Barbi era a única mulher que ele conhecera em anos recentes capaz de tornar-se uma esposa aceitável.

Ele não tinha intenção de propor casamento a Barbi como um possível estímulo para tê-la de volta, mas também não conseguia imaginar-se feliz na mansão da Costa Oeste se ela não estivesse lá. Assim que desceu em Los Angeles e localizou-a por telefone num hotel do Havaí — aliviado por saber que ela estava com uma amiga —, implorou perdão e exortou-a a não deixar que um único artigo na *Time* destruísse seus anos de amor e compreensão. Embora ao telefone parecesse fria e insistisse em ficar mais uma semana no Havaí, Barbi concordou em conversar pessoalmente com ele quando retornasse a Los Angeles. Quando se encontraram, porém, ela continuava contrariada e distante. Admitia que o amava ainda e esperava que a relação pudesse ser retomada, mas anunciou ter arranjado um apartamento em Beverly Hills, um lugar aonde pudesse ir quando quisesse para se afastar dos convidados, das coelhinhas e dos jogos de gamão da mansão.

Depois que foi para a cama com Hefner, Barbi prometeu não sair com outros homens, e ele prometeu ser fiel à sua maneira. A partir de então, mandava flores todos os dias para o apartamento dela, proclamando seu amor. Ao mesmo tempo, conversava diariamente ao telefone com Karen, que parecia ansiosa por sua volta. Mas, ao retornar à mansão de Chicago, Hefner percebeu que ela também estava um pouco diferente, mais reservada,

menos à vontade com ele, embora lhe dissesse que nada mudara entre os dois.

A rotina da mansão retornou lentamente ao normal: as máquinas de fliperama e os jogos de salão funcionavam a noite inteira, as coelhinhas circulavam entre o dormitório e o clube, os editores da *Playboy* vinham periodicamente para as reuniões na suíte de Hefner, mas um sentimento de rebeldia permeava a casa. Equipes extras de seguranças, contratados para vigiar a propriedade desde o sequestro de Patricia Hearst, davam um ar de emergência com sua simples presença atrás dos portões. Além disso, havia sinais de ansiedade no comportamento de Bobbie Arnstein, sempre uma influência benigna no clima da casa, mas agora envolvida num caso de amor com um jovem, belo e errático traficante que visitava em silêncio e de surpresa seu apartamento do andar de baixo, nos fundos da mansão.

John Dante, o amigo em quem Hefner mais confiava, anunciou um dia que tinha de ir embora. Durante anos, morara na mansão, funcionando como emissário de Hefner junto aos clubes, mas o cargo exigia muito pouco agora e era entediante; recentemente, Dante referira-se a si mesmo como um “jogador envelhecido”. Embora continuasse devotado a Hugh Hefner — e seria eternamente grato pelo empréstimo de quase 40 mil dólares que ele lhe fizera em 1968 para pagar dívidas de jogo —, Dante parecia desesperado por umas férias do paraíso de Hefner. Com a bênção relutante do patrão, subiu num jipe com a Coelhinha do Ano de 1973 e foi para Taos, Novo México.

Então, certa noite, depois de sair de uma reunião de negócios, Hefner descobriu que Karen Christy não estava na mansão. Fora vista no início da tarde por alguns dos convidados e guardas, mas uma rápida inspeção de todos os aposentos da casa, inclusive das passagens secretas e esconderijos, não revelou pista alguma dela. À meia-noite, visivelmente abalado e exasperado, quando sugeriram que ela talvez estivesse visitando uma coelhinha amiga chamada Nanci Heitner, com quem andava quando Hefner estava fora da cidade, ele enfiou um casaco sobre o pijama, entrou em sua Mercedes e, acompanhado por guardas, foi para a região de Lincoln Park, sob uma neve fina.

Quando o motorista parou diante do velho prédio de tijolos de quatro andares onde Nanci Heitner morava, Hefner e os guardas correram para uma entrada sem iluminação e tentaram, à luz de fósforos, localizar o número do apartamento de Nanci na caixa de correio. Havia uma fileira de seis campainhas na caixa, mas as etiquetas com os nomes eram ilegíveis ou não existiam. Impaciente, Hefner tocou todas as seis campainhas, repetidamente. Quando a porta enfim se abriu, ele ficou ao pé da escada e gritou: “Alô, sou Hugh Hefner. Karen Christy está aí?”.

Os dois guardas, com walkie-talkies, e Hefner, com uma Pepsi aberta, esperaram um pouco por uma resposta. Como ninguém respondeu, Hefner subiu e bateu a cada porta, repetindo: “Sou Hugh Hefner e estou procurando por Karen Christy”. No segundo andar, ouviu barulho do outro lado da porta e viu um movimento através do olho-mágico.

“O que você quer?”, gritou uma mulher do outro lado.

“Sou Hugh Hefner e...”

“Você é realmente Hugh Hefner?”, perguntou ela, sem abrir. Então Hefner ouviu a voz de um homem no fundo perguntando à mulher do que se tratava, e ela respondeu: “Tem um maluco aí fora dizendo que é Hugh Hefner”.

Ninguém abriu a porta no segundo e no terceiro andar; Hefner subiu mais um lance de escadas e, ao bater no apartamento 4-A, ouviu um cachorro latir e uma voz anunciar: “Karen não está aqui”. A porta abriu-se e Nanci Heitner, uma garota aloirada, vestida com um robe preto e segurando seu cão de guarda tibetano, deixou Hefner e os guardas entrarem. “Ela não está aqui. Pode procurar.” Enquanto Hefner se desculpava pelo adiantado da hora, os guardas faziam uma revista do apartamento, olhando dentro dos armários e embaixo da cama. Hefner estava desfigurado e desolado; seus cabelos estavam desgrenhados, a garrafa de Pepsi vazia. Depois que os guardas completaram a busca, Nanci Heitner acompanhou-o até a porta, com pena dele.

O carro de Hefner acabara de sair quando o telefone tocou. Era a voz soluçante de Karen Christy dizendo que estava numa cabine telefônica e queria subir, acrescentando que *tinha* de fugir do infiel Hugh Hefner. De casaco grosso e botas, os cabelos molhados da neve e a maquiagem manchada pelas lágrimas, ela explicou que naquele dia, ao acordar da sesta, ouvira Hefner conversando ao telefone na sala ao lado com Barbi, reafirmando seu amor e até combinando um fim de semana com ela em Aspen. Na noite anterior, ele declarara que estava tudo acabado com a outra, dizendo que em sua última visita à Califórnia se dera conta de que Barbi não mais o atraía. Obviamente, concluiu

Karen, Hefner estava mentindo para ela, e Nanci Heitner, concordando, sugeriu-lhe que pegasse suas coisas na mansão e fosse embora para sempre.

Nanci Heitner estava se cansando de ouvir Karen queixar-se de Hefner, de sua natureza egoísta e de como era doloroso estar envolvida com ele. Frustrada em seu desejo de possuí-lo com exclusividade e sentindo-se sozinha na mansão quando ele viajava, adquirira o hábito de telefonar para Nanci a qualquer hora da noite, perturbando seu sono após o dia cansativo de trabalho, ou interrompendo-a quando estava com um homem na cama. Nanci sempre ouvia com paciência, mas seus amantes ficavam descontentes, constrangidos, ou continuavam a fazer amor enquanto ela segurava o telefone — o que preferia fazer a dizer que estava ocupada demais para escutar, pois andava preocupada com a estabilidade mental e a saúde da amiga, que perdera ultimamente quase 7 quilos e não parava de tomar pílulas para dormir. Nanci gostava muito de Karen e identificava-se com ela. Também vinha de uma família com muitas dificuldades e mortes e, tal como Karen, fora trabalhar para a *Playboy* na esperança de que isso possibilitasse contato com gente influente e oportunidades sociais que não tivera no passado. Embora nada de especial tivesse lhe acontecido ainda, Nanci deleitava-se com a vida de Cinderela da amiga, além de se beneficiar um pouco dela também. No clube, onde os gerentes sabiam que era íntima da mulher que era a mais íntima de Hefner em Chicago, Nanci recebia o tratamento diferenciado de uma pessoa que, por meio de Karen, podia fazer chegarem recados a

Hefner muito mais depressa do que por canais oficiais. Na verdade, recentemente Nanci falava amiúde com o próprio Hefner, que começara a telefonar-lhe de Los Angeles: quando Karen, angustiada, desligava o telefone na sua cara, ele pedia que Nanci desse recados à amiga e telefonasse de volta para contar a reação dela. Como ele nunca lhe dissera que ligasse a cobrar, a discórdia entre Hugh Hefner e Karen Christy estava aumentando demais a conta telefônica de Nanci Heitner.

Ainda assim, Nanci não se queixava, porque se sentia lisonjeada em seu papel de intermediária de confiança. Sabia também que Karen estava confusa demais para agir racionalmente sozinha. Se estivesse apaixonada por um homem casado e com filhos, compreenderia melhor as regras do jogo; o dilema estava em ficar presa no redemoinho de um romance com um magnata adolescente que queria monopolizar o amor de duas mulheres — e, cada vez que optava por ficar com uma delas, era duplamente destrutivo do ego da outra, porque se tratava claramente de uma escolha sua, e não de mera obrigação para com esposa e família.

Nanci sabia que Karen ficava particularmente deprimida nos feriados: embora em geral Hefner passasse o Natal com ela em Chicago, ficava com Barbi na grande festa de Ano-Novo da mansão californiana da Playboy. E Nanci tinha certeza de que, se Hefner não estivesse com Barbi Benton, estaria com outra mulher jovem; ele iria querer sempre o que não tinha, gostava da caça e seria sempre atraído simultaneamente por dois tipos de mulher: a “boa” garota, saudável e ativa, personificada por Barbi, e a garota “má”, sexy e de seios grandes que Karen

representava. Nanci percebia que a situação com Hefner era impossível para Karen: ele jamais se casaria com ela — o que se tornara ultimamente sua esperança — nem lhe podia oferecer sequer a aparência de compromisso que a insegurança dela exigia. A visita de Hefner e seus guardas a seu apartamento esgotara a paciência de Nanci para com a novela de Karen. Sentia compaixão, mas enfatizou à amiga que não havia futuro para uma mulher na cama de Hefner. Embora com lágrimas nos olhos, Karen concordou e prometeu que acabaria o caso de uma vez.

As duas garotas conversaram durante horas, saindo do apartamento às duas da manhã para um último drinque no ambiente mais alegre do bar Four Torches, nas proximidades. Na volta, duas horas depois, viram o carro de Hefner passando pela rua. Ele as viu, saltou do carro e correu para Karen de braços abertos. Parada ao lado de Nanci, Karen soltou um palavrão entre dentes; mas quando ele se aproximou com lágrimas nos olhos e os braços estendidos ela avançou para abraçá-lo e começou a chorar. Enquanto os dois se apertavam e trocavam palavras ternas, Nanci deu as costas. Ao mesmo tempo que Hefner conduzia Karen para a porta aberta da limusine, Nanci subia as escadas que levavam a seu apartamento.

No dia seguinte, Hefner garantiu a Karen que o telefonema que ela ouvira sobre o fim de semana em Aspen não fora para Barbi Benton, mas para sua filha Christie. Isso aliviou o sofrimento dela, embora fosse verdade que gostava da filha de Hefner quase tão pouco quanto de Barbi Benton. Karen encontrara

Christie Hefner várias vezes, quando ela vinha da universidade com amigos para visitar o pai, e recentemente ficara incomodada ao ouvir a observação depreciativa de um desses amigos sobre o “concubinato” de Hefner. Karen também ouvira dizer que Christie e Barbi se davam bem em Los Angeles e faziam compras juntas em Beverly Hills. Isso deixou Karen, naquele momento delicado, ainda mais insegura. Mas Hefner não dera nenhuma indicação — pelo menos para ela — de que poderia ser influenciado pela opinião da filha sobre suas mulheres. E Karen ficou animada quando ele sugeriu que tirassem umas férias curtas em Acapulco. Depois de um longo e frio inverno em Chicago, ela ansiava por passar uns dias deitada ao sol.

Alguns amigos de Hefner, de quem Karen gostava, acompanharam-nos na viagem a Acapulco. Para ela, foi um alívio de toda a confusão dos últimos meses. Hefner estava dando-lhe seu presente mais valioso — seu tempo — e, durante os dias e as noites radiantes que se seguiram, ela se regalou com sua presença e desejou que aquilo continuasse indefinidamente. Mas o clima quente e as noites tranquilas exerciam atração limitada sobre Hefner; depois de uma semana, citando problemas nos negócios que exigiam sua atenção imediata, o irrequieto *publisher* preparou sua partida prematura, convencendo Karen a ficar com os amigos até o fim da semana.

No caminho para o aeroporto, sentada perto dele no banco traseiro do carro, Karen perguntou-se em voz alta quando eles ficariam juntos outra vez. Hefner deu uma resposta vaga, e ela o pressionou para ser específico, querendo saber quanto tempo ele esperava gastar nos negócios e quando iria vê-lo de novo. Mas

ele permaneceu teimosamente evasivo e distante — era como se já estivesse no ar, a quilômetros de distância, fora do alcance. Enquanto caminhavam de braços dados pelo terminal lotado e na direção da pista onde o avião da Playboy o esperava, Karen sentiu a ansiedade aumentando e, antes de lhe dar um beijo de despedida, tentou uma vez mais obter uma resposta direta a sua pergunta urgente. Então, num repente, furioso, Hefner jogou sua maleta de executivo para o alto, na direção do avião. A maleta bateu no chão e deslizou vários metros; Hefner perseguiu-a como um cão de caça atrás de um coelho e, quando a alcançou, pisoteou-a várias vezes, com os dois pés. Enquanto seus pilotos observavam espantados e grupos de turistas bronzeados também paravam para olhar, a petrificada Karen Christy correu para ele. Antes de alcançá-lo, ele já havia se acalmado miraculosamente — o acesso de raiva se exaurira em poucos segundos. Hefner não parecia embaraçado nem mesmo totalmente consciente do que fizera, quando saiu de cima da maleta, agora um tanto amassada. Pegou-a, deu um beijo de despedida em Karen e subiu a escada de metal do avião.

Na mesma noite, telefonou para ela no hotel, pediu desculpas por assustá-la, disse-lhe que estava tudo bem e prometeu que lhe avisaria assim que resolvesse os problemas. Dias depois, numa conversa por telefone, quando Karen expressou o desejo de visitar seus parentes no Texas, encorajou-a a fazer a viagem e até se ofereceu para ir com o avião da Playboy de Los Angeles até Dallas, quando ela terminasse a visita, para voltarem juntos a Chicago. Foi um gesto nobre da parte dele, pois a viagem de Los

Angeles a Chicago via Dallas não era exatamente a rota que ele preferia fazer, mais direta. Disse também que teria prazer em conhecer o tio, a tia e os outros parentes que estariam com ela no aeroporto de Dallas.

Fiel à palavra, Hefner fez o DC-9 negro, com o emblema do coelho branco pintado na cauda, aterrissar no novo aeroporto de Dallas/Fort Worth. O estranho avião parou diante do terraço de observação do terminal branco, e várias centenas de pessoas — viajantes, funcionários de empresas aéreas, carregadores, serventes de banheiros, homens corados com chapéus de vaqueiro, mulheres segurando crianças, jovens cabeludos carregando guitarras — viraram-se todos de repente para olhá-lo através da janela gigantesca que dava para o campo de aterrissagem.

O avião era o único jato grande pintado de preto, motivo exato da escolha da cor por Hefner. A escada foi baixada, abriu-se a porta da cabina, e ele ficou momentaneamente parado sozinho no degrau do alto, os cabelos e a camisa de seda tremulando na brisa, os olhos negros e intensos fixos na massa de faces silenciosas que o observavam da enorme vidraça. Havia quase trinta anos que não ia ao Texas. Em sua primeira visita, no verão de 1944, chegara num trem militar que ia para Camp Hood: era um magricela de dezoito anos, recém-formado no colégio, onde fora colocado pela turma em terceiro lugar na votação do colega com mais probabilidade de vencer na vida. Agora, aos 47 anos, retornava para afirmar seus direitos sobre uma das loiras mais curvilíneas do Texas, cumprimentar seus parentes e, sem nenhuma intenção de casar-se, levá-la para Chicago — um ato

que em outros tempos teria certamente despertado o rancor de sua gente e provocado o zunido de tiros de revólver.

Caminhando na direção do terminal, com seus guardas a poucos passos de distância, Hefner avistou Karen acenando do topo da escada de entrada, sorridente. Estava de chapéu de palha, tamancos, saia exígua e uma camiseta que deixava pouco para a imaginação. Ela forçou o caminho pela multidão para recebê-lo e apresentá-lo aos parentes com quem ficara num chalé de Eagle Mountain Lake. Lá estavam sua tia e seu tio, os três primos, suas três irmãs de criação, adolescentes desengonçadas de jeans, sua irmã mais velha Bonnie, que carregava um bebê choroso de um ano, e o marido dela, um sargento da Força Aérea de folga de sua base em Tóquio.

Tirando o cachimbo da boca, Hefner apertou a mão de todos, sorriu e conversou com eles. Quando apareceu um fotógrafo, concordou em posar com o grupo. Enquanto isso, seus amigos do avião — homens com camisas de colarinho aberto e medalhões de ouro, coelhinhas de uniformes pretos, cintilantes e colantes, e uma modelo de página central com chapéu de plumas, carregando um poodle — tinham descido para a pista, parecendo insatisfeitos, e olhavam para o grupo. Hefner concluiu o papo com os parentes de Karen, pegou-a pelo braço e voltou para o avião.

A multidão, sem se mexer, continuou a espreitar enquanto os motores eram ligados e ainda estava observando quando o jato negro se tornou um objeto distante no céu.

Longe de Chicago, Karen ficara mais segura de si e do que desejava. Ao retornar, demorou a se adaptar à rotina da mansão. A ausência de John Dante privava-a do único amigo homem em quem podia confiar quando Hefner estava fora; quando ele estava em casa, suas inúmeras reuniões de negócios e os problemas pessoais da secretária Bobbie Arnstein preocupavam-no tanto que um ar incomum de presságio e até de melancolia pairava sobre a mansão. Dias antes do retorno de Karen, Bobbie Arnstein fora presa fora da mansão sob a acusação de ter conspirado antes com o namorado, entre outros homens, para transportar 200 gramas de cocaína da Flórida para Chicago. No dia da prisão, tinha na bolsa uma variedade de comprimidos e também uma pequena quantidade de cocaína. Libertada sob uma fiança de 4500 dólares, teve o nome e a fotografia estampados nas primeiras páginas de todo o país — e, por extensão, Hefner, o pessoal da mansão e sua entourage ficaram sob suspeita de usar e talvez até de traficar drogas. Embora Hefner tenha apoiado firmemente Bobbie Arnstein durante o processo e pago a conta de seus advogados, a publicidade abundante deixou-o claramente perturbado, em especial porque acreditava que o consumo de drogas em sua mansão provavelmente era menor do que na média das residências estudantis das universidades americanas.

A investigação sobre drogas não foi o único problema de Hefner nessa época: havia uma acusação de discriminação racial contra a *Playboy*, levantada por um empregado negro que fora preterido numa promoção do departamento de pessoal; havia uma investigação da Receita (I□□) iniciada ainda na

administração de Nixon, depois que Hefner fora posto numa “lista de inimigos”; e havia também relatórios constantes sobre a queda das ações da Playboy e sobre as perdas evidentes em seus hotéis e outros empreendimentos subsidiários. De repente, após anos de lucros espantosos, felicidade ilimitada e aparente controle sobre seu ambiente, Hefner parecia estar com os alicerces abalados. Karen Christy teria continuado de boa vontade a seu lado se sentisse que realmente tinha um lugar em seu mundo, mas estava convencida de que era tolice ficar. Ela era apenas uma parte da extravagância dele, um acessório de sua imagem. Embora soubesse que era bobagem, sentia-se velha aos 23 anos, uma megera que escutava seus telefonemas às escondidas, uma parceira de cama que ele substituía facilmente quando estavam separados. Uma das coelhinhas do jato lhe dissera que no dia anterior à descida em Dallas Hefner passara a noite em sua cama de Los Angeles (enquanto Barbi Benton estava fora da cidade, num compromisso artístico) com a modelo do pôster que estava no avião com um poodle. Karen não era ingênua a ponto de esperar que a fidelidade sexual de Hefner durasse mais do que uma semana e não estava mais disposta a preencher as expectativas dele de que não se envolveria com outros homens. Conhecera em Dallas um jovem com quem até saíra em segredo. Tinha certeza de que havia no mundo outros homens que gostaria de conhecer. E assim, com grande apoio de Nanci Heitner, Karen decidiu por fim fazer as malas e, sem dizer nada a Hefner, ir embora definitivamente da mansão.

Fazer suas coisas passarem pelos guardas era um problema, então ela arquitetou um plano para remetê-las a Dallas sem chamar a atenção de alguém que pudesse alertar Hefner. Explicando aos criados e serviçais que estava mandando as roupas que não queria mais para seus parentes pobres do Texas, embalou aos poucos, em caixas de papelão, suas peles, joias e o vasto guarda-roupa de vestidos e négligés que Hefner lhe dera. Depois de mandar mais de trinta caixas para a tia, num período de duas semanas, Karen conseguiu pôr seu Lincoln branco nas mãos de uma ex-coelhinha em quem sabia que podia confiar. E, num dia em que Hefner estava em Los Angeles, usou uma limusine com chofer para ir fazer compras numa de suas boutiques favoritas, na rua Rush.

Enquanto o motorista e um segurança esperavam no carro, Karen entrou na loja e, com a ajuda de uma vendedora conhecida, saiu pela porta dos fundos, pegou um táxi e foi até o lugar onde seu carro e duas amigas a esperavam. Uma delas era Nanci Heitner, que a ajudaria na longa viagem até Dallas — jornada que fariam em dezesseis horas, tomando Dexedrine para ficarem acordadas. Quando estavam longe de Chicago, Karen usou um telefone de beira de estrada para dizer adeus a Bobbie Arnstein e explicar que simplesmente não podia mais ficar na mansão.

Quando Bobbie passou a mensagem para Hefner em Los Angeles, ele ficou agitado e impaciente; na semana seguinte, telefonou várias vezes para Karen, tentando convencê-la a voltar. Ela respondeu que gostaria de manter a amizade dele e concordava em visitá-lo de vez em quando em Los Angeles, mas

jamais voltaria a Chicago. Acabara de conseguir um pequeno apartamento em Dallas, fora contratada por uma agência local de modelos e estava saindo com um jovem que conhecera antes, executivo de uma firma de computação. Embora continuasse a dirigir o Lincoln branco, não precisava mais das peles e joias caras. Em breve estaria usando no pescoço uma corrente de ouro dada pelo novo namorado, de onde pendia uma etiqueta de 14 quilates com a inscrição: “Vendida”.

Em novembro de 1974, num tribunal federal, Bobbie Arnstein foi considerada culpada de conspiração e sentenciada a quinze anos de prisão — cinco anos a mais do que a sentença mais dura aplicada a seus parceiros masculinos no golpe, que tinham feito as negociações e realizado a transação. Os policiais federais sabiam, com base na vigilância pessoal e na espionagem telefônica do namorado dela, Ron Scharf, que Bobbie conhecia e aprovava as atividades dele, além de ser usuária de drogas e de tê-lo acompanhado a Miami, onde se realizara o negócio. Seu advogado alegou que ela fora “mais pela viagem”, por estar enamorada de Scharf, que era sete anos mais moço, e para provar sua compatibilidade com a cultura avançada e arrojada que ele personificava para ela.

O fato de que sua longa sentença fosse “provisória” e pudesse ser bastante reduzida ou até suspensa, se ela se tornasse informante do governo contra outros usuários e distribuidores de drogas de suas relações — método que os agentes federais tinham usado para induzir um condenado por drogas a implicar Bobbie, Ron e outro rapaz —, convenceu seus advogados de

que os homens da lei estavam menos interessados em puni-la do que em usá-la para agarrar o homem de quem suspeitavam que ela estivesse obtendo as drogas: seu patrão, Hugh Hefner.

Durante anos, as autoridades federais e grupos religiosos de Chicago sentiram-se ofendidos pelo hedonismo de Hefner e sua riqueza em expansão, mas até então não tinham conseguido prendê-lo como criminoso. Em 1963, depois que as fotos de Jayne Mansfield publicadas na *Playboy* foram declaradas obscenas, uma equipe da delegacia de costumes invadira a mansão com ordem judicial, acusara Hefner de publicar pornografia e literalmente o arrancara da cama para ser autuado na delegacia. Mas ele fora solto sob fiança e, no julgamento subsequente, ganhara a liberdade graças ao impasse do júri para chegar a um veredicto.

Porém o caso de droga contra Bobbie Arnstein, sua funcionária mais próxima, parecia uma oportunidade mais promissora de finalmente deter Hefner e sua influência, que agora, onze anos depois da prisão por obscenidade, espalhara-se de tal forma que sua revista era exibida abertamente em bancas de jornal de todo o país, mesmo em comunidades muito conservadoras. Com parte de sua fortuna, Hugh Hefner criara uma fundação que defendia a descriminação da maconha e se opunha a todas as formas de repressão autoritária. Suas festas eram frequentadas por estrelas do rock, músicos de jazz e jovens radicais políticos, o que tornava razoável a suspeita dos investigadores federais e estaduais de que, mesmo não sendo um consumidor de drogas, o generoso anfitrião Hefner abasteceria seus convidados. Na linha de frente da investigação contra ele estava o promotor

federal da Comarca do Norte de Illinois, James R. Thompson, que anos antes processara Lenny Bruce em Chicago e que, após a ampla cobertura da imprensa do inquérito Arnstein-Hefner, seria eleito governador do estado.

Um mês depois de sentenciada, Bobbie Arnstein e seu advogado foram convocados ao gabinete de James Thompson, que lhes disse saber de fontes confiáveis que havia um “contrato” para matá-la e que enquanto estivesse livre sob fiança ela não deveria confiar “nem em amigos, nem em inimigos”. O advogado de Arnstein interpretou isso como uma tentativa de intimidar ainda mais uma ré já intimidada para fazê-la suspeitar de seu patrão e talvez aterrorizar-se a ponto de testemunhar contra ele. Se era essa a intenção do governo, então fracassou. Mas, embora não tivesse dúvidas sobre a lealdade e a afeição de Hefner, Bobbie começou a se sentir um pouco constrangida na mansão e até desconfiada quando os criados lhe traziam no quarto seu lanche e seu drinque usuais da meia-noite.

Para aumentar seu isolamento e desconforto naquele lugar que desde tanto tempo era seu lar, havia a culpa que sentia todos os dias ao ler nos jornais a respeito das investigações do governo sobre a vida privada dos amigos e sócios de Hefner, dos empregados de sua casa, das coelhinhas e de muitas das celebridades que ele recebia em Chicago e Los Angeles. Os investigadores também tiraram dos arquivos o caso de uma coelhinha chamada Adrienne Pollack, que morrera em 1973, sob suspeita de superdose de Quaaludes. Hefner alegara nunca ter encontrado a moça, e na época de sua morte ela estava morando com um namorado que era usuário confesso de

narcóticos, mas as manchetes ligaram Hefner ao fato, e um júri de instrução separado foi estabelecido para investigar novamente o caso Pollack.

Entre as dezenas de pessoas que foram interrogadas sobre Hefner estava o ex-editor da *Playboy* Frank Brady, que escrevera recentemente uma biografia não autorizada do *publisher*. Mas, em vez de concentrarem o interrogatório no grau do possível envolvimento dele com o fornecimento ou o uso de drogas, perguntaram a Brady principalmente sobre a vida sexual de Hefner e o tipo de atividade que transpirava de seu quarto. A mesma linha foi seguida pela polícia com outras pessoas interrogadas; os investigadores pareciam ansiosos por apresentar o caso de conspiração de Arnstein numa atmosfera de sexo e drogas, degeneração e morte. Embora não pudesse se proteger das reprovações a seu caráter, Hefner estava decidido a impedir qualquer tentativa de infiltração dos investigadores em sua propriedade para “plantar” em lugares obscuros amostras de drogas que depois “descobririam”, forjando provas contra ele. Após mandar sua força de segurança examinar cada canto, fresta e armário de remédios de suas duas mansões, pediu uma vigilância mais rigorosa nos portões e uma verificação detalhada de todos os rapazes de entrega, equipes de manutenção e outros estranhos que passassem pela entrada de serviço. Seus engenheiros examinavam periodicamente os telefones e faziam varreduras eletrônicas de todos os aposentos, em busca de dispositivos de escuta clandestina.

Nessa época de muita suspeita, Bobbie Arnstein ficou cada vez mais soturna e, em duas ocasiões, enquanto sua apelação

estava pendente, tomou uma dose excessiva de comprimidos para dormir e precisou de tratamento médico. Hefner convidou-a para trabalhar no ambiente mais ensolarado do escritório da Califórnia, onde ele passava a maior parte do tempo desde a partida de Karen Christy, mas os advogados insistiram que ela não fosse morar na mansão de Los Angeles, advertindo-a de que ainda poderia estar dependente de drogas. Shirley Hillman, ex-funcionária da *Playboy* e amiga de Bobbie, ofereceu-se para mudar-se com a família para Los Angeles e partilhar uma casa com ela; a mudança pareceu tentadora, mas Bobbie resistiu porque sabia que na Califórnia precisaria de um automóvel para se locomover. Tinha medo de dirigir desde um acidente que sofrera em 1963, numa estrada de Kentucky, ao volante do Volkswagen de seu noivo, um editor associado chamado Tom Lownes — irmão do executivo da *Playboy* Victor Lownes. Batendo numa saliência, o carro havia derrapado para o acostamento de terra e, batendo numa árvore, capotara. Jogada para fora do veículo, Bobbie quebrara um braço e sofrera outros ferimentos, mas Lownes, preso nas ferragens, tivera morte instantânea. Durante muitos meses ela teve ataques de depressão e não podia ficar sozinha dia e noite, culpando-se pela morte do noivo.

Ainda assim, no inverno de 1974, quando Hefner sugeriu que se juntasse a ele na Califórnia, prometeu que iria logo depois dos feriados de fim de ano. Na segunda semana de janeiro, jantou no apartamento de Shirley e Richard Hillman e parecia otimista quanto a seu futuro e também esperançosa em relação ao

resultado de seu caso. Disse que era improvável que a mandassem para a prisão.

À uma e meia da manhã, um amigo levou-a de volta à mansão, onde, depois de verificar suas mensagens — não havia nenhuma —, ela pegou uma garrafa de bebida com o encarregado da noite e levou-a para o quarto. Tomou alguns drinques, arrumou uma frasqueira e saiu da mansão para uma caminhada. Algumas quadras ao sul, na rua North Rush, entrou pela porta giratória do velho hotel Maryland, em cujo clube noturno do porão, nos anos 50, Lenny Bruce divertia um público do qual Hugh Hefner costumava fazer parte. Registrou-se como “Roberta Hillman”, tomou o elevador até o décimo sétimo andar, pendurou um “Não perturbe” no trinco externo e trancou a porta dando duas voltas na chave. Através da janela do quarto, podia ver no topo de um arranha-céu de 37 andares o letreiro que brilhava na noite: □LA□B□□. Pouco antes das três da manhã, deu três telefonemas: um para o homem que a levara em casa (ninguém respondeu), um para a mansão, a fim de saber se havia alguma mensagem (não havia nada), e um para o apartamento de Hillman. Richard atendeu e disse que ia acordar Shirley; Bobbie lhe disse que não precisava, acrescentando: “Diga apenas que telefonei”. Na sua frasqueira havia barbitúricos, pílulas para dormir e tranquilizantes. Depois de consumir uma quantidade mortal de cada um, escreveu sua última declaração nos papéis de carta do hotel e colocou-a num envelope, onde anotou: “Carta chata de explicação dentro”.

Na tarde seguinte, como a camareira não conseguiu entrar no quarto, o gerente mandou arrombar a porta. Bobbie Arnstein foi

encontrada morta, ainda vestida, deitada na beira da cama. Sua carta começava assim: “Fui eu que agi e concebi este ato sozinha. Por causa de acontecimentos recentes, é minha obrigação especificar que não se trata de forma alguma do resultado de *qualquer* determinação de parte de meus empregadores — que foram extremamente generosos e pacientes durante minhas recentes dificuldades [...]”.

“Apesar do testemunho (falso) da principal testemunha do governo”, continuava seu bilhete, “jamais fiz parte de nenhuma conspiração para transportar ou distribuir as supostas drogas ligadas ao caso. [...] Suponho que não importa que eu diga isso, mas Hugh M. Hefner é — embora poucos jamais venham a realmente se dar conta disso — um homem de sólida integridade e moral rigorosa; eu o conheço bem, e ele jamais se envolveu na atividade criminosa que lhe é atribuída agora.” Em conclusão, ela acrescentava: “Se, como se disse antes sobre outra pessoa, meu verniz (ou composição psicológica) não podia permitir nenhuma defesa contra meu senso de realidade, então me confortou saber que esta minha última decisão — sendo de minha escolha exclusiva [...] foi a única que me senti capaz de exercer tendo controle completo [...]”.

A notícia do suicídio de Bobbie Arnstein trouxe de volta a Chicago um Hefner abatido e irado. Numa entrevista coletiva lotada, perto da lareira da principal sala da mansão, atacou os promotores e pranteou sua amiga. Com a barba por fazer e os olhos vermelhos, leu uma declaração preparada para a ocasião: “Nas últimas semanas, fui objeto de uma série de especulações e alegações sensacionalistas relacionadas com supostas

atividades ilícitas com drogas nas mansões Playboy de Chicago e Los Angeles, tentando associar-me à recente condenação por conspiração da minha secretária Bobbie Arnstein e à morte da coelhinha de Chicago Adrienne Pollack, causada por uma overdose há dezesseis meses. Ainda que eu não tivesse nada a ver com nenhum dos dois casos, concordei, embora relutante, em não fazer uma declaração pública sobre o assunto porque meus advogados estavam convencidos de que qualquer coisa que eu dissesse seria usada para divulgar ainda mais o que, em nossa opinião, não é de forma alguma uma investigação legítima de narcóticos, mas uma caça às bruxas anti-Playboy motivada por razões políticas.

“O suicídio de Bobbie Arnstein torna o silêncio impossível”, continuou ele. “Sejam quais forem os erros que possa ter cometido na vida pessoal, ela merecia mais do que isso. Merecia, entre outras coisas, a mesma consideração imparcial concedida a qualquer outro cidadão acusado da mesma coisa. Mas, por causa de sua associação com a *Playboy* e comigo, tornou-se o foco de um caso de conspiração de cocaína no qual parece que estava envolvida apenas de modo periférico. Há amplos motivos para acreditar que, se ela tivesse fornecido aos promotores provas que sustentassem alguma acusação grave de drogas contra mim, jamais teria sido indiciada. Diante de uma sentença condicional de quinze anos, das pressões de uma apelação demorada e dos constrangimentos impostos pelos promotores do governo e seus agentes, uma mulher já perturbada emocionalmente foi levada aos limites de sua resistência — e se matou.

“É difícil descrever a atmosfera inquisitorial do julgamento de Bobbie Arnstein e a investigação relacionada com a *Playboy*. Nos julgamentos infames de feitiçaria da Idade Média, os inquisidores torturavam as vítimas até que elas não somente confessassem que eram feiticeiras, como também acusassem de bruxaria suas famílias e seus amigos. De modo semelhante, os policiais da área de entorpecentes com frequência utilizam arbitrariamente nossas severas leis contra as drogas para arrancar o testemunho desejado para um julgamento.”

Depois de referir-se a Bobbie Arnstein como “uma das mulheres mais brilhantes e dignas que conheci”, Hefner foi forçado a fazer uma pausa. Suas mãos agarraram o móvel em que o texto estava apoiado, lágrimas rolaram e, exceto pelo som das câmeras, fez-se silêncio na sala. Por fim, continuou, dizendo: “Para que fique registrado, jamais usei cocaína ou qualquer outra droga ou entorpecente pesado — e estou disposto a repetir isso sob juramento e pena de perjúrio, se isso puser um fim nas suspeitas e especulações sem fundamento. [...] O zelo com que certos agentes do governo estão levando este caso diz mais sobre os acusadores, penso eu, do que sobre os acusados. Parece que a mentalidade de ‘lista de inimigos’ de Watergate ainda está entre nós; e o legado repressivo do puritanismo que desafiamos em nosso primeiro ano de publicação continua a ser um oponente formidável como sempre de uma sociedade verdadeiramente livre e democrática”.

Muitos colunistas e editorialistas concordaram com as críticas de Hefner à investigação, mas houve jornais menos simpáticos.

Um redator do *Chicago Tribune* acusou-o de tentar “escapar pela publicidade”. Numa declaração do gabinete do promotor público federal, James R. Thompson enfatizou que “ninguém, nem Hugh Hefner, está acima da lei”. E, em resposta à acusação de que Hefner estava sendo perseguido porque era o *publisher* da *Playboy*, Thompson comentou: “Não sei com certeza se o que Hefner representa atualmente é tão relevante assim — ou que qualquer processo contra ele significaria muito”.

Apesar disso, a investigação de Hefner e seus amigos continuou após o funeral de Bobbie, e, embora o Departamento de Justiça anunciasse, onze meses depois, que estava abandonando o caso das drogas por insuficiência de provas, os meios de comunicação continuaram em cima de Hefner, concentrando-se nos problemas de sua empresa. Em matérias de primeira página, anunciavam que a revista *Playboy* perdera receita de anúncios devido às notícias que ligavam Hefner a drogas. A publicidade negativa e a crença de que a empresa de Hefner era mal administrada levaram o First National Bank de Chicago a privá-lo de duas linhas de crédito, no total de 6,5 milhões de dólares. Durante esse período, dois homens que eram influentes em Wall Street saíram do Conselho de Direção de Hefner, e as ações da empresa, que em 1971 eram vendidas aos investidores por até US\$ 23,50, a certa altura de 1975 caíram para US\$ 2,25. Os cassinos na Inglaterra, frequentados principalmente por milionários árabes do petróleo, faziam 7 milhões de dólares por ano, e a *Playboy*, apesar da queda da circulação para menos de 6 milhões de exemplares mensais, ainda era a revista masculina mais lucrativa do mundo.

Entretanto a imprensa continuava a chamar a atenção para os ganhos de circulação dos concorrentes de Hefner. A *Penthouse*, de Robert Guccione, que oferecia aos leitores “*pin-ups without the hangups*” [garotas sem inibições], estava chegando aos 4,5 milhões de exemplares mensais; e a *Hustler*, de Larry Flynt, lançada em junho de 1974, já estava se aproximando dos 2 milhões de exemplares — e espantara o mercado masculino em agosto de 1975, ao publicar uma série de fotos coloridas de Jacqueline Kennedy Onassis tomando banho de sol nua na ilha de Skorprios, tiradas por um fotógrafo italiano que se agachara num barco de pesca munido de lentes telescópicas.

Flynt também obtivera e planejava publicar em *Hustler* uma foto que fora surrupiada dos arquivos pessoais de Hefner em Chicago, na qual ele aparecia nu, mantendo relações sexuais com uma mulher. Quando soube das intenções de Flynt — por meio do executivo da *Playboy* Nat Lehrman, que recebera a informação de Al Goldstein, do *Screw* —, Hefner insistiu que Lehrman fizesse contato com Flynt e pedisse a foto de volta, explicando que era propriedade roubada e que sua publicação não autorizada seria muito injusta para com a mulher envolvida. Embora Flynt fosse evasivo no primeiro contato, Lehrman saiu com a impressão de que seria possível entender-se com ele. Filho de um meeiro pobre de Kentucky, Flynt, que abandonara os estudos na oitava série, enriquecera provocando escândalos no mundo das revistas com closes ginecológicos chocantes e poderia se sentir lisonjeado com um convite para jantar na mansão de Hefner em Los Angeles. Foi exatamente o que aconteceu. Durante a visita, Hefner foi agradável e solícito,

apresentou seu colega a convidados atraentes e conduziu-o pessoalmente numa visita à mansão e seus arredores. Embora na chegada estivesse um pouco desconfiado de Hefner, duvidando que ele apoiasse plenamente qualquer causa, exceto a sua, Flynt acabou impressionado com o que ele realizara na vida e comprara com seu dinheiro. Antes de ir embora da mansão, num gesto de amizade, Larry Flynt enfiou a mão no bolso do paletó e entregou a Hefner a fotografia desejada, assegurando-lhe que nenhuma cópia fora feita.

Nat Lehrman não foi o único que serviu bem aos interesses de Hefner naquele período de incertezas. Victor Lownes, o vice-rei do cassino da Playboy em Londres, também foi chamado a resolver certas dificuldades, em especial os problemas financeiros dos hotéis e clubes da empresa. Nos quatro últimos anos, somente os hotéis tinham perdido mais de 10 milhões de dólares; com os prejuízos dos clubes e da divisão de filmes e discos, os lucros da empresa tinham caído em 1975 para 1,1 milhão de dólares. Dois anos antes, tinham sido de 11,3 milhões.

Victor Lownes, um rico divorciado de Chicago que, em anos recentes, morava numa herdade rural inglesa e ia para o escritório num Rolls-Royce dirigido por motorista, era um indivíduo de 47 anos, pragmático e seguro de si, que jamais buscou aprovação ou popularidade junto a seus colegas executivos da Playboy. E o fato de concordar em deixar temporariamente sua boa vida em Londres a fim de “fazer o serviço” para Hefner em Chicago não era um ato de altruísmo, mas uma defesa de seu próprio interesse, na qualidade de

segundo maior acionista da empresa. Lownes estava cansado de ver os ganhos dos cassinos e os lucros da revista serem engolidos por várias subsidiárias desmazeladas. Imediatamente após chegar a Chicago, começou a cortar as gorduras da empresa, seus gastos excessivos, e a despedir empregados não essenciais, pouco se importando que o chamassem de “Tubarão”.

Sabendo que a mansão de Chicago, quase abandonada por Hefner, tinha cinquenta serviçais, Lownes reduziu a equipe para doze; fez o mesmo com os empregados do hotel e do Playboy Club de Chicago. Ao mesmo tempo, fechou a revista *V.I.P.*, que era distribuída para quem tinha a chave do Playboy Club em todo o país, economizando 800 mil dólares por ano em custos de publicação. Para atrair convenções de negócios, Lownes tirou o nome da Playboy dos hotéis de Chicago e Great Gorge, Nova Jersey, e obteve a aprovação de Hefner para planejar a venda do hotel balneário da Jamaica e eliminar os clubes deficitários de Baltimore, Nova Orleans, San Francisco, Montreal e Atlanta. A gravadora foi fechada, e a produtora de filmes, mantida em estado de latência. Embora Lownes não tivesse jurisdição sobre o funcionamento da revista *Playboy*, que alcançara distinção editorial sob o comando de Arthur Kretchmer, sucessor do falecido A. C. Spector, sua mera presença nas salas da direção foi suficiente para provocar algumas reclamações irritadas dos editores a Hefner — o qual, ao mesmo tempo que escutava com simpatia e, às vezes, até criticava a natureza peremptória de Lownes, apoiava secretamente o que ele fizesse,

desde que não causasse grandes inconvenientes ao seu estilo de vida.

Hefner já cortara 25% de seus rendimentos, reduzindo seu salário de mais de 300 mil dólares por ano para 230 mil, e abria mão de 1,2 milhão de dólares, recusando três cheques de dividendos semianuais, que foram creditados para outros acionistas da empresa. Dessa forma, achava que já sacrificara o suficiente em nome da solvência. Mas quando soube pelos jornais que, segundo declaração de Lownes, a mansão de Chicago estaria provavelmente à venda, assim como o avião negro, Hefner ficou atônito e deixou de aprovar o talento do sócio para cortar custos.

Depois de censurá-lo em particular, Hefner negou publicamente a notícia. A mansão continuou sob sua custódia, cheia de caixas geladas de Pepsi aguardando sua chegada imprevisível, e Hefner agarrava-se teimosamente ao seu brinquedo favorito, o jato da Playboy, que jazia ocioso ao sol californiano porque, se voasse, o custo operacional para a empresa seria de pelo menos 16 mil dólares por dia. Porém, quando recebeu uma oferta de 5 milhões de dólares pelo avião com cinco anos de uso, seus práticos genes germânicos dominaram o romantismo fitzgeraldiano, e ele sentiu-se compelido a concordar com a venda, especialmente porque o novo dono o pintaria de uma cor diferente, não exploraria o fato de ele ter pertencido à Playboy e pretendia usá-lo longe das fronteiras americanas. O comprador do Grande Coelho foi o governo da Venezuela.

Quando o DC-9 mudou oficialmente de mãos — depois que Hefner tirou do avião seu equipamento de som, seus robes, pijamas e a colcha de pele de gambá-da-tasmânia que cobria a cama redonda —, foi um dia de pesar na mansão de Los Angeles, não somente para Hugh Hefner, como também para seus amigos que tinham se acostumado às viagens gratuitas em ambiente suntuoso. E talvez tivessem ficado mais deprimidos se testemunhassem o destino do avião depois de seu último voo de Los Angeles.

Ele foi levado a Wilmington, Ohio, onde operários destriparam completamente seu interior, destruíram as banquetas coloridas, o chuveiro e a cama redonda. No espaço onde ficavam as mesas de jogos e a pista de dança, foram aparafusadas fileiras apertadas de quase cem assentos normais. O avião foi repintado de branco e em seu exterior, no lugar do familiar coelho da Playboy, estampou-se a bandeira de sete estrelas da Venezuela.

Em 1976, quando chegou finalmente à capital venezuelana, o DC-9 parecia-se com qualquer outro avião comercial; os burocratas e homens de negócio sóbrios e sérios que o tomavam todos os dias, no trajeto Caracas-Maracaibo, não tinham ideia de que a cabina simples em que viajavam, cotovelo com cotovelo, até recentemente fora uma nave do prazer, ao som de rolhas espocando e risos, de sibaritas com camisa de seda e viçosas jogadoras de gamão sem sutiã.

Hefner continuou psicologicamente ligado a seu avião, assistindo com frequência a filmes caseiros em que via a si mesmo subindo no jato negro e promovendo festanças nos céus.

Porém nenhuma fantasia ou reminiscência poderia confortá-lo quando, em março de 1976, ele e sua comitiva, para comparecer à inauguração de gala do renovado Playboy Club de Nova York, tiveram de entrar na fila no aeroporto de Los Angeles e pegar um avião comercial cujo horário de partida não seria de forma nenhuma influenciado pelos hábitos de sono ou os humores do *publisher* da *Playboy*. A viagem exigiu considerável ajuste mental, não apenas de Hefner, mas também de seus velhos companheiros de viagem. É bem verdade que ele comprara todos os assentos da primeira classe (com exceção de três, vendidos antes para jóqueis que iam de Santa Anita para Aqueduct), a fim de assegurar amplo espaço para seus dez amigos, mas mesmo assim, com um sorriso forçado, anunciou para seu grupo, antes que se acomodassem nos assentos e abrissem os tabuleiros de gamão: “Sinto que devo a vocês um pedido de desculpas”.

Apesar da viagem, a visita a Nova York foi uma fonte de satisfação para Hefner. Pela primeira vez em anos, a *Playboy* recebeu tratamento favorável da imprensa. O clube remodelado da rua 59, perto da Quinta Avenida, foi elogiado pela aparência, a cozinha superior e a qualidade do entretenimento; dezenas de fotógrafos percorreram o bar e a pista de dança lotados, batendo fotos de todo mundo, de Howard Cosell à mãe de Lenny Bruce. Hefner, em seu novo terno branco, e Barbi Benton, num longo preto, faziam as honras da casa, mas muito mais atenção e curiosidade pareciam dirigidas à estonteante morena que estava ao lado de Hefner, sorrindo com olhos negros espertos: era

Christie, sua filha de 23 anos. Num certo sentido, aquela noite em Nova York era sua apresentação à sociedade.

Trazida para a organização, no posto de executiva júnior, em 1975, um ano depois de se formar *summa cum laude* pela Universidade de Brandeis, com bacharelado em literatura inglesa, Christie Hefner já demonstrara para muitos editores céticos da *Playboy* ter mente astuta e maturidade, capacidade e desejo de aprender, sem jamais esperar ou querer tratamento especial por ser filha do patrão. Embora esse tratamento especial fosse inevitável no prédio da empresa — em particular depois que seu pai anunciou publicamente que ela poderia assumir um dia a organização —, o tato e a sensibilidade de Christie tiraram o melhor partido de uma situação que poderia ter facilmente gerado ressentimentos. Quando da inauguração em Nova York, ela já conquistara a boa vontade e o respeito de quase todos os sócios e funcionários de seu pai.

A partir das entrevistas que deu em Nova York e das posteriores, em outras cidades do país, Christie desviou a imprensa de sua cobertura predominantemente crítica da *Playboy* para a história pessoal dela e sua ascensão súbita à posição que a *Cosmopolitan* chamou de “hare apparent”.¹⁵ Judy Klemersrud descreveu-a como tendo “a face saudável e bem lavada de uma animadora de torcida de futebol que cresceu e tornou-se um rosto bem maquilado de garota-propaganda de xampu”. Christie era claramente o tipo que atrairia seu pai. Ela mesma admitia haver entre eles uma atração mútua que era muito mais amorosa do que familiar.

Durante boa parte de sua infância, seu pai fora praticamente um estranho, uma espécie de tio distante, vivendo numa notoriedade opulenta e misteriosa que ela achava ao mesmo tempo atraente e confusa. Ele saía do apartamento da família quando Christie tinha dois anos e, depois do novo casamento de sua mãe, em 1960, a menina de oito anos e seu irmão de cinco adotaram o sobrenome do padrasto e viveram na tranquila comunidade de Wilmette, na North Shore. Quando estava no secundário, Christie tinha permissão ocasional para visitar o pai na mansão, onde observava maravilhada seus brinquedos extraordinários e suas mulheres. Mas só depois que ela entrou na faculdade os dois conseguiram se comunicar de uma maneira pessoal, reconhecer e apreciar os traços e as qualidades que tinham em comum. Tal como ele, Christie tinha raciocínio rápido e alto, ego forte e ímpeto para vencer, um compromisso com o individualismo e a liberdade sexual.

Em seu primeiro ano em Brandeis, morou num apartamento com um estudante que conheceu no campus. E embora sua mãe, de início, não ficasse satisfeita quando Christie trazia o rapaz para casa nos feriados e dividia a cama com ele, seu pai aprovou com entusiasmo a relação quando conheceu o namorado e acreditava que a vida privada feliz de sua filha contribuiria para seu sucesso como estudante e sua eleição, em junho de 1973, para a fraternidade Phi Beta Kappa.

Nessa ocasião, Christie insistiu que seu sobrenome no pergaminho de honra fosse impresso como “Hefner”, decisão que agradou imensamente ao pai. Depois que se formou, em 1974, e passou um ano em Boston como redatora free-lance — enquanto

seu namorado ia para a faculdade de direito da Universidade de Georgetown —, aceitou a oferta de Hefner para retornar a Chicago e trabalhar no prédio da Playboy como sua assistente especial. No primeiro ano no emprego, ela visitou periodicamente a fábrica de papel e a gráfica da empresa, seus cassinos e clubes; compareceu a reuniões de negócios e familiarizou-se com a estrutura da companhia e com as pessoas que chefiavam os diversos departamentos. Comparecia também a festas e convenções e, tal como o pai, não aderia ao princípio que desestimula a atividade sexual entre pessoas do mesmo escritório. Um dos homens com quem se envolveu temporariamente, com pleno conhecimento e pouco entusiasmo de seu pai, foi um diretor sênior da empresa, com amplas responsabilidades corporativas. Na verdade, Hefner confiava mais na capacidade dela de controlar a situação do que na do homem mais velho. Quando o caso acabou de forma amigável, sem sinais de confusão empresarial ou egos feridos, Hefner ficou aliviado. De sua parte, Christie não hesitava em dizer ao pai o que pensava de suas jovens amiguinhas; embora nunca tivesse sido áspera em suas opiniões, consciente de sua própria falta de objetividade nessa área, ela achava que nenhuma daquelas amantes era tão importante na vida de Hefner quanto ele gostaria de pensar — e *nenhuma*, do seu ponto de vista, chegava perto em inteligência e substância da mulher que fora outrora sua esposa.

A união de Christie com o pai não afrouxou de forma nenhuma seus laços com a mãe, para quem telefonava quase diariamente e que visitava quase todas as semanas, não por obrigação, mas

por afeto. Embora soubesse que era muito improvável, mesmo depois que a mãe se divorciou do segundo marido em 1971, seus pais reataram o relacionamento casando-se de novo — entre outros motivos, porque sua mãe estava profundamente envolvida num romance de três anos e partilhando a casa com um cabeleireiro charmoso doze anos mais moço do que ela —, Christie conseguiu fortalecer a amizade entre os dois. Por sugestão e instigação dela, realizaram-se várias reuniões de família na metade dos anos 70, pondo sob o mesmo teto seus pais com seus pares jovens; seu tio divorciado Keith, de Aspen, em geral acompanhado por uma de suas estrelinhas pós-esqui; seu irmão David, aspirante a fotógrafo que conservara o sobrenome do ex-padrasto; seu próprio par masculino, quase sempre um homem mais velho; e seus avós conservadores de cabelos brancos, Glenn e Grace Hefner, que pareciam gostar das reuniões, mas particularmente ainda acreditavam na superioridade de sua maneira de viver. Os velhos não faziam segredo de que sua experiência sexual se limitara rigorosamente às relações do casal e, após mais de cinquenta anos de casamento, diziam não estar arrependidos. Glenn Hefner ficara milionário investindo nas ações do filho e durante anos ajudara na contabilidade da empresa, mas afirmava que jamais em sua vida olhara uma fotografia de nu na *Playboy*. As únicas revistas de que gostava, insistia ele, eram *Fortune* e *Business Week*.

Exceto por algumas poucas referências discretas ao nepotismo, expressas por executivos de escalão médio, houve em todo o prédio da Playboy uma reação jubilosa ao anúncio de

que Christie Hefner estava sendo promovida ao posto de vice-presidente em seu terceiro ano de empresa, ganhando, aos 26 anos de idade, um salário próximo dos 50 mil dólares anuais. Até mesmo os funcionários a quem a promoção parecia prematura tinham de admitir que, mais do que qualquer outra pessoa, ela melhorara a imagem pública da *Playboy* desde os dias sombrios da investigação sobre drogas, da queda das ações e da morte de Bobbie Arnstein.

Coincidindo com seu sucesso junto aos meios de comunicação, vários outros acontecimentos extras contribuíram para a restauração da imagem da empresa junto às agências de publicidade, aos banqueiros e aos investidores. A revista, por exemplo, continuou a comprar e publicar obras de escritores de prestígio — John Cheever, Irwin Shaw, Alex Haley, David Halberstam, Saul Bellow —, e finalmente estava recebendo dos círculos literários o reconhecimento que havia muito lhe era devido. E foram especialmente significativas as entrevistas com pessoas como o presidente deposto de sindicato Jimmy Hoffa (sua última entrevista antes de desaparecer) e o futuro presidente dos Estados Unidos Jimmy Carter, que fez manchete para a revista, bem como para si mesmo, ao admitir: “Olhei para muitas mulheres com luxúria. Cometi adultério em meu coração várias vezes. Isso é algo que Deus reconhece que farei e Deus me perdoa por isso”.

A decisão de Hefner, em 1976, de contratar como diretor de operações um alto executivo da imprensa diária chamado Derick J. Daniels também foi uma medida certa. Com a clareza de ideias que alguém de fora pode trazer para resolver os problemas de

uma administração confusa, ele descobriu maneiras de cortar os custos além do que Victor Lownes conseguira, sem abalar muito o moral da equipe ou prejudicar os lucros da empresa. Os ganhos mais evidentes estavam na receita de publicidade da *Playboy*, que — apesar da circulação estabilizada na marca dos 5 milhões mensais — se aproximava do recorde de 50 milhões de dólares anuais, o dobro da de sua concorrente mais próxima, a *Penthouse*. A outra revista da empresa, *Oui*, também começou a dar lucro, enquanto diminuía gradualmente as perdas dos hotéis e clubes. Embora quase cem empregados tenham sido despedidos ou aposentados nos dois primeiros anos de Daniels, na medida em que certos departamentos e subsidiárias eram compactados ou eliminados, ele não defendia uma política conservadora ou defensiva. Reconhecendo que uma organização vital precisa, às vezes, assumir riscos no interesse de maiores lucros, a Playboy Enterprises, Inc. anunciou planos para a construção e a abertura no final de 1980 de um hotel-cassino multimilionário em Atlantic City, onde o jogo fora recentemente legalizado. O primeiro cassino, estabelecido pela Resorts International, revelava-se uma mina de dinheiro, e a Playboy tinha uma história de sucesso no jogo na Inglaterra; assim, as ações da empresa subiram para dezesseis dólares.

Entre as decisões que Daniels reivindicava ter tomado estava a elevação de Christie Hefner à vice-presidência. Ao mesmo tempo que servia de seu regente, encarregou-a da Fundação Playboy (que contribuía anualmente com vários milhares de dólares para as causas das liberdades civis e da pesquisa médica sexual) e do departamento de publicidade e promoção de toda a empresa,

função que abrangia tarefas como fazer palestras para grupos de anunciantes, comparecer a programas de televisão e viajar pelo país, dando entrevistas para a imprensa.

A pergunta que as jornalistas lhe faziam com mais frequência, tendo em vista que Christie se dizia feminista ardente, era como justificava trabalhar para uma organização masculina chauvinista que fizera fortuna com a degradação do corpo feminino. Ela negava que a representação das mulheres como seres sexuais fosse degradante de alguma forma e declarava que a sexualidade fazia parte da mulher tanto quanto sua inteligência e sua independência. Quando as entrevistadoras citavam fotos da *Playboy* que mostravam uma mulher nua com um dedo no clitóris e perguntavam se *aquilo* não era exploração das mulheres, Christie respondia: “Não creio que a masturbação seja uma coisa ruim” e destacava que “pela primeira vez, as mulheres são mostradas envolvidas com seu próprio corpo, que é exatamente do que trata o movimento feminista”.

Ao enfatizar que a *Playboy* não exibia mulheres com correntes, chicotes e outros equipamentos de perversão — o que, curiosamente, ela via em revistas femininas de alta moda, como *Vogue* —, Christie Hefner lembrava: “Quando surgiu o movimento das mulheres, durante algum tempo houve um sentimento de que para ser feminista era preciso usar jeans e botas de combate. De repente, a nudez e o erotismo eram exploração, e havia um pouco de preconceito contra o sexo, contra os homens, que atacou violentamente a *Playboy*, porque a revista é obviamente muito favorável à heterossexualidade e à relação sexual entre homens e mulheres”. E ela continuava dizendo que não via

incompatibilidade entre a *Playboy* e o feminismo: o feminismo significava ter amplas oportunidades e opções na vida; dizer às mulheres que não deviam aparecer nuas — como certas feministas puritanas exigiam e censores e padres vinham exortando há muito tempo — era contrário aos objetivos de independência e autodeterminação da maioria das defensoras da libertação da mulher. Em entrevista ao *New York Times*, ela admitiu que a *Playboy* oferecia uma perspectiva limitada sobre a situação da mulher, mas lembrou que se tratava de uma revista masculina, cuja missão não era tratar das complexidades de ser mulher, assim como, inversamente, as revistas femininas americanas não tratavam das complexidades de ser homem. Na verdade, a maioria das revistas femininas “nem mesmo trata das complexidades de ser mulher”, disse ela, acrescentando que estava mais ansiosa para mudar o modo como as mulheres eram apresentadas em *Family Circle* do que na *Playboy*.

Em dezembro de 1978, a revista *Playboy* comemorou 25 anos de publicação. Nas semanas seguintes, houve uma série de festas e jantares, bailes, banquetes e outras extravagâncias, em Chicago, Los Angeles e Nova York, que custaram mais de 1 milhão de dólares à empresa. Tudo foi organizado sob a supervisão de Christie, que era então a mulher mais importante da vida de Hugh Hefner. Barbi Benton ainda era sua amiga, mas, aos 28 anos, sentindo-se estagnada na JacuzziLândia dele, decidiu viver em tempo integral em seu apartamento de Beverly Hills e sair com outros homens. Karen Christy, que depois de retornar ao Texas visitara Hefner em Los Angeles em 1976 e

1977, tinha lhe mandado recentemente um bilhete contando que acabara de se casar em Dallas com o jogador de futebol americano Ed Simonini. Mildred, a ex-esposa de Hefner, tendo coabitado durante anos com o cabeleireiro suíço Pierre Rohrbach, também decidiu se casar. E Hefner, aos 52 anos, cortejava sua nova castelã, Sondra Theodore, 22 anos, a Miss Julho da revista, uma mistura loira de Barbi Benton, Karen Christy e outras garotas de família que envelheciam e mudavam inexoravelmente na vida real, mas jamais na mente de Hefner.

Na edição de aniversário, com 410 páginas, que continha fotografias de todas as *playmates* da história da revista, Hugh Hefner lembrou na página editorial:

Quando concebi esta revista, há um quarto de século, não tinha noção de que se tornaria um dos empreendimentos editoriais mais importantes, imitados e influentes de nosso tempo. O começo dos anos 50 foi uma época de conformismo e repressão — de Eisenhower e do senador Joe McCarthy —, resultado de duas décadas de Depressão e guerra. Mas foi também o período de um novo despertar nos Estados Unidos — com uma nova ênfase na importância do indivíduo, de seus direitos e suas oportunidades numa sociedade livre —, um período de crescente afluência e tempo para o lazer. Eu queria publicar uma revista que, simultaneamente, influenciasse e refletisse as mudanças homossexuais que estavam acontecendo no país, mas que fosse, sobretudo e antes de mais nada, divertida. A *Playboy* queria ser uma resposta aos aspectos repressivos homossexuais, anti-jogo-e-prazer de nossa herança puritana. Grande sonho para um rapaz que acabara

de sair da universidade e deixara seu emprego de sessenta dólares por semana na *Esquire* quando lhe recusaram um aumento de cinco dólares [...].

No dia 11 de janeiro de 1979, na última comemoração do aniversário, diante de centenas de convidados reunidos no restaurante Tavern-on-the-Green, no Central Park de Nova York, um dos oradores, representante da *Esquire*, presenteou Hefner com uma réplica ampliada de uma nota de cinco dólares, em reconhecimento pelo aumento que lhe fora tão inflexivelmente negado décadas atrás.

25.

Temos de cultivar a castidade das mulheres como o mais precioso bem nacional, pois é a única garantia segura de que realmente seremos os pais de nossos filhos, que trabalhamos e batalhamos para nosso próprio sangue e carne. Sem essa garantia, não há possibilidade de uma vida familiar segura, base indispensável para o bem-estar da nação.

Esse, e não o egoísmo masculino, é o motivo por que a lei e a moral exigem mais rigor da mulher do que do homem em relação à castidade pré-marital e à fidelidade conjugal. A liberdade da parte dela envolve consequências muito mais sérias do que a liberdade da parte do homem.

Max Gruber, higienista sexual alemão, década de 1920

Entre as muitas questões envolvidas na liberação das mulheres, as duas maiores frentes em minha libertação pessoal foram a sexualidade e a economia. Em última análise, elas não são separáveis — não enquanto os genitais femininos tiverem valor econômico, em vez de valor sexual. Economizar sexo para meu amante/marido era meu presente para ele em troca da segurança econômica — chamada “relação significativa” ou “casamento”. Meu futuro dependia de encontrar o parceiro certo a quem eu possuiria para sempre com meu poder de dar sexo e amor.

Com essa imagem romântica do sexo, numa sociedade que não tem igualdade econômica entre os sexos, fui forçada a negociar com minha boceta para ter alguma esperança de segurança financeira. O casamento, nessas circunstâncias, é uma forma de prostituição.

Betty Dodson, artista feminista americana, década de 1970

Tendo em vista a transformação de Betty Dodson de dona de casa dependente em pessoa liberada, não surpreende que seus dias e noites em Sandstone fossem compatíveis com sua evolução de autoproclamada Mulher Fálica. Embora a definição de “falo”, como a sra. Dodson descobrira havia muito tempo em seu dicionário, se referisse tanto ao pênis como ao clitóris, a chance de aceitação popular dessa equivalência era pequena; nas palavras dela, “a negação do falo da mulher foi durante séculos a essência da dominação masculina e da sujeição feminina”. Em parte por compensação e em parte porque isso atraía sua natureza erótica emergente, Betty Dodson tinha se dedicado em anos recentes, como pintora e escritora, a exibir a imagem sexual feminina a uma sociedade que preferia escondê-la.

Antes mesmo de frequentar Sandstone, onde conheceria feministas tão fálicas quanto ela, Betty Dodson realizava seminários para mulheres em seu apartamento de Nova York, sessões de conscientização em que as participantes eram estimuladas a examinar detalhadamente seus próprios órgãos genitais e os das companheiras, sem vergonha ou acanhamento. Utilizando espelhos para o autoexame e depois se revezando na abertura das pernas para que as outras pudessem observar, as mulheres ficavam espantadas com as variações de forma, desenho, textura e padrões de suas vaginas. Algumas tinham a forma de coração, outras pareciam conchas, barbelas ou orquídeas. E quando os pelos púbicos e a pele acima da vagina eram puxados, revelando o clitóris por inteiro, muitas mulheres viam pela primeira vez com clareza o centro feminino da

excitação e ficavam surpresas ao descobrir que podia variar em tamanho e forma, de pérolas escondidas a balas protuberantes.

As mulheres aprendiam também que a posição do clitóris em relação à abertura vaginal diferia de mulher para mulher, assim como a cor dos lábios externos e internos, indo do marrom escuro ao cor-de-rosa claro. Por sugestão da sra. Dodson, as mulheres, além de observar, tocavam, cheiravam e sentiam o gosto de seus órgãos genitais e, às vezes, dos de suas amigas, numa tentativa de superar inibições infantis e tradições baseadas na Bíblia que marcavam essa área do corpo como ruim, suja, o lugar da menstruação e da maldição.¹⁶

Das paredes do apartamento de Betty Dodson pendiam vários de seus habilidosos desenhos da genitália feminina, e às vezes ela projetava numa tela, para a instrução e admiração de seu grupo, slides coloridos de mulheres nuas revelando-se sem acanhamento e exibindo uma atitude “afirmativa da boceta”, como ela dizia. A maioria das mulheres que frequentavam suas sessões eram, como ela, heterossexuais e bissexuais de classe média, com idade entre trinta e quarenta e tantos anos, divorciadas ou ainda casadas, que apoiavam o movimento feminista, mas não compartilhavam das inclinações assexuadas ou contrárias aos homens de algumas das ativistas. Artista cujos desenhos e pinturas tinham sido chamados de pornográficos, Dodson fora acusada por algumas feministas de contribuir para a degradação das mulheres. Sem jamais se arrepender de sua obra, ela comentou: “Se uma mulher não tem senão experiências negativas com o sexo, então é compreensível que se sinta degradada ao olhar imagens relacionadas a sexo”.

Atraente e enérgica, com cabelos pretos bem curtos e corpo pequeno e atlético que estava frequentemente nu quando recebia convidados à porta, Betty Dodson nasceu em 1929 em Wichita, na região do Cinturão da Bíblia do estado do Kansas, e foi criada com noções idealistas sobre casamento e fidelidade. Quando adolescente, masturbava-se imaginando sua noite de núpcias; via-se como uma mulher elegantemente vestida com um requintado penhoar de rendas, atravessando um quarto com aplomb e confiança na direção de uma figura masculina sem rosto e obscura, reclinada na cama matrimonial; e quando deixava cair sua longa camisola no chão, expondo sua beleza nua, atingia o desejado orgasmo.

Consigo mesma, ela reconhecia a perversidade desse prazer solitário, mas estava além de sua vontade resistir a ele durante seus anos de adolescência, ainda que suspeitasse de que o hábito masturbatório estivesse deformando seus lábios vaginais. Chegou a essa conclusão no dia em que pegou emprestado o grande espelho de marfim da mãe e, trancada no quarto, sentou-se de pernas abertas diante da luz da janela e examinou seus órgãos genitais. Com sentimentos de horror e medo, notou que os lábios internos estavam prolongados, e a visão daquelas pequenas dobras de tecido pontudo convenceram-na de que era vítima do abuso de si mesma. Imediatamente fez um voto de abstinência autoerótica eterna, que durou pouco mais de uma semana. Mas tratou de modificar a técnica da masturbação: tendo observado que os lábios vaginais da esquerda eram menores que os da direita, restringiu-se a partir de então a acariciar os da esquerda, esperando que, com o tempo, os dois

lados viessem a se igualar. Embora a situação não se alterasse, ela persistiu nessa maneira de se masturbar em sua juventude no Kansas, onde trabalhou em jornal como desenhista, e continuou a tocar apenas o lado esquerdo depois da mudança, em 1950, para Nova York, onde iria estudar na Liga dos Estudantes de Arte, na Academia Nacional e na Universidade Columbia.

Durante seu casamento, que durou cinco anos, permaneceu monogâmica e negligenciou a carreira artística para tentar agradar ao marido, tornando-se dona de casa em tempo integral. Mas suas relações sexuais com um parceiro que tinha ejaculação precoce raramente eram satisfatórias, e assim a masturbação continuou a ser sua fonte principal de prazer. Depois do divórcio, em 1965, Betty Dodson pôde finalmente usufruir de satisfação completa, com seus amantes. Num livro que publicou em 1974, com o título de *Liberando a masturbação: Uma meditação sobre o amor de si mesma*, ela relembra um episódio que foi essencial para sua emancipação sexual:

Quando me divorciei e voltei ao mundo do romance, dos jantares à luz de velas e do estranho belo e moreno, fiquei muito excitada e ligada em toda a aventura que estava logo ali, ao dobrar da esquina [...] [e] quase paralisada com vergonha de minha aparência e de como iria dar conta do sexo.

Um de meus primeiros amantes era um devotado apreciador dos órgãos genitais femininos. Fizemos sexo oral (eu estava decidida a experimentar de tudo) e certa vez, quando tive um orgasmo realmente magnífico, ele disse: “Você tem uma linda boceta. Deixe-me olhá-la por um momento”. Oh, gemido... oh,

não, senti um desfalecimento e disse-lhe que preferia mesmo que não olhasse. [...] Ele queria saber qual era o problema. Evidentemente, eu ficara um pouco verde e disse que tinha aqueles lábios internos esquisitos que pendiam como uma galinha, infelizmente resultado de masturbação infantil. Convencida de que meus genitais com certeza não eram bonitos, não queria que ninguém olhasse para eles. “Puxa”, disse ele, “muitas mulheres são feitas assim. É perfeitamente normal; na verdade, é um de meus estilos favoritos de genitais.” Ele foi até um armário e voltou com uma pilha de revistas de fotos de closes de vaginas. Do tipo Beaver Books de loja pornô da rua 42. (*Beaver* [castor] é expressão de gíria para os genitais femininos, e *split beaver* [castor rachado] é o termo usado para uma mulher que segura a vagina aberta.) Fiquei chocada — mas interessada. Pensei como devia ser degradante para aquelas pobres mulheres posar de roupa de baixo, cinta-liga, meias pretas de renda e ter de se expor daquele jeito, mas mesmo assim comecei a olhar as fotos. De fato, havia uma boceta exatamente como a minha, e outra, e mais outra. Depois de olharmos várias revistas juntos, tive uma ideia de como eram os genitais femininos. Que alívio. Naquela sessão, descobri que não era deformada, risível ou feia. Eu era normal e, como disse meu amante, realmente bonita.

Encorajada pela confiança sexual de Betty Dodson, sua arte tornou-se cada vez mais sensual, e em 1968 — o ano em que a nudez estava em voga no teatro e no cinema de vanguarda e na contracultura — ela fez uma exposição na galeria Wickersham, na avenida Madison. O evento atraiu, nas duas semanas de

exibição, mais de 8 mil visitantes, que olharam com atenção extasiada e apreciação envergonhada suas representações vigorosas de várias figuras heroicas nuas, tocando-se ou beijando-se e, em alguns casos, fazendo amor. Essa exposição atraiu aqueles que se achavam engagés em Manhattan, os patrocinadores das artes, liberais de fachada e pais dos *flower children*, e a autora foi elogiada pelos críticos por sua perícia clássica para o desenho, sua autoridade e seu talento artísticos. Sentiu-se ainda gratificada com as muitas vendas para admiradores ousados e com o fato de que algumas amostras de seu trabalho seriam reproduzidas em antologias de arte.

E se não teve tanto sucesso na exposição seguinte na Wickersham, que atraiu apenas 3 mil visitantes, nem por isso desanimou, pois essa segunda apresentação estava mais próxima de seu coração e de suas emoções, era artisticamente mais relevante e sem concessões, explorando a sexualidade em isolamento e em seus desvios. Entre as trinta imagens que ela preparou para a exposição estavam desenhos e pinturas de figuras nuas absortas em autoerotismo, de homens participando de felação mútua, de um negro solitário acariciando seu pênis endurecido, de mulheres brancas com clitóris eretos tocando carinhosamente os genitais umas das outras, de mulheres deitadas com homens em corpo, mas não em espírito. A expressão de algumas faces femininas sugeria indiferença, angústia ou mesmo raiva: Dodson estava dizendo claramente, de forma tão dramática quanto qualquer romancista ou dramaturgo contemporâneo, que ainda havia na sociedade do contraceptivo uma guerra em andamento entre os sexos e muita alienação nas

camas da América. Ela não só estava convencida de que isso era verdade, como obtinha a confirmação dessa certeza nos comentários que ouvia ao acaso dos grupos que se reuniam diante de seus quadros, ou nas palavras que as pessoas — em sua maioria, mulheres — lhe diziam num canto da galeria. Algumas mulheres confessavam que tinham, quando muito, raros orgasmos em suas relações conjugais, mas confidenciavam também que sentiam vergonha de se masturbar, ou temiam que, se tentassem usar um vibrador, ficassem “viciadas”. Alguns homens, ao estudar as imagens de mulheres se masturbando, admitiam que não tinham ideia de que as mulheres fizessem aquilo, enquanto outros formulavam comentários agressivos, em particular depois de ver um desenho de quase 2 metros de uma mulher loira, deitada de costas, com os olhos fechados, masturbando-se com um vibrador. “Se fosse minha mulher, não precisaria dessa coisa”, disse um deles.

Em vez de se desencorajar com a reação negativa à exposição, Dodson e suas seguidoras feministas ficaram mais convencidas do que nunca de que a aceitação da masturbação e sua prática sem culpa eram essenciais para a liberação sexual das mulheres. “Se eu tinha alguma dúvida antes de começar, as duas semanas que passei na galeria deixaram muito claro para mim que a repressão se relaciona diretamente com a masturbação”, escreveu Dodson em seu livro. “Segue-se então que a masturbação pode ser importante para reverter o processo e alcançar a libertação. A busca da satisfação sexual é um impulso básico, e a masturbação, evidentemente, é nossa primeira atividade sexual natural. É a maneira como descobrimos

nosso erotismo, o modo como aprendemos a reagir sexualmente, o modo como aprendemos a nos amar e ter amor-próprio. [...] Quando a mulher se masturba, ela aprende a gostar de seus próprios órgãos genitais, a desfrutar do sexo e do orgasmo e, além disso, a se tornar competente e independente em relação a isso. Nossa sociedade sente-se incomodada por mulheres sexualmente proficientes e independentes.”

Betty Dodson dizia que era muito significativo a mulher desistir de seu sobrenome quando se casava, acrescentando: “É realmente de sua identidade que ela está desistindo”. O condicionamento negativo em relação ao sexo que a maioria das mulheres de classe média recebia em sua educação — e que frequentemente repetiam com as filhas — tendia a perpetuar o duplo padrão e impedir para uma maioria de mulheres casadas a “recuperação do corpo feminino como fonte de força, orgulho e prazer”. Betty Dodson insistia também que as pressões sociais sobre as mulheres para se conformarem aos padrões de respeitabilidade definidos pelos homens — para não ficarem no ostracismo social imposto à “prostituta ou vagabunda”, exatamente o tipo de mulher procurado por muitos hipócritas morais — resultavam para elas, com frequência, num “aleijão” sexual: “Nossas pélvis ficam severamente trancadas. Nossos ombros, congelados para a frente. Nossos genitais tornam-se repulsivos para nós e são uma fonte de constante incômodo. Nossos corpos não têm tono muscular e estão muitas vezes envoltos numa armadura de gordura. A coisa insidiosa desse sistema é que acabamos aceitando as definições masculinas de sexualidade feminina ‘normal’. De modo veemente ou taciturno,

renunciamos à masturbação e à exibição aberta da sexualidade feminina saudável. A essa altura, enfeitamos nossos pedestais e nos tornamos guardiãs da Moralidade Social [...] mães assexuadas e escravas-de-casa”. De modo oposto, declarou Dodson numa entrevista para a *Evergreen Review*: “Se nós, mulheres, nos unirmos e nos tornarmos um ‘sim’ unificado ao sexo, veremos que os homens são tão tensos em relação ao sexo quanto nós, só que não têm de se confrontar com isso. Quando as mulheres expressam todos os seus medos e reservas sexuais, os homens agem e sentem-se muito bem em relação ao sexo. Inconscientemente, eles dependem de que digamos ‘não’ ou sejamos hesitantes, temerosas ou passivas”. E quando não conseguem satisfazer as mulheres na cama, escreveu ainda Dodson em seu livro, os homens racionalizam seus fracassos supondo que as mulheres eram frígidas, mesmo aquelas capazes de se satisfazerem pela masturbação. “Se a mulher pode se estimular até chegar ao orgasmo, ela é orgástica e sexualmente saudável”, declarou Dodson. “‘Frígida’ é uma palavra masculina para a mulher que não consegue ter um orgasmo na posição papai e mamãe em cinco minutos com o tipo de estimulação que é boa somente para o homem. Não devemos mais nos apegar à noção de que ‘devemos’ ter orgasmo apenas com a relação sexual. E não devemos nos sentir intimidadas pelos chauvinistas de jaleco branco que ainda se referem à ‘inadequação coital’ em mulheres quando suas próprias provas estatísticas e de laboratório contradizem claramente esse conceito masculino de resposta feminina. A verdade é que muito poucas mulheres atingem consistentemente o orgasmo na

relação sexual sem uma estimulação adicional. Para ser liberada, a mulher precisa ser livre para escolher e declarar sua preferência na atividade sexual sem preconceito ou julgamento quando é a vez dela”.

Nas reuniões sexuais realizadas no apartamento de Betty Dodson, às quais amigos e maridos eram convidados com frequência e onde as atividades podiam incluir qualquer coisa, desde ioga até sexo grupal, as mulheres eram, em geral, desinibidas e plenamente capazes, nas palavras de Dodson, de “dirigir a foda”. Elas tinham desenvolvido, frequentando seus seminários, a confiança e a capacidade de tomar a iniciativa sexual, de dizer a seus amantes como queriam ser tocadas, de quanta pressão gostavam, que posição preferiam, indo ao ponto de “montar” no rosto do homem e controlar os movimentos — descobrindo, no processo, que os homens gostavam muitas vezes da oportunidade de inverter os papéis tradicionais e assumir a posição do parceiro passivo. E a atitude de “afirmação da boceta” que muitas das amigas de Dodson assumiam intensificava não somente sua vida sexual, como também todo o seu sentimento de valor pessoal. Certa mulher que, tal como Dodson no passado, achava que sua vagina era deformada e feia, foi persuadida pelos slides coloridos da genitália feminina de que era tão atraente quanto a maioria das mulheres. No dia seguinte, no escritório, tranquila e confiante, exigiu um aumento de salário — e conseguiu.

Embora soubesse e se orgulhasse dos progressos feitos pelas mulheres de seu grupo, Betty Dodson não era ingênua a ponto de pensar que elas eram representativas das mulheres

americanas dos anos 70, das quais grande porcentagem ainda se opunha à Emenda dos Direitos Iguais e duvidava que pudesse, ou mesmo quisesse, sobreviver pessoal ou economicamente fora do sistema de casamento convencional. As mulheres não eram tão espontâneas sexualmente quanto os homens, concedia Dodson, mas ela atribuía isso ao condicionamento histórico do duplo padrão. Até que essa tradição fosse alterada, até que mais mulheres pudessem ter prazer na transa de uma só noite e em casamentos “abertos” — em que tanto o homem como a mulher mantinham relações sexuais ocasionais fora da unidade matrimonial —, um número demasiado grande de mulheres permaneceria dependente de um marido ou de um amante, em vez de depender de si mesmas para a realização sexual, econômica e emocional. “É preciso muita coragem para ser quem se é em qualquer situação de vida”, disse ela. “Quando você entra no sexo varietal, precisa confrontar seu potencial orgástico sobre uma base social, como o homem faz” — outra maneira de dizer que a variedade do sexo para as mulheres estaria menos restrita à “relação significativa” e mais relacionada com diversão e recreação, experimentação e experiência. “Amar uma única pessoa é antissocial”, disse Dodson, refletindo uma concepção expressa mais de cem anos antes por John Humphrey Noyes, de Oneida; e acrescentou: “É um conceito lindo, sexo social para o prazer afirmativo da vida, em vez de sexo baseado na economia e no poder, compra e venda e manipulação de seus genitais”.

Porém permanecia o problema de haver poucos lugares seguros nos Estados Unidos onde uma mulher disposta a

aventuras pudesse aprender pela experiência o que os homens vinham vivendo havia séculos. Existiam numerosos clubes de swing, mas eles tendiam a ser reuniões sub-reptícias em casas de subúrbio superlotadas, com cortinas abaixadas, além de sofrerem frequentemente batidas policiais, em consequência das reclamações de vizinhos abelhudos. De fato, talvez o único lugar do país em que as mulheres podiam se entregar ao sexo recreativo num ambiente aberto e agradável fosse Sandstone. Em sua primeira visita ao retiro de John Williamson, Betty Dodson ficou contente em descobrir que era exatamente como fora descrito por seus amigos da Costa Oeste. O terreno era lindo, a localização no alto do morro era idealmente distante e seus anfitriões, John e Barbara Williamson, tinham um casamento que era uma síntese da igualdade entre os sexos, uma união de duas pessoas responsáveis para quem o adultério não era um tabu e a mentira jamais era necessária.

Entre as centenas de membros do clube de Sandstone, havia alguns rostos e corpos familiares a Betty Dodson, que os reconheceu de suas festas em Nova York; entre eles, estava a antropóloga Sally Binford, sua amiga íntima e companheira feminista. Dodson também fez novas amizades durante seus dias e noites em Sandstone, sendo uma das mais interessantes com um cavalheiro inglês grisalho que ela notou pela primeira vez, certa noite, no “salão de baile” do térreo. Na ocasião, ela estava deitada nua sobre uma esteira, com dois homens também nus, num trio de massagem suave, agradavelmente absorta. Contudo, não pôde deixar de perceber a atenção fixa que recebia de um homem sentado sozinho do outro lado da sala, um sujeito de

óculos e ares de coruja que não parecia embaraçado pelo fato de que ela o estivesse observando enquanto ele a observava. Por fim, ela chamou-o com um aceno, e ele, sem hesitar, atendeu ao chamado. Quando chegou e sentou-se ao lado dela, Betty estendeu a mão em saudação, depois pegou a mão dele e pôs entre suas pernas, percebendo nesse gesto que lhe faltavam dedos. Essa foi a apresentação de Betty Dodson ao cavalheiro que era então o autor mais bem-sucedido e observador do sexo nos Estados Unidos, o dr. Alex Comfort.

Por mais improvável que parecesse a um visitante ocasional, o “salão de baile” de Sandstone, além de proporcionar um emaranhado de danças sexuais, era também um lugar em que o amor podia ser aceso e cultivado — experiência feliz que aconteceu a uma de suas frequentadoras mais sofisticadas e perspicazes, a dra. Sally Binford. Após três divórcios, casos variados, aventuras noturnas perto das universidades em que lecionava antropologia e muita traquinagem divertida no terreno profano do próprio Sandstone, ela conheceu no “salão de baile” um belo e sensível personagem-ator chamado Jeremy Slate, que figurou em vários filmes de Hollywood e descobrira Sandstone em 1970, quando namorava uma jornalista de Los Angeles que escrevera um artigo sobre os Williamson.

Loiro, olhos azuis, 1,80 metro, corpo atlético e elegante, senso de humor igualmente elegante, Jeremy Slate começara a carreira de ator nos palcos de Nova York, num papel secundário mas substancial da versão da Broadway de *Look Homeward, Angel*, de Thomas Wolfe. Seu desempenho nessa peça ganhadora do

prêmio Pulitzer abriu-lhe as portas para Hollywood, onde apareceu numa dezena de filmes e programas de televisão na década seguinte. Foi coadjuvante da série da CB *Malibu Run*, fazendo o papel de um mergulhador; foi um capitão de foguete em *Men in Space*; foi ator convidado em programas como *The Defenders* e *Naked City*. Slate foi um bandido no faroeste *Bravura indômita*, estrelado por John Wayne, e um aviador canadense em *A brigada do diabo*, ao lado de William Holden e Cliff Robertson. Além disso, trabalhou em vários outros filmes de ação, faroestes e comédias, estrelados por gente famosa como Bob Hope e Elvis Presley. Em 1968, depois de se divorciar da segunda esposa, a atriz Tammy Grimes, feriu-se num acidente de motocicleta quando fazia um filme sobre os Hell's Angels. Nos oito meses seguintes, com uma perna quebrada dentro de quase 20 quilos de gesso, viveu praticamente isolado em seu apartamento de Laurel Canyon, ruminando e meditando, fumando maconha e se masturbando — um ator coadjuvante sem ter o que coadjuvar pela primeira vez em anos.

Nesse período, passava longas horas lendo livros, inclusive as obras de Wilhem Reich. Quando recuperou o movimento, decidiu se concentrar mais em juntar os cacos de sua vida do que no negócio de desempenhar papéis. Mudou-se para um apartamento de Venice Beach, numa comunidade de artistas e hippies, e parou de perscrutar os jornais de Hollywood todos os dias, evitou os bares de atores que costumava frequentar e interessou-se pelo movimento a favor da paz, a contracultura e os estilos de vida alternativos. Entre as mulheres com quem saía na época estava a jornalista que lhe falou dos Williamson e de

Sandstone. Com um mínimo de esforço, ela o convenceu a acompanhá-la até lá, achando que seria divertido misturar-se com gente nua. Mas depois de subir as estradas cheias de curvas até o topo da montanha, visitar a propriedade com sua casa desinibida e captar imagens eróticas dos corpos no “salão de baile” mal iluminado, ele sentiu-se quase tonto e muito envergonhado — e impotente com a namorada quando tentaram fazer amor.

Mesmo assim, não desistiu de voltar, pois gostava realmente de ficar nu ao ar livre. E, à medida que foi se familiarizando com as pessoas e ficando mais à vontade consigo mesmo, deleitou-se com a raridade de ser abordado sexualmente pelas mulheres de Sandstone, entre elas a dra. Sally Binford. Atraído por ela assim que a viu, encantou-se com a relação que tiveram mais tarde no “salão de baile”, mas o sexo recreativo foi principalmente uma desculpa para ficarem juntos e explorarem na união carnal a proximidade mais profunda que ambos perceberam haver ali. Eram duas pessoas de mais de quarenta anos que até então tinham preferido amantes muito mais jovens, usando o sexo como uma fuga dos desafios intelectuais e incertezas de suas vidas. Mas após anos de desencanto com os valores de seus contemporâneos e vendo às vezes toda a sua geração simbolizada no materialismo e no racismo, nos cães da polícia e no napalm, ficaram extasiados ao descobrir um no outro um companheiro de contestação dos anos 50. Sally Binford fora mais militante do que Slate no movimento de Los Angeles contra a guerra, mas ele logo passou a acompanhá-la em passeatas e manifestações. Quando Anthony Russo, companheiro de Daniel

Ellsberg, foi preso, durante a controvérsia dos documentos do Pentágono, Jeremy e Sally foram visitá-lo na prisão federal de Terminal Island, que ficava a uma hora de carro de Sandstone, onde Russo ganhara uma bacanal de despedida antes de ir para a cadeia.

Depois da festa de Russo, Jeremy e Sally foram morar juntos em Venice. E uma vez que ela não estava mais lecionando na UCLA e ele não estava trabalhando em Hollywood, podiam circular pelo país à vontade. Em 1972, passaram meses na região de San Francisco, sustentando-se com suas economias, os resíduos de atuação de Jeremy e os royalties de dois sucessos de música *country-western* que escrevera: uma para Tex Ritter, intitulada “Logo além da lua”, e outra feita com Glen Campbell que saiu no lado dois do sucesso “Galveston” e se chamava “Como é que cada vez que sinto coceira acabo arranhando você?”.

No final de 1972, Jeremy e Sally mudaram-se temporariamente para Vermont, onde nos nove meses seguintes ela deu aulas de antropologia e estudos femininos no progressista e livre-pensador Goddard College, enquanto ele dirigia um seminário de conscientização masculina no qual disseminava a doutrina de Sandstone sobre a igualdade de direitos sexuais, obtendo uma reação positiva de muitos homens que concordaram com a concepção de que a eliminação do duplo padrão seria tão libertadora para os homens quanto para as mulheres. Nos fins de semana, visitavam ocasionalmente casais da Nova Inglaterra ou de Nova York que tinham estado em Sandstone e que apreciavam dividir a cama com convidados socialmente

compatíveis. Jeremy achava que era apenas uma questão de tempo para que imitações do salão de baile de Sandstone se tornassem públicas — o que, de fato, começou a acontecer anos depois, com a abertura do Plato's Retreat, em Manhattan, e de novos centros recreativos para casais, em outras cidades, nos quais o uso de roupas era opcional.

No outono de 1973, Sally comprou um trailer sofisticado, e eles partiram de volta para a Califórnia, via Canadá, parando alguns dias perto do Parque Nacional da Geleira, em Montana, para visitar John e Barbara Williamson, que tinham acabado de chegar, interessados em comprar cerca de 800 hectares de terra numa comunidade chamada White Fish, pretendendo criar um outro Sandstone num cenário mais espaçoso do que os 6 hectares no topo do Topanga Canyon, que se tornaram subitamente muito confinados. Nos últimos meses, nos morros adjacentes do cânion, à vista de Sandstone, várias casas novas haviam sido construídas, invadindo o que antes era uma paisagem ininterrupta de árvores e montanhas que se estendiam até a orla brumosa do Pacífico. E, após anos ocupando o centro de um casamento grupal frequentemente intenso — e ao mesmo tempo tentando dirigir um clube de casais em que os novos membros tinham de ser constantemente orientados e tranquilizados em suas apresentações traumáticas à sexualidade aberta —, os Williamson sentiam-se emocionalmente exaustos e claustrofóbicos, necessitando tirar uma folga da intimidade de outras pessoas. Enquanto esperavam que um sucessor comprasse e levasse adiante o trabalho em Topanga Canyon, John e Barbara tinham trazido com eles para Montana um grupo

seleto de Sandstone. Muita gente manifestara interesse em assumir a propriedade do cânion, mas apenas em 1974 o conselheiro matrimonial e terapeuta gestaltiano Paul Paige conseguiu capital suficiente e empréstimos bancários para comprar Sandstone e reabrir o clube de casais, que ficara inativo durante meses.

Paul Paige tinha 38 anos — oito menos que John Williamson — e era mestre em serviço social pela UCLA. Tinha mais de 1,80 metro de altura, corpo musculoso de ex-fuzileiro naval, olhos azuis e cabelos pretos bem penteados. Mas, embora fosse afável e mantivesse a postura de um conselheiro profissional, dava a impressão de que ferviam dentro dele muita energia e muito conflito, que tentava controlar com certa dificuldade. Fumava demais, e o fluxo de sua fala era prejudicado às vezes por uma leve gagueira. Exceto pelo interesse em sexo e pela crença de que boa parte da história mundial fora influenciada pelos demônios que habitavam a natureza erótica humana, Paul Paige tinha pouco em comum com John Williamson, cujo estilo sonolento lhe parecia oposto ao seu e cuja corpulência e pança considerava condizentes com a maneira desleixada como ele geria os negócios de Sandstone. Paige fazia questão de ordem, disciplina e bom gerenciamento e não via motivos para que essas características não pudessem se somar com quaisquer princípios utópicos que Sandstone pretendesse representar.

Tendo sido visitante frequente e membro pagante de Sandstone desde o começo de 1972, Paige percebera a decadência do lugar muito antes de comprá-lo. A casa e a paisagem não estavam recebendo a necessária manutenção

meticulosa, as estradas estavam rachadas e esburacadas, e John Williamson parecia ter perdido o entusiasmo de guru residente. Em vez de se unir ao grupo na casa principal antes do jantar, fazia as refeições no trailer que estacionara no ponto mais alto de Sandstone, ou ficava sentado sozinho na sala de estar, lendo um livro perto da lareira. Se condescendia em conversar com alguém, era geralmente com as poucas pessoas que considerava seus pares, como o colunista Max Lerner, o dr. Comfort, ou o dr. Ralph Yaney, um psicanalista e psiquiatra de Beverly Hills que visitava Sandstone com frequência.

Embora o lugar tivesse recebido muita divulgação pelos jornais e revistas em 1972, a direção não tivera imaginação e energia para se aproveitar disso e recrutar um grande número de novos membros. E não era segredo entre os frequentadores que Williamson perdera bastante dinheiro no ano anterior, o que Paige atribuía não apenas a sua liderança negligente, como também ao fato de que mantinha a anuidade em 240 dólares por casal, quantia que Paige dobrou logo que comprou a propriedade e começou a fazer melhorias. Entre outras coisas, mandou renovar a pintura e a decoração da casa principal, aumentar o deck e instalar uma Jacuzzi no gramado da frente. Restaurou o terreno circundante, consertou as estradas e remodelou as casas de hóspedes. Também anunciou Sandstone na imprensa e pôs-se à disposição para entrevistas na televisão (o que o tímido Williamson evitava). Com sua insinuante companheira de cabelos negros Theresa Breedlove, que morava com ele em Sandstone, Paul Paige recebia calorosamente os convidados e membros na

sala de estar e foi um fator decisivo para a revitalização de Sandstone.

Influenciado pelo Instituto Esalen, de Big Sur, que visitara muitas vezes no passado, Paige acrescentou ao pessoal de Sandstone vários especialistas que, mediante uma taxa, ofereciam de tudo aos membros e convidados — de sessões de rolfing e massagem a bioenergética e ioga. Pelo preço de 250 dólares, que incluía acomodações e refeições, casais que não eram membros eram convidados a passar um fim de semana, usando as instalações e frequentando clínicas de terapia gestaltista, sob a supervisão de Paige. Entre os participantes de um final de semana estavam Orson Bean, ator e personalidade da televisão, e sua esposa Carolyn, que ficaram amigos de Paige e passaram a frequentar ativamente Sandstone. Bean, que já fizera um tratamento reichiano — descrevendo-o depois em seu livro *Eu e o orgônio* —, passou a escrever sobre Sandstone em sua coluna do *Los Angeles Free Press*, além de fazer referências favoráveis ao lugar no programa de Johnny Carson. Sandstone foi tema também de artigos de revista — de Dan Greenburg para a *Playboy*, de Herbert Gold para a *Oui* e de Robert Blair Kaiser para a *Penthouse*. Em seu segundo best-seller, *Mais prazeres*, Alex Comfort dedicou um capítulo a Sandstone, onde escreveu:

Na Califórnia, abundam centros de “encontro” e “sensibilização”; as pessoas que vão a esses lugares encontram ou não a si mesmas [...] [e] uma grande proporção assume o ar de quem está passando por muito trabalho psicológico e comportamento verbal, quando o verdadeiro objetivo do exercício é trepar. A Sandstone podia-se ir com

bastante franqueza para trepar — mas, tendo resolvido isso, os participantes ficavam surpresos ao descobrir que se seguiam com frequência “sensibilização”, “encontro” e uma boa quantidade de genuína autoeducação. Eles tanto se deleitavam como reavaliavam seus objetivos e autoimagens. Em consequência, discípulos de Sandstone (alguns dos quais podem ter estado lá apenas uma vez) dedicam-se amplamente ao aconselhamento sexual, inclusive aqueles patrocinados por igrejas. Por seu tamanho e pelo fato de que o experimento original, iniciado por John e Barbara Williamson, durou somente quatro anos, sua influência potencial, por meio de contatos, só ficará evidente com o tempo — foi o primeiro e único encontro de gente “quadrada” com a sexualidade genuinamente aberta num cenário estruturado. O fato de ter recriado uma experiência intensa de inocência infantil em adultos tensos deixa muitos do que ali estiveram nostálgicos ou entusiasmados em excesso, mas, descontando isso, foi bastante notável sua capacidade de facilitar o tipo de “crescimento” buscado pela psicologia individual.

A pedido de Paul Paige, o dr. Comfort tornou-se consultor não oficial de Sandstone, e seu nome aparecia no folheto que era periodicamente enviado pelo correio. Em ocasiões especiais, o dr. Comfort fazia palestras para uma plateia que pagava 25 dólares por cabeça. Num fim de semana de casa aberta no começo de junho de 1974, mais de duzentas pessoas subiram pela estrada enevoadada para ouvi-lo, reunindo-se na casa lotada com membros veteranos como Sally Binford e Jeremy Slate, que semanas antes tinham estacionado seu trailer no alto de um

morro e estavam residindo em Sandstone. O dia estava tão nublado e frio que a maioria da plateia ficou vestida, uma cena incomum em Sandstone.

Além de Alex Comfort, o público ouviu uma intervenção breve de Al Goldstein, *publisher* do *Screw*, e de Nat Lehrman, *publisher* associado da *Playboy*. Na mesma ocasião, o segundo palestrante foi um escritor de Nova York chamado Gay Talese, que estava fazendo uma pesquisa sobre sexo nos Estados Unidos para um livro a ser publicado pela Doubleday & Company.

Magro, olhos negros, 43 anos e cabelos castanhos começando a ficar grisalhos, Talese não era totalmente estranho às pessoas da plateia. Visitara várias vezes Sandstone no passado, inclusive o salão de baile, e o livro que estava escrevendo já recebera uma divulgação desmedida em muitos jornais e revistas. Porém a maior parte das notícias sobre ele eram jocosas, sugerindo que sua técnica de reportagem de “observador participante” do mundo do erotismo — frequentar casas de massagem, passar tardes em cinemas pornográficos, familiarizar-se com clubes de troca de casais e orgias de todo o país — não passava de um estratagema engenhoso para se entregar à carnalidade e ser infiel à esposa, tudo em nome da “pesquisa”.

Talese jamais refutara abertamente essa ideia, supondo que qualquer tentativa de negá-la poderia marcá-lo como um homem na defensiva — que era como de fato ele muitas vezes se sentia — ou poderia rotulá-lo de hipócrita da Primeira Emenda, por tolerar a pornografia mas opor-se ao direito dos meios de comunicação de comentar seu atos. Entretanto estava muito consciente de que sua matéria supostamente ideal era amiúde

menos agradável do que as outras pessoas pensavam. Incomodava-o ainda mais o fato de que, após três anos de pesquisa e muitos meses de meditação diante da máquina de escrever, fora incapaz de escrever uma única palavra. Nem sabia por onde iniciar o livro. Nem como organizar o material. Nem se o que esperava dizer sobre sexo já não fora dito em dezenas de outras obras publicadas recentemente, escritas por terapeutas matrimoniais, historiadores sociais e celebridades da televisão.

O próprio Talese se tornara um convidado assíduo de programas de entrevistas, graças à publicidade que ganhara ao ser descoberto por um colega trabalhando como gerente numa casa de massagens de Nova York, um jornalista lúbrico chafurdando em prazeres oleosos; Talese tentava negar essa imagem, às vezes, com excessivo fervor, enfatizando na televisão a seriedade de suas intenções literárias. Sua palestra em Sandstone teve o mesmo objetivo: queria apresentar-se ao público, de modo simples e despretensioso, como um dedicado pesquisador e escritor que, vida pessoal e vícios à parte, naquele momento estava trabalhando numa das histórias mais importantes de sua vida, em que descreveria na intimidade muitas das pessoas e acontecimentos que, nas últimas décadas, tinham influenciado a redefinição da moral nos Estados Unidos.

Depois de ser apresentado por um jovem membro da equipe de Sandstone chamado Martin Zitter, uma das poucas pessoas na sala que estavam completamente nuas, Talese subiu ao tablado com um texto preparado de antemão e começou sua palestra. “Esta nação está sendo gradualmente surpreendida por uma revolução silenciosa dos sentidos, um afastamento do

convencionalismo. E mesmo na classe média, que é onde estou concentrando minha pesquisa, há agora uma tolerância crescente para com a expressão sexual em filmes e livros e uma maior aceitação por parte dos casais em seus quartos daquilo que era considerado ‘pervertido’ — espelhos, luzes coloridas e velas, vibradores, lingerie da Frederick’s de Hollywood, vídeos pornográficos, sexo oral e outros atos que muitas leis estaduais ainda condenam como ‘sodomia’. O sucesso de *Os prazeres do sexo*, que seria rotulado de ‘pornografia’ há poucos anos, é outro exemplo de como diminuiu o constrangimento da classe média em relação às imagens eróticas.” Talese continuou, indicando com a cabeça o dr. Comfort, sentado a seu lado. “Esse livro já vendeu 700 mil exemplares em capa dura até agora; é um livro para as massas, que se vê nas vitrines da rua Principal e nas mesas de café da América Média, ainda que exiba desenhos de casais nus fazendo amor em todas as posições concebíveis.”

“Em jantares educados”, continuou Talese, “veem-se agora pessoas discutindo aspectos íntimos de sua vida privada de maneira que seria socialmente inaceitável na metade dos anos 60. Os bares de homossexuais não são mais alvos constantes de batidas policiais desde que os militantes homossexuais se organizaram. E a maioria dos pais de classe média de estudantes universitários está resignada com o fato de que o sexo antes do casamento seja habitual em apartamentos fora dos campi, ou mesmo nas residências estudantis dentro da universidade. Embora eu não possa provar isso, penso que os maridos de classe média agora, mais do que nunca na história americana, podem suportar a ideia de que suas mulheres não

eram virgens quando se casaram — e que elas tiveram, ou *estão tendo*, um caso extraconjugal. Não estou dizendo que os maridos não ficam incomodados com isso”, enfatizou Talese, erguendo os olhos de seu texto. “Estou apenas sugerindo que o marido contemporâneo, ao contrário de seu pai e seu avô, não fica tão chocado ou destruído com essa notícia; é mais provável que aceite as mulheres como seres sexuais, e apenas em casos extremos irá retaliar com violência contra a mulher infiel ou o rival masculino.”

Ao contrário da plateia, que era dez ou vinte anos mais moça do que ele, Talese tinha lembranças pessoais da atmosfera moral rígida dos anos 30 e 40, em particular nas cidades pequenas e homogêneas como aquela em que nascera e crescera, uma comunidade vitoriana do sul de Nova Jersey, onde ainda nos anos 70 a venda de bebidas alcoólicas era proibida. Lembrava-se de ouvir na adolescência, quando era coroinha, as previsões estridentes do padre aos paroquianos sobre punição celestial para quem lia algum livro listado no *Índex* ou frequentava cinemas que exibissem filmes condenados pela Legião de Decência. Na escola paroquial, as freiras advertiam-lhe que devia dormir deitado de costas, com os braços cruzados no peito, as mãos postas nos ombros opostos — uma posição supostamente santa que, não por acaso, tornava a masturbação impossível. Talese já estava no segundo ano da faculdade quando se masturbou pela primeira vez, excitado por fantasias com uma colega que estava namorando, e não por alguma fotografia de revista masculina, que tinha vergonha de comprar.

Mas de repente, no final dos anos 50 e começo dos 60 — ou assim lhe parecia —, as revistas masculinas saíram de baixo do balcão, os romances eróticos não foram mais proibidos, a nudez apareceu nos filmes de Hollywood. Essas mudanças não eram evidentes apenas nas grandes cidades por onde passava como jornalista e escritor free-lance, mas também em lugares conservadores como sua cidade natal, que visitava periodicamente. Em 1971, quando estava pensando em possíveis temas para seu próximo livro, decidiu que o que mais o intrigava era a nova abertura do país para o sexo, a expansão do consumo de material erótico e a rebelião silenciosa que percebia na classe média contra os censores e clérigos que tinham sido uma força inibidora desde a fundação da república puritana.

Após ler vários livros sobre leis sexuais e censura, observar nos tribunais muitos processos relativos a obscenidade e entrevistar os editores do *Screw* e publicações similares, Talese começou sua odisseia pessoal pelo mundo do sexo, aventurando-se em casas de massagem e tornando-se um cliente habitual. Notara pela primeira vez esse tipo de estabelecimento em sua vizinhança certa noite em que voltava com a esposa do bar de P. J. Clarke. Numa janela de terceiro andar da avenida Lexington, perto da Bloomingdale's, piscava um letreiro de néon anunciando "Modelos nus ao vivo". Ficou espantado com que um negócio daqueles pudesse funcionar de forma tão ostensiva.

No dia seguinte, ao meio-dia, sozinho, retornou ao prédio, subiu três lances de escadas e entrou por um portal acortinado no que parecia ser a sala de estar de uma casa velha e

descuidada. O tapete oriental estava desgastado e desbotado, os sofás, mesas e abajures deviam provir de lojas de móveis usados, e os homens de meia-idade em silêncio, esperando sentados como pacientes num consultório de dentista, pareciam incapazes de se concentrar nos jornais e revistas que seguravam diante dos olhos.

O gerente, rapaz de cabelos longos, jeans e colar de contas, disse a Talese que o preço era dezoito dólares por uma sessão de meia hora e que ele podia escolher sua massagista entre a meia dúzia de mulheres cujas fotografias estavam no álbum aberto a sua frente. Talese escolheu uma jovem loira de aparência agradável, chamada June, que a foto mostrava de biquíni, numa praia tropical. Depois de esperar vinte minutos, dividindo seu tempo entre folhear a *Newsweek* e observar as chegadas e partidas silenciosas dos clientes, na maioria homens de sua idade ou mais velhos, de terno e gravata — provavelmente executivos em visitas furtivas de hora do almoço —, o gerente acenou para ele. Ao se levantar, Talese viu, de pé no corredor, uma mulher loira e sardenta que tinha apenas uma leve semelhança com a June da fotografia — e talvez nem fosse a mesma pessoa —, mas que mesmo assim era bastante atraente. Tinha olhos escuros e era esguia, estava com uma saia cor-de-rosa enrolada na cintura, camiseta amarela e sandálias. Enquanto o conduzia pelo corredor até a sala 5, carregando um lençol de solteiro engomado que pegara no armário, falou com sotaque sulista.

Era do Alabama, estado em que Talese cursara a universidade, e logo ficou impaciente quando ele começou a falar de suas

reminiscências do Sul. Tratava-se de um encontro de trabalho, ela o lembrou, o relógio estava andando, era melhor ele tirar as roupas e deitar-se na mesa onde acabara de estender o lençol. Depois que ele obedeceu, ela começou a se despir e, ao se virar, revelou um corpo bem cuidado que ele achou excitante.

“Óleo ou talco?”, perguntou ela, aproximando-se da mesa. Ele olhou com indecisão em volta da sala.

“Há chuveiros aqui?”, perguntou, depois de uma pausa.

“Não.”

“Então fico com o talco.”

June pegou uma lata de talco Johnson's, e logo ele sentiu seus dedos acariciando suavemente seus ombros e o peito; depois, ela desceu para sua barriga e as coxas. Ele a observou inclinar-se sobre seu corpo, movendo os braços e os seios, as mãos brancas de talco. Podia sentir o perfume dela, ao mesmo tempo que sentia a palma das próprias mãos úmidas de suor e o pênis levantar-se. Fechou os olhos e ouviu os suspiros de outros homens nas salas vizinhas; escutou também o ruído da rua, a buzina dos carros, o ranger dos ônibus que arrancavam e pensou na Bloomingdale's e na Alexander's, do outro lado da rua, e nas multidões de clientes e vendedoras que naquele momento estavam inclinadas sobre balcões, comprando e vendendo...

“Você quer alguma coisa especial?”, perguntou ela.

Ele abriu os olhos. Viu que ela olhava para seu pênis.

“Podemos fazer sexo?”, perguntou ele. Ela negou com a cabeça.

“Não faço isso. Também não chupo. Só dou locais.”

“*Locais?*”

“Com as mãos”, explicou ela.

“Tudo bem. Vou querer uma local.”

“Para isso tem de pagar mais.”

“Quanto mais?”

“Quinze dólares.”

É demais, pensou ele. Mas, na excitação em que estava, não tinha condições de pechinchar, então assentiu com a cabeça e observou com curiosidade e expectativa enquanto ela borrifava sua virilha com talco e passava a acariciá-lo com destreza até o orgasmo — percebendo habilmente o momento certo em que devia puxar um lenço de papel da caixa ao lado.

Algumas pessoas poderiam achar a experiência degradante ou humilhante, no entanto Talese gostou da estranheza e da natureza impessoal daquele contato. Depois dessa primeira visita, retornou várias vezes, fazendo sessões não somente com June, mas com várias outras massagistas, e por meio delas ficou sabendo que havia lugares semelhantes em toda a cidade de Nova York.

No resto daquele ano e em 1972, visitou dezenas de estabelecimentos do gênero com tanta regularidade que passou a conhecer socialmente não apenas as massagistas, como também seus jovens gerentes e donos. Alguns deles, tendo estudado letras ou jornalismo na universidade, conheciam a obra de Talese e achavam um “barato” que ele fosse um cliente e aficionado de seus serviços. Aceitaram então seus convites para jantar em restaurantes, deixaram-se entrevistar e autorizaram-no a citar seus nomes no possível livro futuro. Dois deles permitiram,

por fim, que Talese trabalhasse em suas casas de massagem como gerente, sem receber salário.

Seu primeiro emprego foi no Secret Life Studio, no terceiro andar — sem elevador — da rua 26 Leste, 132, na esquina da Lexington. Durante muitas semanas da primavera e do verão de 1972, trabalhou do meio-dia às seis da tarde, sendo responsável por receber o dinheiro, verificar o suprimento de lençóis, conversar com os clientes na sala de espera e ficar de olho no relógio depois que a massagista levasse o homem para a sala privativa. Quando o cliente saía, se havia algum intervalo na atividade, Talese fazia perguntas à massagista sobre a sessão, sobre o que o homem falara, o que revelara de sua vida pessoal e profissional, suas frustrações, aspirações e fantasias. Logo convenceu as massagistas a escreverem diários para ele — documentos em que descreveriam os clientes do dia, contariam o que fora dito e feito atrás das portas fechadas e revelariam o que a própria massagista estivera pensando enquanto satisfazia os desejos deles. Embora ainda tivesse de organizar as cenas e encontrar uma linha para a história, a intenção de Talese era escrever sobre a relação entre duas personagens da vida real num estúdio de massagem: um executivo conservador de meia-idade e uma estudante hippie que satisfazia as necessidades eróticas dele, capitalizava em cima de suas inibições e, eventualmente, tornava-se sua amiga e ajudava-o a se livrar de boa parte da culpa e da vergonha que em geral ele trazia consigo para a casa de massagem. A partir do encontro e do papo com centenas de clientes e, depois, da leitura dos diários, o autor percebeu que tinha pouca dificuldade em se identificar com eles

— ele era eles em muitos aspectos e na leitura das anotações das massagistas reconheceu observações que poderiam descrevê-lo com acuidade.

Como a maioria daqueles homens, Talese estava emocionalmente comprometido com um casamento de longa data que queria manter. É verdade que tivera casos, mas nunca quisera trocar a esposa pelas outras mulheres, embora continuasse a admirá-las e mantivesse amizade com muitas delas. As prostitutas jamais o atraíram, sobretudo porque as que percorriam as ruas eram invariavelmente jovens pouco instruídas do gueto, com problemas de drogas e raramente atraentes. Mas mostrara-se muito sensível à massagista com formação universitária, um tipo diferente de “prostituta”, com quem se podia ter um relacionamento que não fosse mero sexo.

Muitos frequentadores habituais de casas de massagem, como Talese, não gostavam da masturbação solitária; na linguagem da geração mais jovem, era um baixo-astral. Porém ser masturbado por uma massagista atraente, estar na presença física de uma mulher com quem havia certa comunicação e algum entendimento, se não amor, era gratificante e divertido. Com o passar dos meses, Talese começou a considerar a massagista uma espécie de terapeuta não licenciada. Assim como milhares de pessoas pagavam psiquiatras para serem ouvidas, aqueles homens pagavam para serem tocados.

E, se a maioria dos clientes de massagem fosse parecida com Talese — e suas conversas com eles e a leitura dos diários convenciam-no disso —, suas atividades sexuais com massagistas não diminuíam a paixão pelas esposas em casa.

Elas eram, na verdade, ainda mais desejadas pela maioria deles nas noites seguintes a uma sessão vespertina no estúdio, pelo que lhe disseram. Aparentemente, as massagistas ativavam os impulsos sexuais de homens mais velhos, deixavam-nos mais satisfeitos consigo mesmos, mais contentes em casa, mais dispostos a satisfazer suas esposas na cama e fora dela.

Entretanto, enquanto escutava os homens e conversava com as jovens massagistas — nos meses em que gerenciou o Secret Life Studio e depois o Middle Earth, na rua 51 Leste —, Talese foi se dando conta de que jamais uma mulher telefonara para saber se havia massagistas homens disponíveis para seu prazer. Não se tratava de ignorância: havia anúncios de casas de massagem na traseira de táxis, em cartazes colados nas ruas e em jornais como o *New York Post* e o *Village Voice*, prometendo satisfação sensual para homens e mulheres. E Talese tinha certeza de que em toda a Nova York deveria haver numerosas mulheres — viúvas, solteironas, executivas de meia-idade liberadas — que poderiam apreciar uma massagem no meio do dia, com iguarias eróticas, inclusive sexo oral ou coito, num ambiente agradável e recompensador do East Side que oferecesse alguns dos mimos de um salão Elizabeth Arden ou de um clube luxuoso para mulheres. Os donos de estúdios e as massagistas com quem Talese conversou garantiram-lhe que não havia esse mercado. Fora aberto um estabelecimento desse tipo dentro de um bom hotel do East Side, com muita divulgação, mas não conseguira atrair clientela feminina para seus jovens massagistas e tinha fechado. Concluía-se que as mulheres não estavam dispostas a pagar por esse serviço. Pagavam para homens passarem xampu

em seus cabelos, desenhar suas roupas, acalmar sua psique, achatar sua barriga em aulas de ginástica, mas não dariam dinheiro a eles por masturbação manual, cunilíngua ou coito com cartão de crédito.

Até mesmo o papel de gigolô era muito mal compreendido. Talese ouviu homens bem qualificados para comentar o assunto: embora houvesse mulheres ricas que sustentavam homens jovens, eles funcionavam como acompanhantes e filhos, em vez de amantes. A maioria dos gigolôs era homossexual, e as matronas que os protegiam eram amiúde chamadas, até mesmo por seus subsidiados, de *fag hags*.¹⁷ Parecia que o pênis, por si mesmo, exceto para os homossexuais masculinos, não era um artigo muito vendável no mercado sexual americano. Poucas mulheres podiam ser excitadas com a visão de um pênis ereto, *exceto* se estivessem previamente dispostas ao homem que vinha junto com ele. Afora o perigo potencial envolvido em caçar homens desgarrados em lugares públicos, a mulher heterossexual média não tinha prazer no coito sem um sentimento de familiaridade com o parceiro ou interesse pessoal nele. Se buscasse apenas um orgasmo, preferia masturbar-se em seu quarto, com um vibrador com formato de pênis a usar o artigo genuíno de um homem estranho. “É tão natural para uma mulher rejeitar o aparato sexual de um homem estranho quanto é para o corpo humano tentar rejeitar qualquer objeto estranho, seja um vírus microscópico ou um transplante de órgão incompatível”, disse certa vez um terapeuta matrimonial a Talese. “A palavra-chave é ‘estranho’: se um homem é *estranho* para uma mulher, seu pênis é estranho também, e ela provavelmente

não vai querê-lo dentro de si, pois sua pessoa seria invadida. Mas se não é estranho a ela, se faz parte de alguém que ela conhece, em quem confia, com quem deseja uma relação, então pode pô-lo dentro de si, aceitá-lo e sentir-se em harmonia com ele.”

Era lógico, portanto, continuou o terapeuta, que as mulheres não reagissem a fotografias de homens nus em revistas da mesma forma que os homens reagiam às mulheres — conclusão que muitas mulheres confirmaram depois em entrevistas a Talese. Era rara a mulher que dizia masturbar-se olhando para imagens de homens nus, por mais lindo ou bem-dotado que fosse o modelo. As bancas estavam abarrotadas de revistas masculinas, mas havia apenas uma revista vistosa — *Playgirl* — que exibia homens para um público supostamente feminino. Outra publicação, chamada *Viva*, tentara antes interessar as mulheres por esse tipo de foto, mas desistira e, mais tarde, falira.

Em 1973, Talese visitou as principais cidades da Europa, para ver se as mulheres europeias, não afetadas pelos vestígios do puritanismo americano, eram mais sensíveis ao sexo mercenário em casas de massagem (às vezes chamadas de “clubes de sauna”) e mais interessadas em exposições da nudez masculina em revistas, mas descobriu que elas não pareciam diferentes de suas camaradas de Nova York. Em Londres, Paris e até mesmo na permissiva Copenhague, não encontrou nenhuma mulher que frequentasse casas de massagem; encontrou muito poucas que gostavam de espetáculos de sexo ao vivo ou filmes pornográficos e constatou que eram raras as fotos de homens nus em revistas femininas. Em suas caminhadas noturnas pelas ruas europeias,

Talese viu o mesmo que em Nova York: homens solitários entrando e saindo de estúdios de massagem, homens negociando com prostitutas, homens de olhos fixos nas mulheres que se apresentavam em bares topless ou bottomless. Eles admitiam ter um fascínio incansável pela forma feminina nua, apreciavam as mulheres de uma maneira impessoal e desapaixonada que elas raramente entendiam mesmo que se sentissem lisonjeadas com esse tipo de atenção. Os homens eram voyeurs naturais; as mulheres eram exibicionistas. As mulheres vendiam prazer sexual; os homens compravam-no. Nas situações sociais, em coquetéis, ou na busca de um caso ou romance no escritório, a iniciativa era quase sempre dos homens, e a inibição era quase sempre das mulheres. O ex-marido de uma atriz europeia famosa disse a Talese: “Homens e mulheres são inimigos naturais. As mulheres começam na adolescência, muitas vezes inconscientemente, a excitar os homens; usam suéteres justos, pintam os lábios, perfumam-se, rebolam e, quando deixam os homens famintos por elas, ficam recatadas e respeitáveis de repente”. Os homens querem o que as mulheres têm para dar, admitia ele, mas elas o negam até que certas condições sejam cumpridas ou certas promessas sejam feitas. As mulheres podem dar a um homem sem poder um sentimento temporário de potência, ou pelo menos a garantia de que ele não é totalmente impotente; e para um homem, prosseguiu ele, não há substituto para aquele lugar cálido e receptivo entre as pernas de uma mulher, o lugar do nascimento, para onde os homens tentam continuamente voltar. Mas há quase sempre um preço para a readmissão, acrescentou ele, e às vezes o preço é alto. A

Igreja e a Justiça tentam “socializar o pênis”, restringir seu uso a ocasiões valiosas, como o casamento monogâmico. “O casamento é uma forma de controle armamentista sobre o pênis”, mas é incapaz de controlar totalmente o excesso da energia sexual masculina, e muito dessa energia é gasto na indústria pornográfica e nas zonas de prostituição das cidades, áreas que as delegacias de costumes, os padres celibatários e alguns homens que odeiam as mulheres querem eliminar. “Essas campanhas de limpeza”, concluía ele, “são realmente uma batalha contra o sistema biológico masculino e vêm acontecendo, de uma forma ou de outra, desde a Idade Média.”

De volta aos Estados Unidos, Talese continuou sua pesquisa em viagens pelo interior, entrevistando homens e mulheres comuns, bem como líderes comunitários e celebridades locais. Conversou tanto com casais monogâmicos e casais praticantes assumidos da troca de parceiros quanto com promotores e advogados de defesa, teólogos e conselheiros matrimoniais. Passou semanas em Virgínia Ocidental, Kentucky, Indiana, Ohio e depois desceu para o Cinturão da Bíblia, onde ouviu sermões em igrejas e compareceu a reuniões municipais, prestou atenção nas conversas dos outros em bares, visitou distritos policiais e os bairros da pesada. Durante o dia, passeava pelas zonas comerciais, notando a proximidade das Woolworth’s e J. C. Penney¹⁸ com as casas de massagem e cinemas pornôs. À noite, demorava-se nos saguões dos Holiday Inns, Ramadas e outros hotéis, observando que homens com terno cinzento e pasta de executivo compravam *Playboy* e *Penthouse* antes de subirem para seus quartos.

Observou também casais jovens com filhos e caminhonetes entrando em shopping centers; sólidos rotarianos e kiwanianos,¹⁹ com camisas de cetim escandalosas, jogando boliche; mulheres sardentas do interior, com rolinhos nos cabelos, retirando romances góticos de bibliotecas escolares; moradores bronzeados de subúrbios de classe média jogando partidas de tênis em duplas mistas; membros da geração pepsi cantando no coro da igreja aos domingos. Depois de longas conversas com esse tipo de gente, Talese percebeu que a vida familiar normal e as tradições americanas perduravam na superfície, mas no âmbito individual estavam sendo repensadas e reavaliadas. Nas viagens, Talese procurava não esquecer de que, apesar das mudanças sociais e científicas relevantes para a Revolução Sexual — a pílula, a reforma das leis sobre aborto e as restrições legais à censura —, havia milhões de americanos cujo livro favorito continuava a ser a Bíblia, que não cometiam adultério e tinham filhas universitárias ainda virgens. A *Reader's Digest* indiscutivelmente prosperava, e, embora a taxa de divórcio fosse mais alta do que nunca, o mesmo acontecia com a de segundas núpcias.

Ainda assim, Talese estava mais impressionado com as amplas mudanças que haviam alterado a consciência da classe média americana desde sua formatura na universidade; embora muita gente nos anos 70 acalentasse a esperança de um retorno ao conservadorismo dos anos 50, ele duvidava que isso fosse possível. Seria preciso declarar ilegais o aborto e os contraceptivos, prender os adúlteros, censurar não somente *Playboy*, mas também *Vogue* e os anúncios de lingerie da

Maidenform na revista de domingo do *New York Times*. A decisão Miller da Suprema Corte em 1973 parecera, na época, um pronunciamento agourento, vitimando gente como William Hamling; entretanto, segundo as previsões dos advogados com quem Talese conversou depois e a quem acompanhou em julgamentos de obscenidade, Miller não sustentaria a tendência que, de início, alarmara os defensores das liberdades civis. Dizia-se que a maioria dos júris contemporâneos era mais liberal do que os juízes idosos da nação, e até mesmo na conservadora Wichita o editor do *Screw* vencera os promotores federais num processo referente a obscenidade. Um ano depois da decisão Miller, a revista *Hustler* apareceu nas bancas do país, ampliando os limites do explícito, e a equipe editorial não se intimidou quando seu *publisher* ficou parálítico por causa dos vários tiros que levou de um indivíduo não identificado, na calçada de um tribunal da Geórgia. E em várias partes do país atrizes surpreendentemente atraentes concordavam em trabalhar em filmes de sexo explícito.

Talese assistiu às filmagens de um deles nos morros isolados da Pensilvânia, na sede de uma grande propriedade rural alugada para esse fim. Passou uma semana com o elenco e a equipe técnica. Vários membros do grupo, inclusive o diretor, tinham colaborado em *Garganta profunda* e *O diabo em miss Jones*. O filme rodado na Pensilvânia — intitulado *Memórias dentro de miss Aggie* — deu menos lucro que os anteriores, mas era parecido com eles no tipo de enredo, nas cenas de sexo grupal, nas tomadas de pênis ejaculando e no comportamento sexual agressivo das atrizes na tela. Talese suspeitava que eram

essas cenas de mulheres convidando jovialmente os homens para a cama e parecendo desinibidas em relação ao sexo impessoal que realizavam as fantasias da maioria dos frequentadores de meia-idade dos cinemas pornográficos nas grandes e pequenas cidades. As estrelas dos filmes pornô, ao contrário das mulheres da vida real, tornavam seus corpos rapidamente disponíveis, não rejeitavam os avanços dos homens, exigiam um mínimo de carícias preliminares, pareciam multiorgásticas e não procuravam promessas românticas. Heroínas como Georgina Spelvin, Marilyn Chambers e Linda Lovelace usavam os homens para seu prazer e até chamavam um segundo ou terceiro ator depois que o primeiro se exauria. Os críticos da pornografia acusavam os filmes de sexo explícito de explorar as mulheres e glorificar a violência, mas não era isso que Talese estava vendo em pessoa, como não vira em numerosos filmes exibidos na Times Square e em cinemas decadentes do resto do país.

Se era violência o que o público queria, era mais fácil encontrá-la em filmes censurados para menores de catorze anos ou até os de censura livre: filmes de guerra, os épicos do Poderoso Chefão, as inúmeras imitações do horror psíquico de *O exorcista*. Em comparação, os filmes de sexo explícito eram passivos, e se havia alguma queixa legítima a fazer contra eles era o preço do ingresso: cinco dólares era demais para a qualidade inferior da película, os cenários de segunda, a canastrice até mesmo nas cenas de alcova, em que os atores perdiam a ereção e tentavam inutilmente simular a cópula. Em suas excursões ao cinema, Talese viu exemplos de “pornô

infantil”, que exibiam a sexualidade de menores, mas tais filmes eram realmente poucos, com uma plateia muito limitada. Assistiu também a vários filmes sadomasoquistas, que mostravam em papéis dominantes tanto homens como mulheres, como deusas de salto alto flagelando homens com chicotes, apertando seus órgãos genitais e não raro agachando-se sobre o corpo de um homem deitado e urinando em seu rosto. O que quer que se dissesse sobre essas cenas, Talese imaginava que muitos homens achavam sexualmente educativa a visão em close-up de mulheres agachadas, pois concluíra havia tempo que a maioria dos homens de sua geração não sabia que a mulher urinava de uma abertura diferente daquela que usava para fazer amor.

Deixando na Pensilvânia a trupe de cinema — que tivera de estender a filmagem por mais um dia porque um ator não conseguira ejacular no momento certo —, Talese foi a Chicago, onde fez amizade com o proprietário de uma casa de massagem da avenida South Wabash: Harold Rubin. Era um homem de trinta e poucos anos, robusto e um pouco baixo, queixo saliente, olhos azuis e cabelos loiros compridos e lambidos. Quando Talese o encontrou pela primeira vez, estava dominado por um desprezo incontrolável pelo prefeito Daley, a polícia de Chicago e os fiscais municipais de obras e incêndio que, segundo ele, estavam atormentando-o e tentando fechar seu negócio. Retirou da escrivaninha e mostrou a Talese um aviso de despejo mandado pelo senhorio, citando, entre outras supostas infrações, o fato de Rubin haver exibido na vitrine um cartaz que dizia: “Enrabe Nixon antes que ele enrabe você”.²⁰ Rubin disse que havia pouco fora multado em 1200 dólares por um juiz, por

vender livros alegadamente obscenos; também recebera a falsa acusação de ter jogado quase um metro cúbico de esterco de cavalo nos degraus da prefeitura de Berwyn, o subúrbio de Chicago em que morava. A esposa de Rubin, uma bela massagista morena, perturbada com suas contínuas controvérsias com a Justiça, acabara de abandoná-lo e partira para a Flórida, deixando para trás seu filho de três anos, que andava de triciclo e espalhava brinquedos na sala de recepção e no corredor da casa de massagem.

Os negócios haviam caído muito com a escalada das batidas policiais, admitia Rubin; tendo pouco a fazer às tardes, falou longamente com Talese sobre as vagas esperanças para o futuro, as lembranças de uma juventude desperdiçada e seu histórico de confusões em Chicago. No entanto, apesar dos protestos e rixas com as autoridades, Rubin parecia gostar de sua imagem de rebelde e devasso numa cidade tão conformista. Quando os redatores de manchetes jornalísticas da cidade começaram a chamá-lo de “Harold Bizarro”, adotou o epíteto como nome oficial do estabelecimento. Mas longe das luzes de néon e dos cartazes pornográficos de seu negócio parecia tão conservador quanto seus críticos mais ferozes. Morava tranquilamente na comunidade de Berwyn com o filho, visitava a avó viúva duas vezes por semana e mantinha seu apartamento, exageradamente enfeitado, numa ordem obsessiva. Colecionava objetos de arte, aparelhos antigos e bugigangas frágeis, guardadas em estojos de vidro ou caixas de metal que espanava e polia com frequência. Nas paredes havia cartazes da virada do século, e as cadeiras e os sofás da sala eram mais velhos que

sua avó. Tocava música num fonógrafo Edison de 1910 e orgulhava-se de sua geladeira de madeira, da vitrola automática Packard e da igualmente antiga máquina de goma de mascar Pulver. Nas estantes do quarto bem arrumado havia volumes antigos encadernados em couro; no guarda-roupa, pilhas organizadas de revistas de nudismo dos anos 50, a maioria contendo fotos da mulher que ocupara o centro das fantasias de Rubin durante boa parte de sua vida: Diane Webber.

A massagista com quem ele se casara se parecia mais do que levemente com a modelo californiana de seus sonhos. No primeiro ano em que estavam juntos, Rubin a levava às florestas do condado de Cook, onde, em locais escondidos da mata, tirava fotos dela nua, exatamente na mesma pose em que vira Diane Webber nas revistas que guardava com tanto cuidado. O entusiasmo com que ele lembrava seus encontros imaginários com Diane Webber no quarto de infância logo motivaram Talese a ir ao sul da Califórnia em busca de seu próprio encontro com a modelo. Descobriu o endereço e o telefone dela com a ajuda de fotógrafos com quem ela trabalhara, escreveu-lhe e deixou vários recados na secretária eletrônica — sem obter resposta; por fim, com a cooperação do marido de Diane, um editor de documentários de Hollywood, finalmente conseguiu uma entrevista em sua casa de Malibu, numa tarde cinzenta e fria, que ficou ainda mais gelada com a recepção que teve.

Diane Webber não sorriu quando abriu a porta, descalça. Com quarenta e tantos anos, jeans desbotados e uma camisa masculina grande demais que escondia seu corpo pequeno e um tanto roliço, cabelos morenos longos e óculos de aros escuros,

tinha a aparência que estava então na moda entre as feministas. Suas primeiras palavras pareceram mais uma preleção do que uma forma de saudação. Ela *não* ficara impressionada com a persistência de Talese em encontrá-la e esperava que a entrevista fosse curta. Lembrou-o de que era agora uma cidadã comum, e não uma figura pública, enquanto se virava para conduzi-lo a um sofá moderno numa sala bem arrumada com vista para a praia. Admitia ter gostado de posar nua na época, mas agora se dedicava totalmente à carreira de professora de dança para mulheres da comunidade vizinha de Van Nuys. Ensinava a difícil arte da dança do ventre na Everywoman's Village e às vezes se apresentava, acompanhada de suas melhores alunas e de uma banda que tocava música do Oriente Médio, em lugares públicos de Los Angeles e arredores. Talese a escutava sem interromper, e aos poucos ela pareceu relaxar e incomodar-se menos com sua presença. Embora a achasse atraente e, à medida que a entrevista avançava, percebesse sua inteligência e clareza, Talese pensou que, se Harold Rubin estivesse ali, ficaria desapontado. Por mais erótica e ousada que se mostrasse nas fotos antigas, Diane não projetava nada dessa imagem em pessoa, e Talese imaginou que isso talvez fosse verdade também quando ela posara, anos antes. Ao tirar a roupa e deitar-se nua nas dunas da Califórnia em sua juventude, era provável que nem de longe estivesse pensando em erotismo ou pornografia — mas Talese não apostaria que esses pensamentos estivessem longe da mente dos fotógrafos que trabalhavam com ela. Eram homens tirando fotografias para homens e sem dúvida sabiam, ainda que ela não se desse conta, que as fotos

selecionadas para publicação iriam excitar o público das revistas masculinas, florescer no mundo da fantasia sexual masculina e, em muitas mentes masculinas febris, submetê-la a cenas selvagens de violação e a uma vida inteira de cativo atrás das portas fechadas dos guarda-roupas.

Mas na interpretação dada por ela de sua carreira de modelo, durante a entrevista, posar nua era uma expressão da “arte” fotográfica — e Talese resistiu ao impulso de sugerir que o que era “arte” para ela podia ser “pornografia” para seus admiradores masculinos. A prudência dele nessa situação deve ter sido recompensada: Diane concordou depois com uma segunda entrevista, e ainda uma terceira. Por meio dela, Talese conheceu seu marido, com quem estava casada havia vinte anos, e seu filho de dezenove anos John Webber, um rapaz bonito que fora hippie e recentemente arranjava um emprego numa colônia nudista localizada nos morros a sudeste de Malibu, chamada Elysium Fields, pertencente a Ed Lange, o ex-fotógrafo de barba grisalha que se especializara em fotografar Diane Webber.

John Webber morava na colônia, fazendo muitas tarefas domésticas e trabalhando muitas horas, mas periodicamente voltava à casa dos pais, em Malibu. Num final de tarde, depois de uma aula de dança, Diane Webber entrou na sala e surpreendeu seu filho deitado nu no chão, com as pernas abertas, masturbando-se diante de fotos da atriz Ursula Andress publicadas na *Playboy*. A mãe não gostou.

Foi durante essa viagem à Califórnia que Talese se aventurou pela primeira vez em Sandstone. Um escritor de Nova York

chamado Patrick McGrady Jr. tinha lhe falado no início daquele ano sobre o lugar e o experimento de sexualidade aberta que estava sendo conduzido por John e Barbara Williamson em Topanga Canyon. Talese viu um anúncio de Sandstone no *Los Angeles Free Press*, telefonou para o clube e foi convidado pelo gerente a subir o morro para uma visita vespertina.

Depois de se perder duas vezes, Talese conseguiu achar as colunas de pedra da entrada principal. Parou o carro no estacionamento, sem imaginar que sua breve visita àquele paraíso da permissividade se estenderia noite adentro e por boa parte dos dois meses seguintes. Ficou encantado com o lugar, com a tranquilidade e a liberdade, o mínimo de regras e regulamentos, o salão de baile e as mulheres agressivas. Nada em sua pesquisa anterior o preparara para Sandstone — nem as casas de massagem, os bares de troca de casais, os shows de sexo explícito, nem o que lera ou lhe fora contado pelos jornalistas de suas relações especializados em sexo. No começo dos anos 70, Sandstone era indiscutivelmente o pedaço de terra mais liberado da república nem sempre democrática dos Estados Unidos. Era o único lugar que Talese conhecia onde não havia duplo padrão moral, lugar para sexo mercenário, necessidade de seguranças ou policiais, motivo para se recorrer a fantasias como estimulantes substitutos. Na sua primeira noite ali, ele envolveu-se numa experiência de grupo, uma cena recreativa no salão de baile na nobre companhia do dr. Comfort e de um famoso ventríloquo de Hollywood que, mesmo com a cabeça enterrada entre as coxas de uma professora primária, continuava mantendo

um diálogo humorístico com seu alter ego ausente de cabeça de madeira.

Foi em Sandstone que Talese gradualmente ficou à vontade despido. Embora não fosse bissexual, aprendeu a relaxar na presença próxima de homens nus e a desenvolver com alguns homens, naquele ambiente desinibido, um laço de amizade que o levaria a cumprimentá-los com um abraço tão natural quanto um aperto de mãos. Mas havia muita coisa em Sandstone que Talese não achava completamente agradável, em especial durante as tardes tranquilas em que a propriedade era ocupada apenas pelos dez residentes em tempo integral — a “família” de John Williamson, que, com poucas exceções notáveis, parecia fria diante dele, cética em relação a suas intenções e às vezes inquisidora, perguntando-se abertamente por que ele não trouxera a esposa. Menos de um mês depois de instalar-se em Sandstone, Talese percebeu que o próprio John Williamson estava se tornando distante e hostil. Era como se, após convidá-lo a ocupar uma casa de hóspedes por tempo indeterminado, tivesse reconhecido que cometera um erro, mas, em vez de admitir esse erro e expulsá-lo de repente, Williamson parecia resignado, fazendo Talese sentir-se cada vez mais constrangido.

Na época, achou que talvez estivesse suscetível demais à natureza calada de Williamson, sobre a qual fora advertido em Nova York pelo escritor McGrady. Ou talvez estivesse sendo submetido a um dos testes especiais de tensão que Williamson era conhecido por aplicar ocasionalmente em pessoas que optavam por morar, mesmo por um período breve, entre seus seguidores nus e companheiros na evasão das imposturas do

mundo exterior. Mas Talese permaneceu em Sandstone, temendo os dias e esperando ansiosamente as noites, com os membros do clube e sua alegria. O fato de suportar por tanto tempo as vibrações diárias do silêncio de Williamson e a sensação de isolamento da maioria da família podia ser atribuído, em parte, a sua familiaridade com a condição de estranho. De fato, era um papel para o qual sua história o havia preparado: paroquiano ítalo-americano numa igreja irlandesa-americana, pertencente à minoria católica numa cidade predominantemente protestante, nortista frequentador de uma universidade sulista, jovem conservador dos anos 50, sempre de terno e gravata, homem esforçado que escolhera uma das poucas profissões abertas a mascaradores mentais, tornando-se jornalista e assim obtendo licença para driblar sua timidez, entregar-se a sua curiosidade insaciável e explorar a vida de indivíduos que considerava mais interessantes do que ele próprio.

Era previsível que, como jornalista, tivesse atração por pessoas que se afastavam do convencional, os vagabundos que passavam despercebidos na cidade de Nova York, os operários itinerantes do aço, os excêntricos Bartleby da redação do *New York Times*, os filhos da Máfia, os contrabandistas de literatura ilegal, as estudantes universitárias das casas de massagem e, agora, os pioneiros da indecência de Williamson. Mas mesmo para um sujeito como Talese, que se orgulhava da capacidade de suportar por longo tempo companhias incompatíveis se achasse que acabaria recompensado com uma boa matéria, havia limites. E, justo quando estava pronto para reconhecer que atingira esse limite, a porta da casa de hóspedes abriu-se certa tarde e, sem

anunciar, nua, apareceu a mulher de John Williamson, com seu sorriso recatado. Pondo suavemente as mãos sobre seus ombros enquanto ele continuava sentado diante da máquina de escrever, ela começou a massagear-lhe as costas e acariciar seu pescoço; com um mínimo de palavras e sem nenhuma resistência da parte dele, levou-o para o quarto e começou a fazer amor.

Era a primeira vez que Talese era procurado de maneira tão direta por uma mulher sexualmente agressiva, e não havia dúvidas em sua mente e em seu corpo de que ele era receptivo à experiência. Depois que acabou — e somente depois que *ela* acabou —, Barbara Williamson começou a falar com liberdade, confiando nele pela primeira vez desde sua chegada a Sandstone. Embora sem pedir desculpas pela casmurrice do marido, ela procurou explicar que várias reviravoltas relacionadas com a venda da propriedade tinham reiteradamente frustrado seu desejo de mudar-se para Montana. Mas John Williamson, acrescentou ela, como a maioria dos sonhadores, era dado a abatimentos exagerados, como o que acontecera em 1970, quando sua adorada Oralia Leal partira com David Schwind e se casara em Elyria, Ohio; na ocasião, ele ficara ruminando em seu quarto e mal falara com os outros durante quase dois meses.

Talese escutava com interesse e fazia perguntas; Barbara então contou a história de Sandstone, como tudo começara, lembrando seu caso com John Bullaro e o relacionamento posterior de seu marido com a esposa de Bullaro, descrevendo o fim de semana dramático em Big Bear Lake, no qual os dois casais partilharam um chalé e os cônjuges. E acrescentou que, embora John e Judith Bullaro tivessem deixado Sandstone um

ano depois e se separado, mais tarde tornaram-se parceiros num casamento aberto e ainda eram amigos dos Williamson; se Talese quisesse, ela poderia apresentá-los.

Uma semana depois, isso foi feito; nos dois anos seguintes, quando Talese transitava entre Nova York e a Califórnia, visitou os Bullaro em Woodland Hills várias vezes, conquistou gradualmente sua confiança e obteve permissão para escrever sobre a vida deles, assim como para utilizar o diário de John e outras anotações que ele fizera naqueles dias traumáticos em que Judith fora atraída por John Williamson e o grupo que formaria a base de Sandstone.

Nesse período, o próprio casamento de Talese, que existia desde 1959 e incluía duas filhas, reagia mal ao escândalo provocado por sua pesquisa, à publicidade decorrente disso e à recente concordância dele em ser entrevistado longamente por um repórter da revista *New York* sobre os desafios e as dificuldades que estava enfrentando em seu novo projeto. O repórter era um amigo, seu conhecido havia anos, um jornalista que — pensava ele — escreveria mais sobre seu método de trabalho do que sobre seu envolvimento íntimo com o tema. Dessa forma, Talese sentiu-se confiante de que havia pouca coisa em sua vida que precisava esconder.

Uma noite, com o repórter a seu lado, chegou em casa, encontrou tudo em silêncio e um envelope à espera sobre a mesa da sala de jantar. Continha uma mensagem de sua esposa, anunciando que saía de casa, sem dizer quando voltaria. Ela dizia que seu direito à privacidade, que valorizava como poucas

outras coisas, estava sendo violado pela disposição imprudente dele de discutir com a imprensa o que não era de sua conta. E advertia ainda que sua franqueza sobre assuntos sexuais, embora pudesse excitar alguns leitores da revista, só o faria cair no ridículo.

Perturbado com a notícia, mas ansioso para esconder o conteúdo do bilhete do repórter da *New York*, que continuava quieto perto dele, esperando para acompanhá-lo a um restaurante e concluir a entrevista que já durava dias, Talese enfiou o envelope no bolso. Reprimindo as emoções, passou as horas seguintes no restaurante, conversando com o repórter e esperando que sua tensão e sua ansiedade não fossem notadas.

Ele recebera o bilhete na sexta-feira, e na segunda-feira seguinte ela voltou, sem explicações. Não disse onde estivera, nem ele se sentiu no direito de perguntar. O casamento continuou durante o outono de 1973 e o inverno de 1974, com uma aura precária de reconciliação. O relacionamento sobreviveu, não só porque eles se amavam, mas ainda mais porque, ao longo dos anos, ambos tinham desenvolvido uma mútua percepção do labirinto de suas singularidades, uma linguagem especial e nem sempre falada, um respeito pelo trabalho de cada um, uma história de experiências compartilhadas — boas e ruins — e um reconhecimento de que gostavam sinceramente um do outro. Há momentos num casamento em que é melhor “gostar” do que “amar” — e assim o casamento continuou e se aprofundou por uma segunda década. No verão de 1974, como fazia todos os anos, Talese retornou

com a esposa e as filhas à casa de praia vitoriana que possuía em sua cidade natal, Ocean City, em Nova Jersey.

A reação negativa a sua propalada “pesquisa”, como sua esposa previra, tinha precedido sua chegada e tornara-se o tema de um editorial pouco lisonjeiro no jornal semanal onde ele começara a carreira jornalística escrevendo sobre esportes estudantis. Esse editorial, mais do que toda a fofoca e os artigos nos jornais das grandes cidades e nas revistas nacionais, ofendeu seus pais, que ainda moravam lá e que, por meio século, tinham sido exemplo da retidão moral que caracterizava pelo menos a superfície daquela pequena cidade litorânea. De início, Talese irritou-se e ficou constrangido com o efeito produzido na família pelo livro em andamento, mas depois foi deixando de se preocupar com o que as pessoas pensavam dele. Tinha encontrado uma maneira de começar o livro, o primeiro capítulo estava pronto; nos intervalos do trabalho, caminhava pela cidade, visitava a banca de jornais local e examinava a estante de revistas masculinas. Continuava também a explorar a mudança de costumes sexuais a sua volta, tanto em sua cidade natal e no balneário próximo e maior de Atlantic City como na área mais ampla das fazendas e cidadezinhas provincianas.

A pouco mais de 30 quilômetros de onde Talese crescera, escondido no fundo da mata às margens do rio Great Egg Harbor, havia um campo de nudismo de cuja existência ele sabia desde a infância, mas onde jamais ousara entrar. Chamava-se Sunshine Park e fora fundado na metade da década de 1930 por um controvertido pastor atarracado e de pavio curto, Ilsley Boone, que era reconhecido por um pequeno grupo de

despudorados adeptos do nudismo como o pai do movimento nos Estados Unidos. Antigo ministro da Igreja Reformada Ponds, em Oakland, Nova Jersey, o reverendo Boone descobrira o nudismo em 1931 numa viagem à Alemanha, onde, até serem fechados por Hitler, vários campos particulares eram usados por naturistas que consideravam a remoção das roupas libertadora e saudável para o corpo e o espírito. Sua primeira tentativa de fundar uma colônia naturista em Schooley's Mountain, no centro-norte de Nova Jersey, acabara com um aviso de despejo do senhorio, mas ele conseguiu depois comprar cerca de 30 hectares de floresta no sul do estado, de uma família germano-americana que morava na comunidade de Mays Landong. Em 1935, levado por um fervor messiânico e ajudado por seus adeptos, Boone montou à sombra de altos carvalhos e cedros, entre bosques de pinheiros, um retiro que batizou de Sunshine Park. Construiu uma grande casa branca de madeira, onde morava com a esposa e os filhos, casas menores e cabanas, um auditório e uma escola. Publicava um boletim sobre nudismo e uma revista ilustrada chamada *Sunshine & Health*, que, embora periodicamente banida pelo chefe dos Correios de Mays Landing, era também periodicamente defendida em processos pelo próprio Boone, o qual afirmava em editorial: “Até que os líderes ‘morais’ da América aceitem a realidade do corpo e permitam que o povo fique perfeitamente familiarizado com a aparência física completa, continuará existindo um interesse mais ou menos febril pelas partes ‘proibidas’ do corpo”.

Um “interesse [...] febril” pelas partes “proibidas” do corpo: não havia expressão mais adequada para a infância de Talese em

Ocean City. Não tinha coragem de perguntar na tabacaria da esquina se havia *Sunshine & Health* à venda por baixo do pano, pois a publicação mais indiscreta em exposição era a *Police Gazette*, mas escutava sempre com interesse as discussões dos colegas de escola sobre a audaciosa possibilidade de entrar no campo à noite, subir em árvores e esconder-se até que a luz do dia trouxesse a visão prometida do esplendor feminino nu. E sempre que era levado de carro a jogos de beisebol em Filadélfia, percorrendo a estrada ribeirinha que passava diante do portão de pedra de Sunshine Park e de sua atrevida placa branca, olhava por entre as árvores, na busca inútil de uma imagem proibida. Também ouvira falar de donos de barcos de sua cidade que, nos fins de semana, ancoravam na margem oposta ao parque, a fim de capturar o cenário assombroso dos depravados banhistas espalhados pelo píer de madeira e a pequenina praia.

Num certo fim de semana do verão, ao retornar a Ocean City depois de passar alguns dias em Sandstone, Talese dirigia seu carro sozinho pela estrada ladeada de árvores que levava a Sunshine Park. Notando que a placa branca não mudara desde sua infância, entrou no parque e seguiu um longo e tortuoso caminho de terra que, passando por árvores e arbustos, terminava numa cabana de troncos que servia de portaria, onde um homem idoso estava sentado ao sol, nu, junto a uma escrivaninha rústica. O homem saudou Talese, deu-lhe uma ficha de registro para preencher e recebeu a taxa de ingresso. Em resposta à pergunta de Talese, disse que não era Ilesley Boone,

morto em 1968, mas ajudara-o a construir o campo, que, exceto pelos trailers, ainda tinha essencialmente a mesma aparência de quando fora inaugurado, quarenta anos antes. O homem abriu o portão interno, e Talese seguiu por uma estrada arenosa na direção do rio, onde podia ver agora dezenas de pessoas de todas as idades, formas e cores caminhando ou deitadas nuas ao sol e nadando no rio. Havia pais segurando bebês, gente idosa com a pele enrugada bronzeada, mulheres jovens com corpos lindos — ou não —, homens musculosos, flácidos, fracos e adolescentes de ambos os sexos, deitados uns ao lado dos outros sobre toalhas, ou de pé, conversando descontraidamente.

Depois de estacionar o carro e tirar a roupa, Talese caminhou lentamente na direção da água, sentindo-se tranquilo e confortável. Era uma tarde de julho abafada, mas o chão sombreado estava frio, e a água cor de cedro, morna e agradável. Ele andou dentro da água até uma escada de madeira que levava ao píer e, quando subiu e se misturou com os outros nudistas, nenhum dos quais vira antes, notou que alguns deles estavam olhando e acenando para vários veleiros e barcos a motor ancorados do outro lado da corda que separava a propriedade do parque do resto.

Na popa da maioria dos barcos estava pintada, abaixo do nome, a indicação do local de origem: “Ocean City, N. J.”. Sentadas nos convés, havia pessoas de bermudas e bonés de marinheiro, maiôs, chapéus de palha e óculos escuros, segurando latas de cerveja, garrafas térmicas, rádios de pilha e lenços que agitavam para os nudistas. Também se ouviam ainda vaias, assobios e gritos vindos das embarcações. Depois de

observar por alguns instantes, Talese avançou sobre o píer, separando-se dos outros nudistas, e encarou os barcos, reconhecendo alguns dos veleiros e, talvez, alguns de seus passageiros. Notou também pela primeira vez que muitos deles, sentados rigidamente, empunhavam telescópios prateados e binóculos escuros, apertando os olhos ao sol nos barcos balançados pela água. Eram voyeurs desavergonhados olhando para ele, e Talese retribuiu os olhares.

Nota do autor

Durante os nove anos que levei para terminar *A mulher do próximo*, entrevistei centenas de pessoas, algumas delas mais de cinquenta vezes; mas o que tornou a pesquisa particularmente difícil e demorada foi estabelecer com os entrevistados relações de confiança suficiente para que me autorizassem a usar seus nomes em conexão com as histórias íntimas que me contaram.

Depois de terminar, em 1971, meu último livro — um projeto de cinco anos ao longo do qual conquistei a confiança da família Bonanno, ligada ao crime organizado, e pude descrever a mudança das tradições sociais de certos homens, mulheres e crianças dentro da Máfia —, eu esperava continuar com uma obra mais ampla, que refletisse as tendências sociais e sexuais de toda a nação; um livro que tratasse da história das leis sobre sexo e censura, bem como descrevesse pessoas e eventos que, em décadas recentes, influenciaram ou refletiram a redefinição da moralidade nos Estados Unidos.

Eu queria combinar no mesmo livro indivíduos como Hugh Hefner e Samuel Roth, Alex Comfort e Sally Binford, além de gente mais comum, como Judith e John Bullaro, que, embora tenham se envolvido em situações incomuns, não eram realmente diferentes de muitos casais que conheci em minhas

viagens de pesquisa pelo país. Ao obter licença para usar o nome dos Bullaro e dos Williamson neste livro, tive a felicidade de persuadi-los de que suas histórias seriam recontadas com exatidão e no mesmo tom imparcial que caracterizara meu trabalho anterior. No interesse da credibilidade e da verificação, minha assistente de pesquisa em Los Angeles, Cynthia Sears, acompanhou-me em diversas entrevistas, gravando as conversas com os Bullaro, os Williamson, Diane Webber e muitos outros. Ela transcreveu cuidadosamente os diálogos, o que me deu um registro adicional, permitindo-me ouvir várias vezes o que fora dito sobre os acontecimentos e as emoções envolvidas, para verificar a acuidade do meu material.

Além de minhas anotações e das transcrições, contei com uma provisão de material escrito por várias pessoas: diários e reminiscências inéditos sobre seus pensamentos e suas atividades sexuais. Esses documentos particulares autenticaram ainda mais as cenas e as atitudes, os sentimentos e as fantasias que aparecem neste livro.

G.T.

18 de janeiro de 1980

Posfácio

Na cama com Talese

Arthur Dapieve

Em julho de 2009, Gay Talese veio ao Brasil para participar da 7ª Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip. Depois de arriscar seus imaculados sapatos de couro pelas ruas de paralelepípedos da cidade histórica, ele foi a São Paulo e ao Rio de Janeiro, onde também deu entrevistas diante de plateias formadas por jornalistas quase tão veteranos quanto ele, estudantes de comunicação e apreciadores de bons textos em geral. Nos encontros, exibiu o lendário charme tanto nas palavras quanto no vestuário cuidadosamente escolhido. No Rio, trajava terno cinza completo, incluindo colete, gravata amarela combinando com o lenço que se insinuava para fora do bolsinho do paletó e abotoaduras de ouro nas mangas da camisa social branca, além, é claro, de sapatos marrons reluzentes. Como a garrafa de água mineral e o copo já ocupavam uma mesinha, um pouco a contragosto ele teve de colocar o chapéu no chão do palco do Instituto Moreira Salles, na Zona Sul carioca. Tomou

cuidado, também, para que o fio do microfone de lapela não amarfanhasse seu paletó.

Aos 77 anos, falou animadamente durante quase duas horas, respondendo a perguntas formuladas pelo mediador do encontro ou enviadas pelo público. Contou causos saborosos de sua carreira e, entre outros temas, tratou do grau de elegância pessoal que buscava alcançar também nos textos. “É preciso levar em conta as palavras que você escolhe, cuidar de cada frase”, ensinou. “É preciso ser sensível ao sentimento daquelas pessoas. Além disso, o texto deve ser bonito, bem escrito, com clareza, e seguindo os melhores padrões dos escritores de ficção. A ideia é elevar a não ficção, a reportagem, ao nível da literatura.” Encerrada a entrevista, Talese autografou exemplares de *Vida de escritor*, livro de memórias que lançava na ocasião.

Com a fila chegando ao fim, Talese convidou de supetão algumas pessoas — entre elas, o diretor do instituto e o mediador do encontro, ambos jornalistas, acompanhados das respectivas esposas — para jantar com ele e sua mulher, a charmosa Nan Talese, editora da Doubleday, de grandes olhos verdes, dois anos mais nova que o marido. O local seria o Cipriani, estrelado restaurante italiano de frente para a piscina do hotel onde estava hospedado, o Copacabana Palace. Confabulando entre si enquanto o americano autografava os últimos livros, os dois jornalistas cariocas concluíram que jamais se deveria rejeitar um convite para jantar feito por Gay Talese. As refeições sempre foram ocasiões que ele aproveitava para entrevistar as pessoas, que, relaxadas depois de uma boa massa al dente e um copo de vinho tinto italiano, tendiam a falar mais abertamente do que num

encontro formal. Naquela noite não foi diferente. Talese crivou seus convidados brasileiros de perguntas, cujas respostas anotava num bloquinho de papel, entre uma garfada e outra. Enquanto isso, Nan tentava dar uma aparência de normalidade à refeição, fornecendo contexto e histórias da vida do casal que, talvez, pudessem justificar o interrogatório.

Embora Talese se interessasse pelos assuntos mais diversos, inclusive o que os comensais achavam do então presidente venezuelano, Hugo Chávez, ou quem eram os negros mais poderosos do Brasil (“Gilberto Gil? Pelé? Outro jogador milionário?”), houve uma bateria de perguntas crescentemente pessoais: “Há quanto tempo vocês estão casados? Onde se conheceram, na redação do jornal? Vocês eram casados com outras pessoas quando se conheceram?”. E, voltando-se para uma das convidadas, que estava desacompanhada: “Você é casada?”. Diante da negativa, Talese emendou rapidamente, como se desse dois jabs, ao estilo do boxe, esporte que tanto aprecia e que já lhe rendeu textos imortais: “Porque não encontrou o homem certo? Ou porque você é lésbica?”. Espanto na mesa. Vinte e oito anos depois de ter publicado *A mulher do próximo*, dedicado a Nan, por razões compreensíveis, Talese continuava interessado na vida íntima de pessoas de outras partes do mundo, e não apenas dos seus compatriotas.

Uma das histórias que compõem *Vida de escritor*, espécie de balanço dos fracassos de Talese como jornalista, também tem um forte componente sexual, de características sadomasoquistas ou libertário-feministas, dependendo do ponto de vista. Em 1993,

contra expectativas criadas por suas reportagens anteriores, que quase sempre perseguiram personagens ou histórias pouco badaladas, surpreendentes, afastadas dos holofotes, Talese interessou-se por um caso que atraía a atenção de toda a imprensa mundial, sobretudo a mais sensacionalista. Naquele ano, na noite de 23 de junho, a imigrante equatoriana Lorena Bobbitt decepara com uma faca o pênis do marido, o americano John Wayne Bobbitt, enquanto ele dormia, depois de supostamente tê-la estuprado no apartamento do casal em Manassas, na Virgínia. Depois do crime, ou dos crimes, ela saíra de carro e jogara o pênis num matagal. Arrepentida, chamou os serviços de emergência, que localizaram o membro, reimplantado após uma operação de nove horas e meia — apesar das sequelas circulatórias, ou justamente por causa delas, John Wayne estrelaria dois filmes pornográficos, *John Wayne Bobbitt: Uncut* e *John Wayne Bobbitt's Frankenpenis*. Lorena seria inocentada no julgamento.

Até a venerável revista *Time* fizera blague da história dos Bobbitt, chamando-os de “o casal mais separado dos Estados Unidos”. Talese, porém, levava o caso a sério, porque o enxergava dentro de um quadro maior. Ele assim recordou em *Vida de escritor*:

Como eu já estava concentrado no tema dos fracassados, e como poucas pessoas poderiam representar esse tema com mais propriedade que um ex-fuzileiro naval americano de 26 anos chamado John Bobbitt — que, depois de perder contato com seu órgão masculino durante duas horas, talvez tenha perdido para sempre o prazer de usá-lo plenamente, apesar do

esforço dos cirurgiões para implantá-lo —, fiquei ansioso para encontrar-me com ele antes de tentar entrevistar sua impetuosa esposa de 24 anos, Lorena.

Talese passou seis meses viajando entre Nova York e Manassas, entrevistando, como de hábito, dezenas de pessoas ligadas ao caso, inclusive John, mas não Lorena. Sua reportagem, entretanto, foi rejeitada pela então editora da revista *New Yorker*, Tina Brown.

Outra coda para *A mulher do próximo* teria a sorte de ser transformada em livro, mas também causaria dor de cabeça — de outra natureza — a Talese. Publicado em 2016, *O Voyeur* na verdade só existiu porque existiria *A mulher do próximo*. Sabedor da expectativa que aguardava a iminente publicação da longa reportagem sobre a vida sexual dos americanos nos anos pré-epidemia do vírus HIV, um morador do Colorado chamado Gerald Foos enviou uma carta a Talese em janeiro de 1980. Nela, dizia que comprara um motel para satisfazer seu comportamento voyeurístico. Com a ajuda da esposa, abriu buracos no teto de doze dos quartos e os disfarçou com grades de ventilação para observar, do sótão, o que americanos médios faziam nas camas logo abaixo. Enquanto isso, frequentemente se masturbava. Foos anotara o comportamento dos hóspedes durante quinze anos e, agora, conforme explicava na carta, estava disposto a compartilhar seus dados com quem via como um “colega pesquisador”, Talese.

Na ocasião, *A mulher do próximo* estava a apenas seis meses da publicação. Trechos do livro que Talese apurara por nove anos já haviam aparecido na imprensa americana — inclusive na

revista *Esquire*, que publicara o seu texto mais famoso, “Frank Sinatra está resfriado”, em 1966 — desde o começo dos anos 1970. De alguma forma, vazara até a notícia de que a United Artists comprara os direitos de filmagem do livro por 2,5 milhões de dólares, quantia superior, em 350 mil dólares, aos direitos negociados, anos antes, para o best-seller *Tubarão*, de Peter Benchley. (O projeto seria posteriormente abandonado.) No meio dos diários mantidos por Foos, Talese encontraria um registro metódico, frio, quase monótono, das práticas sexuais ocorridas nos quartos espionados no Manor House Motel. Também encontrou algo surpreendente: a descrição do assassinato de uma “loura bem-proporcionada” por seu parceiro, “um sujeito esbelto de 1,80 metro”, na noite de 10 de novembro de 1977. Na ocasião, Foos se vira numa sinuca de bico: não podia colaborar nas investigações sem se expor como voyeur, ou “o Voyeur”, modo pelo qual se referia a si próprio nos cadernos, em maiúscula e na terceira pessoa. Talese se tornava cúmplice de tudo, da bisbilhotice e do testemunho de assassinato, mas estava disposto a pagar para ver. Foos, não. Ainda não.

Somente em 2013 Foos telefonou para Talese, comunicando que afinal estava pronto para tornar pública a história do Manor House (e, posteriormente, de outro motel que comprara, o Riviera). Talese, então, buscou confirmar as informações do Voyeur sobre o assassinato junto ao departamento de polícia da cidade de Aurora e ao jornal *Denver Post*. Em vão. A história da loura bem-proporcionada não deixara vestígio, o que levou Talese a duvidar de Foos, em quem já notara incoerências em relação a datas. Contudo, a pior só se relevaria depois da

publicação de *O Voyeur*, quando o repórter Paul Farhi, do *Washington Post*, provou que Foos não era proprietário do Manor House e do Riviera em parte do período coberto por seus diários. Mais especificamente, ele não tivera nenhum posto de observação entre 1966 e 1969 e entre 1980 e 1988. Com a credibilidade da fonte arruinada, Talese recusou-se a promover o livro. “Eu não deveria ter acreditado numa palavra do que ele disse”, lamentou-se a Farhi. “A fonte do meu livro, Gerald Foos, é certamente inconfiável. É um homem sem honra.”

A periódica reaparição do tema sexo na relativamente pequena bibliografia — oito livros, sem contar três compilações de reportagens — de Gay Talese não sinaliza a existência, nele, de um sátiro ítalo-americano de meia-idade. O leitor de *A mulher do próximo* acaba por descobrir, até com uma ponta de frustração, que o livro se passa tanto em casas de massagem, em colônias dedicadas ao nudismo e ao amor livre, nas redações de revistas masculinas e nos quartos das mansões *Playboy* quanto nas salas dos tribunais americanos que, desde o século XIX, buscavam uma definição para o crime de obscenidade sexual numa nação fundada por puritanos. Até a década de 1950, uma sentença proferida na Inglaterra vitoriana, quase cem anos antes, ainda pautava decisões judiciais nos Estados Unidos: obscenidade era tudo que pudesse “depravar e corromper aqueles cujas mentes estão abertas a tais influências imorais e em cujas mãos uma publicação desse tipo possa cair”. Na década de 1950, os Estados Unidos encarceraram o psiquiatra e terapeuta austríaco Wilhelm Reich, além de censurar seus livros.

Ele morreria na prisão federal de Lewisburg, na Pensilvânia, em 1957, aos sessenta anos.

Talese não apenas sentia curiosidade pelo que as pessoas faziam entre quatro paredes — ou em gramados cuja visão era bloqueada pelo arvoredo — nos Estados Unidos do pós-guerra. Ele percebeu, bem antes de jornais como o *New York Times*, no qual trabalhara e que em algumas ocasiões apoiara os pleitos dos inquisidores modernos contra os pornógrafos, o quanto de liberdade estava em jogo. Não só a liberdade para o cidadão adulto ler, ver e assistir o que bem entendesse, ou seja, liberdade de expressão, mas a liberdade para que esse cidadão adulto praticasse a modalidade sexual do seu agrado com uma cidadã adulta (ou um cidadão adulto). Se ambas fossem desrespeitadas, documenta Talese, estaria aberta a porteira para que qualquer outro direito constitucional fosse atropelado por políticos e entidades que buscavam moldar os americanos à sua própria semelhança, ou, frequentemente, à semelhança de um ideal existente apenas dentro de suas próprias cabeças. Daí a importância que Talese confere às batalhas judiciais na Suprema Corte, que, apesar de um ou outro retrocesso, fizeram abrandar o entendimento legal do que é obscenidade.

Por essa razão, no texto de Talese, personagens como os editores Hugh Hefner, Samuel Roth e William Hamling ombreiam com modelos como Diane Webber, Barbi Benton e Karen Christy como paladinos e paladinas, ainda que eventualmente inconscientes, das liberdades democráticas nos Estados Unidos. As mulheres, nota Talese, longe de serem meros objetos sexuais na indústria do erotismo e da pornografia, exerciam poder pela

exposição de seus corpos nus e pela atitude franca sobre sexo, ajudando a romper o “duplo padrão” moral que incentivava nos homens o comportamento que condenava nas mulheres. Ou, nas palavras de Betty Dodson, artista, terapeuta e autora do livro *Liberating Masturbation: A Meditation on Self Love [Liberando a masturbação: Uma meditação sobre o amor de si mesma]*, elas eram mulheres que praticavam a “afirmação da boceta”, capazes de “dirigir a foda”.

O modo cuidadoso como Gay Talese escolheu os temas das principais reportagens de sua longa carreira denota uma maneira peculiar de decupar os Estados Unidos nos aspectos que ele julga essenciais, de contar o todo pelas partes. É um processo similar ao que o documentarista Ken Burns — 21 anos mais jovem que Talese — fez ao dedicar filmes e séries de TV à Guerra de Secessão, ao jazz, ao beisebol, à Segunda Guerra, à Lei Seca ou a Mark Twain, entre outros temas mui americanos. É possível conhecer e, na medida do possível, entender os Estados Unidos, com suas maravilhas e misérias, num ciclo dedicado à obra de Ken Burns. O mesmo se dá pela leitura da obra de Gay Talese. Nela, a diferença é que, se as partes que constituem o todo estiverem afastadas da consciência ou do “bom-tom” do americano médio, melhor ainda. O jornalista gosta de encarar os fantasmas nacionais. São os casos do relato antipuritano de *A mulher do próximo* ou do inventário de derrotas pessoais em *Vida de escritor*, um feito corajoso num país obcecado pelo sucesso, onde o xingamento *loser* é mais pesado do que *son of a bitch*.

Desde “Frank Sinatra está resfriado”, Talese buscou retratar, sem pieguice ou preconceito, o papel de ítalo-americanos como ele e o cantor na construção da América e da ideia de América. Livros-reportagem como *Honra teu pai*, que fazia a crônica da família mafiosa Bonanno na década de 1960, ou *Unto the Sons* (o único ainda não traduzido no Brasil), que fazia a crônica da própria família Talese, formam, com o célebre perfil de um Sinatra taciturno, quase cinquentão, um manifesto pelo reconhecimento do papel da imigração em geral — e da imigração italiana em particular — na vida americana, sem que com ela se confunda inteiramente. Sempre que indagado por que nunca quis trabalhar fora do seu país, como correspondente internacional, por exemplo, Talese responde: “Os Estados Unidos sempre foram um país estrangeiro para mim”.

A frase de efeito ilustra uma de suas melhores teses: o jornalista deve se manter como um outsider, não pode se confundir com os objetos de suas reportagens, embora com eles deva se misturar, em benefício do próprio trabalho. Perto do final de *A mulher do próximo*, há um trecho revelador dessa missão em Talese. Escrevendo sobre os dois tensos meses que passou morando em Sandstone, a colônia sexualmente liberada de John Williamson, na Califórnia, o jornalista afirma, falando de si mesmo na terceira pessoa: “O fato de suportar por tanto tempo as vibrações diárias do silêncio de Williamson e a sensação de isolamento da maioria da família podia ser atribuído, em parte, a sua familiaridade com a condição de estranho. De fato, era um papel para o qual sua história o havia preparado”. Talese enumera, então, as condições para o sucesso profissional do

seu personagem Talese: tinha sido frequentador ítalo-americano de uma igreja irlandesa-americana; católico numa cidade protestante; nortista numa universidade sulista; jovem conservador de terno e gravata em plenos anos 50. O acúmulo de inadequações paradoxalmente o tornara apto ao papel de repórter, papel que lhe dava licença para driblar a timidez e se entregar “a sua curiosidade insaciável e explorar a vida de indivíduos que considerava mais interessantes do que ele próprio”.

Gay Talese nasceu em Ocean City, Nova Jersey, em 7 de fevereiro de 1932. Seu pai era alfaiate; sua mãe, vendedora de roupas. O apartamento da família ficava em cima da loja onde ganhavam a vida. Da maneira organizada como muitos de nós dão um sentido retrospectivo a nossas existências, Talese diz que começou a se tornar um repórter na infância: do pai, aprendeu a importância do detalhe e da observação precisa; da mãe, a importância de saber ouvir o que as clientes diziam e entender o que calavam. Não considera ter sido um bom aluno, exceto na disciplina “Curiosidade”. Também conta que não era um grande leitor, o que soa como gabolice: ninguém escreve nesse nível por geração espontânea, sem modelos de leitura. Coursou jornalismo na Universidade do Alabama, o que, anos depois, o ajudaria na cobertura da repressão da polícia de Selma à marcha pelos direitos civis encabeçada por Martin Luther King. Conhecendo a região, Talese se beneficiou de uma dupla condição: para os brancos, era branco; para os negros, era ianque e ítalo-americano, membro de um grupo étnico que

também sabia o que era ser alvo da segregação, ainda que comparativamente branda, pela maioria anglo-saxã e protestante. Ele circulou entre as duas visões de mundo com desenvoltura.

Talese gostava de cobrir esportes. Em sua visão perspicaz, o esporte trata mais de perdedores que de ganhadores, e perdedores rendem melhores histórias do que ganhadores. Trabalhou no *New York Times* de 1953 a 1965, entediando-se quando foi “posto de castigo” escrevendo pequenos obituários (os grandes obituários é que eram, e são, uma das glórias do jornal). Enquanto ainda trabalhava na redação, escreveu o livro *A ponte*, narrativa da construção da ponte Verrazano-Narrows, que liga Nova York a Staten Island e ao Brooklyn, e do efeito dela na vida de operários e moradores. Hoje em dia, *A ponte* está incorporado à coletânea *Fama e anonimato*, que também inclui, entre outros textos, os perfis de Frank Sinatra, do jogador de beisebol Joe DiMaggio e do pugilista Joe Louis, os três publicados na *Esquire*. Neles, Talese flanqueava o questionário primordial do jornalismo, chamado lide (quem? o quê? quando? onde? como? por quê?), em prol de histórias que ninguém mais enxergava.

A partir da publicação do retrato de Sinatra quando homem de meia-idade, Talese tornou-se uma superestrela do jornalismo mundial. O fato de não ter conseguido fazer uma entrevista com o cantor e, mesmo assim, ter escrito um perfil incontornável, entrevistando dezenas de amigos e funcionários, rendeu o mais clássico dos textos ao estilo conhecido como “jornalismo literário”. Talese, porém, sempre desconfiou dessa expressão: acha que ela dá licença para repórteres preguiçosos serem muito

mais literários do que jornalísticos. A sua receita é diferente: apurar tudo o que possa ser relevante ao tema de modo tão exaustivo que, na hora de escrever, as informações sejam naturalmente depuradas pela prosa elegante. No caso do cantor, Talese se misturou, mas não se confundiu com seu objeto, embora fosse um ítalo-americano elegante de Nova Jersey escrevendo sobre um ítalo-americano elegante de Nova Jersey. Se algum marciano entre nós nunca tiver ouvido falar em Sinatra e ler o texto, tomará o cantor como um personagem de ficção, que experimenta a passagem das trevas da insegurança no nightclub de Beverly Hills — onde apenas “duas loiras atraentes, mas já um tanto passadas”, lhe dão bola — à redenção da manhã ensolarada — na qual é reconhecido ao volante do seu Ghia por “uma moça de uns vinte anos”. Sobem os créditos.

A mesma elegância narrativa está em *A mulher do próximo*, unida à obsessão pela descoberta do detalhe revelador. O modo como Talese transforma os personagens em participantes de uma longa corrida de revezamento, um surgindo da vida do outro, o outro irrompendo na vida de um terceiro, e assim por diante, na sucessão de capítulos, é de tirar o fôlego. O adolescente Harold Rubin passando o bastão para a modelo Diane Webber, a modelo Diane Webber passando o bastão para o editor Hugh Hefner, o editor Hugh Hefner passando o bastão para o censor-mor Anthony Comstock... O movimento é tão perfeito que o leitor não se sente tentado a sentar para descansar nos trechos em que, alicerçado numa pesquisa colossal, Talese historia as crescentes tensões entre a América

puritana e a América libertina, esta às vezes derivada daquela, como a colônia de Oneida, fundada por um teólogo radical, John Humphrey Noyes, na década de 1870. Muito antes, claro, que a aids redespertasse velhas fantasias de culpa e punição, como ele registra, um tanto estarecido, num texto da feminista Camille Paglia, citado no prefácio do autor escrito em 1992, que abre este volume.

Talese é mestre não só em contar histórias, mas também em trazer à luz os pensamentos mais — no caso de *A mulher do próximo* faz sentido usar o clichê — *íntimos* dos personagens de suas reportagens. Isso só é possível, naturalmente, graças à confiança que conquista em entrevistas numerosas e minuciosas (“É preciso ser sensível ao sentimento daquelas pessoas”). Talese conversou com algumas de suas fontes mais de cinquenta vezes. A narrativa que ele faz dos tormentos do casal Judith e John Bullaro, unidos pelo matrimônio e separados pelo “duplo padrão” moral da sociedade, só funciona porque o acúmulo de detalhes joga o leitor no meio da história, simpatizando, sem a interferência do repórter, ora com este, ora com aquele lado. O mesmo vale para o casal liberado Barbara, *née* Cramer, e John Williamson, o guru de pênis diminuto, que reúne uma “família” sexualmente hiperativa em Sandstone.

Entretanto, cabe reconhecer que, a despeito do tema, *A mulher do próximo* talvez não tivesse causado tanto alvoroço na época de sua publicação, em 1981, se não fosse o uso de outra técnica de Talese: a da “observação participante”. Ele já a praticara antes. Havia se misturado com a trupe de ítalo-americanos que cercava Sinatra. Compartilhara refeições com a família mafiosa

Bonanno. Nada que se comparasse, porém, a se tornar personagem de sua própria reportagem, sobretudo esta reportagem. Chega o momento em que, no final do revezamento narrativo, o bastão é passado para “um escritor de Nova York chamado Gay Talese [...], magro, olhos negros, 43 anos e cabelos castanhos começando a ficar grisalhos”, chamado a dar seu testemunho sobre o estado sexual da nação, diante de uma pequena multidão reunida em Sandstone pelo novo proprietário, Paul Paige.

O que esse Gay Talese na terceira pessoa revelava sobre seu modus operandi era chocante para grande parte dos colegas jornalistas e dos leitores comuns. De frequentador curioso ele se tornara gerente não remunerado de casas de massagens, na época uma novidade na paisagem das cidades americanas, entretendo os clientes na sala de espera, entrevistando as garotas de programa em suas pausas para o cafezinho e até convencendo algumas delas a registrar fatos e pensamentos em diários que lhe seriam franqueados. Mais escandaloso ainda, Talese admitia que só pudera descrever tão vividamente as sessões de sexo grupal que ocorriam no “salão de baile” de Sandstone — ainda sob a gerência de Williamson — porque participara delas. Numa noite, presenciou aquela que talvez seja a cena mais bizarra de *A mulher do próximo*: o famoso ventríloquo de Hollywood que continuava praticando a sua arte mesmo enquanto fazia sexo oral numa professora primária.

Descrições detalhadas, no entanto, nunca foram exclusividade das cenas que ele efetivamente testemunhou. Suas entrevistas sempre foram tão pormenorizadas que Talese parecia

onipresente, ainda que, durante o ocorrido, estivesse a muitas milhas de distância. Ele reconstituía cenas inteiras graças ao depoimento de testemunhas oculares. Um dos grandes baratos de “Frank Sinatra está resfriado” continua sendo tentar estabelecer quando Talese esteve in loco ou não. No entanto, como a visão não era o único dos sentidos fundamental na apuração de *A mulher do próximo*, Talese teve a necessidade de explicitar seu grau de envolvimento nos fatos narrados. Uma forma de honestidade com suas fontes, com seus leitores e, last but not least, com Nan. Eles seguem casados há 58 anos.

Notas

1. Em 1989, o governo americano teve de gastar US\$ 300 bilhões para tapar o rombo das instituições de poupança e empréstimo, provocado principalmente por má administração e corrupção. (N. T.)
2. Em 1991, quando o conservador Clarence Thomas foi indicado para a Suprema Corte, a professora de direito Anita Hill acusou-o de assédio sexual. (N. T.)
3. G. I. Bill, lei criada em 1944 com o objetivo de ajudar os veteranos a melhorar sua qualidade de vida por meio da educação. (N. T.)
4. *O amante de lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, trad. de Fernando B. Ximenes, Ediouro Publicações. (N. T.)
5. Veículo apropriado para andar em terreno pantanoso. (N. T.)
6. Em inglês, “We have to lose our minds and come to our senses”, em que a última palavra significa também “sentidos”. (N. T.)
7. Frances P. Duffy, falecido em 1932, foi pastor da Igreja católica da rua 42 Oeste, no centro do Hell’s Kitchen, bairro irlandês ao lado da Times Square, na década de 1930. (N. T.)

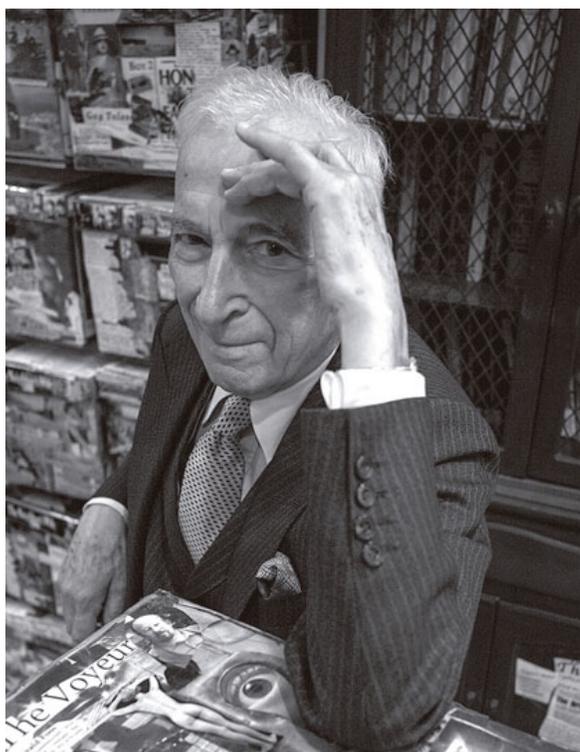
8. Damon Runyon (1884-1946), escritor e jornalista, conhecido por suas histórias bem-humoradas sobre personagens da Broadway e do submundo nova-iorquino. (N. T.)
9. Criador da rede Kentucky Fried Chicken, KFC, de ampla disseminação nos Estados Unidos. (N. T.)
10. Filme de Richard Brooks, de 1977, em que Diane Keaton vive uma professora à procura de sua identidade sexual, mergulhando no submundo promíscuo dos *single's bars* e das casas noturnas. (N. E.)
11. Organização sustentada por comerciantes cuja função é receber e investigar reclamações dos consumidores sobre práticas comerciais desonestas. (N. T.)
12. Blue Ball: Bola Azul, mas com o duplo sentido de testículo e alusão a *blue movie*, filme pornô; Intercourse: intercuro, que significa também coito. (N. T.)
13. Termo que significa originalmente alcovitar, aqui usado no sentido de aproveitar-se de fraquezas, dirigir-se aos instintos com o objetivo de saciá-los. (N. T.)
14. Grau de conhecimento que torna um indivíduo legalmente responsável pelas consequências de seus atos. (N. T.)
15. Literalmente, “lebre necessária”, trocadilho com *heir apparent*, herdeiro necessário, ou seja, cujo direito à herança do “coelhinho” não pode ser negado. (N. T.)
16. Em inglês, a mesma palavra — *curse* — significa ambas as coisas. (N. T.)

17. Expressão usada pelos homossexuais para se referir às mulheres que gostam de andar com eles. (N. T.)

18. Nomes de duas redes tradicionais de lojas de departamentos americanas, presentes em muitas cidades do país. (N. T.)

19. Kiwanis, organização fundada em 1915, semelhante ao Rotary. (N. T.)

20. No original, “Dick Nixon Before He Dicks You”, em que Dick é ao mesmo tempo o diminutivo de Richard e “pênis”. (N. T.)



RACHEL COBB

Gay Talese nasceu em 1932, na ilha de Ocean City, Nova Jersey. É um dos principais e mais premiados nomes do jornalismo mundial. Trabalhou no *New York Times* e foi colaborador da *Esquire* e da *New Yorker*. Dele, a Companhia das Letras publicou, entre outros, *Honra teu pai*, *O reino e o poder* e *O Voyeur*.

Copyright © 1980 by Gay Talese

Copyright do posfácio © 2017 by Arthur Dapieve

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Thy Neighbor's Wife

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Cely Arena

Revisão

Claudia Cantarin

Beatriz de Freitas Moreira

Marise Leal

Dan Duplat

Versão digital

Marina Pastore

ISBN 978-65-5782-474-0

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhidasletras

instagram.com/companhidasletras

twitter.com/cialetras

HOMENAGEM À CATALUNHA

A LUTA ANTIFASCISTA NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

GEORGE ORWELL

POR UM DOS AUTORES FUNDAMENTAIS DO NOSSO TEMPO

TRADUÇÃO LITERÁRIA
COMPANHIA DAS LETRAS

Homenagem à Catalunha

Orwell, George

9786557821596

312 páginas

[Compre agora e leia](#)

George Orwell foi um dos escritores que, como Hemingway e Saint-Exupéry, lutou pela República na Guerra Civil Espanhola; o que viu ali marcaria a sua defesa radical da liberdade, refletida nas obras *Revolução dos bichos* e *1984*.

Em 1936, o jovem George Orwell trocou a Inglaterra pela Espanha, onde se alistou na milícia socialista Poum para enfrentar os fascistas liderados pelo generalíssimo Franco. A experiência, narrada com profunda honestidade, é a matéria de *Homenagem à Catalunha*.

Ao chegar ao front em Barcelona, tomada por libertários e anarquistas, Orwell recebeu um treinamento curto e inútil, um rifle falho e trapos para usar de uniforme. Ansioso pelo combate, suas ilusões duraram poucas noites: ele precisou encarar a inutilidade da luta e de servir para uma milícia que mais atuava distraindo os fascistas do que os combatendo.

Como o próprio Orwell afirmou, a experiência traumática na guerra (que incluiu ser atingido por um tiro quase fatal na garganta) foi responsável por moldar a percepção política e a visão de mundo. Existe hoje em Barcelona um roteiro turístico pelos pontos da cidade que foram locais frequentados por George Orwell.

[Compre agora e leia](#)

"PERTURBADOR E ENVOLVENTE"
Dave Eggers, *New York Times Book Review*

COMPANHIA DAS LETRAS

ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES

Petróleo, morte
e a origem do FBI

DAVID GRANN



Assassinos da Lua das Flores

Grann, David

9788554510909

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste best-seller do *New York Times* escolhido como o livro do ano por mais de dez jornais e revistas americanas, a impressionante história real da primeira grande investigação de homicídios do FBI é contada por um mestre da não ficção narrativa.

Nos Estados Unidos dos anos 1920, as pessoas com maior renda per capita do mundo eram membros da tribo indígena Osage, de Oklahoma. Depois da descoberta de petróleo sob o solo de sua reserva, esses improváveis milionários andavam em carros de luxo dirigidos por motoristas, viviam em mansões e mandavam seus filhos para estudar na Europa.

Então, um a um, os Osage começaram a ser mortos. As primeiras vítimas são a família de Mollie Burkhart, cujos parentes são sucessivamente envenenados ou assassinados a tiros. E isso era apenas o começo, pois mais e mais membros morreriam nos próximos meses, sempre em condições misteriosas.

Nessa parcela remanescente do Velho Oeste, habitada por notórios malfeitores como Al Spencer, conhecido como "o terror fantasma", e onde homens do petróleo, como J. P. Getty, fizeram

fortuna, muitos dos que ousaram investigar os assassinatos também perderam a vida.

É só quando o número de vítimas ultrapassa a segunda dezena que o FBI assume o caso. Fundado havia menos de duas décadas, o Federal Bureau of Investigation ainda não dispunha da experiência e da fama que tem hoje e seus agentes conduzem mal as investigações. Desesperado, o jovem diretor J. Edgar Hoover recorre à ajuda de um antigo Ranger texano chamado Tom White para solucionar o mistério.

White organiza uma equipe secreta, incluindo um dos únicos agentes indígenas do Bureau. Eles se infiltrariam na região lutando para adotar as mais recentes técnicas de investigação e começariam a expor uma das conspirações mais frias da história dos Estados Unidos.

"Perturbador e envolvente." — Dave Eggers, *The New York Times Book Review*

"Extraordinário." — *Time Magazine*

[Compre agora e leia](#)

**ALAN
PAULS**

o passado


COMPANHIA DAS LETRAS

O passado

Pauls, Alan

9786557824924

608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Adaptado para o cinema por Hector Babenco e vencedor do prêmio Herralde, o romance mais célebre e ambicioso de Alan Pauls ganha nova edição.

"Um romance magistral sobre o amor excessivo" — Enrique Vila-Matas

"Obra-chave das atuais letras latino-americanas" — J. A. Masoliver Ródenas

O fim do amor é o tema deste romance de Alan Pauls, "um dos melhores escritores latino-americanos vivos", nas palavras do chileno Roberto Bolaño.

Depois de doze anos de casamento, Rímini e Sofía têm de encarar a separação e aprender a lidar com o que ficou para trás. O que fazer com as centenas de fotos — momentos congelados, mas ainda pulsantes, de uma história viva — que jazem em duas grandes caixas de papelão? Mas o passado não passa e torna-se um pesadelo, um incômodo, uma aflição. Como se fosse um Proust que tivesse lido Cortázar, e entre o analítico Stendhal de *Do amor* e as ferozes psicopatias matrimoniais de Philip Roth, Pauls constrói um tratado moderno sobre a educação sentimental, um relato exemplar das metamorfoses que as paixões sofrem quando entram no buraco negro da posteridade. Um romance de terror e amor, que expõe o outro lado, ao mesmo

tempo sórdido e revelador, sinistro e hilário, da comédia que os seres humanos chamam de "um casal".

[Compre agora e leia](#)



O AMANHÃ
NÃO ESTÁ
À VENDA



AILTON
KRENAK

COMPANHIA DAS LETRAS

O amanhã não está à venda

Krenak, Ailton

9788554517328

12 páginas

[Compre agora e leia](#)

As reflexões de um de nossos maiores pensadores indígenas sobre a pandemia que parou o mundo.

Há vários séculos que os povos indígenas do Brasil enfrentam bravamente ameaças que podem levá-los à aniquilação total e, diante de condições extremamente adversas, reinventam seu cotidiano e suas comunidades. Quando a pandemia da Covid-19 obriga o mundo a reconsiderar seu estilo de vida, o pensamento de Ailton Krenak emerge com lucidez e pertinência ainda mais impactantes.

Em páginas de impressionante força e beleza, Krenak questiona a ideia de "volta à normalidade", uma "normalidade" em que a humanidade quer se divorciar da natureza, devastar o planeta e cavar um fosso gigantesco de desigualdade entre povos e sociedades. Depois da terrível experiência pela qual o mundo está passando, será preciso trabalhar para que haja mudanças profundas e significativas no modo como vivemos.

"Tem muita gente que suspendeu projetos e atividades. As pessoas acham que basta mudar o calendário. Quem está apenas adiando compromisso, como se tudo fosse voltar ao normal, está vivendo no passado [...]. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã."

[Compre agora e leia](#)

**ALAN
PAULS**

a metade fantasma




COMPANHIA DAS LETRAS

A metade fantasma

Pauls, Alan

9786557824894

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

O novo e aguardado romance do argentino Alan Pauls, vencedor do Prêmio Herralde. Uma narrativa sobre amor, solidão e a vertigem da vida digital.

"O surgimento de Alan Pauls é o melhor que podia ter acontecido à literatura argentina desde Manuel Puig" – Ricardo Piglia

"Um escritor argentino contemporâneo realmente imprescindível" – Patricio Pron

Savoy é um homem de cinquenta anos obcecado por apartamentos e casas para alugar. Passa os dias visitando lugares, conhecendo corretores, tornando-se um intruso fugaz na vida dos outros. A tecnologia o exaspera, mas vaga pela internet comprando coisas de que não precisa. Quando conhece Carla, uma jovem na casa dos trinta anos, que viaja de um país a outro sem nunca se fixar, cuidando de casas, plantas e pets alheios, Savoy inicia com ela uma relação virtual que dará o tom do romance. Entre eles há um oceano de distância, a mesma entre um homem mais velho e obsessivamente meticuloso e uma mulher jovem e despreocupada. Os mecanismos do amor, da paranoia e da paixão, que tão bom resultado rendeu em *O passado*, voltam com vigor aqui. Entre viagens, apartamentos

alheios, piscinas públicas e delírios digitais, *A metade fantasma* confirma Alan Pauls como um dos prosadores fundamentais da atualidade.

[Compre agora e leia](#)